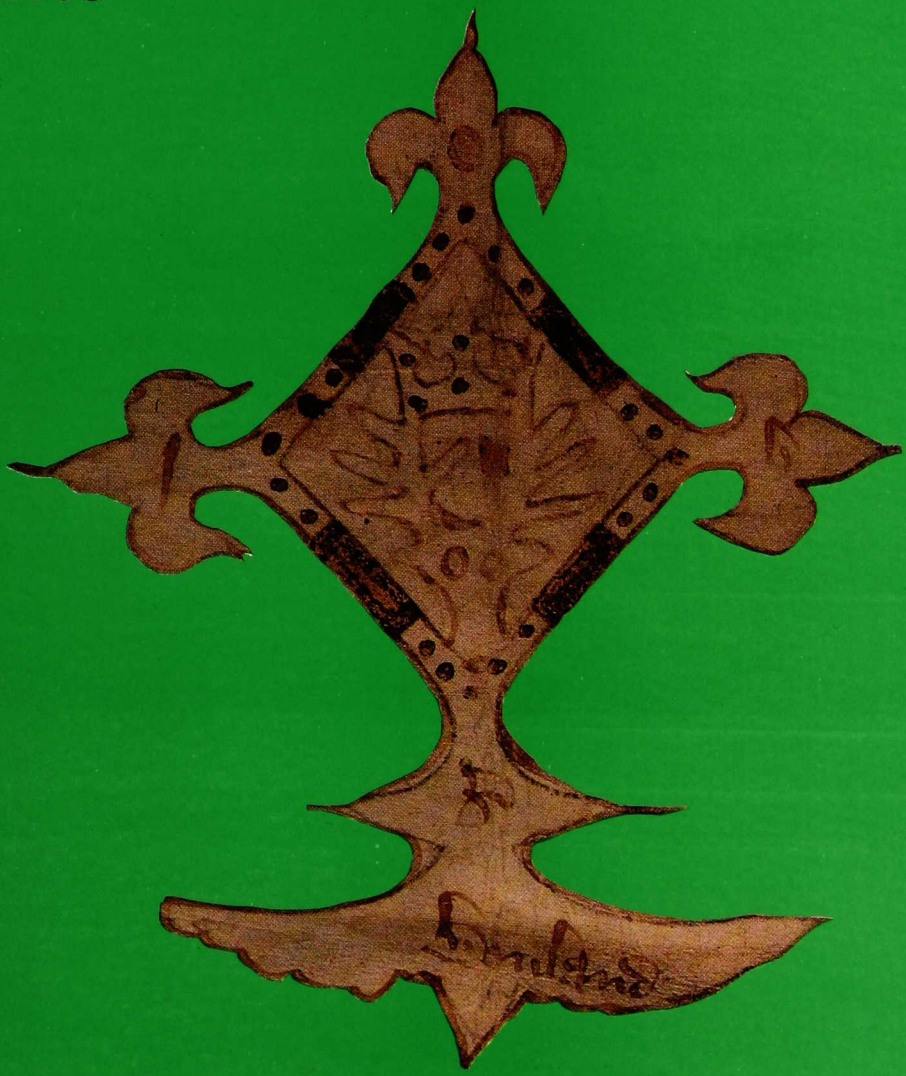
Revista de Estudos Anglo-Portugueses

Número 17
2008



Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies

TÍTULO
Revista de Estudos Anglo-Portugueses
Número 17 2008
ISSN: 0871-682X

DIRECTORA
Maria Leonor Machado de Sousa

SECRETÁRIA
Mariana Gonçalves

COMISSÃO REDACTORIAL
George Monteiro, Brown University
João Paulo Pereira da Silva, CETAPS
Maria de Deus Duarte, CETAPS
Maria Leonor Machado de Sousa, CETAPS
Maria Zulmira Castanheira, CETAPS
Patricia Odber de Baubeta, University of Birmingham

DIRECÇÃO E REDACÇÃO
Centro de Estudos Anglo-Portugueses
da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa
Av. de Berna, 26 - C — 1069-061 LISBOA
http://www.fcsh.unl.pt/ceap/

EDIÇÃO
Tiragem: 500 exemplares
FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CAPA
Arranjo gráfico de Mário Vaz, a partir do selo existente na Ratificação do Tratado de Ricardo II, Rei de Inglaterra com D. João I — 1386 — Arq. Nacional Torre do Tombo

EXECUÇÃO GRÁFICA
Editorial Minerva
Rua da Alegria, 30 — 1250-007 LISBOA — Telef. 21 322 4950

DISTRIBUIÇÃO
Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies

Depósito Legal n.º 93441/95

Revista de Estudos Anglo-Portugueses

Número 17

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies

Lisboa
2008

SUMÁRIO

Sousa, Maria Leonor Machado de, "Editorial"
Centro de Estudos Anglo-Portugueses 7

PROJECTO

Monteiro, George, "Camões in American Newspapers and Journals (1770-1921)"
Brown University 9

ESTUDOS

1. Puga, Rogério Miguel, "O Início do Comércio na China da East India Company e as Relações Anglo-Sino-Portuguesas em Macau na Primeira Metade do Século XVIII"
University of Macau, CETAPS 35

2. Alarcão, Miguel, "'Duques e Cenas Tristes': ainda a Convenção de Sintra (1808)"
Universidade Nova de Lisboa, CETAPS 71

3. Martins, Isabel Oliveira, "A Brief Look at a Written and Visual Illustration of Portugal"
Universidade Nova de Lisboa, CETAPS 97

4. Castel-Branco, Maria da Conceição, "The Portuguese Travels of William Henry Giles Kingston; Or, the Geographical and Inner Travels of a British Lusophile"
Universidade Nova de Lisboa, CETAPS 107

5. Castanheira, Maria Zulmira, "A Literatura Inglesa na Imprensa Periódica Portuguesa do Romantismo"
Universidade Nova de Lisboa, CETAPS 127

6. Brandão, João Reis, "A Imagem dos Ingleses nas *Impressões de Viagem* do Visconde de Benalcanfor"
Universidade Nova de Lisboa, CETAPS 255

7. Terenas, Gabriela Gândara, "Transatlantic Relationships: Africa, Portugal and the U.S.A. in the Early Sixties"
Universidade Nova de Lisboa, CETAPS..... 287

8. Ceia, Carlos, "A Viagem Exótica a Portugal como preconceito literário em *I Like it Here* de Kingsley Amis"
Universidade Nova de Lisboa, CETAPS 303

9. Duarte, Maria de Deus, "*A Small Death in Lisbon* e *The Company of Strangers*: onde se conta como fantásticos mistérios e cruéis matadores (re)escrevem a extraordinária paisagem lusa"
CETAPS 321

10. Boshniashka, Rosistsa e Ferreira, Vânia, "Madeleine McCann: The Cathartic Discourse and the Role the Portuguese Played Therein"
Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa 339

RECENSÃO CRÍTICA

11. Canaveira, Manuel Filipe, "David Buttery, *Wellington contra Massena. A Terceira Invasão de Portugal (1810-1811)*"
Universidade Nova de Lisboa, CETAPS 363

Abstracts 367

EDITORIAL

No âmbito da reorganização das unidades de investigação em Portugal, o Centro de Estudos Anglo-Portugueses fundiu-se com o Instituto de Estudos Ingleses e Norte-Americanos, do que resultou o Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, com um pólo no Porto e outro em Lisboa. Daí a sigla CETAPS, que agora substitui CEAP.

Os factos de existirem pontos de interesse comuns e de haver já em cada um dos Centros membros que colaboravam nos dois justificaram esta fusão, que esperamos venha a ser produtiva e agradável para todos.

Quanto à nossa Revista, ela manterá o seu título, dado que não mudou a sua filosofia e está ligada apenas à vertente anglo-portuguesa do CETAPS. O seu crescimento, bem visível, é um bom sinal da sua vitalidade. Também a colaboração de investigadores de outras instituições tem sido um enriquecimento que não podemos deixar de frisar.

No que se refere a uma linha luso-americana que já tínhamos dito ter interesse em desenvolver, também as duas colaborações que agora apresentamos são a esperança de que ela continue.

Particularmente temos que agradecer ao Professor George Monteiro pela valiosa colaboração que tem dado ao estudo da repercussão de Camões e pelo facto de ter escolhido a nossa revista para a publicar.

Esperamos que tenha sido um ganho para todos nós e que se mantenha a boa colaboração que até agora tem havido.

Maria Leonor Machado de Sousa

PROJECTO

CAMÕES IN AMERICAN NEWSPAPERS AND JOURNALS (1770-1921)

George Monteiro
Brown University

The 206 items that comprise this checklist result from a search of "American Historical Newspapers, 1690-1900," a database that includes "Early American Newspapers, Series I and Series II," and "American Periodicals Series 1740-1900." Were I to include the mentions of "Camoens" in the advertisements for editions of the William Julius Mickle's translation of *Os Lusíadas* and Lord Viscount Strangford translations of the *lírica* the number of items on this list would have doubled.

This list supplements earlier compilations, namely "Articles about, Poems by, References to, and Mentions of Luiz de Camões in U. S. Periodicals (1791-2002)," *Revista de Estudos Anglo--Portugueses*, no. 15 (2006), 25-153, "Camões in the United States," *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, no.11 (2002), 37-55, and "Notes on Camões," *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, no. 8 (1999), 7-15, by the present compiler, as well as the work done by Norwood Andrews, Jr., especially his *A Projecção de Camões e d'Os Lusíadas nos Estados Unidos da América*, in *Estudos sobre a Projecção de Camões em Culturas e Literaturas Estrangeiras*, vol. 3 of *Os Lusíadas*, Edição Crítica, ed Jacinto do Prado Coelho (Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1984), 331-449.

Checklist

1. "On Preaching, from a Late Publication in Paris," *Boston Chronicle* (Jan. 22 to 25, 1770), 3: 30.

Like Virgil, Lucan, Tasso and Milton, Camões "preached in

2. "Now in the Press," *Freeman's Journal; or North-American Intelligencer* (Philadelphia) (Oct. 22, 1783), 3: 1

Camões's epic is taken up in Hugh Blair's *Lectures on Rhetoric and Belles Lettres.*

3. "Camoen's [sic] Lusiad," *Independent Gazetteer* (Philadelphia) (Nov. 15, 1783), issue 107, p. 4.

Hugh Blair discusses Camões's epic in *Lectures on Rhetoric and Belles Lettres.*

4. "A Voyage to the Pacific Ocean," *The Pennsylvania Packet, and Daily Advertiser* (Philadelphia) (May 31, 1785), issue 1971, p. 2.

"Camoens used to sit and compose his Lusiad" in the garden at Macau.

5. "New-York, July 7," *The Daily Advertiser* (New York) (July 7, 1786), 2: 2.

"Camoens used to sit and compose his Lusiad" in the garden at Macau.

6. "Charleston, August 17," *Columbian Herald or the Patriotic Courier of North-America* (Charleston, South Carolina) (Aug. 17, 1786), issue 203, p. 3.

"Camoens used to sit and compose his Lusiad" in the garden at Macau.

7. "The Fate of Genius," *Gazette of the United States* (New York) (May 23 to 27, 1789), issue 13, p. 52.

"Camoens ended his days in an alms-house."

8. "The Fate of Genius," New-York Packet (May 23, 1789), issue 911, p. 2.

"Camoens ended his days in an alms-house."

9. [Catalogue], The Daily Advertiser (New York) (Jan. 24, 1791), 7: 2.

Books received into the New-York Society Library in 1790 include "Lusiad or the discovery of India, an Epic Poem."

10. "Account of Dr. Adams Smith, from the *European Magazine,*" *The Federal Gazette, and Philadelphia Evening Post* (Oct. 27, 1791), p. 2.

"Though it may appear strange that the version of a modern Poem should outvie the original of the finest ancient epic [*Aeneid*].

Such an eclipse seems a phenomenon in literature. But the Lusiad perhaps is become brilliant by [Mickle's] transfusion."

11. "The Fate of Genius," *New-York Daily Gazette* (Dec. 9, 1791), issue 922, p. 2.

"Camoens ended his days in an alms-house."

12. "London, Nov. 23," *Dunlap's American Daily Advertiser* (Philadelphia) (Feb. 21, 1792), issue 4078, p. 2.

Quotes the lines Warren Hastings added to the Mickle translation of the tenth book of the Lusiad.

13. "Obstructions in the way of fame [from "Jackson's Letters"]," *Diary of London's Register* (New York) (Sept. 5, 1792), p. 2.

Refers to "poor, unhappy half starved Cervantes, Cameons [*sic*],Fielding."

14. "Parnassian Spring: Sonnet—from Camoens," *New-Hampshire Gazette, and General Advertiser* (Portsmouth) (Sept. 20, 1792), 25: 4.

Reprints Hayley's translation beginning "Go, gentle spirit! now supremely blest."

15. "The Life of Cervantes," *American Apollo* (Boston), Oct. 5, 1792, 1: 101.

Like several "other illustrious men"—including Homer and Camões-Cervantes has "been held in highest estimation, though he lived almost in want of common necessaries."

16. "Poverty of the Learned," South-Carolina State-Gazette (Charleston) Nov. 6, 1794), p. 2.

Camões was "deprived of the necessaries of life, and is believe to have perished in the streets."

17. "The Poverty of the Learned," American Telegraphe (Newfield, Connecticut) (June 10, 1795), 1: 4.

Camões was "deprived of the necessaries of life, and is believe to have perished in the streets."

18. "Obstructions in the Way of Fame," *City Gazette and Daily Advertiser* (Charleston, South Carolina) (July 24, 1795), 13: 3.

Refers to the "half-starved Camoens."

19. "The Fate of Genius," *The Rutland Herald* (Vermont) (Nov. 5, 1798), 4: 4.

Camões "ended his days in an alms house."

20. "Men of Genius," *Federal Observer* (Portsmouth, New Hampshire) (Jan. 10, 1800), 2: 4.

Camões "ended his days in an alms house."

21. "Account of Warren Hastings, Esq.," *Farmers' Museum, or Lay Preacher's Gazette* (Walpole, New Hampshire) (Jan. 26, 1800), 7: 2.

Quotes the lines Warren Hastings added to the Mickle translation of the tenth book of the Lusiad.

22. "Miscellany: Poverty of the Learned," *Federal Observer* (Apr. 18, 1800), 2: 4.

Camões "was deprived of the necessaries of life, and is believed to have perished on the streets."

23. "Miscellaneous Scraps: Poverty of the Learned," *New-Hampshire Sentinel* (Keene) (May 3, 1800), 2: 4.

Camões "was deprived of the necessaries of life, and is believed to have perished on the streets."

24. "The Observer—No. XXII [from the *New-York Gazette*]," *Philadelphia Gazette* (Aug. 13, 1800), 17: 2.

When Voltaire "speaks of Camoens he stumbles perpetually."

25. [Mickle], *Massachusetts Mercury* (Boston) (Jan. 16, 1801), 17: 3.

Mickle is identified as the translator of *Os Lusíadas*.

26. [Mickle], *Columbian Courier* New Bedford, Massachusetts) (Mar. 20, 1801), 3: 4.

Mickle is identified as the translator of *Os Lusíadas*.

27. "From Mickle's Translation of Camoen's [sic] Lusiad," *Salem Register* (New Hampshire) (Feb. 8, 1802), 3: 4.

Quotes eighteen lines, beginning "Let Fame with wonder name the Greek no more."

28. "From the Monthly Magazine... Letter III," *The Spectator* (New York) (July 14, 1802), 5: 1.

Of the performing dancers at the French Opera, it is said: "Camoens' naked nymphs have been transposed thither from his Island of Love: the chaste and pious Bishop of Durham would certainly be for returning them to their own country."

29. "From Mickle's Lusiad... An Epic Poem, Written in Portuguese, by Camoens," *The Salem Register* (Massachusetts) (Dec. 27, 1802), 3: 4.

Reprints a translation of lines, beginning "Arms and the heroes, who from Lisbon's shore."

30. "Poetical Department: From the Lusiad, Camoens' Compliments to his Prince, upon the Expedition of Gama," Salem Register (Massachusetts) (Jan. 3, 1803), 4: 4.

Quotes sixty-two lines, beginning "And thou, O born the pledge of happier days."

31. "Monday, November 14, 1803," *Salem Register* (Massachusetts) (Nov. 14, 1803), 4: 3.

"Among the notices of foreign publications we learn with great pleasure from the Port Folio that a translation has appeared of the Sonnets, Odes, Eclogues, Elegies, Epistles, Fugitive Pieces, and other works of the great Camoens, the author of the Lusiad. As these comprehend the greater number of his verses, they must be a rich present to the English reader. This Prince of Poets of Portugal died in '579, aet. 51. The discovery of the Indies is an important subject to the inhabitants of the new discovered worlds, and if we may praise the choice of Virgil, we may not be afraid to commend our poet for celebrating an event which is every day discharging important consequences to our Globe, and which extend not to one but to every nation. With his enthusiasm, and our prospects, he might have added new glories to his interesting Epic poem. We are interested in his sufferings, but perhaps to them we owe the display of his genius. Adversity was his nurse; but she gave him strength and glory."

32. [Lord Viscount Strangford, from the *Port Folio*], *Boston Gazette* (Jan. 9, 1804), 15: 2.

Quotes Strangford on Camões's predilection for dark women.

33. "'Short Facts to Make Long Faces,'" *Courier of New Hampshire* (Concord) (Feb. 1, 1804), 15: 3.

Quotes Strangford on Camões's predilection for dark women.

34. "Stanzas [from the Portuguese of Cameons [sic]," Political Calendar (Newburyport) (June 21, 1804), p. 4.

Reprints a translation of a poem, beginning "I saw the virtuous man man contend."

35. "Stanzas, from the Portuguese of Camoens," *Philadelphia Repository* (June 23, 1804), 4: 200.

Reprints a translation of a poem, beginning "I saw the virtuous man contend."

36. "Rondeau, from the Portuguese of Camoens," *Northern Post* (Salem, New York) (July 17, 1804), 1: 4.

Reprints a translation of a poem, beginning "Just like Love is yonder rose."

37. "Camoens the Portuguese Poet," *Morning Chronicle* (New York) (Aug. 7, 1804), issue 572, p. 3.

Short biographical sketch of Camões.

38. "Camoens the Portuguese Poet," *The Democrat* (Boston) (Aug. 11, 1804), 1: 4.

Short biographical sketch of Camões.

39. "Poetic Department: Canzon, by Camoens," *Morning Chronicle* (New York) (Aug. 20, 1804), issue 583, p. 2.

Reprints a translation of a poem, beginning "Thou pride of the forest! whose dark branches spread."

40. "Biographical Sketch of Camoens, the Portuguese Poet," *The Farmer's Cabinet* (Amherst, New Hampshire) (Sept. 4, 1804), 2: 1.

Short biographical sketch of Camões.

41. "Camoens," *The Evening Post* (New York) (Sept. 10, 1804), issue 784, p. 2.

Strangford's translations have met with "a lively reception in England and America."

42. "Selected Poetry: Stanzas [from the Portuguese of Cameons [sic]," *Pennsylvania Correspondent, and Farmers' Advertiser* (Doylestown) (Septe. 25, 1804), p. 4.

Reprints a translation of a poem, beginning "I saw the virtuous man contend."

43. "Camoens," *New-York Herald* (Sept. 26, 1804), issue 286, p. 1.

Strangford's translations have met with "a lively reception in England and America."

44. "Camoens," *Utica Patriot* (Utica, New York) (Oct. 1, 1804), 2: 2.

Strangford's translations have met with "a lively reception in England and America."

45. "Canzonet, from the Portuguese of Camoens," *Republican Spy* (Northampton, Massachusetts) (Oct. 23, 1804), 2: 4.

Reprints a translation of a poem, beginning "When day has smil'd a soft farewell."

46. "Thursday, November 8, 1804," *Salem Register* (Massachusetts) (Nov. 8, 1804), 5: 2.

Strangford is "the author of the celebrated version of Camoens."

47. "Canzon, by Camoens," *National Aegis* (Worcester, Massachusetts) (Nov. 21, 1804), 3: 4.

Reprints Strangford's translation of a poem beginning "Thou pride of the forest, whose dark branches spread."

48. "Camoens, the Portuguese Poet," *Salem Register* (Massachusetts) (Nov. 29, 1804), 5: 2.

Details about Camões's life and lyric poetry taken from Strangford's introduction; quotes "The Silken Fillet," beginning "Dear band, which once adorned my worship fair."

49. "Canzon, by Camoens," *Plebian* (Kingston, New York) (Dec. 3, 1804), 2: 4.

Quotes Strangford's translation of a poem beginning "Thou pride of the forest, whose dark branches spread.

50. "Selected Poetry: Sonnet from Camoens, by Strangford," *Salem Register* (Massachusetts) (Aug. 22, 1805), 6: 4.

Quotes a translation of a poem beginning "I sang of love—and in so sweet a strain."

51. "Canzonet," *The Sentinel of Freedom* (Newark, New Jersey) (Oct. 15, 1805), 10: 4.

Reprints a translation of a poem, beginning "Weep not thus, we both shall know."

52. "Miscellany: Review of Southey's *Madoc*," *The Repertory* (Boston) (Nov. 15, 1805), 2: 1.

Robert Southey's poem has "many resemblance with the Odyssey, the Æneid, and the Lusiad."

53. "Medley," *The Democrat* (Boston) (Jan. 11, 1806), 3: 4.

Quotes a translation of four lines of Camões's poetry, beginning "Since, in this dreary vale of tears."

54. [Camoens], *Portsmouth Oracle* (New Hampshire) (Jan. 18, 1806), 17: 1.

Reprints a translate of a poem beginning "Since, in this dreary vale of tears."

55. "Obstructions in the Way to Fame," *Merrimack Magazine and Ladies' Literary Cabinet* (Newburyport, Massachusetts) (July 12, 1806), 1: 190.

Refers to the "half-starved" Camões.

56. "Biographical sketch of Camoens, the Portuguese Poet," *Concord Gazette* (Massachusetts) (July 26, 1806), 1: 1.

Offers details about Camões's life.

57. "Selected Poetry: From Camoen's [*sic*] Lusiad by Mickle," *Salem Register* (Massachusetts) (Feb. 26, 1807), 8: 4.

Reprints a translation of a poem, beginning "To be the herald of my country's fame."

58. "Miscellany: Remarks on Reading," *Newburyport Gazette* (Massachusetts) (Apr. 9, 1807), 1: 1.

Refers to Mickle's displeasure with "the lord to who he had dedicated his version of the Lusiad."

59. "Literary Register: Review of the *Columbiad*," *Boston Patriot* (July 1, 1809), 1: 1.

"The Portuguese Lusiad" was "reared on patriotic grounds."

60. "Poetry: Elegant Canzon, by the Italian [*sic*] Poet, Camoens," *Columbian Phenix* (Providence, Rhode Island) (July 1, 1809), 7: 4.

Reprints a translation of a poem, beginning "Thou pride of the forest."

61. "Poetry: from Lord Strangford's Translation of Camoens' Poems," *Newport Mercury* (Rhode Island) (Aug. 12, 1809), issue 2470, p. 4.

Reprints a translation of a poem, beginning "I met love wand'ring o'er the wild."

62. "Sonnet, from the Portuguese of Camoens," *New-York Weekly Museum* (Feb. 24, 1810), 22: 3.

Reprints a translation of a poem, beginning "From sorrow free, and tears, and dull despair."

63. "Fate of Genius and Worth," *The Fredonian* (Boston) (May 15, 1810), 1: 4.

Camões "ended his days in an almshouse."

64. E. E., "Strangford's Camoens," *The Enquirer* (Richmond, Virginia) (Nov. 7, 1806), p. 4.

Comments on Strangford's friendship with Thomas Moore.

65. "Canzonet," *Suffolk Gazette* (Sag Harbor, New York) (May 25, 1807), 4: 4.

Reprints a translation of a poem, beginning "Since, in this dreary vale of tears."

66. "Poetry: Lines Written in a Blank Leaf of Strangford's Translations from Camoens," *The Daily Advertiser* (New York) (Aug. 22, 1807), 1: 21.

An unsigned poem.

67. "Extract," *True Republican* (New London, Connecticut) (Sept. 2, 1807), 1: 4.

A Portuguese native "reads only Camões."

68. "Portugal," *American Citizen* (New York) (May 23, 1808), 9: 3.

Eventually "Algarve and Upper Beira will also produce their Camoens."

69. "The Museum: Stanzas from the Portuguese of Camoens," *Eastern Argus* (Portland, Maine) (May 26, 1808), 5: 4.

Reprints a translation of a poem, beginning "I saw the virtuous man contend."

70. "Poetry: Elegant Canzon, by the Italian [*sic*] Poet, Camoens," *Columbian Phenix* (Providence, Rhode Island) (July 1, 1809), 7: 4.

Reprints a translation of a poem, beginning "Thou pride of the forest."

71. "Poetry: From Lord Strangford's Translation of Camoens' Poems," *Newport Mercury* (Rhode Island) (Aug. 12, 1809), issue 2470, p. 4.

Reprints a translation of a poem, beginning "I met Love wand'ring o'er the wild."

72. "Sonnet, from the Portuguese of Camoens," *New-York Weekly Museum* (New York) (Feb. 24, 1810), 22: 4.

Reprints a translation of a poem, beginning "From sorrow free, and tears, and dull despair."

73. "Fate of Genius and Worth," *The Fredonian* (Boston) (May 15, 1810), 1: 4.

"Camoens ended his days in an alms house."

74. "Fate of Genius and Worth," *Concord Gazette* (Massachusetts) (May 29, 1810), 3: 4.

"Camoens ended his days in an alms house."

75. "Inchiquin's Criticism on Barlow's Columbiad," *Alexandria Gazette* (Virginia) (Apr. 16, 1811), 11: 2.

It is a mistake to place Barlow's epic above many other epics, including *Os Lusíadas*.

76. "The Fate of Genius," *New-Hampshire Patriot* (Concord) (May 7, 1811), 3: 4.

"Camoens ended his days in an alms house."

77. "The Fate of Genius," *The Gleaner and Luzerne Advertiser* (Wilkes-Barre, Pennsylvania) (July 5, 1811), 1: 4.

"Camoens ended his days in an alms house."

78. "Miscellaneous: The Fate of Genius," *Norwich Courier* (Connecticut) (July 24, 1811), 15: 4.

"Camões ended his days in an alms house."

79. "Garrick's Fascination," *Kline's Weekly Carlisle Gazette* (Carlisle, Pennsylvania) (Aug. 9, 1811), 27: 4.

Mickle is identified as "the translator of the Luciad [*sic*]."

81. "Miscellaneous: The Fate of Genius," *The Independent American* (Ballston Spa, New York) (Aug. 20, 1811), 3: 4.

"Camoens ended his days in an alms house."

82. Fanny Dimple, "Letter, Georgetown, Sept. 25, 1811," *The Tickler* (Philadelphia) (Oct. 7, 1811), 4: 4.

Jokes that her poetry breathes "the soft bewitching strains of Moore, of Sappho and Camoens."

83 "The Fate of Genius," *New Bedford Mercury* (Massachusetts) (Oct. 18, 1811), 5: 4.

"Camoens ended his days in an alms house."

84. "Salem, Saturday, November 23, 1881," *Essex Register* (Salem, Massachusetts) (Nov. 23, 1811), 11: 2.

"Among the notifications of Portugal we find one which informs us that a writer of this country offers a discourse upon the spirit of the nineteenth century. And that a Poem entitled Gama has appeared from the same author, in the spirit of Camoens, and entitled to the notice of the true friends of the Epic muse, for its regularity, metre and sublime style. The first subject is the best for Philosophy and the last for National Heroism."

85 "[Camoens]," *New-York Weekly Museum* (Jan. 11, 1812), p. 2

Reprints a translation of a poem, beginning "Since in this dreary vale of tears."

86. "The Heart's Ease," *New-Bedford Gazette* (Massachusetts) (Apr. 17, 1812), 1: 4.

An unsigned poem written "on reading several imitations of Camoen's [*sic*] beautiful Canzonet, 'Just like love is yonder rose,' wherein the tender passion was compared to an Oak and an Ivy vine."

87. "Review," *City Gazette and Daily Advertiser* (Charleston, South Carolina) (July 31, 1812), 31: 2.

Refers to "the Lusiad of the Portuguese."

88. [Camoens], *Franklin Herald* (Greenfield, Massachusetts) (Dec. 8, 1812), 2: 4.

Reprints a translation of a poem, beginning "O weep not thus, we both shall know."

89. "Literary Repertory: Liberality," *The Gleaner* (Willkes-Barre, Pennsylvania (June 4, 1813), 3: 4.

Reprints a translation of a poem, beginning "Since, in this dreary Vale of tears."

90. "The Fate of Genius," *New-York Weekly Museum* (July 10, 1813), 2: 39.

"Camoens ended his days in an alms house."

91. "Miscellanteous Articles: Liberality," *Orange County Patriot; or, the Spirit of 'Seventy-Six* (Goshen, New York) (July 20, 1813), p. 1.

Reprints a translation of a poem, beginning "Since in this dreary vale of tears."

92. "Poetry: Lines by Camoens," *Concord Gazette* (Massachusetts) (Jan. 25, 1814), 7: 4.

Reprints a translation of a poem, beginning "O weep not thus — we both shall know."

93. [Stanzas from Camões], *The Telegraph* (Norwich, New York) (Feb. 22, 1814), 2: 4.

Reprints a translation of a poem, beginning "I saw the virtuous man contend."

94. "The Writer, No. XXIV," *The Boston Spectator* (Oct. 29, 1814), 1: 175.

Among those poets adduced by their respective countries as having produced the "most perfect model of the Epic" is Camões.

95. "Homer, Virgil, Milton, and Klopstock," *The Boston Spectator* (Nov. 19, 1814), 47: 188.

Following Homer's example, Ariosto, Ercilla and Camões draw from nature.

96. "Canzonet from the Portuguese of Camoens," *Connecticut Journal* (New Haven) (May 1, 1815), 48: 1.

Reprints a translation of a poem, beginning "When day has smil'd a soft farewell."

97. "Barbary Corsairs," *Connecticut Spectator* (Middletown, Connecticut) (May 3, 1815), 2: 1.

Refers to Camões's shipwreck.

98. "The Horrors of Algiers," *Daily National Intelligencer* (Washington, D.C.) (May 27, 1815), 3: 2.

Refers to Camões's shipwreck.

99. "The Horrors of Algiers," *National Aegis* (Worcester, Massachusetts) (June 21, 1815), 14: 4.

Refers to Camões's shipwreck.

100. "The Parterre: 'Just Like Love, by Camoens.'" *Columbian Patriot* (Middlebury, Vermont) (June 28, 1815), 2: 4.

Reprints a translation of a poem, beginning "Just like love is yonder rose."

101. "Barbary Corsairs," *The Reporter* (Brattleboro, Vermont) (July 12, 1815), 13: 1.

Refers to Camões's shipwreck.

102. "Preponderance of Irish Talent," *The Patrol* (Utica, New York) (Sept. 18, 1815), 1: 2.

The Irish Lord Strangford is "the successful translator of Camoens."

103. "Grimm's Memoirs," *Connecticut Spectator* (Middletown) (Sept. 20, 1815), 2: 4.

"If the father of poetry should resume from his descendants, every thing borrowed from him, what would be left of the Eneid, the Jerusalem, the Orlando, the Lusiad, the Henriade, and every thing that we may dare name of this kind?"

106. Camoens, "The Western Willow," *The Shamrock* (New York) (June 8, 1816), 1: 293-94.

Reprints a translation of a poem, beginning "I search Columbia's woods in vain."

107. "Poetry," National Advocate (New York) (June 27, 1816), 4: 2.

Reprints translations of poems, beginning "Apollo asked, of Genius, where,"

"This was my wish: an earth to find," and "Tyranni Time: exert thy powers."

108. "For the Merrimack Intelligencer," *Merrimack Intelligencer* (Haverhill, Massachusetts) (Sept. 14, 1816), 9: 4.

Comments on a translation of a poem, beginning "O weep not thus."

109. "The Fate of Genius," *Boston Intelligencer* (Jan. 4, 1817), 3: 1.

Camões died in an almshouse.

110. "The Fate of Genius," *Providence Gazette* (Rhode Island) (Jan. 4, 1817), 53: 1.

Camões died in an almshouse.

111. "The Fate of Genius," *Newburyport Herald* (Massachusetts) (Jan. 7, 1817), 20: 4.

Camões died in an almshouse.

112. "The Fate of Genius," *Northern Whig* (Hudson, New York) (Jan. 7, 1817), 9: 2.

Camões died in an almshouse.

113. "The Fate of Genius," *The Genius of Liberty* (Leesburg, Virginia) (Feb. 18, 1817), 1: 4.

"Camoens ended his days in an alms house."

114. "The Fate of Genius," *The Oracle of New Hampshire* (Portsmouth) (Aug. 7, 1817), p. 1.

Camões died in an almshouse.

115. "Ode: On the Invasion of Spain by the Moors," *New-York Daily Advertiser* (Oct. 1, 1817), 1: 2.

Luis de Leon's ode is "the prototype of the highly celebrated episode of the 'Spirit of the Cape' in the Lusiad of Camoens."

116. "Miscellany: On the Death of Donna Caterina de Ataide," *The Newport Mercury* (Rhode Island) (Feb. 14, 1818), 57: 4.

Reprints a translation of a poem, beginning "Those charming eyes."

117. "To the Editor of the *National Advocate*," *The National Advocate* (New York) (Feb. 19, 1818), 6: 2.

Refers to Camões.

118. "Newspaper Anniversary," *Dedham Gazette* (Massachusetts) (Apr. 24, 1818), 5: 3.

Thetis surprised "the hero of the Lusiad" when she "gave him a prospect of his 'nation's glories.'"

119. "Newspaper Anniversary," *New-Bedford Mercury* (Massachusetts) (May 1, 1818), 11: 2.

Thetis surprised "the hero of the Lusiad" when she "gave him a prospect of his 'nation's glories.'"

120. "Newspaper Anniversary," *Hampden Federalist* (Springfield, Massachusetts) (May 7, 1818), 13: 4.

Thetis surprised "the hero of the Lusiad" when she "gave him a prospect of his 'nation's glories.'"

121. "Newspaper Anniversary," *Columbian* (New York) (May 9, 1818), 9: 2.

Thetis surprised "the hero of the Lusiad" when she "gave him a prospect of his 'nation's glories.'"

122. "Newspaper Anniversary," *Columbian Register and True Republican* (New Haven, Connecticut) (May 21, 1818), 1: 2.

Thetis surprised "the hero of the Lusiad" when she "gave him a prospect of his 'nation's glories.'"

123. "Newspaper Anniversary," *Northern Sentinel* (Burlington, Vermont) (May 22, 1818), 8: 4.

Thetis surprised "the hero of the Lusiad" when she "gave him a prospect of his 'nation's glories.'"

124. "Newspaper Anniversary," *Palmyra Register* (Palmyra, New York) (May 26, 1818), 1: 3.

Thetis surprised "the hero of the Lusiad" when she "gave him a prospect of his 'nation's glories.'"

125. "Don Avaranches, a Tale," *The Weekly Visitor and Ladies' Museum* (New York) (May 26, 1818), 2: 33.

"A few sonnets of Lope de Vega, or of Camoens, constituted her [the heroine's] literary accomplishments."

126. "Newspaper Anniversary," *The Reflector* (Milledgeville, Georgia) (June 2, 1818), 1: 4.

Thetis surprised "the hero of the Lusiad" when she "gave him a prospect of his 'nation's glories.'"

127. "The Fate of Genius," *Otsego Herald* (Cooperstown, New York) (Oct. 19, 1818), 24: 4.

"Camoens ended his days in an alms house."

128. "The Fate of Genius," *The New-York Columbian* (Nov. 2, 1818), 9: 2.

"Camoens ended his days in an alms house."

129. "Cervantes and Camoens," *New-England Galaxy & Masonic Magazine* (Boston) (Apr. 30, 1819), 2: 116.

Biographical and literary comparisons.

130. "The Evening Bells of Cintra from the Portuguese of Luis de Camoens," *The Northern Whig* (Hudson, New York) (May 25, 1819), 11: 4.

Reprints J. Mitford's translation of a poem, beginning "Hark to the evening bell's sweet chime."

131. "Literary Notice," *The American* (New York) (Aug.14, 1819), 1: 3.

Quotes the inscription on Camões's tomb to the effect that "it is allowed to everybody to translate him, but that fate has forbidden that he should be equaled."

132. "Burns' Club," *New-York Daily Advertiser* (Feb. 4, 1820), issue 873, p. 2.

At this meeting of the Burns Club, which brought together "the first characters of America, of Scotland, England and Portugal" (including "M. Correa de Serra") there was a toast proposed to "the memory of Camoens, the Portuguese Poet."

133. "Fate of Genius," *The Weekly Visitor, and Ladies' Museum* (New York) (July 1, 1820), 1: 137.

"Camoens ended his days in an alms house."

134. "Letter from Lord Littleton," *The Weekly Visitor, and Ladies' Museum* (July 22, 1820), 1: 181.

"Camoens ended his days in a hospital."

135. "Selected Poetry: Stanzas from the Portuguese of Camoens," *Village Register and Norfolk County Advertiser* (Dedham, Massachusetts), (Oct. 6, 1820), 1: 4.

Reprints a translation of a poem, beginning "I saw the virtuous man contend."

136. [Southy's Translations of Camões], *The National Gazette and Literary Register* (Philadelphia) (Dec. 16, 1820), 1: 4.

Reprints translations beginning "Meek spirit, who so early didst depart" and "Waters of Tyo [*sic*], gentle stream! that flow."

137. "The Fate of Men of Genius," *Hillsboro Telegraph* (Amherst, New Hampshire) (Apr. 13, 1822), 3: 1.

Camões died in a hospital.

138. "History of Letters," *Christian Philanthropist* (New Bedford, Massachusetts) (June 25, 1822), 1: 26.

Refers to *Os Lusíadas*.

139. "Homer, Virgil, Milton, and Klopstock," *Christian Philanthropist* (New Bedford, Massachusetts) (July 16, 1822), 1: 37.

Camões drew directly from nature.

140. "Poetry: Canzon from the Portuguese of Camoens," *The Hampden Patriot and Liberal Recorder* (Springfield, Massachusetts (Aug. 28, 1822), 4: 1.

Reprints a translation of a poem, beginning "O weep not thus, we both shall know."

141. "Camoens — the Poet," *Rhode-Island American, and General Advertiser* (Providence) (Oct. 1, 1822), 14: 1.

Biographical account.

142. [Genius], *Carolina Centinel* (New Bern, North Carolina) (Aug. 23, 1823), 6: 4.

Camões died in the streets.

143. [Voltaire on Camões], *The Times, and Hartford Advertiser* (Connecticut) (June 22, 1824), 8: 4.

Quotes Voltaire's account of Camões's shipwreck.

144. "From the National Gazettes," *Rhode-Island American* (Providence) (July 2, 1824), 16: 1.

Camões imitated Virgil, yet he "possessed a genius" that was "highly original."

145. "From the *National Gazette*," *Boston Commercial Gazette* (July 5, 1824), 66: 2.

Camões imitated Virgil, yet he "possessed a genius" that was "highly original."

146. [Voltaire on Camoens], *Baltimore Patriot* (Sept. 27, 1824), 24: 2

Quotes Voltaire's account of Camões's shipwreck.

147. "Chili," *Rhode-Island American* (Providence) (Nov. 16, 1824), 17: 1.

Mentions Camões.

148. "Calamities of Genius," *Village Register* (Dedham, Massachusetts) (June 23, 1825), 6: 1.

"Camoens ended his days in an almshouse."

149. "Carter's Letters," *Essex Register* (Salem, Massachusetts) (Aug. 10, 1826), 26: 1.

Refers to Camões's shipwreck.

150. "National Characteristics," *Salem Gazette* (Massachusetts) (Sept. 15, 1826), 4: 1.

Portugal is the "country of Camoens."

151. "Communication," *The Richmond Enquirer* (Virginia) (Oct. 20, 1826), 23: 1.

Commencement exercises at Hampton Sydney College included "The Cliosophic Oration: Poetical Character of Camoens, author of the Lusiad," delivered by "Wm. A. Daniel of Lynchburg."

152. Jenks, "Literary: Epic Poems," *Philadelphia Album and Ladies Literary Gazette* (June. 22, 1828), p. 11.

Refers to "Cameons" [*sic*] as the spic poet of his nation.

153. [Camoens], *Essex Gazette* (Haverhill, Massachusetts) (July 19, 1828), 2: 1.

Reprints a translation of a poem, beginning "Since in this dreary vale of tears."

154. Mrs. Embury, "The Lament of Cameons [*sic*]," *Philadlphia Album and Ladies Literary Gazette* (Dec. 3, 1828), 3:.212.

Prints an original poem.

155. "The Fate of Genius," *The Watch-Tower* (Cooperstown, New York) (July 13, 1829), 17: 4.

"Camoens ended his days in an alms house."

156. 'Theopompus,' "Mr. Editor," *Eastern Argus Semi-Weekly* (Portland, Maine) (Aug. 11, 1829), 24: 2.

Quotes three lines of a translation of a poem, beginning "O! piteous lot of man's Uncertain fate."

157. "The Mechanical Age," *Baltimore Patriot* (Nov. 21, 1829), 34: 1.

There is no "Camoens now to sing it [the genius of the Cape]," which "has again been alarmed."

158. "The Mechanical Age," *The Farmers' Cabinet* (Amherst, New Hampshire) (Dec. 19, 1829), 28: 2.

There is no "Camoens now to sing it [the genius of the Cape]," which "has again been alarmed."

159. "The Orchestra: 'Breaking Up of the Monsoons' by W.," *New Hampshire Sentinel* (Keene) (Mar. 4, 1831), 33: 4.

W.s poem mentions Camões in passing.

160. "Families of Men of Genius," *Eastern Argus Semi-Weekly* (Portland, Maine) (Nov. 21, 1832), 1: 1.

Camões has "no male representative."

161. "Sonnet from the Portuguese of Camoens," *The Richmond Enquirer* (Virginia) (Jan. 13, 1835), 31: 4.

Reprints R. H. Wilde's translation of a poem, beginning "They saw the swan."

162. "From Chateaubriand's Last Work," *The Ithaca Herald* (Ithaca, New York) (Mar. 15, 1837), 1: 1.

In exile Napoleon ignored that "beautiful sky which delighted Columbus, Vasco de Gama, and Camoens."

163. "Substance of the Remarks of Mr. Legare," *The Southern Patriot* (Charleston, South Carolina) (Nov. 1, 1837), 38: 2

Refers to Camões's tale "of the discovery and conquest of another hemisphere."

164. "Men of Genius," *The Catholic Telegraph* (Apr. 26, 1838), 7: 156.

"Cameons [*sic*] ended his days in an alms-house."

165. "From Chateaubriand's Sketches," *Telegraph and Texas Register* (Houston) (July 21, 1838), 3: 1.

In exile Napoleon ignored that "beautiful sky which delighted Columbus, Vasco de Gama, and Camoens."

166. "The State of the Drama," *The Dramatic Mirror, and Literary Companion* (Aug. 21, 1841), 1: 12.

"What preserved the heroic poems of Tasso, and Cameons [*sic*]," was "the powerful influence of the Stage."

167. "The Drama," *The Dramatic Mirror, and Literary Companion* (Dec. 25, 1841), 1: 154.

"What preserved the heroic poems of Tasso, and Cameons [*sic*]," was "the powerful influence of the Stage."

168. E. Quinet, "My Vacations in Spain [from the *Westminster Review*]," *Eclectic Magazine of Foreign Literature* (Jan. 1847), 10:64.

"Though Cameons [*sic*] has neither statue nor tomb in Lisbon, everything there tells of him."

169. "Testamentary Preface to the Memoirs of Chauteaubriand," *Barre Patriot* (Barre, Massachusetts) (Sept. 8, 1848), 5: 1.

Refers to Camões's "stormy and noble life."

170. "Cervantes and Camoens," *The Semi-Weekly Eagle* (Brattleboro, Vermont) (May 2, 1850), 3: 4.

Biographical comparisons.

171. "Miscellany: Curiosities of Great Men," *The Farmers' Cabinet* (Amherst, New Hampshire) (Sept. 9, 1852), 51:1.

Camões "composed his verses with the roar of battle in his ears."

172. "Attempts to Print a Perfect Book," *The Desert News* (Salt Lake City, Utah) (Apr. 15, 1857), 7: 48.

Retells the story of the error in Sousa's otherwise "perfect" edition of *Os Lusíadas*.

173. "Miscellany: Ethics of Broadcloth," *The Constitution* (Middletown, Connecticut) (Aug. 18, 1858), 21: 1.

Camões would not "have spoken such sweet, sad, noble words," had he not "learnt by heart the worth of work and suffering.

174. "Genius and Poverty," *The San Antonio Ledger and Texan* (Mar. 3, 1860), 9: 2.

"Camoens ended his days in an alms house."

175. "The Chaplain of the 'Powhatan,'" (Honolulu) *The Friend* (Apr. 4, 1860), 25.

Visited the caves of Camões in Macau.

176. "Perfect Printing," *The Weekly Arizona Miner* (Prescott) (Oct. 17, 1868), 5: 4.

Retells the story of the error in Sousa's otherwise "perfect" edition of *Os Lusíadas*.

177. Rover, "The Fireside." *Ohio Farmer* (Dec. 24, 1870), 19: 827.

"In the Praça de Cameons [sic] is a fair memorial to the great Lusitanian Poet."

178. "Literary Scraps," *The Philadelphia Inquirer* (Jan. 14, 1871), p. 7.

"It is very rare to find in Lisbon any one who has ever heard of Camoens, the greatest of Portuguese poets. Such is fame."

179. "Affairs in Lafourche," *The New Orleans Times* (Sept. 26, 1878), 14: 8.

A local figure is compared to Adamastor, riding "the waves, bringing relief, without regard to race, color, previous condition, religion or politics."

180. "From England to Natal," *Harper's Bazaar* (Dec. 17, 1881), 14: 807.

Refers to "Cameons" [*sic*] and "the Giant of the Cape."

181. "The Pug-Nosed Angel," *The Macon Telegraph and Messenger* (Georgia) (Mar. 21, 1882), issue 10102, p. 2.

Refers to Camões's "dainty shepherdesses."

182. "Hatton's Letter," *The Philadelphia Inquirer* (Nov. 15, 1884), 111: 7.

"The desultory life of Camoens is perceptible in the deficient connection of his epic."

183. "Poets as Husbands," *The Macon Telegraph* (Georgia) (Aug. 3, 1886), issue 11436, p. 5.

Camoens was "twice banished because of his passion for one of the 'Queen's ladies' at the Court of Lisbon."

184. "Married Men of Letters," *The Daily News* (San Jose, California) (Sept. 25, 1886), 7: 2.

Camoens was "twice banished because of his passion for one of the 'Queen's ladies' at the Court of Lisbon."

185. "Poets as Husbands," *Aberdeen Daily News* (South Dakota) (Jan. 18, 1887), 1: 2.

Camoens was "twice banished because of his passion for one of the 'Queen's ladies' at the Court of Lisbon."

186. "The Great Hereafter," *The Cherokee Advocate* (Tahlequah, Oklahoma) (Oct. 2, 1889), 14: 1.

Camões "terms it [the great hereafter] 'the Lethean dungeon,' and 'the somber shades avernal.'"

187. "Lord John Russell," *Aberdeen Daily News* (South Dakota) (Dec. 21, 1889), 4: 2; *Evening News* (San José, California) (Jan. 14, 1890), 2.

Russell "had read his Camoens in Portugal."

188. "The Squadron at Lisbon," *The Philadelphia Inquirer* (Jan. 10, 1890), 122: 6.

The Americans "placed an exquisite wreath of flowers on the tomb of Camoens."

189 "Portuguese Excitement," *Aberdeen Daily News* (South Dakota) (Jan. 15, 1890), 4: 1.

Over their treatment by the English over African interests, the Portuguese "veiled the statues of the old Portuguese navigators around the Camoens monument as a sign of national mourning."

190. "Across the Channel," *Duluth Daily Tribune* (Minnesota) (Jan. 15, 1890), 20: 1; "Britain's Blunder," *Topeka Weekly Capital* (Kansas) (Jan. 16, 1890), 12: 1.

Over their treatment by the English over African interests, the Portuguese "veiled the statues of the old Portuguese navigators around the Camoens monument as a sign of national mourning."

191. Emilio Castelar, "Politics in Portugal," *Sunday Inter Ocean* (Chicago) (Jan. 25, 1891), p. 26.

Refers to "the lays of the great Cameons [*sic*] to the martyr, Ines de Castro."

192. Hugh Farrar McDermott, ""The Good Gray Poet: Walt Whitman and How he happened to Choose His Career,"*Bismarck Daily Tribune* (North Dakota) (Feb. 16, 1890), p. 4.

Refers to "Cameons [*sic*]," who "died — like other men of genius — of starvation."

193. "Personal," *The Macon Telegraph* (Georgia) (Aug. 10, 1891), p. 4.

Brief account of Camões's life.

194. "New Publications: *The Story of Portugal*," *The Philadelphia Inquirer* (Aug. 10, 1891), 125: 8.

"In letters the Portuguese, under the leadership of the great poet, Camoens, attained" a "prominence" equal to that of Spain.

195. "Caravels in Port," (Chicao) *Daily Inter Ocean* (July 8, 1893), 1.

"The greatest of the world's sea-poets, the sailor-bard Camoens, belonged to Portugal.

196. "Society," *Knoxville Journal* (Dec. 3, 1893), p. 10.

The subject under discussion at the next weekly meeting of the "Ossoli Society" is Portugal, including "Portugal's Poet — Cameons [*sic*]."

197. "Portuguese in New York City," *The Charlotte News* (North Carolina) (Jan. 5, 1894), 10: 3.

Refers to "the lands of Camoens."

198. "By an Ex-Editor," *The Philadelphia Inquirer* (Oct. 30, 1894), 131: 4.

"Ex-Boss Crocker figures as another Adamastor."

199. Franklin Lewis, "Poetic Miseries," *The Philadelphia Inquirer* (June 2, 1895), 132: 28.

An original poem with a quatrain on the miseries of Camões and Cervantes.

200. "Spain's Intellectual Poverty," *The Philadelphia Inquirer* (June 8, 1898), 138: 8.

Refers to *Os Lusíadas*.

201. Randolph Keim, "Birthplace of American Diplomacy: From Macao to Manila," *The Philadelphia Inquirer* (July 3, 1898), 139: 27.

Refers to Camões's grotto in Macau.

202. "News and Gossip of Social Circles," *The Sunday Herald* (Columbus, Georgia) (Mar. 26, 1899), 8: 5.

At the Students' Club there was presented "a most delightful sketch of The Lusiad, the Epic of Portugal."

203. "News and Gossip of Social Circles," *The Sunday Herald* (Columbus, Georgia) (Nov. 5, 1899), 9: 5.

The subject of the Federated Club's year's study was India, including a reading from Camões's epic.

204. "Kodak Views of Social Life," *The Columbus Enquirer-Sun* (Georgia) (Apr. 22, 1900), 41: 10.

Quotes from a translation of a poem, beginning "Here the splendid treasures of the mine."

205. Carrie E. Dorr, "Speaking the Public Mind: Concerning a Poem by Kermit Roosevelt," *Kansas City Star* (May 6, 1921), p. 23.

Refers to "Kermit Roosevelt's fine poem, 'To Cameons [*sic*] in Mesopotamia.'"

206. "Queries," *New York Times* (June 16, 1906), p. BR402.

Refers to E. B. Browning's poem "Caterina to Cameons [*sic*]."

ESTUDOS

O INÍCIO DO COMÉRCIO NA CHINA DA EAST INDIA COMPANY E AS RELAÇÕES ANGLO-SINO-PORTUGUESAS EM MACAU NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XVIII

Rogério Miguel Puga
Universidade de Macau
CETAPS

Após a viagem do *Macclesfield* (1699-1700), a chegada dos ingleses à China, bem como o seu estabelecimento e a sua presença permanentes nesse país no âmbito do China Trade, tem lugar também através de Macau, como já afirmámos em estudos anteriores (Puga, 2005a, b, c) e veremos ao longo deste no que diz respeito à primeira metade do século XVIII. Deter-nos-emos sobretudo nos interesses e nas relações dos sobrecargas recém-chegados, do Senado e governador de Macau, e das autoridades mandarínicas nesse novo contexto no delta do rio das Pérolas, que decerto desagrada aos mercadores residentes da urbe. Do ponto de vista chinês, o enclave servirá como centro de controlo dos mercadores estrangeiros, assim estrategicamente mantidos afastados da China 'profunda' pelo mandarinato. Devido ao rápido desenvolvimento do comércio inglês, o poder comercial dos ingleses rapidamente ultrapassa o dos portugueses, que, por sua vez, administram a Cidade do Santo Nome de Deus, e esta soberania administrativa e o poder dos lusos em Macau, onde os ingleses são forçados a permanecer entre as *trading seasons* de Cantão, dão lugar a vários conflitos e medições de força anglo-portugueses no Extremo Oriente, que se intensificam na segunda metade do século XVIII e apenas são resolvidos com a fundação de Hong Kong, após a Guerra do Ópio.

1. O inicio da presenca permanente inglesa em Macau, e o enclave como centro chinês de controlo dos estrangeiros

A partir de 1700 a East India Company (E. I. C.), que em 1709 passa a chamar-se United Company of Merchants of England Trading to the East Indies como resultado da fusão entre a 'antiga' e a New East India Company, começa a enviar anualmente vários barcos a Cantão (G/12/6 (1699-1700), fls. 821-877), e, de acordo com Hosea Ballou Morse, a E. I. C. envia em Novembro de 1700 cinco barcos à China, entre os quais o *Seaford* e o *Rising Sun*, para Cantão, afirmando o autor que, logo desde 1700, a Companhia enfrenta os obstáculos que se prolongam ao longo dos duzentos anos da sua presença na China: a dificuldade de vender produtos ingleses e de conseguir a prata exigida como pagamento pelos chineses (Morse, 1826, 1: 112-113). Tentando fortalecer a sua presença na China, a Companhia das Índias inglesa nomeia, ainda em Novembro de 1699, Allen Catchpole presidente do Conselho dos Negócios na China, cargo que acumula com o de cônsul-geral inglês (British Library, Oriental and India Office Reords: G/12/6, fls. 785-804), e, na impossibilidade de fundar uma feitoria, esse Conselho deveria procurar outras formas de estabelecer relações comerciais com o Império do Meio (G/12/6, fls. 793-921, G/12/14, G/12/16, G/12/17, G/12/16, fls. 267-277) e obter um mercado para os têxteis e chumbo ingleses, nomeadamente no Norte da China. Catchpole parte assim no *Eaton*, carregado com pimenta no recém-fundado entreposto inglês do Bornéu, vindo a encontrar-se com o *Macclesfield*, que regressava da China, na ilha de Sanchoão em Outubro de 1700, onde ambos os barcos são detidos pelo hopu, até que em Dezembro o diplomata se dirige para Macau, de forma a tratar de negócios relativos a embarcações enviadas do Bornéu, e depois para Cantão, onde permanece temporariamente. No entanto, o comércio e os interesses pessoais originam conflitos entre os sobrecargas e o mandarinato, anulando quaisquer resultados positivos que resultassem da viagem, até que, em Fevereiro de 1702, Catchpole e os membros do Conselho de Chusan são demitidos dos seus cargos (G/12/6, fls. 845-851).

Devido às monções e exigências das autoridades mandarínicas, as embarcações inglesas devem chegar ao Sul da China entre o final de Junho e meados de Setembro e partir antes do início de Fevereiro (período da chamada *trading season*). Por questões de segurança interna, os estrangeiros não podem aprender chinês nem permanecer em Cantão além do período de trato, e os

chineses, embora o façam ilegalmente, não estão autorizados a abandonar a China. Macau, para além de porta de entrada europeia no Império do Meio, é, desde cedo, uma plataforma de encontro entre tripulações inglesas de várias embarcações, destino de correspondência da E. I. C. (G/12/32, fl. 16), inclusive através de barcos portugueses (British Library, Oriental and India Office Collection, R/10/5, fls. 1, 16-19, 52, R/10/6, fl. 119, R/10/11, parte 2, fls. 37-38), bem como local de:

— reabastecimento (G/12/78, fl. 29), reparação [G/12/82 (1785-1786), fl. 21; Ping e Zhiliang (eds.), 2000, 1, docs. 228-229], e protecção de embarcações inglesas, em caso de tempestade (R/10/13, fls. 201-202, G/12/6, fl. 821, Hamilton, 1930, 2: 118),
— espera e recolha de informações sobre a situação em Cantão (G/12/27, fl. 7, G/12/28, fls. 7, 53, G/12/29, fls. 17-18, G/12/90, fl. 7), enquanto o comprador prepara a chegada dos sobrecargas nessa cidade (G/12/98, fl. 13),
— encontro inicial com o hopu e de assinatura de contratos comerciais com os chineses, bem como de tradução de documentação chinesa (G/12/40, fl. 75, G/12/41, fl. 45 (1735-1737)),
— armazenamento de mercadoria (*Records of St. George: Despatches from England 1744-47*, 1931: 24),
— refúgio e espera enquanto os problemas ou crises em Cantão se resolvem (G/12/27, fl. 19, G/12/86, fl. 10),
— destino de informações vinda de Cantão para barcos ingleses recém-chegados e de origem de relatos da chegadas de barcos europeus (G/12/25, fl. 3, G/12/27, fls. 30 e 57, G/12/29, fl. 73, G/12/44, fl. 58, G/12/50, fl. 4),[1]
— comunicação com as presidências inglesas na Índia (G/12/46, fl. 18), e, posteriormente, espaço de habitação, convalescença e descanso (G/12/33, fl. 51, G/12/58, fl. 9, G/12/59, fl. 90, G/12/89, fl. 85, G/12/105, fls. 73, 79, G/12/112, fl. 18), — aprendizagem da língua chinesa, de compra de escravos aos portugueses (G/12/76 (1782-1783), fl. 91), de prisão para ingleses no Sul da China (G/12/19, fl. 187, G/12/66, fl. 17), e ainda de recolha e envio de flora local para a Índia e a Inglaterra (G/12/112, fls. 19-20).

[1] A frase "arrived at Macao and went ashore for advices/intelligence" é recorrente na documentação da E. I. C.

O enclave torna-se um espaço estratégico utilizado pelas autoridades mandarínicas para controlar os estrangeiros como se pode verificar durante as diversas crises de ópio (1815, 1820, 1839) e o incidente do *Lady Hughes* (1704) na cidade, como veremos. A partir de 1710, todos os barcos da Companhia, bem como os *country ships*, dirigem-se para Cantão via Macau, de forma a trazer para a Índia e Inglaterra, entre outras mercadorias, seda, porcelana e chá,[2] cada vez mais apreciado na metrópole.

Embora Macau seja inicialmente o primeiro porto ocidental na China e sobretudo um local de estada breve, enquanto as tripulações recebem informação e permissão do hopu para subirem o rio das Pérolas, os pedidos de sobrecargas para aí permanecerem aumenta gradualmente, como indica a correspondência trocada entre o Senado e os sucessivos governadores. Os vereadores, grandes comerciantes da cidade, tentam evitar o estabelecimento de concorrentes no enclave, vendo-se os sucessivos governadores forçados a justificar as autorizações de entrada e permanência de mercadores estrangeiros. Esta tensão entre o governador e o Senado arrasta-se ao longo do século XVIII, e em 1773 o vice-rei da Índia e o Senado ordenam ao governador que expulse da cidade todos os estrangeiros estabelecidos em casas arrendadas, pelas quais pagam elevadas somas de dinheiro (A. H. U., *Macau*, cx. 8, doc. 31). Numa carta dirigida ao Senado, o governador lista os residentes europeus e afirma que apenas as Companhias europeias arrendam, a preços elevados, casas na urbe desde 1758 por períodos de três a dez anos (R/10/13, fls. 154-155), adiantando que, se os europeus aí permanecem ilegalmente, também o Senado terá a sua culpa por nunca ter tomado qualquer medida (*A. M.*, 3ª série, vol. 16, n. 3, 1971: 135; 4ª série, vol. 8, tomo 1, 1988 (1989): 101, A. H. U., *Macau*, cx. 7, doc. 32). Com efeito, aceitar ou expulsar estrangeiros da cidade é responsabilidade conjunta do governador e do Senado, no entanto, e como afirma António M. Martins do Vale (1997: 38), não se encontram definidas as demarcações entre as atribuições de ambos no que diz respeito a essa questão, dando origem a mútuas acusações de ingerência.

Dois meses após a assinatura da aliança anglo-portuguesa "ofensiva e defensiva na Ásia" [Biker (ed.), 1881, 3: 242-244], em Outubro de 1721 chega a Macau um barco de corsários ingleses com o objectivo de atacar embarcações espanholas, e apresenta ao capitão-geral António da Silva Telo e Meneses uma patente do

---

[2] Para uma síntese do início do comércio inglês (de chá), vejam-se: Pritchard (1929: 70-74), Greenberg (1951: 1-17), e Parry (2000: 83).

rei inglês pedindo a todos os portos amigos da Inglaterra que auxiliem a embarcação, que o capitão pretende reparar ou vender para regressar à Europa nos barcos da E. I. C. O governador avisa o Senado que será aconselhável conceder essa licença à tripulação para evitar que esta ataque barcos oriundos de Manila,[3] e justifica a sua decisão (*A. M.*, 3ª série, vol. 6, n. 1, 1966: 41, 44) face ao pedido anterior do Senado para que prendesse os ingleses que tomam frequentemente barcos nas imediações de Macau.

Desde a chegada dos ingleses a Macau no século XVII surgem conflitos entre portugueses e chineses devido a barcos que pretendem atracar nesse porto, precavendo-se o Senado, não sem interesses de fundo comercial, para que tal não aconteça, ou seja, se o capitão-geral utiliza argumentos de ordem diplomática e de segurança externa do território, os comerciantes do Senado recorrem ao equilíbrio das relações com a China para tentar manter afastados os rivais europeus (*A. M.*, 3ª série, vol. 6, n. 3, 1966: 120), daí que em Março de 1758 o governador escreva ao Senado para explicar que autorizara a presença de um intérprete inglês na cidade para evitar que este corra riscos em Cantão, e ainda "por [este] se vir valler da bandeira dEl Rei de Portugal, o qual n[o] terrivel Terramoto, recebeo, tantos beneficios e offerecimentos do Monarcha [inglês], que (...) fará prezente ao nosso, de que os seus vassalos, sam maltratados nos Dominios de quem he elle tanto amigo" (*A. M.*, 3ª série, vol. 7, n. 4, 1967: 177).

O Senado responde e refere os prejuízos comerciais que a cidade e os mercadores de Cantão podem sofrer se o dito intérprete se dirigir posteriormente para Ningbo (*A. M.*, 3ª série, vol. 7, n. 4, 1967: 177). A autorização de entrada e residência de estrangeiros em Macau é assim um dos motivos da "relação em permanente tensão" (Vale: 35-47) entre governador e vereadores no século XVIII, se bem que os senadores também desrespeitam sucessivamente a proibição régia de permanência duradoura de estrangeiros no enclave devido aos elevados lucros provenientes do arrendamento de casas (*A. M.*, 1ª série, vol. 1, n. 7, 1929: 397-400; 3ª série, vol. 8, 1967: 28, vol. 17, n. 1, 1972: 30), pois, como afirma o sobrecarga holandês Andreas Everardus Van Braam Houckgeest, a principal fonte de receitas dos moradores é a renda de casas e o fornecimento de concubinas a estrangeiros (Boxer, 1990: 270). No entanto, no início da década de trinta do século XVIII o consulado inglês em Lisboa queixa-se ao Secretário de

---

[3] Prática que se estende ao longo de todo o século XVIII; veja-se A. H. U., *Macau*, cx. 14, doc. 16.

Estado dos Negócios Estrangeiros de que as autoridades de Macau proíbem a residência de estrangeiros na cidade, especialmente no que diz respeito aos ingleses (A. H. U., *Macau*, cx. 62, docs. 27 e anexos, e 35; cx. 63, doc. 5 e anexos; cx. 64, doc. 12), medida que é obviamente temporária. Os complexos interesses da cidade definem a relação entre a oligarquia local e os residentes europeus, e os sucessivos governadores desenvolvem políticas diferentes. Por exemplo, em 1759 Diogo Pereira confessa ao Senado que não permite a entrada no território de uma embarcação estrangeira expulsa pelos chineses de Cantão, pois a presença inglesa na cidade "sempre [lhe] foi odioza" (*A. M.*, 3ª série, vol. 7, n. 5, 1967: 248-249), sendo que alguns barcos ingleses, como o *Prince Augustus* em 1727, atracam na Taipa Quebrada,[4] de onde enviam os seus sobrecargas para Cantão. De acordo com Pritchard (2000: 115) e Van Dyke (2005: 5-33, 95-115, 137-176), na primeira metade do século XVIII observam-se desenvolvimentos importantes nas relações anglo-chinesas, nomeadamente: a concentração de todo o comércio em Cantão, o aumento do trato do chá, o desenvolvimento e a regulamentação de instituições, práticas comerciais, e estada de mercadores ingleses envolvidos no China Trade, e o aumento da hostilidade e exploração financeira dos mercadores chineses para com os estrangeiros. A estes factores adicionamos o facto de a presença inglesa se tornar constante e significativa para a economia e vida cultural de Macau sobretudo até à fundação de Hong Kong.

Após a feira anual de Cantão os sobrecargas descem a Macau, onde permanecem durante o Verão em relativo descanso, podendo assim preparar os contratos do ano seguinte e zelar pelos interesses da E. I. C. sem ter que regressar à Europa. A estada prolongada de mercadores na cidade dá origem à produção de descrições cada vez mais informadas sobre a mesma, permitindo à Companhia familiarizar-se quer com a políticas das autoridades portuguesas e chinesas quer com o comércio e os interesses das restantes nações europeias na China, e delinear a sua estratégia comercial de forma mais informada e eficaz.

Em 1703, Alexander Hamilton comanda um *country ship* que se dirige para Amoy, quando é atingido por um tufão ao largo de Macau, sendo obrigado a atracar na Taipa. O hopu de Cantão visita a embarcação juntamente com negociantes que compram

[4] Ancoradouro na ilha da Taipa, que à data era formada por duas ilhotas, a Taipa Grande ou Taipa Quebrada e a Taipa Pequena, separadas inicialmente por uma língua de mar, tendo sido unidas através de assoreamentos naturais e aterros.

mercadorias, recusando os portugueses o regresso da tripulação a Macau a não ser que lhes sejam entregues os 10. 000 taéis de prata por ela transportados anteriormente de Cantão. Hamilton decide armar os tripulantes que se encontram em Cantão para forçar a sua entrada em Macau, onde poderia finalizar o negócio com os chineses. Dois ingleses dirigem-se para o enclave com o objectivo de completar as formalidades do contrato comercial, descobrindo que faltam na mercadoria adquirida aos chineses em Cantão oitenta cestos de cobre japonês, entre outros produtos, pelo que a tripulação toma mais tarde um junco carregado de mercadoria como compensação. Como se tornará habitual nos relatos de viagem ingleses, Hamilton descreve a posição geográfica de Macau, os portos, a paisagem humanizada, os filhos bastardos, os religiosos e as defesas físicas e militares enfraquecidas, pelo que o enclave já não é a fortaleza que fora na sua época áurea, da qual restam apenas as majestosas igrejas e outros edifícios de prestígio.[5] O episódio que envolve Hamilton exemplifica os conflitos que pautam os negócios e as relações anglo-sínicas no circuito Cantão-Macau, sendo a informação recolhida *in loco* essencial para a E. I. C., pelo que em 1704 Charles Lockyer chega a Macau a bordo do *Streatham*, permanece em Cantão e publica, sete anos mais tarde, um conjunto de sugestões para futuros comerciantes que se envolvam no comércio com a China, *An Account of the Trade in India* (1711). A quantidade de chá importada pela E. I. C. para Inglaterra aumenta gradualmente, pois os mercadores chineses tentam a todo o custo controlar os ingleses nos diversos portos por eles frequentados e vender-lhes essa mercadoria, a par da seda e da porcelana. Na *Dedication* a John, *Earl* Powlet, o autor afirma que redige as suas observações sobre diversas partes da 'Índia' para entretenimento dos curiosos e informação dos que queiram desenvolver negócio em Cantão, ensinando-os como reagir aos costumes e imposições chineses (Lockyer: 97-188), a como bajular e iludir estrategicamente a administração portuguesa em Macau:

> Hoppos have always officers at Macao, who will conduct you by Water to the city, in about 24 hours time. But it would not be amiss on your going ashore, to visit the *Portuguese* Governor, and other Gentlemen of that Nation, who will

[5] Hamilton: 116-125. Em 1702, a E. I. C. envia mais dois barcos a Cantão, o *Fleet* que atraca em Macau em Agosto, juntamente com o *Halifax*, cujas tripulações se deslocam imediatamente para Cantão e discutem preços de mercadorias com os chineses (G/12/6, fls. 875-880, G/12/7, fls. 1093-1094, G/12/16, fl. 41).

> receive you kindly, give you the News, and perswade you to go no further up. Hear every one's story and let them think you intend to lie there, unless you are forced to *Amoy* by the *Hoppos* unreasonable Demands for measurage, which by means of their Spies will soon come to their knowledge, and make well for that affair. (Lockyer, 1711: 100)

Cinco anos após a viagem do *Macclesfield*, a chegada de Lockyer à cidade constitui um outro sucesso comercial inglês no Sul da China, transportando o *Streatham* um dos primeiros carregamentos de ópio da Índia que acaba por ser vendido em Cantão (Morse, 1: 136). No âmbito do China Trade, Macau serve ainda de local estratégico para a espera antes da subida do rio das Pérolas, como acontece, por exemplo, em 1703, quando os sobrecargas das embarcações da United East India Company, *Kent*, *Eaton* e *Loyal Cook*, que actuam conjuntamente, permanecem na Taipa e no enclave, contratam um intérprete, visitam o hopu de Macau e avaliam a nova política comercial do recém-nomeado "Mercador do Imperador", que comprara o monopólio para negociar com os estrangeiros [G/12/7, fls. 1015-1016, 1022 (diário do *Kent*: fls. 1020-1061)]. Os sobrecargas concluem que se devem deslocar para Cantão o mais rápido possível ao invés de permanecerem em Macau (G/12/6 (1615-1703), fls. 868-869),[6] onde os portugueses, ao contrário do que afirmam, não lhes podem oferecer segurança relativamente aos chineses, pois eles próprios "are hardly masters of the place" (G/12/8, fl. 1415).

Em 1715 os ingleses, conquistando cada vez mais independência e poder comercial e reivindicativo face à administração portuguesa de Macau, são autorizados a construir uma feitoria nos subúrbios de Cantão, junto ao rio,[7] reunem-se duas vezes por semana em *consultation*, e acabam por exigir liberdade para negociar (G/12/11, fls. 51-53), sob ameaça de transferirem o seu comércio para Amoy. A fundação da feitoria inicia o chamado

---

[6] De acordo com o «Abstract Letter Diary» do comandante Burges e de John Hillar, sobrecarga-chefe da fragata da frota inglesa, as embarcações chegam a Macau em 26 de Agosto de 1702. Após alguns dias no enclave, e com o objectivo de comprar seda, a tripulação decide ir para Cantão em Setembro, e após três dias já tem do seu lado os comerciantes chineses mais importantes. Também a embaixada francesa que o jesuíta Bouvet leva à China em 1698 não se demora em Macau, dirigindo-se para Cantão, como informa o pintor italiano que participa na mesma, Gio Ghirardini (1700: 68).

[7] Morse (1910, 1: 51-53, 64). Em Junho de 1727, e segundo a tripulação do *Prince Augustus*, o antigo hong ou armazém Ton Hunqua é já conhecido de forma generalizada como "English factory" (G/12/26, fl. 4).

'sistema de Cantão' do China Trade, a que os ingleses se opõem ao lutar contra as exigências do mandarinato e mercadores de Cantão e a resistir ao poder e controlo das autoridades portuguesas em Macau. Em 1716 os sobrecargas das embarcações *Marlborough*, *Susanna*, e *Stringer* esperam no enclave até saberem se serão bem recebidos em Cantão,[8] inteirando-se da situação e dos acontecimentos recentes nessa cidade, ou seja, como já afirmámos, Macau funciona como centro de recolha de informação relativa quer aos negócios com chineses (G/12/26, fl. 1, G/12/8, fl. 1402) quer ao 'interior' da China e a outros portos do Sudeste asiático como Amoy, Ningbo e Tin-hai. Aproveitando a monção, os barcos ingleses chegam à Cidade do Santo Nome de Deus no final do Verão, contratam um guia ou piloto (G/12/24, fl. 39, G/12/92, fls. 452, 458, G/12/96, fl. 43, Mortimer, 1791: 70, *A. M.*, 3ª série, vol. 7, n. 5, 1967: 249, Van Dyke: 19, 35-47) e aí permanecem até serem medidos[9] e conseguirem os habituais privilégios, dirigindo-se posteriormente para Whampoa e Cantão. O mestre do *Marlborough*, após atracar na Taipa, troca correspondência com as autoridades portuguesas e com os mercadores chineses que lhe pedem que suba até à Boca do Tigre para se encontrarem, sendo este ameaçado pelos portugueses de que, se o fizer, as repercussões se sentirão no trato inglês. Em Cantão, Fenwick contacta os mercadores Limqua e Anqua, e o hopu, que autorizam o seu barco a atracar no porto da cidade, pois não vem de Madrasta e não comercializa com Amoy. O recém-chegado *Susanna* acompanha o *Marlborough*, seguindo para Whampoa em Julho de 1716, tal como o *Stringer* em Agosto, cujos sobrecargas devem, de acordo com as instruções de Londres, arrendar uma residência comum e abordar os portugueses e chineses conjuntamente, desconfiando das inten-

---

[8] Também em 1717-1718, o *Carnarvon* permanece em Macau para saber se pode subir até Cantão (G/12/8, fl. 1349). O diário da embarcação (fls. 1349-1352) enumera os nove artigos que os ingleses insistem em ver satisfeitos perante os chineses, e que passamos a resumir: 1) comércio livre com qualquer chinês, 2) liberdade para empregar nativos, não sendo os desordeiros ingleses julgados pelos mandarins, mas sim pela Companhia, 3) liberdade para adquirir mantimentos para a feitoria e para os barcos, 4) o não pagamento de taxas alfandegárias relativamente a bens transportados mas não vendidos ou consumidos na feitoria, 5) liberdade para acampar em terra e restaurar barcos, 6, 7) e para os sobrecargas e a sua bagagem passarem nas alfândegas sem serem revistados, 8, 9) o hopu deverá proteger os ingleses da violência popular e das crescentes exigências do mandarinato, bem como demonstrar mais rigor na medição dos barcos.

[9] Em 1792 o hopu exige a um barco inglês ancorado ao largo das ilhas próximas de Macau, que entre no rio das Pérolas para ser medido, caso contrário terá que continuar viagem [R/10/20, fl. 171; veja-se Ping e Zhiliang (eds.), 2, docs. 183, 184].

ções de Macau, "to whom they did not give entire credit", considerando perdido o tempo que passaram ao largo do enclave (G/12/8, fls. 1336-1339). Os barcos ingleses passam a ser medidos também em Whampoa ainda na primeira metade do século XVIII (G/12/8, fl. 1429). A importância da presença inglesa no delta do rio das Pérolas vai assim crescendo gradualmente em detrimento dos intereses comerciais portugueses, uma vez que os mercadores e as autoridades de Cantão se apercebem dos elevados lucros que acumulam com as visitas cada vez mais numerosas de barcos europeus ao seu porto. Os ingleses concluem que podem prescindir progressivamente dos serviços linguísticos e do *know-how/why* dos portugueses, há muito estabelecidos no Sul da China, pois os missionários franceses servem de intérpretes e apoiam os negocios da E. I. C. Por exemplo, Em 1793 o padre Jean Baptiste Grammont (1736-1812?) aconselha o embaixador *Lord* Macartney sobre o o protocolo e as expectativas do imperador em relação aos presentes a receber. Quando da embaixada, Grammont, que vivera em Cantão entre 1785 e 1791, período durante o qual presta serviço aos mercadores e diplomatas ingleses, escreve ao embaixador e avisa-o de que o padre português e intérprete da embaixada, José Bernardes de Almeida (1728-1805), tudo faria para prejudicar os interesses da Inglaterra na China, oferecendo-se para ingressar a embaixada e controlar a acção do missionário português, pedido este que é ignorado (G/12/92, fls. 201-208, Peyrefitte, 1995: 149-150).

Em 1716 tem lugar a primeira 'convenção' formal entre os ingleses e o hopu, garantindo-lhes este último liberdade para se lhe dirigirem sempre que necessário, desenvolver comércio de forma mais livre e escolher empregados chieses (Morse, 1926, 1: 155-156). Em 1718 são fretados em Macau sete barcos para transportar chá da China para Batávia, e em 1730 seis, Em 1780 os ingleses compram pequenas embarcações para transportar ópio e sobrecargas para Cantão (Morse, 1926, 1: 158, 197, vol. 2: 51; R/10/10, fl. 138), negócios que agradam aos armadores e comerciantes portugueses que vêem, assim, surgir na cidade uma nova fonte de rendimentos, através das necessidades e despesas de quase todas as tripulações inglesas que aí passam antes de entrarem no rio das Pérolas rumo a Cantão.

Relativamente ao papel de Macau como centro de controlo chinês dos 'bárbaros' europeus, em 1719 o imperador Kangxi (1662-1722) propõe aos portugueses que o giro estrangeiro seja centralizado em Macau, onde os comerciantes estrangeiros passariam a residir, evitando assim regressar à Europa. A cidade,

empobrecida desde a supressão do comércio com o Japão, encara o édito imperal como permissão da entrada de rivais europeus numa área onde os portugueses detêm o monopólio, e o Senado, apesar dos lucros que retiraria da estada de estrangeiros, recusa a proposta, tal como voltaria a fazer de novo em 1733. Em 1720 o vice-rei da Índia censura o Senado por ter recusado a proposta imperial do fundeadouro na Taipa, pois dessa forma Macau teria passado a absorver uma parte da enorme quantia de dinheiro que os ingleses deixam em Cantão anualmente e a controlar, mais de perto, o comércio destes. O Senado responde que apenas tentara evitar um maior controlo da fiscalização chinesa no território (*A. M.*, 3ª série, vol. 9, n. 3, 1968: 121, França, 1888: 104, e Gomes, 1957: 216). O lucro viria da totalidade dos direitos de importação que o imperador ofereceria à cidade, bem como do arrendamento de residências e nomes de casas comerciais portuguesas, estratégia essa que permite aos ingleses levar a cabo o seu comércio no enclave, pois as leis chinesa e portuguesa proibem qualquer estrangeiro de adquirir bens imobiliários ou de abrir casas comerciais em Macau, levando a que os portugueses arrendem ou vendam os nomes dos seus estabelecimentos a ingleses. Entretanto, a administração portuguesa conclui que o controlo e o afastamento dos estrangeiros dos chineses da China 'profunda' por parte da dinastia Qing afectam os negócios e o quotidiano de Macau, pois em 1723 o imperador expulsa os missionários da China para o enclave, e em 1725[10] limita a frota marítima de Macau a um número máximo de vinte e cinco embarcações (Vale, 2001: 182-183).

Em 1720, após a formação do Conselho rotativo e sazonal da E. I. C. na China, é instituída em Cantão uma 'guilda' chinesa, o co-hong (G/12/11, fls. 57-58),[11] ao qual os sobrecargas se opõem

---

[10] A documentação da E. I. C. descreve pontualmente episódios das relações luso-chinesas, e em 1785 os sobrecargas informam Londres de que um chinês que escondera missionários católicos na China foge para um convento de Macau, exigindo o mandarinato à cidade a entrega do mesmo, mas Macau recusa-se a entregá-lo, pagando os mercadores hong uma elevada multa ao mandarinato (G/12/79, parte 2, fl. 174).

[11] Hong designa, em cantonense, os armazéns dos grandes comerciantes chineses, daí os termos co-hong ou mercador hong, pelos quais os membros do grupo de mercadores que quase monopoliza o comércio com os estrangeiros são conhecidos. Cheong (1997: 12-13) reinterpreta as conclusões de Morse, Cordier e Pritchard, e defende que a formação do grupo de mercadores no início do século XVIII é a resposta oficial à expansão do comércio estrangeiro em Cantão, substituindo o contacto dos ocidentais com oficiais administrativos, como o vice-rei dessa cidade. O estudo do Cheong aborda a actividade dos hongs no âmbito do desenvolvimento do comércio no Sul da China, nomeadamente o dos juncos chineses, do *country trade* e das Companhias europeias, apresentando as três fases da evolução quer da 'corporação' quer do China Trade em geral, entre 1684 e 1842.

desde logo, e que é constituído pelos mercadores hong[12] para controlar o comércio estrangeiro, definindo os seus treze regulamentos os deveres e direitos dos mercadores chineses e ocidentais (Morse, 1910, 1: 5-6, 69-70, Collis, 1956: 14-15). O co-hong, surgindo como instrumento regulativo, é reponsável pela cobrança de impostos, por manter a distância entre estrangeiros e nativos e regulamentar os preços e as transacções comerciais, passando, desde a quarta década do século XVIII, a ser também um meio de controlo para fazer cumprir as ordens do imperador, alterando o seu *modus operandi* para reagir aos movimentos e às exigências dos estrangeiros e manter o *status quo* exigido pela tradição chinesa. Perante todas estas transformações, a E. I. C. nomeia em 1722 um Conselho permanente em Cantão encabeçado por James Naish (G/12/21, fls B-29, G/12/30-31, G/12/32), com o objectivo de exigir do mandarinato e dos mercadores locais condições cada vez mais favoráveis para o seu comércio regular. Começa então a desenvolver-se o mecanismo de gestão da E. I. C. na China que permanece relativamente inalterável até ao fim do seu monopólio comercial em 1833.

Desde a intensificação da presença inglesa a partir de 1700, Macau e Cantão sofrem um maior controlo por parte das autoridades mandarínicas, pois o enclave luso-chinês, para além de ser um porto, é habitado por estrangeiros que podem albergar missionários e rebeldes nativos que desejem derrubar o império Manchu, daí que em Maio de 1723, quando da chegada do *Walpole* a Macau, a tripulação seja informada pelos mercadores chineses de que não está autorizada a subir para Cantão por transportar armas de fogo a bordo (G/12/8, fl. 1402). O governador português oferece-se para proteger o barco face aos chineses, mas os ingleses concluem que "so far from being able to afford protection against the Chinese, they themselves are hardly masters of the place, and the ships would be as safe in Canton River as here" (G/12/8, fl. 1415, doc. repetido em G/12/21, fl. 38). Os sobrecargas dirigem-se para Cantão, onde arrendam residência e referem episódios da política de Macau que obviamente influenciam a presença inglesa na China: "Received [July, 4, 1723] advice from a Macao of the arrival of a Portuguese ship of 250 Tons from Goa, with orders to reinstate the old Governor turned out last

[12] Cada um dos hongs negocia por conta própria, mas o grupo é responsável por todas as questões relacionadas com a estada e segurança dos estrangeiros e dos seus barcos no país, daí que sejam também conhecidos como *security merchants* (White, 1967; Anthony, 1990).

year" (G/12/8, fl. 1421).[13] Em 1732 o governador António do Amaral e Meneses, tendo conhecimento da futura visita do vice-rei de Cantão para decidir acerca da pretensão de centralizar o comércio estrangeiro no enclave, escreve aos bispos de Pequim, Nanquim, e Macau e questiona-os sobre a admissão de barcos estrangeiros no enclave e na Taipa. Os três prelados respondem negativamente, justificando-se com a incapacidade de a cidade se defender militarmente dessa presença, com a necessidade de querer evitar um maior controlo chinês no território e com os maus costumes dos europeus (*A. M.*, 1ª série, vol. 1, n. 5, 1929: 253-269; vol. 6, 1966: 308-317). De acordo com o bispo de Macau João Casal, os estrangeiros, ao encontrarem-se na cidade, mais facilmente a poderiam tomar. Mais tarde, em 1776, um outro bispo, Alexandre da Silva Pedrosa Guimarães, afirma que os estrangeiros, especialmente os arménios e os ingleses, estão a arruinar o comércio do território, realidade atestada pelo Senado que se aconselha junto do prelado sobre a possibilidade de pedir a Goa que expulse os estrangeiros do enclave para salvar o seu comércio e a sua moral, ao que este último responde que o imperador autorizara os 'bárbaros' a permanecer no estabelecimento há já dez anos. O anexo à missiva do bispo informa que em 1776 arrendam casas em Macau dez ingleses, todos eles sobrecargas, à excepção de dois comerciantes particulares, e distribuídos pelas freguesias da Sé, de São Lourenço e de Santo António (A. H. U., *Macau*, cx. 8, doc. 6).

Em 1733 o imperador, com o objectivo de continuar a recolher os lucros do trato com os bárbaros, mas tentando mantê-los o mais longe possível da China profunda, repete, perante Macau, a sugestão do seu antecessor, segundo a qual o comércio estrangeiro deveria passar a fazer-se através da cidade, proposta também recusada pelo bispo, que deseja ver os protestantes, muitos deles solteiros, o mais longe possível por corromperem a moral do enclave. Essa posição é apoiada pelo vice-rei da Índia, Pedro Mascarenhas, conde de Sandomil. De acordo com fontes inglesas, nesse ano o comércio do território continua enfraquecido, encontrando-se aí apenas nove barcos portugueses que levam a cabo uma reduzida actividade comercial com a Índia e o arquipélago malaio (Morse, 1926, 1: 218). Em carta ao Senado, o vice-rei da

[13] Referência ao caso do governador Cristóvão de Severim Melo, considerado tirano e injusto pelo Senado, sendo destituído e rendido pelo seu antecessor, António da Silva Telo e Meneses, o "velho governador" mencionado pela fonte inglesa, que toma posse em Julho de 1723.

Índia lista alguns dos "danos" que poderão ser causados se este comércio se vier a centralizar em Macau:

> sendo os extrangeiros mais abundantes de cabedaes de que nos somos, naturalmente hão de chamar a si todo o commercio da China, e havendo de por os chinas alfandega em Macáo pera receber os direitos do mesmo commercio, parece, que terá nossa Alfandega concideravel a deminuição em grande prejuizo da cidade (...), e parecendo aos chinas, ou querendo dizer que do extrangeiro são todas [as fazendas] pelo lucro que lhe rezulta de receberem delles os 16 por centos facilmente perderá a cidade o previlegio que logra de pagar só a 6 por centos. (*A. M.*, 3ª série, vol. 9, n. 4, 1968: 214-215)

Os portugueses recusam-se a 'hospedar' de forma permanente os ingleses devido à perda de poder de manobra e de investimento que a chegada dos barcos estrangeiros provoca na comunidade comercial, que tenta assim evitar que a sua posição privilegiada venha a ser enfraquecida se o China Trade se passar a efectuar na cidade e consequentemente os ingleses aí passarem a residir [Múrias (ed.), 1988: 257-259; *A. M.*, 3ª série, vol. 15, n. 5, 1971: 244, 253-254; n. 6, 1971: 326-327].

2. A visita do *Centurion*, o primeiro barco de guerra inglês em Macau, e a relação dos ingleses com as autoridades portuguesas e chinesas na primeira metade do século XVIII

Em Novembro de 1742, encontrando-se apenas quatro embarcações da E. I. C. no Sul da China, chega à rada de Macau, com o intuito de se reabastecer, o primeiro barco de guerra da Marinha Real inglesa, o *H. M. Centurion* (G/12/11, fls. 82-89), sob o comando do comodoro George Anson, que partira de Southampton em 1740, no âmbito da *War of Jenkins' Ear* contra a Espanha, para desiquilibrar os interesses espanhóis na América do Sul. Anson participa naquela que é considerada a primeira guerra que a Inglaterra trava por questões coloniais, num período em que este país luta pela afirmação da sua supremacia naval e colonial, que seria plenamente conseguida ao longo do século XVIII e sobretudo após a derrota da França em 1815. Um dos tripulantes do *Centurion* descreve a chegada do barco à Taipa, bem como o poder (cada vez mais nominal) dos portugueses em Macau:

> Macao is a large handsome town situated at the entrance of the great River Canton on a narrow point of land, and has

several large forts which command the town and all the adjacent country. It belongs to the Portuguese, and is the only settlement any Europeans have on the whole coast of China, but the Chinese have lately so crept into the town and introduced their own laws and government that the power of the Portuguese is now become little more than a name. Mr. Anson on his arrival here sent one of his officers to wait on the Portuguese Governor, who soon returned the compliment, and after the little points of ceremony were settled they mutually saluted each other. [Williams (ed.), 1967: 136]

A urbe funciona como um porto familiar e seguro durante as longas viagens das embarcações europeias, e Boyle Somerville afirma, em relação à viagem de Anson: "at last, after more than two years of an incessant sea-journey, or of camping on uninhabited islands, (...) we find the small but still indomitable remnant of Anson's Expedition in friendly waters once more, and amid the amenities of civilised life. And here at last were letters from home".[14] O autor refere ainda que, de forma a entender os episódios ocorridos durante a estadia do *Centurion* na China, é necessário descrever previamente a posição geográfica e a administração conjunta de Macau, enfatizando a importância do enclave e do auxílio dos portugueses a barcos europeus que necessitem de se reabastecer ou ser reparados, como é o caso do *Centurion*. A visita da embarcação é referida nas fontes chinesas a propósito do poderio naval inglês, tal como o ardiloso e astuto Anson, as lutas com a Espanha (1743), a actuação dos ingleses como ladrões e os seus canhões, que infundem receio no Extremo Oriente desde a chegada da frota de Weddell (Lâm e Iâm, 1751: 287-288).

O capitão do barco da E. I. C. *Augusta* informa Anson dos procedimentos habituais dos estrangeiros à chegada a Macau, nomeadamente o pedido de autorização às autoridades chinesas para entrar no rio de Cantão e as taxas alfandegárias a pagar, e aconselha o comodoro a informar-se junto do governador de Macau,[15] que, temendo represálias chinesas como as que a cidade sofrera no passado ao receber embarcações inglesas, convence Anson a atracar discretamente na Taipa e a não entrar

---

[14] Somerville (1934: 194). Macau é, mais uma vez, local de descanso e de recolha de informações sobre a China quer para uso das tripulações de embarcações *in loco* quer para o público leitor inglês.

[15] No final de 1742 os sobrecargas da E. I. C. também informam Londres de que aconselharam o comodoro a tentar obter a autorização pretendida das autoridades chinesas através do Senado de Macau [Glyndwr Williams (ed.): 145].

no rio, pois caso o fizesse teria de pagar as taxas alfandegárias ao mandarinato.[16] Os portugueses servem, mais uma vez, de fonte de informação sobre a China para visitantes estrangeiros, deslocando-se Anson, no segundo dia da sua estadia, a terra para inquirir o governador sobre as possibilidades de adquirir mantimentos e reparar o barco (Walter, 1748: 470-471). Este último responde que terá de pedir autorização às autoridades mandarínicas, e o comodoro, apercebendo-se de que apenas o vice-rei de Cantão poderia autorizar o reabasteceimento e a reparação do *Centurion*,[17] aluga um pequeno junco e dirige-se para Cantão, onde, após aconselhar-se junto dos sobrecargas, tenta, em vão, falar com o mandarim através do co-hong antes de regressar à Taipa. Em Macau o comodoro entrega ao hopu uma carta traduzida para chinês dirigida ao vice-rei de Cantão e ameaça o oficial da alfândega de Macau que subiria o rio caso a missiva não fosse entregue ao destinatário, demonstrando a sua determinação em obter o auxílio que pedia às autoridades chinesas. Pouco depois, uma frota de dezoito juncos desce ao Canal da Taipa, transportando enviados do vice-rei de Cantão para se encontrarem com Anson, que intimida as autoridades chinesas e indirectamente Macau com a força do seu barco de guerra.

A permissão do vice-rei chega no início de Janeiro de 1743, residindo a tripulação em tendas nas ilhas adjacentes a Macau.[18] Em meados de Abril Anson deixa a Rada de Macau e afirma estrategicamente que se dirige para Batávia, regressando em Julho com o galeão espanhol *Nuestra Señora de Cobadonga* carregado de mercadorias, que tomara nas Filipinas, no mês anterior,[19] enquanto este fazia a viagem Acapulco-Manila. O comodoro resiste novamente às exigências dos chineses e, não desejando permanecer "[in] so remote a place as Macao",[20] dirige-se para a Boca do Tigre, onde pede mantimentos e permanece alguns meses, visitando Whampoa e Cantão até regressar a Macau e partir, após uma estada de seis meses nos mares da China, para Inglaterra, onde

---

[16] Para uma descrição da ida de Sumarez a terra, das negociações iniciais com o governador de Macau, e da atracagem na Taipa com o auxílio de um piloto português enviado pela cidade, veja-se Somerville (198-199).

[17] Em Dezembro de 1742 Anson afirma, em carta para James Naish: "the Portuguese have not the least power" [Williams (ed.): 152-153].

[18] Sobre o desagrado dos portugueses perante o apoio dos chineses a Anson, veja-se B. A., *Jesuítas na Ásia*, cód. 49-V-29, fls. 112-113.

[19] A 'nau de prata' comandada pelo português Jerónimo Monteiro transporta, de Manila para o México, uma elevada quantia de prata (Walter: 499-509, Somerville: 216-235).

[20] «Lawrence Millechamp's Journal, April 1743-June 1744» [Williams (ed.): 189].

chega em Junho de 1744. De acordo com Austin Coates, o relato da viagem do comodoro Anson, supostamente redigido por Richard Walter,[21] capelão do *H. M. Centurion*, e publicado em 1748, revela desde logo a atitude inglesa de superioridade em relação à China, um país considerado retrógrado e intolerante,[22] enquanto o mandarinato reforça a vigilância de Macau para evitar a entrada de mais barcos 'bárbaros' no Império do Meio. A circum-navegação de Anson é das mais famosas, a par das de *Sir* Francis Drake e do capitão Cook, devido ao espólio capturado e à publicação do relato atribuído a Richard Walter, levando a um maior controlo de Macau pelos chineses como acontecera quando do ataque holandês à cidade em 1622 e viria a repetir-se durante as tentativas inglesas de ocupação do território em 1802 e 1808. O autor do relato descreve a estada da tripulação, e, tal como os autores dos relatos da embaixada de *Lord* Macartney farão mais tarde, refere a riqueza de que a cidade gozara no seu início e o estado de decadência em que se encontra, permanecendo os portugueses no enclave com autorização dos mandarins, que, quando o entendem, bloqueiam a entrada de víveres e obrigam a administração portuguesa a obedecer-lhes (Walter: 469-470).

As crises de legitimidade em torno da administração e do poder duais na cidade entre as administrações chinesa e portuguesa caracterizam a história de Macau, tratando-se de um fenómeno de natureza estrutural facilmente explicado pelo facto de o enclave se encontrar em território chinês e ser administrado por portugueses. Esta situação influencia as relações entre os velhos aliados europeus, pois o Senado é forçado a pagar o chamado 'foro do chão', ou tributo, e, em última instância, a obedecer às leis das chapas do mandarinato no que respeita à presença inglesa na China. A tenacidade, a capacidade de diálogo e a acomodação dos portugueses no reduto luso-chinês levam vários autores a comparar metaforicamente a identidade histórica do território a uma planta fortemente associada ao mesmo, o bambu, pois Macau, à semelhança deste último, "soube dobrar-se às inclemências do tempo, à espera que passasse o tufão e que o deixasse erguer de novo a sua elegante haste para o céu" (Rego, 1947: 17; Cabral e Lourenço, 1993: 24).

---

[21] De acordo com Loyd, 1973: 10, a obra não é escrita por Walter, mas sim por Benjamin Robins, panfletista profissional, supervisionado por Anson.

[22] Em 1742 Philip Sumarez (1973: 203), primeiro tenente de Anson, afirma que o governador de Macau não detém quaisquer poderes para resolver o embaraçoso problema da presença do *Centurion*, não sendo mais que um títere do vice-rei de Cantão.

Relativamente às consequências da viagem do *Centurion*, e de entre as muitas obras que reflectem e aplaudem o resultado da expedição, destaca-se, por exemplo, *Navigantium atque Itinerantium Bibliotecha: or, a Compleat Collection of Voyages and Travels* (1744-1748), de John Campbell, que glorifica as façanhas marítimas inglesas e descreve o interesse crescente das nações europeias no comércio com a China:

> as appears by the great number of European ships that Rear-Admiral Anson met with in the ports of Macao and Canton; which is a circumstance that deserves to be attentively considered. This therefore is a time, if ever there was a time, that we ought to exhert ourselves, and endeavour to strike out some new branch of commerce, into which our neighbours cannot so readily fall. History affords us no instance of a maritime power that remained long at a stay. If we do not go forward, we must necessarily go backwards; and, as we rivalled in almost every known branch of commerce, except that to our own plantations, it is not our interest only, but absolutely necessary to our safety, to support and extend these; and if it be possible, open some new channel, both for the benefit of this country, and of our plantations; which can never be done, if we do not encourage long voyages, and the perfecting ourselves in every kind of navigation. [Campbell (ed.), 1744: 264-265]

Campbell serve-se ainda dos muitos obstáculos enfrentados por Anson em Macau, das dificuldades da circum-navegação, e das relações com as autoridades chinesas, para provar a capacidade naval dos ingleses, que futuramente seguirão o exemplo do comodoro pelos mares, honrando a Inglaterra. Nos anos cinquenta do século XVIII surgem várias obras que exaltam o valor marítimo e comercial da Inglaterra, bem como as vantagens do comércio para a união dos povos (Hanway, 1753: 97-98, Entick, 1757: i). Essas exortações para a nação inglesa consolidar a sua presença comercial e naval nos quatro cantos do globo, a par das demais potências europeias, ecoam inúmeros dos documentos quinhentistas e seiscentistas publicados por Richard Hakluyt e Samuel Purchas.

A partir da segunda metade do século XVIII intensifica-se o controlo de Macau desde Lisboa, e, no âmbito do projecto de expansão da E. I. C. no Oriente, acentuam-se os conflitos entre os sobrecargas ingleses, cujo poder é cada vez mais visível no enclave, e as autoridades portuguesas e chinesas. Em 1749, face

ao desenvolvimento dos interesses ingleses na China, Goa proibe o comércio estrangeiro em Macau, ordem que nunca é cumprida pelo Senado, nomeadamente em relação ao tráfico de ópio, como reconhece o governador da Índia, Francisco António da Veiga Cabral em 1795 ao afirmar que a droga entra em Cantão livremente e que o seu comércio poderá reanimar a economia do enclave (A. H. U., *Macau*, cx. 21, doc. 18). No entanto, entre 1764 e 1788 o governador do Estado da Índia reitera as proibições de residência de estrangeiros em Macau, podendo estes aí permancecer apenas para reparar embarcações e evitar naufrágios e assaltos (*A. M.*, 3ª série, vol. 10, n. 1: 99, 118; n. 4, 1968: 192, 222, 233; n. 6, 1968: 314; vol. 16, n. 4, 1971: 246; n. 6, 1971: 325).

Na Primavera de 1754, o presidente do Comité Selecto da E. I. C. na China Frederick Pigou regressa a Inglaterra e propõe aos directores que se envie a Pequim uma embaixada, sugerindo que seja pedida ao imperador liberdade de movimento em Cantão e especialmente entre essa cidade e Macau, pois o trato inglês cresce de tal forma que em 1750, das dezoito embarcações que chegam a Cantão metade são inglesas.[23] Em 1757, ano de transição no que diz respeito à presença europeia em Macau, o comércio estrangeiro é totalmente restringido a Cantão,[24] e no enclave luso-chinês são promulgadas várias leis contra a presença e actividade comercial de estrangeiros, que são abolidas ainda nesse mesmo ano a pedido do Senado junto do governador e do vice-rei da Índia, tornando-se Macau, sobretudo entre as *trading seasons*, o segundo maior entreposto europeu na China. Relativamente à presenca inglesa na Ásia, em Junho desse ano,

---

[23] Pritchard (2000: 126), Eames (1974: 78). Veja-se também Milburn, 1813, 1: xlv-xlviii. Devido a interesses económicos e a conflitos na Europa, os ingleses tentam evitar a concorrência comercial de outras nações na China, e em 1781 ameaçam os chineses que, caso encontrem juncos fretados aos holandeses, os tomarão, suspeitando o Comité que estes últimos comercializam chá nos barcos de Macau (R/10/11, fls. 93-94, 109). Um ano depois, os sobrecargas listam como seus possíveis rivais no China Trade, os suecos, os dinamarqueses e os portugueses (R/10/12, fl. 149, G/12/76, fl. 135), e, por esse mesmo motivo, referem os movimentos dos barcos portugueses e estrangeiros entre ambas as cidades (R/10/10, fl. 163, parte 2, fl. 159, R/10/11, fls. 100-111, R/10/12, fl. 109, R/10/13, fl. 25, R/10/14, fls. 4, 15, 26, R/10/17, fl. 71, R/10/18, parte 2, fl. 3, R/10/19, fl. 8, G/12/32, fls. 2, 13, e G/12/72, fl. 32).

[24] Pritchard (2000: 118) considera o período entre 1750 e 1800 tão importante e singular que chama ao mesmo "the crucial years in early Anglo-Chinese relations", adiantando que este se caracteriza pela forte expansão do comércio e pelos esforços pacíficos para abrir a muralha comercial da China, sobretudo através da (falhada) embaixada de *Lord* Macartney. Van Dyke (10-29, 161-167) demonstra que, apesar de os comerciantes ocidentais apenas serem restringidos ao porto de Cantão em 1757, o sistema do China Trade já se encontra formado por volta de 1720 e permanece inalterável até 1842.

o general Robert Clive consuma a vitória de Plassey, dando início à supremacia inglesa na Índia. O facto de até essa altura a permanência inglesa no território não ser oficial justifica a relativa ausência de referências aos negócios da E. I. C. na documentação portuguesa que actualmente se encontra no Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa, sobretudo se tivermos em conta o maior número de documentos que existem após esta data e que se relacionam maioritariamente com o (não) cumprimento da lei portuguesa por parte dos estrangeiros e dos habitantes da cidade, nomeadamente no que diz respeito à compra (proibida) de barcos a portugueses, aos ataques a embarcações lusas, e ao tráfico ilegal de anfião. Em Janeiro de 1757 o governador Pereira Coutinho proibe os habitantes de arrendar casas a estrangeiros de forma a inutilizar o "disfarce" dos mesmos, que dizem ir apenas descansar ou refrescar-se em Macau entre as feiras anuais de Cantão. Recorde-se o facto de alguns ingleses se naturalizarem portugueses em Goa, podendo assim estabelecer-se no enclave, como acontece com o capitão Robert Jackson em 1772, que casa em Macau e aí arrenda casa com autorização das autoridades da cidade (*A. M.*, 3ª série, vol. 16, n. 3, 1971: 135). Em 1773 o vice-rei da Índia proíbe, mais uma vez, o arrendamento de casas a estrangeiros em Macau, medida que, em certa medida, agrada ao Senado, que pretende proteger o comércio local. No entanto, e de forma a a fugir ao controlo da E. I. C. e a "gozar dos previlegios dos naturaes" do enclave, quer agentes comerciais quer mercadores e médicos ingleses pedem ao rei português a nacionalidade portuguesa, com acontece com "Jacob Francisco Vandermond" em 1733 (*A. M.*, 3ª série, vol. 9, n. 4, 1968: 209-210), sendo o deferimento destes pedidos facilitado, decerto, pela assistência dada pelos médicos à população portuguesa.

Um édito imperial decreta oito regulamentos para o comércio com os 'bárbaros' que entram plenamente em vigor na *trading season* de 1760, vendo-se os ingleses obrigados a regressar à Europa ou a continuar a residir em Macau após as temporadas comerciais.[25] De forma a evitar atritos nos portos chineses, o

[25] Peyrefitte (1991 : lxxxv). Em 1760, uma chalupa inglesa atracada na Taipa recruta vários portugueses de Macau e dá origem a uma série de desacatos, entre os quais o rapto de escravos dos moradores. O Senado pede ao juiz ordinário para investigar, entre outros factos, se algum morador do enclave passa informação sobre o estado económico ou militar do mesmo aos estrangeiros, ficando implícita a prática de espionagem por residentes (também devido à rivalidade interna em Macau), a favor dos interesses de ingleses, que tiram partido dessa informação, tornando a defesa da cidade mais vulnerável (*A. M.*, 3ª série, vol. 7, n. 5, 1967: 256-257).

imperador determina que apenas o porto de Cantão se mantém aberto aos europeus, que todos os navios devem remover as armas antes de entrar nessa cidade, onde os estrangeiros não podem residir de forma permanente, e que os negócios, sempre efectuados através do co-hong, devem estar concluídos e as dívidas saldadas antes do final da estação comercial. Em Cantão, os sobrecargas devem permanecer apenas na zona das feitorias, sem empregar chineses, podendo movimentar-se em áreas restritas, não entrando na cidade,[26] onde também não é permitida a visita de mulheres ocidentais, pelo que alguns ingleses mantêm relações amorosas com mulheres chinesas, sobretudo em Macau (A. H. U., *Macau*, cx. 11, doc. 10). Alguns dos termos do regulamento, tal como dos éditos imperiais anteriores, não têm efeito prático, continuando as infracções a fazer-se sentir, sobretudo no que diz respeito ao emprego de mão-de-obra chinesa por estrangeiros.[27]

A Cidade do Santo Nome de Deus torna-se a única residência ocidental na China, onde, para além de comerciantes europeus, indianos, parses e arménios, entre outros, as Companhias francesa, sueca e holandesa instalam[28] sedes, respectivamente, em 1728, 1731 e 1761, e a inglesa, em 1770 (Wiltshire, 1995: 74-76). Na década de cinquenta do século XVIII os negócios da Companhia passam a ser tratados por um Conselho de Sobrecargas residente. Até então os negócios de cada barco eram da responsabilidade de seis sobrecargas que acompanhavam a embarcação de e para a Inglaterra e que a partir de 1715 passaram a colaborar como um todo (Council of China), tendo a prática de deixar um deles na China sido adoptada, embora de forma esporádica, desde 1753, e, de forma generalizada, a partir de 1757, ano em que é nomeado o Conselho de três agentes permanentes, que passa a permanecer no território entre as estações de comércio, arrendando casas aos portugueses, com quem negociam (R/10/5, fl. 59, R/10/11, fl. 200) e contraem empréstimos [R/10/5, fls. 41-42, 47-49, 56, 61, 85, 107, R/10/

---

[26] Para uma descrição coeva da feitoria inglesa e da apertada vigilância chinesa em Cantão, veja-se Anónimo, 1762: 223-225.

[27] Para uma síntese dos documentos: Morse, 1910: 69-71, Pritchard, 2000: 133-134, e Eames: 89.

[28] Desde Macau, os sobrecargas informam Londres sobre os movimentos dos barcos europeus, (R/10/5, fl. 70, G/12/32, fl. 15]. Sobre o comércio francês na China desde 1698, vejam-se A. H. U., *Macau*, cx. 18, doc. 11, *A. M.*, 3ª série, vol. 4, n. 3, 1965: 130-131; n. 5, 1965: 315-330; vol. 10, n. 5, 1968: 240-241; vol. 16, n. 3, 1971: 135-136, n. 4, 1971: 214-215, 241-242; vol. 23, n. 3, 1975: 126-131.

6, fls. 71-72v., 81v.-82v., R/10/13, fl. 191, G/12/79, parte 3, fl. 46, *A. M.*, 3ª série, vol. 7, n. 1, 1961: 150], assegurando também os interesses da Companhia através das relações com o co-hong, que deve cada vez mais dinheiro à mesma (R/10/10, parte 1, fls. 21-55, parte 2, fls. 14-216, G/12/18, fls. 91-112, G/12/68, fls. 4-200, G/12/70, fls. 57, 61, 91, 102-103, G/12/91, parte 2), apesar do édito imperial de 1760 proibir aos ingleses serem credores dos chineses.[29]

Em 1773 a E. I. C. arrenda um edifício para a sua sede na cidade[30] e, mais tarde, a Casa *Garden* para albergar o presidente do Comité Selecto. Apesar de, de acordo com a lei portuguesa, nenhum estrangeiro poder adquirir bens imóveis no território, alguns ingleses compram casas em nome de portugueses em quem confiam.[31] No ano de 1775 dois sobrecargas envolvem-se numa disputa legal com o governador devido ao arrendamento de uma casa, prática que se generalizara entre os membros da E. I. C. Os sobrecargas Lane e Henry Browne arrendam uma casa onde planeiam residir na estação de descanso seguinte, dirigindo-se o governador amigavelmente ao presidente para lhe comunicar que os ingleses não devem residir "independent of those who were supposed to have some controul on their behaviour" (G/12/58, fl. 11), ou seja, fora da sede da Companhia. Henry Browne incumbira o seu comprador de empregar chineses para preparar a casa, não fazendo intenções de a abandonar, mesmo sob a ameaça de o presidente do Conselho inglês o proibir de se sentar à mesa da Companhia, pois a partir de então as suas refeições ser-lhe-iam enviadas para o seu "appartment", medida que tem como fim castigar e coagir o prevaricador, que, caso insista em habitar a casa, será suspenso das suas funções até que a decisão dos directores londrinos seja conhecida. O jovem sobrecarga exige ver os estatutos que o forçam a residir apenas no seu quarto da sede (G/12/58/, fls. 11-15) e, mais uma vez, o Conselho é forçado a disciplinar um dos seus membros face ao não cumprimento das regras da Companhia e a uma queixa apresentada pelo governador devido ao infringimento da lei de Macau. Também em Março do

---

[29] G/12/68 (1779-1780), fls. 135-141, documento também copiado em G/12/70, fls. 73-81.

[30] A sede da Companhia consiste em quatro casas adjacentes na Praia Grande, perto do Palácio do Governador, e estende-se monte acima até à igreja de São Lourenço.

[31] Por exemplo, em 1795 o sobrecarga Thomas Kuyck Van Mierop deixa, em testamento, a casa que adquirira em Macau à sua mulher chinesa, Marta da Silva (testamento de Thomas Van Mierop, Public Record Office, The Family Records Centre, *Wills*, PROB11/1267, fl. 56). Veja-se Puga, 2007b: 40-51.

ano seguinte, o governador informa a "English House" de que o sobrecarga George Cuming se envolvera numa luta, tendo sido trazido pelos guardas à sua presença, e pede transporte adequado para levar o jovem de volta a casa (G/12/59, fls. 26-43, G/12/60, doc. 13), referindo a documentação da E. I. C. alguns dos confrontos entre os sobrecargas e as autoridades chinesas e portuguesas de Macau, bem como a vivência inglesa na cidade, sobretudo nos períodos entre as *trading seasons*, durante os quais os ingleses residem no território.

Em Dezembro de 1787 o Senado descreve a distribuição geográfica dos sobrecargas pelas habitações de Macau, mencionando o facto de estes não residirem na sede da instituição, conforme a lei determina, e arrendarem cerca de catorze casas em nome individual (*A. M.*, 3ª série, vol. 17, n. 1, 1972: 35).[32] Numa outra carta dirigida a D. Maria I nesse mesmo mês, o Senado refere o fausto introduzido pelos ingleses na cidade, onde a Companhia ocupa doze das maiores moradias (A. H. U., *Macau*, cx. 17, doc. 66, fl. 4), e, relativamente ao luxo que rodeia os sobrecargas, em 1800, a representação do Senado a D. João, príncipe regente de Portugal, informa que estes, a estabelecerem-se de forma permanente em Macau, "acarretariam" (A. H. U., *Macau*, cx. 21, doc. 37, fl. 4) as suas diversas religiões, adiantando que a sua riqueza "tem conduzido lastimozamente à prostituição muitas Donzellas pobres: o seu luxo, costumes, vícios também (...) conduz (...) a muitas despezas" (A. H. U., *Macau*, cx. 21. doc. 37, fl. 3). O documento ecoa as palavras do bispo Marcelino José da Silva em 1793 ao afirmar que alguns moradores vendem os

[32] Em 1783, o Comité Selecto envolve-se numa disputa legal com Simão Vicente de Araújo Rosa, figura proeminente do Senado e dono da Casa Garden, arrendada à E. I. C., quando este aumenta o montante da renda, desrespeitando o contrato assinado anos antes. O juiz sindicante dá razão aos ingleses, podendo estes permanecer nas instalações até ao final do contrato, desde que o vice-rei de Goa não decida o contrário, apontando como razões para tal decisão quer o contrato assinado quer ainda "the respectable society which [...the Select Committee] compose[s] in th[at] part of the world (...) and the firm alliance observed between their Britannic and most faithful majesties" (R/10/13, fls. 179-181, G/12/77, fls. 123-126. A aliança anglo-portuguesa é, assim, um argumento para uma boa relação utilizado quer por portugueses quer por ingleses em Macau ao longo dos tempos, como podemos verificar quando de uma outra disputa entre o Comité e o governador, após o ataque físico a Samuel Peach [R/10/16 (1787-1788), fls. 15, 22, G/12/86, fls. 15-16]. Os sobrecargas queixam-se ao vice-rei, que responde: "The good friendship that happily subsists between both our Nations requires that amongst their subjects dissentions of any kind should not happen", justificando a atitude do governador com o facto de este não ter qualquer jurisdição civil ou criminal, ao contrário do Senado (fl. 83; veja-se ainda R/10/17, fls. 82-84).

serviços sexuais das filhas, mulheres, irmãs e sobrinhas aos estrangeiros, revoltando-se quando estes não os aceitam (Teixeira, 1984:679). Já em 1777, um parecer do bispo-governador Alexandre Pedrosa Guimarães para o Senado sobre a admissão de estrangeiros afirma que a cidade apenas poderia expulsar os mercadores particulares e nunca os membros das Companhias europeias, pois estes últimos têm autorização de residência dos chineses, verdadeiros senhores da terra que lucram com o comércio europeu, e a sua expulsão levaria a medidas de retaliação por parte das Companhias, afastando os sobrecargas do controlo e vigilância das autoridades portuguesas. Por outro lado, a expulsão prejudicaria os portugueses que investem enormes quantias no comércio do ópio e que se veriam privados de direitos régios pagos pelos ingleses, que facilmente encontrariam quem os representasse directamente em Cantão (*A. M.*, 3ª série, vol. 16, n. 4, 1971: 204-209). Entende-se assim que muitas das medidas decretadas por Lisboa não sejam aplicadas eficazmente, pois os interesses locais falam mais alto do que a lei e ordens que chegam da Europa.

O modo de vida luxuoso, as diferenças culturais e religiosas dos ingleses, e o seu crescente poder desagradam a alguns grupos de interesse da urbe, cuja economia depende já substancialmente dos investimentos e das despesas dos sobrecargas e de outros mercadores ocidentais. Em 1778 o recém-criado Select Committee substitui o antigo Conselho permanente de sobrecargas na China, passando a representar a E. I. C. em Cantão e Macau, pelo que a feitoria inglesa passa a ser arrendada ao longo de todo o ano. Até ao final da centúria de setecentos, os ingleses ver-se-iam forçados a medir forças e lutar constantemente pelos seus interesses com o mandarinato cantonense, sobretudo no que diz respeito às restrições comerciais e à falta de liberdade de acção, esforço no qual se insere, como veremos, a embaixada de *Lord* Macartney à China. O poder das autoridades portuguesas é também fonte de desagrado para os sobrecargas, que em 1787 se queixam, quer a Bombaim quer ao vice-rei de Goa, dos abusos do governador de Macau. Por sua vez, o vice-rei informa Bombaim de que reprimira o governador e o ordenara a respeitar os oficiais da E. I. C [Askari (ed.), 1976: 143]). A Companhia recorre, portanto, inúmeras vezes e através da diplomacia, directamente a Goa, centro de decisões do Estado da Índia, para melhorar e solidificar a sua presença em Macau, enquanto o Senado e as demais autoridades locais informam Goa e o reino da decadência do comércio e do prejuízo causado pelo estabelecimento dos estrangeiros na cidade (A. H. U., *Macau*, cx. 20, doc. 36).

De acordo com as chapas sínicas e a correspondência oficial trocadas entre o mandarinato de Cantão e a procuradoria do Senado entre 1749 e 1847, as duas autoridades proeminentes no enclave discutem, diversas vezes, a gestão dos estrangeiros em território imperial e em Macau, bem como os 'códigos' imperiais sobre as quais repousam as relações consensuais luso-chinesas. A documentação trocada entre o território e as autoridades sínicas relativamente à presença comercial inglesa aborda sobretudo as restrições chinesas, a entrada e permanência de barcos e comerciantes no enclave, inclusive durante a embaixada de *Lord* Macartney à China, o pagamento de direitos alfandegários [Ping e Zhiliang (eds.), 1: docs. 5, 49, 84, 100, 133-140, 144-150, 206-210, 228-229; 2, docs. 132, 166-168, 183-187, 232-234, 241], e a imposição da lei sínica perante o comportamento dos estrangeiros. Na hora de apurar responsabilidades quanto ao trato ilegal, à estadia prolongada de barcos ingleses em Macau, e à venda de ópio contrária à "Ley do Imperador" [Ping e Zhiliang (eds.), 1: docs. 100, 133, 138, 183, 206, 209], o Senado e o mandarim da Casa Branca trocam acusações de negligência e defendem interesses pessoais. No que diz respeito às acusações das autoridades sínicas sobre o envolvimento do Senado no comércio "oculto", esse orgão administrativo defende-se frequentemente [Ping e Zhiliang (eds.), 1: doc. 143],[33] e em 1798 o hopu acusa os "lorxeiros christãos" de estabelecerem contratos ilícitos com os ingleses, cujos negócios acabam por auxiliar, acusação que o Senado devolve igualmente ao hopu e aos comerciantes chineses [Ping e Zhiliang (eds.), 2: docs. 183, 186]. Os interesses económicos pessoais dos residentes da cidade acabam assim por facilitar a permanência e o comércio ilegal dos ingleses.

Em 1784, ano da promulgação do Commutation Act,[34] que visa defender a importação de chá pela E. I. C., o Comité Selecto

---

[33] Macau negoceia localmente com as autoridades chinesas, enquanto Lisboa, no âmbito da já longa aliança anglo-portuguesa, facilita a entrada e estada de mercadores ingleses nos domínios portugueses, como acontece com a ratificação do Tratado entre D. Maria I e Jorge III Rei da Grã-Bretanha de 1793 [José Ferreira Borges de Castro (org.), 1857, 4: 18-25].

[34] O Commutation Act (20-08-1784) tem como principal objectivo salvaguardar os lucros do comércio inglês de chá ao baixar os impostos da sua importação, pondo asssim fim ao tráfico ilegal da planta por mercadores de outros países, moderando-se, portanto, também o preço da bebida junto do consumidor. Vejam-se os efeitos dessa medida no China Trade inglês, nomeadamente o duplicar do comércio de chá na década de oitenta do século XVIII, em Pritchard (2000: 212-220.

decide manter um representante permanente em Macau, mesmo durante as *trading seasons*, após a experiência positiva da estada de um agente na cidade durante os dois anos anteriores, medida que os directores em Londres consideram desnecessária dois anos mais tarde [Morse, 1926, 2: 86; decisões idênticas em 1762-1767 (G/12/11, fls. 113-124)].

2.1. Os abusos do capitão John MacClary (1781-1782) e o incidente do *Lady Hughes* (1784)

Os problemas causados por alguns dos mercadores independentes ingleses acabam por afectar a Companhia (G/12/18, fls. 43-54), uma vez que as autoridades portuguesas e o mandarinato lhe imputam responsabilidades[35] pelos actos desordeiros dos *country traders*, como acontece, por exemplo, com o capitão John MacClary que, a bordo do *Dadaloy* (*Calhariz*), captura uma embarcação portuguesa (R/10/11, parte 2, fl. 109, G/12/19, fls. 181-185, 188-204, 219-228, 253-274, e G/12/72, fl. 32) e impede duas outras de viajar para Manila em 1781, sendo posteriormente preso em Macau (R/10/11, parte 2, fl. 109, e G/12/72, fls. 87-90, 97-98, 104, 138-139), para bem dos "interesses publicos dos Mercadores e Moradores desta Cidade" (*A. M.*, 3ª série, vol. 16, n. 4, 1971: 246, A. H. U., *Macau*, cx. 14, docs. 10, 11), e forçado a pagar aos mesmos uma avultada indemnização (R/10/11, parte 2, fl. 110).[36] O governador do enclave pede aos

[35] O comportamento dos ingleses na China acaba por afectar também as relações sino-portuguesas. Em Setembro de 1781 o governador de Macau informa o presidente do Comité Selecto que o mandarim o mandara prender alguns sobrecargas ingleses, ordem que este ignora (G/12/72, fl. 105).

[36] McClary é libertado em Julho, volta a tomar um barco holandês em Whampoa e justifica-se com a guerra anglo-holandesa, levando à visita a Macau do Comité e à reprimenda deste pelo mandarim de Cantão, que exige a sua prisão. McClary toma também juncos chineses (G/12/76, parte 2, fl. 198), queixando-se os portugueseses e holandeses à presidência de Fort William [G/12/77, fls. 87-88]. Os sobrecargas criticam o comportamento de McClary (fl. 113-129) que, mais tarde, pretende atacar barcos da cidade como forma de se vingar do Senado por o ter forçado a indemnizar os donos das embarcações anteriormente tomadas, segundo o governador de Macau informa o Comité Selecto, em carta de 1 de Dezembro de 1781 (G/12/73, fls. 3-4). É devido aos problemas causados pelos comerciantes independentes que, em 1786, George Smith sugere que o presidente do Comité Selecto seja nomeado também cônsul inglês para que possa controlar os *country ships* (G/12/19, fls. 173-183), sendo publicados nesse ano os regulamentos da Companhia relativos ao controlo dos comerciantes independentes no Sul da China (G/12/20, fls. 429-33). Sobre as repercussões do acto de pirataria de MacClary em Macau e na presidência inglesa de Fort William, vejam-se G/12/77, fls. 92-94, 97, *A. M.*, 3ª série, vol. 10, n. 6, 1968: 293.

sobrecargas que forcem o inglês a compensar os estragos que fizera, ou terá o Comité Selecto que o fazer (R/10/11, parte 2, fls. 106-107), respondendo este último orgão que não tem qualquer poder sobre os *country traders* (R/10/11, parte 2, fls. 107-108; G/12/58, fls. 186-202, G/12/69, fls. 50-61, G/12/73, fls. 37-38, G/12/94, fls. 115-116), pelo que o governador chama aos ingleses "a lying and troublesome people" e informa-os de que são responsáveis por qualquer acto praticado pelos seus compatriotas em Macau. No final de 1781, após ser libertado, o capitão inglês volta a tomar dois barcos da cidade, queixando-se o dono destes ao Comité (R/10/11, fls. 57-58, e G/12/76, fls. 64-65, R/10/11, fls. 58-59 e G/12/76, fls. 57-69, 111-113, 158-159, R/10/12, fls. 25, 29, R/10/13, fl. 2).[37] Em 1782, MacClary volta a tomar embarcações portuguesas (*A. M.*, 3ª série, vol. 4, n. 3, 1965: 166-169-175, 184-186), afectando as relações entre a E. I. C. e as autoridades locais.

O caso do *country ship* de Bombaim *Lady Hughes* (R/10/14, fls. 90-107, R/10/15, fl. 38, G/12/11, fls. 136-141ª, G/12/ 18, fls. 49-83) é um dos mais conhecidos incidentes ingleses na costa do Sul da China no século XVIII.[38] Em 24 de Novembro de 1784, ano em que o primeiro barco norte-americano chega a Macau,[39] o *Lady Hughes*, encontra-se em Whampoa[40] quando, durante a habitual salva à chegada, atinge acidentalmente uma pequena embarcação e fere três chineses, dois dos quais vêm a falecer. O governador de Guangdong e o secretário do hopu pedem várias vezes ao presidente do Comité Selecto que entregue o tripulante que disparara o tiro para ser executado, ao que este último responde que não tem qualquer jurisdição sobre *country traders* e que o inglês desaparecera em Macau. As autoridades imperiais

---

[37] Em 1782 o governador escreve ao Comité em nome de Simão da Rosa e António Botelho, pedindo que esse órgão envie a sua queixa ao Conselho de Bengal, na esperança de que nada possa "interromper a harmonia que subsiste entre as duas nações aliadas" (R/10/12, fls. 60-61, tradução nossa), ao que o Comité responde afirmativamente, dois dias depois (fl. 63). A presidência de Fort St. George escreve ao governador de Macau e afirma que fará tudo ao seu alcance para que McClary seja levado à justiça (fls. 113-119).

[38] Ao visitar Macau em Janeiro de 1787, o conde de Lapérouse refere esse incidente sem o identificar, apresentando-o como um dos exemplos das dificuldades que os comerciantes estrangeiros sentem face às dificuldades impostas pela administração chinesa (Lapérouse, 1791: 201-202).

[39] O *Empress of China*, tendo partido de Nova Iorque chega a Macau em Agosto de 1784 (G/12/79, fl. 116), regressando aos Estados Unidos da América em Setembro do ano seguinte. Sobre a presença inicial norte-americana em Macau vejam-se: Downs (1997) e Puga, 2007a 227-251.

[40] Ancoradouro no rio das Pérolas, entre Macau e Cantão, até onde as embarcações estrangeiras podem subir e permanecer (R/10/12, fl. 4).

exigem a entrega de um qualquer inglês, e Pigou aconselha o governador chinês a contactar George Smith, responsável pelo *Lady Hughes* que acaba por ser preso enquanto o comércio é suspenso em Cantão, as feitorias estrangeiras cercadas, a saída para o mar bloqueada, e as casas estrangeiras privadas de alimentos. Toda a comunidade estrangeira apoia os ingleses e comunica ao mandarinato que as mortes haviam sido acidentais, até que, face à inflexibilidade dos chineses, Pigou pede ao mestre do barco que entregue um homem. Perante o desaparecimento do 'culpado', o tripulante mais idoso é levado às autoridades chinesas e as represálias terminam no início de Dezembro, partindo o *Lady Hughes* para Bombaim no dia sete desse mês, enquanto os oficiais ingleses se apercebem, mais uma vez, da sua situação vulnerável no Sul da China, onde, por exemplo, eles e os seus familiares têm que permanecer isolados em Macau, único local onde as mulheres estrangeiras são autorizadas a entrar e permanecer, a partir do final do século XVIII.[41] Os sobrecargas temem pela sua segurança e vida caso ocorra outra morte acidental no futuro, prova da precaridade do estatuto dos ingleses no Sul da China, e que, como veremos, os fará procurar cada vez mais um espaço 'seu', semelhante à Macau portuguesa.

Os próprios sobrecargas são também fonte de descontentamento das autoridades portuguesas quando as embarcações europeias se movimentam ao longo da costa da cidade, retiram plantas e pedras da Barra, como também informa a imprensa britânica («Natural Curiosity», 1800: 3; *Trewman's Exeter Flying Post*, 1800: 3), transportam armas, pescam, e (des)embarcam mercadorias sem pagar quaisquer taxas. Em 1778, quando confrontados com estes actos ilegais, os ingleses respondem ao Senado que, sendo estrangeiros, não estão sujeitos às leis de D. Maria I, reacção que o vice-rei de Goa repreende, aconselhando a cidade a castigar o "atrevimento" dos estrangeiros através da sua expulsão, por serem "transgressores das Leys do Paiz com o que se devem conformar" (*A. M.*, 3ª série, vol. 10, n. 5, 1968: 240, vol. 14, n. 4, 1970: 218-219, vol. 16, n. 4, 1971: 246). Um grupo de ingleses tenta defender-se junto do Senado, respondendo a instituição que os estrangeiros "vivem em Macao debaixo das Bandeiras de ElRey de Portugal" (*A. M.*, 3ª série, vol. 16, n. 4, 1971: 219).

---

[41] Eitel (1895) identifica erroneamente a primeira inglesa a entrar em Macau como *Mrs* McClannon quando, na verdade, as pioneiras foram a empregada e a mulher de Richard Frobisher, em 1620.

2.3. O Chinese Pidgin English como símbolo da crescente influência inglesa no eixo Macau-Cantão, e a aprendizagem da língua chinesa

Se desde o seu estabelecimento na China, no início da centúria de setecentos, os ingleses se vêem forçados a depender do *know-how/why* cultural e linguístico dos portugueses aí estabelecidos há cerca de século e meio, rapidamente o seu comércio atinge proporções invejáveis quer para os lusos de Macau quer para os demais estrangeiros. Uma vez que, a partir de 1729, as relações comerciais entre estrangeiros e chineses têm lugar sobretudo em Cantão, e devido ao contacto intenso entre nativos e 'bárbaros ruivos' — proíbidos de aprender a língua uns dos outros —, cedo se desenvolve no delta do rio das Pérolas um *pidgin* que visa satisfazer necessidades comerciais. O Chinese Pidgin English (C. P. E.), também designado de *broken English*, *Canton jargon* ou *Canton English*, acaba por substituir a língua portuguesa, ou o *pidgin* de base lexical portuguesa, no contacto comercial, adoptando, no entanto, termos destas últimas. Em 1715 os chineses já falam *C. P. E.*, cujo vocabulário é maioritariamente inglês e que se torna *lingua franca* do China Trade (Morse, 1926, 1: 67). No entanto, tal como os portugueses concluem no século XVI, o domínio fluente do cantonense é reconhecido como essencial pela E. I. C. que, em 1746, emprega o jovem James Flint como intérprete. Flint permanecera desde 1736 no Sul da China com o objectivo de aprender cantonense (G/12/49, fl. 7), tal como acontece, em 1753, com Thomas Bevan e Barton, cujo professor chinês é pressionado pelas autoridades locais a desistir de os ensinar. Perante esse bloqueio linguístico, em 1793 três jovens, Benjamin Travers, Thomas Charles Pattle e John William Roberts aprendem, em segredo, cantonense em Macau, na casa de um professor nativo, longe da sede da E. I. C. (Stifler, 1938: 48, 54, Cranmer-Byng, 1967: 248, G/12/110, fl. 52).

Flint, enquanto tradutor da Companhia, acaba por ameaçar a posição dos mercadores e de algumas autoridades cantonenses, pois os sobrecargas estrangeiros passariam a não necessitar de intérpretes nativos, podendo comunicar com o hopu e até com o vice-rei, bem como negociar de forma mais livre, como se verifica quando Flint viaja até Ningbo e Tientsin em 1759 para apresentar, ao Trono do Dragão, as queixas do Comité relativas aos mercadores hong. Na viagem de regresso, Flint é escoltado por terra até Macau, onde é preso pelos chineses durante três anos e expulso em 1762 (G/12/11, fls. 100-112). Com base nas queixas de Flint,

o imperador lança um inquérito em Cantão, sendo o hopu enviado para Pequim, em desgraça. A proficiência linguística de Flint auxilia os ingleses na sua tentativa de abrir rotas comerciais com portos do Norte da China, tais como Ningbo, enquanto os mercadores de Cantão haviam conseguido em 1757 que um édito imperial restringisse o comércio estrangeiro a Cantão. Os ingleses não desejam permanecer apenas em Cantão e utilizam Macau como porto estratégico de viagens para outros portos chineses, como Ningbo, onde evitam as elevadas taxas alfandegárias. No entanto, as autoridades sínicas controlam as tentativas de expansão destes, confinando-os ao delta do rio das Pérolas, daí a necessidade e a importância da utilização do enclave sino-português até à fundação de Hong Kong. A Grã-Bretanha tenta 'furar' o sistema de Cantão através de estratagemas como o de James Flint e de iniciativas como a embaixada de *Lord* Macartney, processo que culmina com a Guerra do Ópio, e consequentemente, a fundação de Hong Kong (1841), e o Tratado de Nanjing (1842), que, como é sabido, abre cinco portos chineses ao comércio ocidental.

A aprendizagem do cantonense é necessária, pois se o C. P. E. satisfaz as necessidades básicas comerciais, a Companhia necessita de empregados fluentes em chinês para apresentar queixas ou petições às autoridades em caso de conflitos ou de necessidade de diálogo. Macau funciona, portanto, como centro de aprendizagem de cantonense e de tradução de obras chinesas para inglês,[42] estratégia que consolida a independência comercial relativamente a linguistas chineses e portugueses desenvolvida pela E. I. C., que envia, ao longo dos tempos, inúmeras obras chinesas, no original e traduzidas, para Londres.[43] No entanto, apenas a primeira embaixada inglesa à China em 1793, proporciona a educação daquele que é considerado o primeiro sinólogo inglês, o jovem George Thomas Staunton, que, por desejo do seu pai, e com o apoio de dois professores chineses, começa a aprender mandarim em Londres em 1792. Se a aprendizagem do cantonense é cada vez mais uma necessidade, o C. P. E. é fruto do intercâmbio cultural a que o comércio e os interesses

---

[42] A primeira tradução de uma obra chinesa para inglês, *Han Kiou Choaan/ The Fortunate Union: A Chinese Novel*, é feita pelo sobrecarga James Wilkinson (c. 1719) a partir de uma tradução portuguesa anterior (Stifler: 47).

[43] Para além do envio de obras para Londres, o Comité funda a biblioteca da feitoria inglesa (British Library) em 1806 através da recolha de livros acumulados pelos mercadores e familiares, e, quando da dissolução da Companhia, a Biblioteca conta com 4000 volumes.

económicos dão lugar durante a permanência inglesa no Sul da China, sendo prova da adaptação mútua entre ingleses e chineses para facilitar a comunicação quer comercial quer entre patrão e empregado, sobretudo com o comprador.[44]

Como verificámos através do estudos dos conflitos e questões que pautam as relações anglo-sino-portuguesas no delta do rio das Pérolas sobretudo na primeira metade do século XVIII, portugueses e chineses têm que se adaptar à chegada de novos comerciantes ocidentais a Cantão e a Macau, onde os lusos tentam, a todo o custo, manter a sua posição de poder face aos ingleses, velhos aliados europeus, e agradar ao mandarinato, de quem a sua permanência e o seu bem-estar na China dependem. Por outro lado, os sobrecargas e comerciantes independentes ingleses tentam, também a todo o custo, conquistar cada vez mais independência e margem de manobra em relação às autoridades chinesas e portuguesas, dando lugar aos conflitos que afectam a posição e estatuto dos portugueses em Macau.

Bibliografia

1. Fontes

1.1. Fontes manuscritas

British Library — *Oriental and India Office Collections* (Londres):

East India Company/China Records/China and Japan Factories:

G/12 (*Factory Records, China and Japan, 1596-1840*): G/12/1-112, 195-198; G/40/1.

R/10 (*China: Canton Factory Records, 1623-1833*): R/10/5-8, 10-21.

The Family Records Centre/Public Record Office (Londres):

Calendar of P. C. C. [Prerogative Court of Canterbury] Registered Copy Wills 1795: PROB 11/1267, fls. 56 RH — 59 RH [testamento inédito de Thomas Kuyck van Mierop].

Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa): *Macau*, caixas: 1-2, 4-8, 11-15, 17-24, 26-29, 31-32, 37, 39-46, 48-49, 55-56, 60, 62-64;

Biblioteca da Ajuda (Lisboa): ***Jesuítas na Ásia*: cód. 49-IV-56; 49-V-22, 24; 51-VII-31, 34.**

---

[44] A organização da vida diária e comercial dos estrangeiros na China depende em muito da acção do comprador (mordomo), o "*bicultural middleman*" entre chineses e europeus, que, para além de supervisionar os empregados chineses, trata dos negócios quer da casa e feitoria quer dos barcos no Sul da China (veja-se Hao, 1970: 1-77, 154-223).

Fontes Impressas

ANÓNIMO. 1762. *A Voyage to the East Indies in 1747 and 1748. Containing an Account of the Islands of St. Helena and Java; of the City of Batavia; of the Government and Political Conduct of the Dutch, of the Empire of China, with a Particular Description of Canton, and of the Religious Ceremonies, Manners and Customs of the Inhabitants.* Londres: Tully's Head.

ASKARI, Syed Hasan (ed.). 1976. *Fort William-India House Correspondence and Other Contemporary Papers Relating Thereto (Foreign, Secret and Political)*, vol. 16: *1787-1791*. Déli: National Archives of India.

BIKER, Júlio Firmino (ed.). 1995 (1881). *Colecção de Tratados e Concertos de Pazes que o Estado da Índia Portugesa Fez com os Reis e Senhores com quem Teve Relações nas Partes da Ásia e África Oriental desde o Princípio da Conquista até ao Fim do Século XVIII*, tomos 1, 2, 3. Madrasta: Asian Educational Services.

CAMPBELL, John (ed.). 1744. *Navigantium atque Itinerantium Bibliotecha: or, a Compleat Collection of Voyages and Travels*, vol. 1. Londres: s./ed.

CASTRO, José Ferreira Borges de (org.). 1856-1858. *Colecção dos Tratados, Convenções, Contratos e Actos Públicos Celebrados ente a Coroa de Portugal e as Mais Potências desde 1640 até ao Presente*, 8 vols.. Lisboa: Imprensa Nacional.

EAMES, James Bromley. 1974. *The English in China Being an Account of the Intercourse and Relations between England and China from the Year 1600 to the Year 1843 and a Summary of Later Developments.* Londres: Curzon Press.

ENTICK, John. 1757. *A New Naval History: Or, Compleat View of the British Marine.* Londres: s./ed.

GHIRARDINI, Gio. 1700. *Relation du voyage fait à la Chine sur le vaisseau l' Amphitrite, en l' année 1689.* Paris : Nicolas Pepie.

HAMILTON, Alexander. 1930 (1727). *A New Account of the East Indies by Alexander Hamilton with Numerous Maps and Illustrations.* 2 vols. notas e introdução de *Sir* William Foster. Londres: The Argonaut Press.

HANWAY, Jonas. 1753. *A Review of the Proposed Naturalization of the Jews.* Londres: s./e..

LÂM, Tcheong-Ü- e Ian-Kuong-Iâm. 1979 (c. 1751). *Ou-Mun Kei-Leok: Monografia de Macau.* tradução de Luís Gonzaga Gomes. Lisboa: Quinzena de Macau.

LAPÉROUSE, Jean-François. 1970 (1791). *Voyage de Lapérouse autour du monde pendant les annéss 1785, 1786, 1787 et 1788.* Prefácio de Pierre Sabbagh. Genebra: Club des Libraires de France-Edito-Service.

LOCKYER, Charles. 1711. *An Account of the Trade in India: Containing Rules for Good Government in Trade, Price Courants, and Tables.* Londres: Samuel Crouch.

MILBURN, William. 1813. *Oriental Commerce*. 2 vols. Londres: Black, Parry.

MORTIMER, George [*Lieutenant of the Marines*]. 1791. *Observations and Remarks Made during a Voyage to the Islands of Teneriffe, Amsterdam, Maria's Islands near Van Dieman's Land: Othaheite, Sandwich Islands; Owhyhee, the Fox Islands on the North West Coast of America, Tinian, and from Thence to Canton, in the Brig Mercury*. Londres: edição do autor.

"Natural Curiosity". 1800. *Caledonian Mercury*. 12312, August 21, 3.

PING, Jin Guo e Wu Zhiliang (eds.). 2000. *Correspondência Oficial Trocada entre as Autoridades de Cantão e os Procuradores do Senado: Fundo das Chapas Sínicas em Português (1749-1847)*. 8 vols. Macau: Fundação Macau.

Records of St. George: Despatches from England 1744-47 (1931). Madrasta: Superintendent-Government Press.

Trewman's Exeter Flying Post. 1800. 1923, August 21, 3.

WALTER, Richard. 1748. *A Voyage Round the World in the Years MDCCXL, I, II, III, IV, by George Anson, Esq.,Commander in Chief of a Squadron of His Majesty's Ships, Sent upon an Expedition to the South-Seas*. Londres: John and Paul Knapton.

WILLIAMS, Glyndwr (ed.). 1967. *Documents Relating to Anson's Voyage Round the World 1740-1744*, Londres: Navy Records Society.

Estudos

BOXER, Charles Ralph. 1990. *Fidalgos no Extremo Oriente. 1550-1770*. Macau: Fundação Oriente-Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau.

CABRAL, João de Pina e Nelson Lourenço. 1993. *Em Terra de Tufões: Dinâmicas da Etnicidade Macaense*. Macau: Instituto Cultural de Macau.

CHEONG, Wen Eang. 1978. *Mandarins and Merchants: Jardine Matheson & Co., A China Agency of the Early Nineteenth Century*. Londres: Curzon Press.

____, 1997. *The Hong Merchants of Canton: Chinese Merchants in Sino-Western Trade*. Richmond: Curzon Press.

COLLIS, Maurice. 1956. *Foreign Mud: Being an Account of the Opium Imbroglio at Canton in the 1830's and the Anglo-Chinese War that Followed*. Londres: Faber and Faber.

CRANMER-BYNG, J. L. 1967. "The First English Sinologists: Sir George Staunton and the Reverend Robert Morrison". In F. S. Drake (ed.). *Symposium on Historical, Archaeological and Linguistic Studies on Southern China, South-East Asia and the Hong Kong Region*. Hong Kong: Hong Kong University Press, 247-260.

DOWNS, Jacques M. 1997. *The Golden Ghetto: The American Commercial Community at Canton and the Shaping of American China Policy, 1784-1844*. Bethlehem: Lahig University Press.

DYKE, Paul A. Van. 2005. *The Canton Trade: Life and Enterprise on the China Coast, 1700-1845*. Hong Kong: Hong Kong University Press.

EITEL, E. J. 1895. *Europe in China: The History of HongKong from the Beginning to the Year 1882*. Londres: Luzac & Company.

FRANÇA, Bento da. 1888. *Subsídios para a História de Macau*. Lisboa: Imprensa Nacional.

GOMES, Artur Levy. 1957, *Esboço da História de Macau 1511-1849*. Macau: Tipografia Soi Sang.

GREENBERG, Michael. 1951. *British Trade and the Opening of China 1800-42*, Londres: Cambridge University Press.

HAO, Yen-Ping. 1979. *The Comprador in Nineteenth Century China: Bridge between East and West*. Cambridge-Massachusetts: Harvard University Press.

LOYD, Christopher. 1973. "Introduction". In Philip Sumarez. *Log of the Centurion. Based on the Original Papers of Captain Philip Saumarez on Board HMS Centurion, Lord Anson's Flagship During his Circumnavigation 1740-1744*. Londres: Hart-Davis/MacGibbon, 10-13.

MORSE, Hosea Ballou. 1910. *The International Relations of the Chinese Empire, vol. 1: The Period of the Conflict 1834-1869*. Longmans, Green, Londres.

____, 1926. *The Chronicles of the East India Company Trading to China 1635-1834*. vols. 1-4. Oxford: Clarendon Press.

MÚRIAS, Manuel (ed.). 1988. *Instrução para o Bispo de Pequim e outros Documentos para a História de Macau*. Macau: Instituto Cultural de Macau.

PARRY, J. H. 2000. *Trade & Dominion: The European Oversea Empires in the Eighteenth Century*. Londres: Phoenix Press.

PEYREFITTE, Alain. 1991. *Un choc de cultures. La vision des chinois*. Paris : Fayard.

____, 1995. *O Império Imóvel*. Lisboa: Gradiva.

PRITCHARD, Earl H. 1929. *Anglo-Chinese Relations during The Seventeenth and Eighteenth Centuries: University of Illinois Studies in the Social Sciences*. 17: 1-2. Urbana: University of Illinois.

____,. 2000. *Britain and the China Trade 1635-1842*, vol. 6: *The Crucial Years of Early Relations: 1750-1800*. Londres: Roultledge.

PUGA, Rogério Miguel. 2005a. "Macau e o China Trade: O Estabelecimento Regular da East India Company na China". *DAXIYANGGUO: Revista Portuguesa de Estudos Asiáticos*. 8: 127-154.

____, 2005b. "A Convenção de Goa (1635) e a Primeira Viagem (Luso-)inglesa a Macau". *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. 14: 71-108.

____, 2005c. "As Primeiras Viagens Inglesas a Macau (1635-1699)". *Anais de História de Além-Mar*. 6: 159-214.

____, 2007[a]. "O Primeiro Olhar Norte-Americano sobre Macau: Os Diários de Samuel Shaw (1754-1794)". In Ana Gabriela Macedo *et alii* (org.), *Intertextual Dialogues, Travel & Routes", Actas do "XXVI Encontro da APEAA 21 a 23 de Abril de 2005, Universidade do Minho*. Braga: Universidade do Minho, 227-251.

____, 2007b. "A Vida e o Legado de Marta da Silva van Mierop". *Revista de Cultura*. 22: 40-51.

REGO, Silva. 1947. *A Presença Portuguesa em Macau*. Lisboa: Agência Geral das Colónias.

SOMERVILLE, Boyle. 1934. *Commodore Anson's Voyage into the South Seas and around the World*. Londres: William Heinemann.

STIFLER, Susan Reed. 1938. "The Language Students of the East India Company Canton Factory". *Journal of the North China Branch of the Royal Asiatic Society*. 69, 46-82.

SUMAREZ, Philip. 1973. *Log of the Centurion Based on the Original Papers of Captain Philip Saumarez on Board HMS Centurion, Lord Anson's Flagship during his Circumnavigation 1740-44*. transcrição e notas de Leo Heaps. Londres: Hart-Davis, MacGibbon.

TEIXEIRA, Padre Manuel. 1984. *Macau no Século XVIII*. Macau: Imprensa Nacional de Macau.

VALE, António M. Martins do. 1997. *Os Portugueses em Macau (1750-1800): Degredados, Ignorantes e Ambiciosos ou Fiéis Vassalos d'El Rei?*. Macau: Instituto Português do Oriente.

____, 2001. "Macau: Os Eventos Políticos. 2". In A. H. de Oliveira Marques (dir.). *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol. 2: *Macau e Timor. O Declínio do Império*. Lisboa: Fundação Oriente, 159-227.

WHITE, Ann Bolbach. 1967. "The Hong Merchants of Canton". Tese de Doutoramento em História apresentada à Universidade de Pensilvânia, Filadélfia.

WILTSHIRE, Trea. 1995. *Encounters with Asia: Merchants, Missionaries and Mandarins*. Hong Kong: FormAsia.

'DUQUES E CENAS TRISTES': AINDA A CONVENÇÃO DE SINTRA (1808)[1]

Miguel Alarcão
Universidade Nova de Lisboa

"In the moral virtues and qualities of passion which belong to a people, must the ultimate salvation of a people be sought for."
(Wordsworth, *Convention of Cintra*, 1809)

"And ever since that martial synod met,
Britannia sickens, Cintra! at thy name;"
(Byron, *Childe Harold's Pilgrimage*, 1812)

I

Na passagem do 2º centenário da assinatura da Convenção de Sintra (30 de Agosto de 1808), que pôs oficialmente termo à primeira invasão e ocupação francesas de Portugal, protagonizadas pelo General Jean-Andoche Junot (1771-1813) entre Novembro de 1807 e Setembro de 1808, não poderia esta Revista alhear-se de um episódio e um documento tão marcantes da Guerra Peninsular, tanto mais quanto a existência (ou subsistência...) de pontos controversos abre espaço para possíveis projectos internacionais de investigação comparatista e pluridisciplinar. Assim sendo, este ensaio pretende, de forma tentativa, retomar alguns testemunhos idealmente conducentes a eventuais releituras anglo-portuguesas da referida Convenção.

---

[1] Este texto é dedicado, com admiração e apreço, ao Professor Doutor António Pedro Vicente, na jubilosa passagem do seu 70º aniversário.

Em primeiro lugar, importa reconhecer que só por artificialidade metodológica se poderá dissociar a Convenção de Sintra de todos os actos e custos inerentes a uma ocupação e governação militares estrangeiras de nove meses. Do mesmo modo, e aproveitando a existência, em circulação simultânea, de diferentes designações historiográficas, não é completamente possível (nem talvez desejável e mesmo legítimo) isolar a primeira das restantes duas "invasões francesas" de Portugal, as três portuguesas da "*Guerra de la Independencia*" espanhola e, afinal, todas elas, enquanto "Guerra Peninsular", das "*French revolutionary and napoleonic wars*" (1793-1815); na verdade, revisões e reajustamentos factuais e cronológicos como os sugeridos, de forma maieuticamente vigorosa, por João da Rocha Pinto,[2] poderão constituir um desafio estimulante. Vistas por este prisma, todas estas guerras — quais *matrioshkas* russas — permitem-nos antever, nos próximos anos, recorrentes marés comemorativas e editoriais da "Guerra Peninsular", para as quais, aliás, o Centro de Estudos Anglo-Portugueses ofereceu já algum contributo próprio.[3]

Por todos estes motivos, dever-se-á desde o início tomar em atenção a complexidade de um conflito instrumentalmente decisivo na derrocada dos Antigos Regimes e na catalização das primeiras experiências liberais, constitucionais e 'descolonizadoras' dos dois estados ibéricos. Paralelamente, far-se-á notar o facto de estarmos perante um período marcado à escala europeia, e mesmo 'global', por jogos de forças, braços-de-ferro e equilíbrios de poder entre as 'superpotências' da época (a França e a Grã-

---

[2] "Porquê colocar a Guerra Peninsular só entre 1807 e 1813 ou 1814, conforme os autores, e porquê só três Invasões Francesas? A Guerra do Rossilhão e da Catalunha e a Guerra das Laranjas não deveriam ser incluídas na Guerra Peninsular? E as invasões francesas não foram quatro, ou o marechal Marmont (...) esteve por cá a banhos? E, por fim, não fomos nós invadidos cinco vezes, inclusivamente no decurso da Guerra das Laranjas? Para nós (...), houve uma Guerra Peninsular, que teve lugar entre 1793 e acabou em 1814 e fomos invadidos em cinco ocasiões. Mesmo hoje, quando um avião cruza ilegalmente o céu de dado país, existe uma intromissão no espaço aéreo. Se um exército de milhares de homens, o de Marmont, com quatro Divisões, internados em solo nacional durante vinte dias, não é uma invasão, (...) talvez se deva perguntar às populações de antanho, de Almeida a Castelo Rodrigo e seus arrabaldes, o que lhe deveríamos chamar então." (in Sousa (coord.), 2008: II, 647-648)

[3] Além da colaboração dispensada à Biblioteca Nacional de Portugal no âmbito da exposição comemorativa deste 2º centenário e materializada no respectivo catálogo (Ventura e Sousa (coord.), 2007), cf. a antologia *Guerra Peninsular. Relatos Britânicos* (Sousa (coord.), 2007) e a co-realização, em Novembro de 2007, de um Congresso internacional, cujas actas vieram recentemente a lume. (Sousa (coord.), 2008)

Bretanha), bem como pelas pulsões independentistas e patrióticas características e coetâneas dos diferentes romantismos e ainda por motivações e desígnios imperialistas, anexionistas e hegemónicos patentes nos séculos XIX e XX e não completamente banidos da cena política contemporânea...

Em segundo lugar, importa reconhecer que, dos pontos de vista histórico-científico e bibliográfico, factos e personagens como a Guerra Peninsular, Napoleão ou Wellington são já, hoje em dia, de uma riqueza inesgotável, inviabilizando qualquer projecto que — repetimo-lo — não seja e desde o início se assuma como internacional e pluridisciplinar. Na verdade, a sua concretização envolveria **no mínimo** a prospecção e o estudo de fundos documentais públicos e particulares, portugueses, espanhóis, franceses e britânicos,[4] por parte de especialistas, docentes, investigadores e académicos dos diferentes ramos da Literatura, da Cultura e da História; para dar um exemplo, só o catálogo editado pela Biblioteca Nacional (cf. *supra*, n.3) lista 494 itens distribuídos pelas categorias de "Manuscritos", "Impressos", "Iconografia", "Cartografia" e "Música", incluindo os diários de campanha de Wellington na Península. Não é, porém, de excluir que, além da BNP, subsistam noutras instituições e noutros arquivos centrais, regionais e locais registos e colecções de decretos, despachos, editais, boletins, relatórios...; todo o tipo, enfim, de testemunhos imprescindíveis a um melhor conhecimento da configuração que a Guerra Peninsular foi tomando entre nós, bem como da recepção e das repercussões internas da Convenção de Sintra.

No que toca ao espaço britânico, impõe-se, naturalmente, idêntico trabalho se se quiser ainda reconstituir, à desconfortável distância de dois séculos, uma opinião pública não restringida às críticas e denúncias, que adiante retomaremos, dos dois epigrafados: William Wordsworth (1770-1850) e George Gordon, *Lord* Byron (1788-1824). O que conhece, por exemplo, o investigador anglo-português da imprensa periódica romântica? Na verdade, para além de cartas, memórias, (auto)biografias, relatos de viagens e diários de campanha de participantes no

---

[4] Além destes, deverão considerar-se os acervos irlandeses (visto ser essa, afinal, a nacionalidade de Wellington) e norte-americanos, não só pela riqueza das suas bibliotecas, mas pela existência, no outro lado do Atlântico, de centros como o da *Florida State University* e especialistas como Donald D. Horward; a vitalidade e fecundidade da investigação norte-americana sobre a Guerra Peninsular nas últimas décadas ressaltam, aliás, do artigo publicado por Horward no número anterior desta Revista. (Horward, 2007: 9-22)

conflito, como, por exemplo, o futuro Almirante *Sir* Charles Adam (1780-1853)[5] e, *grosso modo*, os autores traduzidos em antologia superiormente coordenada por Maria Leonor Machado de Sousa (2007),[6] não descurando um ou outro ainda por identificar,[7] a expansão do periodismo britânico a partir dos finais do século XVIII justificaria, a nosso ver, um levantamento da cobertura e do ensaísmo jornalísticos, para além de baladas, cartazes, gravuras, caricaturas, etc., produzidos sobre a Convenção de Sintra. Conforme tentaremos demonstrar na segunda parte, todos estes materiais potenciariam, pela sua própria diversidade, reconstituições mais vastas de uma *structure of feeling* e de uma *vox populi* geradas pela Convenção em terras britânicas e do maior interesse para um campo como aquele que esta Revista, em ano de maioridade, tem vindo a desbravar há quase duas décadas.

Mesmo prescindindo, aqui e agora, de quaisquer contextualizações históricas, políticas, diplomáticas e militares da "primeira" (Mas sê-lo-á, de facto?) invasão francesa (1807-8), torna-se inevitável aludir à ajuda preciosa, embora não totalmente desinteressada, da Grã-Bretanha ao seu tradicional aliado ibérico e materializada no desembarque na zona da Figueira da Foz,[8] em

---

[5] Atente-se nos seguintes excertos de uma carta dirigida a James Lach em 11 de Setembro de 1808: "Estou certo que todos em Inglaterra estão tão surpreendidos e mal impressionados com a Convenção como nós aqui. Nunca se perdeu uma oportunidade tão gloriosa de mostrar a toda a Europa a nossa superioridade sobre as tropas francesas como agora. (...) Assim, (...) não se tirou vantagem da vitória e receio bem que a Europa não acredite que eles foram vencidos. Até os próprios Franceses ficam surpreendidos por ter obtido tais condições (...). Os patifes saquearam da forma mais excessiva e temo que (apesar de todos os esforços) vão levar muito. Uma coisa te vai impressionar como muito incorrecta na Convenção, a de que as palavras Português e Portugal não sejam mencionadas nem uma vez no tratado, o que claro lhes desagrada muito (...). Os Portugueses decerto não merecem qualquer consideração devido à maneira como se comportaram, pois nunca houve um conjunto mais desprezível do que eles mas mesmo assim, nós viemos para conquistar o país para eles e não para nós próprios." (*Apud* Pires, 1981: 83-84)

[6] É o caso do Capitão John Patterson (*Apud idem*: 249), de *Sir* Richard Henegan (*Apud idem*: 281-282) e sobretudo do capelão anglicano James Wilmot Ormsby (*Apud idem*: 341-355 *passim*), o único autor a avaliar de forma globalmente favorável a Convenção de 1808, segundo Gabriela Gândara Terenas (2000: 71, n.37). Sobre as posições de Ormsby relativamente à Convenção e à "Protestação" do General Bernardim Freire de Andrade e Castro (1759-1809), veja-se Isabel Oliveira Martins in Sousa (coord.), 2008: II, 41-45 *passim* e *infra*, n.22.

[7] Por exemplo, quem terá sido o autor de *First Campaign in the Peninsula, from the Landing of the British Army in Portugal to the Convention of Cintra*, London: printed by William Clowes and Sons, 1808? (Item nº 34 in Ventura e Sousa (coord), 2007: 94)

[8] A historiografia britânica identifica-a geralmente como "Baía" ou "Foz do Mondego" (*Mondego Bay*); outros autores (por exemplo, Terenas, 2000: 60) apontam, porém, a costa de Lavos, a sul da Figueira, como o efectivo local de desembarque.

1 de Agosto de 1808, e às prontas vitórias da Roliça e do Vimeiro (em 17 e 21 desse mês, respectivamente). Contudo, depois da 'tempestade' franco-napoleónica não viria a 'bonança' luso-britânica ... e não apenas em virtude de duas posteriores invasões de Portugal.[9] Estranha e inesperadamente, a Convenção de Sintra (o texto ratificador da rendição e retirada francesas) funcionaria, qual *entente cordiale*, como o pomo da concórdia franco-britânica, desencadeando em Portugal e na própria Grã-Bretanha ecos, réplicas e ondas de choque talvez ainda insuficientemente conhecidos e/ou explorados.

Quem porventura quisesse proceder a um levantamento lexical dos adjectivos utilizados para qualificar a Convenção de Sintra na monumental bibliografia disponível em língua portuguesa sobre a Guerra Peninsular, decerto depararia com epítetos como "célebre", "famosa", "infeliz", "famigerada", "desastrada", "vergonhosa", "ignominiosa", "aviltante", "polémica", "controversa", etc.[10] Palavras fortes, sem dúvida ... No entanto, além de não fazer, evidentemente, sentido endossar à vila culpas ou responsabilidades históricas que lhe não cabem, tal adjectivação é tanto mais intrigante quanto — por enovelado que o problema permaneça — [11] se crê

---

[9] Encabeçadas pelos Marechais Nicholas Soult, Duque da Dalmácia (1769-1851), em 1809, e Jean-André Massena, Duque de Rivoli e Príncipe de Essling (1758-1817), em 1810-11.

[10] Visto não termos por objectivo constituir tal listagem, prescindimos de referenciações bibliográficas que sobrecarregariam em muito este texto; fica, porém, feito o convite (ou lançado o repto...) à eventual consideração dos linguistas, historiadores e bibliógrafos.

[11] Como se sabe, Byron, ecoado, com prudentes reservas, por João Flor (1986: 41-42), situa tal assinatura no palácio dos Marialvas em Seteais (actual Hotel Palácio) ou "palácio de Seteais", segundo Maria Laura Bettencourt Pires, que acrescenta: "Foi também em Sintra que veio a instalar-se o quartel general." (Pires, 1981: 83, n.2) Um outro autor observa: "Segundo a tradição, o acordo que pôs fim à 1ª invasão dos exércitos napoleónicos teria sido celebrado no palácio de Seteais, daí o chamar-se "Convenção de Sintra"; na realidade, os vencidos assinaram-no em Lisboa (...) e os vencedores ratificaram-no no dia seguinte, no quartel-general de Torres Vedras." (Araújo, 1988: 200, n.90) enquanto Nuno Simão Ferreira defende: "A Convenção de Sintra foi assinada em Lisboa, a 31 de Agosto de 1808 (...)" (in Sousa (coord.), 2008: I, 522) Numa tentativa louvável de clarificar a questão, escreve Eurico de Ataíde Malafaia: "Há uma *convenção para a suspensão de armas*, (...) assinada em Sintra, (...) a 22 de Agosto de 1808 e uma *convenção definitiva* (...) *para a evacuação de Portugal* (...), com a data de 30 de Agosto de 1808, (...) ratificada por Junot (...). A Convenção de Sintra foi *apenas* uma convenção para suspensão de armas, sendo a convenção definitiva (...) assinada em Torres Vedras em 30.08.1808." (in *idem*: I, 44, n.50) Michael Glover recorda, por sua vez: "On the same day [2nd. September] the main army advanced to the area Mafra-Chilieros [sic; Cheleiros]-Cintra. Dalrymple established his headquarters at Cintra and it was from there that he wrote his first dispatch, covering the Armistice and the Convention on 3rd. September." (Glover, 1970: 151)

não ter sido sequer assinada em Sintra a Convenção que dela ironicamente tomou e conservou o nome.

Entre as questões susceptíveis de serem abordadas, conta-se a das assinaturas apensas ao texto do armistício (22 de Agosto), estipulando, no rescaldo imediato da vitória do Vimeiro, o cessar-fogo e o fim das hostilidades, e à versão final, mais extensa e pormenorizada, datada do dia 30.[12] De facto, enquanto a primeira é assinada, em nome de Junot, pelo General François-Étienne Kellermann, Conde, depois Duque, de Valmy (1770-1825), que a apresenta ao comando britânico, e *Sir* Arthur Wellesley, o futuro Duque de Wellington (1769-1852), o texto definitivo mantém a assinatura de Kellermann, mas a de Wellesley cede lugar à de George Murray (1772-1846).[13] Como se explica ou a que se deve esta alteração?

Michael Glover, um dos mais reputados historiadores da Guerra Peninsular e do próprio Wellington, propõe uma interpretação que consubstancia o sempiterno debate entre a "antiguidade" e o "mérito". Segundo este especialista, embora a Roliça e, sobretudo, o Vimeiro tivessem sido, em larga medida, vitórias pessoais de Wellesley, à data Tenente-General, a sua juventude face a oficiais mais experientes — que não mais graduados — como *Sir* Henry (Harry) Burrard (1755-1813) e *Sir* Hew Dalrymple (1750-1830) levaria, durante e imediatamente após a refrega do Vimeiro, a alterações pouco transparentes, e mesmo quase caricatas, da cadeia de comando, colocando Wellesley em posição subalterna face a ambos.[14] Na verdade, em despacho

---

[12] Embora a Biblioteca Nacional possua um exemplar manuscrito na secção dos Reservados (MSS 259, nº 10, descrito in Ventura e Sousa (coord.), 2007: 83-84), utilizámos as versões inglesas transcritas in Wordsworth, 1983: 199-200 e 201-205; para os correspondentes textos em português e respectivas notas, cf., por exemplo, Almada, 1946: I, 141-157. Deve-se também a Joana Matos Dias, responsável pela tradução de alguns boletins da campanha de Wellesley em 1808 (in Sousa (coord.), 2007: 45-65), uma útil transcrição do texto oficial. (*Idem*: 61-65)

[13] O quinto boletim do exército, assinado por Dalrymple e datado de Sintra, 3 de Setembro de 1808 (cf. *supra*, n. 11) nada adianta sobre este ponto, registando apenas: "(...) apesar de vários artigos que foram acordados terem sido assinados por Sir Arthur Wellesley e pelo General Kellermann (...), finalmente concluiu-se que o Tenente-General Murray, Quartel-Mestre-General do exército Britânico, e o General Kellermann deveriam continuar a negociar os restantes artigos e finalmente elaborar uma convenção para a evacuação de Portugal (...)." (*Idem*: 59) Atente-se no intervalo existente entre este e o boletim imediatamente anterior, datado do Vimeiro, 21 de Agosto de 1808, e ainda assinado por Wellesley.

[14] Em *Proceedings upon the Inquiry Relative to the Armistice and Convention Made and Concluded in Portugal in August 1808*, publicado em 1809, apontam-se "'(...) the very extraordinary circumstances under which two Commanders in Chief arrived from the ocean, the one during, the other immediately after a battle, and those successively superseding each other, and both the original commander within a space of twenty four hours'." (*Apud* Glover, 1974: 70; cf. *infra*, n.26)

de 15 de Julho de 1808, enviado por Robert Stewart, *Lord* Castlereagh (1769-1822), titular da pasta da Guerra e das Colónias e futuro Ministro dos Negócios Estrangeiros, a *Sir* Arthur Wellesley e recebido por este pouco após o desembarque em Portugal, pode ler-se:

> I am to acquaint you that His Majesty has been pleased to entrust the command of his troops on the coasts of Spain and Portugal to Lieut.-General Sir Hew Dalrymple, with Lieut.-General Sir Harry Burrard, second in command. (*Apud* Glover, 1970: 58-59)

Noutra obra, o mesmo historiador acrescenta:

> (...) on the Foreign Secretary's insistence [George Canning, 1770-1827, futuro Primeiro-Ministro], the cabinet appointed Sir Hew Dalrymple to the command in Portugal. (...) Ministers insisted that a second-in-command be appointed (...). With a poor field available the Horse Guards nominated Sir Henry Burrard (...).
>
> Wellesley had known that he must be superseded if the expedition was to be greatly reinforced. He was almost the most junior lieutenant-general in the army (...) but he would have been less than human if he had not resented the chief command going to two elderly nonentities (...)." (*Idem*, 1974: 60)[15]

Para os presentes efeitos, pouco importa averiguar até que ponto esta substituição nas chefias militares britânicas recém-chegadas a Portugal reflecte também colateralmente as tensões existentes entre Canning e Castlereagh no interior do governo de William Bentinck, 3° Duque de Portland (1738-1809), que Sir Arthur Wellesley, aliás, integrava como responsável pelos assuntos irlandeses. Do mesmo modo, a manifesta anterioridade da decisão **política** (15 de Julho) face à prestação **militar** (17 e 21 de Agosto), devendo necessariamente ser tida em conta, é, apesar de tudo, um factor secundário, pois Wellesley continuaria a comandar

---

[15] No dizer de *Sir* John Moore (1761-1809), que sucederia, por breves meses, a Dalrymple e Burrard no comando das tropas estacionadas na Península, "(...) much was still done by Sir Arthur Wellesley, and what was not done by him was not done at all. (...) It is evident that if any operation is to be carried on it will be miserably conducted, and that seniority in the Army List is a bad guide in the choice of a military commander." (*Apud idem*: 147)

as tropas até à chegada efectiva de Burrard e Dalrymple (em 21 e 22 de Agosto, respectivamente); por outro lado, mesmo sabendo que iria ser substituído e ainda que, conforme Glover insinua, a notícia lhe possa ter desagradado, a verdade é que ela não terá manifestamente comprometido o (des)empenho de Wellesley. O que importa, pois, destacar após o Vimeiro é que, tal como a contenção militar e a predisposição e decisão negociais, favorecidas, respectivamente, por Burrard e Dalrymple, viriam a prevalecer sobre a perseguição dos franceses, desejada e defendida pelo futuro "Duque de Ferro",[16] a assinatura contrariada de Wellesley em 22 de Agosto dever-se-ia única e exclusivamente ao cumprimento de uma ordem ou instrução dada por um superior hierárquico ...[17] De resto, Wellesley depressa terá tomado consciência da infelicidade dessa assinatura, ditada, senão mesmo 'extorquida', pela lógica, ética e deontologia militares, desdobrando-se em explicações e justificações marcadas por uma ansiedade indisfarçável e ainda perceptível, passados dois séculos:

> From the moment that he signed it Wellesley realised that his signature on the armistice laid him open to attack. Dalrymple's request to him to sign it had put him into an intolerable position. (...) Instead he steadfastly maintained

---

[16] "Burrard had landed from the sea in time to see the last shots fired. Wellesley rode up to him and said, 'Sir Harry, now is your time to advance, the enemy are completely beaten and we shall be in Lisbon in three days.' Sir Harry Burrard replied that (...) a great deal had been done very much to the credit of the troops, but that he did not think it advisable to move off the ground in pursuit of the enemy. Wellesley pressed the case for following up the victory but Burrard 'saw no reason for altering my former resolution of not advancing'. Wellesley 'turned his horse's head, and with a cold contemptuous bitterness, said aloud to his aide-de-camp, "You may think about dinner for there is nothing more for soldiers to do this day."' (Glover, 1974: 66-69)

[17] Nas palavras do próprio Wellesley, "'Before he [Kellermann] dictated the title he asked Sir Hew Dalrymple who was to sign it, and Sir Hew said himself. General Kellermann then represented that he, Sir Hew, ought not to sign an agreement with an inferior officer, and proposed that I (...) should sign it. Sir Hew then came into another room, where I was, and told me that General Kellermann had proposed that I should sign the instrument, and he asked me whether I had any objection to doing so. My answer was that I would sign any paper he wished me to sign. When it was drawn up, I read it over, and (...) gave it to Sir Hew Dalrymple (...), with an observation that it was a very extraordinary paper. He answered that it did not contain anything that had not been settled, and I then signed it.'" (*Apud idem*: 136) Segundo outra fonte, igualmente citada por Glover, "Colonel Torrens recalled that 'at daylight on the morning of the 23rd, Sir Arthur Wellesley mentioned to me the occurrences which had taken place the evening before; and (...) that he had signed the armistice by the desire of Sir Hew Dalrymple, although he totally disapproved of many points in, and of the tone of the language in which it was drawn up.'" (*Apud idem*: 139)

that he was not responsible. 'If the Commander of the Forces had given me instructions to negotiate this instrument, and had I then negotiated it, I might have been responsible for its contents; or at all events for the manner in which it was drawn up; but as it is, my signature is a mere form.'

On the day after the agreement was signed he wrote a long private letter to Castlereagh. 'Although my name is affixed to this instrument, I beg that you will not believe that I negotiated it, that I approve of it, or that I had any hand in wording it. It was negotiated by the General himself in my presence and that of Sir Harry Burrard; and after it had been drawn out by Kellermann himself, Sir Hew Dalrymple desired me to sign it. (...)'

'I will not conceal from you, my dear Lord, that my situation in this army is a very delicate one. I never saw Sir Hew Dalrymple till yesterday; and it is not an easy task to advise any man on the first day one meets with him. He must at least be prepared to receive advice. (...) This is another awkward circumstance which cannot end well; and to tell you the truth, I should prefer going home to staying here. However, if you wish me to stay, I will: I only beg that you will not blame me if things should not go on as you and my friends in London might wish they should.'

A few days later he wrote to another friend [Duque de Richmond] 'I have only to regret that I signed the agreement for a suspension of hostilities without having negotiated. I have already told you the reasons why I did so, but I doubt whether good nature, and a deference to the opinion of an officer appointed Commander-in-Chief on the day of his taking his command, and to his orders, and a desire to avoid being considered the head of a party against his authority, will be deemed sufficient excuses for an act which, on the other grounds, I cannot justify.' (*Apud idem*: 142-144 *passim*)[18]

---

[18] Alguns dias mais tarde, em 5 de Setembro, Wellesley viria a solicitar de Castlereagh autorização official para deixar o exército aliado, confessando: "'It is quite impossible for me to continue any longer with this army; and I wish, therefore, that you would allow me to go home and resume the duties of my office, if I should still be in office, and if it is convenient to the government that I should retain it; or if not, that I should remain upon the staff in England; or, if that should not be practicable, that I should remain without employment. You will hear from others of the various causes which I must have for being dissatisfied, not only with the military and other measures of the Commander-in-Chief, but with his treatment of myself. I am convinced it is better for him, for the army, and for me, that I should go away; and the sooner I go the better.'" (*Apud idem*: 152-153)

Uma dificuldade, porém, subsiste: como explicar a não assinatura, uma escassa semana mais tarde, da versão final da Convenção de Sintra?[19] Alguns autores mencionam uma recusa pessoal de Wellesley, talvez "(...) por achar que esta não nos fazia justiça" (Pires, 1981: 69), mas eventualmente também por se reconhecer pressionado por Dalrymple e, de certa forma, arrependido da assinatura de 22. Seja como for, na sua introdução à edição facsimilada do ensaio de Wordsworth, Gordon Kent Thomas revela-se crítico da actuação de Wellesley,[20] não o isentando de responsabilidades na celebração do polémico documento, e o sentir dominante da opinião pública britânica nesse Outono de 1808 aponta, como veremos, na mesma direcção.

Mesmo não sendo esse o nosso objectivo, qualquer análise global da Convenção de Sintra enquanto facto e documento históricos jamais invalidaria ou excluiria, como é lógico, uma focagem particular das cláusulas do articulado, designadamente as mais polémicas. Assim, e sem que se pretenda condicionar ou tolher a liberdade individual de selecção, será difícil não destacar a ausência das autoridades políticas portuguesas, civis e militares, do processo negocial; a salvaguarda da posse e do transporte para França, a bem e em nome da propriedade privada e sob escolta britânica, dos produtos dos saques e das pilhagens praticados; e a própria substituição, no castelo de S. Jorge, da tricolor bandeira francesa por uma isocromática *Union Jack*,[21] talvez em devota homenagem ao santo anglo-português por excelência ...

As reacções não se fizeram esperar, sendo de destacar a "Protestação" apresentada pelo General Bernardim Freire de

---

[19] "(...) on the 31st, in the presence of all the lieutenant-generals except Wellesley, Dalrymple ratified the Convention at his headquarters at Torres Vedras (...) whither he had moved them the previous day. The final Convention followed fairly close the lines laid down in the Armistice (...)." (*Idem*: 150)

[20] "In the years since 1808, the Duke of Wellington's great and deserved reputation has (...) drowned out the voices of his critics at the time of the Convention. His later status as a national hero and nemesis of tyranny today seems not at all diminished by his signature on that document which once caused such a furor. Those who think at all of the Cintra episode in is life tend do defend him as duped by the other English generals — a view, though, hard to sustain in the light of evidence showing the earliest draft of the Convention, including all of its most objectionable features, to be his alone." (in Wordsworth, 1983: vii)

[21] A mesma fonte di-lo-ia com total clareza: "The French flag over Lisbon was lowered, but it was the English flag, not the Portuguese, which replaced it." (*Idem*: vi) Medindo as palavras, Wordsworth comentaria assim este facto: "It is no excuse to say that this was not intended. Such inattentions are among the most grievous faults which can be committed; and are impossible, when the affections and understandings of men are of that quality, and in that state, which are required for a service in which there is any thing noble or virtuous." (*Idem*: 74-75)

Andrade e Castro,[22] de quem Wellesley já havia discordado por razões operacionais e logísticas, pouco após o desembarque britânico (cf. Glover, 1970: 75-76), mas também a observação de William Carr Beresford (1768-1854),[23] além de comentários coevos (cf. *supra*, n.5 e 6) e de avaliações, mais serenamente objectivas ou mais inflamadamente patrióticas,[24] produzidas por historiadores, comentadores e analistas da aliança anglo-portuguesa e não raro marcadas por 'ismos', 'filias' e 'fobias' que se entrechocam e degladiam entre si. Seja como for, a estupefacção e indignação causadas pela Convenção de Sintra na opinião pública britânica a partir de meados de Setembro, duas curtas semanas após a recepção eufórica da notícia do Vimeiro (cf.

---

[22] "Protestação que faz Bernardim Freire de Andrade, General Comandante das Tropas Portuguesas contra os Artigos da Capitulação, convencionada e assinada pelos Generais dos Exércitos Inglês e Francês para a evacuação de Portugal.", datada do Quartel-General da Lourinhã, 24 de Agosto de 1820; para uma transcrição deste texto em português actual, cf. Isabel Oliveira Martins in Sousa (coord.), 2007: 358-359.

[23] "The British were hardly more popular with the Portuguese than the French. Beresford wrote from Lisbon to Wellesley that: 'The people here of every class are enraged to the highest degree, and this treaty has lowered as much in their estimation'. Dalrymple was besieged with further protests about his neglect of Portuguese interests and matters were scarcely improved when, acting on a discretion given him by London, he appointed a new Portuguese Council of Regency." (Glover, 1970: 154-155)

[24] Como representativas destas últimas, citaremos as seguintes, mantendo-se a grafia original, por inteligível e para evitar a proliferação do recurso a [sic]:"Durante tôda a campanha ficou bem patente, menos para os amadores de ilusões, que o intento da Inglaterra não era o de defender Portugal, mas sim o de cuidar exclusivamente dos seus interêsses. Desde o princípio, os seus generais moveram-se sistemàticamente ao longo da costa marítima, para terem mais facilidade de fugir para bordo no caso de que os soldados portugueses não se agüentassem bem. (...) É então assinada a Convenção de Sintra. A Inglaterra trata directamente com Junot. Nem as autoridades portuguesas nem os seus generais foram ouvidos!!! (...) O conhecimento da Convenção de Sintra provocou em todo o país indignação geral. Os próprios escritores ingleses não ousaram encobrir a vilania, mas pretenderam embuçá-la declarando que a Convenção de Sintra fôra mal recebida pela opinião pública tanto portuguesa como britânica." (Claro, 1943: 148-149) e ainda "(...) essa capitulação mostrou logo que Portugal apenas ia mudar de senhores, e que os novos seriam ainda mais altivos e desprezadores, mais desattentos aos nossos interesses, do que os antigos. Apesar d'existir no nosso paiz um governo nacional revolucionario, a junta do Porto, apezar da Inglaterra reconhecer a casa de Bragança como soberana legitima de Portugal, apesar de terem cooperado com Wellesley muitos generaes portuguezes, a convenção de Cintra fez-se unicamente por auctoridade dos inglezes e em nome d'elles, sem os principaes interessados serem ouvidos nem attendidos. Mais ainda. Os *fieis alliados*, mostrando bem que só para si trabalhavam e só com as suas conveniencias se importavam, consentiram que os francezes levassem comsigo, ao retirarem para a patria, quanto haviam roubado, e, deixando-os sair livremente, nada estipularam em favor d'uma legião portugueza que estava como prisioneira em França, servindo contra vontade no exercito de Napoleão!" (Anónimo, 1942: 140)

Glover, 1970: cap. 9, 158-177), seriam suficientemente importantes para ditar a constituição de uma comissão militar e a abertura de um inquérito à actuação do comando em Portugal,[25] inquérito esse que teve lugar no Salão Nobre (*Great Hall*) do Hospital Real de Chelsea entre 14 de Novembro e 27 de Dezembro de 1808 e do qual existem registos documentais acessíveis, tanto na Biblioteca Nacional, quanto em suporte electrónico.[26] Mas — e apesar das actuais possibilidades de acesso à informação — o que conhece verdadeiramente o investigador anglo-português, historiador ou não, de todo esse processo, em termos das investigações, dos arrolamentos e das audições efectuados, das conclusões apuradas e das respectivas consequências militares e políticas?[27]

Identificadas que ficam algumas vertentes, apresentaremos em seguida alguns testemunhos heterogéneos sobre a Convenção de Sintra, susceptíveis, como se disse, de animar um projecto de re-exame da mesma, em termos da sua recepção além-Mancha.

II

O texto de William Wordsworth, cujo título abreviamos, por comodidade, para *The Convention of Sintra* (1809),[28] pode ser apresentado como um ensaio filosófico-político — quase uma 'carta aberta' — sobre os valores e princípios éticos e morais que,

---

[25] Como lembra João Almeida Flor, "De facto, pela inexplicada benevolência para com o invasor derrotado, a Convenção suscitaria tão activo repúdio na opinião pública e na classe política britânica, que foi alvo de um inquérito parlamentar, para apuramento de responsabilidades e para eventual punição do modo escandalosamente inábil como havia decorrido a sua negociação. Como se imagina, o desfecho inconclusivo do processo veio contribuir para a frustração de todas as expectativas e para reforçar as vozes de oposição à política externa do Governo britânico (...)." (in Sousa (coord.), 2008: I, 532)

[26] Cf. *The proceedings upon the inquiry, relative to the armistice and convention, &c. made and concluded in Portugal in August, 1808, between the Commanders of the British and French Armies* ..., London: printed for T. Egerton, Military Library, 1809 (Item nº 84 in Ventura e Sousa (coord.), 2007: 108, já citado *supra*, n.14) e o "Inquiry into the Convention of Cintra 1808" in <http://www.napoleon-series.org/research/government/diplomatic/c_inquiry.html> (consultado em 13.10.2008). Em termos de fonts secundárias, cf. Glover, 1970: cap. 10, 178-198, além dos *links* supracitados (n.15).

[27] Embora Wellesley, Burrard e Dalrymple, mesmo ilibados, tenham sido exonerados e o comando das tropas britânicas na Península entregue, como vimos, a *Sir* John Moore, em 27 de Janeiro de 1809, Wellesley mereceria um voto de louvor da Câmara dos Comuns pela vitória do Vimeiro e regressaria em breve a Portugal; quanto a Burrard e a Dalrymple, passariam à reserva territorial, se bem que Burrard tenha mantido o título de Barão de Lymington, que ostentava desde 1807, e Dalrymple sido agraciado com a baronia de High Mark, co. Wigtown, em 1815.

na perspectiva do autor e no mais lato contexto da mundividência romântica, deveriam subjazer e presidir às práticas e orientações de uma governação atenta aos mais íntimos, profundos e orgânicos anseios das nações e dos povos,[29] como a liberdade, a independência, a soberania e a auto-determinação.[30] Concebido originalmente para publicação no periódico *London Courier*, devido à extensão acrescida do texto e a vicissitudes reconhecidas pelo próprio Wordsworth no "Advertisement", datado de 20 de Maio de 1809, apenas dois excertos viriam, de facto, a aparecer nos números de 27 de Dezembro de 1808 (por sinal, o último dia do inquérito de Chelsea) e 13 de Janeiro de 1809. Isto significa, por outras palavras, que a edição integral em livro ocorre já cerca de nove meses após a assinatura da Convenção de Sintra,[31] numa altura em que até a 2ª invasão francesa de Portugal, comandada por Soult, havia terminado, o que provavelmente terá retirado alguma actualidade tópica e intensidade panfletária ao ensaio de Wordsworth.[32]

Independentemente da veracidade dos factos atinentes à Convenção, esta obra, não raro repetitiva, digressiva e abstracta, tem, quanto a nós, como principal motivo de interesse a possibilidade de acesso a uma faceta nem sempre muito focada do patriarca romântico: a cívico-política. De facto, *The Convention*

---

[28] *Concerning the Relations of Great Britain, Spain, and Portugal, to Each Other, and to the Common Enemy, at this Crisis; and Specifically as Affected by the Convention of Cintra: The whole brought to the test of those Principles, by which alone the Independence and Freedom of Nations can be Preserved or Recovered.*

[29] Como representativo desta ideia, cite-se o seguinte passo: "(...) the cause of the People, in dangers and difficulties issuing from (...) oppression, is safe while it remains not only in the bosom but in the hands of the People; or (what amounts to the same thing) in those of a government which, being truly *from* the People, is faithfully *for* them." (Wordsworth, 1983: 154)

[30] Como nota Gordon Kent Thomas na Introdução: "Wordsworth wrote not as a historian nor as a journalist but as a poet and a moral philosopher. His concern was nor really to name those responsible for the Convention, nor to reveal its true military causes nor its verifiable effects. The military and political events of 1808 were for Wordsworth a springboard into a bold enquiry into how far such ideal aspirations as individual freedom and national independence and international cooperation can be related to moral and intellectual principles. Such an enquiry was and is a constant need, and rarely met." (In *idem*: ix)

[31] Facto que Wordsworth não hesita em apresentar, logo na abertura, como "(...) one of the most important events of our time." (*Idem*: 3)

[32] A título de curiosidade, sugere-se a leitura de "Composed while the Author was engaged in Writing a Tract, occasioned by the Convention of Cintra" e "Composed at the same Time and on the same Occasion", dois sonetos redigidos em Novembro ou Dezembro de 1808, integrados na 2ª parte de *Poems dedicated to National Independence and Liberty* e publicados em 1815. (Wordsworth, 1942: 313-314)

of Cintra atesta a presença de um observador atento das realidades político-militares do seu tempo; de um homem capaz de conjugar reflexões ético-morais genéricas com a desconstrução, por vezes surpreendentemente incisiva, das cláusulas mais controversas dos textos de 22 e 30 de Agosto[33] e a questionação desassombrada dos procedimentos das classes militar e política. Essa tensão e esse confronto entre práticas e princípios animam algumas dezenas de passagens relevantes e potencialmente citáveis, o que seria, porém, impraticável; mas pela sua veemência (naturalmente servida pelos dotes oratórios e retóricos do bardo laquista), sempre destacaríamos as seguintes, sobre a reacção do povo britânico à divulgação da Convenção de Sintra:

> Wherever the tidings were communicated, they carried agitation along with them (...). Not a street, not a public room, not a fire-side in the island which was not disturbed as by a local or private trouble; men of all estates, conditions, and tempers were affected apparently in equal degrees. (...) there was an under-expression which was strange, dark, and mysterious — and (...) we were astonished like men who are overwhelmed without forewarning — fearful like men who feel themselves to be helpless, and indignant and angry like men who are betrayed. In a word, it would not be too much to say that the tidings of this event did not spread with the commotion of a storm which sweeps visibly over our heads, but like an earthquake which rocks the ground under our feet." (Wordsworth, 1983: 3-4)

> As soon as the truth was known, never was there such a burst of rage and indignation — such an overwhelming of stupefaction and sorrow. (*Idem*: 48)

---

[33] Tal é o caso, por exemplo, do artigo I do texto do armistício, questionando a legitimidade e legalidade do título imperial de Bonaparte (Wordsworth, 1983: 69ss), matéria que poderá relacionar-se com a nomeação de Junot, por Wellesley, como Duque de Abrantes, na proclamação de 4 de Agosto aos portugueses (*Idem*: 47-48), bem como dos artigos I, IV e XII do texto definitivo, sobre a posse e entrega de castelos e fortalezas, armamentos e munições (*Idem*: 74-75), dos artigos V e XVI, sobre os bens próprios dos invasores (*Idem*: 75ss), e do artigo XVII, sobre os colaboracionistas portugueses (*Idem*: 77ss). Globalmente falando, Wordsworth visa denunciar "(...) the political injustice and moral depravity which are stamped upon the front of this agreement, and pervade every regulation which it contains." (*Idem*: 68), metaforizando os vinte e cinco artigos (incluindo os três adicionais) que compõem o documento como "(...) a long ladder into a deep abyss of infamy!" (*Idem*: 89).

> Bitter was the sorrow of the people of Great Britain when the tidings first came to their ears, when they first fixed their eyes upon this covenant — overwhelming was their astonishment, tormenting their shame, their indignation was tumultuous; (...) For they, who had signed and ratified it, had not only glaringly exceeded all power which could be supposed to be vested in them as holding a military office; but, in the exercise of political functions, they had framed ordinances which neither the government, nor the nation, nor any power on earth, could confer upon them a right to frame: therefore the contract was self-destroying from the beginning. (*Idem*: 95-96)

Ou a inexistência de contactos com os Portugueses e referências a Portugal:

> It occasioned regret and perplexity, that they [the reflecting persons] had not heard more of the Portugueze [sic]. They knew what that People had suffered, and how they had risen; (...) Why then, it was asked, do we not hear more of those who are at least coequals with us, if not principals, in this contest? They appeared to have had little share in either engagement; (...) and, while the French were abundantly praised, no word of commendation was found for *them*. Had they deserved to be thus neglected? (*Idem*: 44-45)

> (...) an instrument, where we not only look in vain for the name of the Portugueze [sic] Sovereign, or of the Government which he appointed, or of any heads or representatives of the Portugueze [sic] armies or people as a party in the contract (...). (*Idem*: 69)

> We enter the Portugueze [sic] territory as allies; and, without their consent — or even consulting them, we proceed to form the basis of an agreement, relating — not to the safety or interests of our own army — but to Portugueze [sic] territory, Portugueze [sic] persons, liberties, and rights, — and engage, out of our own will and power, to include the Portugueze [sic] army, they or their Government willing or not, within the obligation of this agreement. (*Idem*: 70)

> In whatever circumstances Portugal had been placed, the paramount right of the Portugueze [...] nation, or government, to appear not merely as a party but a principal, ought to have

been established as a primary position, without the admission of which, all proposals to treat would be peremptorily rejected. But the Portugueze [...] *had* a government; they had a lawful prince in Brazil; and a regency, appointed by him, at home; and generals, at the head of considerable bodies of troops, appointed also by the regency or the prince. (*Idem*: 73)

Ou ainda a avaliação do comportamento do comando britânico:

For they [Dalrymple and Wellesley] had changed all things into their contraries, hope into despair; triumph into defeat; confidence into treachery (...); justice into the keenest injury. — Whom had they delivered but the Tyrant in captivity? Whose hands had they bound but those of their Allies (...)? Whom had they punished but the innocent sufferer? Whom rewarded but the guiltiest of Oppressors? They had reversed every thing: — favour and honour for their enemies — insult for their friends — and robbery (they had both protected the person of the robber and secured to him his booty) and opprobrium for themselves; — to those over whom they had been masters, who had crouched to them by an open act of submission, they had made themselves servants, turning the British Lion into a beast of burthen [sic], to carry a vanquished enemy, with his load of iniquities, when and whither it had pleased him. (*Idem*: 49)

The British Generals acted as if they had no purpose but that the enemy should be removed from the country in which they were, upon *any* terms. Now the evacuation of Portugal was not the prime object, but the manner in which that event was to be brought about; this ought to have been deemed first both in order and importance; — the French were to be subdued, their ferocious warfare and heinous policy to be confounded; and in this way, and no other, was the deliverance of that country to be accomplished. It was not for the soil, or for the cities and forts, that Portugal was valued, but for the human feeling which was there; for the rights of human nature which might be there conspicuously asserted; for a triumph over injustice and oppression there to be atchieved [sic] (...). (*Idem*: 63-64)

(...) our Generals (and with them our Ministers, as far as they might have either given directions to this effect, or have

countenanced what has been done) — when it was their paramount duty to maintain at all hazards the noblest principles in unsuspected integrity; (...) not only did not perform this duty, but descended as far below the level of ordinary principles as they ought to have mounted above it; — imitating not the majesty of the oak with which it lifts its branches towards the havens, but the vigour with which (...) it strikes its roots downwards towards hell: (...). (*Idem*: 68-69)

(...) we, instead of triumphantly displaying our power towards our enemies, have ostentatiously exercised it upon our friends; reversing (...) the practice of sense and reason; — conciliatory even to abject submission where we ought to have been haughty and commanding, — and repulsive and tyrannical where we ought to have been gracious and kind. (*Idem*: 71)

We had power to give a brotherly aid to our allies in supporting the mighty world which their shoulders had undertaken to uphold; and, while they were expecting from us this aid, we undermined — without forewarning them — the ground upon which they stood. The evil is incalculable; and the stain will cleave to the British name as long as the story of this island shall endure. (*Idem*: 126)

Suficientemente documentadas que ficam as posições de Wordsworth, transitemos agora da 1ª para a 2ª geração romântica, na pessoa, não menos emblemática, de *Lord* Byron. Como é sabido, a alusão à Convenção de Sintra surge inserida nas celebérrimas e citadíssimas estrofes dedicadas à vila em *Childe Harold's Pilgrimage* (Byron, 1989: I, xviii e seguintes, 183-185), mas nas quais não nos deteremos; registe-se apenas, sem outro comentário que não seja para relembrar a nomeação de Seteais como o local de assinatura da Convenção (cf. *supra*, n.11), a evidente sintonia moral e mental entre estas duas figuras cimeiras do Romantismo inglês:

Behold the hall where chiefs were late convened!
Oh! dome displeasing unto British eye!
(...)
Convention is the dwarfish demon styled
That foil'd the knights in Marialva's dome:
Of brains (if brains they had) he them beguiled,

And turned a nation's shallow joy to gloom.
Here Folly dash'd to earth the victor's plume,
And Policy regain'd what arms had lost:
For chiefs like ours in vain may laurels bloom!
Woe to the conqu'ring, not the conquer'd host,
Since baffled Triumph droops on Lusitania's coast!

And ever since that martial synod met,
Britannia sickens, Cintra! at thy name;
And folks in office at the mention fret,
And fain would blush, if blush they could, for shame.
How will posterity the deed proclaim!
Will not our own and fellow nations sneer,
To view these champions cheated of their fame,
By foes in fight o'erthrown, yet victors here,
Where Scorn her finger points through many a coming year?
(*Idem*: I, xxiv-xxvi, 184-185)

Os últimos exemplos que apresentaremos, decerto menos conhecidos do que o ensaio de Wordsworth e o poema de Byron, sem prescindirem do suporte verbal, adicionam-lhe a sempre importante mais-valia da imagem, entreabrindo aos estudiosos de cultura, nas suas acepções e concepções mais amplas, as plurais possibilidades de representação e análise semiótico-discursivas da Convenção de Sintra.

Na abertura do catálogo da exposição "Caricatura política inglesa alusiva a Portugal 1801-1833", realizada pelo Instituto Britânico no já distante ano de 1971, escreve Fernando Rau:

> Ao contrário da estampa histórica convencional, tecendo encómios do Estado, sucessos guerreiros ou retratos-elogio dos grandes personagens, a caricatura é mais o eco do quotidiano, do momento circunstancial, o comentário vivo e espontâneo do acontecimento. Revela episódios inéditos da vida social, aspectos ignorados da opinião pública, atitudes controversas, protestatárias, inconformistas...
>
> Os estudos históricos baseados na caricatura estrangeira sobre Portugal não se desenvolveram. Por regra geral, o historiador observa menos a linguagem do desenho do que analisa um texto. Por velha pecha também, a caricatura, tida como objecto despresível [sic], tem vivido excluída da ordem dos estudos respeitáveis. A sua linguagem simples, desabusada, irreverente, não tem o rigor académico. Acrescente-se a

isto que os arquivos oficiais, lentos, como sempre, em reconhecer o valor e o significado das coisas, não a guardam nem consideram. A penúria, o isolamento ou a dispersão das colecções, mais acanha o âmbito do investigador. (Rau (org.), 1971: s.n.)

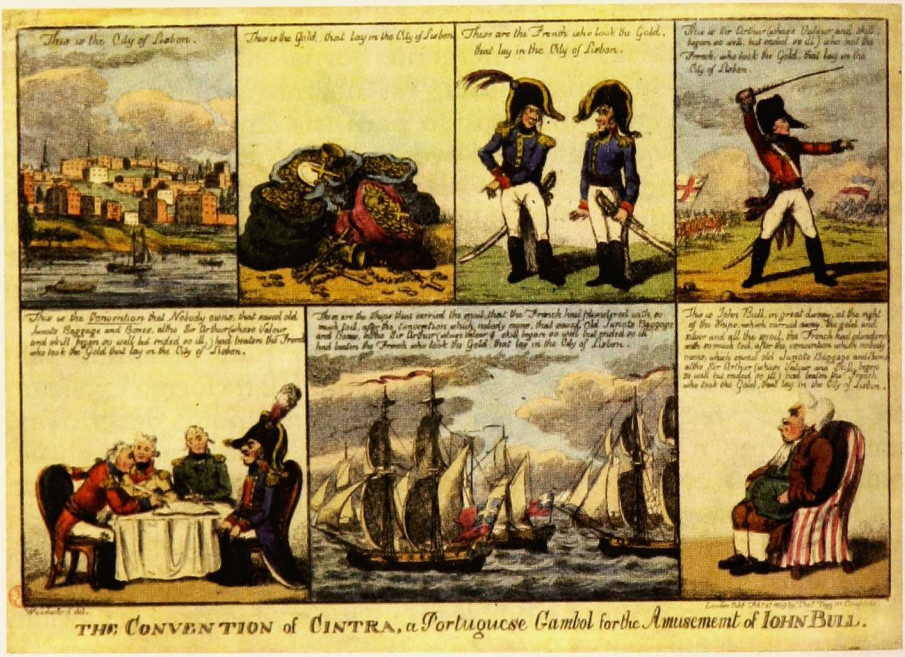
A aplicação deste juízo ao caso britânico merece-nos dois apontamentos telegráficos: o primeiro para recordar a existência, desde, pelo menos, o século XVIII, de uma sólida tradição visual de sátira e caricatura, assente em nomes como Thomas Rowlandson (1756-1827), James Gillray (1757-1815), Isaac Cruikshank (1756-1811) e o seu filho George (1792-1878), mas também presente na literatura panfletária, no emergente jornalismo periódico, na baladística popular e na poesia, na narrativa e no teatro de Setecentos, em geral; e o segundo para, na linha dos impulsos antropológicos e sociológicos do século XIX, evocar a dignificação plena destes materiais como potenciais fontes primárias dos Estudos de Cultura, à semelhança, por exemplo, dos *Boys' Weeklies* e da "newer mass art" sobrevoados, respectivamente, por George Orwell (1903-1950) em *Inside the Whale* (1940) e Richard Hoggart (1918-) em *The Uses of Literacy* (1957).

Do catálogo organizado por Fernando Rau constam pelo menos sete caricaturas (nos. 13-19) que aludem, de forma explícita, à Convenção de Sintra;[34] sabemo-lo através das notas descritivas, uma vez que o catálogo apenas reproduz uma dessas obras, numerando-a como a 16ª (E não a 15ª, conforme consta da respectiva descrição). Não podemos também deixar de lamentar a inexistência de quaisquer indicações sobre a localização das peças, mesmo admitindo que contactos a efectuar junto do Instituto Britânico (e, em última análise, da *British Library*) poderiam colmatar tal omissão.

Condicionados que estamos pelas caricaturas editadas, fixemo-nos então em *The Convention of Sintra; a Portuguese gambol for the amusement of John Bull* (nº 18). Na verdade (e

[34] São elas, respectivamente: "John Bull perusing the Extrordinary Gazette!!!" (Anónima, mas atribuída a G. ou I. Cruikshank e datada de 10 de Outubro de 1808); "Patriotic petitions on the Convention" (J. Gillray, 20 de Outubro de 1808); "A Portugal catch for three voices" (Anónima, atribuída a C. Williams, Outubro de 1808); "The loyal address! or The procession of the Hampshire-hogs from Botley to St. James's" (J. Gillray, 20 de Outubro de 1808); "Quakers conversing on the affairs of Portugal" (Anónima, atribuída a C. Williams, Outubro de 1808); "The Convention of Sintra; a Portuguese gambol for the amusement of John Bull" (G. Woodward, 3 de Fevereiro de 1809), que examinaremos mais em pormenor; e, por último, "A Bird's eye view" (Marca de W. Heath, sem data, c. 1809).

surpreendentemente, quanto a nós), trata-se de uma obra não reproduzida no catálogo da exposição do Instituto Britânico em Portugal (1971), nem no da correspondente mostra levada a cabo pela Biblioteca Nacional (2007), se bem que surja referenciada e a BNP disponibilize também uma versão digital.[35] É essa caricatura que, com os reconhecimentos e agradecimentos devidos à Biblioteca Nacional de Portugal, reproduzimos abaixo, transcrevendo, por uma questão de legibilidade, as respectivas legendas[36] e sublinhando como a visualidade da banda desenhada



[35] "WOODWARD, George, ca 1760-1809 The Convention of Cintra, a Portuguese Gambol for the amusement of Iohn Bull [Visual gráfico] / Woodward del. — London: Tho.s Tegg, 1809. — 1 gravura: água-forte, aguarelada; 22x33cm (esquadria)Página web da BNP, <http://purl.pt/369/1/ficha-obra-convencao sintra.html> (...) BNP — *Portugal visto por estrangeiros...*, 1981, nº 61. — Duas bandas desenhadas com sete quadros, cada um com longa legenda narrativa (Disponível em <http://purl.pt/429>) BNP E. 1517V." (Ventura e Sousa (coord.), 2007: nº 471, p. 198)

[36] "This is the City of Lisbon. / This is the Gold, that lay in the City of Lisbon. / These are the French who took the Gold, that lay in the City of Lisbon. / This is Sir Arthur (whose Valour and skill, began so well, but ended so ill) who beat the French, who took the Gold, that lay in the City of Lisbon. / This is the Convention that Nobody owns, that saved old Junots [sic] Baggage and Bones, altho [sic] Sir Arthur (whose Valour and skill began so well but ended so ill,) had beaten the French who took the Gold that lay in the City of Lisbon. / These are

(vulgo "histórias aos quadradinhos") se conjuga com a verbalidade da *incremental repetition*[37] característica de alguma poesia e música tradicionais como, por exemplo, *The House that Jack Built* ou *The Twelve Days of Christmas*.

Encerraremos este ensaio com a apresentação de um curioso mapa do litoral português, também ele confiado à Biblioteca Nacional e disponível em versão digital (JPEG).[38] O documento, que pode ser vizualizado na íntegra e/ou por secções,[39] abarca o território entre parte da costa estremenha e o estuário do Sado,[40] devendo acrescentar-se que, apesar da reconhecibilidade da representação cartográfica, o mapa enferma de alguma 'geometrização' e 'estilização', bem como de incorrecções na grafação dos topónimos que lográmos identificar; o apuramento dos restantes, a avaliação do rigor topográfico e cartográfico da informação fornecida e, bem assim, a comparação desta carta com anteriores representações deste trecho do território português (caso existam) constituem exercícios e desafios aliciantes, mas que, logicamente, deixamos à consideração preferencial de geógrafos e historiadores portugueses, britânicos e ... anglo-portugueses.

---

the Ships that carried the spoil, that the French had plundered with so much toil, after the Convention which nobody owns, that saved Old Junots Baggage and Bones, altho Sir Arthur (whose Valour & skill began so well but ended so ill) had beaten the French who took the Gold, that lay in the City of Lisbon. / This is John Bull, in great dismay, at the sight of the Ships, which carried away, the gold and silver and all the spoil, the French had plundered with so much toil, after the convention which nobody owns, which saved old Junots Baggage and Bones altho Sir Arthur (whose Valour and Skill began so well but ended so ill) had beaten the French who took the Gold, that lay in the City of Lisbon."

[37] Sobre este conceito, introduzido por F. B. Gummere, escreve Alan Bold: "Incremental repetition is probably the most readily identifiable of ballad characteristics. By this device a stanza repeats the previous stanza with some significant addition that advances the narrative." (Bold, 1979: 29)

[38] Passamos a transcrever a respectiva ficha bibliográfica (Vizualização ISBD):"[554991]LUFFMAN, John, fl. 1776-1820Lisbon [Material cartográfico / by I. Luffman. — Escala [ca. 1: 470000], 5 miles [69 ao grau = [1, 70 cm]. — London: I. Luffman, 1804. — 1 carta: color.; 24,40 x 20,00 cm em folha de 28,60 x 22,60cm.http://purl.pt/1574."

[39] Nesse caso interessa-nos sobretudo o primeiro — A1 — dos seis painéis, sito no topo esquerdo.

[40] Este mapa dá como limites, a Norte, o "Merceira River" (Rio Maceira?), unindo "Vimeira" (Vimeiro) a "S.P.Daca" (S. Pedro da Cadeira?) e, a Sul, na Península de Tróia, a "Punta de Faro" (?) e a própria "Troya". De permeio, e cingindo-nos à secção A1, percorrida junto à costa no sentido Norte-Sul, ficam "Mangelor" (?), "Formigal" (?), "Ericeira" (praticamente à latitude de "Torres Vedras"...), "Mafra", "Chilheros" (Cheleiros), "Monte Lavor" (Montelavar), "Carvoeira", "Collares", "Cabo de Roxo or the Rock" (Cabo da Roca), etc. Sintra ("Cintra"), naturalmente, também figura, a Sueste de Colares.

Pela mesma ordem de ideias, afigura-se-nos da maior relevância e importância procurar estabelecer se seria ou não possível (e faria ou não sentido) traçar-se algum tipo de correspondência ou paralelo entre as localidades nomeadas por John Luffman (ele próprio um geógrafo, conforme discretamente se indica no título), as movimentações e acções das tropas anglo-lusas no terreno e aquilo que, mercê de materiais como os referidos nas páginas introdutórias, delas ia sendo divulgado e conhecido na Grã-Bretanha de há dois séculos. Os dados aduzidos fazem-nos inclinar para uma resposta afirmativa, mas, como se disse, tratar-se-ia de um projecto pluridisciplinar e internacional que excede em muito o âmbito, os limites e as intenções deste artigo. Em todo o caso, parece-nos indispensável chamar a atenção para a legenda inscrita na base desta carta, uma vez que, a ser contemporânea da sua impressão, ela faz ruir pela base a data que lhe está oficialmente atribuída (1804):

> LISBON, one of the first cities of Europe and capital of the Kingdom of Portugal: the Port, or, Harbour, is upwards of fifteen miles in length & from three to seven in breadth and is esteemed as one of the best in the world. It was taken by the French under Gen.l Junot. Nov.r 1807, and surrendered to the English by the Convention of Cintra. Aug.t 1808. Lat.e 38.42. Long.e 9.5 W. from London. (<http://purl.pt/1574>; cf. secções A3 e B3)

Permita-se-nos, a concluir, uma nota pessoal: conforme tivemos já oportunidade de sustentar (Alarcão, 2008), através de uma valorização estético-cultural (poético-literária e pictórica, mas também histórica, arquitectónica, paisagística e, afinal, 'turística') empreendida pelo gosto e pela sensibilidade românticos, Sintra depressa se libertaria das imerecidas grilhetas que a Convenção de 1808 lhe havia imposto. Mas isso é outra história.

Bibliografia selectiva utilizada

ALARCÃO, Miguel. s.d. "*Ut pictura poesis*: Sintra romântica na encruzilhada das artes". Comunicação inédita, apresentada ao Congresso Internacional "Do Brasil a Macau: Narrativas de Viagens e Espaços de Diáspora" (10-14.09.2008), organizado pelo Centro de Estudos Anglísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em colaboração com o Nottingham Trent Centre for Travel Writing Studies, Nottingham Trent University.

ALMADA, José de. 1946. *A Aliança Inglesa. Subsídios para o seu estudo.* Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa/Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2 vols.

ANÓNIMO. 1942 [1883]. *A Dominação Ingleza em Portugal. O que é e de que nos tem servido a alliança de Inglaterra. Por um compatriota de Gomes Freire d'Andrade.* Lisboa: Editor — João António Rodrigues Fernandes; reed. Sociedade Editora "Europa".

ARAÚJO, Agostinho. 1988. "O palácio neogótico de Monserrate e a sua leitura ao longo do pré-romantismo (1791-1836)". In *Romantismo — Sintra nos Itinerários de um Movimento* (Actas do I Congresso Internacional de Sintra sobre o Romantismo). Sintra: Instituto de Sintra, vol. II, 177-214.

BERKELEY, Alice D. 1991. *New Lights on the Peninsular War. International Congress on the Iberian Peninsula. Selected Papers 1780-1840* (Actas do Congresso realizado na Fundação Calouste Gulbenkian, 24-26 Junho 1989). Lisboa: The British Historical Society of Portugal.

BOLD, Alan. 1979. *The Ballad.* London/New York: Methuen & Co. Ltd., "The Critical Idiom", nº 41.

BYRON, George Gordon, *Lord.* 1989. *Poetical Works.* Edited by Frederick Page. Oxford/New York: Oxford University Press.

CLARO, João V. [1943]. *A Aliança Inglesa (História e fim dum Mito).* Lausanne: Editorial Liberta.

FLOR, João Almeida. 1986. "Byron e os sentidos da peregrinação romântica". In *Romantismo — Da Mentalidade à Criação Artística* (Actas do I Congresso Internacional de Sintra sobre o Romantismo). Sintra: Instituto de Sintra, vol. I, 33-42.

— 2003. "Wordsworth's Cintra Revisited". In *Estudos Anglo-Portugueses. Volume de Homenagem a Maria Leonor Machado de Sousa*. Ed. Carlos Ceia, Isabel Lousada e Maria João da Rocha Afonso. Lisboa: Edições Colibri/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas-Centro de Estudos Anglo-Portugueses: 191-197.

GLOVER, Michael. 1970. *Britannia Sickens: Sir Arthur Wellesley and the Convention of Cintra*. London: Leo Cooper.

— 1974. *The Peninsular War, 1807-1814: A Concise Military History*. London: David & Charles/Connecticut, Archon Books.

HORWARD, Donald D. 2007. "The Peninsular War, Wellington, and American Scholarship". In *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Dir. Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centro de Estudos Anglo-Portugueses, nº 16: 9-22.

PIRES, Maria Laura Bettencourt. 1981. *Portugal visto pelos Ingleses*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de Estudos Comparados de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade Nova de Lisboa, "Textos de Literatura", nº 9.

RAU, Fernando (org.). 1971. *Caricatura política inglesa alusiva a Portugal 1801-1833* (Catálogo de Exposição). Lisboa: Instituto Britânico em Portugal.

SOUSA, Maria Leonor Machado de (coord.). 2007. *A Guerra Peninsular em Portugal. Relatos Britânicos*. Casal de Cambra: Caleidoscópio_Edição e Artes Gráficas, SA.

— (coord.). 2008. *A Guerra Peninsular: Perspectivas Multidisciplinares* (Actas do Congresso Internacional e Interdisciplinar evocativo da Guerra Peninsular / XVII Colóquio de História Militar — "Nos 200 Anos das Invasões Napoleónicas em Portugal", co-organizado pela Academia Portuguesa da História, pelo Centro de Estudos Anglo-Portugueses e pela Comissão Portuguesa de História Militar). Casal de Cambra: Caleidoscópio_Edição e Artes Gráficas, SA, 2 vols.

SOUTHEY, Robert. 1828. *Histoire de La Guerre de la Péninsule sous Napoléon, par ———, Poète lauréat d'Angleterre*. Traduite par M. Lardieu. Paris: Dondey-Dupré Père et Fils, Imp-Lib : t. II, 161-180.

TERENAS, Gabriela Gândara. 2000. *O Portugal da Guerra Peninsular. A Visão dos Militares Britânicos (1808-1812)*. Lisboa: Edições Colibri/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, "Estudos", 7.

THOMAS, Gordon Kent. 1971. *Wordsworth's Dirge and Promise: Napoleon, Wellington and the Convention of Cintra*. Lincoln: University of Nebraska Press.

VENTURA, António e Maria Leonor Machado de Sousa (coord.). 2007. *Guerra Peninsular: 200 Anos*. Apresentação de Jorge Couto. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, Serviço de Actividades Culturais.

WORDSWORTH, William. 1983. *Convention of Cintra. A Facsimile of the 1809 Tract*. Introduction by Gordon Kent Thomas. Provo, Utah: Brigham Young University Press.

—, *The Poetical Works of*. 1942 (1904). Edited by Thomas Hutchinson. A New Edition, revised by Ernest de Selincourt. London/New York/ Toronto: Humphrey Milford/Oxford University Press.

"Inquiry into the Convention of Cintra 1808" in <http://www.napoleon-series.org/research/government/diplomatic/c_inquiry.html> (consulta em 13.10.2008).

<http://purl.pt/369/1/ficha-obra-convencao_sintra.html>

<http://purl.pt/429>

<http://purl.pt/1574>

A BRIEF LOOK AT A WRITTEN AND VISUAL ILLUSTRATION OF PORTUGAL[1]

Isabel Oliveira Martins
Universidade Nova de Lisboa

In the 1830s, the British reader was already used to travel books, and indeed one might add that these came a close second to the novel, the most popular genre at the time. In fact, the majority of those reading travel books were the so-called "fireside travellers", who were anxious to learn more about distant countries and to improve themselves at the same time, but who expected to be entertained as well. Thus, at that time, travel writing was still the ideal way to be instructed in a pleasant way, an example of what was also known as "pleasurable instruction" although this particular situation would soon undergo a change as a result of the evolution of means of transport and the subsequent democratization of travelling.

Throughout the 18th century and part of the 19th, some of the travel narratives were the written product of a journey undertaken by young upper-class British men who went to the Continent, usually accompanied by a tutor, to improve their education. After visiting various places in France, Switzerland, Italy, and sometimes Germany, Holland and Flanders, what became known as 'The Grand Tour' was deemed to have been completed. During this

[1] This article is a slightly altered version of a paper presented at the Second Conference of the *Association of British and Irish Lusitanists*, held in Bristol, January 2008. The author has already published a book about Kinsey's work — Isabel Oliveira Martins. 1987. *William Morgan Kinsey. Uma Ilustração de Portugal.* Lisboa: Edições 70 — but since it was written in Portuguese, the intention of this paper is to divulge a book whose specific characteristics might not be particularly well-known among British scholars.

tour, the young men were expected to learn from different cultural realities and to improve their inner knowledge through this contact with the foreign world 'outside'. If the narrative of their wanderings was ever to be published, then they were also improving the knowledge of those who would read them.

Portugal (and Spain) was not part of the itinerary mentioned above because our country (Portugal) was not among those considered as having a 'high culture'. In point of fact, it did not and it was never considered to have such by the many British travellers who had already been here or who would visit after the '30s. However, until then, there had been all sorts of reasons why our country had been visited and written about. Generally speaking, Portugal had been the object of interest for those who were seeking either to recover their health or to improve their business and further their self-interest. As a result of the earthquake in 1755, Europeans in general, as well as the British, looked on our country as a curiosity and some of those who came to Portugal after this did so not only to see the results of the strange mysterious work of Nature but also expecting to find something exotic or picturesque, although this last characteristic only became fully evident among our visiting travellers and their narratives during the first decade of the 19th century. This was mainly because this was when the influence of Romantic ideas made its way into this kind of narrative.

Still, one might add that most of the so-called travellers came to Portugal because they had to — these were the diplomats and, in particular, the military and all the people who accompanied them such as physicians, clergymen and women. Indeed, even though Portugal had been connected to the British in various ways since the twelfth century and with an Anglo-Portuguese Alliance existing since the 14th century, this historical and political relationship was dramatically strengthened only at the turn of the eighteenth century and during the first half of the nineteenth century. This was a period when the destiny of Portugal became intrinsically connected with the interests of the British, either during the so-called episode of the "Guerra Fantástica" (which occurred mainly in 1762 and as part of the major conflict later known as the Seven Years' War but the sequel of which was the subsequent meddling of the British Army in Portugal), the Peninsular War (with the French invasions of Portugal from 1807 until 1811, but with a British presence once again extended beyond this date) and, finally, the interlude of the Revolution of 1820 and the Liberal Wars. All this covers a period which lasted

until roughly 1834, during which the presence of British subjects on Portuguese soil was almost continuous.

Consequently, particularly after the end of the Peninsular War and during the following two decades, Portugal became a familiar topic among British "fireside travellers" although the majority of the real travellers who came to write about Portugal only did so as a result of the circumstances mentioned above.

This somewhat brief attempt at summarizing the connection between Portugal and the British travellers who eventually came to write about our country serves as a kind of introduction to illustrate why the Reverend William Morgan Kinsey's travel narrative, *Portugal Illustrated*, (published in 1828, with a second edition appearing in 1829) is different. In fact, Kinsey was one of the rare British visitors who came to Portugal for no other reason than a desire to become acquainted with the country and, most definitely, to write about it, as he very clearly states in the preface to the first edition:

> The design of the author in visiting Portugal was to collect a variety of interesting facts from personal observation, and to bring back reminiscences of the feelings, manners, and customs of its inhabitants, which might make the people of England better acquainted with the peculiar features of Portugal, than are even the inhabitants themselves. (Kinsey, 1828: vi)

As is evident from these apparently unfair words, Kinsey uses this lack of information from Portuguese sources as an excuse for his work to appear, but he was also implying that his work would fill a gap in the British information available about Portugal, suggesting that all the other travel narratives which had been published before were not good enough. As a matter of fact, in the second edition, he rephrases this paragraph as well as the whole preface and adds some more details. Apologizing for the familiar and hurried style of his epistolary writing,[2] Kinsey claims for himself "the unostentatious merit of having endeavoured to extend his views as widely as possible into the state of Portugal, ancient

[2] In the first edition, Kinsey clearly admits this to be an artifice he has used. This strategy was, by the way, quite a common one among travel writers, either to cover up their lack of writing talents, or to establish a somewhat closer intimacy with the reader. William Morgan Kinsey. 1828. *Portugal Illustrated. In a Series of Letters*. London: Treuttel, Würtz, and Richter. 2nd. ed., 1829.

and modern, and to have given the result of his labours and inquiries, if not in a dress calculated to challenge admiration, at least in such a garb as to convince his readers of his industrious research." (Kinsey, 1829: ix)

The truth is that, at that point, he had not written a single piece and so very little was known about him either then or indeed afterwards. What we do know is that Kinsey was an Anglican minister, a Fellow of Trinity College, Oxford, and a chaplain to Lord Auckland. During his lifetime (1788-1851), he only published five other works: three sermons; a public reply to a newspaper article, in which he had been to some extent attacked for his alleged anti-monarchic position during the revolution in Brussels (of which he had been an eye-witness in 1830), and finally a magazine article about a visit he had paid to Walton Hall, home of the traveller-naturalist Charles Waterton.[3] As this brief sketch of Kinsey's bibliography shows, *Portugal Illustrated* was to be his only work of any real significance, and one might speculate whether the words quoted above may not have also had something to do with a need he might have felt to be accepted as a recognized author.

Furthermore, although he does not openly admit to not having very profound writing skills that might be capable of entertaining his reader's imagination, Kinsey tries to overcome this 'failing' by using the other conventional characteristic of this kind of writing: the instructive/educational one. So, when the second edition appears, the final result of his efforts consisted of a volume with almost 600 pages. This had undergone not only careful revision but also large additional amounts of information had been introduced "to such an extent indeed as completely to accomplish the author's intention in the perfect illustration of Portugal." (Kinsey, 1829: xi)[4]

---

[3] William Morgan Kinsey. 1848. "Random Recollections of a Visit to Walton Hall". *The Gentleman's Magazine*, vol. XXIX, London: 33-39. In this Hall, as well as in its grounds which included a park, Waterston's famous taxidermy collection was exhibited to selected visitors.

[4] His merit as a 'researcher' is recognized both by the fact that his book had a second edition and was well received among contemporary reviewers who generally focused on the informative side of the book, and more recently by being considered as such by some travel writing critics. For instance, this designation as 'researcher' is used in a reference to Kinsey in Rose Macaulay's second book on British travellers to Portugal. Rose Macaulay. 1990. *They Went to Portugal Too*. Manchester: Carcanet Press Limited, 317. Among others, one might also quote Southey's opinion:"Mr. Kinsey's book is of a very different description. That gentleman did not remain long enough in the country to become acquainted

The question to be answered is whether he has achieved this aim or not. Kinsey was in Portugal from at least August to November 1827. The above-mentioned second edition contains seventeen letters, to which two supplementary ones were added. Even though the letters register the place from where they were supposedly written, they have no date except for the year and one can never be sure if the itinerary presented corresponds in any way to the chronological order. Nevertheless, accompanying this 'itinerary structure', the author tries to provide the most suitable information either about the various places he visits, or about any other subject he considers to be fit for a work of this kind, such as, and to mention just a few, the history of the country, together with a genealogical table of its sovereigns, accounts of its religion and superstitions and statistical examination of the most varied kind — of commerce, geography, population, cities, agriculture and fisheries.

Although mostly derived from his own observations, the information provided is also extensively complemented by other people's opinions, opinions of those whom Kinsey considers to be 'experts' on the various subjects being dealt with.[5] All the informative aspects are intermingled with personal anecdotes, character sketches, political opinions and descriptions of scenery while travelling through various parts of the country. According to his narrative, he arrived in Lisbon where he stayed for a while, visiting the surroundings and such places as Sintra; then, he went up north to Oporto (by boat) from where he initiated a journey which would take him as far as Lamego, and Peso da Régua (meanwhile visiting such places as Guimarães, Viana do Castelo and Braga), returning afterwards to Lisbon but this time by land, which allowed him to visit such places as Coimbra, Alcobaça and Batalha. Although he did not go south of the Tagus,

---

with the worst features of its society, nor to lose the pleasure of novelty, and the sense of admiration which its monuments of art and its magnificent scenery may well excite. Blest with the active and useful inclination to collect and communicate whatever information was within his reach, he has faithfully and pleasantly related all that he saw and learnt; and the prints which embellish his book are, most of them, so good, that a more beautiful volume has not issued from the press in this golden, or rather steel, age of engravers." Robert Southey. 1829."Political and Moral State of Portugal". *The Quarterly Review*, Vol. XLI, nº 81, July, 185.

[5] Kinsey uses the works of several authors (at least 23) including some of previous travellers in Portugal (for instance, Link, Southey, Lyall and Marianne Baillie) as well as other non-travellers' books such as Mickle's translation of the Lusiad, or Charles Daubeny's essays on volcanoes.

he still makes some observations about that region, but this time he exclusively uses the narratives of others.

As far as all these general aspects are concerned, Kinsey's observations are biased most of the time because of a feeling of loathing for "the monastic, ecclesiastical, and fidalguia systems" (as he calls them) because he holds the conviction that the representatives of these systems are the main authors of what he regrets to be "the moral, religious, and political degradation" of Portugal (1829: xvii). However, all through his narrative, and precisely because of his biased yet shrewd observations, some of the most delightful remarks and curious novelties can be found. Below are two brief examples.

The first concerns the description of what he considers to be a typical Portuguese meal:

> A dish of yellow-looking bacalhão, the worst supposable specimen of our saltings in Newfoundland; a platter of compact, black, greasy, dirty-looking rice; a pound, if so much, of poor half-fed meat; [...] hard-boiled beef, that has never seen the salting-pan, having already yielded all its nutritious qualities to a swinging tureen of Spartan broth, and now requiring the accomplishment of a tongue, or friendly slice of Lamego bacon, to impart a small relish to it; potatoes of leaden continuity; dumplings of adamantine contexture, that Carthaginian vinegar itself might fail to dissolve; with offensive vegetables, and a something in a round shape, said to be imported from Holland, and called cheese, but more like the unyielding rock of flint in the tenacity of its impenetrable substance; a small quantity of very poor wine; abundance of water; and an awful army of red ants [...] hurrying across the cloth with characteristic industry; [...] (1829: 81) [6]

[6] Another example is the description of a Lisbon dandy: "I have been haunted in my dreams by visions of ugliness since the first time I beheld a small, squat, puffy figure, — what was it? could it be of a man? — incased within a large pack-saddle, upon the back of a lean, high-boned, straw-fed, cream-coloured nag, with an enormously flowing tail, whose length and breadth would appear to be each night guarded from discoloration by careful involution above the hocks. Taken, from his gridiron spurs and long pointed boots, up his broad blue-striped pantaloons, *à la cossaque*, to the thrice folded piece of white linen on which he is seated in *cool* repose; thence by his cable chain, bearing seals as large as a warming-pan, and a key like an anchor; then a little higher, to the figured waistcoat of early British manufacture, and the sack-shapened coat, up to the narrow-brim sugar-loaf hat on his head, — where can be found his equal, — with a nose too as big as the gnomon of a dial-plate; and two flanks of impenetrably deep black brushwood, extending under either ear, and almost concealing the countenance, to complete the singular contour of his features." (1829: 74)

The other example has to do with the somewhat unstable political situation at the time, and specifically with the two different factions that would soon be involved in war, namely the constitutionalists and the 'corcundas', or absolutists. While he is in Oporto, Kinsey transcribes a kind of pamphlet circulating about the celebration of the anniversary of the constitution in which the lines if read in a horizontal direction (from left to right) had a meaning in favour of the constitution, but if read vertically, in separate parts, defended the cause of the absolutists. Kinsey provides a translation as well[7] (1829: 360-361) and if he was fortunate enough to be in Portugal as a witness to this event, one should register here his particular concern in recording it, with the greatest care, thus contributing to his professed intention of providing the most complete illustration of Portugal.

In this regard two additional features also complement his work: the visual illustrations and the Second Supplementary Letter entitled "Brief Review of the Literary History of Portugal". And indeed these are the aspects that give even more relevance and originality to Kinsey's travel narrative.

The first of them, the illustrations, include different kinds of material, such as a map of Portugal (with the Portuguese terms), plates showing the coins current at the time, engravings (25) and vignettes (20) of various aspects of Portuguese daily life and landscape. Of these, the aquatinted and coloured engravings of Portuguese costumes stand out as do the reproductions of three Portuguese saloon songs, the '*modinhas*' and the Constitutional Hymn composed by D. Pedro. (Kinsey, 1829: 68-71) The coloured engravings, besides being magnificently executed, constitute one of the rare sources from which one is able to see what the different costumes worn by the different ranks of Portuguese society looked like.[8] The '*modinhas*' and the hymn are also reproduced

[7] Transcription of both the pamphlet and the translation provided by Kinsey:

Do coracaõ detesto	A Junta Apostolica	I heartily detest	The Apostolic Junta
A Carta Portugueza	em geral estimo	The Portuguese Charter	I generally esteem
Reconheço por Rey	o Senhor Don Pedro IV.	I own to be King	Don Pedro IV.
O Senhor Don Miguel	Rey naõ pode ser	Senhor Don Miguel	cannot be King
Em rebelde tenho	o Marquez de Chaves	As a rebel I hold	the Marquess of Chaves
O General Saldanha	por leal o tenho	The General Saldanha	I hold to be loyal
Reconheço Regente	a Senhora Infanta	I own the Regent	Senhora Infanta
A Rainha Carlota	naõ pode reger-nos	The Queen Charlotte	cannot govern us
Dedico reverencia	aos Constitucionaes	I pay reverence	(to) the Constitutionalists
Aos Realistas Corcundas	contrario serei.	(to) the Royalist Corcundas	against shall I be.

[8] Until 1828, Marianne Baillie, William Bradford and George Landmann were the only British travellers who had embellished their works with pictures,

with extreme care (including the lyrics in Portuguese, the English translation and the music) and once again they are quite uncommon (particularly the '*modinhas*').

But what is extremely unusual and quite original is the above-mentioned supplementary letter, which was included as an appendix to the second edition. The knowledge of and interest in Portuguese language and literature had slowly been permeating British culture, particularly after the end of the Napoleonic Wars, but this awareness came mainly through scholarly work, not really through travel narratives. The names of Southey, Strangford and Adamson come to mind when one thinks of the efforts being made to foster this knowledge among the British. Nevertheless, almost every travel narrative until Kinsey's seemed to avoid the subject.[9]

One can definitely claim that Kinsey's letter was, until then, the most complete review of Portuguese literature ever to appear in a travel narrative.[10] To someone who had endeavoured to produce the 'perfect illustration of Portugal', the absence of almost any reference to Portuguese literature in the first edition was indeed an unforgivable omission, but one that was happily corrected in the second. According to Kinsey's own words, the information had been supplied by 'several learned Portuguese, and more especially by his accomplished friend the Chevalier de Almeida Garrett (...)'. (1829: xii) He also expresses his 'infinite obligations to his friend Mr. Adamson of Newcastle' and to 'another eminent Portuguese scholar' (of whom he does not feel authorized to reveal the name) for the accurate revision of the letter.

---

but as far as costumes are concerned Kinsey's work excels any of the above-mentioned. According to Kinsey, these were drawn by Mr. Pugin from models which had been made in Portugal for him and afterwards engraved in outline by Moses and aquatinted and coloured by Pyal. They appear at the end of the book on nine extra pages which have regularly been sold apart from the book, thus much contributing to its being rare to find a complete volume of Kinsey's work.

[9] Other previous travel narratives such as those by Richard Twiss, James Murphy, Robert Southey, Arthur William Costigan, William Granville Eliot and Andrew Halliday, among others, had not totally neglected the subject of literature, but their information was limited to a few remarks, some longer than others, some more accurate than others, since, in fact, all these authors were limited by not being able to speak Portuguese. Although Southey became well acquainted with the Portuguese language and literature, publishing several works on the subject, in his travel narrative published in 1797 he is also quite spare in his commentaries. Robert Southey. 1797. *Letters written during a short residence in Spain and Portugal. With some account of Spanish and Portugueze poetry.* Bristol and London: Joseph Cottle, and G.G. and J. Robinson, and Cadell and Davies, 228-229, 232-234, 325, 326, 340, 341, 346-350.

[10] Kinsey himself knew this would be so because he mentions that it "will doubtless be read with interest on account of its novelty."(1829: xi)

This "Brief Review (...)" tried to give not only information on the state of literature but also on the arts and sciences in Portugal, and Kinsey apologized for not having been able "to notice all the poets and all the writers who might be deserving of that distinction", remarking that in spite of the patient investigation of Mr. Southey, or Bouterweck and Sismondi, a complete history of Portuguese literature was a ground still to be explored.

But his words were somewhat false because, in fact, although the letter was not a complete history of Portuguese literature, it nevertheless had almost forty pages and contained both valuable and curious information, including what can be considered to be Garrett's first British biography. However, the truth is that the work, which until this day bears Kinsey's authorship and which has been known and quoted as such by the general public and even experts, was actually a slightly altered version of MS 82 of the "Espólio Literário de Garrett", entitled "Esquisse d'une histoire littéraire du Portugal".[11] In fact, as far as we have been able to discover through research, Garrett wrote this text specifically for Kinsey to use as he might think best.[12]

And he did use it, although he made some alterations. He cut some parts of Garrett's virulent criticism of some authors — for instance, Garrett violently attacks José Agostinho de Macedo whom he considers to be responsible for all the troubles he has been through, knowing the authorship of his words would be attributed to Kinsey — and he omitted some of the overwhelming praise (most of which was for Garrett himself) and added other

---

[11] This manuscript is held by the Biblioteca Geral of the University of Coimbra, complemented with material existing in the Sala Ferreira Lima in the library of the Faculdade de Letras. It was unpublished until 1990 when Isabel Oliveira Martins published a transcription together with Kinsey's version in order to study both texts in comparison with another of Garrett's works, the "Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa", so as to be able to determine the importance of the three texts in the context of the divulgation of Portuguese literature. Vide Isabel Oliveira Martins. 1990. "O Percurso da Primeira História da Literatura Portuguesa". *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. N.º 1. Lisboa: 39-135.

[12] Ofélia Paiva Monteiro's study of Garrett established this connection for the first time, but as this was not her main interest she has not explored it. [*A Formação de Almeida Garrett. Experiência e Criação*. 2 vols. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1971] In fact, the manuscript contains brief notes in English that were written in pencil in the original manuscript, and which were certainly destined for Kinsey's use. Besides, although no one is sure if the two ever met, there is a letter from Kinsey, dated January 15, 1829, in which the author acknowledges Garrett's most important assistance in the "concoction and completion" of the literary essay. [Ms. 18, "Espólio Literário de Garrett", published in the *Twelfth Annual Report & Review*. 1954. Lisboa: The Historical Association, Lisbon Branch, 723].

details such as, for instance, a more comprehensive account of Camoens' life, but all still according to Garrett's instructions. On the whole, this essay provided a survey of Portuguese literature while also explaining the development of the Portuguese language and some other fields like art and science, in which dozens of authors and their works from the most ancient to the most recent were erratically scrutinized.[13] And, one might add, some of these works were mentioned for the very first time.

So, and to conclude, in spite of its rather curious authorship (or because of it), the point is that Kinsey's "brief review of the literary history of Portugal" was an important contribution to fostering knowledge of Portuguese literature among the common British reader in the 1830s. And although one cannot consider Kinsey to be a lusophile such as Robert Southey (for instance), he is still entitled to a very specific place as someone who tried to produce the 'perfect illustration' of Portugal, and looked for the best possible means through which to do so.

On the whole, his work remains, within the field of Anglo-Portuguese studies, an undisputed source of precious information about almost every possible subject relating to Portugal in the first half of the 19th century, and one might add that he is one of the last heirs to the 'pleasurable instruction' tradition in British travel writing.

[13] Since the author was Garrett, he seized the opportunity to give his very own prejudiced ideas about the merit of some Portuguese writers. So, besides praising himself as one of the most important authors, (corresponding to five pages in Kinsey's work) he also praises his uncle, D. Alexandre da Sagrada Família, whom he considers to be the Portuguese "mighty Johnson" and whose praise Kinsey faithfully reproduces in two pages. (Kinsey, 1829: 549)

THE PORTUGUESE TRAVELS OF WILLIAM HENRY GILES KINGSTON; OR THE GEOGRAPHICAL AND INNER TRAVELS OF A BRITISH LUSOPHILE.[1]

Maria da Conceição Emiliano Castel-Branco
Universidade Nova de Lisboa

Anglo-Portuguese Studies and British travellers in Portugal.

My participation in the ABIL Conference gave me the opportunity to delve once again in a favourite subject in the area of Anglo-Portuguese Studies. I first studied the work of William Henry Giles Kingston two decades ago, when I was studying for my master's degree at Universidade Nova de Lisboa. I was able to examine and study several aspects of the British and Portuguese historical, cultural and literary relationships. The general goal of one the main courses in the postgraduate programme that I attended was the comparative and interdisciplinary analysis of the image of Portuguese in Britain and the underlying public opinion; that image and the public opinion was framed and circulated abroad by the reports and depictions of British travellers who visited Portugal in the late 18th century and in the early 19th century.

Despite the lapse of time and the diversity of matters that I have been interested in since that time (such as the subject-matter of my Ph.D thesis on Queen Catherine of Braganza[2]) my interest in this area has never decreased. With respect to the work of William Kingston, with the limited means available at that time

[1] This paper was presented at the Conference of the Association of British and Irish Lusitanists (ABIL), University of Bristol, 11-12 January 2008.
[2] Castel-Branco, 2005.

in Portugal there was only access to *Lusitanian Sketches of the Pen and Pencil*, in the *National Library* of Lisbon, a report of travels in Portugal, in two heavy volumes, published in 1845 in England, and translated and published in Germany in 1846.[3]

Towards the end of the 18th century and in the first decades of the 19th century, several British travellers headed for Portugal (willingly or otherwise) and produced written descriptions in testimony of their voyages; these were sometimes biased by existing and widespread opinions formed prior to their own observations. Rose Macaulay, in *They Went to Portugal*,[4] mentions in a very general way the great diversity of British travellers in Portugal: they stayed temporarily in Portugal for reasons of health, for reasons of tourism, for religious reasons, for military reasons (namely during the Peninsular War), or for personal reasons. William Kingston found himself in this latter category, because of important family relations that connected the Kingston family to Portugal, especially to the city of Porto.

The study of the writings of these travellers allows us to consider not only the production and circulation of these literary texts on our country, but also the many cultural aspects contained therein such as paintings, engravings, drawings, music, some of these areas still to be studied. In this interdisciplinary sense the travel reports of Kingston are particularly interesting and worthy of study. Kingston never relinquished, as he himself wrote, the presence of a sketch book and a box of coloured pencils and he also greatly appreciated engravings. Thus he included in the original print of his book engravings which depicted scenes from northern Portugal, namely scenes related to the exportation of port wine and of the Douro region.

Travel Books: William Kingston's *Lusitanian Sketches of the Pen and Pencil*

Lusitanian Sketches of the Pen and Pencil is a work dedicated entirely to the description of Portugal and of the Portuguese

---

[3] Kingston initially addressed the English public: "I hope I have conveyed to my English readers a better knowledge of the country than the great number possess." (Kingston, 1845, vol.1, p. 5). But not only the English were interested in such travel narratives. Without delay in the next year his work was translated and published in Germany spreading the knowledge about Portugal in another country.

[4] Macaulay, 1985 (1st ed. 1946).

people, excepting the few pages which refer to a small trip in Spain. With a mixed style of travel guide and first-person account of his travels, the author had the intention of transmitting his impression of Portugal in an aesthetically agreeable manner, as he knew the country well, either by personal contact resulting from his residency in Porto, through reading the descriptions of other travellers or through the several visits he undertook between 1843 and 1845 to the northern hinterland, from Minho to the Mondego. Because he thought that a book of travels was too limited a medium for the narration of his many years of experience and knowledge of Portuguese culture, William Kingston had the intention of describing in a future project other aspects of Portugal, other "sketches of Lusitania" (Kingston, 1845, vol.II, p.364). His work can be considered both a guide-book and a description of travels, as he himself put it: "What I have already written will, I hope, afford amusement by the fire-side, as well as being found useful to the traveller." (Kingston, 1845, vol.1, p.vi). His wish was not only to inform but also to entertain:

> I was but fulfilling my duty to society, and [...] I was bound like many others, to bring back from my wanderings my quota of additional information to the great mart of knowledge I was about to quit. The idea cheered me, and I determined to perform my duty as far as in my power lay; and if I failed to instruct, to attempt at least to amuse. (Kingston, 1845, vol.II, p.305)

But what he really did was a narrative of travels, a (re)discovery of Portugal, an analysis of what other travellers had already said and written before him about Portugal. Kingston's impressions illustrated the change of perspective about the Other in the 19th century. He did not confine himself to jot down and publish subjective opinions or personal remembrances: he referred extensively to ethnographic, cultural and musical aspects of the country. In other words he revealed Portuguese cultural traditions to the foreign public. His main purpose was clear from the start: "The work is intended therefore to serve as a guide-book to travellers visiting the country [...]. My chief aim has been by them [the early pages] to illustrate the present political, social, and religious state of the Portuguese." (Kingston, 1845, vol.I, p.v).

The custom of the Grand Tour was frequent among travellers, namely among those who came on the whim of discovery and wished to enlarge their horizons of culture and knowledge. The

Tour was a component of the learning and training of younger generations, because it put them in contact with other cultures and with foreign literatures. Descriptions like those of William Kingston in the mid-1800's already have a romantic component which makes them different from previous texts, which only described what was "universal" or "general" in the minds of the authors. Kingston looked for and admired what was different, particular, specific, picturesque, sublime, belonging to popular culture, to folklore, and to legends. He tried to do all this without any prejudice:

> I am anxious also to describe Portugal in every point of view as she really is, and not as strangers are apt to paint her, who with prejudiced eyes pay flying visits, and because they do not, on landing, find the comforts to which they have been accustomed, pronounce the country barbarous, and the inhabitants barbarians. (Kingston, 1845, vol.I, p.153)

Kingston was critical of travellers who had been to Portugal before him, like James Murphy, Costigan or the Rev. Kinsey, and particularly defends the work of Henry John George Herbert, Earl of Carnarvon, Lord Porchester, 3rd Viscount,[5] of Coronel Badcock,[6] of Lieut. R. N. Holman, known as the "blind traveller", Miss Julia Pardoe, all of whom presented a more positive image of Portugal. *Lusitanian Sketches of the Pen and Pencil* is an example of travel account that illustrates the change in perspective with respect to the Other during the nineteenth century.

In the description of his travels in two extensive volumes, Kingston presented his personal experience of travelling in Portugal, commented on other travellers who had written before him, and reflected on and drew the Portugal he knew. The result is a very personal and detailed picture of a country where he had actually lived, and not of a country he had merely visited.

William Kingston intended *Lusitanian Sketches of the Pen and Pencil* to be entertaining, besides being a guide for future travellers in Portugal which could provide an inner travel to the fire-side traveller whose only "voyage" is the attentive reading of the actual voyage of someone else. The attention given to this aspect — "something more than assistance in preparing for his own travels [...] in order to achieve an artistically pleasing literary experience" —

---

[5] Emiliano, 1988, p.157.
[6] *Ibidem*, p.158.

was essential for William Kingston who, in the preface of *Lusitanian Sketches of the Pen and Pencil* made it quite clear, as has already been referred: "What I have already written will, I hope, afford amusement by the fire-side, as well as being found useful to the traveller." (Kingston, 1845, vol.1, p.vi). In *Lusitanian Sketches* the chapters are designated as *sketches*, with different titles and are always accompanied by a pencil drawing. This "multimedia approach" was used in a conscientious way to link written words to images, and it greatly enriched Kingston's work. As Irena Gross referred,

> The on-the-spot stage is the basis of the travel memoir, and for two different reasons. The first has to do with [...] the 'guide' aspect of the genre: a reliable travel book is a report of an eyewitness. The second reason is more complicated: sincerity concerns both perception and feeling. [...] Sincerity, then, calls for being true to facts, but above all to feeling — it is sentimental rather than factual truth which is important here. (Gross, 1982)

The author himself stated about this two-way approach: "The pencil-sketches I either took on the spot myself, or they were done by the companion of my travels, and though not artistical outlines, they are true to nature, and will aid those of the pen." (Kingston, 1845, vol.I, Prefácio).

William Kingston, the novelist and the travel writer

William Kingston is known in British literature as a Victorian novelist and a writer of adventure books for boys and sea novels: stories of captains and men in the sea, adventures in far countries, travel writings, stories of soldiers and adventurers. In 1888, eight years after his death two thousand children were asked to name their favourite authors and the second choice fell on William Henry Giles Kingston, right behind Charles Dickens, who received the first place. These 790 votes were given exclusively by boys. The answers of the girls to the same questionnaire only differed in the authors classified in the third and fourth places, having named Kingsley in third place and Charlotte M. Yonge in fourth place, whereas the boys placed Walter Scott in third place and Jules Verne in fourth. The results of this questionnaire were published in 1888 in the book *Juvenile Literature as it is*, by

Edward Salmon, including the titles of the books and magazines preferred by these two thousand children. Both boys and girls gave a clear preference for the magazine *The Boy's Own Paper* as favourite. This juvenile paper appeared in 1879 and from the very beginning William Kingston was one of the most prolific writers in the paper.[7]

Probably regarded today as a writer of minor literature, he was very popular in his time. Every child in the second half of the nineteenth century would know William Kingston by name. He was acknowledged as Marryat's successor,[8] and was a contemporary of Henty and Ballantyne.[9] W.H.G.Kingston's first success in this area was *Peter the Whaler*, published in 1861, a work which became a classic of books for children.[10] He was also known by his most faithful readers for *The Three Midshipmen* (1862), *The Three Lieutenants* (1874), *The Three Commanders* (1875) and *The Three Admirals* (1877). His translations of Jules Verne's novels from the French were also welcomed, as well as his version of *The Swiss Family Robinson*, in 1879.[11] Kingston was

---

[7] See Bratton, 1981, p.115, and Carpenter and Prichard, 1984.

[8] In the obituary published in the periodical *The Athenaeum Journal of Literature, Science, the fine Arts, Music and the Drama*, London, 14th August 1880, pp. 211-212, Kingston is referred to as an author of juvenile literature respected by his contemporaries: "The most popular of his books with boys were undoubtedly his sea stories, which have gained for him the title of 'the modern Marryat'".

[9] "together with his contemporaries Henty and Ballantyne, [Kingston] supplied the bulk of fictional adventure read — and gratefully received as present and school prizes — by the boyhood of England in the latter half of the nineteenth century." (Doyle, 1968, p.163). This aspect is also mentioned in Brantton, 1981, p.191.

[10] This work was published in Portuguese in the collection *Biblioteca dos Rapazes* under the title *Pedro, Pescador de Baleias. Sua Mocidade e Suas Aventuras nas Regiões Árticas*, Lisboa, Portugália Editora, 1945. It was translated by Ricardo A. Fernandes and reedited in 1957, in the same collection.

[11] This was probably the work that brought him most fame as a translator of this type of narratives. The work *Der Scnweizerische Robinson*, written by Johann David Wyss, was published in Zürich by his son Johann Rudolf Wyss in 1812-13, and became very popular among the younger English public during the 19th century, occupying second place in the above mentioned questionnaire, made in 1880, to the younger readers on their reading preferences. This was due mainly to the various versions which appeared in English. The first English translation was made by William Godwin and was published by his wife M..J. Godwin in 1814 under the title *The Family Robinson Crusoe*, including some of the additions of the French translation *Le Robinson Suisse*, also published in 1814 by Mme lá Baronne Isabelle de Mantolieu. The edition by Godwin appeared in a longer version in 1818, for the first time with the title which became more familiar to the English public. Between 1824 and 1826 still another enlarged French version appeared by Mme de Mantolieu. Some posterior English translations, of 1869-1870 and 1879, by W.H. Davenport and Mrs. H.B. Paul respectively, reunited the works of Wyss and Mantolieu. *The Swiss Family Robinson*, by W.H.G. Kingston, is a version, also published in 1879, which has, since then, become extremely popular.

also known as an enthusiast of periodical literature. In 1859 he founded and edited *Kingston's Magazine for Boys*, which he dedicated "to the boys of Great Britain, Ireland, the British colonies, and the United States".[12] At the same time he published his *Kingston's Annual for Boys*, starting in 1863, and in 1880 he edited a new magazine, *The Union Jack*, which was continued after his death in 1880, by his friend G. A. Henty.

Kingston was also very enterprising and he devoted a great part of his considerable energies to the emigration movement during the decade 1846-1856: he was "honorary organizing secretary"[13] of three national movements: the *Emigration Movement*, the *Society for Missions to Seamen* and the *Volunteer Movement*. Nevertheless the central issue in his life was his literary writing, which was largely based on his very early travels, many of them in Portugal and which gave him afterwards the designation and prestige of a travel-writer:

> I had scarcely attained the mature age of three years, when I became a traveller. I have always been fond of traveling [...]. At all events, wherever I have wandered I have had my eyes open and my senses awake, and since I could write I have kept a journal, in which I have noted everything I considered most worthy of remembrance.(Kingston,1862, p.1)

Public and scholarly attention to Kingston has been drawn mainly to his career as a writer of books for boys and as a travel writer. However there is another important aspect of Kingston's life that should be considered, which is all his activity and literary writings concerning Portugal. This aspect has not been properly addressed until now, and deserves particular attention in the field of the Anglo-Portuguese Studies.

William Henry Giles Kingston was born the 28th February 1814, in London. He belonged to a family with a high position in society. Among his ancestors, William's grandfather was John Kingston, a partner in Lambert, Kingston & Co., in Porto, who

---

[12] This undertaking was, in the opinion of his biographer M. Kingsford, M. Kingsford, "a gigantic effort in which he deliberately set himself the task to educate an Empire, and in actual fact he became a great imperial schoolmaster [...] Kingston was forty-nine years of age when he undertook to produce *Kingston's Magazine*, so that he had already travelled far along life's voyage accumulating most valuable experience as he proceeded. [...] by the year 1859, Kingston had gained the entire confidence of his readers. By that time every schoolboy in England knew the initials, "W.H.G.K:" [...]." (Kingsford, 1947, pp.179-80).

[13] *Ibidem*, pp.1-2.

later became a member of Parliament for Lymington, Hampshire, a member of the Royal Society since 1816, and the Director of Companies, living intermittently between his house in London (5 Stratford Place) or his country house in Oakhill, Hertfordshire; there was also his uncle Benjamin Kingston, medical doctor. On his mother side, his grandfather was Sir Giles Rooke, Justice of the Common Pleas and Fellow of Merton College (Oxford); [14] his grandmother, Harriet Sophia Burrard, Lady Rooke, was a model for Sir Joshua Reynolds' painting of the image of Justice. William was also very fond of some of his uncles: Rev. Sir George Burrard, Fellow of Merton College, five times Mayor in Lymington; Admiral Sir Harry Burrard-Neale, Lord of the Mannor in Walhampton; General Sir Harry Burrard, who shared with John Kingston the seat in Parliament in 1802 and also had responsibilities in Portugal as a commander of the British Army in the Battle of Vimeiro, 1808. Some other members of the family, such has Lucy Henry Kingston, William's father and William himself, [15] dedicated their lives to their business in Portugal, and established themselves as partners in their wine firm in Porto.

William Kingston spent his early years in his residence in London (8 York Gate, Regent's Park), in school (Eagle House, Brook Green, Hammersmith), in Lymington, Hampshire, England, by the sea, and in Portugal, in the family's residence in Porto or their Summer house in S. João da Foz, Portugal.[16] Since his early years, young William accompanied his parents abroad to Portugal as he describes in *My Travels in Many Lands*: "I crossed the Bay of Biscay four times before I was nine years old." (Kingston, 1862, p.31). There is also a register of William's date of birth and christening, in the family Bible, as well as some of the diseases he suffered in Porto when he was five years old, in 1819.

In 1824, ten years old, he left Porto only to return in November 1833. During these years he finished his studies and travelled a

---

[14] There are two portraits of Sir Giles Rooke in *Merton College*, one by John Hapner, the other by Valet of Bath.

[15] In the opinion of J. Bratton, William Henry Kingston, "represented in his breeding [...] the union of gentle birth, gentlemanly public service, earnest evangelical Christianity, and wealth drawn from overseas trade which constituted the ideal Englishman as envisaged by his generation when they came to educate the young." (Bratton, 1981, p.115).

[16] S. João da Foz (nowadays one of the important quarters of the city of Porto, better known simply as Foz) was, in the middle of the 19th century, a village in the outskirts to the West of Porto, in the vicinity of the beaches at the mouth of the river Douro, where many families went on their vacation. Among the English families who had a summer house in S. João da Foz for many years were the Nobles, the Kingstons and the Sandemans (Sellers, 1899, p. 9).

lot in England.[17] Clearly romantic in his taste and aesthetics, he describes "the romantic Mendip Hills", he tells he "sketches from nature", he reveals "a love of picturesque". Travelling fulfilled most of his expectations, always carrying, as he says, "my sketch book and a colour box". After several travels by boat visiting his uncles in the summer of 1832, he was invited by *Lady* Burrard-Neale, his aunt, to travel in Europe with her. This "continental holiday" in France and Italy, at eighteen, was a kind of *Grand Tour*, which contributed to his formal education and which strengthened his traveller soul and his observation skills, both of which would in time prove to be very useful in his literary output.[18]

At nineteen William Kingston was faced with the necessity of having to choose a role for his future life. At a very young age he had shown a liking and an enthusiasm for life on the seas, one of the traditional options within the Kingston family. But one of his brothers had already anticipated himself and had chosen a naval career. Considering himself to be too grownup to make a vocational choice of this type his field of options became more limited. Without feeling any preponderant inclination for the remaining traditional careers of the Kingstons or the Burrards or the Rookes, William Henry was not quite decided to choose an ecclesiastical life, or an academic or juridical future.

He certainly was being compelled to choose a career and his life, voluntarily or not, turned to Portugal: "At length my father resolved to take me with him to Portugal." (Kingston, 1862, p.229). In 1833 he arrived in Porto where he started working in Lambert, Kingston & Egan, the family wine company. At the time,

---

[17] "After I left school my first journeys were to Somersetshire, to a private tutor's among the romantic Mendip Hills. I there, from his example learned to sketch from nature, and imbibed a love of picturesque scenery which was a good preparation for the travels in France and Italy which I was, ere long to commence.",(Kingston, 1862: p.34), and also "My first actual tour in search of the picturesque was round the Isle of Wight. I hired a pony, my valise was strapped on at my saddle behind, and my sketch book and colour box were slung in a case over my shoulder [...]. **I was more accustomed in those days to boats than to horses**", (*Ibid.*, p.37).

[18] From those times he declares: "I had my sketch book always in my hand, and when the road was too level to allow me to go ahead of the carriage, I used from my seat on the top of it to take down the grand features of the landscape in a rough way, and fill them up as I went along. (*Ibid.*, p.73), and also "The winter I spent in Pisa was a very happy and pleasant part of my existence. I kept my journal, too, with tolerable regularity." (*Ibid.*, p.113). In mid 1833 Kingston returned to England after a long journey across the continent: "On June 15th we safely landed at Southampton — and thus ended my first tour on the continent." (*Ibid.*, p. 218).

the city was divided by the civil war and William Kingston had the opportunity to watch some fights between D. Pedro's troops and D. Miguel's. Ten years later he wrote a series of articles in some London newspapers focusing on the political problems of Portugal: "Modern Portugal",[19] "The Last Insurrection in Portugal"[20] and "Portugal".[21]

While living in Porto he had the opportunity to undergo several travels by sea, which undoubtedly marked his life and experiences.[22] William Kingston worked as a partner in Lambert, Kingston & Egan, as has already been referred, one of the most important Porto wine trader companies. The Portuguese newspaper *O Commercio* frequently published at the end of each month a list of the most important exporters of wine of the city of Porto referring to the month before. For example, both in nr.43, 4th April 1842, as in nr. 48, 9th May 1842, the company Lambert, Kingston & Egan was mentioned among the chief exporters of the month of March and of the month of April, respectively. This aspect can be proven by the statements made by the weekly newspaper which, in January 1842, published a list of the "Principal Exporters of Wine in the City of Porto in the Year 1841" in which, among the 118 principal firms, the Kingston company appears in 5th place: George Sandeman & Co., 2467 barrels; T.I. Smith, 1403 barrels;

---

[19] *The New Monthly Magazine*, London, vol.79, March 1847, pp.386-96.

[20] *Ibid.*, vol.80, May 1847, pp.95-101.

[21] *The People's Journal*, London, vol.3, 1847, pp.264-66. This is an excerpt of the article: "For many months the constitutionalists remained shut up in Porto, which was exposed to all the horrors of a siege, and afflicted by a severe famine, added to which the cholera breaking out, carried off numbers of the inhabitants. Dom Pedro had been able to throw up strong entrenchments round the city before his brother attacked him; the besieging army likewise forming lines in a yet wider circle, so that the city was thus completely shut in from the country beyond. Night and day were showers of shot and shell thrown into it, killing people in their beds, as they sat at table, or as they walked in the streets. No one was safe for a moment; thousands of innocent people, women and children, died of famine, many more from the ravages of the cholera. The Portuguese soldiers were generally a superior class of men, and behaved very well, as indeed did the mercenaries, considering that they were composed of every European nation, chiefly of the very scum of society [...]. **I had been absent some years. I had grown from child to manhood; but still I remembered every locality perfectly**: and alas, what a sad change I saw." p. 265.

[22] "**the many voyages which he took as a lad between Porto and England, no doubt gave a bent to his taste towards the sea**. [...] As a lad it had been his earliest wish to enter the Navy, and in late life many opportunities were afforded him by friends to take cruises on board men-of-war, by which means he gained a practical knowledge of seamanship, which enabled him to give graphic pictures of sailor life. For several years he was constantly afloat, either in his own yacht, merchant vessels, or men-of-war." *in* HENTY, G.A., "Death of Mr. W.H.G.Kingston" *in The Union Jack*, London, n. 35, August 26, 1880, p.560.

Knowles Wilcock & Co., 1127 barrels; Fonseca Monteiro & Co., 1115 barrels; Lambert Kingston & Egan, 1073 barrels.

William Kingston developed his work between long and frequent stays in Porto and some journeys to London where he had the opportunity to enjoy the London season. This way he kept his contacts with the wine company in London, and at the same time could socialize with the company of the best London society, according to the information kept in a small book written by Mrs. Cuthbert Orlebar, his aunt.[23]

Distinguishing William Kingston from other travellers before him

The knowledge of the works of William Kingston has been largely based upon his literature for children: "The average person remembers Kingston as being the author of books for boys and it is surprised to learn of his many other activities, and doubtless it is his juvenile writings which saved his name from oblivion." (Kingsford, 1947: p.172). But we have to take into account his traveller characteristic. He was not the typical traveller. While many other British men and women came to Portugal, staying in the country for small periods of time and then endeavoured to write their narratives and impressions of travel, William Kingston lived for many years in Portugal, as he himself remarked:

> To describe the society of a country in which one has resided a long time in intimate terms with a large portion of its members, may be easy; but it is certainly a delicate task; praise may be considered as flattery, and censure would be condemned as ingratitude towards those from whom one has received constant attention and kindness. (Kingston, 1845, vol.I, p.72)

---

[23] "There is, further, in the writer's [Kingsford] possession a brief but useful memoir of Kingston written by his aunt, Mrs. Cuthbert Orlebar, in 1878", *in* Kingsford, M.R., *op. cit.*, p.2. On page 43, this author transcribes a significant part of this memoir: "His father's elder brother (John Kingston), who has for a number of years one of H.M. Commissioners at Somerset House, was also well known in the literary circles of London, both as an accomplished scholar, a delightful companion, and one of the first promoters of Saving-Banks in England. At his table were often assembled some of the most brilliant wits of a day in which conversation was a fine art, and William Kingston owed at least some of his own success to intercourse with him during the greater part of his youth."

His close acquaintance with Portuguese reality and with the Portuguese language, helped him to enter the most variegated places and to travel everywhere, giving him a deeper knowledge of Portuguese culture, manners and literature. His easiness with spoken Portuguese undoubtedly enhanced the depth of the words and the sketches of the pen and pencil. It also allowed him to give his public reader the meaning and the translation of several Portuguese expressions, thus contributing with an amount of Portuguese vocabulary which might interest and be useful to any traveller in Portugal. For example he translates the names of several places he visited: "Serra da Estrela" as "Mountain of the Star" (Kingston, 1845, vol.II, p.36), "Nossa Senhora da Luz" as "Our Lady of the Light" (Kingston, 1845, vol.I, p.20), "Casa das Carrancas" as "The House of Ugly-Faces" (Kingston, 1845, vol.I, p.48). He also remarked on how the partial knowledge of a language might originate misunderstandings with the "natives" which could result in unintended puns and very funny episodes for travellers. For instance, he mentions a friend who asked to see "Our Lady's Scissors", when visiting Guimarães cathedral, which means "Tesouras de Nossa Senhora" instead of asking for the "Tesouros de Nossa Senhora" i.e. "The Treasures of Our Lady" (Kingston, 1845, vol.I, p.120).[24]

Socializing was a fundamental part of his life in Porto. Just like his father before him, in 1817, he became a member of the British Association, in 7th January 1841, as can be read in the *Association Minute Book*. Unlike most of his countrymen he did not develop the habit of not mixing with some Portuguese, which was typical among those living in the *Bairro Inglês* ou *Bairro Ocidental*, as Júlio Dinis called it, who kept themselves distant from the native Portuguese. He got on with the high society of Porto, he was an observer of all social classes, describing in detail some of his observations:

> Many English residents not mixing in the more select circles of their society, have been unable to form a correct opinion on the subject; indeed, I know of few writers on the country who have enjoyed opportunities of observing the higher classes correctly. (Kingston, 1845, vol.I, p.75).

William Kingston clearly deserves to be mentioned when studying Anglo-Portuguese relations, as he was a member of the

---

[24] See also Emiliano,1988, pp.161-62.

British Association who also socialized with and admired the Portuguese reality and its people, leaving a very personal image of the country where lived for a long part of his life.

Before writing some works of greater length about Portugal, he early wrote some newspaper articles on Portuguese subjects. As they were translated into Portuguese, it is possible, as it is said, that they had a decisive influence in the conclusion of the commercial treaty of 1842. [25] For that reason he received a Portuguese order of knighthood and a pension for his services from Queen D. Maria II:

> By Letters Patent (dated 1846), the Queen of Portugal made Kingston a Knight of the Military Order of Christ transmitted to him by the Duke of Palmella through the Viscount of Moncorvo, Her Majesty's Ambassador to the Court of St. James's. She may have been prompted to do so because she had already honoured Southey for his work on the history of Brazil by creating him a Knight of the Order of the Tower and the Sword in February, 1839. (Kingsford, 1947, p.45)

William Kingston knew the country and the people as a consequence of his spending his early years and part of his youth in Portugal and he deliberately wanted to make known his own positive and objective image of Portugal. Sometimes, he felt like the Portuguese: "I consider myself almost a sebastianiste[26] — I look for some one to save Portugal, for she requires such aid" (Kingston, 1845, vol.I, p.323) He also felt some dislike towards the Spanish people. In a review of *Lusitanian Sketches of the Pen and Pencil*, in 1845, in *The Athenaeum*, the reviewer writing about Kingston emphasized "all the antipathy of a genuine Lusitanian"[27] he felt towards the "Spaniards". In my research, *Lusitanian Sketches of the Pen and Pencil* was just the tip of the iceberg as it allowed the discovery of the inner travels of William Kingston: those who share his love of travel and travel writing with his love of Portugal and writing about Portugal.

---

[25] This treaty was signed on the same day as the treaty referring to slave trade. See Sousa, 1939, p.213.

[26] Those who were longing for D. Sebastião, King of Portugal to return or some one else like him, to reorganize and improve Portuguese politics.

[27] *The Athenaeum, Journal of English and Foreign Literature, Science and the Fine Arts*, n.938, London, October 18, 1845, p.1009.

Kingston's relevance in the area of Anglo-Portuguese Studies

The written work of William Kingston was not only inspired by his positive view about the country he visited but also from a combination of love for the country of birth and the foreign country of his youth. His Anglo-Portuguese roots were deeply intertwined through his knowledge of Portugal and the years there spent, strongly united to the city of Porto as he was a member of the British Association and one of collaborators of a British periodical.

Along his career as a writer he produced dozens of narratives belonging to different sorts of literary genres: historical novels, articles in periodicals, travel writing, instructive books for the young, local legends, adventure stories. In each of those literary genres Portugal is always present in one volume as a theme. While in Portugal Kingston compiled and researched plenty of material for publication afterwards. He wrote several articles for *The Lusitanian*, thus participating of the literary life of the city of Porto.[28] Actually he was one of the most important writers of the periodical, sometimes signing many articles with pseudonyms or acronyms, besides his own name. Of the three historical novels he wrote, *The Prime Minister* deals with the times of the Marquês de Pombal. He wrote several travel narratives where Portugal can be found: *Lusitanian Sketches* above mentioned and *My Travels in Many Lands*, where he describes his early years in Portugal.

The fact that he did not return to Portugal after 1845 did not attenuate his interest for Portuguese things. He published in England some articles about politics in Portugal, he published along several years the legends he had collected while living in Portugal as "The Bruxa. A Legend of Portugal", "Legend of the Lobishome", "The Feiticeira and the Magic Cavern", "Braz Coelho. The Hump-Backed Cobbler and his friend the Feiticeiro", "Gil Perez and the Bruxa. A Legend of Portugal" and in some of his books for boys he inserted information about Portugal, for example *The Boy's Own Book of Boats* (1861), a book about boats including a chapter exclusively on Portuguese boats.[29]

---

[28] See, "[Les] étrangers [à demeure] jouent un rôle particuliérement important quand ils sont en étroit contact avec des révues." (Brunel, Pichois, and Rousseau, 1983, p.35.)

[29] "On the coast of Portugal, however, there are a great variety of craft worthy of description. The ships and large vessels do not differ much in appearance from the English. The Portuguese build very fine, long, low, raking schooners, which too often find their way into the hands of slave-dealers, and are employed

As I have already mentioned, in my master's dissertation I particularly studied Kingston's travel writings. Today I have the opportunity to add new insights and perspective to Kingston's work as a whole. Looking at his life and writings on Portugal we could designate his view, interest and love of Portugal as "lusophily", a designation already attributed to Southey, Adamson, Quillinan and some others. This is a new approach and an issue never mentioned when we come to read and to know William Kingston. To speak of William Kingston's lusophily is not at all unwarranted. It is important to consider the definition of Álvaro Manuel Machado and Daniel-Henri Pageaux when they say about "filia" (Machado e Pageaux, 2001, p.61), that is an attitude where "a realidade cultural estrangeira é tida por positiva e situa-se no interior de uma cultura igualmente considerada de maneira positiva."[30] Another Portuguese author, Inocêncio Francisco da Silva, mentions in his article "Os Philo-Portugueses" (Silva, 1866), five notable British writers who distinguished themselves either due to their level and wealth or due to their high functions in civil hierarchy. They also demonstrated admiration for Portuguese literature. In his opinion the Lusophile is a friend of Portugal and the Portuguese.

William Kingston was a mediator in Anglo-Portuguese relations, not only because of his life in Portugal, because of his early familiar bonds to the city of Porto, because of his professional activity associated to Douro wine, but also because of his literary activity concerning the theme of Portugal, a country he particularly distinguished: "I trust that nothing I have said will interrupt the harmony in which I have for many years lived among them [the Portuguese]." (Kingston, 1845, vol. I, p.v.). Just as Carlos, a character in the book *Uma Família Inglesa*, by Júlio Dinis, and an English resident in Porto fell in love with Cecília, despite the cultural and religious differences, in his own way William Kingston became irresistibly connected with the country by a sentiment of affection. Many times he mentions the country where he lived for so many years as"fair Lusitania", "Lusitania's lovely land".

---

in the slave-trade. They frequently, for their lighter sails, use cotton-cloth.",(Kingston 1861, p.238). This work was reviewed and reedited in 1868 and in 1871. These notes refer to the characteristics of some Portuguese boats such as "the Hiate", "the Rasca", "the Lisbon Beanpon", "the Catria", "the Toldo Boat of the Douro", "the Wine-boat of the Douro", "the Aveiro Canoe", among others.

[30] It can be translated as "'Filia'. [It] is based upon a relationship of mutual admiration where the foreign cultural reality is held to be positive and is included within a culture equally considered positively" (Machado e Pageaux, 2001, p. 61).

As I have already emphasized, he was member of the British Association in Porto, mixing with the Portuguese, speaking their language, socializing with them (Emiliano, 1988, p.210). He identified himself with the picturesque of the country, he spoke of Camões, he had the same feeling the Portuguese had against the Spaniards, and he even cultivated a sebastianiste spirit, as it has been already referred. His purpose was to show an image of Portugal and the Portuguese deprived of the prejudices expressed in narratives of other English writers who had travelled in the same country.

> I have taken the liberty of describing thus faithfully my Portuguese friend's domestic style of life, that those in my country may be convinced that neither the gentlemen nor the peasantry are the uncivilized barbarians some writers have pictured them. (Kingston, 1845, vol.I, p.146)

Kingston has no doubt contributed to the shaping of a positive and constructive image of Portugal abroad, and thus deserves to be included in the rank of lusophile writers that have studied Portugal in the last two centuries.[31]

Concluding remarks

Much in the same way that we cannot say that there is a single Romantic movement in English literature, rather there are several and very distinct romantic writers, in the field of Anglo--Portuguese Studies we should not speak of a single form of lusophily but of different lusophiles. And among these there are those whose work achieved fame very fast and for long, and others, like Kingston, who only now join that group of admirers of Portugal, due to recent studies about his work, which allowed to take him from oblivion in the area of the Anglo-Portuguese studies.

Bearing in mind the degree of intertextuality and analogies present in the works of some authors, from the point of view of

[31] One of the British authors mentioned by Kingston is Robert Southey, considered by some the first English lusophile. Other authors can be distinguished such as John Adamson, Quillinan, in the 19th century, and, Aubrey Bell, Edgar Prestage, Boxer, Peter Russell, George West and Stephen Reckert, in the 20th century.

Anglo-Portuguese studies and along the centuries, I would like to bring to mind the illustrious sons of D. João I, King of Portugal and his Queen, Philippa of Lancaster, the English Lady that became Queen of Portugal, and the poems written about them by Fernando Pessoa, in *Mensagem*. Their sons were known as "Ínclita Geração", which can be rendered as both "The Illustrious Offspring" and "The Illustrious Generation".The most prominent among them were Infante D. Duarte,[32] Infante D. Pedro and Infante D. Fernando. But there was also Infante D. João, so many times forgotten and almost unknown among the Portuguese. But Fernando Pessoa did not forget him and wrote about him, "D. João, o Infante de Portugal". Establishing an analogy, I would like to bring to mind Pessoa's poem in the original Portuguese:

D. João, Infante de Portugal

Não fui alguém. Minha alma estava estreita
Entre tão grandes almas minhas pares,
Inutilmente eleita,
Virgemmente parada;

Porque é do português, pai de amplos mares,
Querer, poder só isto:
O inteiro mar, ou a orla vã desfeita —
O todo, ou o seu nada.

Concerning his "philia", his love of Portugal, William Kingston has been, in my view, a kind of D. João among other lusophiles in his time — "Minha alma estava estreita/ Entre tão grandes almas minhas pares". As all the others mentioned he was similarly interested in Portugal and the Portuguese, but generally unknown until now.

For all that has been said, Kingston wanted it all, I believe, "O mar todo" not "a orla vã desfeita". Even in England, away and far from Portugal, during his working life he did not forget his deep connections to Portugal. His career took him away from Portugal, he became a prolific writer, he was an important promoter of the Emigration Movement. But his travels in Portugal took another shape: he kept on travelling through Portugal with his inner self, and whenever he saw an opportunity he would recall a Portuguese

[32] *Infante* is the Portuguese word of the time for Prince.

theme in a different literary genre during his writing career, occasionally publishing in periodicals, a Portuguese story, or a local legend from the Portuguese. Until now his lusophily was not publicly known. May he be known by his "inteiro mar" and not for his "nada", for William Henry Giles Kingston — generally forgotten by both the Portuguese and British public — was in my opinion a British lusophile. And he never stopped recalling throughout his whole life, in different ways and shapes his many **Lusitanian travels**, i.e., his "**percursos lusitanos**".

BIBLIOGRAPHY

BRATTON, J.S. 1981. *The Impact of Victorian Children's fiction*, London.

BRUNEL, P., PICHOIS, Cl., ROUSSEAU, A. M. 1983. *Qu'est-ce que la Littérature Comparée?*. Paris, Armand Colin, p.35.

CARPENTER, and PRICHARD, Mary. 1984, *The Oxford Companion to Children's Literature*, Oxford, University Press.

CASTEL-BRANCO, Mª da Conceição Emiliano. 2005. *A Melhor Jóia da Coroa: Representações de D. Catarina de Bragança na Literatura Inglesa*. PhD diss. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas,Universidade Nova de Lisboa.

DOYLE, Brian. 1968. *The Who's Who of Children's Literature*, London, Hugh Evelyn, p.163.

EMILIANO, Mª da Conceição. 1988. *William Henry Giles Kingston: Percursos Lusitanos*, Master Diss., Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

GROSS, Irena Grudzinska. 1982. *Journey through Bookland: the Travel Memoir in the Nineteenth* Century, Columbia University, PhD. Diss., p.110.

KINGSFORD, Maurice Rooke. 1947. *The Life, Work and Influence of William Henry Giles Kingston*, Toronto, Ryerson Press.

KINGSTON, William Henry Giles. 1845. *Lusitanian Sketches of the Pen and Pencil*. 2 vols. London.

____, 1862. *My Travels in Many Lands. Narrated for my young friends*, London, W. Kent & Co.

____, 1861 (1st ed 1860). *The Boy's Own Book of Boats. Including vessels of every rig and size to be found floating on the waters in all parts of the world*. With numerous illustrations, drawn by E. Weedon, engraved by W. J. Linton. London.

MACAULAY, Rose. 1985 (1st ed. 1946). *They Went to Portugal*, Harmondsworth, Penguin Books, Penguin Travel Library.

MACHADO, Álvaro Manuel e PAGEAUX, Daniel-Henri. 2001. *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, 2ª edição, revista e aumentada, Lisboa, Editorial Presença.

SELLERS, Charles. 1899. *Porto Old and New*, Herbert E Harper.

SILVA, Inocêncio Francisco da. 1866. "Os Philo-Portugueses" *in O Panorama.Semanario de Litteratura e Instrucção, vol.XVI, 1° da quinta série, Lisboa, Typografia Franco-Portugueza.*

SOUSA, Carlos Hermenegildo de. 1939. *A Aliança Anglo-Portuguesa*, Edições Marânus.

A LITERATURA INGLESA NA IMPRENSA PERIÓDICA PORTUGUESA DO ROMANTISMO[1]

Maria Zulmira Castanheira
Universidade Nova de Lisboa
CETAPS

Os livros erão a muita sciencia para poucos homens; os jornaes são um pouco de sciencia para todos. O que os livros monopolisavão, os jornaes o derramão como podem; é a subdivisão e generalização da propriedade applicada por toda a parte ás luzes.

António Feliciano de Castilho,
O RECREIO 8, Agosto de 1841

I

Tal como o Romantismo português surgiu intimamente ligado à defesa dos valores do Liberalismo, também a nossa imprensa periódica ganhou especial vitalidade em conexão com a luta política que se travou em Portugal nos primeiros decénios do século XIX, para sofrer um desenvolvimento muito considerável de 1834 em diante, após a vitória constitucional. Janela que então se abriu ao mundo, o jornalismo esteve atento ao que se passava para lá das suas fronteiras, transformou-se no principal meio de difusão de conhecimentos sobre o estrangeiro, e constitui, por isso, um excelente repositório de informações sobre o que em Portugal se sabia das outras realidades culturais ao tempo do Romantismo.

---

[1] A base deste ensaio integra a minha Dissertação de Doutoramento intitulada «A Grã-Bretanha na Imprensa Periódica do Romantismo Português: Imagens Polimórficas» (4 vols.), não publicada.

Movida pelo ideal burguês de democratização da instrução (até aí reservada às elites), a imprensa periódica liberal serviu um projecto cultural que tinha em vista a construção de uma sociedade nova, constituída por cidadãos esclarecidos e cônscios dos seus direitos. Nesta medida, o jornalismo romântico português instituiu-se como agente educador e reformador da sociedade como um todo, e assumiu uma missão civilizadora. A multiplicação das folhas periódicas após 1834, apresentando-se como instrutivas, recreativas, enciclopédicas, de conhecimentos úteis, de variedades e curiosidades, pitorescas, e especificando frequentemente nos subtítulos os seus interesses dominantes — administração, agricultura, belas-artes, biografia, ciência, crítica, comércio, costumes, direito, economia, filosofia, geografia, história, indústria, literatura, moral, moda, música, monumentos, política, religião, sociedade, teatro, viagens, vistas —, em muito veio a contribuir, de facto, para a instrução do público português, cada vez mais interessado nos assuntos internos e externos, ávido de conhecimento e de ensinamentos de utilidade prática, e que se comprazia também em ocupar o tempo de lazer com uma leitura que o distraísse.

Proliferaram nesse tempo os jornais e revistas de instrução e recreio — aqueles que privilegiamos na investigação que de há muitos anos a esta parte temos vindo a fazer, centrada nos títulos de vocação cultural publicados em Portugal continental durante a época romântica e que, entre os de grande implantação e influência e os de limitada vida e acção, se estendeu a cerca de trezentos periódicos (por vezes não na totalidade dos seus números, por as colecções conservadas nas bibliotecas se encontrarem incompletas) —, com que se pretendia ensinar e divertir um público leitor reduzido, à escala nacional, mas em crescimento e em vias de cada vez maior diversificação. Para além da componente utilitária, estes periódicos incluíam uma secção literária destinada não apenas a alimentar e promover o gosto pelas belas-letras, mas a conquistar outras franjas de público com menos preocupações técnico-científicas e com mais apetência por uma leitura recreativa e de evasão,[2] a que a moda da publicação de romances em folhetins veio dar uma nova força, aumentando consequentemente a procura desses periódicos. E, porque do

[2] O carácter misto (letras e ciências) deste tipo de publicação é defendido por Alexandre Herculano, que via nele a forma mais eficaz de prender a atenção do leitor: "A par de um artigo de crítica, de moral, de ciência deve ir um romance histórico, uma cena dramática, um poema." (Alexandre Herculano. 1911. *Cartas*. Tomo II. Lisboa: Aillaud e Bertrand, 105).

ponto de vista económico saía bem mais barato e mais rápido traduzir e adaptar notícias de jornais congéneres estrangeiros a encomendá-las a colaboradores nacionais, os periódicos de instrução e recreio incluíam nas suas páginas muito material publicado na imprensa internacional, sobretudo francesa e inglesa, o que ajuda a explicar a tão forte presença da França e da Grã-Bretanha nas suas páginas.

O estudo atento de jornais e revistas publicados entre 1836 e 1865, duas datas fundamentais do processo romântico português e, por essa razão, tomadas aqui como balizas temporais, mostra-nos, efectivamente, que a Grã-Bretanha está neles bastante representada e que o programa liberal de propagação de conhecimentos úteis e de alargamento dos horizontes mentais do público leitor envolveu, numa dimensão assinalável, a difusão de notícias acerca da realidade e da cultura britânicas.

As realizações da Revolução Industrial, que catapultaram a Inglaterra para a ribalta do mundo, a sua importância e prestígio como potência marítima e colonial à escala internacional e as vicissitudes da aliança anglo-lusa foram factores que, no seu conjunto, contribuíram para que a Grã-Bretanha ocupasse tão largo espaço no nosso jornalismo do século XIX. As suas conquistas materiais, realizações técnico-científicas e manifestações literárias e artísticas atraíam os olhos do mundo e despertavam curiosidade e admiração, pelo que abundam os artigos sobre essas matérias.

Do *corpus* de mais de 5000 registos relacionados com as Ilhas Britânicas que pudemos recolher na imprensa periódica compulsada, a Literatura avulta como um dos dois maiores núcleos temáticos (cerca de 600 ocorrências), sendo apenas ultrapassada por um outro que podemos designar por «História e "histórias" da História» (perto de 700), comprovando-se assim, claramente, o pendor historicista do Romantismo português. Esclareça-se, aliás, que as duas categorias estão, por vezes, intimamente relacionadas, pois coligimos um grande número de textos de índole simultaneamente histórica e literária, em concreto episódios da história britânica de que são feitas narrações romanceadas, bem como contos, novelas, romances e dramas históricos. Estes, contudo, foram excluídos da resenha que de seguida passaremos a expor, por pretendermos estudá-los separadamente, o mesmo sucedendo com as biografias de escritores britânicos e as epígrafes, máximas e pensamentos extraídos de autores de além-Mancha que também foi possível encontrar na imprensa periódica examinada.

II

Focada no periodismo de vocação cultural, em que a componente literária é fortemente dominante — vejam-se as designações "Jornal Litterario e Recreativo", "Jornal Politico, Litterario e Recreativo", "Jornal Critico-Litterario", "Revista Social e Litteraria", "Semanario Litterario de Instrucção e Recreio", "Semanario de Politica, Litteratura, Sciencias e Artes", "Semanario de Critica e Litteratura", "Periodico de Politica, e Litteratura", "Periodico Artistico, Musical e Litterario", "Publicação Scientifica e Litteraria", com frequência pospostas aos títulos dos jornais e revistas compulsados —, a pesquisa que desenvolvemos resultou, como já atrás foi dito, no recenseamento de cerca de seis centenas de textos (literários, críticos, biobibliográficos, teóricos, historiográficos, encomiásticos, simplesmente noticiosos em relação a determinados autores e obras),[3] total ou parcialmente relacionados com a literatura britânica, cuja descrição, que iremos de seguida empreender, nos permitirá ficar com uma visão de conjunto sobre a difusão das letras de além-Mancha na imprensa periódica portuguesa do Romantismo.

Tal síntese porá em evidência o relevante papel da mediação francesa no nosso processo de contacto com a literatura produzida na Grã-Bretanha. Com efeito, deparámos nas páginas dos jornais e revistas com muitas traduções de obras inglesas feitas a partir de traduções e versões francesas, e também com traduções de textos crítico-valorativos de proveniência francesa, o que significa que o conhecimento e apreciação da literatura britânica entre nós, no período em causa, dependeram em larga medida da França e foram, portanto, condicionados pela forma como este país leu, seleccionou, traduziu e criticou a produção literária do outro lado da Mancha.

Lembremos o fraco domínio da língua inglesa por parte dos portugueses letrados da época, factor que obviamente constituiu um grande obstáculo ao acesso directo aos originais ingleses e contribuiu, por conseguinte, para a acentuação do francocentrismo da nossa cultura. A língua francesa, tradicionalmente o idioma

---

[3] Neste último caso, tais notícias podem não passar de meras listas, como sucede com "Reis de Inglaterra que foram auctores", um rol de nomes e títulos extraído de uma obra de Horace Walpole (1717-1797) que *O Panorama* (1847), *O Nacional* (1847) e o *Archivo Contemporaneo* (1865) publicaram; e "Historia. Do progresso e decadencia da litteratura latina, desde a sua origem até ao anno de 1842" (*O Ramalhete*, 1842), uma enumeração de nomes de latinistas de várias épocas, entre os quais se contam 21 ingleses.

estrangeiro conhecido pelos intelectuais portugueses, foi, pois, em Oitocentos, um meio de transmissão fundamental no contexto das relações literárias anglo-lusas, afirmando-se assim o seu poder e prestígio enquanto veículo de mediação intercultural. Ocupando entre nós uma posição de clara subalternidade em relação ao francês por ser muito menos lido e entendido, o inglês era até considerado por alguns autores que colaboraram na imprensa do nosso período romântico como um língua obscura — "o abstruso idioma de Shakespeare e Byron" ("Quatro contemporâneos", *A Illustração*, 1845) —, difícil, do ponto de vista da pronúncia e da ortografia, e pouco apropriada ao modo lírico e ao teatro.

Entrando na análise do *corpus* textual que podemos denominar genericamente por «Literatura e Crítica Literária», verificamos que, em termos estatísticos, cabe à narrativa de ficção a maior fatia. Tal facto não constitui uma surpresa, porquanto é sabido que a imprensa periódica oitocentista recorreu abundantemente aos contos, novelas e romances, de autores portugueses mas sobretudo estrangeiros, para captar público e, assim, vender jornais e revistas. A lei do mercado impunha que se arranjassem estratégias eficazes de angariação de leitores, e a publicação de ficção em prosa era uma forma eficiente de atrair camadas daquele público que tinha cada vez mais tempo para o lazer e apetência pela leitura de distracção e evasão.

Os romances em folhetim, que deixavam o público em *suspense* até à saída de mais uma parcela da história num próximo número do jornal, constituíram, neste sentido, um grande trunfo ao dispor dos responsáveis pela imprensa periódica, pois garantiam a fidelidade dos leitores.

Por este conjunto de razões, e porque o romance era "por excelência, a leitura do nosso público", como afirma António Pedro Lopes de Mendonça (1827-1865) no primeiro capítulo de *Memórias de um Doido*, «romance contemporâneo» publicado em folhetins na *Revista Universal Lisbonense* entre 18 de Outubro de 1849 e 15 de Agosto de 1850, os jornais e revistas portugueses do Romantismo, quer os de «instrução e recreio», de «conhecimentos úteis» e de «cultura universal», quer os políticos e comerciais com secções literárias, não prescindiram de inserir nas suas páginas esse ingrediente fundamental para o sucesso que era o romance, e também a narrativa de ficção de mais curta extensão. Isto mesmo é reconhecido no primeiro número do jornal lisboeta *A Illustração* (Abril de 1845), quando se diz: "chamaremos em nosso auxilio o mais poderoso auxiliar d'este seculo para todas as publicações litterarias, isto é o romance."

É claro que a necessidade de vender jornais obrigava a que se fosse ao encontro dos gostos do público e este, no caso português, era pouco cultivado. Estava assim aberto o caminho à literatura de consumo fácil, sendo a nossa imprensa periódica oitocentista inundada de traduções de contos, novelas e romances estrangeiros sem se obedecer, na selecção dos textos, a critérios que garantissem a elevação moral e cívica que os intelectuais portugueses da época consideravam ser a principal missão a cumprir pela imprensa periódica.

Para alimentar o gosto pela narrativa de ficção e satisfazer um público pouco exigente, verteram-se para a nossa língua textos de autores conhecidos, outros de nomes hoje totalmente esquecidos e muitos de autoria não identificada, sendo apenas referido, por vezes, após os títulos, "Traduzido do francez", "Traduzido do inglez" ou "Traduzido do allemão"; frequentemente nem mesmo essa indicação é fornecida, depreendendo nós que se trata de traduções pelos cenários em que decorrem as acções narradas, os nomes das personagens e certos acontecimentos históricos aludidos (o que, em rigor, não garante, em absoluto, tratar-se de traduções, pois pode ter acontecido que autores portugueses tenham criado histórias à imagem da «literatura industrial» de origem estrangeira que então se lia).

Independentemente da maior ou menor qualidade dos textos escolhidos, importa salientar que esta grande difusão de traduções por parte da nossa imprensa periódica implicou e promoveu, como é óbvio, uma intensa actividade translatória entre nós, que merece ser salientada. Aliás, basta folhear os volumes II e III de *A Tradução em Portugal* de A. A. Gonçalves Rodrigues, cingindo-nos apenas ao período de 1836 a 1865, para ficarmos com a ideia geral de que os anos do Romantismo português foram marcados por uma grande produção tradutográfica, a qual veio a lume em suporte de livro, jornal e revista. Justifica-se, pois, que ainda que de passagem reconheçamos aqui a importância dos tradutores enquanto figuras-chave no intercâmbio literário entre as nações. No seu papel de "importadores" culturais, proporcionam ao público o que este procura, ou propõem modelos diferentes que poderão determinar mudanças de gosto e, consequentemente, novos tipos de procura.

O público leitor do Romantismo ficou a dever muito do que leu e apreciou precisamente a estes agentes de mediação cultural, mas também neste caso é preciso ressalvar que quantidade não significou qualidade. Algum do trabalho de tradução levado a cabo na época foi realizado por pessoas com domínio das línguas

de partida e um certo grau de cultura, mas grande parte dele foi feito por indivíduos sem conhecimentos nem preparação adequados, facto que mereceu na própria imprensa periódica acesas críticas. Leiam-se, por exemplo, as palavras de um artigo anónimo (provavelmente da autoria de Latino Coelho), intitulado "Typos nacionaes. O editor de cadernetas", vindo a público na *Revista Popular* em Abril de 1851:

> Antigamente traduzia-se para dar alguma obra celebre aos leitores ignorantes dos idiomas estrangeiros. Hoje traduz-se para tornar um romance inintelligivel ás mais innocentes capacidades. [...] Traductor, sabem os nossos leitores que significa em latim o que transporta, ou leva de uma para outra parte. Nunca um termo exprimiu melhor a indole de um officio. O traductor transporta, muda. Em primeiro logar muda quasi sempre o sentido da frase. [...] O traductor nasce, e nasce em toda a parte; não se pode duvidar de que vive, — mas parece que não morre como os outros animaes. Todos podem ser traductores de romances, assim como todos podem ser máos, sem grande trabalho, assim como todos podem assassinar o seu similhante ás picadas de alfinete, assim como todos podem, em fim, incommodar o genero humano, sem aprenderem grammatica, sem saberem francez, e sem terem senso comum.

As frases acima transcritas, carregadas de ironia, apontam, por um lado, para a má qualidade de muitas das traduções publicadas em livro ou na imprensa periódica durante o nosso Romantismo[4] — aliás, era prática corrente não indicar o nome dos tradutores, o que os protegia e desresponsabilizava —, e, por outro, destacam o francês entre as línguas traduzidas, distinção esta que amplamente se justifica, pois não há dúvidas de que foi de França que se fizeram mais importações literárias, nomeadamente no que diz respeito à ficção narrativa.[5]

---

[4] Esta questão preocupou seriamente alguns colaboradores da nossa imprensa periódica do Romantismo. Veja-se, por exemplo, o artigo "Traducções", de J. de Lemos, publicado em Janeiro de 1850 no jornal literário e instrutivo lisboeta *A Semana*, onde se diz que o mau trabalho que tem sido feito no domínio da tradução causa grandes males à moral e à literatura. Para moralizar os tradutores actuais, fornecem-se exemplos de más versões do passado que fizeram os seus autores cair no ridículo: entre elas conta-se a tradução dos *Night Thoughts* de Edward Young produzida por Pierre Le Tourneur.

[5] No artigo anónimo "A joven aldeana", publicado no número de 10 de Fevereiro de 1838 de *O Panorama*, criticam-se precisamente as "novellas de

Falando dos quase duzentos e cinquenta textos de ficção em prosa com interesse para o nosso estudo que conseguimos reunir, a origem francesa parece ser também dominante, e isto porque não considerámos apenas as obras de autores britânicos que apareceram em tradução nas colunas dos jornais e revistas, mas igualmente todas aquelas que apresentaram personagens e cenários com nomes ingleses, independentemente da nacionalidade do autor.

Ao longo da investigação pudemos aperceber-nos, de facto, que muitos escritores estrangeiros, e também alguns portugueses, deram aos protagonistas das suas histórias nomes ingleses e fizeram das Ilhas Britânicas o palco dos enredos que imaginaram, pelo que nos pareceu pertinente incluir também esses textos no nosso inventário. Desse modo poderíamos não só ficar a conhecer que autores e obras de além-Mancha os nossos jornais e revistas divulgaram, mas também perceber que a Grã-Bretanha alimentou o imaginário de muitos escritores europeus e está representada, através de personagens e cenários, em inúmeros textos de ficção narrativa que os portugueses puderam ler em vernáculo.

Uma vez que não era muito frequente fazer-se a identificação do autor original, da mesma forma que, como já dissemos, não era habitual os tradutores assinarem os seus trabalhos, torna-se difícil saber, com rigor, qual a percentagem de textos franceses, ingleses, portugueses e eventualmente de outras proveniências aqui presente; no entanto, as lacónicas expressões "traducção do francez" ou "versão do francez" que acompanham alguns dos textos — note-se, de passagem, a recorrência, na literatura romântica, dos termos **tradução**, **versão**, **imitação**, sem qualquer outro dado informativo, o que torna bastas vezes impossível saber qual a obra original que esteve na base do texto apresentado em português —, bem como os nomes de autores franceses efectivamente identificados (Alfred Guézennec de Bréhat, Charles-

---

sentimentos exaggerados, de lanços inverosimeis ou impossiveis, de scenas ridiculas e immoraes, com que nos teem affagado ha um seculo os novelleiros francezes." Anos mais tarde *O Panorama* voltou a criticar a "inundação de *romances* francezes" que avassalava a Europa, mas agora aponta a Grã-Bretanha como uma rival: "A Graã-Bretanha rivalisa com a França naquella tendencia litteraria, que podemos chamar *espirito d'invenção romancista*: dos prelos de qualquer destas nações tem sahido novellas, e contos, que não haverá livraria capaz de abranger tantos livros, recebendo um exemplar por cada obra. [...] A Inglaterra, ultimamente, assim como é ciosa das vantagens politicas, que podem adquirir os seus visinhos fronteiros do continente, parece querer-lhes tambem disputar a palma litteraria. Consulte-se a bibliographia europea do seculo presente: nascem... dizemos mal... brotam aos montes as novellas em Inglaterra como em França." ([*Jack Sheppard*, de Mr. Ainsworth], *O Panorama* 233, 16/10/1841).

Alphonse Brot, Gustave Chadeuil, Joseph Méry,[6] Louis-Amédée de Bast, Marie Aycard, Moléri (Jules Demolière), Paul de Kock, Paul-Émile Daurand Forgues, Paul Féval, Pitre-Chevalier, Samuel-Henri Berthoud, Théodore Pavie), e ainda aqueles textos que sabemos serem de autoria francesa, apesar de tal não estar de forma alguma referido,[7] permitem-nos afirmar que houve uma forte tendência para ir buscar à literatura francesa contos, novelas e romances (muitas vezes copiados da própria imprensa periódica publicada em França) com que se preenchiam as secções literárias dos nossos jornais e revistas.

Uma leitura sistemática de todas essas narrativas de ficção conduz-nos facilmente à conclusão de que na escolha dos textos se privilegiava tanto a sua funcionalidade lúdica como moralizante. Abundam as histórias sentimentais e melodramáticas, os episódios passionais, os enredos plenos de incidentes complicados, pretendendo-se assim distrair os leitores e satisfazer a sua sensibilidade lacrimosa e o seu gosto pela aventura; mas fica muito claro que se procurava atingir esses fins recorrendo primordialmente a histórias com carácter de exemplaridade,[8] o que está de acordo com a vocação pedagógica do Romantismo português.

---

[6] De todos estes autores franceses, Joseph Méry (1798-1856) foi o mais traduzido. Algumas das suas narrativas retratam, com humor, ingleses característicos, como por exemplo "Bonheur d'un millionaire" (*L'Abeille*, 1841) e "O sabio e o crocodilo" (*Commercio de Coimbra*, 1860; *Estrella d'Alva*, 1862; *O Jornal do Porto*, 1863; *Mosaico*, 1865). Na primeira conta-se a história de um industrial de facas inglês que, tendo enriquecido graças ao seu esforço, resolve reformar-se aos 58 anos e gozar a vida com a sua enorme fortuna. Descobre, porém, que a ociosidade não lhe dá prazer. Tenta ocupar o tempo lendo toda a colecção da *Quarterly Review* e depois acaba por embarcar para Itália num navio que levava um "chargement de spleen", ou seja, ingleses ricos sem alegria de viver, como ele. É no Continente que reencontra a felicidade, não ao contemplar as ruínas italianas, mas quando resolve abrir uma loja de facas! Na segunda, a personagem principal é um sábio irlandês que, ao tomar banho no rio Nilo, se vê perseguido por um crocodilo e tem, por isso, de se refugiar no alto de uma palmeira durante horas. O tom é jocoso, e o autor goza com as pretensas certezas dos sábios britânicos, as suas explorações e descobertas científicas.

[7] Eis um exemplo: o conto "O Abenaki", publicado em versão resumida por *O Ramalhete* em Maio de 1838, repetido por *O Beija-Flor* em Novembro do mesmo ano com o título "Lance de generosidade d'um Indio" e, mais tarde, em Novembro de 1849, de novo editado por *O Correio das Damas* com o título "O selvagem sensivel", sem que em nenhum dos casos seja indicado o nome do autor. Este conto foi, na verdade, escrito por um francês, Jean-François Saint-Lambert (1716-1803), segundo informação fornecida por Gonçalves Rodrigues tanto em *A novelística estrangeira em versão portuguesa no período pré-romântico* (Separata do «*Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*».1951. Vol. XX. Coimbra: Biblioteca da Universidade, 9) como no primeiro volume de *A Tradução em Portugal* (1992. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 272).

[8] Em alguns casos, o próprio título das narrativas aponta desde logo para o seu cariz exemplar: "A virtude recompensada" (*Bibliotheca Familiar, e Recreativa*, 1842), "O ensino da desgraça e do bom exemplo" (*O Respigador*, 1846), "Uma lição á soberba. Traducção do inglez" (*O Camões*, 1860).

Muitas das personagens britânicas das narrativas que recolhemos confrontam-se frequentemente com um mundo adverso, têm de ultrapassar grandes obstáculos, mas saem vitoriosas porque são virtuosas, sacrificadas, laboriosas, honradas e dão provas de coragem na adversidade. Trata-se, portanto, de heróis e heroínas com que os autores fazem a apologia da virtude, do trabalho, da honestidade, da boa reputação, da caridade, da obediência familiar e da moral sexual austera, ou seja, uns e outras simbolizam valores burgueses que a imprensa periódica considera importante inculcar no público leitor.

Ao mesmo tempo são publicadas histórias de ambição, ganância, corrupção, inveja, arrogância, degradação moral, ingratidão, vingança, amores imprudentes, assassínios, etc., cuja intenção ético-moralizante é igualmente evidente: no final o crime, a maldade, o vício e os devaneios acabam geralmente por ser descobertos e punidos, do mesmo modo que aqueles que praticam o bem, têm uma conduta virtuosa, se arrependem dos seus erros e se corrigem moralmente são recompensados.

O amor, nuns casos força regeneradora, fonte de vida, noutros um sentimento destrutivo, é, sem dúvida, o tema mais vezes tratado, contando-se em maior número as histórias de amor contrariado, infeliz e impossível, de que são exemplos "Historia ingleza. Os fataes effeitos de uma precipitação" (*O Beija-Flor*, 1838), "Lady Helena Talbot" (*Archivo Popular*, 1842), "Um romance á ingleza" (*O Clamor Publico*, 1857) e "A Walsa. Conto tirado do inglez" (*A Opinião*, 1858), traduzido por António Maria Pereira Carrilho (1835-1903). Frequentemente narram-se paixões exacerbadas que conduzem à loucura, ao crime de sangue e ao suicídio, como "Betty" (*O Beija-Flor*, 1838) e "Um amor na Escocia" (*O Nacional*, 1839).

Aliás, o amor infeliz e a morte por amor protagonizados pelas personagens inglesas destas narrativas passionais, tão ao gosto da época, tinham na história de Romeu e Julieta o grande modelo mítico, pelo que não é de estranhar que vários periódicos tenham contado aos seus leitores a trágica história imortalizada por Shakespeare: "Romeo e Julietta. 1303" (*O Nacional*, 1839), "Romeo e Julietta" (*A Vedeta da Liberdade*, 1839), "Romeo e Julieta" (*Ensaios Litterarios*, 1864).

O ciúme extremo e o sentimento de traição provocado pelo adultério, capazes de levar ao suicídio ou ao assassinato, são também temas recorrentes ("O ciume de uma Ingleza", *O Nacional* e A *Vedeta da Liberdade*, 1839; "Margarida Miller, ou A Victima da Traição", *O Romancista*, 1839; "Hum matrimonio funesto. Historia

verdadeira", *Archivo Popular*, 1841, repetido no mesmo ano em *O Nacional* com o título "Um Matrimónio desgraçado" e mais uma vez em 1846, em *O Periodico dos Pobres*, sob o título "Hum casamento na alta sociedade. [Historia verdadeira]"), sendo de destacar que algumas das narrativas a eles subordinadas apresentam situações tétricas que por certo impressionariam os leitores sensíveis, como é o caso do conto "A Punição d'um Adulterio ou O Cornaca e o seu Rival", publicado no *Archivo Familiar* em 1861 (um cornaca, ou seja, um domador de animais ferozes indiano, a viver em Londres nos finais do século XVIII, dá a comer ao seu tigre de estimação o amante da sua mulher, obrigando-a a assistir à refeição), e do folhetim intitulado "Vingança de um marido", vindo a público em *A Liberdade* no ano de 1865 (um *lord* inglês manda emparedar vivos a mulher e o seu amante).

Também no que toca aos temas do ciúme e do adultério Shakespeare deixou à posteridade uma peça paradigmática, *Othello*, a qual serve, curiosamente, de meio dissuasor ao marido enciumado de um dos contos que encontrámos, "O Finado Suposto" (*O Correio das Damas*, 1842 e *O Interesse Publico*, 1847). Estando a ponto de matar a mulher, o marido ciumento desiste dos seus tenebrosos propósitos ao assistir à tragédia de Shakespeare e perceber que a calúnia e o ciúme doentio podem levar à morte de uma inocente.

Este conto é apenas uma das várias narrativas de ficção que coligimos relacionadas com o tema do casamento, com certeza um assunto que interessava ao público feminino consumidor deste tipo de literatura. Através de enredos com personagens que vivem as infelizes consequências de casamentos sem amor ou celebrados contra a vontade dos pais da noiva ou do noivo, e também de histórias de donzelas vítimas de sedutores e caçadores de dotes ingleses, por vezes apelidados de *Lovelace* ("O Pai e a Filha", *O Periodico dos Pobres*, 1845), davam-se, assim, de modo indirecto, conselhos às jovens leitoras em idade de casar.

Histórias de amor com final feliz também as há, mas em todas elas a felicidade é um bem que só se alcança depois de vencer obstáculos, como sucede em "Saymour e Harley. Historia Ingleza" (*O Beija-Flor*, 1838), "O negociante de Bristol" (*O Periodico dos Pobres*, 1841), "Lord Virley" (*O Periodico dos Pobres*, 1843), "O capitão Fitzmoor", de Alfred Guézennec de Bréhat (*Estrella d'Alva*, 1862) e "O amor britannico" (*O Nacional*, 1839, e *O Correio das Damas*, 1841, com o título "Sára Mawbray, ou A Actriz").

Para além do amor romântico, há enredos que giram em torno do amor maternal, paternal, filial e fraternal ("As orphãs de

Margate. Annos de 1791-97", *O Mosaico*, 1840), envolvendo, por vezes, emocionantes reencontros entre pais e filhos após longa separação ("Lília de Borthwick", *O Beija-Flor*, 1842).

Poucos são os casos de narrativas que se afastam das temáticas acabadas de apontar. As personagens que as protagonizam são britânicas, mas poderiam muito bem ser de outra nacionalidade, que isso não alteraria o seu significado. O mesmo se pode dizer, em termos gerais, dos cenários ingleses, escoceses e irlandeses desta ficção em prosa, fazendo no entanto a ressalva de que a escolha da Irlanda para palco de histórias de pobreza e miséria, como vimos tantos exemplos, conferia credibilidade aos enredos ("A cabana irlandeza", *Revista Popular*, 1853; "O Aprendiz", *Archivo Pittoresco*, 1863; "Caminho para o ceo", *Archivo Pittoresco*, 1863).

Já que falamos da Irlanda, diga-se que numa época como o Romantismo, em que tanto se valorizou o património oral e tradicional dos povos, a tradição popular irlandesa despertou o interesse dos nossos periodistas, nomeadamente as lendas, algumas das quais foram dadas a conhecer ao público português pelos jornais e revistas: "Contos populares da Irlanda" (*Archivo Popular*, 1843), "Costumes populares na Irlanda" (*O Jardim Litterario*, 1854), "Contos populares da Irlanda. I. A garrafa encantada" (*A Illustracão Luso-Brazileira*, 1859), "Contos populares da Irlanda. II. As aguas negras" (*A Illustracão Luso-Brazileira*, 1859) e "O Lago da Fada. Lenda" (*Aurora Litteraria*, 1861).

A acção destas lendas desenrola-se num passado indefinido, o mesmo se podendo afirmar em relação a algumas narrativas de carácter ficcional de que temos vindo a falar. Os acontecimentos de outras, porém, situam-se em momentos históricos determinados, que só muito superficialmente são referidos, havendo a salientar o facto de muitas histórias terem lugar no século XIX, ou seja, na actualidade. Normalmente, essa orientação para a época contemporânea não se traduz no retratar de problemas e importantes feitos da sociedade britânica do presente, limitando-se tão só à mera indicação do ano ou década específicos em que decorre a acção; mas há uns quantos casos de narrativas que, embora mantendo o intuito moralizador e exemplar, ou simplesmente humorístico, se inspiram na realidade vitoriana. "O Contra-Mestre", história publicada em 1862 pelo *Archivo Pittoresco* em tradução do médico, escritor e jornalista Rodrigo Paganino (1835-1863), tendo por pano de fundo a dureza do trabalho das crianças nas minas de carvão de pedra da Cornualha, é exactamente um desses casos. Outro, em tom espirituoso e crítico, intitula-se "O Chim na Exposição" (*Revista Popular*, 1852),

não tem indicação de autor nem se apresenta como uma tradução, e narra a história de um chinês enviado por um mandarim à *Great Exhibition* de Londres de 1851, para que lhe dê notícia da exposição. No relatório que elaborou, o chinês mostra ter ficado particularmente impressionado com o número de pianos patentes no certame, cerca de 500, uma vez que percebera que os europeus não gostavam deste instrumento e que começavam mesmo a considerá-lo, nas estatísticas, uma das principais causas de suicídio. A propósito conta até uma história que ouvira:

> Não há muito tempo que um inglez abastado se matou, com um tiro de pistola. Acharam-lhe em cima da mesa um bilhete, que tinha escripto de seu proprio punho, e rezava assim:
>
> Não tornem a ninguem a culpa da minha morte.
>
> Não tenho *spleen*.
>
> Não comprei papeis do estado.
>
> Não compuz tragedias.
>
> Fui enganado por uma dama, a quem amava extremosamente; a sua traição me tirou a vida; mas eu perdôo-lhe.
>
> Hontem, entrando em casa della, sem bater á porta, achei-a conversando com o piano.
>
> A perjura estava tocando uma aria.
>
> Tinha-me jurado que não sabia tocar piano. Uma harpa ainda eu tolerava; mas o piano, isso nunca.
>
> O piano é um veneno lento, que mata os maridos. O piano persegue a gente em toda a parte; vou esconder-me no tumulo, para fugir delle.

A visita a Londres leva o chinês a concluir que os europeus são bárbaros e loucos e que só aperfeiçoam aquilo que não vale a pena melhorar. Acrescenta ainda que apenas viu uma coisa boa na *Great Exhibition*, ameixas doces de Portugal, facto que nos pode levar a pensar ser este conto de autoria portuguesa.

Até agora analisámos a ficção narrativa francesa e a de procedência desconhecida, faltando-nos, pois, abordar a de origem inglesa. Quando sobre esta nos debruçamos, percebemos desde logo que foi restrito o número de autores e obras divulgados.[9]

---

[9] Note-se, no entanto, que esta escassez não significa que se tivesse pouca consciência da importância e influência da ficção inglesa em prosa no contexto europeu. Um artigo anónimo de *O Atheneu*, "Bons desejos em favor da litteratura portugueza. Memorias, romances, poesias", publicado em 4 de Agosto de 1850,

Para além de alguns textos que se apresentam com a simples nota «traducção do inglez», «versão do inglez», «tirado do inglez» ou «imitado do inglez», o que pouco nos diz, de outros que apenas referem o título do jornal de onde foram extractados (veja-se, por exemplo, a história "Uma caçada de elephantes nos arredores do Cabo da Boa-Esperança. (Fragmento)", vinda a público em *O Panorama* em 1838 e repetida em 1856 n'*O Murmurio* com o título "Da caça dos elephantes", extraída do *Asiatic Journal*), e de outros ainda, em número indeterminado, que possivelmente são de autoria inglesa embora não tenhamos forma de o saber ao certo devido à inexistência de pistas que nos conduzam na investigação, sobram somente cerca de trinta narrativas, correspondentes a uma dúzia de nomes: Frances Godwin (1562-1633), Joseph Addison (1672-1719), Bonnell Thornton (1724-1768), Oliver Goldsmith (1730?-1774), Ann Radcliffe (1764-1823), *Sir* Walter Scott (1771-1832), Robert Southey (1774-1843), *Lady* Blessington (1789-1849), Edward Bulwer-Lytton (1803-1973), Douglas William Jerrold (1803-1857) e Charles Dickens (1812-1870). Podemos ainda acrescentar o de Edward Howard (m. 1841), romancista que serviu na marinha com o capitão Frederick Marryat (1792--1848) e, tal como este, se especializou no romance marítimo, mas "Le marin à terre", vindo a público em *L'Abeille* em Janeiro de 1841, não é só uma tradução de excertos da obra com esse título, pois faz-se acompanhar também de um resumo do enredo do romance, da responsabilidade do periódico lisboeta.

Como se vê pela lista dos nomes, parte deles não corresponde a autores conhecidos, sendo portanto de notar que os nossos jornais e revistas do período romântico concederam espaço a traduções de obras de figuras muito secundárias das letras britânicas. Tal prática deveu-se, por certo, à lógica da procura, que impunha aos periodistas irem ao encontro dos gostos pouco exigentes dos leitores oferecendo-lhes narrativas de ficção do seu agrado, ainda que de pouco mérito literário. Estão neste caso "Carta de hum premiado na Lotaria" (*A Minerva*, 1836) de Bonnell

---

compara a pobreza do romance português com a riqueza e o prestígio do inglês: "E temos nós algum logar distincto entre os romancistas europeus? Quereis a verdade pura e izempta, assim de considerações estranhas, como de amor proprio? Não temos! [...] Achaste o romance historico talhado e moldado por *Walter Scott* [...] A *Richardson* e á sua immortal *Clementina*, *a Fielding*, *a Sterne*, *áquella Clarisse*, *e Tom Joues*, origem dos dois ramos principaes do romance moderno inglez, a Mistress Barbauld, Mis Burnet, Miu Edgenwth [sic], e Israelli, que tendes para oppor? Apresentaes alguns pequenos romances publicados nos nossos jornaes, o *Eurico*, e o *Monge de Cister do Sr. Herculano*, *o Rauzo por homisio*, *e O Odio Velho não cansa* do Sr. *Rebello*."

Thornton, um texto humorístico sobre a "desgraça" de se ser premiado na lotaria, pois de imediato se é assediado por multidões de interesseiros; "O Homem na Lua" (*Archivo Familiar*, 1861), excerto de *The Man in the Moon* (1638) de Francis Godwin, em que se relata a viagem de um homem à lua puxado por vinte e cinco pássaros parecidos com cisnes e se descrevem a sociedade e os costumes da lua, comentando o tradutor, no final, que "é um composto de mentiras porém curioso e com graça",[10] "Que dirá o mundo? Scenas de costumes inglezes" (*A Opinião*, 1858) do romancista e dramaturgo Douglas William Jerrold, um romance pleno de ironia sobre o apego de dois jovens recém-casados às conveniências e preocupados com o que o mundo possa dizer, o que os faz passar por situações rocambolescas; e "O Divorcio" (*O Correio das Damas*, 1838), "O Remorso. (Um fragmento por Lady Blessington)" (*O Beija-Flor*, 1839), "Magdalena, anecdota romana, de Lady Blessington" (*O Correio das Damas*, 1840) e "Les dangers de l'amour maternel. Leçon anecdotique" (*L'Abeille*, 1843), obras sentimentalistas e moralizantes de Marguerite, Condessa de Blessington, cujos enredos giram essencialmente em torno do tão frequente tema do casamento (crises conjugais, adultério, relações com os filhos, etc.).

Por outro lado, constatamos a persistência de um interesse por autores e obras augustanos. O moralista social Joseph Addison, sobre quem *O Nacional* publicou um artigo de teor biobibliográfico ("Joseph Addisson", 1838),[11] e o célebre jornal ensaístico *The Spectator* (lembre-se que no século XVIII *O Anonymo*, redigido pelo padre Bento Morganti, plagiara já alguns dos ensaios contidos no periódico editado por Addison e Steele) foram notícia por quatro vezes entre 1836 e 1847 em outros tantos periódicos. "Sonho extravagante, ou cabeça como há muitas" (*O Correio das Damas*, 1836), traduzido de *The Spectator*, conta o que o narrador encontrou ao dissecar, em sonhos, a cabeça de um Elegante (fitas, rendas, bordados, *billets-doux*, pós, ficções, lisonjas, mentiras, promessas, protestos, juramentos, sonetos, instrumentos musicais, etc.); "A Visão de Mirza, ou quadro da vida humana" (*A Minerva*, 1836), tradução do ensaio "The Vision of Mirzah" do mesmo jornal, representa alegoricamente a miséria da vida

---

[10] Alguns anos depois, *O Ramalhete* descreveria para os seus leitores o conteúdo desta obra de Francis Godwin em "O Homem na Lua" (1843).

[11] Remetemos também para a leitura de "Parallelo entre alguns autores inglezes", publicado por *A Illustração Luso-Brazileira* (1858), em que Addison é o mais analisado dos quatro autores aí contemplados, sendo os outros Shakespeare, Ben Jonson e Dryden.

humana, a morte e o paraíso que espera os virtuosos; "Sir Rogerio de Coverley, ou hum trecho de Addison" (*Archivo Popular*, 1843) fala de como se guardava religiosamente o Domingo no tempo da rainha Anne através do comportamento de *Sir* Roger de Coverley, a personagem ficcional inventada por Steele e desenvolvida por Addison que constitui uma sátira ao típico *squire* do partido *tory*; e "Carta de Mr. Addison á esposa d'um grande, do qual havia recebido muitos beneficios" (*A Aurora Recreativa*, 1847) dá a conhecer uma missiva em que o autor recusa o amor de uma senhora, casada com um seu amigo, afirmando que, em nome da honestidade, tinha de sacrificar a paixão à razão.

Como se vê, estamos perante crítica de costumes e mensagens edificantes, o que se coadunava com as preocupações moralizantes que orientavam a imprensa periódica portuguesa da época. No mesmo sentido vai "O admiravel Brandellius e o engenhoso Mogusius. Conto de Goldsmith" (*Archivo Contemporaneo*, 1865), já publicado por *O Panorama* em 1854 com o título "Duas notabilidades", em que o autor trata a frivolidade dos elogios mútuos. Não encontrámos nos jornais e revistas investigados qualquer tradução do popular romance de Goldsmith *The Vicar of Wakefield*, mas é de referir que Júlio César Machado (1835-1890) publicou em *A Revolução de Setembro*, no ano de 1860, "Diario de um cura d'aldeia. (Imitação de um romance inglez.)", repetido no ano seguinte em *O Nacional*, que é precisamente uma imitação daquele romance sentimental. Já uma balada inserida em *The Vicar of Wakefield* teve, no entanto, uma certa divulgação entre nós. Referimo-nos a "Josino e Angelina. (Tradução de Goldsmith.)", uma tradução de J. B. Travassos Valdez (1814-1881), publicada por *O Jardim das Damas* em 1848, e a "O Eremita. Balata, trasladada do inglez, de Goldsmith", editada por *O Murmurio* em 1856, desta feita traduzida pelo exilado Manuel Rodrigues da Silva Abreu (1793-1869).[12]

---

[12] Esta balada, *The Hermit*, que a Marquesa de Alorna imitou (vd. *1844. Obras Poeticas*. Tomo IV, 193-207), foi impressa pela primeira vez em 1765 com o título *Edwin and Angelina*. A tradução de Manuel Rodrigues da Silva Abreu publicada n' *O Murmurio* é antecedida de uma introdução — "A proposito de uma balata de Goldsmith" — por Joaquim Januário de Sousa Torres e Almeida (1835--1869) em que é dito que "a balata que se segue, é extrahida do cap.° 8 do *Vigario*." Torres e Almeida tece elogios ao tradutor, bem como ao autor, sobre o qual informa: "O nome deste celebre escriptor [Goldsmith] é popular no nosso paiz. O seu *Resumo da Historia Romana* é o primeiro livro, que ordinariamente chilram os que estudam a lingua ingleza, essa lingua de passaros, como lhe chamava Carlos 5°". Efectivamente, temos conhecimento de que *The History of Rome, from the foundation of the city of Rome, to the destruction of the Western Empire* (1769) foi traduzida para a nossa língua e teve muitas edições.

Ann Radcliffe, outra romancista de sucesso do século XVIII, tem também uma presença muito discreta na imprensa periódica portuguesa do Romantismo. Na verdade, data já do ano de 1865 a única tradução de uma obra desta autora que encontrámos, vinda a público na secção do folhetim do jornal *O Defensor dos Artistas*: "O Ermitão ou O Anjo das Trevas. (Traducção livre)". Não esqueçamos, porém, que os romances góticos desta autora foram traduzidos para a nossa língua, em volume, a partir de 1835, o que, juntamente com a divulgação entre nós da poesia da chamada *Graveyard School*, contribuiu certamente bastante para criar nos leitores portugueses o gosto pelos cenários melancólicos, sombrios, noturnos, de ruína e morte, pelos ambientes misteriosos e pelas atmosferas de *suspense*, em que as personagens sofriam grandes convulsões emocionais.

"Maria, a criada da estalagem", conto publicado por *O Archivo Lisbonense* em 1855 e cinco anos depois novamente difundido por *A Primavera* com o título "Maria, A joven estalajadeira" (1860), contém precisamente todos estes elementos: para provar a dois forasteiros que é corajosa, a estalajadeira Maria dirige-se, numa noite sombria e tempestuosa, a uma velha abadia em ruínas e aí, ocultada, descobre para seu horror que o homem com quem está prestes a casar é um salteador e um assassino. Perante tão forte choque, a jovem enlouquece. Tanto o *Archivo Lisbonense* como *A Primavera* informam ser o autor de tal história Robert Southey, pertencente à primeira geração de poetas românticos ingleses, mas o que não explicam é que no original "Mary, the maid of the inn" é uma balada composta por Southey nos últimos anos do século XVIII e publicada em 1805 na sua obra *Metrical Tales and Other Poems*, e não um texto em prosa, como é apresentado aos leitores portugueses.

Apesar da sua lusofilia,[13] que lhe valeu até a distinção de Cavaleiro da Ordem da Torre e Espada por vontade expressa da rainha D. Maria II, Southey pouco atraiu também as atenções da nossa imprensa periódica do Romantismo (apenas há a acrescentar o poema "A mocidade e a velhice. (Southey.)", em tradução de J. B. Travassos Valdez, que surgiu em 1849 *n'O Jardim das Damas*), ao contrário do que aconteceu com o seu contemporâneo Walter Scott. Como é sabido, "the God Almighty of novelists", como Wilkie Collins (1824-1889) chamou a Scott, teve em Portugal

[13] Sobre as relações de Robert Southey com Portugal veja-se: Maria Zulmira Castanheira. 1996. "Robert Southey, o primeiro lusófilo inglês". *Revista de Estudos Anglo-Portugueses* 5: 59-120.

uma grande voga, sobretudo a partir de 1835, quando as traduções dos seus romances começaram a suceder-se — note-se, como já salientou Álvaro Manuel Machado, que este é precisamente o ano a partir do qual "les modèles et les idées du romantisme européen connaissent une plus grande expansion au Portugal à travers les périodiques littéraires"[14] —, e foi um modelo fundamental para a implantação, entre nós, da narrativa histórica.

Os dois outros romancistas de que nos falta falar a propósito da ficção em prosa, Edward Bulwer-Lytton e Charles Dickens, não lhe fizeram de modo algum sombra. O primeiro apenas surge representado por um conto satírico que *O Jornal do Porto* publicou em 1863, "Deus nos livre de sermos bonito! Conto moral. (Versão do inglez)", sobre a inconveniência da beleza num homem, pois é vista como sinónimo de falta de inteligência. Charles Dickens, amigo de Bulwer-Lytton, tem uma presença bem mais expressiva, na medida em que contámos catorze ocorrências de traduções de obras suas, mas esse facto não equivale a um interesse particular, por parte dos periodistas da época, pelo trabalho daquele que viria a tornar-se o mais conhecido dos romancistas ingleses,[15] como Maria Leonor Machado de Sousa já salientou, aliás, no seu estudo "Charles Dickens em Portugal".[16]

Efectivamente, se logo em 1839 *O Ramalhete* publicou "Conto verdadeiro. O estalajadeiro de Andermatt", com a assinatura "Boz."[17] (pseudónimo usado por Dickens no início da sua carreira), a que se seguiu, em 1847, "A Familia Tuggs em Ramsgate. (Novella ingleza de costumes)" (*Revista Universal Lisbonense*),[18] assistindo-se, já na década de 60, à publicação, pelo *Estrella d'Alva* (1861), de "Meu tio (Conto phantastico)" [19] e por *O Jornal do Porto* de mais

---

[14] Álvaro Manuel Machado. 1986. *Les Romantismes au Portugal. Modèles étrangers et orientations nationales*. Paris : Fondation Calouste Gulbenkian / Centre Culturel Portugais, 130.

[15] É bastante significativo que Alexandre Herculano, em 1851, ao referir-se depreciativamente ao "industrialismo litterario", inclua Dickens entre os romancistas modernos que o representavam, quando enumera "os Arlincourts, os de Kocks, os Balzacs, os Sues, os Dickens." Vd. 1907. "Da Propriedade Litteraria", in *Opusculos*. Tomo II — *Questões Publicas*. Quarta Edição. Lisboa: Antiga Casa Bertrand — José Bastos & Cª — Livraria Editora, 77.

[16] Maria Leonor Machado de Sousa. 1999. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses* 8. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia / Centro de Estudos Anglo-Portugueses / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 81-120.

[17] Desconhecemos o original a que corresponde esta tradução.

[18] No original "The Tuggses at Ramsgate", publicado pela primeira vez no *Library of Fiction*, 1836, e posteriormente incluído no primeiro livro de Dickens, *Sketches by Boz* (1836-37).

[19] Não conseguimos apurar qual é o original. O conto faz-se acompanhar da indicação "Traduzido de Dickens", mas não refere o título do texto inglês. Não

dez contos de *Sketches by Boz*,[20] esta sucessão de traduções não se fez acompanhar, contudo, de qualquer nota biográfica ou avaliação crítica que comprove algum conhecimento, por parte dos colaboradores da nossa imprensa periódica, da vida e da ficção narrativa de alcance social de Charles Dickens. Mais ainda, não encontrámos em nenhum dos jornais e revistas que constituem a nossa base de trabalho qualquer referência a este romancista, o que nos leva a afirmar, com Maria Leonor Machado de Sousa, que, até 1865, "Dickens parece ser apenas um nome, de quem talvez os próprios tradutores não soubessem muito mais".[21]

Pelo contrário, Walter Scott teve a sua vida e obra amplamente divulgadas pela nossa imprensa periódica do Romantismo, quer através da publicação de biografias do autor, quer através de apreciações das traduções portuguesas dos seus textos editados em volume, quer, ainda, por meio de artigos de crítica e teoria

---

pode tratar-se do artigo "My Uncle", de Dickens e W. H. Wills, publicado no *Household Words* em 1851, que Paul Davis regista na p. 314 de *The Penguin Dickens Companion. The Essential Reference to His Life and Work* (London, Penguin Books, 1999) e diz ser uma descrição do "pawnbroker and the people who patronize his business, a fuller and more sympathetic picture than that in Boz, 'Pawnbroker's Shop'", pois o conto vindo a público no *Estrella d'Alva* relata a história do tio do narrador, John Martin, um caixeiro-viajante que, depois de ter bebido demasiado *whisky*, tem um sonho fantástico, pleno de aventura, em que ele salva uma bela rapariga de um grupo de raptores. No final lê-se que o conto é um "Aviso aos que, como meu tio, abusam do *wisky*. É a essa moralidade que eu quiz chegar."

[20] São eles: "Um Baptisado. (Versão do inglez.)", 1863, tradução de "The Bloomsbury Christening"; "Um Duello Como Há Muitos. (Versão do Inglez)", 1863, tradução de "The Great Winglebury Duel"; "A Familia Tuggs em Ramsgate. (Versão do inglez)", 1863, tradução de "The Tuggses at Ramsgate"; "Scenas n'uma casa de hospedagem. (Versão do inglez)", 1863, tradução de "The Boarding-House"; "O Senhor Minns e Seu Primo. (Versão do inglez)", 1863, tradução de "Mr. Minns and His Cousin"; "Horacio Sparkins", 1863, tradução de "Horatio Sparkins"; "A Excursão em Vapor. (Versão do inglez)", 1863, tradução de "The Steam Excursion"; "Uma representação de curiosos. (Versão livre do inglez)", 1863, tradução muito incompleta de "Mrs. Joseph Porter"; "O Veu Negro. (Versão do inglez)", 1863, tradução de "The Black Veil"; e "Scenas da vida ingleza. Sentimentalismo. (Versão do inglez por A. C.)", 1864, tradução provavelmente do editor António Rodrigues da Cruz Coutinho (1819-1885), proprietário d'*O Jornal do Porto*, de "Sentiment". O mesmo tradutor A. C. assina ainda neste periódico portuense uma outra versão de uma obra de Dickens, "Uma loa de Natal em prosa. Conto phantastico do Natal. (Versão do original inglez)", 1863-64, cujo original é *A Christmas Carol in Prose. A Ghost Story of Christmas* (1843). No jornal religioso e político *A Nação*, que saiu em Lisboa a partir de 1847 e que perdurou até ao século XX, foi publicada em 1865 uma outra tradução, não assinada, de "The Black Veil": "O Véu Negro. Por Charles Dickens" (nº 5199, 29/4/1865, p. 1; nº 5200, 1/5/1865, p. 1; e nº 5201, 2/5/1865, pp. 1-2). Embora este periódico não faça parte da nossa bibliografia primária, fomos verificar esta referência bibliográfica, de modo a poder indicá-la aqui e completarmos, assim, o quadro da presença de Dickens na imprensa periódica portuguesa até 1865.

[21] *Op. cit.*: 89.

literária em que o nome do *Wizard of the North* é frequentemente mencionado, aludido, citado e elogiado como paradigma do romance de matriz histórica.[22]

No entanto, se as notícias **sobre Scott** se multiplicaram nas páginas dos jornais e revistas,[23] há a assinalar, por outro lado, uma fraquíssima presença nelas de textos **de Scott**: apenas nos deparámos com uma tradução do último dos *Scottish novels* do célebre autor escocês, e mesmo assim muito incompleta,[24] para além de três traduções de outros tantos poemas de Scott, a que voltaremos mais adiante, uma tradução, igualmente inacabada, da "Lenda de Santo Oran", publicada em 1849 por *A Assembléa Litteraria*,[25] e "Historia Geral da Arte Dramatica", tradução de "Essay on Drama", uma contribuição do autor para a *Encyclopaedia Britannica* (1819), que o *Archivo Theatral* apresentou como introdução ao lançar-se no mercado jornalístico português em 1838.[26]

Não surgindo, pois, como lugar preferencial de publicação das obras de Scott, a imprensa periódica do nosso Romantismo desempenhou, contudo, um importantíssimo papel na divulgação das traduções portuguesas, em livro, dos romances scottianos,[27]

---

[22] Veja-se, por exemplo, "Leitura de romances", por Carlos R. Coutinho (provavelmente Carlos Ramiro Coutinho, 1828-1897, visconde de Ouguela), publicado em *O Jardim das Damas* em Setembro de 1846, em que se fala de Walter Scott como um "genio da Escocia", um "genio investigador", um "grande homem" de "nome immortal".

[23] Encontrámos até no jornal portuense *The Lusitanian* um poema intitulado "Character of Sir Walter-Scott" (1844), em que se exalta a personalidade, o talento e o patriotismo do escritor escocês.

[24] Os leitores portugueses, em 1839, puderam ainda ficar a conhecer o enredo de *The Bride of Lammermoor* (1819) através do libreto "Drama Tragico em Duas Partes. Luzia de Lammermoor" que *O Archivista* publicou em Outubro desse ano. Trata-se do texto da ópera de Donizetti *Lucia di Lammermoor* (1838), da autoria de Salvatore Cammarano, como indica Isabel Maria da Cruz Lousada em *Para o estabelecimento de uma bibliografia britânica em português (1554-1900)*. Volume I, 281.

[25] "Walter Scott. Contos biograficos e litterarios. Lenda de Santo Oran", tradução de João Eulálio da Silva de Mendonça, in *A Assembléa Litteraria*, 1849. Este periódico não foi investigado por Maria Laura Bettencourt Pires, razão pela qual a autora não indica esta tradução. Cf. Maria Laura Bettencourt Pires. 1979. *Walter Scott e o Romantismo Português*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Não conseguimos identificar o original inglês.

[26] A identificação da autoria do texto apresentado pelo *Archivo Theatral* (Tomo I, pp. V-LXV), uma publicação mensal editada por Gaudêncio Maria Martins exclusivamente destinada à reprodução de dramas franceses, é feita apenas numa nota de rodapé da p. XLI: nela o tradutor diz que está a traduzir a obra de Scott, à excepção da parte referente ao teatro português que, segundo ele, é da responsabilidade de um "Illustre e Douto Portuguez."

[27] *O Correio das Damas* diz-nos que os tradutores e os leitores portugueses levaram algum tempo a interessar-se pelos romances históricos: "Recebido a principio em Portugal, com mui pouco apreço, o célebre Walter Scott, foi durante

as quais se encontravam disponíveis para compra nas livrarias ou para aluguer nos «gabinetes de leitura». A partir de 1838, e até 1846, sucederam-se, com efeito, nos jornais e revistas notícias sobre as traduções portuguesas, os respectivos tradutores e o merecimento dos seus trabalhos, artigos estes que instigaram por certo à leitura das obras de Walter Scott, ao mesmo tempo que condicionaram a escolha, por parte dos leitores, desta ou daquela versão, dadas as opiniões, nem sempre favoráveis, que veicularam. Nessas breves recensões, é frequente encontrarmos também juízos sobre o mérito da obra do escritor escocês, pelo que devem ser levadas em conta quando se estuda a recepção crítico-valorativa de Walter Scott em Portugal.

Inicia-se essa série de notícias com uma apreciação da tradução do romance *Quentin Durward* feita por André Joaquim Ramalho e Sousa (1790-1857), começada a publicar em Lisboa em 1838 ("Quintino Durward por Walter Scott", *Bibliotheca Familiar, e Recreativa*, 1838), e duas outras, vindas a lume em Abril do mesmo ano, sobre duas traduções de *Ivanhoe* acabadas de editar ("Ivanhoé. Novella de Sir Walter Scott, traduzida pelo Sr. A. J. Ramalho e Sousa", *O Correio das Damas*, e "Ivanhoe traduzido em vulgar", *O Panorama*). Significativamente, estes três artigos exemplificam desde logo o conteúdo habitual das notícias sobre as traduções portuguesas das obras de Scott: elogios rasgados a Ramalho e Sousa, considerado o melhor dos tradutores do romancista escocês; comparação entre as suas traduções e as publicadas em Paris por tradutores portugueses que partiam de versões francesas (E. P. da Câmara e Caetano Lopes de Moura); condenação veemente destas últimas; e exaltação dos romances de Walter Scott.

Louva-se, em Ramalho e Sousa, a fidelidade em relação ao texto inglês original e a "linguagem castiça e boa Portugueza", "cousa rarissima na nossa terra"; encara-se a tradução de *Ivanhoe* de E. P. da Câmara (*Ivanhoé, ou o regresso do cruzado*, Paris, 1837) como uma falsificação, uma caricatura, "barbarissima em linguagem", "uma destas obras de *fancaria*, com que se costumam atulhar as lojas dos livreiros", chegando *O Panorama* a pedir ao

---

annos conhecido apenas, entre nós, por aquellas pessoas que entendiam a lingua franceza ou ingleza. A novella historica, entidade recentissima na litteratura européa, era semsabor para os traductores deste genero de escriptos, habituados aos destemperos da escóla franceza de romances exagerados e falsos. [...] mas a novella historica já começa em Portugal a levar a melhoria da sua emula, e as composições do pai d'esta especie de escriptura, a que talvez melhor chamáramos dramas — novellas, não só se trasladam em vulgar, mas são curiosamente procuradas e lidas." ("Quintino Durward", *O Correio das Damas*, 1839).

tradutor "que, ou aprimore mais o seu trabalho, ou [...] deixe repousar o auctor de Waverley na paz do seu honrado sepulchro", enfim que não "esfole" mais o "affamado Walter-Scott"; e inclui-se a tradução *Quentino Durward ou o Escossez na Corte de Luiz XI* (Paris, 1838), de Caetano Lopes de Moura (1780-1860), no conjunto das "aravias chamadas traducções, que, com outras fraudulagens, se estão fazendo lá em Paris, e o Sr. Aillaud está imprimindo, para nos vir cá embaucar e ganhar dinheiro."

Em 1839, outros três artigos sobre traduções portuguesas deste último romance (publicados em *O Panorama*, *O Correio das Damas* e *O Recreio*) voltaram a confrontar Ramalho e Sousa e Caetano Lopes de Moura, mantendo-se as opiniões já expressas no ano anterior: apontam-se os defeitos do segundo (cortes, supressões, corrupções de sentido), aplaude-se a forma como o primeiro soube vencer as dificuldades colocadas pela obra de Scott, faz-se notar que este "traduz do inglez" enquanto o outro "estraga do francez", e, simultaneamente, vai-se sublinhando o alto significado dos romances de Scott, "onde ás vezes se aprende mais historia que nos livros dos historiadores."

Até meados da década de 40, a imprensa periódica portuguesa anunciou ainda as traduções dos romances *Kenilworth* (Lisboa, 1841-42), *Anna de Geierstein ou a Donzella do Nevoeiro* (Lisboa, 1843) e *Waverley, ou Há Sessenta Annos* (Lisboa, 1845), de Ramalho e Sousa, sempre com críticas elogiosas ao tradutor, que "soube mostrar Walter Scott aos portuguezes seguindo rigorosamente o texto inglez" ("Kenilworth. — Novella de Walter Scott, traduzida pelo Sr. A. J. Ramalho e Sousa", *O Panorama*, 1842) — o que é considerado tarefa nada fácil.

De entre essas recensões são de realçar as que saíram da pena do escritor e jornalista José Maria da Silva Leal, director da *Revista Universal Lisbonense* a partir de 1841 e colaborador, entre outros, do *Universo Pittoresco*. Nestes dois periódicos encontram-se precisamente alguns artigos seus que merecem ser citados, como "Kenilworth. (traducção do Sr. Ramalho.)" (*Revista Universal Lisbonense*, 1842) e "Anna de Geierstein ou a Donzella do Nevoeiro. — Novella de Walter Scott, traduzida por A. J. Ramalho e Sousa" (*Universo Pittoresco*, 1843-44). Do primeiro salientamos as considerações que tece sobre o "methodo de absoluta fidelidade" seguido por Ramalho e Sousa, que fazia das suas traduções "impagaveis auxiliares, tanto para os inglezes, que desejem per si aprender o portuguez, como para os portuguezes, que desejem aprender o inglez", e ainda a sugestão que dá ao talentoso tradutor de Scott para que use "um pouco mais de liberdade nas fórmas de elocução." Do segundo destacamos

a exaltação panegírica que faz à figura de Walter Scott e à sua obra — "Haverá trinta annos que Walter Scott, o pai do romance histórico, o rei dos romancistas, creou um genero de litteratura nacional, eminentemente popular, moral e agradavel, que produzio uma revolução completa no mundo litterario. [...] A influencia dos romances de Walter Scott no gôsto, na litteratura, nos costumes, na politica, nos trages, e nas bellas artes, é um facto reconhecido e apregoado por todos os criticos." — e a importância que confere ao trabalho desenvolvido por Ramalho e Sousa, não só pela competência linguística e estilística reveladas ("A pureza da dicção, a propriedade dos termos, e quasi sempre a elegancia do stylo; são qualidades de mui subido preço n'esta traducção."), mas também pelo facto de ser um dos raros a traduzir directamente do inglês: "Entre nós que tudo é francez, politica, administração, philosofia, litteratura, drama, poesia, e até as *folhinhas;* que se não imita, nem lê, nem traduz senão do francez; uma versão do inglez é um sucesso memoravel." E termina louvando e agradecendo o "bom serviço" prestado por Ramalho e Sousa à literatura portuguesa, a quem reconhece uma inspiração que "mais dá visos d'auctor criando do que de traductor reproduzindo."

Muitos outros exemplos de elogios a Ramalho e Sousa poderiamos dar, mas o essencial está dito: as suas traduções mereceram um aplauso generalizado, foram consideradas "esmeradas" e "primorosas", o seu domínio da língua portuguesa e da língua inglesa permitiu-lhe que traduzisse para "portuguez portuguez o inglez inglez" de Scott, como disse António Feliciano de Castilho ("Monumento a Walter Scott. Edimburgo. Traducções portuguezas de varias obras d'este author", *Revista Universal Lisbonense*, 1841) e, assim, Ramalho e Sousa foi visto como o tradutor que conseguiu levar até aos leitores nacionais a "verdade" dos inovadores romances do célebre autor escocês. Teófilo Braga, na *História do Romantismo em Portugal*, ao traçar as origens da renovação da literatura portuguesa no século XIX, não deixou de lembrar o meritório trabalho de Ramalho e Sousa: "As bellas traducções dos romances de Walter Scott por André Joaquim Ramalho e Sousa, a traducção do *Oberon* de Wieland por Filinto e pela marquesa de Alorna, foram as primeiras disposições para o Romantismo." [28]

Para além de Ramalho e Sousa e dos já referidos E. P. da Câmara e Caetano Lopes de Moura, a nossa imprensa periódica do Romantismo falou ainda de outros três tradutores de Scott:

---

[28] Teófilo Braga. 1984. *História do Romantismo em Portugal.* Lisboa: Ulmeiro, 464.

Miguel António da Silva, que estava ao serviço de uma sociedade criada para editar a tradução completa dos romances de Scott,[29] José Maria de Salles Ribeiro e um tal Dr. Rosas, de quem nada se sabe, mas que surge mencionado no artigo "Anna de Geierstein ou a Donzella do Nevoeiro" (*O Correio das Damas*, 1844), assinado por J. S. M., ou seja, Jacinto da Silva Mengo (1808-1866). Aqui, ao falar da prática habitual de traduzir Scott do francês, o que o leva a condenar as traduções de Lopes de Moura ("o Sr. *Moura* [...] costuma supprimir as difficuldades que encontra, *cortando* periodos inteiros, e transtornando completamente o sentido, não diremos do original porque com esse não se occupa o traductor parisiense, mas da propria versão franceza, já bastante *podada*."), o redactor d'*O Correio das Damas* aponta a tradução *O Talisman* (Lisboa, 1835), feita do inglês, como uma das poucas excepções e diz que ela foi devida ao "Sr. Dr. Rosas", que traduziu "realmente [...] do inglez, mas infelizmente por um inglez que não tinha conhecimento sufficiente da lingua portugueza." Na mesma crítica, Jacinto da Silva Mengo afirma de passagem que não lhe merecem atenção as versões de Salles Ribeiro (*A Formosa Donzella de Perth, ou O Dia de S. Valentim*, 1840; *O Mosteiro*, 1842; *O Abbade*, 1844) por serem "livres" e não deverem, por isso, "ser tidas nem havidas como *filhas* das *filhas* de Sir Walter Scott."

Quanto às traduções de Miguel António da Silva (1813-?), feitas do francês (*Uma Lenda de Montrose*, 1842; Guy *Mannering, ou o Astrologo*, 1842-43; *Woodstock, ou o Cavalleiro*, 1842; *Waverley ou ha sessenta annos*, 1844), devemos de novo à *Revista Universal Lisbonense* uma opinião crítica: em "Uma lenda de Montrose. Romance de Sir Walter Scott (versão do Sr. M. A. Da Silva.)" (*Revista Universal Lisbonense*, 1842) elogia-se essa versão portuguesa e dão-se ao tradutor vários conselhos para que melhore o seu trabalho, nomeadamente que passe a servir-se do original inglês; que explique os termos ingleses que não tenham correspondência na nossa língua; que substitua os rifões pelos equivalentes portugueses, se os houver; e que expurgue o seu texto de galicismos.

Admirados pela "descrição dos costumes historicos", resultado de "um estudo mui profundo das antiguidades da sua patria" ("Da

---

[29] Como diz Maria Laura Bettencourt Pires em *Walter Scott e o Romantismo Português*, o facto de ter sido criada esta sociedade é uma prova do interesse que a obra de Scott despertou no nosso país. No nº 12 do jornal *O Pirata*, datado de Maio de 1850, encontrámos outra prova dessa voga: diz o jornal que no último número do seu primeiro ano de existência dará a cada um dos seus assinantes um bilhete para a lotaria das Obras Completas de *Sir* Walter Scott, uma rica edição adornada com mais de "100 primorosas gravuras, dos melhores gravadores francezes."

Novella", *Revista Litteraria*, 1839), e pela "verdade dos caracteres" e "natural vivacidade do dialogo" ("Sir Walter Scott", *Archivo Popular*, 1838), os romances de Walter Scott, "desesperação de todos os romancistas" como disse Alexandre Herculano na primeira nota a *Eurico, o Presbítero* (1843), concentraram, pois, as atenções de muitos colaboradores da imprensa periódica portuguesa do Romantismo, sendo apontados como o modelo a imitar urgentemente, a fim de que as tradições e o passado de Portugal fossem recuperados e dados a conhecer. A poesia narrativa que o autor escocês cultivou até 1815 tem, em contrapartida, uma presença ligeira nos jornais e revistas consultados: para além da tradução em prosa de um fragmento de *The Lady of the Lake* ("O fanatico selvagem, a cruz de fogo e a maldição", *O Mosaico*, 1839), há a registar o facto de *O Correio das Damas* ter publicado em 1837 "O Rei das Chammas. (The Fire King.). Ballada", uma tradução em prosa da balada "The Fire King" inserida na colectânea *Tales of Wonder* (1801) de Mathew Gregory Lewis, e, em 1841, "A Virgem de Toro. Ballada de Walter Scott", tradução de Inácio Pizarro de Morais Sarmento (1807-1870) de "The Maid of Toro", pertencente a *Ballads and Lyrical Pieces* (1806) de Scott.[30]

Em volume foram, porém, publicadas duas traduções de *The Lord of the Isles* e *The Lady of the Lake*, respectivamente *O Lord das Ilhas* (tradução anónima, 1839) e *A Dama do Lago* (Sociedade dos Amigos das Letras, 1842), as quais não passaram despercebidas à nossa imprensa periódica. Assim, *A Vedeta da Liberdade* considerou ser a primeira uma tradução "de muita belleza", lamentando, no entanto, que o tradutor tenha usado como texto de partida uma versão francesa, "sem dar-se ao precioso trabalho de beber na prima fonte as ideias, expressão, e poesia do famoso Bardo" ("O Lord das Ilhas", 1839), enquanto *L'Abeille* e *O Beija-Flor*, em Junho de 1842, anunciaram a edição da segunda em cadernetas semanais, recomendando-a vivamente "á mocidade Portugueza" ("La Dame du Lac, poème en six chants par Sir Walter Scott, et traduit de l'original, en portugais, par la Societé des Amis des Lettres", *L'Abeille* ; "A dama do lago" , *O Beija-Flor*).

Não tendo tido uma repercussão significativa na imprensa periódica portuguesa de 1836 a 1865, a poesia de Walter Scott foi objecto, ainda assim, como vimos, de alguma divulgação, o mesmo não se podendo dizer de outros grandes nomes do Romantismo inglês, à excepção de *Lord* Byron. Na verdade, constatamos um

---

[30] No artigo "Dos espiritos ou genios das montanhas, e dos servantes"(*Luiz de Camões*, 1864), sobre a superstição dos escoceses, encontrámos ainda a tradução de um excerto do poema *Harold the Dauntless* (1817).

absoluto silenciamento de William Wordsworth (1770-1850), Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), Percy Bysshe Shelley (1792-1822) e John Keats (1795-1821): nenhuma das suas composições apareceu nos jornais e revistas consultados, e o levantamento efectuado por Isabel Maria da Cruz Lousada mostra que a obra destes poetas não foi traduzida até finais do século XIX, permanecendo, portanto, desconhecida do público leitor e até de muitos dos nossos homens de letras.[31] Apenas dois artigos, publicados com um intervalo de vinte e um anos, mencionam duas destas figuras de proa da poesia romântica inglesa, sem contudo se debruçarem sobre as características e valor das respectivas obras. O primeiro, um ensaio crítico, anónimo, acerca de "O Camões do Snr. Garret" (*Revista Litteraria*, 1838), somente refere Wordsworth como um dos primeiros escritores europeus que se inspiraram nas "existencias despresadas, — sem aduladores que as cortejam; — sem galas, que as enfeitem; — sem ouros, sem joias, sem adereços" e as tornaram assunto de composições literárias. O segundo, do crítico José Maria de Andrade Ferreira (1823-1875), intitula-se "O novo Curso Superior de Letras", foi publicado em 1859 na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil* e reveste-se de bastante importância por apresentar um panorama do estado de decadência em que se encontravam, na altura, as diferentes literaturas europeias, incluindo a inglesa:

> O abalo que *Scheridan Knowles* e *Byron* deram por instantes ás imaginações, afroxou: *Walter Scott*, á semelhança das suas lendas do velho paiz de Galles, surge na memoria dos eruditos como a lembrança de uma gloria patriotica: *Wordsworth*, *Coleridge* e *Southey*, com a sua escolla de poetas *lakistas*, adormeceram de todo na paz do tumulo; apenas uma ou outra inspiração solitaria, como a ondulação serena

[31] Apenas na revista *The Lusitanian* encontrámos uma referência a Shelley, através do poema original "Occasioned by reading, Shelleys lines upon a Skylark" (1844). Note-se, no entanto, que o poema surge num periódico anglófono, redigido por ingleses residentes no nosso país e destinado, essencialmente, aos cidadãos britânicos estabelecidos em Portugal — circunstâncias específicas que não implicam, portanto, uma divulgação do nome de Shelley entre os portugueses. Sobre esta composição poética, inspirada pela leitura do célebre poema «To a Skylark» de Shelley, e outras publicadas em *The Lusitanian* que tratam figuras da história de Inglaterra ("The King Reproved" (1845), sobre Charles II; "Victoria on board the Victory, 21 st October 1844" (1845), sobre o almirante Nelson e a rainha Victoria; ou o poderio colonial inglês ("Where is the Briton's home?" (1844)), veja-se: João Paulo Ascenso Pereira da Silva. 2001. *Temas, Mitos e Imagens de Portugal numa Revista Literária do Porto, The Lusitanian (1844-1845)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia / Ministério da Ciência e da Tecnologia, 310-314.

e prateada de seus lagos melancholicos de Westmoreland, vem quebrar a monotonia fastidiosa de algumas horas passadas nos wagons.

A poesia é hoje uma cousa tão rara em Inglaterra, que os bons versos podem-se apontar como uma raridade. O gosto voltou-se para os velhos contos, para as memorias (as memorias são sempre a prova de decadencia de uma época), para as reliquias dos tempos idos, anecdotas, usos, vestuarios, vestigios archeologicos, supremo esforço de erudição com que a curiosidade entretem o espirito falho de imaginação.

Como vemos, neste balanço negativo da poesia, do romance, e do teatro ingleses de meados de Oitocentos feito por Andrade Ferreira, os "lakistas" Wordsworth e Coleridge são mencionados, mas apenas como grandes referências de um momento de ouro que passou. Faltaram acerca deles, na nossa imprensa periódica, notícias de carácter biobibliográfico, com algumas apreciações críticas, como as que o jornal *O Nacional* publicou em série, entre Setembro de 1838 e Outubro de 1839, sobre os poetas Samuel Butler (1612-1680), Thomas Parnell (1679-1718), Edmund Waller (1606-1687), Mathew Prior (1664-1721), John Gay (1685-1732), Richard Savage (?-1743), George Boleyn, Visconde de Rocheford (?-1536), o Conde de Surrey, John Denham (1615-1669) e William Somerville (1675-1742). Aliás, esta lista de nomes aponta desde já para uma conclusão que se pode tirar a partir do conjunto de poetas e composições poéticas divulgados pela imprensa periódica do Romantismo português: a tendência para difundir, através de traduções ou notas críticas, autores de séculos passados, sobretudo de Setecentos,[32] e uma particular insistência nas obras do Pré-Romantismo inglês.[33]

---

[32] Geoffrey Chaucer não é um nome totalmente ausente da imprensa periódica do nosso Romantismo. Em Julho de 1842 o *Archivo Popular* informou que esse poeta inglês do século XIV descreveu e censurou, num poema cómico, o grande poder e influência das ordens monásticas, os costumes mundanos dos monges e a riqueza e luxo dos abades, sem apresentar no entanto qualquer excerto ilustrativo. Entre Dezembro de 1842 e Fevereiro de 1843 o mesmo periódico publicou três estampas inspiradas em *The Canterbury Tales* ("O moleiro, o comprador, e o feitor", "A prioreza e a noiva de Bath" e "O Capellista"), mas os textos que as acompanham limitam-se a resumir os contos referentes a estas figuras e a fornecer explicações históricas, sem, de novo, incluir trechos da obra.

[33] Algumas das traduções, versões e imitações (termos usados muitas vezes nesta época como sinónimos) que encontrámos nos jornais e revistas consultados não estão acompanhadas de qualquer informação bibliográfica relativa ao original, ficando portanto por saber quem escreveu e qual o título dos textos-fonte. Exemplos: "Despedida de Buonaparte á França, quando foi desterrado para Santa Helena — traducção do Inglez", *O Mercurio*, 1838, tradução de J. B. da R., ou seja, João Bernardo da Rocha Loureiro; "Canção. Versão livre do Inglez",

John Milton (1608-1674), objecto de um ensaio crítico por Thomas Babington Macaulay (1800-1859) que Lopes de Mendonça traduziu para *A Illustracão Luso-Brazileira* ("Milton. Estudo critico por Macaulay") em 1859, facilitando assim ao nosso público a leitura de um texto desenvolvido e aprofundado que glorifica este célebre poeta inglês, logo em 1836 foi notícia quando a tradução portuguesa dos seis primeiros livros de *Paradise Lost* feita por António José de Lima Leitão (1787-1856) a partir do original inglês recebeu uma crítica muito favorável da parte de *O Nacional* ("O Paraizo perdido de Milton, traduzido pelo Sr. Lima Leitão"), que a considerou muito superior à tradução do mesmo poema do "Homero Inglez" realizada por Francisco Bento Maria Targini, Visconde de S. Lourenço (1756-1827), publicada em Paris em 1823.[34]

Extremamente elogiosa é também a opinião do latinista Francisco António Martins Bastos (1799-1868), vinda a lume n'*O Ramalhete* em 1840, ano em que ficou completa a tradução de Lima Leitão ("Traducção do poema de Milton pelo Sr. Dr. Lima Leitão"): depois de uma análise das belezas do poema de Milton, definido como "um riquissimo thesouro de Poesia", passa-se à consideração da versão portuguesa, a qual é qualificada de tão "magnifica" que o crítico coloca o tradutor em pé de igualdade com o autor, porque "uma traducção boa, equivale a um bom original".

Dois periódicos publicaram ainda traduções de excertos de *Paradise Lost*: uma delas extraída do trabalho de Lima Leitão atrás referido ("Falla de Satanaz, a primeira vez que contemplou o Universo novamente creado: extrahido de Milton no 4° canto do *Paraizo Perdido*", *O Mosaico*, 1840) e a outra, surgida bem mais tarde em *O Murmurio*, em 1856, da autoria de Manuel Rodrigues

---

Chronica Litteraria da Nova Academia Dramatica, 1840, *O Crepusculo*, 1846, e *O Ecco Popular*, 1848, tradução de Henrique Roberto Rodrigues; "Tudo Morre! (Imitado do Inglez)", *O Farol*, 1848 e "O céguinho de nascença. (Imitado do inglez)", *O Bardo*, 1854-1855, tradução de F. M. Bordallo.

[34] Também T. de C., que assina o artigo "O Paraiso Perdido, poema de Milton, Traduzido em verso portuguez pelo Sr. Doutor Antonio José de Lima Leitão" (*O Cosmorama Litterario*, 1840), considera que a tradução de Lima Leitão "sobreleva em tudo á de Targini": "A deste ultimo [a tradução de Targini], não lhe negando bellezas que a adornam, e fidelidade que por vezes não é tanta como elle quer inculcar, é uma versão que bem pouco deu a conhecer o Milton. Teve a infelicidade de a traduzir em verso, e ninguem rima peior que o Visconde de S. Lourenço."Sobre o trabalho de tradução realizado por Francisco Bento Maria Targini, ver: Jorge Miguel Bastos da Silva. 2001. "Francisco Bento Maria Targini (1756-1827), tradutor de Milton e de Pope", in *Estudos de Tradução em Portugal. Novos contributos para a História da Literatura Portuguesa*. Organização de Teresa Seruya. Colóquio realizado na Universidade Católica Portuguesa em 14 e 15 de Dezembro de 2000. Lisboa: Universidade Católica Editora / Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira, 83-96.

da Silva Abreu (1793-1869), que também traduziu Goldsmith: "O Combate dos Anjos e dos Demonios. No Canto 6° do Paraiso Perdido de Milton. Vers. 626 até 678", feita em Paris, em 1830.

No que diz respeito à poesia neoclássica, temos a referir que em 1844 S. J. Ribeiro de Sá (1822-1865) ilustrou um seu ensaio sobre as origens da arte vindo a público nos números 107, 109 e 110 de *O Panorama* com alguns excertos do *Essay on Criticism* de Alexander Pope (1688-1744), apresentando ao lado dos versos originais ingleses a correspondente tradução portuguesa, em prosa, do Conde de Aguiar (1752-1817).[35] Antes disso, aparecera na nossa imprensa periódica uma tradução do poema herói-cómico em cinco cantos *The Rape of the Lock* (1714), igualmente de Pope. "O Roubo do Annel de Cabellos, Poema Heroico-Comico composto por Poppe, e tradusido em verso regular portuguez" saiu em *O Ramalhete* em 1837, traduzido por António Luís Gentil (? -1858), sendo antecedido de um "Prefacio do Traductor" onde se lê: "Neste poema se encontrará o que constitue a verdadeira Poesia, não tendo para mim outra gloria, e outro interesse mais, que ver germinar nos Jardins Ulisseos uma flor de paiz estrangeiro".[36]

Semelhante propósito moveu um colaborador da *Revista Universal Lisbonense*, que assina com a letra "C.", a publicar em 1847 um artigo de teor biobibliográfico sobre Pedro Nolasco da Cunha (1773-1844) em que divulga trechos da sua tradução das Partes I e II do poema *The Botanic Garden* (1789-1791) de Erasmus Darwin (1731-1802). Feita durante o período em que Nolasco da Cunha foi médico no Hospital das Caldas da Rainha, e antes de emigrar para Londres, em 1807, onde viria a participar na fundação do jornal *O Investigador Portuguez em Inglaterra*, esta tradução, bem como o autor inglês e o seu poema original, são objecto dos maiores encómios:

> Erasmo Darwin, [foi] um dos melhores medicos que a Europa tem tido, e um dos maiores poetas que a Inglaterra produziu n'aquelles tempos. [...] Não conhecemos poema

---

[35] Conde de Aguiar. trad. 1810. *Ensaio sobre a critica de Alexander Pope*. Com as notas de José Warton, do Traductor, e de outros; e o Commentario do Dr. Warburton. Rio de Janeiro.

[36] Para uma resenha das traduções portuguesas da obra de Pope, ver: Henrique de Campos Ferreira Lima. 1944. "Alexander Pope em Portugal". *The Anglo-Portuguese News* 256 (13 de Julho): 13.Sobre o impacte e a reputação de Pope em Portugal entre os meados do século XVIII e os meados do século XIX ver: Jorge Bastos da Silva. 2003. "Pope in Portugal: Translation, Criticism, Controversy". *Op. Cit: Uma Revista de Estudos Anglo-Americanos / A Journal of Anglo-American Studies* 6: 49-69.

didascalico, em que haja tanta poesia, imagens tam vivas, e em que as idéas scientificas appareçam revestidas de tam brilhante colorido; a sua traducção foi um grande serviço que o doutor Nolasco fez á litteratura portugueza.

Mas é quando constatamos a insistência em difundir traduções e imitações de textos de Edward Young (1683-1765), James Thomson (1700-1748), Thomas Gray (1716-1771), Ossian/James Macpherson (1736-1796) e Mathew Gregory Lewis (1775-1818) que se torna clara a continuação do gosto pelos autores ingleses setecentistas que evidenciaram uma nova sensibilidade face à racionalidade neoclássica, valorizando os sentimentos, os temas da noite e da morte, a contemplação da natureza, os ambientes de mistério e horror, o sobrenatural, e exaltando a poesia natural e popular, não afectada pela civilização.

Em Dezembro de 1849 começou a sair em *A Assembléa Litteraria* "Noites de Young. Imitação", da autoria de Maria José da Silva Canuto (1812-1890), poetisa e jornalista, obra que foi interrompida no número de 9 de Fevereiro de 1850, ficando por isso incompleta. Anos antes, em 1839, *O Ramalhete* publicara "Hymno de Tompson, dedicado ao Todo Poderoso", uma tradução em prosa de Francisco de Almeida Montenegro do hino dirigido ao Criador que se encontra no final de *The Seasons*, a que se seguiu, em 1849, no periódico *A Fonte*, "Retrato da Felicidade Conjugal", também esta uma versão em prosa, anónima, de um excerto de *The Seasons* que, aliás, já viera a público em 1802 em *As Variedades* e em 1827 em *O Periodico para os Pobres*.

No início da década de 40 *O Ramalhete* ofereceu aos seus leitores uma tradução, do inglês (assinada com as iniciais P. A. P.), de "Ode on the Death of a Favorite Cat, Drowned in a Tub of Gold Fishes" (1748), um poema moralista de Gray que aconselha as senhoras a terem cuidado com as aparências enganadoras ("Á Morte d'uma Gatinha Linda Affogada n'um Tanque de Peixes. Ode de Gray", 1840), mas a prova de que o seu célebre poema "An Elegy Written in a Country Church Yard" continuava a ser uma grande referência está no facto de *O Ramalhete* ter publicado, em Novembro de 1841, "Elegia de Gray, Composta no adro da Igreja de uma Aldêa, traduzida do Inglez pelo Exmo. Conde da Barca, Antonio de Araujo d'Azevedo", recuperando, assim, uma tradução que se pensa ter vindo a lume pela primeira vez em 1799, havendo ainda a registar duas outras traduções que apareceram anos mais tarde, concretamente em 1850, em *O Theatro* ("Elegia de Cray. Escripta em um muro de um cemiterio inglez", tradução do

original inglês por C. L., provavelmente António Coelho Lousada),[37] e em 1853 em *O Instituto* ("O Cemiterio d'aldêa. (Traduzido de Gray)" e no *Periodico dos Pobres no Porto* ("O Cemiterio d'Aldea. (Traduzido de Gray.)", em tradução de F., ou seja, Francisco de Castro Freire (1811-1884), lente da Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra.

Outro exemplo de relativa popularidade é a balada macabra "Alonzo the Brave and Fair Imogine" do nono capítulo do romance gótico *The Monk* (1795), de Matthew Gregory Lewis. Já publicada em 1835, em tradução livre de Alexandre Herculano (1810-1877), no *Repositorio Literario da Sociedade das Sciencias Medicas e de Literatura do Porto* ("Affonso e Isolina"), eis que, no ano seguinte, *O Correio das Damas* apresentou nova versão, pelo mesmo tradutor: "Affonso e Isolina, Ballada livremente traduzida do Inglez de Lewis, pelo Senhor Alexandre Herculano de Carvalho". «Nacionalizada», por assim dizer, por um dos fundadores do medievalismo romântico português, Alexandre Herculano, que a verteu em quadras em redondilha maior, esta última tradução viria ainda a aparecer em Agosto de 1838 n'*O Passatempo* ("Affonso e Izolina, Ballada livremente traduzida do Inglez de Lenvcia [sic] pelo Sñr. Alexandre Herculano de Carvalho"). Sensivelmente pela mesma altura, em Junho de 1838, *O Panorama* publicou anonimamente "A Noiva do Sepulchro: Xacara", que constitui, na verdade, mais uma incursão de Alexandre Herculano na obra de Lewis. Desta feita trata-se da primeira adaptação muito livre da segunda parte da balada "Osric the Lion" (in *Tales of Wonder*, 1801), segundo informação de Isabel Maria da Cruz Lousada,[38] que, por sua vez, recebeu tal indicação de Maria Leonor Machado de Sousa. De novo Herculano se apropriou de uma composição de Lewis com características terrificantes e macabras (o fantasma feminino vingador que regressa ao mundo dos vivos para arrastar para a sepultura o marido traidor), a qual *O Jardim Litterario* voltou a divulgar, em 1852, "a rogos de um nosso assinante", sob o título lacónico "Xacara".

Mais expressiva, porque mais numerosa e variada, é a presença de Ossian/James Macpherson. Enquanto Lewis está representado

---

[37] *O Theatro. Jornal Semanario* não faz parte do conjunto de periódicos que constituem a nossa base de trabalho mas, uma vez que temos conhecimento desta ocorrência, achámos por bem mencioná-la aqui: *O Theatro*, nº 27, 22/12/1850, pp. 213-215; nº 28, 29/12/1850, pp. 222-223.

[38] Isabel Maria da Cruz Lousada. 1998. «Para o estabelecimento de uma bibliografia britânica em Português (1554-1900)». Prova para acesso à categoria de Investigador Auxiliar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2 vols.

por duas composições que cativaram um único tradutor, Alexandre Herculano, a poesia ossiânica surge no conjunto dos jornais e revistas que constituem o núcleo deste estudo em quatro traduções diferentes, realizadas por três tradutores, o que sugere uma influência mais ampla.

Lembremos que a fortuna dos poemas de Ossian em Portugal começou antes de 1836, pelas mãos de Bocage (1765-1805), que traduziu um "Fragmento de Fingal", e da Marquesa de Alorna (1750-1839), que nos deixou "Darthula, Poema trad. ou Imitado de Ossiano". Já em 1839 um poeta natural de Ponte do Lima, Joaquim Silvestre de Sousa (1803-1872), inseria nas suas *Tentativas Poeticas* "A Espera Desgraçada (copiada de Ossian)", seguindo-se-lhe, de Almeida Garrett (1799-1854), o poema "Oscar. (Imitação de Ossian)", incluído em *Flores sem Fructo* (1845).

Mas é a partir de 1850, já em plena fase ultra-romântica, que se assiste em Portugal a uma maior divulgação dos poemas supostamente traduzidos por James Macpherson e que este atribuiu ao bardo gaélico do século III Ossian. Logo nesse ano estreou-se no Teatro de S. Carlos a ópera *Fingalo* (1847) de Pietro Antonio Coppolla (1793-1877), com libreto de Gaetano Solito e, nos anos que se sucederam, vários periódicos reservaram espaço a traduções de excertos de composições ossiânicas, a comprovar que a polémica quanto às suas origens (legado primitivo genuíno ou mistificação literária?) não impediu a popularidade europeia.[39]

---

[39] Já num artigo de 1838 vindo a público na *Revista Litteraria* ("Paleographia. Dos livros e manuscritos, antes e depois da imprensa") se discutira a mistificação de Macpherson, sublinhando-se a ironia de esta sua fraude ter enganado muitos "homens d'engenho" e "alguns dos criticos mais affamados". Mas o mesmo artigo contrasta o êxito e a fama obtidos por Macpherson com o infortúnio de outros dois "falsarios" ingleses: William Henry Ireland (1777-1835), que forjou manuscritos de Shakespeare e veio a morrer "n'um palheiro", e Thomas Chatterton (1752-1770), que se escondeu por detrás da máscara de Thomas Rowley, um suposto monge do século XV, acabando por ser levado ao suicídio pelo desespero da pobreza.Embora as suas obras não tenham sido traduzidas para português durante o século XIX, a imagem romântica de Chatterton como génio incompreendido e poeta-mártir de uma sociedade insensível e ingrata está presente na nossa imprensa periódica da época através de referências dispersas. Cf. Jorge Miguel Bastos da Silva. 2001. "Chatterton no Romantismo Português". In *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses*. Lisboa: Centro de Estudos Anglo-Portugueses / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 351-365. Alguns artigos, como o que Teixeira de Vasconcelos assinou nas páginas do nº 122 (4/6/1840) de *O Ramalhete* ("Mão fado de alguns poetas inglezes") e o de Pinheiro Chagas publicado em 1864 no *Archivo Pittoresco* ("Tres poetas"), incluem-no numa numerosa galeria de escritores infelizes (ingleses, franceses, portugueses) que, "no caminho da gloria encontraram o infortunio", ou seja, a miséria, a morte prematura e o descaso dos seus compatriotas. Falando de Chatterton, Pinheiro Chagas lembra que não fora Alfred de Vigny ter-

Inventariámos quatro ocorrências, vindas a lume entre 1852 e 1860, mas temos conhecimento de que pelo menos um jornal que não analisámos, *A Instrucção Publica*, publicou em 1856 também "Fragmentos de poesias de "Ossian", em tradução de João Nepomuceno de Seixas (? -1873), professor e escritor. São elas: "Os poemas de Ossian" (*A Peninsula*, 1852), "Imitação d'Ossian. (Fragmento dos contos de Selma)" (*A Grinalda*, 1857), "A Guerra de Caros. (Traducção livre d'Ossian.)" (*O Portugal*, 1857) e "O Rapto d'Oithona, Poema d'Ossian" (*O Instituto*, 1860).

O primeiro artigo reúne duas traduções de diferente autoria: "A Guerra de Caros", pelo escritor e jornalista Luís Ribeiro de Sottomayor (de quem se desconhecem as datas de nascimento e morte), que voltou a sair em *O Portugal*, jornal do partido legitimista de que Sottomayor foi redactor, agora sem os "muitos erros typographicos" e emendas de "algumas das muitas faltas de estylo e fidelidade" que a publicação d'*A Peninsula* apresentara, e "Oina-Morul", assinada pelo escritor Arnaldo de Sousa Dantas da Gama (1828-1869), também ele redactor do periódico portuense *A Peninsula*. Significativamente, estas versões portuguesas dos poemas de Ossian "The War of Caros: A Poem" e "Oina-Morul: A Poem" são antecedidas de uma nota preambular em que é dito que há muito projectava a redacção "dar a conhecer aos nossos leitores esta originalidade da litteratura ingleza, tão censurada por uns como gostada por outros". Oferecendo-se agora a oportunidade, o jornal elucida muito sucintamente o público quanto à natureza dos poemas ossiânicos, à época em que vieram a lume e à polémica relacionada com a autoria, não se furtando a tomar partido:

> [...] hoje porém o que geralmente se acredita e o que mais verosimil parece é que esses poemas sahiram da penna de Macpherson, que na sua composição imitou a linguagem extravagante dos antigos poetas do norte e se aproveitou de muitos dos velhos contos dos poetas celtas, que ainda hoje são repetidos com entusiasmo pelos *highlanders* da Escocia.

---

se interessado pela figura do desditoso poeta de Bristol, dedicando-lhe um drama (*Chatterton*, 1835; representado em Portugal em 1851) e tornando-o tema de um romance (*Stello*, 1832), e a Europa ter-se-ia esquecido dele: "Quem conhecia Chatterton antes de Vigny fallar n'esse escriptor imberbe? Ninguem. [...] Felizmente o tumulo ignorado de Chatterton attrahiu a attenção d'um grande escriptor. Este debruçou-se-lhe sobre a loisa, tomou nos braços o cadaver, deu-lhe vida com o fogo do seu genio, e mostrou ao mundo espantado aquella graciosa figura d'um sublime adolescente."

Em 1857 *A Grinalda*, periódico de poesias inéditas editado no Porto, publicou por sua vez uma tradução de um fragmento de "The Songs of Selma" (in *Fingal, An Ancient Epic Poem*, 1761) realizada por António Augusto Soares de Passos (1826-1860). Intitulado "Colma", aparecera no seu volume *Poesias*, de 1856, onde encontramos outras versões de poemas ossiânicos, nomeadamente "Ao Sol", um fragmento de "Carthon", e o Canto Primeiro de *Fingal*.

A estas ocorrências que registámos em *A Peninsula*, *A Grinalda* e *O Portugal*, as duas últimas não inventariadas por Isabel Maria da Cruz Lousada, junta-se ainda "O Rapto d'Oithona, Poema de Ossian" que *O Instituto* publicou em 1860, divulgando assim mais uma tradução em verso de Luís Ribeiro de Sottomayor, neste caso de "Oithona: A Poem", feita a partir de uma tradução italiana (não identificada), como é dito pelo tradutor em nota de rodapé.

As versões portuguesas acabadas de referir, já estudadas por Maria Gabriela Carvalhão Buescu em *Macpherson e o Ossian em Portugal. Estudo comparativo-translatológico*,[40] testemunham, portanto, que o interesse sentido em Portugal pela matéria ossiânica foi reflectido pela imprensa periódica do Romantismo, tendo esta divulgado junto dos seus leitores algumas das composições sentimentalistas e melancólicas com que James Macpherson/ Ossian celebrou os feitos heróicos, os cenários agrestes, montanhosos e enevoados e a mitologia popular da velha Escócia.

Quando procuramos no *corpus* coligido traduções de poetas ingleses do período romântico, deparamos com o panorama pobre que já atrás traçámos. Tirando alguns nomes muito secundários, como os de Marianne Baillie (1795?-1830),[41] Felicia Dorothea Hemans (1793-1835),[42] Robert Bloomfield (1766-1823)[43] e Henry Kirke White (1785-1806), amigo de Southey, que em 1807 publicou

---

[40] Maria Gabriela Carvalhão Buescu. 2001. *Macpherson e o Ossian em Portugal. Estudo comparativo-translatológico*. Lisboa: Edições Colibri.

[41] Autora de um relato de viagem sobre Portugal (*Lisbon in the years 1821, 1822 and 1823*, 1824), *O Ramalhete* publicou, em 1841, um poema sentimentalista seu, "Cantico d'um menino de mama a sua mãi. Traduzido do Atlas, Periodico Semanal, publicado em Londres, 10 d'Abril de 1841", colocando lado a lado o original inglês e a tradução portuguesa de P.A.P., o que não é muito comum.

[42] Tradutora de Camões (*Translations from Camoens, and other Poets, with original Poetry*, 1818), o *Museu Pittoresco* deu a conhecer, desta autora, o poema de reflexão melancólica "Dormem! quem dorme? —", uma versão em prosa de José Silvestre Ribeiro (1807-1891) inserida no artigo "Fragmentos da Poesia Americana, e Ingleza" (1842).

[43] "Fragmento do sonho do Eden do poeta Blomsfield", *A Illustração Luso-Brazileira*, 1859, tradução do poeta sentimentalista Henrique Van Deiters, descendente de uma família holandesa, nascido em Lisboa por volta de 1839 e falecido na mesma cidade em 1862, vítima de tuberculose. Isabel Maria da Cruz Lousada não refere esta tradução.

a biografia daquele poeta prematuramente falecido por excesso de trabalho,[44] todos eles representados por composições sentimentalistas e melancólicas, sobram, para além do de Byron, os de Thomas Campbell (1777-1844) e Thomas Moore (1779-1852).[45] É sabido que estes dois poetas gozaram no seu tempo e país de significativa popularidade, pelo que não admira que tenha havido algum eco da sua obra na imprensa periódica portuguesa oitocentista, mas não deixa de merecer destaque o facto de os nossos jornais e revistas do Romantismo se terem interessado por poetas menores, ao mesmo tempo que ignoraram os grandes líricos ingleses seus contemporâneos. Deve-se ao semanário *Estrella d'Alva* a publicação de traduções em prosa de três poemas de Thomas Campbell, corria o ano de 1862: "A estação da saudade", "A rosa entre as ruinas" e "Lochiel e o Adivinho", esta última uma composição heróica.[46] Note-se, por um lado, a data tardia em que se dá esta divulgação, pois o autor morrera havia quase vinte anos; e, por outro, o alto valor que é atribuído à obra de Campbell na breve notícia da sua vida literária que antecede os poemas: "É sem contestação alguma Thomaz Campbell um dos mais distinctos escriptores de Inglaterra. Não eclipsa a sua reputação por certo a de Byron, nem mesmo a de Crabbe ou a de Southey, mas é pura e será immorredoura."

Como vemos, em plena década de 60 são Byron, Southey e George Crabbe (1754-1832),[47] a quem Byron definiu como "nature's sternest painter, yet the best", os nomes apontados como canónicos, mantendo-se o total silêncio em relação a Wordsworth,

---

[44] Em 1836 saiu n'*O Correio das Damas* "Regresso do Saboyano á Patria. (De H. K. White)", uma tradução em prosa assinada com as iniciais M. J.. Em nota de rodapé salienta-se que na poesia deste poeta inglês "se nota a mais sentida melancolia", o que de resto é comprovado pela composição traduzida, sobre o doce regresso à terra natal após uma penosa peregrinação por países distantes, sempre com a pátria no pensamento.

[45] James Hogg (1770-1835), *The Ettrick Shepherd*, pastor da floresta escocesa de Ettrick até que o seu talento poético foi descoberto por Walter Scott, não teve nenhuma obra vertida para português, embora tenha sido também um dos poetas de segunda ordem que no seu tempo gozaram de uma certa reputação. No entanto *O Ramalhete*, em 1841, falou dele aos seus leitores no artigo, traduzido do francês, intitulado "O Pastor das Montanhas da Escocia". Dedicado aos pastores escoceses, amantes da música e da poesia, que nas suas baladas cantam acontecimentos recentes, o amor infeliz, as disputas entre aldeões, aparições misteriosas e crimes espantosos, o artigo detem-se na figura de James Hogg, dando uma curta notícia biobibliográfica deste pastor-poeta e fazendo o resumo do conteúdo de uma das suas baladas, inspirada numa tradição popular (Balada de Mackinnon).

[46] Não referida por Isabel Maria da Cruz Lousada.

[47] Nenhum dos periódicos consultados publicou traduções da obra de Crabbe, mas de acordo com Isabel Lousada *O Paquete do Ultramar* inseriu no seu nº 137, de 1839, "O Testamento. De *Crabbe's Posthumous Works*", não havendo, até 1900, qualquer outro registo.

Coleridge, Shelley e Keats. Ao apresentar ao público leitor aqueles três poemas, o *Estrella d'Alva* pretendia comprovar as qualidades da poesia de Campbell referidas na nota biográfica preambular, nomeadamente a "imaginação rica e fertil", a "profunda sensibilidade", a "nobreza heroica", os "puros e tocantes sentimentos", a "melancolica belleza", "a energia das paixões [que] se casa com a elegancia classica", os "accentos de piedade pelos vencidos e pelas victimas", os arrebatados "canticos da victoria".

Mais cedo começou a divulgação da poesia de Thomas Moore, concretamente na década de 50, pouco depois da morte deste poeta irlandês, no seu tempo quase tão famoso quanto Byron. A. Ayres, ou seja, António Fructuoso Aires de Gouveia (1828-1916), redactor principal de *O Novo Trovador*, publicou nesta colecção de poesias contemporâneas vinda a lume em 1856 a tradução de um dos poemas ligeiros da juventude de Moore: "A Julia, chorando. (Vertido de Th. Moore — juvenile poems.)". Não foi este, porém, o primeiro registo que encontrámos, porquanto já no ano anterior o *Periodico dos Pobres no Porto* inserira no seu nº 85 "A Pomba d'Anacreonte. (Traducção de Thomaz Moore)",[48] assinada com as iniciais J.F.S.[49] e a indicação *Aurora* entre parênteses. Trata-se, por conseguinte, de uma tradução extraída de um outro periódico. Segundo Isabel Lousada, em 1859, saiu em *A Aurora do Lima*, jornal de Viana de Castelo que não se inclui na nossa bibliografia, uma outra versão portuguesa de um poema de Moore, desta feita "She is far from land. De Fructos da leitura e experiencia" (*A Aurora do Lima*, nº 503, 29/4/1859, p. 1), por José Silvestre Ribeiro.[50]

Até à data limite do nosso estudo o *Luiz de Camões* ofereceu ainda aos leitores portugueses a tradução em prosa de uma terceira composição de Moore,[51] esta sobre a pobreza, a grande inspiradora dos poetas: "Hymno á Pobreza (Traducção livre de Moore)" (*Luiz de Camões*, 1863). Curiosamente, o último parágrafo do texto traduzido — "Oh! retira-te [pobreza]! Permitte-me que te veja ao longe, porque tenho receio de, estando de ti mui perto, succumbir diante dos terrores da tua face." — merece um comentário jocoso, não se sabe se da lavra do próprio tradutor, ou se de algum redactor do jornal: "Apesar de todas estas decantadas bellezas da pobreza, Mr. Moore quer vêl-a longe de si. Faz bem;

---

[48] Moore traduziu as *Odes* de Anacreonte para verso inglês (1800), o que levou a que Byron lhe chamasse "Anacreon Moore".

[49] José Freire de Serpa Pimentel, 2º Visconde de Gouveia (1814-1870), poeta de *O Trovador*.

[50] A obra de José Silvestre Ribeiro *Alguns fructos da leitura e da experiência, oferecidos à mocidade portuguesa* foi publicada em Lisboa em 1858-59.

[51] Esta tradução não consta do catálogo elaborado por Isabel Maria da Cruz Lousada.

isto de ser pobre não tem lá muita graça, segundo me parece, ainda mesmo que se seja com isso um grande poeta, um eximio cantor, um flautista inspirado, um orador eloquente etc. etc."

Entretanto, em 1860, o *Jornal para Todos*, em tradução de M. A. Sequeira, publicara um texto do historiador francês Augustin Thierry (1795-1856) intitulado "Sobre o espirito nacional dos irlandezes, a proposito das «Melodias Irlandezas» de Thomaz Moore", que veio transmitir aos portugueses a imagem de Moore como símbolo da luta pela independência e liberdade do povo irlandês, reforçada pela tradução em prosa de várias composições suas em que celebra o amor pela pátria e denuncia a violação dos direitos da sua nação.

Amigo de Moore, a ponto de nomeá-lo seu executor literário, *Lord* Byron (1788-1824) foi, sem sombra de dúvidas, o poeta inglês que mais ampla e entusiástica recepção teve na imprensa periódica portuguesa do Romantismo.[52] Afora as inúmeras epígrafes e citações[53] de obras suas que encontramos antepostas ou inseridas em textos da mais variada ordem, bem como referências a propósito de assuntos muito diversos,[54] constatamos que Byron foi um nome incontornável nos artigos que se debruçaram sobre a poesia inglesa ou europeia contemporânea, que as suas composições receberam dos colaboradores dos jornais e revistas os mais

---

[52] Sobre a recepção de Byron em Portugal, ver: Maria Leonor Machado de Sousa. 2004. "'Tempting Demon': The Portuguese Byron", in *The Reception of Byron in Europe*. Vol. I: *Southern Europe, France and Romania*. Edited by Richard A. Cardwell. London / New York: Thoemmes Continuum, 164-187.

[53] Eis apenas três dos muitos exemplos que poderíamos dar: "Yolande de Rocmartine" (*O Mosaico*, 1839), romance em que, a propósito da chegada de uma das personagens às margens do Reno, são citados versos sobre este rio que se encontram em *Childe Harold's Pilgrimage* ("Nor could on earth a spot be found/ To nature and to me so dear,/Could thy dear eyes in following mine/ Still sweeten more these barks of Rhine!", Canto III); "Litteratura grega e romana" (*O Cosmorama Litterario*, 1840), artigo sobre a literatura da Antiguidade que termina com uns versos traduzidos de *The Giaour. A Fragment of a Turkish Tale* (1813) ("É a Grecia, porém a Grecia Morta? Amada, inda que fria, e sempre bella/ Inda moribunda! Doce sombra/ D'essa flamma talvez d'etherea stirpe,/ Que brilha, mas que a plaga não inflamma."), sendo os versos originais (vv. 91-92, 101-102) dados em nota de rodapé; e "Um passeio de liteira" (*Revista Litteraria*, 1840), que narra uma viagem de liteira feita em 1840 entre o Porto e Vila do Conde e em que, a propósito da "mania das solidões", se citam as estrofes XXV e XXVI do Canto II de *Childe Harold's Pilgrimage*, precisamente sobre a solidão.

[54] Mais uma vez, damos aqui apenas alguns exemplos que considerámos ilustrativos da apontada diversidade: "Revista de Lisboa" (*A Revolução de Setembro*, 1848), por Lopes de Mendonça, que, ao fazer a crónica de um baile, lembra um desejo de Byron relacionado com as mulheres ("É um pouco atrevido, mas quem escreveu o *D. Juan*, e o *Child-Harold* tinha até certo ponto o direito de ser atrevido. Desejou — aquelle poeta de máu gosto! que todas as boccas das mulheres bonitas se tornassem n'uma só, para lhe dar um beijo! E digam lá que um poeta não é monopolista!"); "Tomar banhos! Revista das barcas" (*A Revolução de Setembro*, 1854), por Júlio César Machado, onde se recorda que Byron, "*o poeta da desventura*", cantou "o enjoo das viagens marítimas, o incommodo mais totalmente

rasgados elogios e que algumas delas saíram em tradução, integral ou parcial, nas folhas periódicas, contribuindo assim, de modo muito significativo, para a familiarização do público leitor com a obra deste célebre poeta inglês.

Após a publicação das traduções de Fernando Luís Mouzinho de Albuquerque (1817-?) e Henrique Ernesto Almeida Coutinho (1788-1868) na década de 30, respectivamente *O Preso de Chillon* (1833) e *O cerco de Corintho* (1839), verificou-se uma quase total ausência de outras traduções em volume até aos anos 80, havendo apenas a assinalar, relativo a este longo período de tempo, o trabalho realizado por José Miguel Pratt, que em 1856 deu à estampa *Producções de Lord Byron*, uma tradução em prosa, do francês, de grande parte da obra deste poeta. Tal facto torna pois evidente que a difusão de Byron entre nós, durante o Romantismo, esteve essencialmente a cargo do jornalismo cultural, e que foi através dele que os portugueses de então puderam ler na sua própria língua composições do autor inglês e ficar informados sobre a sua vida.

Efectivamente, a personalidade fascinante e a existência aventureira e escandalosa de Byron foram também objecto de algumas notícias de carácter biográfico, como já ficou de resto comprovado em alínea anterior, nunca sendo esquecida a estada do escritor em Portugal em 1809, que motivou as palavras depreciativas, tantas vezes citadas, com que falou do nosso país em *Childe Harold's Pilgrimage*.[55] O *Jardim Litterario* foi, por exemplo, um dos periódicos que lembraram aos seus leitores as duras críticas feitas por Byron a Portugal e aos portugueses, publicando secamente uma tradução da estrofe XVI, em que os lusitanos são definidos como "A nation swoln with ignorance and pride,/ Who lick yet loathe the hand that waves the sword/To save them from the wrath of Gaul's unsparing lord".[56] Mais longe, porém, foi Lopes de Mendonça que, através do narrador de "Uma

---

afflictivo que se conhece até hoje"; e "Revista litteraria e theatral de Coimbra" (*Mosaico*, 1865), assinada por F. de Carvalho, em que este considera ser mais penoso encontrar assunto para escrever uma revista literária do que as duas coisas que *Lord* Byron, nas suas memórias, disse serem as mais dolorosas do mundo, ou seja, "assentar-se diante d'um pintor para se retratar, e tirar um dente".

[55] Sobre as relações de *Lord* Byron com Portugal vejam-se: Alberto Telles. 1879. *Lord Byron em Portugal*. Lisboa: Typ. do Diario de Portugal; e João Paulo Freire (Mário). 1944. *Lord Byron. Vida e Obra. Suas referências a Portugal*. Lisboa: Edição da Emprêsa Nacional de Publicidade.

[56] Estes versos sobre a ingratidão de Portugal para com a Inglaterra são traduzidos de forma pouco fiel para a nossa língua. Omite-se "swoln with ignorance and pride", o que pode ser fruto de um desejo deliberado de atenuar a má imagem dada por Byron, e substitui-se "Gaul" por "estranho": "nação que detesta, e beija a mão que se armou sempre de espada para a livrar da raiva, e dominio estranho."

Excursão ao Lago di Como", vindo a lume em *A Semana* no mês de Junho de 1852, tomou uma posição relativamente a esses versos detractores. Referimo-nos ao diálogo que o narrador entabula com uma grega, sua companheira de viagem no vapor que navega no Lago, e às reflexões que daí decorrem:

> Disse-me que tencionava viajar na Peninsula Hespanhola e perguntou-me a rasão porque Byron fallava tão mal dos Portuguezes no *Child-Harold*.
>
> — Quem é que póde penetrar na caprichosa imaginação de um grande poeta? — respondi eu. Mas aquelle trecho de máu humor nasceu por ventura de alguma offensa feita ao seu amor proprio. Entretanto commentarei as palavras do proprio Byron quando escrevia a um amigo: «Se é verdade o que dizem de mim em Inglaterra, eu não sou digno da Inglaterra; se não é verdade, a Inglaterra não é digna de mim.» direi como elle: Se é verdade o que elle disse de Portugal, Portugal não seria digno delle: se não é verdade, elle não seria digno de Portugal!
>
> — Como ousa fallar assim de um tão sublime genio? — perguntou a grega.
>
> — Com o mesmo direito com que elle se atreveu a invectivar acerbamente a patria de Vasco da Gama que descobriu a India, de Camões que a cantou, de Affonso de Albuquerque que a chamou ao gremio da civilisação pelos prodigios de um assombroso genio.

Note-se, contudo, que as polémicas palavras de Byron acerca do nosso país, censuradas embora, por razões nacionalistas, por diversos articulistas ofendidos, não chegaram para obscurecer a glória de um poeta que a imprensa viu quase unanimemente como um génio excepcional. Mesmo Alexandre Herculano que, como sabemos, tinha profundas objecções a fazer a Byron, a quem chamou "Mephistopheles de Goethe lançado na vida real", condenando na sua obra a irreligião, a imoralidade, o cepticismo absoluto, a desesperação, o satanismo, não deixou de reconhecer nele um génio "immenso e insondavel", "que não tem com quem comparar-se, que nunca o terá talvez", "um monumento espantoso dos precipicios do genio quando desacompanhado da virtude".[57]

Apenas no artigo que o poeta Pedro Augusto de Lima (1842-1883) publicou em 1865 no semanário portuense *A Esperança*,

---

[57] Alexandre Herculano. 1835. "Poesia. Imitação — Bello — Unidade". *Repositorio Literario da Sociedade das Sciencias Medicas e de Literatura do Porto* 11(15 de Março): 88.

dedicado ao público feminino, encontrámos na verdade um juízo totalmente negativo de Byron, fundamentado igualmente em razões de índole moral. Intitulado "Os destinos da poesia contemporanea" e escrito em defesa da poesia de Lamartine e Victor Hugo, vista como fonte de ilustração e de progresso, geradora dos generosos sentimentos do amor, da religião e do trabalho, esse breve ensaio crítico estabelece uma oposição entre a obra dos dois escritores franceses e a "poesia egoista" de Byron, afirmando que este "declina e some-se nas trevas do scepticismo que elle proprio créara" e perguntando por fim: "Que produziu a poesia byroniana? o scepticismo real ou fingido, o desprezo da mulher e o abandono da religião. Será isto com que devemos contar da poesia contemporanea?"

Além do mais, Byron não dirigiu a Portugal somente palavras maldizentes. Sintra, pelas suas belezas, mereceu-lhe rendidos elogios, os quais contribuíram sobremaneira para a fama europeia deste romântico cenário português. A partir de então, os versos com que Byron cantou a paradisíaca Sintra ("glorious Eden") tornaram-se referência obrigatória sempre que se falava de tal lugar, como demonstram os muitos artigos que no período em estudo lhe foram dedicados pelos nossos jornais e revistas.[58]

Pode dizer-se, pois, que o interesse por Byron em Portugal dependeu, em parte, do facto de o poeta inglês nos ter visitado e sobre a nossa terra ter escrito, mas a imprensa periódica consultada foi muito além desse episódio, proporcionando aos seus leitores alguns artigos ou comentários que, a par dos apontamentos biográficos, procuraram definir as características e a importância da poesia de Byron no panorama da literatura contemporânea, avaliar globalmente a sua obra e fomentar, assim, no público, a admiração pelo "profeta da desesperação".[59]

Fazendo um breve panorama desses artigos de divulgação e crítica, chamamos em primeiro lugar a atenção para "Lord Byron", que *O Nacional* publicou em Novembro de 1837. Começando por afirmar que "Lord Byron é talvez o homem que mais celebre se tem feito em o presente seculo, e para isso concorrerão não menos

---

[58] Vejam-se, por exemplo, "Novas Publicações Portuguezas. Cintra Pinturesca" (*Jornal da Sociedade dos Amigos das Letras*, 1836), por C. Lagrange, ou seja, Cláudio Lagrange Monteiro da Barbuda (1803-1845); "Cintra" (*O Passatempo*, 1838); "Cintra" (*O Mosaico*, 1839); e "Uma viagem de poucos dias. Oeiras — S. Julião — Cintra — Collares — e Mafra" (*Revista Popular*, 1848).

[59] "Quatro contemporaneos", *A Illustração*, 1845. Neste artigo é traçado o retrato de quatro grandes talentos literários nascidos no século XVIII: Goethe, Schiller, Walter Scott e *Lord* Byron. Trata-se da tradução de uma das aulas dadas no Collège de France pelo professor de literatura estrangeira Victor-Euphémion-Philarète Chasles (1798-1873), autor de uma série de artigos de divulgação reunidos sob o título geral *Essais et Esquisses*, 13 volumes, 1846-1864. Philarète Chasles foi um dos fundadores da literatura comparada.

o seu genio, do que os vicios, e defeitos do seu caracter", a notícia concentra-se em seguida na obra deste poeta cosmopolita que teve por musas inspiradoras a Liberdade e a Humanidade. Elogia-se a novidade e o colorido da sua linguagem ("ora delicioso como uma madrugada de primavéra, ora terrivel como uma noite tempestuosa de inverno"), a forma admirável como pinta os objectos físicos, as paixões e os costumes, e mesmo as longas digressões em que se perdem os seus heróis, ainda que elas sejam vistas pelos críticos como irregularidades de composição e uma quebra do fio das ideias.[60]

Mais adiante, quase a terminar, os defeitos de Byron são explicados e de novo desculpados — "os seus defeitos devem-se á precocidade do seu talento, serem as suas obras produzidas em uma idade em que se imagina, e se cria mais do que se analysa, a uma vida errante, atribulações de espirito, ao impeto das paixões" —, ficando a essência da opinião do articulista, anónimo, expressa na frase: "Em uma palavra as belezas de Lord Byron são filhas de um genio transcendente".

Um segundo artigo que merece destaque tem a assinatura de A. Victorino da Motta (1836-1890) e saiu em 1860 nas páginas de *O Instituto*. "Byron", assim se intitula, faz também o elogio daquele a quem o autor chama "o proto-typo da poesia moderna", pondo em evidência a peculiaridade do seu carácter e destino e a excepcionalidade da sua obra. Para o articulista, o nascimento de Byron constituiu um momento de viragem na história da poesia inglesa: "Se alguem contemplasse Byron no seu berço d'infante, devia de ler-lhe na fronte os signos de dois destinos: um arrevezado e triste, porque marcava o último periodo á poesia de Pôpe; o outro jubiloso e alegre, porque era a estrella d'alva para a poesia de nossa edade."

Definido como uma "alma grande, immensa e profunda", um homem livre, independente, original, que na "sua vida de poeta colheu o loiro e o cypreste, a rosa e o martyrio", Byron surge-nos aqui retratado como o génio capaz de causar admiração geral, ainda que uns o vejam como um "redentor" e outros como um "demónio tentador".

---

[60] "O poeta parece seguir as inspirações do momento e não um plano permeditado. Elle abandona a todo o momento a acção, e os seus heroes para perder-se em longas digressões, e em um cahos de reflexões, e de modificações sublimes, é verdade, mas que de ordinario pouca ou nenhuma relação tem com o assumpto. Parece o Hamlet de Shakespear nos intervalos lucidos do seu furor.Não póde negar-se que isto seja um defeito nas composições de Lord Byron, e elle proprio o confessa repetidas vezes. Mas esse defeito com quantas bellezas de primeira ordem não é resgatado? e quem teria animo para suprimir essas digressões, e achar de menos, em obsequio ás regularidades, ás patheticas lamentações sobre a desventura da Grecia?"

Procurando as razões do êxito de Byron, Victorino da Motta acha-as na verdade da sua poesia e na estreita relação que existe entre o poeta e os protagonistas das obras que criou:

> As suas poesias firmadas todas pela mão do genio commoviam, porque tinham um fundo de verdade que não se encontra em poema algum d'aquella epocha.
>
> A verdade de Byron não é a verdade de Homero, de Virgilio, ou de Shakespeare; é a verdade da innocencia e do crime, do desvergonhamento e do pejo, do sorrizo e das lagrimas, da dor e do prazer. [...]
>
> Child-Harold é verdadeiro, porque detraz da dobrez que o dissimula apparece Byron a sorrir de dúvida; Manfredo é verdadeiro porque detraz da mascara que o disfarça, vislumbra-se o scepticismo de Byron.

E também na dor reflectida pelos versos deste poeta marcado pelo "desgôsto profundo da humanidade": "Em quanto, pois, o soffrimento fôr uma parte integrante e essencial da existencia da poesia, uma magia irresistivel atrahirá sempre os espiritos cultivados para as tristezas d'alma do grande poeta inglez."

Em terceiro e último lugar há a realçar o facto de o *Archivo Pittoresco* ter publicado em 1858, em tradução de Lopes de Mendonça, o estudo crítico que Thomas Babington Macaulay fez da obra *Letters and Journals of lord Byron with notice of his Life* de Thomas Moore. A importância de tal acontecimento é desde logo apontada pelo tradutor no preâmbulo que antecede o texto de Macaulay:

> Julgâmos fazer um serviço ás nossas letras traduzindo do inglez este trabalho sobre lord Byron, escripto por um dos primeiros criticos do nosso seculo. [...] A litteratura ingleza é pouco conhecida em Portugal, e o que sabemos d'ella, ou é pelas traducções francezas, que nem sempre primam pela fidelidade, ou pelos artigos dos jornaes d'aquelle paiz, que frequentemente sacrificam ás paixões do momento, *ao interesse da actualidade*, segundo a phrase sacramental, a rectidão e a imparcialidade, que devem caracterisar os juizes da critica litteraria.

Na mesma introdução, a par dos encómios ao trabalho de Macaulay por descrever, como ninguém mais, na opinião de Lopes de Mendonça, o homem que Byron foi, e caracterizar, de forma rigorosa, a sua acção sobre a poesia inglesa e o "logar que occupa na historia do espirito humano", encontramos também o elogio de Byron por ter exprimido, de modo brilhante, "uma das situações morais do tempo em que vivia" ("o desgosto da vida") e ter contribuído determinantemente para atenuar o ódio e a indignação

que a Inglaterra provocava aos olhos do mundo sempre que abusava da sua força e insultava "os principios eternos da justiça, e do direito, nos delirios da sua omnipotencia":

> Child-Harold, o Corsario, e o Giaour, terão mais de uma vez feito perdoar, pela admiração que inspira o immortal poeta inglez, as atrocidades da Inglaterra na guerra da America, o bombardeamento de Copenhague, a injustiça da fortuna com que prostrou nos campos de Waterloo o grande capitão d'este seculo, e deu ao moderno Prometheu por Caucaso os rochedos de Santa Helena.

Aos leitores portugueses, o texto de Macaulay publicado pelo *Archivo Pittoresco* veio proporcionar não apenas um conhecimento dos factos mais relevantes da vida de Byron, feita de glória e desventura, e um retrato da sua contraditória personalidade ("na sua mente, no seu caracter, em toda a sua pessoa, havia uma reunião disparatada de oppostos extremos"), mas igualmente, e sobretudo, um conjunto de reflexões sobre o Byron-ídolo,[61] imitado pela juventude no trajar, no comportamento e na filosofia de vida,[62] e o Byron-poeta que, como nenhum outro, possuiu "toda a eloquencia do desprêzo, da misanthropia, e do desespêro".[63]

---

[61] Na imprensa periódica portuguesa do Romantismo foram publicadas historietas sobre as paixões que Byron despertou, como por exemplo "Morre-se ainda de amores" (*O Beija-Flor*, 1838): uma jovem, filha de um banqueiro de Londres, perdidamente apaixonada por Byron, morre de forma fulminante ao saber do falecimento do poeta.

[62] "Para a numerosa classe de mancebos, cuja leitura é quasi inteiramente dedicada ás obras de imaginação, a popularidade de lord Byron não tinha limites. Compravam retratos d'elle; conservavam, como reliquias, os mais insignificantes objectos que lhe houvessem pertencido: sabiam os seus poemas de cór, e suppunham que nada havia de melhor n'este mundo do que escrever como elle, e assimilhar-se a elle. Muitos d'elles collocavam-se defronte do espelho, com a esperança de reproduzir o movimento desdenhoso do seu labio superior, e o carregado das sobrancelhas, que se notam n'alguns dos seus retratos. Outros não usavam de gravata para se parecerem com o seu grande idolo. [...] Creou-se na mente de muitos d'estes enthusiastas uma perniciosa e absurda associação entre o poder intellectual, e a depravação moral. Com a poesia de lord Byron fundaram um systema de philosophia, mixto de misanthropia e voluptuosidade, systema, no qual os dois grandes mandamentos eram, odiar o nosso proximo, e amar a mulher do nosso proximo."

[63] Entre essas considerações destacamos as que Macaulay tece acerca da essência dos heróis byronianos: "Póde-se affoutamente affirmar que lord Byron nunca pôde conceber senão um único typo de homem e um único typo de mulher; o homem, altivo, caprichoso, cynico, com a desconfiança impressa na fronte, com o infortunio occulto no coração, escarnecendo da sociedade, implacavel na vingança, podendo contudo sentir uma affeição forte e profunda: a mulher, toda doçura e gentileza, gostando de fazer caricias e de recebel-as, porém capaz de ser transformada pela paixão n'uma fera indomavel. [...] Os seus herois são sempre homens que chegaram, por differentes caminhos, ao mesmo termo de desespêro, que estão descontentes da vida, em guerra com a sociedade, que são apenas alentados na sua angustia por [...] orgulho indomavel".

Para além dos artigos especificamente dedicados a Byron, outros vieram a lume que, versando embora matérias literárias portuguesas e géneros e temas da poesia moderna, contêm também referências a este poeta romântico inglês. Falamos de textos de autoria portuguesa, fundamentais para o estudo da recepção de Byron entre nós, através dos quais se manifesta o conhecimento, o sentir e a opinião dos colaboradores da nossa imprensa periódica relativamente ao autor de *Childe Harold's Pilgrimage*. O primeiro exemplo, em termos cronológicos, que encontrámos saiu em *O Panorama* em Abril de 1838, intitula-se "Novellas de cavallaria portuguezas. I. Amadis de Gaula", e nele se afirma que os romances de cavalaria eram uma imagem dos homens e das ideias do século XV, assim como "a ancia de liberdade descomedida, a misantropia, os crimes, a incredulidade dos monstros de Byron são o transumpto medonho e sublime deste seculo de exaggerações e de renovação social."

Datados da década de 40 merecem destaque três artigos publicados em *A Aurora* ("Poetas dramaticos modernos de Portugal", 1845), *A Illustração* ("Epopeia entre os modernos", 1846) e *A Epoca* ("A Eschola Moderna Litteraria", 1848). Enquanto no primeiro Lopes de Mendonça, ao falar da necessidade da crítica literária, dá o exemplo de Byron como um escritor para quem as críticas desfavoráveis funcionaram como um poderoso incentivo ("Sem a crítica, aliás merecida, de Jeffrey na *Edimbourg Review*, a lord Byron, nos seus primeiros ensaios, porventura não teríamos *Manfredo*, *Lara*, *Child-Harold*, *D. Juan*, e tantas obras primas, com que se vingou da opinião do crítico."), já o segundo, ao debruçar-se sobre o "romance-poema", detém-se na obra de *Lord* Byron para lhe apontar falhas na "architectura, e unidades da fabula." Sem negar a beleza do estilo dos poemas byronianos e o brilhantismo do autor quando se trata de "descrever, e pintar", o articulista anónimo pensa que "Byron será sempre considerado como um dos maiores genios da Grã-Bretanha", mas também que "com o andar do tempo elle perderá muita da estima publica." Quanto ao terceiro, um artigo interessantíssimo em que Luís Augusto Rebelo da Silva (1822-1871) faz a distinção entre as "escholas da renascença classica" e a "eschola romantica", apresenta-nos sucessivas comparações entre Byron e Garrett, Camões e Castilho, para concluir que o poema *Dona Branca*, do primeiro destes autores portugueses, obra inaugural da «nova» literatura pátria, nada deve ao poeta inglês "na contextura, no estyllo, e no enredo"; que "só em uma ou outra estrophe a Musa de Byron, quando é melancolica e reflexiva, e não descrente e

desesperada, sabe tirar da harpa sons eguaes [aos de Camões], tirando um cantico funebre semelhante ao que chorava o alaude do trovador portuguez"; e que em *Os Ciúmes do Bardo* António Feliciano de Castilho (1800-1875) "subiu á altura de Byron, pintando as tempestades da alma, que se abisma na paixão". Como se vê, Byron surge aqui como um modelo em confronto com o qual se avaliam nomes grandes da literatura portuguesa, não sendo esta, aliás, a única vez que Rebelo da Silva estabelece, na imprensa periódica, esse tipo de comparação. Também em *O Panorama*, no ano de 1853, o seu artigo "Manoel Maria de Barbosa du Bocage" aponta afinidades e diferenças entre este poeta do nosso Pré-Romantismo e Byron:

> Lendo algumas paginas suas, sente-se que Bocage, nascido vinte annos mais tarde, daria um Byron á peninsula; mas um Byron, christão, igualmente arrojado, igualmente altivo na pintura das paixões e da agonia moral, mas temperado pelos toques d'essa exquisita e suave tristeza contemplativa, que se gera da sensibilidade da alma, e tão dolorosa chaga abre quasi sempre no coração dos poetas.

Enquanto estes e muitos outros artigos sobre literatura iam, assim, falando constantemente de Byron aos consumidores da nossa imprensa periódica e celebravam o seu nome como um dos maiores da poesia do século, os mesmos jornais e revistas preenchiam com alguma regularidade as suas páginas com composições deste poeta inglês em versão portuguesa, reflectindo desse modo o grande interesse que no nosso país houve por Byron, só comparável ao que se verificou pelo seu compatriota Walter Scott. Lopes de Mendonça, num folhetim de *A Revolução de Setembro* ("Revista de Lisboa. (17 de Julho.)", 1852) em que discorre sobre a influência da literatura sobre a sociedade, fala mesmo de uma moda:

> Byron, Walter Scott reinaram quasi ao mesmo tempo: as mulheres prescrutavam nos salões se encontravam um *Corsario* sombrio e taciturno, de olhar funebre, de labio desdenhoso, de pallidez livida, de cabellos desordenados, de gesto rapido, de palavra imperiosa, e breve. As amazonas, fustigando as ancas d'um cavallo, procuravam *in petto* imitar aquella formosa e viril Diana Vernon de Walter Scott, que o romance nos pinta passando como uma apparição encantada e vertiginosa entre as arvores d'um bello parque.

Como João de Almeida Flor já sintetizou em "Byron em Português: para o Estudo Histórico-Cultural da Tradução Literária",[64] a divulgação da obra de Byron em Portugal nos jornais e revistas, a partir do ano de 1836, caracteriza-se por consistir em traduções de "poemas avulsos, de extensão variável, vertidos directamente do inglês ou por intermediação da língua francesa, e cujos tradutores são anónimos ou hoje figuras de terceira linha que a história literária relegou para recantos obscuros".[65] Comprovando esta afirmação à luz das traduções que recolhemos nos periódicos estudados, começamos por confirmar que logo em Abril de 1836 vieram a lume em *O Cidadão Philantropo* os poemas "Euthanasia" (no original *Euthanasia*) e "A Julia" (no original *Well! Thou art happy*, 1808), traduzidos do francês por D. João de Azevedo Sá Coutinho (1811-1854), fundador do dito jornal, o primeiro de cariz político e literário a ser publicado em Braga. Cada uma destas versões seria mais tarde publicada duas outras vezes, na *Bibliotheca Familiar, e Recreativa* ("A Julia", 1838; "Euthanasia", 1839) e em *O Ramalhete* ("A Julia. (Lord Byron.) — Traduzido do Francez por J. d' A.", 1838; "Euthanasia", 1841), periódico este que, aliás, publicou em 1839 uma versão de outro poema ocasional de Byron, "Escuridão. (Tradução verso a verso.)" (no original *Darkness*, 1816), assinada por J. B. J. T. G. V.. Também neste caso se viria a verificar nova publicação, mas por obra de diferente tradutor, A. Lima, que optou por um título distinto: "As trevas. (De Byron.)" (*Revista Academica*, 1845).

Ainda na década de 30 registou-se no nosso jornalismo cultural a presença de três outras obras de Byron, se bem que apenas através de traduções de excertos. A primeira delas, em termos cronológicos, apareceu no nº 6 de *O Panorama*, com data de 10 de Junho de 1837, inserida como epígrafe num artigo dedicado a Roma ("Roma. Aspecto geral da cidade — O Tibre — A Porta de S. Paulo — A Pyramide de Cestio"). Trata-se de três das estrofes que o poeta inglês escreveu sobre aquela cidade italiana no Canto IV de *Childe Harold's Pilgrimage*, em concreto as estâncias LXXVIII, LXXIX e LXXX. A partir de então, não só muitas outras epígrafes extraídas dessa mesma composição surgiriam na nossa imprensa periódica, como por diversas vezes se divulgaram versões portuguesas de outras passagens do poema, nomeadamente em

---

[64] João de Almeida Flor. 1995. "Byron em Português: para o Estudo Histórico-Cultural da Tradução Literária". *Dedalus. Revista Portuguesa de Literatura Comparada* 5: 175-184.

[65] *Idem, ibidem*: 180.

1851, quando a *Revista Universal Lisbonense* publicou um artigo acerca de François Marceau (1769-1796) que inclui a tradução em prosa das estrofes LVI e LVII do Canto III, em memória do referido general francês ("O general Marceau"); em 1855, quando a *Revista Peninsular* deu a conhecer, em versão do poeta, historiador e crítico José Ramos Coelho (1832-1914), as dez estâncias do Canto I, colocadas entre as estrofes XIII e XIV, em que Childe Harold diz adeus à sua terra natal ("A despedida. (Fragmento de uma traducção do Childe Harold de Lord Byron.)");[66] e em 1863, quando o *Estrella d'Alva* difundiu a tradução de Manuel Pinheiro Chagas (1842-1895) do poema "To Inez", incluído no Canto I, entre as estrofes LXXXIV e LXXXV.

No ano de 1838 foi a vez de *O Ramalhete* proceder à publicação de um excerto de *The Prisoner of Chillon*, em "traducção litteral" de J. X., que acompanha a reprodução de um quadro de Delacroix sobre o cárcere de François de Bonnivard. Em 1833, como dissemos atrás, viera já a lume a versão de Fernando Luís Mouzinho de Albuquerque *O Preso de Chillon*, mas eis que agora a imprensa periódica voltava as suas atenções para esta obra de Byron, qualificando-a como um belo poema, em que se achavam "todas as inspirações melancolicas" do autor, e dando-lhe, assim, mais ampla divulgação. Elogioso foi também *O Panorama* quando, no seu número de 22 de Maio de 1841, publicou um artigo sobre "O castello de Chillon". Antes mesmo de passar à descrição da fortaleza suíça, o jornalista, anónimo, refere o poema de Byron plagiando as palavras de *O Ramalhete*, resume-o, e motiva o público para a sua leitura ao dizer que os versos do poeta britânico "exprimem affectos e ideas tão naturaes e sublimes, que espremem as lagrimas dos olhos do leitor." Abstendo-se de fazer qualquer apreciação crítica, dois outros jornais, até ao final do ano de 1865, deram igualmente o seu contributo para o conhecimento deste poema byroniano entre nós, apresentando-o desta feita integralmente, se bem que em tradução em prosa (anónima), feita a partir do francês: "O Prisioneiro de Chillon por Lord Byron. (Vertido da traducção franceza)", *O Nacional*, 1856, e "O Prezo de Chillon. Por Lord Byron", *Porto Elegante*, 1864.

Mesmo no terminar da década, a publicação em 1839 de *O cerco de Corintho*, por Henrique Ernesto Almeida Coutinho, não passou despercebida ao periódico lisboeta *O Elenco*, que lhe fez

---

[66] Dois anos mais tarde, em 1857, outra tradução deste mesmo fragmento do poema *Childe Harold's Pilgrimage*, "A despedida de Childe Harold", seria dada à estampa, incluída no volume *Preludios Poeticos*, de Bulhão Pato (1829-1912).

uma crítica bastante favorável e agradeceu ao tradutor o ter passado para o idioma português "as grandes riquezas de poesia e imaginação do GRANDE BARDO" ("O Cerco de Corintho"). Para ilustrar o talento de Almeida Coutinho, transcreve-se um passo descritivo, correspondente à estrofe XI do original, sendo esta a única vez que *The Siege of Corinth* apareceu em tradução, ainda que muito parcial, nos jornais e revistas que respigámos.

Entrados nos anos 40, constatamos que este foi, sem dúvida, o período mais rico em número de traduções publicadas. Tirando o "Fragmento inedito achado entre os papeis de Lord Byron", vindo a público em Fevereiro de 1840 no nº 2 de *O Recreio*, em que o poeta reflecte sobre as comparações de que já fora alvo na imprensa periódica inglesa e estrangeira (com Shakespeare, Milton, Dryden, Pope, Chatterton, Burns, Savage, Young, Goethe, Rousseau, Napoleão, Satanás, um vaso de alabastro alumiado por dentro, etc. etc. etc.),[67] todos os textos dados a conhecer são, na verdade, versões de poemas curtos avulsos, realizadas por homens de letras que assinaram sempre o seu trabalho, o que deve ser salientado tendo em vista a prática corrente do anonimato: "A Saudade. De Byron", por Henrique Roberto Rodrigues [68] (*Chronica Litteraria da Nova Academia Dramatica*, 1841); "O pranto e o riso. (Imitado de Byron.)" [69] (*O Jardim das Damas*, 1846) e "Visão de Belshazzar. (Traduzido de Byron)" [70] (*O Jardim das Damas*, 1848), por José Bento Travassos Valdez; "A uma senhora com as obras de Camoens. (Vertido de Lord Byron.) No Album do meu amigo Alf. Allen" [71] (*A Lyra da Mocidade*, 1848-49), por Ayres de Gouvêa; "When coldness wraps this suffering clay.

---

[67] Desconhecemos o original deste fragmento em prosa.A *Revista dos Espectaculos* publicou em Agosto de 1853 o conto "O Vampiro. Fragmento (em prosa) composto por Lord Byron", que, como se sabe, foi escrito no âmbito de um desafio lançado pelo próprio Byron a amigos seus para que cada um escrevesse uma "ghost story" — situação que estaria na origem do famoso romance *Frankenstein*, de Mary Shelley (1797-1851).

[68] No original "Remembrance", in *Hours of Idleness*.Em 1864 a *Miscellanea Recreativa* publicou "Não te esqueças de mim! (Imitação de Byron). Remembrance", assinado simplesmente com a inicial G., mas não se trata de mais uma versão do mesmo poema original, e sim da tradução das quatro quadras (com numeração árabe) que vêm a seguir à estrofe XIV do Canto I de *The Corsair*, conforme informação da Professora Doutora Maria Leonor Machado de Sousa, que agradecemos.

[69] No original "I saw thee weep", in *Hebrew Melodies*.

[70] No original "Vision of Belshazzar", in *Hebrew Melodies*.

[71] No original "Stanzas to a Lady with the Poems of Camoens", in *Hours of Idleness*.António Fructuoso Aires de Gouveia publicou anos mais tarde uma outra tradução de Byron: "N' Um Album. Vertido de Byron. (No album de A. de Gouvêa Ozorio.)", *O Novo Trovador*, 1856. O texto-fonte é: "Lines written in an album, at Malta", um poema com data de 14 de Setembro de 1809.

(De Byron.)" (*O Jardim das Damas*, 1848) e "Oh! Weep for those. (Trad. de Byron)" [72] (*O Jardim das Damas*, 1848), por José Maria de Casal Ribeiro (1825-1896); "A A... Imitação de uma poesia de Byron A Izabel. Traduzida pelo snr.D. J. de U." [73] (*O Nacional*, 1848), correspondendo as iniciais do tradutor ao nome de D. José de Urcullu (? -1852); e "Versos de Lord Byron na morte da joven Margarida Parker, sua mui amada prima" [74] (*Periodico dos Pobres no Porto*, 1849), por H. Ernesto.

Pelas datas indicadas percebe-se que 1848 foi um ano particularmente virado para a divulgação da poesia de Byron, o que talvez esteja relacionado com o contexto histórico. Como é sabido, a Europa foi então varrida por uma série de movimentos revolucionários em defesa de causas liberais e nacionalistas, pelo que a figura do poeta inglês, um conhecido campeão da liberdade que perdeu a vida lutando pela independência da Grécia, poderá ter despertado um redobrado interesse nessas circunstâncias excepcionais. O poema *On this day I complete my thirty-sixth year*, escrito por Byron em Missolonghi pouco antes de falecer, em que o poeta confessa o seu amor à causa da libertação da Grécia e aspira a um fim honroso, morrendo gloriosamente no campo de batalha, não foi, no entanto, publicado em versão portuguesa nesse ano de 1848, aparecendo contudo nas páginas da *Revista Popular* em 1853 ("(De Lord Byron.)"), em tradução assinada por José Ramos Coelho.

De 1850 em diante Byron continuou a aparecer, a espaços, nas secções literárias da nossa imprensa periódica, mantendo-se de início a tendência para traduzir composições das obras *Hours of Idleness* e *Hebrew Melodies*:[75] "A filha de Jephte. (Traduzido de Byron.) (Hebrew melodies.)" [76] (*Revista Universal Lisbonense*, 1850), por L. F. Leite, e "De Lord Byron — to Caroline —" [77] (*Miscellanea Poetica*, 1851), por Joaquim Simões da Silva Ferraz (1834-1875). Já nos anos 60, porém, *O Braz Tisana*, a *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil* e *A Revolução de Setembro*

---

[72] Estes dois poemas pertencem à obra *Hebrew Melodies*.

[73] Não conseguimos identificar o original.

[74] No original "On the Death of a young lady", in *Hours of Idleness*.

[75] Segundo indicação de Isabel Maria da Cruz Lousada, o periódico *O Independente*, que não faz parte da nossa base de trabalho, publicou em 1855 "Memorias hebraicas de *Lord* Byron. Fragmentos. Versão livre. A harpa. A gazella Choid. As margens do Jordão. A filha de Japheto. Tristeza. Recordação. Canto de Guerra. Saul em Endor. Sennacherib. A Estrella. A visão de Job. A Esperança e a Mendria", traduzidas por M. V.

[76] No original "Jephta's Daughter", in *Hebrew Melodies*.

[77] No original "To Caroline", um dos três poemas dedicados a Caroline Lamb (1785-1828), cujo primeiro verso é «When I hear you express an affection so warm», in *Hours of Idleness*.

veicularam traduções de maior fôlego, dando a conhecer no idioma pátrio dois poemas de média extensão, *Parisina* (1816) e *The Lament of Tasso* (1817), para além de um curto trecho (somente a estrofe I) de *The Corsair* (1814) que Bulhão Pato publicou no segundo daqueles periódicos em 1861 ("Canção dos piratas (Traduzido do Corsario de Byron.)") e que, aliás, já fora anos antes traduzido por Joaquim Simões da Silva Ferraz.[78] Ao mesmo Bulhão Pato se ficou, efectivamente, a dever "Parisina. Imitação", vinda a público também na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*, em Abril de 1860, uma tradução em verso que o autor dedica, em carta preambular, a Pedro Jacome Corrêa (ou seja, o conde de Jácome Correia, 1817-1896), justificando assim a classificação adoptada:

> Chamo-lhe imitação, porque me parece mais modesto o titulo posto não seja essa a opinião geral, nem talvez fosse a minha n'outras circunstancias. N'esta porém, creio que mais distante ficaria do original, quanto mais escrupulosamente intentasse aproximar-me delle. [...] A traducção deve ser a copia fiel e como copiar os arrojos do maior poeta que tem tido este seculo?

Não era esta, no entanto, a primeira vez que o nosso público podia ler na sua língua este poema narrativo sobre uma trágica história de amor incestuoso, porquanto três meses antes já *O Braz Tisana* (Porto) fizera circular, através dos seus nºs 9 e 10 (de 12/1/1860 e 13/1/1860, respectivamente), "Parisina. Por Lord Byron", no caso uma tradução em prosa assinada por Francisco Bernardino, que o periódico indica ter extraído do *Jornal da Bahia*.

Na secção do folhetim do nº 5691 de *A Revolução de Setembro* viria ainda a sair, alguns meses mais tarde, "Lamentações de Tasso de L. Byron" (Abril de 1861), por tradutor desconhecido, que fornece em notas de rodapé dados históricos sobre as razões que levaram Torquato Tasso ao cativeiro e o seu longo penar.

Pelos dados recolhidos e que acabámos de indicar fica, pois, demonstrado que ao longo do Romantismo português a poesia de Byron foi não só discutida e avaliada na imprensa periódica, mas encontrou neste meio de comunicação social um veículo fundamental para a sua divulgação. Mais tarde, na década de 80, surgiriam algumas traduções em volume, mas, consultando o inventário elaborado por Isabel Maria da Cruz Lousada, verificamos

---

[78] "Fragmento do poema de Byron «The Corsair». Canção de piratas", in *Cantos e Lamentos*. Porto, Typ. de Francisco Gomes da Fonseca, 1857, pp. 106-111.

que entre 1866 e 1900 a difusão da obra do famoso poeta inglês se continuou a processar essencialmente através dos jornais e revistas, vindo agora a público novas traduções de poemas já anteriormente vertidos para português e versões de outros nunca antes traduzidos, de entre os quais destacamos alguns excertos de *Don Juan* e *The Bride of Abydos*.

Se Byron foi, de entre os cultores britânicos do modo lírico, o mais divulgado e admirado pela imprensa periódica portuguesa de 1836 a 1865, da mesma forma que no domínio da ficção narrativa se destacou inquestionavelmente a figura modelar de Walter Scott, também no que diz respeito à literatura dramática um nome concentrou as atenções dos colaboradores dos nossos jornais e revistas: o de William Shakespeare. Não que se tenha divulgado somente a obra deste dramaturgo, porquanto encontrámos no nº 15 de *O Semanario Curioso*, datado de 1850, um resumo da comédia *The Alchemist* de Ben Jonson ("O Alchimista") e no nº 4 do Vol. XIII de *O Instituto* (1864 ?) um artigo intitulado "A lenda de Fausto na poesia portugueza", em que Teófilo Braga, a dada altura, traduz, a partir da versão francesa de François Victor-Hugo, e analisa duas passagens da tragédia *Doctor Faustus* de Christopher Marlowe;[79] mas a verdade é que estas duas ocorrências esgotam, praticamente, as referências feitas na nossa imprensa periódica do Romantismo a enredos de peças de teatro de dramaturgos de além-Mancha, à excepção dos criados por Shakespeare. Os poucos dramas com cenário e personagens ingleses que encontrámos em tradução integral nas colunas dos jornais e revistas — caso de "O Cabrito Montez, ou o Rendeiro Inglez" (*Archivo Theatral*, 1838), "Ricardo Darlington" (*Archivo Theatral*, 1838) e "Partir para ser bispo e acabar sineiro. (Throws for bishop — draws beadle). Proverbio. Traduzido" (*A Epoca*, 1849) — não são de autoria britânica e sim francesa.

O mesmo se passa, aliás, com boa parte dos textos de carácter ensaístico que foram publicados, quer os dedicados exclusivamente ao teatro inglês, quer os que se debruçam sobre a literatura inglesa em geral. Tirando a "Historia Geral da Arte Dramatica" de Walter Scott, que o *Archivo Theatral* publicou em 1838 e que forneceu aos leitores portugueses uma visão de conjunto do teatro antigo e moderno, com incidência particular sobre os teatros italiano, francês, alemão e inglês (dominando, neste caso,

---

[79] Comentando o solilóquio final de Fausto, diz Teófilo Braga sobre a grandeza da peça de Marlowe: "É impossivel uma expressão mais viva e energica para a agonia suprema do doutor Fausto; Marlow eleva-se ao pathetico estupendo da tragedia antiga, e ás ironias acerbas do desespero, que Shakespeare arranca dos seus heroes."

o interesse por Shakespeare, que o autor define como "um ser de ordem superior, e [que] libertou para sempre o Theatro Inglez da escravidão pedantesca das regras classicas"), deparamos sobretudo com traduções de obras francesas, de entre as quais salientamos *Essai sur la Littérature Anglaise* (1836) de François-René de Chateaubriand (1768-1848). Do primeiro volume desta obra foi extraído o excerto "Estado material do theatro inglez no seculo 16", vindo a público por duas vezes em 1840, na *Chronica Litteraria da Nova Academia Dramatica* e em *O Ramalhete*; "Litteratura Ingleza", uma longa tradução de Francisco Ferreira Serra (1837-1922) que surgiu em *O Doze de Agosto* entre Julho de 1864 e Outubro de 1865 e que ficaria, ainda assim, incompleta, correspondendo a versão portuguesa apresentada às primeiras cem páginas, sensivelmente, do ensaio do escritor francês; e ainda "Shakespeare", incluído no volume I do *Luiz de Camões*, referente ao ano de 1863, onde a par dos elogios ao talento natural, ou génio do dramaturgo inglês, encontramos críticas às falhas cometidas em relação às regras da arte dramática ("Shakespeare [...] tem peccado contra todas as regras, misturado todos os generos, ferido todas as verosimilhanças").

Também as considerações sobre a literatura inglesa que Chateaubriand tece na sua mais famosa obra, *Mémoires d'Outre-Tombe*, chegaram aos nossos leitores através da imprensa periódica, nomeadamente graças a *O Ecco Popular* que, em 1853, foi publicando sucessivamente "Memorias d'Alem da Campa", em tradução anónima. Shakespeare e Milton, considerados como os dois maiores génios, e Byron merecem de Chateaubriand os mais efusivos elogios, sendo importante recordar que foi nesta última obra que o autor francês expôs as suas reticências em relação ao romance histórico criado por Walter Scott:

> Segundo me parece elle creou um genero falso, pois preverteu o romance e a historia, de sorte que o romancista se poz a compor romances historicos, e o historiador, historias romanescas. [...] mas um dos grandes merecimentos de Walter Scott, na minha opinião, é de poder andar nas mãos de toda a gente.

A provar a influência da opinião de Chateaubriand, verificámos que outras vozes repetiram estas suas palavras no âmbito da discussão sobre o romance histórico, como foi o caso de José Osório de Castro Cabral d'Albuquerque, que assina o artigo "Do romance em geral, e especialmente do romance historico", vindo a lume n'*A Aurora* em 1846. Reconhecendo embora as "infinitas

bellezas" da obra de Scott, não deixa de afirmar que ela possui também defeitos, fundando a sua afirmação no juízo de Chateaubriand atrás citado.[80]

De autoria francesa, ou baseados em fontes francesas, são igualmente outros três textos com interesse que nos foi dado encontrar, todos eles publicados já nos últimos anos do período em estudo. Referimo-nos, em primeiro lugar, a "Parallelo entre as litteraturas alemã e ingleza", um artigo de Francisco Maria Bordalo (1821-1861) que saiu em Maio de 1857 n'*O Panorama*. Como o próprio articulista indica, trata-se de um estudo comparativo que segue de perto uma obra do escritor e político francês Charles-François-Marie, conde de Rémusat (1797-1875). Apontam-se as semelhanças e as diferenças entre as duas literaturas, sendo a poesia inglesa definida como essencialmente descritiva, atenta aos objectos exteriores, reflectindo assim a vida activa dos britânicos, enquanto a alemã é vista como contemplativa, fruto do "aceso pensar" de um povo "ocioso". A propósito do talento descritivo dos poetas ingleses dão-se alguns nomes como exemplo, indo porém o grande destaque para Byron, que o autor considera "o maior poeta britanico dos tempos modernos (talvez de todos os tempos)".

Dois anos mais tarde veio a público "Esboço sobre a litteratura ingleza", assinado por F. E. Payant, um longo catálogo de escritores e respectivas obras (dados biográficos e a indicação dos títulos em inglês, seguidos da correspondente tradução portuguesa) que começou a aparecer em *A Ilustração Luso-Brazileira* em Fevereiro de 1859 e que seria interrompido em Outubro do mesmo ano. Iniciando-se com Caedmon e terminando em Thomas Lodge, este guia dos "principaes poetas e suas melhores producções" é antecedido por uma breve introdução em que o autor justifica a pertinência do seu trabalho:

> A lingua ingleza vae-se tornando tão popular em Portugal, e os curiosos vão augmentando tanto, que é este o tempo favoravel para se poderem apreciar as riquezas da litteratura ingleza, pondo de parte as traducções e tomando os originaes; avaliar-se-hão por isso, com o costumado talento de que são geralmente dotados os portuguezes, as immortaes tragedias de Shakespeare ou as obras do tetrico Byron.

---

[80] Lendo os textos de autoria portuguesa em que se fala da literatura inglesa, pudemos aperceber-nos, por diversas vezes, de que os conhecimentos revelados foram bebidos na obra de Chateaubriand, embora a fonte não seja identificada. Veja-se, por exemplo, "Bons desejos em favor da litteratura portugueza. Memorias, romances, poesias", publicado em *O Atheneu* em Agosto de 1850.

O terceiro, publicado em *O Instituto* em Maio de 1860 com o título "A Litteratura Ingleza" (assinado simplesmente com a inicial M.), responde à pergunta "Quaes são os elementos radicaes do caracter britanico, que parecem indeleveis, e se reflectem tão exactamente na litteratura d'aquelle povo?" socorrendo-se também de uma autoridade francesa, o professor de literatura francesa e estrangeira Alfred-Philibert Soupé (n. 1818), que publicou na imprensa periódica do seu país numerosíssimos artigos de crítica e de história literária. Segundo Soupé, esses elementos seriam "uma observação reflectida, lenta, paciente dos vicios, das paixões, das miserias da humanidade, um estudo laborioso dos mysterios do coração, uma propensão natural á psychologia e á methaphysica [...] uma amarga melancholia, fructo ordinario da experiencia, um olhar frio e triste sôbre as coisas d'este mundo fragil [...] uma certa independencia e desprêzo da opinião" e "uma admiração verdadeira, bem sentida, bem exprimida pelas bellezas inexgotaveis da natureza, mas da natureza no que ella tem de grandioso, severo e imponente." Como expoentes máximos das letras inglesas o artigo aponta os incontornáveis Shakespeare e Byron, aqui definidos como "dois semi-deuses".

Vemos, assim, por estes exemplos, que tanto por via da tradução de fontes inglesas como francesas se promovia Shakespeare como um génio sublime, o mesmo sucedendo em muitos dos artigos sobre literatura portuguesa que vieram a lume, fruto do espírito nacionalista que animou o Romantismo, e em vários romances originais de autoria portuguesa que então apareceram. É frequente encontrarmos neles comparações com as letras britânicas ou alusões a escritores ingleses, ocorrendo então, quase inevitavelmente, referências ao famoso bardo de Stratford-Upon-Avon. Também aqui teremos de nos limitar a poucos exemplos para comprovar a nossa afirmação, afigurando-se-nos como os mais relevantes os textos escritos por Luís Augusto Rebelo da Silva e António Pedro Lopes de Mendonça, dois colaboradores assíduos da imprensa periódica e que para ela contribuíram com estudos de crítica literária[81] e ficção narrativa.

---

[81] Lembramos que se deve a Rebelo da Silva e a Lopes de Mendonça, efectivamente, grande parte da critica literária publicada na imprensa periódica do Romantismo, havendo apenas a juntar-lhes outros dois nomes, na óptica de Fidelino de Figueiredo: "A critica jornalistica ou seja o registo das obras contemporaneas com a indicação das suas bellezas e defeitos, mais das primeiras que dos segundos, acha-se representada durante a epoca romantica pelos seguintes auctores: Luis Augusto Rebello da Silva, cuja actividade na imprensa durou de 1843 a 1865; por Antonio Pedro Lopes de Mendonça, de 1848 a 1860; por Andrade Ferreira, já no fim do periodo; e por Antonio Feliciano de Castilho,

Datam de 1848 dois artigos de Rebelo da Silva que ilustram bem o quanto Shakespeare constituía para o autor um modelo supremo da literatura universal: "A Eschola Moderna Litteraria" e uma recensão do romance de Alexandre Herculano *O Monge de Cister*, ambos publicados no jornal *A Epoca*. Nesta última, a análise do protagonista da obra, Frei Vasco, conduz Rebelo da Silva a comparações com personagens criadas por Shakespeare, a quem se refere como "o rei da scena":

> No *Monge de Cister* esta transformação do mancebo generoso e leal em um grande criminoso, está admiravelmente descripta. É uma analyse profunda do coração humano, um canto do véu erguido ao mysterio da existencia, cujo typo melancolico o rei da scena, Shakespeare, cunhou com tanta verdade em *Hamlet* e *Otello*. E o caracter do monge, de Fr. Vasco, é filho das duas paixões que de todas são as mais indomitas: — a vingança paterna e o ciume. Como Hamlet só respira para cravar o ferro nas entranhas do seductor de sua irmã, do assassino de seu pai. Como Otello, a imagem de Leonor arde-lhe n'alma como fogo, e para arrancar aos braços que lha roubaram banhar-se-ha em um rio de sangue.

No outro artigo indicado, a referência a Shakespeare é mais extensa e passa por uma comparação entre o dramaturgo inglês ("genio [...] profundo, alma embebida na sceptica melancolia do norte, raro observador do homem e do misterio da existencia") e o nosso Gil Vicente ("traduz a indole viva, ardente, e chistosa da Peninsula"), para chegar à afirmação do carácter único e inimitável de Shakespeare:

> A ninguem ainda foi dado penetrar no intimo do coração como o auctor de Hamlet. Ninguem, como elle, rasgou tão largo o véu, com que se cobrem as contradições dos caracteres; ou illuminou de tão esplendida luz a sublime explosão das paixões. Nesta parte o modello não conhece, nem talvez conheça emulo. [...] O antiquario terá mais sciencia, o poeta mais correcção e harmonia, o historiador mais profundidade,

---

que marca a sua decadencia." (Fidelino de Figueiredo. 1917. *História da Crítica Litteraria em Portugal da Renascença á actualidade*. 2ª edição, revista e seguida de appendices documentarios. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 118-119).Na verdade, a crítica literária produzida neste período resume-se, as mais das vezes, à mera descrição, ao apontamento biobibliográfico, ao elogio, às considerações de carácter moral, evidenciando a falta de preparação de quem escreve para poder fazer uma análise aprofundada verdadeiramente crítica.

porém qual delles poderá nunca em um só grito exprimir a alma, a dôr, a lucta medonha das paixões que expressa o famoso — *my horse, my horse*! de Ricardo III á porta da sua tenda depois da derrota?

No ano anterior, aquando da publicação, em *O Panorama*, da introdução ao seu romance histórico *Odio Velho Não Cansa* (que viria a repetir-se nas páginas de *A Epoca* em 1848), Rebelo da Silva alongara-se já, e ainda mais, sobre Shakespeare, ao encontrar na sua obra alguns elementos semelhantes à tradição de Maria Paes, nomeadamente na tragédia *Romeo and Juliet* ("talvez a mais bella composição do poeta inglez"), daí derivando para uma reflexão acerca das diferenças entre a poesia do Norte e a peninsular que é ilustrada com diversos exemplos tirados de peças shakespearianas.

Note-se que na produção textual de Rebelo da Silva as referências ao autor de *Hamlet* não se ficam pelos estudos literários, estando igualmente presentes na sua ficção narrativa, como prova aquele que é considerado o seu melhor romance, *A Mocidade de D. João V*, publicado na *Revista Universal Lisbonense* entre 1851 e 1852. Como exemplo podemos dar o Capítulo XII, intitulado "Muita bulha para nada!", em que a personagem Domingos José Chaves é descrita como capaz de fazer "negocio em tudo, e venderia a carne ao Judeo de Shakespeare, se lhe fosse razoavelmente indemnisada." Bastante mais à frente encontramos também a frase "Passados instantes é que divisou a esbelta figura por entre os vidros, e lhe enviou de longe o beijo ineffavel de Romeo a Julietta."... Mais uma vez o conhecimento da obra de Shakespeare sugeria a Rebelo da Silva uma imagem expressiva.

Também Lopes de Mendonça, sobre o qual Fidelino de Figueiredo disse ter sido "o romantico de maiór vocação critica",[82] refere Shakespeare com frequência na sua extensa obra, marcada por abundantes citações de autores estrangeiros clássicos e modernos. Byron, de entre os escritores ingleses, é outro nome que bastas vezes ocorre e que reconhecidamente influenciou Lopes de Mendonça, como Jacinto do Prado Coelho, aliás, já fez notar quando o descreveu como "irrequieto, apaixonado, talvez com atitudes presumidas a imitar Byron" e com "um cepticismo de raiz byroniana".[83]

---

[82] *Ibidem*: 124.

[83] Jacinto do Prado Coelho. 1977. "Um crítico do romantismo: António Pedro Lopes de Mendonça". In *A Letra e o Leitor*. 2ª edição. Lisboa: Moraes Editores, 85 e 90.

Num folhetim que publicou em 10 de Janeiro de 1848 no nº 1753 de *A Revolução de Setembro*, onde faz a crítica a uma representação da ópera *Otello* de Rossini no S. Carlos, Lopes de Mendonça tece os maiores encómios ao dramaturgo isabelino, dizendo entusiasticamente que "é necessario saudar o grande poeta inglez, como o primeiro genio da Europa moderna, como uma das fontes da poesia deste seculo." Expressões de admiração como esta encontram-se em muitos outros textos saídos da pena de Lopes de Mendonça, quer sejam de revista de espectáculos, quer sejam de crítica literária. Nesse preciso ano de 1848 e no mesmo jornal *A Revolução de Setembro* publicou o autor, entre Julho e Novembro, um importante artigo intitulado "A Poesia e a Mocidade" em que analisa a relação estreita entre literatura e sociedade. Ao reflectir sobre as causas do adormecimento do teatro português nos últimos séculos, aponta o exemplo contrário do teatro inglês, pleno de vitalidade, de que Shakespeare é o maior expoente, o autor que "consubstancia todo o existir especial da Inglaterra, [...] todas as dolorosas provas da sua sociedade":

> Engenho colossal, que é para a litteratura moderna, o que Homero foi para a antiga: parto original de todas as revoluções inglezas, expressão eloquente dessa longa agonia de tantos seculos, aonde se tempera a orgulhosa vontade desse grande povo, de que o mundo é feudatario pelos prodigios da sua industria.
>
> *Shachespeare* é não só na intenção, mas até na fórma, a imagem viva da nação, que lhe deu o berço. A sua musa inspira se das glorias, e das calamidades do seu paiz [...]
>
> *Shachespeare* é um genio creador, um genio typo que fecha o circulo da idade-média, e abre com chave d'ouro as portas ao mundo do *individualismo*, ao mundo da *burguezia*, ao mundo da industria, e do trabalho. [84]

A centralidade de Shakespeare, enquanto referente literário, no pensamento de Lopes de Mendonça revela-se igualmente nas suas crónicas sobre o quotidiano lisboeta[85] e na sua ficção. Nos

---

[84] Lopes de Mendonça. 1848. "A Poesia e a Mocidade. VI.". *A Revolução de Setembro* 1910 (26 de Julho): 1.

[85] Vejam-se, por exemplo, "Revista de Lisboa. (3 de Abril.)" (*A Revolução de Setembro*, 1852) e "Revista de Lisboa. 16 de Abril" (*A Revolução de Setembro*, 1854). Na primeira destas crónicas, Lopes de Mendonça compara as tentativas dos partidos políticos de se "lavarem" de faltas que cometeram, ou ajudaram a cometer, simulando horror pelas ditas, com a cena em que *Lady* Macbeth "desvairada pela loucura, e pelos remorsos, tenta lavar a nodoa de sangue que julga apparecer-lhe nas mãos depois do assassinato do rei Duncan"; na segunda,

contos, romances e impressões de viagem com que colaborou na imprensa periódica, alargando e variando, desse modo, o leque de assuntos do novo género literário de grande êxito da época, o folhetim, encontramos de facto, amiúde, associações, comparações e alusões relacionadas com o célebre dramaturgo inglês, como sucede, por exemplo, em "Recordações de Viagem" (*Revista Popular*, 1849; *Ecco dos Operarios*, 1850),[86] "O Spleen e a Medicina. (Dialogismo.)" (*Revista Popular*, 1849),[87] "Romance. Recordações de Itália" (*A Semana*, 1851-52)[88] e "Romance. Beatriz. (Episodio da Revolução de 1848)" (*A Semana*, 1852).[89]

Em *Memorias d'um doido*, «romance contemporâneo» que Lopes de Mendonça publicou na *Revista Universal Lisbonense* a partir de 18 de Outubro de 1849 (até Agosto de 1850), tendo nesse mesmo ano a obra sido editada também em volume, o autor refere igualmente Shakespeare com insistência, bem como Byron, citado por diversas vezes pelo héroi, ele próprio marcado por um cepticismo de tonalidades byronianas. Na primeira edição, o Capítulo XIII (Capítulo XII na segunda edição, refundida, de 1859), sobre o ciúme de Maurício e o seu infortúnio amoroso, intitula-se significativamente "Otelo". Numa carta ao seu amigo D. Afonso, Maurício relata uma ida à ópera para ver o *Otello* de Rossini. Sentado no teatro, sofrendo de um amor sem esperança,

---

o folhetinista medita sobre a raridade das paixões extremas, como o ciúme, na sociedade presente, concluindo que os Othelos e as Desdemonas são cada vez mais invulgares: "Os *Othelos* e *Desdemonas* estão reduzidos a arias e duettos, e se Shakespeare vivesse entre nós, teria menos fervor em descrever o ciume, molestia aguda n'outros tempos, e hoje apenas comparavel ás ligeiras constipações, que um *suadoiro* dissipa, com alguns copos de althéa."

[86] Narra uma viagem de barco até à África Oriental. A dado passo lê-se: "É no mar, é no silencio da noite [...] que nos accommette com mais força essa vaga tristeza, mysterio profundo da nossa natureza moral, que se não explica, nem se define: que apenas se avalia n'alguns trechos de Byron, n'algumas paginas calorosas de George Sand, n'algumas interjeições eloquentes do *Werther* de Goethe, nas interrogações pungentes dos personagens de Shakspeare [...]".

[87] Assinado com o pseudónimo Rochester, este artigo consiste num diálogo entre um médico acomodado na vida, feliz na sua rotina, e um amigo atacado de *spleen*, num estado de agonia íntima que grandes vultos da literatura já experimentaram: "É quando Byron escreve o Manfredo; é quando Goethe concebe o Fausto — é quando Shakespeare medita o Hamlet [...]".

[88] Nas suas divagações sobre Itália, o narrador afirma que é ali que os grandes poetas ingleses buscam inspiração, e não em Inglaterra: "*Roméo e Julieta* foram idealisados pela inspiração de Shaskepeare, mas dizem os seus immortaes adeuses nas arrendadas torres de Verona: *Othelo* ama *Desdemona* em Venesa: e o sombrio e melancolico *Child-Harold* de Byron é na Italia que sente accendido o fogo do enthusiasmo e da gloria."

[89] Trata-se de uma história de amor infeliz entre uma nobre veneziana e um austríaco. Veneza merece do narrador a seguinte caracterização: "Veneza é quasi a patria de Byron, é a terra querida de George Sand, é o logar aonde se passa a acção desse magnifico drama de Shaekespeare, que é tambem uma obra prima do espirito humano, 'Othello.'"

vendo ao longe, num camarote, a mulher amada, o protagonista diz ter então compreendido "esse divino Shakspeare, tradusido pela alma apaixonada do grande *maestro* italiano!". Não só se sentiu identificado com o herói da tragédia shakespeariana ("Ó Otello! Não soffrias mais do que eu, quando proferes no 3° acto aquellas palavras, repassadas de poesia terrivel"), como, em comparação, a sua desdita se lhe afigurou maior: "Otello, ao menos, o moiro quasi selvagem, pôde sentir-se estreitado pelos braços delicados da sua Desdemona! Ao menos, elle roubou-a ás dissipações, e aos desvarios de Veneza, e adorou-a, embalado pelas ondas do Oceano."

Antes, no Capítulo IX ("Noites de Abril"), Maurício lembrara já a cena da despedida dos apaixonados do Acto III de *Romeo and Juliet* [90] (em versão francesa) e, perto do final, quando está prestes a morrer, recita o célebre monólogo de Hamlet *To be, or not to be*.

Os excertos que acima transcrevemos para comprovar a influência de Shakespeare na produção ficcional de Rebelo da Silva e Lopes de Mendonça permitem-nos chamar a atenção para uma tendência que se apresenta como geral na nossa imprensa periódica do Romantismo, e não exclusiva apenas dos dois autores nomeados: a preferência, de entre as peças do dramaturgo isabelino, pelas tragédias, vistas como análises profundas e sublimes do coração humano, e muito em particular por *Othello*, que tanto se prestou a citações, considerações e comparações a propósito do amor arrebatado e da paixão violenta do ciúme.[91]

M*acbeth* suscitou também um certo interesse na década de 40. Logo em 1841 veio a lume em *O Mosaico* ("Macbeth") um resumo do enredo desta peça até ao Acto II, Cena 1, seguido da

---

[90] Esta mesma cena inspirou a um colaborador de *O Correio das Damas*, que assina com as iniciais L. F. M., um poema original intitulado, precisamente, "Despedida de Julieta a Romeo" (*O Correio das Damas*, 1836).

[91] A propósito de *Othello* circulou na nossa imprensa periódica uma história bastante curiosa, supostamente ocorrida nos Estados Unidos da América durante uma representação desta tragédia: a sentinela colocada à porta do teatro, um soldado jovem e ignorante, acabado de chegar do interior, ao ver o mouro prestes a matar Desdemona, desfere-lhe um tiro mortal, dizendo logo de seguida com tranquilidade: "Nunca hum negro na minha presença hade ultrajar huma senhora branca, em quanto eu tiver esta espingarda na mão." ("Anecdota", *Archivo Popular*, 1838; "Brutalidade", *O Jardim Litterario*, 1851).Não trágico mas divertido foi outro episódio ocorrido também durante uma representação de uma peça de Shakespeare, desta feita *Richard III*. A cena passou-se em Inglaterra, com uma companhia ambulante de actores: no momento em que o protagonista gritou «Um cavallo! um cavallo! daria neste momento a minha corôa por um cavallo!», vários alquiladores irromperam pela sala, arrombando as portas e gritando: «Quem é que quer cavallo? Falle comigo que não tenho só um, tenho muitos!» ("Interrupção a proposito", *Estrella d' Alva*, 1862).

tradução das duas primeiras cenas do segundo acto (acompanhada pelo respectivo original inglês, para comparação), feita por José Maria da Silva Leal (1812-1883).[92] Mais tarde, em 1849, ano em que subiu ao palco do S. Carlos a ópera de Verdi *Macbeth*, o jornal dos teatros e das filarmónicas *O Espectador* voltou a publicar o artigo atrás referido ("Scenas dramaticas. Macbeth. Acto II — Scena I e II"), e também um outro, "Macbeth. Opera em 4 actos, musica de Verdi, poesia de Piave — Decorações dos Srs. Rambois e Cinatti", em que resume para os seus leitores o enredo da obra de Verdi, faz desta uma apreciação crítica e comenta a dificuldade de adaptar ao universo operático as peças de um autor como Shakespeare, aqui definido como o "Deus da poesia moderna", "um desses grandes genios com que a providencia raras vezes enriquece a humanidade".

Se esta ópera de Verdi, e outras baseadas em textos shakespearianos que tinham sido já vistas pelo público português, nomeadamente *Otello* de Rossini, desempenharam um papel fundamental na divulgação, entre nós, das personagens criadas por Shakespeare, pode dizer-se que também alguns dos romances e contos de origem estrangeira publicados pela nossa imprensa periódica terão contribuído para a familiarização dos leitores com as peças daquele autor inglês.

No *corpus* coligido figuram, na verdade, umas quantas narrativas traduzidas, cujos enredos giram, de alguma maneira, em torno da obra do grande dramaturgo isabelino. "O ultimo fantasma", romance saído em Março de 1862 no jornal lisboeta *A Opinião*, é um dos casos a apontar. Os protagonistas, um conde irlandês de ascendência francesa, Albino de Servin, e uma jovem chamada Lavínia, vão ao teatro assistir a uma representação de *Hamlet* e posteriormente discutem sobre o fantasma dessa peça e o de *Macbeth*. Em tom humorístico o conde compara os dois fantasmas, criticando no primeiro o excesso de entradas e saídas e as grandes tiradas. Já o segundo lhe parece exemplar:

> — Oh, minha senhora, desse [o fantasma de *Macbeth*] formo o melhor conceito. Parece-me um fantasma completo: rehabilita no meu espirito William Shakespeare, que neste ponto fizera *fiasco* no *Hamlet*. O fantasma de *Macbeth* conhece

[92] No dia 29 de Agosto de 1844, o artigo "Shakspeare" publicado pela *Revista Universal Lisbonense* anunciava com "o maior alvoroço" que José Maria da Silva Leal "traz entre mãos a tradução completa do theatro de Shakspeare: em que põe todo o amor e diligencia de que tal obra é merecedora". Como se sabe, essa tarefa não chegou a ser realizada, tendo Silva Leal publicado somente *O Intrigante de Veneza. Drama em 5 actos e 8 quadros* (1842), uma imitação de *Othello* feita com base no original inglês e na versão francesa de Ducis.

o seu dever. Não falla. Assusta com o seu silencio. Senta-se á meza sem cerimonia, como um parasita do tumulo. Tem dois tições infernaes nas cavidades ossaes dos olhos. É um fantasma perfeito.

Mas, mais uma vez, é *Othello* que está no centro do maior número de textos, a reforçar, assim, a popularidade desta tragédia. "Otello. Romance" (*O Jardim das Damas*, 1846), "Othelo e Desdemona" (*Revista dos Espectaculos*, 1855), "Uma representação de curiosos. (Versão livre do inglez)", de Charles Dickens (*O Jornal do Porto*, 1863), e "Um buraco no sobrado" (*Album Litterario*, 1864) mostram-nos como a história do mouro de Veneza foi capaz de inspirar outras histórias, tanto trágicas como cómicas, muito distintas entre si no enredo: na primeira, extraída do *Illustrated London News*, uma princesa morre após ter assistido à opera de Rossini, cumprindo-se de novo a maldição que no seu reino recaía sobre as pessoas de sangue real sempre que se representava *Othello*; na segunda, um velho ex-cantor lírico, desesperado, volta aos palcos para contracenar com a cantora desdenhosa que levara o seu filho ao suicídio, espetando no peito dela um punhal enquanto desempenhavam os papéis de Otello e Desdemona; na terceira, narra-se uma representação amadora de *Othello* em que tudo corre hilariantemente mal; e na quarta, um ensaio da peça de Shakespeare por uma companhia inglesa é tomado por um vizinho, o narrador, que não entende a língua que os estranhos falam e que vê a cena através de um buraco existente no sobrado de sua casa, como um drama doméstico real, o que o leva a chamar de imediato a polícia para denunciar o crime que acabara de ser cometido no prédio onde morava. Calcule-se o seu espanto quando, ao chegar ao suposto local do homicídio na companhia dos policiais, encontra um grupo de pessoas prestes a comer um óptimo *roastbeef*, incluindo a infeliz esposa que ele vira ser sufocada, minutos antes, com uma almofada!

Fonte de inspiração de alguma ficção narrativa, como acabámos de ver, ocasionalmente falado a propósito das óperas baseadas em obras suas que chegavam aos palcos portugueses (pois as críticas dos jornais incidiam em geral sobre os espectáculos em si mesmos, não sendo habitual abordar os textos literários que tinham servido de ponto de partida aos libretistas e compositores), abundantemente citado, aludido e parafraseado em textos da mais diversa natureza, Shakespeare não teve, no entanto, na imprensa periódica da época que se encontra em estudo, muitos artigos dedicados exclusivamente à sua pessoa e obra.

Entre 1842 e 1864 vieram a lume quatro biografias do dramaturgo inglês nas páginas de *O Panorama* ("Shakspeare", 1842), *Revista Popular* ("William Shakspeare", 1849) e *Ensaios Litterarios* ("Shakespeare. Breve esboço da vida do celebre escriptor", 1864). Uma delas, "Duas Glorias", escrita por Francisco Maria Bordalo (*O Panorama*, 1857), não trata, aliás, somente de Shakespeare, mas também de Miguel de Cervantes. Após informar os leitores sobre a vida destes "dois colossos das litteraturas, ingleza e hespanhola", o autor não resiste a notar que os respectivos países já lhes ergueram estátuas, enquanto Portugal se mostra ingrato para com Camões e Garrett. O maior elogio de Bordalo vai para a forma como o povo britânico honra Shakespeare, continuando a levar à cena as suas peças:

> Shakspeare tem um rico monumento em Westminster, e os seus dramas ainda são hoje representados em Londres, e em toda a Inglaterra. Nenhum bretão deixa de ter orgulho em ser conterraneo do grande poeta, a quem todos os talentos do mundo hão prestado homenagem, á excepção de Voltaire, o mesmo que negou o merecimento de Camões.

A comparação de Shakespeare com outros autores não se fica por aqui, sendo legítimo falar de uma tendência para o equiparar ou superiorizar a grandes nomes das letras de outras épocas e países. Também Augusto Malheiro Dias Guimarães assinou em *A Primavera*, no ano de 1860, um artigo intitulado "Shakspeare e Cervantes" que estabelece as diferenças e os pontos de contacto entre "estes dois sublimes genios": aponta a semelhança das fisionomias, recorda que as obras de ambos não foram, de início, muito apreciadas no estrangeiro, mas que na actualidade são aclamadas em toda a parte, e sublinha que o intuito dos dois foi moralizar, seguindo porém caminhos distintos:

> Shakespeare apresentou no theatro os vicios e os crimes da velha Inglaterra, para melhorar os costumes. Cervantes descreveu com uma originalidade espantosa, com um espirito finissimo, as ordens cavalheirescas cahidas no ridiculo. Um quiz moralisar pelo terrivel, o outro pelo sarcastico.

Outro exemplo de comparação encontra-se no artigo que *A Fama*, jornal lisboeta de literatura e teatros, dedicou a "Lopo da Vega e suas obras" em 1843. Aqui, no entanto, o articulista, embora reconheça a Shakespeare e a Lope de Vega um estatuto

idêntico enquanto "unicos criadores do theatro moderno", não tem dúvidas em afirmar que o dramaturgo espanhol lhe é superior:

> Querendo-se porém estabelecer um parallelo entre Lopo da Vega e seu illustre rival, póde-se affirmar sem receio, que elle não só excedeu a Shakespeare; mas a todos os escriptores antigos e modernos, pela prodigiosa fecundidade do seu talento, e infinito numero de suas obras.

À escassez de artigos totalmente dedicados à biografia de Shakespeare, junta-se um número reduzido de apreciações críticas unicamente centradas na sua obra. O texto de *A Fama* de que acima falámos ilustra, entre muitos outros, o facto de as opiniões sobre Shakespeare que vieram a lume na imprensa periódica do Romantismo se encontrarem sobretudo dispersas por artigos sobre questões literárias e históricas extremamente variadas com as quais o dramaturgo inglês de alguma maneira se relaciona, não constituindo ele, no entanto, o assunto principal. Nesses textos, em que só lateralmente Shakespeare é abordado, encontramos contudo juízos crítico-valorativos de imenso interesse e, com frequência, a afirmação do autor de *Hamlet* como escritor canónico supremo, ou um dos maiores vultos das letras universais. Impera aqui o discurso encomiástico, exaltam-se as qualidades do teatro de Shakespeare, mesmo quando a "irregularidade" das suas peças impede os articulistas de se renderem incondicionalmente, como acontece num artigo publicado por *A Minerva* em Maio de 1836 com o título "Sobre o gosto na Litteratura e nas Artes". Começando por definir o gosto como o sentimento do que é "bello, adequado e decente", escreve o autor ("D. P. de N.") a dado passo:

> Não basta ao gosto que as obras que elle julga scientillem bellezas; tambem he preciso que estas lhes convenhão perfeitamente. Por esta razão he que elle dá a palma da Tragedia em primeiro lugar a *Racine*, e depois a *Voltaire* [...]. Elle não se póde acostumar a Shakespeare, ainda mesmo admirando seu poderoso genio e a verdade de suas bellas e profundas scenas.

"Drama Romantico", um importante artigo vindo a lume em *O Nacional* no ano de 1838 sobre as qualidades que deve possuir a poesia dramática, realça também a «verdade» do teatro de Shakespeare. Defendendo que a essência do drama romântico deve assentar no "grande" e no "verdadeiro", pois o primeiro

encerra o "belo" e o segundo a "moralidade", o autor anónimo diz que só Shakespeare, com o seu génio, conseguiu reunir essas duas qualidades, pois Corneille apenas procurou o "grande" e Molière o "verdadeiro".[93]

Mendes Leal Júnior (1820-1886) foi dos poucos colaboradores da imprensa periódica portuguesa do Romantismo que consagrou a Shakespeare um artigo exclusivo: "Shakespeare. (Influencia da poesia e da litteratura — suas relações com a sociedade)". Publicado no *Universo Pittoresco* na primeira metade da década de 40, contém uma série de elogios ao dramaturgo inglês, entre os quais se conta, mais uma vez, a «verdade» das suas personagens e enredos:

> O que verdadeiramente abona, o que prova, o que demonstra com evidencia a superioridade do poeta inglez, a alteza do seu ingenho, a quasi infinita amplitude da sua rara comprehensão é a vida que ainda hoje vivem as suas obras, é a verdade que ainda hoje se acha nas suas pinturas, é a fidelidade, discriptiva ou *activa*, das suas paixoens.

Embora se revele, obviamente, um profundo admirador de Shakespeare, a quem chama "representante da independencia do pensamento e das liberdades da consciencia artistica", Mendes Leal não deixa de trazer à discussão as posições dos detractores do Bardo de Avon, o que torna as suas reflexões e argumentos a favor do dramaturgo mais interessantes. Concedendo que Shakespeare é muitas vezes demasiado arrojado, vê nesses seus "pasmosos voos d'uma phantasia maravilhosamente desvairada" uma prova de vitalidade e liberdade de espírito dignas de admiração, embora não recomende tais excessos. A comparação dos dramas "irregulares" de Shakespeare com as peças "regularissimas" da escola francesa levam-no, por seu turno, à conclusão de que, se as segundas brilham como modelos de versificação, imitação e convenção, para delícia das academias, as primeiras superiorizam-se pela natureza e «verdade» das suas personagens, que fascinam todas as nações.[94]

---

[93] Anos mais tarde, *A Semana Theatral* publicou uma versão abreviada deste mesmo artigo: "O grande e o verdadeiro", 1851.

[94] Também Lopes de Mendonça, em "Poetas dramaticos modernos de Portugal" (*A Aurora*, 1845), encontra nos retratos do ser humano pintados por Shakespeare a principal razão de ser do seu êxito popular: "Os abismos do coração humano — tudo o que ha de sombrio e de terrivel, de grotesco e de ridiculo, de sublime e d'inspirado no homem — tudo elle havia descuberto com o seu olhar de aguia. A sociedade maravilhada avaliou-o como devia, e Shakespeare foi assentar-se no seu logar — a par de Homero, de Virgilio, de Moïses, do Dante!"

Nas abordagens de cariz histórico a que as peças de Shakespeare também foram sujeitas, explorou-se o seu valor enquanto documentos de uma determinada época. Cláudio Adriano da Costa (1795-1866), no longo artigo "Do Pariato" que publicou na *Revista Universal Lisbonense* em 1845, constata, a partir dos dramas de tema histórico, que "Shakspear é tudo, menos poeta das liberdades inglezas", pois no tempo em que viveu o feudalismo é que "vingava nos costumes do seculo": não menciona a Magna Carta na peça *King John*, chega a chamar a este rei "great King John", refere-se frequentemente ao povo com os duros adjectivos "villain", "tinker", "knave", "caitiff", "recreant", etc., faz a propaganda da filosofia política de Maquiavel, "ridicularisa os excessos da liberdade aos seus apaixonados" e "os seus reis nas peças não duvidam pôr a sua vontade adiante da lei."

Dois anos antes, porém, surjira já no *Archivo Popular* o artigo mais interessante que a este propósito podemos indicar, e um dos poucos que se debruçam totalmente sobre Shakespeare: "As duas rosas". Para explicar aos leitores as guerras civis que ficaram conhecidas por esse nome, o autor anónimo apoia-se apenas nos dramas históricos em que Shakespeare tratou a rivalidade entre as casas de York e Lancaster, por considerar que neles ela "se encontra debuchada com a exactidão de hum jornal, com a imaginação de hum poeta." Sem deixar de relatar os factos como um historiador, Shakespeare dá-se a liberdade de intervir na obra sempre que necessário, distinguindo-se na pintura dos episódios históricos por um admirável "sangue frio no meio das partidas, a justiça distributiva igual para todos, a paixão que combate as razões prol ou contra." É neste aspecto que os imitadores do dramaturgo isabelino ficam muito longe do mestre, não passando, na opinião do articulista, de "rasteiros parafrazeadores".[95]

Para este colaborador do *Archivo Popular*, as peças de Shakespeare são "verdadeiras chronicas" e, por isso, nada melhor para o conhecimento da Guerra das Rosas do que traduzir algumas falas que o "sublime poeta" pôs na boca de personagens

---

[95] "Tudo roubárão a Shakespeare: a sua carne, os seus ossos, as suas fantasmas, as suas bellas noites, as suas interessantes mulheres, a sua viva e profunda historia, o seu instincto da idade meia religiosa, meia amorosa, o seu amor do maravilhoso, os seus jovens principes tão lindos, a sua mithologia semi-christão, semi-celta, o seu oriente misturado de occidente, o seu moiro e a sua veneziana, arranjárão, alinhárão, desfigurárão, dramatisárão, poetisárão, em fim, macaqueárão Shakespeare; os barbaros tudo lhe roubárão, excepto a sua alma, a sua poesia, a sua cólera, a sua piedade, a sua melancolia, os seus feitos cavalleirosos, o seu amor hum pouco mistico, as suas bellas superstições; tudo desfigurado, menos a sua voz potente, e este dominio universal que vem de tão alto, que se ouve ao longe, e que subjuga todo o drama antigo, todo o drama moderno, todo o drama transacto, menos Moliere."

de *2 Henry VI* e *3 Henry VI*. Mais especificamente, encontramos aqui a tradução em prosa de quatro excertos das referidas peças, correspondentes a duas falas do Duke of York (I, 1, vv. 215-260 e *2 Henry VI*, II, 2, vv. 1-57), a uma do Duke of Gloucester (*2 Henry VI*, I, 1, vv. 74-102) e a um solilóquio de Henry VI (*3 Henry VI*, II, 5, vv. 1-46), tradução esta que merece destaque por ser esporádico, na imprensa periódica do nosso Romantismo, o aparecimento de versões portuguesas de textos shakespearianos.

Na verdade, se exceptuarmos as pequenas epígrafes e as curtas citações extraídas das obras de Shakespeare que muitos autores antepuseram ou intercalaram nos seus textos, constatamos que apenas um número ínfimo de traduções independentes chegou às páginas dos jornais e revistas, e ainda assim sempre parcelares. É o caso das que acima registámos, relativas a *2 Henry VI* e *3 Henry VI*, e também da já atrás mencionada tradução de duas cenas de *Macbeth* feita por José Maria da Silva Leal, faltando apenas acrescentar que em 1838 *O Ramalhete* publicou uma tradução, anónima, de parte da cena do cemitério de *Hamlet*, a qual acompanha uma estampa reproduzindo um quadro de Delacroix onde figuram Hamlet, segurando a caveira do bobo Yorick, e o seu amigo Horatio ("Hamlet e Horacio").

Idêntica pobreza é constatada, aliás, quando se considera o panorama da edição de traduções de Shakespeare em volume. Tivesse um número significativo de peças do dramaturgo isabelino, na época em estudo, sido vertido para a nossa língua e dado à estampa, e por certo a imprensa periódica lhe teria feito publicidade, transcrevendo até, provavelmente, extractos. A verdade, todavia, é que para além de *O Intrigante de Veneza* (1842) de José Maria da Silva Leal, uma imitação de Ducis, apenas veio a lume uma outra imitação, igualmente baseada naquela fonte francesa: *Othello ou O Mouro de Veneza. Tragedia em cinco actos*, de Luís Augusto Rebelo da Silva, datada de 1856. *A Illustração Luso-Brazileira* não deixou passar em branco tal novidade. Um dos seus colaboradores, o escritor dramático e jornalista Ernesto Biester (1829-1880), aplaudiu-a de imediato na quinta parte do ensaio de crítica literária "Uma viagem pela litteratura contemporanea. (Offerecida ao sr. A. Herculano)", dedicada precisamente a Rebelo da Silva, que saiu no nº 8, de 23 de Fevereiro de 1856:

> Ha numerosas versões do *Othello;* ha a do classico o semsabôr Ducis, que em vez de traduzir Shakespeare, houve todo o seu empenho em aplainal-o; ha a de Alfredo de Vigny, feita com esmero litterario, mas talvez com uma fidelidade

servil. Rebello da Silva, mais audaz traduzio o rapto sublime sem se prender no culto vulgar da phrase. Não verteu: fez mais; implantou.

Sem muita matéria para noticiar no que dizia respeito à publicação de traduções de Shakespeare em livro, deve reconhecer-se à imprensa periódica portuguesa do Romantismo o mérito de ter registado nas suas páginas a execução de traduções que nunca chegaram aos prelos e/ou que entretanto se perderam, contribuindo assim para a divulgação da história da recepção de Shakespeare em Portugal. *O Ramalhete* foi um dos periódicos que concorreu para esse conhecimento ao publicar em 1843, respectivamente nos seus nos 280 e 292, dois artigos de cariz biobibliográfico sobre Nuno Álvares Pereira Pato Moniz (1781-1826?) e José Anastácio da Cunha (1744-1787), onde é referido que ambos realizaram traduções de Shakespeare.

Onze anos mais tarde, um artigo de *O Boletim de Lisboa* ("Uma perda para as lêtras"), escrito por ocasião da morte de José Maria da Costa e Silva (1788-1854), deu a saber que também este escritor, que deixou inúmeras traduções e imitações de peças do teatro estrangeiro, se interessou pela obra shakespeariana, tendo chegado a produzir versões portuguesas de *Macbeth* e de *Le Roi Lear* de Ducis, entretanto desaparecidas.[96]

O facto de as peças de Shakespeare, nos anos em estudo, terem sido levadas poucas vezes à cena nos palcos portugueses é outra realidade que, obviamente, a imprensa periódica também reflectiu. À abundância de notícias e críticas sobre as óperas inspiradas em Shakespeare apresentadas em Portugal, opõe-se um número muito reduzido de referências a representações dos dramas shakespearianos propriamente ditos, o que só vem reforçar a ideia de que foi por via da ópera, sobretudo, que nesta altura se fez entre nós a divulgação de temas e personagens do teatro de Shakespeare.

Jorge Miguel Bastos da Silva[97] citou já os folhetins publicados por Camilo Castelo Branco na *Aurora do Lima*, em 1856, acerca da representação do *Othello* de Rebelo da Silva, protagonizado

---

[96] De acordo com esta mesma notícia biobibliográfica, José Maria da Costa e Silva traduziu também do inglês as tragédias *The Fair Penitent*, de Nicholas Rowe (1674-1718), e *Cato*, de Joseph Addison.

[97] Ver: Jorge Miguel Bastos da Silva. 2000. "Um contexto para a recepção de Shakespeare no Romantismo português: os dados dos periódicos". *Revista de Estudos Anglo-Portugueses* 9: 43-85; e Jorge Miguel Bastos da Silva. 2005. *Shakespeare no Romantismo Português. Factos, problemas, interpretações*. Porto: Campo das Letras.

pelos actores Brás Martins (1823-1872) e Maria Joana, que lhe mereceu crítica arrasadora,[98] bem como o artigo de 1859 de *O Civilisador* sobre o "Theatro de D. Maria II", em que se menciona a subida à cena, em Coimbra, uns anos atrás, de um *Othello*, talvez em tradução do director-ensaiador daquele teatro, Luís da Costa Pereira (1819-1893), a quem o articulista anónimo pede que reponha a peça de Shakespeare em Lisboa, para desempoeirar a plateia do D. Maria II;[99] e ainda "Bond e a Zaira (Anecdota memoravel nos annaes da arte)",[100] um artigo de José Joaquim da Silva Pereira Caldas (1818-1903) saído no jornal portuense *O Pirata* em Fevereiro de 1851, em que, a propósito de uma comparação da cena de Shakespeare em que Othello mata Desdemona com as correspondentes versões de Ducis e Alfred de Vigny, ocorre ao articulista, de passagem, a seguinte lembrança:

> [Desdemona para nós *ainda* tão cara, quanto nos recordamos *ainda*, de que fôra no Othello, que pela primeira vez estrearamos o palco scenico em Guimarães, por occasião de se representar no theatro academico o Othello, que traduzira excellentemente um nosso especial amigo, o bem conhecido barbeiro dos *Pobres*, José de Sousa Bandeira.]

Embora breve, esta nota tem o grande interesse de comprovar que a tradução de *Othello* do jornalista José de Sousa Bandeira (1789-1861), feita também a partir da tragédia de Ducis e hoje desaparecida, foi reposta em Guimarães um ano após a sua representação no Teatro de S. João no Porto, em 1834, como de resto já sublinhou Maria João da Rocha Afonso em "Othello estreia-se no palco português...".[101]

---

[98] *Ibidem*: 62-63.

[99] Ao fazer o historial das traduções portuguesas de Shakespeare, disse Carlos Estorninho: "Não vem mencionado, que saibamos, em parte alguma o manuscrito anónimo que encontrámos há dias no Arquivo do Teatro Nacional, *Othelo ou o Mouro de Veneza. Imitação do original de Schakespeare* (sic), que deve também ser desta época — entre 1850-1860." (Carlos Estorninho. 1964. *Shakespeare na Literatura Portuguesa*. Separata da *Revista 'Ocidente'*. Volume LXVII. Lisboa, 117). Tratar-se-á este manuscrito, arquivado sob o número 140, pasta 63, no Teatro Nacional de D. Maria II, da versão levada à cena em Coimbra, em data incerta, por Luís da Costa Pereira, onde, segundo o artigo de *O Civilisador* citado por Jorge Miguel Bastos da Silva, "O sr. Director-ensaiador adquiriu em Coimbra a grande e merecida reputação de um optimo Othello"?

[100] Este artigo narra a história de um dramomaníaco inglês, de nome Bond, que se apaixonou de tal forma pela peça de Voltaire *Zaïre* (1732), inspirada no *Othello* de Shakespeare, que não descansou enquanto não a levou à cena. Ele próprio, em 1764, se encarregou do desempenho do protagonista, mas a comoção foi tão forte que o "zairista" morreu em palco.

[101] Maria João da Rocha Afonso.1996. "Othello estreia-se no palco português...". *Revista de Estudos Anglo-Portugueses* 5: 130.

Pela frequência com que temos identificado Ducis como fonte dos tradutores portugueses de Shakespeare, fica claro que a familiarização dos nossos leitores e espectadores do período romântico com a matéria shakespeariana foi determinantemente condicionada por essa mediação francesa (e também pela ópera italiana). Um importante acontecimento cultural ocorrido no nosso país na década de 40 veio, contudo, proporcionar a uma pequena elite, entre a qual se contou Almeida Garrett, um contacto directo com os originais ingleses de Shakespeare. Referimo-nos às três palestras sobre o famoso escritor isabelino que o actor e dramaturgo James Sheridan Knowles (1784-1862) proferiu na capital portuguesa nos dias 21, 23 e 24 de Maio de 1845,[102] no Hotel da Península, ao Loreto, integradas no curso de literatura dramática que aqui foi convidado a dar aquando da sua passagem pelo nosso país após uma estada na Madeira a fim de recuperar a saúde.[103]

Almeida Garrett, que assistiu, extasiado, às seis palestras de Knowles — as três primeiras dedicadas a Shakespeare [104] e as

---

[102] James Sheridan Knowles, natural da Irlanda, foi um actor e dramaturgo de sucesso do Romantismo inglês, até que em 1844 abandonou o teatro e veio a tornar-se um pregador baptista. A sua fama levou-o aos Estados Unidos, onde fez várias conferências sobre arte dramática. Por ocasião de uma passagem por Lisboa foi convidado a dar igualmente aqui dois cursos públicos de «leituras» sobre literatura inglesa (incluindo Shakespeare). Carlos Estorninho salientou já a grande importância deste acontecimento para a divulgação do grande dramaturgo em Portugal, não só pela informação transmitida por Sheridan Knowles, mas também pelas suas recitações de excertos da obra de Shakespeare, que muito agradaram aos presentes nas várias sessões (*Ibidem*).

[103] Sobre a estada de Sheridan Knowles em Portugal, veja-se: Henrique de Campos Ferreira Lima. 1944. "Sheridan Knowles em Portugal".*The Anglo-Portuguese News* 236 (24 de Fevereiro): 6-7; e Jorge Miguel Bastos da Silva. 2005. *Shakespeare no Romantismo Português. Factos, problemas, interpretações.* Porto: Campo das Letras, 189-216.

[104] Sabe-se, por artigo da *Revista Universal Lisbonense* (Anónimo. 1845."Leituras de litteratura dramatica ingleza". *Revista Universal Lisbonense* 44 (22 de Maio).Tomo IV (1844-1845): 533), que as «leituras» de Sheridan Knowles sobre Shakespeare decorreram no Hotel da Península, ao Loreto, nos dias 21, 23 e 24 de Maio, sendo o preço do bilhete 2$400 réis. Eis o programa das três conferências: "1.ª Leitura. O genio de Shakespeare — Diversidade dos seus caracteres — Conservação da individualidade — Prespicacidade poetica — Identificação extraordinaria — Juizo da posteridade.2.ª Leitura. Effeito do drama — Julio Cezar — Hamlet — Scena da leitura do auctor Kean com Ophelia — Causas porque desagradam algumas composições dramaticas — Dogmas dos criticos —Figuras de dicção monosyllabica —Bruto e Caccio.3.ª Leitura. Unidade da acção —Mercador de Veneza —Climax — Unidade de caracteres — illusão do drama — Theorias absurdas — Caracter mixto das tragedias de Shakespeare — Arrebatamento. As leituras serão variadas por meio de grande copia de exemplos."No número seguinte da mesma revista faz-se uma apreciação, nos termos mais elogiosos possíveis, do curso dado por Sheridan Knowles. Confirmam-se as informações fornecidas por Almeida Garrett sobre o público presente às conferências (cada uma com duração superior a uma hora, mas "parecendo todas muito breves") dedicadas ao "gigante do theatro do norte": "O concurso foi de mais de cem pessoas, inglezas pela maior parte, e d'ellas bom numero

restantes sobre o teatro antigo, a oratória e os poetas ingleses contemporâneos —, deixou-nos um retrato do público que a elas acorreu e registou a profunda impressão causada pelas recitações do reputado conferencista, a quem chama "sacerdote de Shakespeare":

> As reuniões foram brilhantes e numerosas; principalmente compostas de residentes britânicos, mas não faltaram portugueses para ajudar a fazer as honras da casa ao estimável escritor. [...] Mas o que sobretudo admirámos mais, e mais nos satisfez, foi ouvir recitar os bem conhecidos exemplos dos vários autores que trouxe para comparar as suas teorias — principalmente Shakespeare. [105]

Pelas palavras de Almeida Garrett ficamos a saber aquilo que era fácil supor: apenas um número restrito de pessoas, na sua maioria compatriotas do orador, acorreu às ditas conferências e teve, assim, oportunidade de se maravilhar com o desempenho de Sheridan Knowles no papel de célebres personagens shakespearianas.[106]

Escrevendo ainda antes de o acontecimento ter lugar, o jornal lisboeta *A Illustração* antecipou igualmente a presença desse mesmo tipo de auditório, quando disse que à reunião promovida pelos compatriotas de Sheridan Knowles, "que promette ser selecta e animada", se associou um número considerável de portugueses

---

senhoras muito moças, cuja attenção e enlevo davam uma idea assaz vantajosa da sua instrucção [...]". Constatação esta que permite ao autor anónimo do artigo contrastar a ignorância das mulheres portuguesas com as "luzes" das inglesas. Também para o articulista o mais entusiasmante das «leituras» de Knowles foram as recitações: "Mr. Sheridan, não obstante a sua pronuncia irlandesa, recita com tanta verdade, tão embebido no que diz, acompanhando tão bem com todos os gestos e signaes visiveis, as idéas que animam as suas palavras, que a illusão, para o seu espectador e ouvinte, é cabal e perfeita, ainda sem os prestigios de roupas e scenario. [...] elle declamou os papeis dos mais diversos personagens e das mais oppostas indoles, desde o mais remontado tragico até ao comico mais familiar; tudo com igual facilidade e nitidez." (Anónimo. 1845. "Sheridan Knowles". *Revista Universal Lisbonense* 45 (29 de Maio). Tomo IV (1844-1845): 542).

[105] Almeida Garrett. 1963. "Mr. Sheridan Knowles." In *Obras de Almeida Garrett*. Volume I. Porto: Lello & Irmão — Editores, 655.

[106] Segundo informação de Luiz Francisco Rebello, o público da capital já muitos anos antes tivera oportunidade de assistir, no Teatro do Salitre, a uma representação de *Hamlet* (na versão de Ducis): tal acontecimento ficou a dever-se à actuação em Lisboa, no ano de 1822, de uma companhia teatral francesa dirigida pelo actor Jourdain. Cf. Luiz Francisco Rebello. 1980. *O teatro romântico (1838-1869)*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa / Ministério da Educação e Ciência, 94-95.Encontrámos a notícia de tal representação no *Diario do Governo*, nº 231, de 1 de Outubro de 1822, p. 1738: "Theatro Francez no Salitre. Terça feira 1.º de Outubro, em celebração de tão fausto e memoravel Dia, a Companhia franceza dará huma primeira Representação, de *La fausse Agnez*, Comedia em 3 actos de Destouche, rematando o espectaculo, *Hamlet* Trajedia em 5 actos e em Versos de Ducis."

e que muitas "senhoras a embellezarão tambem" ("Mr. Sheridan Knowles", Maio de 1845).

Pelos testemunhos deixados, tratou-se de uma experiência memorável. Sheridan Knowles, que *A Illustração* qualificou como "um dos mais distinctos escriptores que honram a Inglaterra e illustram o nosso seculo", gozava da reputação de grande entendido em literatura e especialista em Shakespeare e não defraudou o público que acorreu a ouvi-lo. Segundo a *Revista Universal Lisbonense*, foi escutado com "attenção e enlevo", e impressionou pelo seu profundo conhecimento da arte dramática:

> As suas considerações, sobre o drama em geral, manifestaram longos e profundos estudos, feitos sobre os bons modelos; grande conhecimento experimental da arte e das secretas relações do tablado com a platéa; dos actores que são os typos do poeta, com o auditorio que é onde esses typos teem de deixar a sua impressão.

Porém, o que maior admiração causou ao colaborador da *Revista Universal Lisbonense* (e também a Almeida Garrett) foram as recitações de Shakespeare com que Sheridan Knowles ilustrou as suas palestras, declamadas com "tanta verdade" que o articulista diz que "Shakespeare mesmo não teria deixado de o applaudir ou de se applaudir n'elle." Como exemplo de falas assombrosamente interpretadas pelo orador, a notícia ressalta "a de Hamlet sobre a morte e a das septe edades da vida" ("Sheridan Knowles", Maio de 1845).

Curiosamente, fomos encontrar no periódico inglês *The Lusitanian*, dirigido à colónia britânica do Porto, a única voz crítica contra Sheridan Knowles. Ao contrário de Garrett e do articulista da *Revista Universal Lisbonense*, que aplaudiram com entusiasmo o saber e o desempenho do actor e dramaturgo irlandês e deixaram o retrato de uma plateia rendida, o autor anónimo do artigo publicado no nº 6 de *The Lusitanian* com o título "Mr. Sheridan Knowles' lectures" (1845) emite um conjunto de opiniões desfavoráveis em relação ao conferencista, que diz não serem somente suas mas partilhadas por muitos outros ("they are opinions, not ours alone, but those of many others to whom we have spoken on the subject").

Referem-se tais críticas às primeiras três palestras que Sheridan Knowles proferiu no Porto em Junho de 1845, onde foi repetir o curso dado em Lisboa, percebendo-se pelo conteúdo do artigo em questão que na capital nortenha a ordem das sessões foi trocada, tendo Sheridan Knowles começado por se debruçar sobre o teatro grego e a literatura dramática em geral e deixado Shakespeare para as últimas «leituras». Logo no início o colaborador

de *The Lusitanian* afirma que esperava muito mais das conferências de Sheridan Knowles e acusa o distinto visitante de ter subestimado a capacidade e o gosto do público portuense que o foi ouvir:

> Our distinguished visitor must have formed his estimate of our capacity and taste from the number of our population. In Lisbon, he must have spoken very differently, as he has been lauded by Garrett, but us of Oporto he has put on a par with school-boys and Mechanics' Institutions.

Seguem-se discordâncias quanto aos tópicos de discurso escolhidos por Sheridan Knowles, divergências de opinião sobre pontos de vista apresentados pelo orador, nomeadamente quanto ao modo como analisou as obras de Ésquilo, Sófocles e Eurípedes e à forma veemente como tentou provar o absurdo da observância das unidades de tempo e lugar, total reprovação da tradução de Sófocles e Eurípides escolhida para ilustrar as suas afirmações, e crítica à maneira forçada, e mesmo desconexa, como Sheridan Knowles relacionou as recitações demonstrativas com o corpo da sua palestra. Ao terminar, o articulista tem apenas um elogio a fazer: "The only thing which we like in Mr. Sheridan Knowles's lectures is his enthusiasm for Shakespeare. In speaking of Shakespeare, his eye brightens, and his language takes the hue of his eye." O que o faz supor que as próximas conferências, dedicadas quase inteiramente a Shakespeare, serão bastante melhores, proporcionando então uma crítica "more congenial to our desires". Infelizmente, *The Lusitanian* ficou-se pelo nº 6, não tendo havido pois oportunidade de se saber que impressões causaram neste seu colaborador desassombrado as «leituras» de Shakespeare do reputado Sheridan Knowles...

Com a descrição da matéria referente a Shakespeare concluimos a apresentação dos textos mais relevantes da recepção produtiva e valorativa dos três autores britânicos de maior divulgação na imprensa periódica consultada: *Sir* Walter Scott, *Lord* Byron e William Shakespeare. Deve acrescentar-se, porém, que a par das traduções, comentários, apreciações, notas críticas e até algumas curiosidades acerca de determinados escritores,[107]

---

[107] Eis três exemplos de curiosidades estatísticas relacionadas com escritores: "Apreciações numericas do merito de alguns poetas" (*A Semana*, 1850), duas listas elaboradas por ingleses em que são atribuídas notas numéricas a autores britânicos e de outras nacionalidades (nenhum português), destacando-se com os valores mais altos Shakespeare, Milton, Dryden, Swift, Addison e Johnson; "Obras de Lord Byron" (*O Panorama*, 1855), pelo qual se fica a conhecer as somas que *Lord* Byron recebeu do editor Murray pelos originais das suas obras; e "Shakspeare" (*O Seculo XIX*, 1864), que informa: "Desde 1590 até 1830 appareceram 400 edições das peças de Shakspeare, separadas. Suas obras

foram sendo igualmente publicados nos jornais e revistas artigos sobre géneros literários, em que aqueles e outros nomes são citados, por os terem cultivado. Pretendia-se não só elucidar os leitores quanto às características distintivas dos vários géneros, mas também ensinar-lhes quais os autores e obras-primas das diferentes literaturas que neles se haviam distinguido e conquistado o estatuto de exemplares.

A este propósito merecem destaque uma série de textos que apareceu em 1838 n'*O Nacional*, de Lisboa, dedicada sucessivamente à "Poesia Didascalica",[108] "Poesia Heroi-comica",[109] "Poesia Anacreontica",[110] "Apologo" [111] e "A Epopeia",[112] os artigos "A Poesia Campesina" (*O Cosmorama Litterario*, 1840),[113] "Poezia maritima" (*Revista Universal Lisbonense*, 1845),[114] "Poesia Dramatica" (*O Instituto*, 1852), de Alexandre Braga (1829-1895),[115] e "Epopeia entre os modernos" (*A Illustração*, 1846);[116] e ainda "Estudos acerca do romance" (*A Opinião*, 1857), em que as considerações tecidas sobre alguns subgéneros, como o romance cavalheiresco, o romance histórico, o romance gótico e o romance sentimental e de costumes, remetem para modelos pertencentes à literatura inglesa, nomeadamente Henry Fielding (1707-1754), Oliver Goldsmith, Frances Burney (1752-1840), Elizabeth Inchbald (1753-1821), Ann Radcliffe, Maria Edgeworth (1767-1849), *Sir* Walter Scott, Mathew Gregory Lewis e *Lady* Morgan (1783?-1859).

Laurence Sterne (1713-1768) não surge nomeado neste artigo de *A Opinião*, mas também ele constitui um referente importante para os nossos homens de letras no que toca a romancistas

---

completas perfazem no mesmo tempo 72 edições, e a proposito do poeta escreveram-se 792 obras e 280 commentarios."

[108] Os autores britânicos mencionados são: Buchanan (1506-1582), Thomson, Pope e Erasmus Darwin.

[109] Os autores britânicos referidos são: Samuel Butler, Pope e Samuel Garth (1661-1719).

[110] O único autor britânico neste caso citado é Thomas Moore.

[111] Também neste caso se aponta apenas um exemplo, o de John Gay (1685-1732)

[112] Como melhores modelos da epopeia romântica, cuja beleza residia, segundo o articulista anónimo, nas descrições, na cor local, na pintura dos costumes e na veemência das paixões, são distinguidos Coleridge, Walter Scott e *Lord* Byron.

[113] Conclui-se aqui que a musa campestre tem produzido pouco entre os ingleses devido ao clima ("o aspecto carrancudo e nevoento de suas ilhas, o espelhento nevoso de seus campos, o pouco sol"), havendo pois a realçar apenas Pope e algumas composições, "hoje dormindo em bem merecido esquecimento", de Milton, Bloomfield, Thomson, John Philips (1676-1709) e John Pomfret (1677-1702).

[114] Os representantes ingleses nomeados são Walter Scott e *Lord* Byron.

[115] Milton e Shakespeare são os autores ingleses aqui considerados.

[116] Neste artigo discute-se o carácter da epopeia, exemplificando-se com a obra de vários autores, entre os quais Milton, Walter Scott e *Lord* Byron.

ingleses, a julgar pelas menções que encontrámos dispersas pelos jornais e revistas. Alberto Osório de Vasconcelos (1842-1881), na "Introducção" à *Revista do Seculo* por si mesmo fundada em 1865, iniciou a apresentação do novo periódico com a seguinte alusão elogiosa:

> Disse algures o incomparavel Sterne, que só quem não sabe fazer livros, é que deve fazer prefácios. Eu quizera seguir o preceito do humoristico inglez, porque o prefacio é uma especie de rochedo de Sysipho, que carrega sobre o peito dos que tentam adivinhar o futuro.

Mais concretas são as referências a *Tristram Shandy* (1760-67), ainda que todas digam respeito a um mesmo aspecto da obra, ou seja, o nascimento tardio do herói titular. Em "Um mez em Cintra. Fragmentos d'um livro", de António de Brederode (1826-1905), publicado em 1859 na *Revista Contemporanea de Portugal e Brasil*, diz o autor acerca da heroína da sua história:

> Ao contrario de Sterne, que fez nascer o principal personagem do seu romance *Tristram Shandy* no penultimo capitulo, eu vou dar a conhecer a heroina d'esta minha narração logo no principio, descrevendo-a e retratando-a em primeiro lugar.

Também Lopes de Mendonça se mostrou conhecedor desta particularidade do romance de Sterne, de resto todo ele marcado por inovações que levaram a ficção a trilhar caminhos nunca antes percorridos. Em 1852, num folhetim para *A Revolução de Setembro* em que, à falta de assunto, divaga sobre o significado do verbo de origem francesa «flanar» ("Viajar ao acaso"), conclui: "E eis-me aqui a *flanar*... litterariamente. É verdade que Sterne, o espirituoso auctor da *Viagem Sentimental* já fez nascer o seu heroe *Tristram Shandy* no penultimo capitulo do romance."

Três anos antes, no mesmo periódico, ao escrever o prólogo a um romance de sua autoria intitulado "O Annel" que ali foi saindo em folhetins, pergunta, defendendo a liberdade de criação do escritor:

> Quem sabe se o meu heroe tem de nascer como o *Tristão Shandy* de Sterne no penultimo capitulo? Quem me diz que eu não aproveite a estação da *cholera-morbus*, para dar cabo dos personagens, como o nosso respeitavel socialista Eugenio Sue? Tudo pode acontecer.

Prosseguindo, demarca-se da tradição do romance de amor cheio de longos monólogos e diálogos lânguidos, em que os apaixonados, após vencerem muitos obstáculos e soltarem muitas lágrimas e suspiros, se casam ou ... morrem de *spleen*, afirmando serem outras as suas preferências:

> As *Amandas* e os *Oscares* de novela inglesa, causam-me suores frios: detesto os heroes de Arlincourt, enjoam-me de morte os amores *hilhy satisfoctory* [sic] das *bas bleus* do rio Tamisa, e dou tudo isto por um capitulo de Sterne, por um passeio de Xavier de Maistre, por uma viagem do nosso Garrett.

Lopes de Mendonça confessa-se aqui admirador do estilo digressivo e reflexivo de Sterne e do escritor francês Xavier de Maistre,[117] dois autores que influenciaram precisamente a composição das *Viagens na Minha Terra* do terceiro modelo citado: Almeida Garrett. Lia Raitt, em *Garrett and the English Muse*, demonstrou já as afinidades existentes entre a obra sterniana e as *Viagens* (identificando as referências explícitas e as influências intratextuais), pelo que remetemos para a leitura do Capítulo V do seu estudo,[118] mas não podemos deixar de lembrar aqui que aquela famosa obra-prima do Romantismo português foi inicialmente publicada em folhetins num dos periódicos por nós estudados, a *Revista Universal Lisbonense*, antes de ser editada em livro em 1846.[119]

---

[117] *Viagens na Minha Terra* abre com uma referência a Xavier de Maistre e à sua famosa obra *Voyage autour de ma chambre* (1794): "Que viaje à roda do seu quarto quem está à beira dos Alpes, de Inverno, em Turim, que é quase tão frio como Sampetersburgo — entende-se. Mas com este clima, com este ar que Deus nos deu, onde a laranjeira cresce na horta, e o mato é de murta, o próprio Xavier de Maistre, que aqui escrevesse, ao menos ia até o quintal."

[118] Lia Raitt. 1983. *Garrett and the English Muse*. London: Tamesis Books Limited, 98-115.

[119] O anúncio da próxima publicação em livro de *Viagens na Minha Terra* saiu no nº 25, de 11/12/1845, da *Revista Universal Lisbonense* (Tomo V, 1846, 299-300). Aí é explicado que os proprietários editores da *Revista*, face à extraordinária popularidade da obra de Garrett, decidiram imprimi-la em dois volumes, julgando prestar assim um serviço às letras nacionais. Segue-se um rasgado elogio aos múltiplos talentos do autor, de quem se diz ser "igualmente familiar com Homero e com o Dante, com Platão e com Rousseau, com Thucides e com Thiers, com Guizot e com Xenophonte, com Horacio e com Lamartine, com Machiavel e com Chateaubriand, com Shakespeare e Euripedes, com Camões e Calderon, com Goethe e Virgilio, Schiller e Sá-de-Miranda, Sterne e Cervantes, Fenelon e Vieira, Rabelais e Gil-Vicente, Addison e Bayle, Kant e Voltaire, Herder e Smith, Bentham e Cormenin, com os Encyclopedistas e com os Sanctos-Padres, com a Biblia e com as tradições sanscritas, com tudo o que a arte e a sciencia antiga, com tudo o que a arte enfim e a sciencia moderna teem produzido."

Foi logo em 1843, ano da excursão de Garrett a Santarém que constitui o ponto de partida da narrativa, que *Viagens na Minha Terra* começou a ser publicada na *Revista Universal Lisbonense*, então dirigida por António Feliciano de Castilho; porém, em Dezembro desse ano a publicação foi repentinamente interrompida, para só ser retomada em Junho de 1845, optando-se na altura por voltar ao princípio, visto que o autor entretanto corrigira os capítulos publicados dois anos antes. Isto mesmo é explicado na nota que antecede o Capítulo I, inserido no nº de 26 de Junho (Tomo V, 1846), sucedendo-se os restantes capítulos até 12 de Novembro de 1846. Nesse peritexto a redacção da *Revista Universal Lisbonense* recomenda a obra de Garrett, afiançando aos leitores que se trata de uma leitura com interesse "tanto pelo lado moral como pelo crítico e litterario", e esclarece em que tradições ela se inscreve:

> Os nossos leitores terão pois o gôsto de ler em portuguez um livro interessante, [...] em que acharão fundidos, em mui bem intendida harmonia, os admiraveis estylos de Swift, Sterne e Xavier de Maistre; e em que resplandece a philosophia, erudição e amor das coisas patrias, sem o phantastico das *Viagens de Guliver*, nem a satyra mordente de *Tristam Shandy*, mas com toda a elegancia e graça da *Viagem a roda do meu quarto*.

Antes de encetarem a leitura de uma obra diferente como *Viagens na Minha Terra*, cujo hibridismo genético, estrutura aparentemente desconexa e tom coloquial e dialógico poderiam afastar o público por não corresponderem às suas habituais expectativas, os leitores foram, pois, preparados para a receber como um produto de importantes influências estrangeiras sofridas pelo autor, sublinhando-se ainda na referida nota (através de uma citação de A. F. de Castilho) que ela constituía mais um valioso contributo de Garrett para a renovação da literatura portuguesa. As referências a autores estrangeiros que se encontram dispersas ao longo destas «impressões de viagem», nomeadamente os ingleses Addison, Pope, Byron, Shakespeare e Sterne,[120] bem como o uso de estrangeirismos (galicismos e anglicismos), as citações em latim, grego e francês e as traduções do alemão, revelavam o cosmopolitismo de Garrett e a sua vasta erudição no que dizia respeito à literatura e às línguas europeias.

---

[120] Sobre as influências inglesas sofridas por Garrett consulte-se o referido estudo de Lia Raitt, e também: Fidelino de Figueiredo. 1970. *Shakespeare e Garrett*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura/Comissão de Literatura; Ofélia Milheiro Caldas Paiva Monteiro. 1971. *A formação de Almeida Garrett. Experiência e criação*. 2 vols. Coimbra: Centro de Estudos Românicos; e Carlos Estorninho. 1955. *Garrett e a Inglaterra*. Separata da *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, 2ª série, tomo XXI, 1.

Mas, como se diz no trecho acima transcrito, em *Viagens na Minha Terra* resplandece sobretudo o "amor das coisas patrias", presente nas críticas feitas à sociedade actual, materialista, gananciosa e ignorante das tradições, no interesse demonstrado pelo narrador pelo património arquitectónico português, na condenação da imitação servil de modelos estrangeiros por parte dos nossos romancistas e dramaturgos e no gosto por tudo o que é verdadeiramente nacional: o clima, a paisagem, o povo e a sua poesia, oposta à "prosa vil da Nação" (Capítulo XLII), governada pelos barões.

Como é sabido, a busca da índole autêntica e genuína do nosso povo levou Garrett a interessar-se pela literatura oral e tradicional portuguesa, a exemplo do que sucedia na Europa e em particular em Inglaterra, país onde esteve exilado. Tal interesse, que se concretizou na recolha de composições populares e respectiva edição, envolvendo um trabalho de estudo das variantes regionais e reconstituição e adaptação dos textos, está de resto também patente nas próprias *Viagens na Minha Terra* através da inserção nesta narrativa compósita de duas versões da lenda de Santa Iria, uma popular (Capítulo XXIX) e outra erudita (Capítulo XXX), sujeitas a comparação.

Atenta a esta faceta nacionalista do Romantismo literário europeu, a imprensa periódica portuguesa de Oitocentos dedicou variados artigos à questão da poesia popular, em que o nome de Garrett e as referências ao caso inglês são elementos recorrentes. Destacamos "Bibliographia", de Silva Leal, publicado em Dezembro de 1843 n'*O Panorama* e escrito a propósito da recente edição do primeiro tomo do *Romanceiro* de Garrett; "Da poesia popular em Portugal", vindo a lume em Março de 1846 na *Revista Universal Lisbonense*; e "Poesia popular", de José Maria de Andrade Ferreira (1823-1875), que saiu em 1859 na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*.

Nos três artigos encontramos a mesma defesa da importância da recolha, restauração e estudo da poesia primitiva, definida como "arca santa do sentir, dos costumes e da crença do povo" (*O Panorama*), e um dos "monumentos da nossa nacionalidade esquecida" (*Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*). A *Revista Universal Lisbonense*, por seu turno, publica palavras do próprio Garrett, segundo o qual urgia abandonar modelos estrangeiros, antigos ou modernos, e enveredar antes pelo estudo do "grande livro nacional, que é o povo e as suas tradições, e as suas virtudes, e os seus vicios, e as suas crenças, e os seus erros"; por outras palavras, "Vamos a ser nós mesmos, vamos a ver por nós, a tirar de nós, a copiar de nossa natureza".

Elogiado por ter sido o primeiro, entre nós, a dedicar-se à compilação e conservação do património oral tradicional, Garrett é enquadrado, nestes artigos, no movimento europeu de valorização da literatura popular e das manifestações culturais da Idade Média que fora iniciado umas décadas atrás e que tivera na Alemanha e na Inglaterra os seus principais impulsionadores. O texto de Silva Leal é, sem dúvida, o mais informativo, pois fornece um historial dos trabalhos alemães e ingleses[121] de maior relevância publicados até à data, que provam que o zelo e dedicação daqueles dois países não se limitou ao estudo das suas próprias tradições e se estendeu à de outros povos, como o português.

Um dos casos exemplares apontados é o do escritor e teólogo alemão Bellermann (1793-1863), que entre 1818 e 1825 foi pastor evangelista da colónia alemã em Lisboa, tendo publicado várias obras sobre a nossa cultura popular: *Die alten Liederbücher der Portugiesen oder beitrage zur Geschichte der portugiesischen Poesie herausgegeben* (1840); *Erinnerungen aus Südeuropa* (1851); e *Cantos Populares de Portugal* (1864). Outro, de que fala o artigo de *O Panorama*, é o de *Sir* Charles Stuart, barão Stuart de Rothesay (1779-1845), que mandou copiar e imprimir em Paris, em 1823, às suas custas, um códice existente na livraria do Colégio dos Nobres, dando assim a conhecer pela primeira vez uma colecção de cantigas trovadorescas portuguesas (mais tarde conhecida por *Cancioneiro da Ajuda*).[122] A menção deste facto não passa, aliás, sem uma crítica à indiferença e morosidade dos portugueses relativamente à preservação da sua literatura antiga — "A nós Portuguezes especialmente nos injuriou, com um favor que nos fez, Lord Stuart de Rothsay, (então Sir Charles Stuart) publicando em Paris em 1823 o cancioneiro do Collegio dos

---

[121] São referidos os seguintes autores britânicos: Thomas Percy (1729-1811), Joseph Ritson (1752-1803), George Ellis (1753-1815), Walter Scott e Robert Jamieson (1780?-1844). Publicaram, respectivamente, os seguintes trabalhos: *Reliques of Ancient English Poetry* (1765), *Select Collection of English Songs* (1783), *Specimens of Early English Romances in Metre* (1805), *Minstrelsy of the Scottish Border* (1802-1803) e *Popular Ballads and Songs from tradition, manuscripts and scarce editions* (1806).

[122] Charles Stuart de Rothesay esteve fortemente ligado a Portugal, tendo aqui residido por largo tempo como embaixador do governo britânico. Segundo informação da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (Vol. II, 684-685), foi "membro do govêrno do reino, durante a Guerra Peninsular; ministro plenipotenciário de D. João VI, no reconhecimento do Império do Brasil; portador da Carta Constitucional, outorgada por D. Pedro IV; grã-cruz da Tôrre e Espada." Em 1825, dois anos depois de ter publicado em Paris o cancioneiro do Colégio dos Nobres, Portugal agraciou-o com o título de 1° conde de Machico e, no ano seguinte, foi-lhe concedido o de 1° marquês de Angra. Veja-se: Frederico G. Perry Vidal. 1841. "Alguns representantes de Inglaterra em Portugal — Lord Stuart of Rothsay, Lord Howard de Walden". *The Anglo-Portuguese News* 105 (23 de Agosto): 6-7.

Nobres." —, lembrando Andrade Ferreira, na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*, que Portugal possuía uma vasta riqueza no domínio da poesia popular à espera de ser estudada e que não nos inferiorizava perante a Alemanha e a Inglaterra ("vereis que temos mil hediondas feiticeiras, mais sordidas e esqualidas que as de Schiller e Shakspeare").[123]

Por outro lado, também a atenção dispensada neste último país à obra de Garrett constitui uma prova a mais do interesse da Inglaterra pela literatura de raiz popular em geral e pela portuguesa em particular. É o que sublinha Silva Leal no artigo de 1843 de *O Panorama* que temos vindo a referir:

> No *Foreign Quarterly Review*, tom. X, 1832, encontrámos tambem uns fragmentos da *Adozinda* traduzidos em inglez, que provam quanto em Inglaterra se aprecia este genero de poesia, e se estimam os escriptos do Sr. Garrett.

Publicado em Londres em 1828, o poema-balada *Adozinda* com que Garrett lançou "as bases do Cancioneiro Português das antigas lendas e rimances"[124] foi, de facto, objecto de uma crítica no nº XX, de Agosto-Outubro de 1832, do *Foreign Quarterly Review*, crítica essa que *O Mosaico* ("As obras do Senhor J. B. d' Almeida Garrett", 1839) e o *Universo Pittoresco* ("Obras de J. B. de Almeida Garrett. 18 vol. com um retrato do auctor", 1839-1840) já haviam destacado algum tempo antes, aliás, e que em Abril de 1846 voltaria a ser referida na *Revista Universal Lisbonense*, num artigo a propósito do sexto volume das obras completas de Almeida Garrett, *Flores sem Fructo* (1845).[125] Nem estes periódicos nem *O Panorama* identificam, porém, o autor inglês dessa tradução e das observações sobre a riqueza do nosso património poético tradicional que a acompanham, mas importa sublinhar que elas se deveram a alguém que admirava as letras portuguesas e há

---

[123] Mais de vinte anos antes, aliás, já um artigo de *O Panorama* intitulado "A torre maravilhosa" (1838) saíra em defesa das ricas tradições populares ibéricas (consideradas mais admiráveis, na sua diversidade, do que as do norte da Europa e as da Escócia), descuradas pelos autores peninsulares mas aproveitadas por estrangeiros: "Os estrangeiros já em parte as têem aproveitado para pequenos romances ou balladas: o tão celebrado *Fridolino* de Schiller, nada mais é do que uma das nossas ficções populares ácerca da rainha S. Isabel, *o abbade e o rei*, de Burger, é um daquelles contos, que não ha lareira nas nossas provincias, onde se não tenha narrado por noites de inverno; e lord Byron achou tal poesia na xácara da tomara de Alhama, que a traduziu verso a verso."

[124] Carlos Estorninho. 1955. *Garrett e a Inglaterra*. Separata da *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*. 2ª série. Tomo XXI, 124.

[125] Neste artigo é lembrado que a *Lyrica de João Minimo*, tal como *Adozinda*, fora também publicada em Londres, em 1829.

muito se empenhara em divulgá-las junto do público britânico: o lusófilo Robert Southey.[126]

Escrevendo para o jornal *A Illustração* em Maio de 1845, sobre o romance *Bernal Francês* que saiu com *Adozinda* em 1828, o próprio Almeida Garrett deu a saber aos nossos leitores que essa sua publicação londrina depressa conquistara a Europa, dando origem a várias traduções ("Bernal-Francez"):

> Dado que em 1828 publiquei em Londres pela primeira vez a interessante rhapsodia de poesia popular que tem este titulo, ella tem feito a volta da Europa, sendo traduzida em diversas linguas, ja no proprio fragmento, ja na reconstrucção ou imitação d'elle que ao mesmo tempo dei à luz. Ultimamente recebi de Inglaterra, do meu amigo o cavalheiro João Adamson uma nova traducção ingleza, differente e mais acabada do que a impressa ha dous annos no primeiro volume do meu Romanceiro; de Hespanha chegou tambem ha poucos dias uma bella e elegante versão em castelhano.

Um dos tradutores estrangeiros foi, pois, como diz Garrett, o seu amigo John Adamson (1787-1855), outro dos lusófilos ingleses da geração romântica que se interessou, tal como Southey, pelo trabalho de recolha e reconstituição de velhas baladas populares levado a cabo pelo poeta português.[127] A sua primeira tradução do romance *Bernal-Francez* foi incluída por Garrett no primeiro tomo do *Romanceiro* (1843), tendo John Adamson, algum tempo depois, feito a segunda versão, melhorada, a que o autor de *Frei Luís de Sousa* se refere nas palavras acima transcritas, e que viria a ser integrada no segundo tomo do *Romanceiro*, publicado em 1851. Entretanto, em 1846, fora dado à estampa, em Newcastle-upon-Tyne, o segundo volume da obra de John Adamson *Lusitania Illustrata*, dedicado a Garrett e composto precisamente por traduções de quatro baladas do *Romanceiro*, acompanhadas dos respectivos originais portugueses: «Bernal-Francez», que, como dissemos, Garrett incorporou no segundo volume do *Romanceiro*,

---

[126] Sobre este artigo de Southey vindo a lume em *The Foreign Quarterly Review*, veja-se: Henrique de Campos Ferreira Lima. 1943. "Ainda Robert Southey e Portugal". *The Anglo-Portuguese News* 193 (29 de Abril): 8 e 11.

[127] Sobre o trabalho de divulgação da literatura portuguesa em Inglaterra desenvolvido por John Adamson e as relações deste com Garrett, vejam-se: Henrique de Campos Ferreira Lima. 1943. "Um notável lusófilo inglês, John Adamson". *The Anglo-Portuguese News* 210 (26 de Agosto): 9; e João Paulo Ascenso Pereira da Silva. 1990. *Memórias de Portugal. A obra lusófila de John Adamson*. Ponta Delgada: Eurosigno Publicações.

«Noite de São João», «Rosalinda» e «O Chapim de El Rei ou Parras Verdes». Também estas três versões inglesas de Adamson se afiguraram a Garrett dignas de divulgação, pelo que foram publicadas em apêndice no terceiro volume do *Romanceiro*, datado igualmente de 1851. Logo no ano seguinte uma destas traduções de Adamson mereceu destaque na *Revista Universal Lisbonense*, que apresentou no seu nº de 19 de Fevereiro de 1852 a versão inglesa de "Rosalinda" a par de uma recente versão francesa do mesmo antigo romance, devida ao literato Édouard Fournier (1819-1880)[128] ("Rosalinda. Versões em francez e inglez").

Para além do intercâmbio literário com John Adamson, a nossa imprensa periódica do Romantismo aludiu também à relação de Garrett com um outro autor inglês igualmente interessado pelas letras lusas, o reverendo William Morgan Kinsey (1788-1851), sem contudo explicar em que se traduziu a colaboração entre os dois. Aproximando-se o início da edição da obra completa de Garrett em 18 volumes, vários jornais, nomeadamente *O Mosaico* ("As obras do Senhor J. B. d' Almeida Garrett") e o *Universo Pittoresco* ("Obras de J. B. de Almeida Garrett. 18 vol. com um retrato do auctor"), chamaram em 1839 a atenção para a importância do acontecimento e para a fama de que o escritor português já gozava em Inglaterra, salientando que o autor de *Portugal Illustrated* (1828) mostrara grande admiração por Garrett e o citara repetidas vezes. A verdade, de facto, é que na segunda edição da sua obra, datada de 1829, Kinsey acrescentou uma "Second Suplemmentary Letter. Brief Review of the Literary History of Portugal"[129] que, como esclareceu Isabel Oliveira Martins no seu estudo *William Morgan Kinsey — uma ilustração de Portugal*,[130] consiste numa versão, um pouco alterada, do ms. 82 do Espólio de Garrett, intitulado «Esquisse d'une histoire littéraire du Portugal».[131] Escrito propositadamente para Kinsey, a pedido deste, para que através da 2ª edição de *Portugal Illustrated* pudesse fornecer ao público britânico uma informação desenvolvida e correcta acerca da literatura portuguesa, este ensaio é mais uma prova de que Garrett, durante os seus tempos

---

[128] "Rosalinda. Ballade portugaise" remata uma obra de Fournier sobre D. António, Prior do Crato, publicada em 1851, em Paris: *Un Prétendant Portugais au XVIe Siècle*.

[129] W. M. Kinsey. 1829. *Portugal Illustrated*. 2nd edition. London, 525-564.

[130] Isabel Oliveira Martins. 1987. *William Morgan Kinsey — uma ilustração de Portugal*. Lisboa: Edições 70.

[131] Para comparação dos textos de Kinsey («Brief Review») e Garrett («Esquisse») veja-se: Isabel Oliveira Martins. 1990. "O percurso da primeira história da literatura portuguesa". *Revista de Estudos Anglo-Portugueses* 1: 37-135.

de exílio em Inglaterra, estabeleceu relações de amizade com homens de letras britânicos que deram frutos literários.[132]

Da mesma forma que alguns periódicos do Romantismo quiseram chamar a atenção para o interesse dos ingleses pela literatura tradicional portuguesa, outros houve, em número reduzido, diga-se, no entanto, desde já, que deram a conhecer baladas medievais inglesas. Não se trata, porém, de traduções, mas de resumos das histórias nelas narradas, sempre acompanhadas de estampas ilustrativas. Todos os casos que a este propósito estamos em condições de apontar datam da década de 40 e, à excepção de um, "William de Cloudeslie e sua familia na floresta d' Englewood. Antiga Ballada" (1840), que veio a público no jornal *O Ramalhete*, todos os outros apareceram nas páginas do *Archivo Popular*. Tema de muitas baladas, Robin Hood não foi o único fora-da-lei refugiado numa floresta a tornar-se herói popular, como nos prova o artigo de *O Ramalhete*. Alguns meses mais tarde também o *Archivo Popular* considerou relevante dar a conhecer os feitos do proscrito "Guilherme de Cloudeslie" (1842), antecedendo-os porém de uma breve nota histórica sobre os muitos ladrões com a cabeça a prémio que existiram na Inglaterra medieval.

Em Janeiro de 1843 o mesmo *Archivo Popular* voltaria a dar destaque a uma balada inglesa, desta feita a célebre "Sir Cauline", que narra o amor de um pobre pagem do rei da Irlanda, *Sir* Cauline, pela bela princesa Christabel, a qual o põe à prova incumbindo-o da tarefa de lutar com um terrível cavaleiro pagão de força prodigiosa, Eldridge. Saindo vencedor da contenda, *Sir* Cauline conquista o amor da princesa.

No mês seguinte, de novo o *Archivo Popular* proporcionou aos seus leitores o conhecimento de uma terceira composição do género, não a identificando, no entanto, e dizendo apenas que pertence à colecção de Percy.[133] Os redactores do semanário vincam a faceta moralizante da balada escolhida, que faz o elogio dos antigos senhores, exemplares na sua virtude e generosidade. A gravura que ilustra o texto mostra um deles distribuindo, à sua porta, esmolas aos necessitados.

O interesse do Romantismo pela Idade Média, no qual se inscreve a valorização das tradições literárias populares de que temos vindo a falar, explica também o aparecimento, na imprensa periódica oitocentista, de algumas notícias sobre o ciclo do Rei

---

[132] John Adamson e William Morgan Kinsey eram também eles amigos, tendo o primeiro ajudado o segundo na revisão do texto da 2ª edição de *Portugal Illustrated*, conforme está dito no prefácio da obra.

[133] Isto é: Thomas Percy. 1765. *Reliques of Ancient English Poetry*.

Artur. Logo no início de 1840 Alexandre Herculano, precisamente um dos fundadores do medievalismo no nosso Romantismo literário, dedica parte do seu estudo "Novellas de cavallaria portuguezas. Novellas do seculo 15°" (*O Panorama*) à explicação da matéria que compõe esse ciclo de romances, referindo-se a Artur, o lendário rei do País de Gales, ao mágico e profeta Merlim,[134] aos cavaleiros da Távola Redonda e à demanda mística do Santo Graal. Seis anos volvidos, o assunto voltou a ser abordado na imprensa periódica nacional, quando a *Revista Universal Lisbonense* achou por bem dar a conhecer mais profundamente "o cyclo mais interessante da poesia popular da meia-idade", "em que ninguem ha decerto em Portugal que não tenha ouvido fallar desde creança" ("O Rei Arthur e os Cavalleiros da Tavola-Redonda", 1846).

Por esta apresentação do que de mais relevante sobre a literatura britânica foi sendo divulgado pela nossa imprensa periódica entre 1836 e 1865, poder-se-ia pensar que o público português do Romantismo ficou cada vez mais familiarizado com as letras de além-Mancha à medida que o século XIX decorreu. No entanto, os testemunhos que encontrámos acerca desta questão revelam-se bastante divergentes e até muito contraditórios. Assim, se logo em Julho de 1838 o artigo "Camões e Cervantes. Parallelo historico" da *Revista Litteraria* contrastava o desconhecimento, entre nós, da literatura espanhola com o efectivo consumo da literatura francesa, inglesa e alemã

> Não será para causar admiração a um espirito observador o ver que nas lojas dos nossos livreiros, e na maxima parte das estantes dos nossos litteratos se não encontrão Garcilaso, Lope de Vega, Calderon, Cervantes; ao passo que é familiar a leitura de Corneille e Racine, de Milton e Shakspeare, e mesmo não pouco lidas as producções de Schiller e Goethe?,

já em 1853, aos olhos de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara (1809-1879), a familiarização dos portugueses com a literatura inglesa se afigurava extremamente fraca:

> Somos nós os portuguezes pela maior parte tão alheios ao conhecimento da litteratura ingleza, que não será arriscado afirmar que á maioria dos leitores deve ser novidade o nome de Eduardo Quillinan, e os titulos, por que se faz credor da nossa estimação.

---

[134] *O Cosmorama Literario* inclui no seu n° 10, de 7/3/1840, um artigo sobre esta personagem do ciclo arturiano: "Merlim".

Escrevia então Cunha Rivara sobre "Eduardo Quillinan, e sua traducção ingleza dos Lusiadas de Camões" para *O Panorama*, pretendendo o historiador e ensaísta literário com tal artigo dar a conhecer aos seus compatriotas a vida e a dedicação à literatura portuguesa desse outro lusófilo inglês (nascido no Porto) de que a nossa imprensa periódica pouco falara até à data: Edward Quillinan (1791-1851).[135] Começando por fornecer alguns dados biográficos sobre Quillinan, entre os quais ganham particular relevo as relações deste com o poeta inglês William Wordsworth, que viria, aliás, a tornar-se seu sogro em 1841,[136] o texto de Cunha Rivara, numa segunda parte, passa à apreciação da tradução inglesa de *Os Lusíadas* que Quillinan deixou incompleta e que John Adamson, ele próprio um camonista,[137] publicou postumamente em 1853: *The Lusiad of Luis de Camoens. Books I to V. Translated by Edward Quillinan. With notes by John Adamson.*

Reconhecendo não ter competência para "avaliar o merito de uma versão ingleza de Camões", Cunha Rivara optou por parafrasear para os leitores de *O Panorama* o conteúdo de uma recensão crítica, anónima, sobre a tradução de Quillinan vinda a lume no nº 1330 do periódico inglês *The Athenaeum, Journal of Literature, Science, and The Fine Arts*, datado de 23 de Abril de 1853. Aí se recomenda o trabalho de Quillinan e se faz o elogio dos seus dotes de tradutor, lamentando-se no entanto que não tenha feito uma revisão do texto que o expurgasse de certas falhas nos domínios da dicção e da rima. Acima de tudo, exprime-se a impressão de que tivesse Quillinan vivido mais tempo e "teria dado uns *Lusiadas* inglezes modêlo." Já a opinião do crítico inglês em relação ao editor e anotador da tradução de Quillinan, John Adamson, é bastante desfavorável. O colaborador do *Athenaeum* vê nesta sua iniciativa, essencialmente, propósitos de promoção pessoal: ao publicar uma tradução incompleta e não corrigida, Adamson pretenderia sobretudo dar a saber que era intenção de

---

[135] Sobre este lusófilo inglês consulte-se: Miguel Nuno Mercês de Mello de Alarcão e Silva. 1986. «Edward Quillinan e Portugal». Dissertação de Mestrado em Estudos Anglo-Portugueses apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

[136] Em 1841 Edward Quillinan, então viúvo, casou segunda vez com a filha de Wordsworth, Dora. Devido à saúde débil da esposa, o casal veio a Portugal em busca de um clima ameno em meados da década de 40, e dessa estada resultou um relato de viagem de Dora que veio a ser publicado em 1847, em Londres, com o título: *Journal of a few months' residence in Portugal and glimpses of the South of Spain.* Cunha Rivara, erradamente, atribui estas impressões de viagem a Edward Quillinan: "Poucos annos antes de morrer visitou ainda a sua terra natal de Portugal, e publicou em inglez a descripção d'esta viagem, que é tida pela producção mais delicada e agradavel de sua penna."

[137] Vejam-se: *Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens* (1820); *Sonnets from the Portuguese of Luis de Camoens* (1810); e *Sonnets* (1845).

Quillinan dedicar-lhe o trabalho e ter um pretexto para falar das suas próprias *Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens* e da sua bem fornecida biblioteca camoniana. Admirador de Adamson, que considera "caro aos estudiosos portuguezes" pelo amor que demonstrou nutrir pelas nossas letras e pelo imortal Camões, Cunha Rivara apressa-se a dissociar-se do ponto de vista do articulista inglês, classificando como injustas e demasiado severas as censuras que este dirige ao editor da tradução de *Os Lusíadas* de Quillinan.

Elogios a Quillinan e ao seu conhecimento da língua, literatura e realidade portuguesas perpassam também por um outro artigo que lhe foi consagrado, desta feita no nº 40 da *Revista Litteraria* do Porto. Vindo a lume precisamente uma década antes da publicação do texto de Cunha Rivara, ou seja, em 1843, assinala a edição em Londres, dois anos antes, de *The Conspirators, or The Romance of Military Life*, a primeira tentativa de Quillinan no campo da prosa, curiosamente dedicada a outro admirador de Portugal, Robert Southey. "The Conspirators &ª. Os Conspiradores — Contos Romanticos da vida militar. Por E. Quillinan. 3 Vol. Londres 1841", assim se intitula a recensão crítica vinda a lume na *Revista Litteraria*, destaca a primeira das narrativas que compõem a obra, "The Sisters of the Douro", um romance que se desenrola no tempo da segunda invasão de Portugal pelas tropas napoleónicas e em cujo Capítulo V é traçado um curto panorama da literatura portuguesa que segue de muito perto o autor alemão Friedrich Bouterwek.[138] O articulista chama a atenção para o rigor da informação sobre o nosso país fornecida por esta obra e para a sua utilidade no sentido de difundir junto dos ingleses uma imagem correcta das letras lusas:

> Nas «Irmãs do Douro» encontramos descripções graphicas de scenas Transmontanas, tão vividas quanto fieis; — e costumes, habitos e trajes nacionaes, vistos com os olhos do viajante philosopho e cosmopolita, e reproduzidos em narrativas com todo o effeito do pintor. A retirada de Soult pela escabrosa raia de Salamonde é traçada com uma minuciosidade e conhecimento militar de terreno que em outro Auctor, nacional ou estrangeiro difficultosamente se encontrará. É claro que, mui differente de muitos de seus compatriotas, *soi disant* Litterarios, o Sr. Quillinan vio antes que pretendesse descrever, e entendeu

[138] Friedrich Bouterwek. 1805. "Geschichte der portugiesischen Poesie und Beredsamkeit seit dem Ende des dreizehnten Jahrhunderts". In *Geschichte der neuern Poesie und Beredsamkeit*. Vol. IV. Göttingen. Tradução inglesa, publicada em 1823: *History of Spanish and Portuguese Literature*, translated from the original German by Thomasina Ross. 2 vols. London: Boosey and Sons.

o que vio, e nisto lhe devemos nós favor, que tão extravagantemente descriptos nos achamos nas obras do cursorio viajante, ou no novellista, que de nós outra idêa não formou senão a que lhe suggerio sua mal informada imaginação. Sobre tudo, na phrase de um seu hypercritico, *descobriu* o Sr. Quillinan aos leitores de novellas em Inglaterra, *que Portugal tem uma litteratura* tão fertil quanto proficua; e se o util se mescla em vantagem sua com o agradavel, talvez a mui judicioza e assaz extensa resenha dos Escriptores Portuguezes de mais monta, desde Egas Monis até nossos dias, nas paginas do Sr. Quillinan generalize mais o conhecimento do que fomos e do que somos nas Letras, do que mais eruditos tratados.

Foi longa a citação mas útil, não só por afirmar claramente o mérito da narrativa de Quillinan, mas também por aludir a um tópico que se tornou recorrente nas críticas às obras sobre Portugal escritas por estrangeiros: referimo-nos às inverdades que era costume nelas encontrar e que levavam os nossos articulistas a exprimir com veemência a sua indignação perante tanta mentira e falta de rigor.[139] Em 1845, quando a *Revista Academica* publicou uma apreciação do poema *The Ocean Flower* (1845) do irlandês Terence McMohan Hughes ("The Ocean Flower. Poema por T. M. Hughes — Londres, 1845") — nascido em Dublin entre 1812 e 1818 e falecido, de tuberculose, em Portugal em 1848 ou 1849, depois de ter residido, desde 1844, entre nós, primeiro na Madeira e depois em Lisboa[140] —, teceu igualmente comentários à ignorância de muitos viajantes ingleses, no número dos quais Hughes, porém, não se incluía, na opinião do autor da crítica que assina com as iniciais "A. da S.":

> [...] o Sr. Hughes, a par de muitos conhecimentos da nossa lingua, possue tambem uma vasta leitura de livros portuguezes;

---

[139] R. de Gusmão, colaborador de *O Instituto*, constitui um bom exemplo. Ao denunciar, no número de 1 de Março de 1860, os "Erros de Heinrich Friedrich Link", ou seja, as inexactidões contidas na obra do naturalista alemão Link (1767-1851) sobre Portugal, *Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien und vorzüglich Portugal* (1801-1804), começa logo por afirmar: "De nação nenhuma se têm publicado mais inexactidões e calumnias do que da portugueza; rudes, barbaros, e quasi antropophagos nos têm appellidado a mór parte dos escriptores, que têm falado de nossa terra, que, todavia, mau grado seu, não deixam de louvar por sua amenidade e bondade de clima."

[140] A visão de Portugal do viajante inglês Terence McMohan Hughes encontra-se já estudada: Maria de Lurdes Alexandre Coelho Gomes. 1986. «Terence McMohan Hughes: uma visão da cultura portuguesa». Dissertação de Mestrado em Estudos Anglo-Portugueses apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. A autora analisou não apenas *The Ocean Flower*, mas também o relato de viagem de Hughes sobre o nosso país, vindo a lume dois anos após aquela obra: *An Overland Journey to Lisbon at the Close of 1846; with a Picture of the Actual State of Spain and Portugal* (1847).

condição essencial a quem se propõe escrever uma obra d'estas, mas que muitos dos compatricios do A. que o precederam em tarefa semelhante, nem de longe possuiam; dando-nos por isso cousas improvisadas por observações proprias ou alheas, e transmittindo-nos muitas informações que lhes eram dadas por pessoas ignorantes, pelos criados muitas vezes, e até, não raro, pelos proprios arrieiros que os accompanhavam nas suas philosophicas excursões, os quaes são por certo bem dignos cicerones para tão conscienciosos escriptores.

Tratando-se de um poema descritivo dos encantos da ilha da Madeira, *The Ocean Flower*, como o próprio título completo indica — *The Ocean Flower: a Poem. Preceeded by an Historical and Descriptive Account of the Island of Madeira, a Summary of the Discoveries and Chivalrous History of Portugal, and an Essay on Portuguese History* —, alarga-se ao tratamento de certos episódios e figuras da História de Portugal, nem sempre relacionados com o arquipélago da Madeira, e a um ensaio sobre a literatura portuguesa, sobretudo a da primeira metade do século XIX, ao qual, mais uma vez, se deverá atribuir a importância de ter eventualmente ajudado a divulgar na Grã-Bretanha as nossas produções literárias.

Não deixando de reconhecer a Hughes o mérito de se ter interessado pelos nossos poetas modernos e haver traduzido para a língua inglesa trechos de algumas das suas composições, o articulista da *Revista Academica* discorda no entanto de certas avaliações do viajante irlandês, nomeadamente quando este afirma que Almeida Garrett é, na actualidade, o mais eminente e conspícuo dos escritores portugueses. Na opinião do colaborador do periódico conimbricense, ao fazer justiça a Garrett, Hughes faz ao mesmo tempo injustiça a Castilho e a Herculano, por não ter a noção do real valor destes dois outros vultos das letras lusitanas.

Para além das passagens relativas à história e à literatura portuguesas, *The Ocean Flower* [141] oferece ainda um conjunto de informações geográficas, políticas, económicas, sociais, culturais

---

[141] Conforme notou já Henrique de Campos Ferreira Lima em 1945 em "A Ilha da Madeira e um poeta romântico" (*The Anglo-Portuguese News* 288 (22 de Fevereiro): 5), o título do poema de Terence McMohan Hughes não é original, pois na Madeira publicara-se anos antes um jornal com o mesmo nome: *A Flôr do Oceano*. Ferreira Lima, no entanto, situa o início da publicação desse periódico em 1836, o que não está correcto. De acordo com a indicação fornecida por Silva Pereira em *O Jornalismo Portuguez*, *A Flôr do Oceano*, folha governamental do Funchal, saiu entre 15 de Novembro de 1834 e 22 de Outubro de 1840. No primeiro volume de *Jornais e Revistas Portugueses do Século XIX*, coordenado e organizado por Gina Guedes Rafael e Manuela Santos (1998. Lisboa: Biblioteca Nacional), coloca-se antes a hipótese de esse mesmo jornal ter vindo a público em 1835.

e climatéricas sobre a ilha da Madeira, bem assim como conselhos aos doentes que a ela pudessem rumar em busca de alívio para os seus males pulmonares, o que enquadra esta obra, de certa forma, num género que na Grã-Bretanha tantos livros originou: o do guia de viagem.

Pelo que pudemos concluir a partir da nossa investigação, era frequente as descrições geográficas e de costumes dos mais variados lugares do mundo vindas a lume na imprensa periódica portuguesa de Oitocentos se basearem e remeterem para relatos e guias de viagem de autoria britânica, em consequência, evidentemente, da abundância de bibliografia dessa natureza existente em língua inglesa; já é muito mais raro, porém, encontrar nela recensões críticas a literatura de viagens sobre Portugal saída dos prelos britânicos, se bem que surjam dispersos pelos jornais e revistas, como temos vindo a registar, artigos que referem ingleses que nos visitaram e sobre nós deixaram escritas as suas impressões acerca do país e do povo.

Ao fazer um juízo de tais obras, interessa sobretudo aos articulistas nacionais a veracidade do narrado, como já atrás dissemos: se um Quillinan ou um Hughes merecem aplausos por terem falado com seriedade daquilo que realmente conheciam, já outros viajantes ingleses são alvo de fortes ataques e cortante ironia por falsearem a realidade portuguesa com a sua mentalidade preconceituosa. Um exemplo paradigmático deste tipo de crítica é a recensão que a *Revista Litteraria* publicou em Novembro de 1838 relativa à obra *The tourist in Portugal, illustrated from paintings by James Holland* (1839), com texto de W. H. Harrison: "O Torista em Portugal. Annual Pinturesco Para o anno de 1839. Publicado por Jennings". Se os desenhos merecem do articulista os mais rasgados elogios, já o trabalho de Harrison se lhe afigura uma sucessão de plágios de diferentes autores (Kinsey, Murphy, Duc du Chatelet), consistindo a parte de sua lavra numa "triste encadeação de factos, de historietas, e d'observações mal assentadas, sem nexo nem critica, e recheadas de prejuisos, de preconceitos e até de falsidades." Para comprová-lo escolhe alguns exemplos eloquentes, como o que diz respeito ao tratamento dado no Porto aos comerciantes ingleses:

> Diz elle [Harrison] a paginas 49 = "que os Portuguezes, conforme seu costume de traduzir todos os nomes proprios inglezes, chamavão ao antigo consul Mr. Whitehead Snr. *Cabeça Branca*".
>
> A ninguém espantará a veracidade desta asserção, pois todos sabem que no Porto os commerciantes inglezes são

conhecidos pela versão dos seus nomes, e assim chamamos Snr. Homem d' Areia, Snr. Atrevido, Snr. Casa de Pau etc. etc.

Neste caso, o colaborador da *Revista Litteraria* recorre à ironia para rebater a informação veiculada por Harrison, mas outras vezes o seu tom endurece e faz recair as críticas sobre quem as produziu. Assim, à acusação de que "Portugal is preeminent for the atrocities perpetrated by its rulers", responde dizendo que é pena o autor inglês não ter dado nem uma pequena amostra desses horrores, perguntando logo em seguida "onde iria elle busca-los, se reunidas todas as atrocidades dos nossos antigos monarchas, jámais poderião igualar o que praticou um Ricardo 3°, um Henrique 8° ou uma *bloody* Mary?".

Tão evidente é a falta de conhecimento de Harrison sobre os assuntos de que fala, a julgar pelo frequente recurso à reprodução de descrições e observações de outros viajantes, que o responsável pela recensão é levado mesmo a conjecturar que Harrison não fez mais do que uma viagem imaginária e que todo o tempo esteve metido no gabinete do editor Robert Jennings, rodeado de livros e dos "*conforts* inglezes, e sem expôr a sua bella e delicada pelle a ser lacerada pelas pulgas da Batalha, cujo horror lhe incutirão os seus predecessores".

Mas, mais importante do que os desmentidos que se vão sucedendo ao longo do artigo para repôr a verdade dos factos mencionados por Harrison, é, a nosso ver, o conjunto de reflexões sobre a atitude dos ingleses em viagem pelo estrangeiro que encontramos no início do texto. De forma bastante directa, o articulista dá-nos a imagem-tipo do inglês orgulhosamente arreigado aos seus hábitos e fechado ao contacto com os naturais dos países que visita, características que o tornam, a seu ver, totalmente incapaz de descrever e avaliar, com verdade, terras estranhas:

> De todos os povos da Europa, é a nação ingleza a que tem mais prejuisos nacionaes. Ninguem é mais aferrado aos seus habitos domesticos, e por isso ninguem mais improprio do que um inglez para poder em pouco tempo observar todas as classes da sociedade d'um paiz estranho, e alcançar deste modo o verdadeiro conhecimento dos seus usos e costumes. — O inglez tudo sacrifica ao gôso das suas habituaes commodidades. — Sahe do seu paiz natal e procura só a sociedade dos seus compatriotas; não pode passar sem o seu *roast beef*, sem o seu *black tea*, em uma palavra, sem os seus *conforts*. E assim concentrado, vivendo, por assim dizer, em Inglaterra fora d' Inglaterra, é que se julga apto para escrever

o que sómente poderia obter por pessimos cannaes e informações pouco veridicas. Muito honrosas excepções se encontrão; mas nem por isso deixará este de ser o typo caracteristico da nação Britannica.

Nestas palavras, como noutras que podemos também citar, extraídas da já atrás analisada apreciação crítica do poema de Terence McMohan Hughes que saiu em 1845 na *Revista Academica*,

> É [*The Ocean Flower*] mais uma obra escripta por estrangeiros sobre cousas portuguezas: mas d'esta vez não temos que nos haver com um inglez orgulhoso, que sahe da sua patria de animo feito para escarnecer de tudo quanto vir, e que de tudo zomba porque não acha em cada cathedral um *St. Paul's Cathedral*, em cada rua um *Regent Street*, em cada igreja um *Westminster Abbey*, em cada praça publica um *St. James 'Park*, em cada obra d'arte um *London Tunnel*,

encontramos já aquele mesmo ponto de vista sobre os ingleses que Eça de Queirós anos mais tarde viria a exprimir, com a fina ironia que o caracteriza, numa das crónicas que enviou de Bristol à *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro no início da década de 80, postumamente coligidas nas *Cartas de Inglaterra:*

> Sempre um inglês! Inteiramente inglês, tal qual como saiu da Inglaterra, impermeável às civilizações alheias, atravessando religiões, hábitos, artes culinárias diferentes, sem que se modifique num só ponto, numa só prega, numa só linha o seu protótipo britânico. Hirtos, escarpados, talhados a pique, como as suas costas do mar, aí vão querendo encontrar por toda a parte o que deixaram em Regent Street, e esperando *Pale-Ale* e *roast-beef* no deserto de Petreia; [...] abominando tudo o que não é inglês, e pensando que as outras raças só podem ser felizes possuindo as instituições, os hábitos, as maneiras que os fazem a eles felizes na sua ilha do Norte! [...]
>
> E é isto que os torna detestados. Nunca se fundem, nunca se *desinglesam*. [...] O inglês cai sobre as ideias e as maneiras dos outros, como uma massa de granito na água: e ali fica pesando, com a sua Bíblia, os seus *clubs*, os seus *sports*, os seus prejuízos, a sua etiqueta, o seu egoísmo — fazendo na circulação da vida alheia um incomodativo tropeço. [142]

---

[142] Eça de Queirós. s.d. "Os Ingleses no Egipto". In *Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres*. Fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura. Lisboa: Edição «Livros do Brasil», 155-156.

Estes testemunhos, concordantes na visão estereotipada dos ingleses como um povo totalmente impermeável a influências estrangeiras e convencido da sua superioridade civilizacional, se deixam supor um certo sentimento antibritânico da parte dos colaboradores da imprensa periódica portuguesa de Oitocentos, permitem-nos, por outro lado, realçar que a revolta por eles sentida sempre que viam Portugal maltratado nas páginas dos relatos dos viajantes de além-Mancha não os fez perder a admiração pela vida literária britânica. Como demonstrámos ao longo do presente ensaio, os jornais e revistas do nosso Romantismo dedicaram um espaço considerável à divulgação da literatura da Grã-Bretanha, ficando claro que muitos dos seus responsáveis e colaboradores fizeram leituras inglesas ou chegaram ao conhecimento de autores e obras britânicos por mediação da cultura francesa, tendo procurado difundir, por via da tradução, da nota biobibliográfica ou crítica, aqueles nomes e textos que consideraram interessantes e/ou inovadores, quer dos pontos de vista temático e estilístico, quer dos pontos de vista histórico e moral.

Identificados que estão os principais autores e obras das letras de além-Mancha que foram notícia e objecto de apreciação no *corpus* reunido, falta-nos, para concluir, chamar a atenção para alguns textos literários de autoria portuguesa com referências e intertextualidades que remetem para a Inglaterra e a sua literatura. A relação de alguns deles com a Inglaterra é muito ténue, não passando de um título em inglês, como sucede com o poema "Remember", sobre os enganos do amor, vindo a lume em Março de 1860 no jornal académico conimbricense *Preludios-Litterarios*; ou com um outro, igualmente ligado à temática amorosa nas suas variantes da solidão e da saudade, "Rise, appear", publicado no *Mosaico* em 1865. A única excepção é o poema em sextilhas "The Angel's Whisper. (A proposito de um quadro)" (*O Observador*, 1850), de António Xavier Rodrigues Cordeiro (1819-1896), este sim totalmente justificado pelo facto de se inspirar num quadro sobre a tradição irlandesa com esse mesmo nome.[143] Nada, no corpo das duas primeiras composições poéticas, tem a ver com as Ilhas Britânicas, e também nada aponta para que se

[143] De acordo com tal tradição, se uma criança sorri quando dorme, é porque os anjos estão a falar com ela. Ao descrever poeticamente a cena representada no quadro que o inspirou — enquanto um pobre pescador enfrenta o mar tormentoso para ganhar o sustento da família, na sua cabana a filha de meses dorme e sorri, ladeada por dois anjos que lhe segredam, ao ouvido, como que lhe dizendo que o pai se salvará —, A. X. R. Cordeiro, poeta do Ultra-Romantismo, não resiste a lamentar a triste sorte da Irlanda: "É [o pescador] da Irlanda a malfadada,/ Hoje pobre e desherdada/ Dos seos antigos brazões;/ D'Erin — rainha d'outrora,/ Hoje pobre e não senhora,/ Rica só de tradições."

trate de traduções, afigurando-se-nos que a escolha do título em língua inglesa corresponde a um processo de imitação de títulos correntes na poesia de além-Mancha, ou então resulta de na génese de tais poemas ter estado a influência da leitura de textos ingleses com temas semelhantes, em que tais palavras e expressões apareciam. O facto de algumas destas produções poéticas, como a última que mencionámos, que no caso cita Byron, apresentarem epígrafes de autores britânicos, pode ser significativo.

Efectivamente, as epígrafes extraídas de obras britânicas merecem atenção, tanto por terem sido uma forma de divulgação da literatura da Grã-Bretanha no Romantismo português (sobretudo daqueles autores que na época mais foram lidos, traduzidos e referidos, ou seja, Shakespeare, Byron, Young, Milton e James Macpherson/Ossian), como por constituírem um sinal do conhecimento que os nossos homens de letras possuíam da literatura produzida do outro lado da Mancha. Embora muitas vezes não tenham uma relação evidente com os textos a que estão antepostas, criando-se a sensação de que o seu uso se destina apenas a aparentar erudição, outras percebe-se que foram seleccionadas por evocarem os temas que os autores portugueses tratam nos seus originais. Nesse sentido as epígrafes poderão, pois, indicar fontes inglesas a que os colaboradores dos nossos jornais e revistas foram beber inspiração.

Os poemas «nocturnos» e «fúnebres» que proliferam na literatura portuguesa dos anos 40 e 50 sustentam esta ideia. Apresentando por vezes epígrafes de Young, como por exemplo "Noite de Inverno" de Soror Dolores (pseudónimo de Maria Browne, 1797-1861), publicado em Janeiro de 1851 no jornal portuense *O Nacional*, apontam claramente para a influência que *Night Thoughts* e a chamada *Graveyard School* exerceram nos nossos poetas desse período.[144] No poema "A Noite. No album d'um amigo", assinado por Carlos d' Oliveira, que *O Recreio Popular* incluiu no seu nº 6, de 19 de Julho de 1855, essa influência encontra-se mesmo explicitada em três versos da terceira estrofe — "Quem de Young as noites bellas/ Não tem lido, e ao pensar nellas/ Não lhe bate o coração?!..." —, prática esta que também vimos ser usada por poetas que assumem abertamente a sua dívida para com *Lord* Byron, como o autor anónimo de "Saudades" (*O Escolastico Polytechnico*, 1858) que, a propósito dos versos "E remorsos não hei; fugir dos homens/ Não é aborrece-los.", esclarece em nota:

---

[144] Para além de ser um poema meditativo ao modo de Young, "Noite de Inverno" de Maria Browne apresenta na sua penúltima estrofe referências shakespearianas associadas ao terror e à morte: "Vejo espectro ensanguentado/ Terrificar Machbet/ E nos tumulos Hamleth,/ Fitar o craneo mirrado."

"Imitação de Lord Byron no seu riquissimo (como lhe chama Garrett n'uma nota ao Camoens) poema Child-Harold."

Alexandre de Barreto, num poema que publicou em *O Doze de Agosto* no mês de Fevereiro de 1857, "Dolores", não cita ou imita Byron, mas confessa de uma outra forma tê-lo no pensamento ao exprimir, no início, o desejo de ser inspirado pelo génio do grande poeta romântico inglês:

> Se eu podesse seguir, genio de Byron,
> O teu voo orgulhoso, se podesse,
> Inspirado por ti, precipitar-me
> Nos abysmos mais fundos da miseria
> .....
> A Satanaz pedira uma scentelha
> Desse fogo infernal, que te abrasava,
> Que a vida te cobriu de densas trevas,
> Que o sorriso pungente da ironia
> Te fez aos labios assomer. Tu, genio
> Infernal, ou celeste, homem de gelo,
> Ou coração de fogo, vem, inspira-me
> .....

Por vezes, o que influencia os escritores portugueses não é o tipo de sensibilidade de determinado autor britânico ou o espírito que o animou, mas antes particularidades da sua obra, como uma personagem paradigmática por si criada ou um lugar de acção com um significado especial. O poema dialogado, em quadras, "Confissão de um Louvelace da borda d'agua", publicado por *A Chrysalida* em Maio de 1864 e logo no mês seguinte reeditado pelo *Estrella d'Alva* ("Confissão de um Lovelace") ilustra o primeiro caso. Assinado por uma mulher, D. Clotilde de Miranda, mostra como o nome do cínico sedutor Robert Lovelace do romance *Clarissa* de Samuel Richardson (1689-1761), passou, com o tempo, a ser aplicado ao tipo de homem libertino e sem capacidade de amar. No diálogo que aqui se estabelece entre «Lovelace» e um «Padre», o primeiro confessa ter inúmeros namoros mas um peito de "aço", que o torna imune ao amor. Move-o apenas a busca do prazer e, para isso, a todas engana finjindo "transportes/ Apaixonados". O sacerdote aconselha-o a casar e a dedicar-se a uma só mulher, mas «Lovelace» não se convence pois a alegria do seu viver reside n' "A variedade/ De mil cada anno".[145]

---

[145] O conto "Branca e Josephina", que encontrámos no número de 31 de Maio de 1848 d'*O Correio das Damas*, narra a história de uma rapariga

Já Pinheiro Chagas, numa das suas narrativas de actualidade em que ironiza sobre os lugares-comuns e os ardores do sentimentalismo romântico, associou a varanda da casa em que habita a protagonista, Laura, à célebre varanda imortalizada por Shakespeare na tragédia *Romeo and Juliet* e chamou ao seu romance, precisamente, *A Varanda de Julieta*. Publicado em 1876 num volume que reúne outros romances do autor, esta história de uma "donzella romanesca" que aspira a um amor ideal e poético mas acaba por deixar para trás as suas ilusões e fazer um casamento de conveniência com um prosaico e "bojudo" brasileiro rico, surgiu primeiramente em 1865 na *Revista do Seculo*. Para além da varanda da casa, palco dos sonhos e dos namoros[146] de Laura ("Mas á noite é que a varanda assumia o seu aspecto caracteristico. De dia respirava recato, e guardava zelosamente o aposento de Julieta, á noite inspirava amor e estava como que esperando o vulto de Romeu."), a própria descrição da jovem — que aliás falava inglês na perfeição, por ter tido uma governanta inglesa e residido muito tempo em Inglaterra aquando da sua viagem pela Europa — é feita com recurso a comparações com heroínas shakespearianas:

> O vestido branco, formando caprichosas pregas a sabor da viração, dá-lhe o aspecto de um d'esses formosos vultos de Shakespeare, Ophelia, ou Desdémona, vultos ideaes, cujos dulcissimos nomes são favos de mel poisados nos labios das gerações pelas abelhas do Avon.

A par destes textos que revelam a influência das letras inglesas na produção literária de autoria portuguesa, foram surgindo ainda na imprensa periódica nacional composições em verso sobre a poderosa Inglaterra, ou inspiradas em figuras históricas britânicas, bem assim como contos, novelas, romances e teatro com personagens de nacionalidade britânica, o que comprova que a Grã-Bretanha alimentou o imaginário de muitos dos nossos escritores.

---

portuguesa, Josephina, que foi seduzida por um lorde inglês e depois abandonada, o que a conduziu à miséria, à solidão e a uma morte prematura. Quem sabe se a autora, uma obscura Maria Luísa, não o escreveu influenciada pela leitura de *Clarissa*?

[146] Um dos pretendentes de Laura é Charles, um inglês que se apaixonou por ela por ter os pés pequenos. Percorrera o mundo em busca de uns pés de fada ou de sílfide, e viera encontrá-los na jovem portuguesa: "Oh! miss Laura! saí de Inglaterra, amaldiçoando a minha patria, como lord Byron, porque o que as minhas compatriotas alojam dentro do calçado não são pés, são colonias."

Bibliografia primária (*corpus* coligido):[147]

1836

"O Cemiterio do Père Lachaise", *Bibliotheca Familiar, e Recreativa*. Vol. IV, nº 6, 1836, 276-284 (trad. por H. R.).

"Poesias", *As Tardes de Verão*. Nº 1, 1836, 11-15.

D., "O Marquez de *** ou o pagamento forçado", *O Correio das Damas*. Tomo I, nº 2, 15/1/1836, 11-13.

L. F. M., "Despedida de Julieta a Romeo", *O Correio das Damas*. Tomo I, nº 4, 15/2/1836, 32.

Lord Byron, "Euthanasia", *O Cidadão Philantropo*. Nº 1, Abril de 1836, 29-30 (trad. por D. J. A. [D. João de Azevedo]).

"La Femme. (Traduit de l'Anglais)", *A Abelha/L'Abeille*. Nº 1, Avril 1836, 22-26.

Lord Byron, "A Julia", *O Cidadão Philantropo*. Nº 1, Abril de 1836, 27-29 (trad. por D. J. d' A. [D. João de Azevedo]).

"A Noite do Castello e Os Ciumes do Bardo, poemas seguidos da Confissão de Amelia, pelo Sr. A. F. de Castilho. Lisboa 1836. 1- Vol. — 12°", *Jornal da Sociedade dos Amigos das Letras*. Nº 1, Abril de 1836, 27-28.

"Sonho extravagante, ou cabeça como ha muitas", *O Correio das Damas*. Tomo I, nº 7, 1/4/1836, 55-56 (trad. por P. P.).

B. Thornton, "Carta de hum premiado na Lotaria", *A Minerva*. Nº 1, Maio de 1836, 40-43.

D. P. de N., "Sobre o gosto na Litteratura e nas Artes", *A Minerva*. Nº 1, Maio de 1836, 19-26.

---

[147] Critério adoptado na apresentação bibliográfica: os artigos coligidos que constituem o *corpus* deste trabalho foram arrumados por ordem cronológica, começando pelos que contêm apenas a indicação do ano, seguidos pelos que apresentam a referência ao mês e ao dia. Em caso de coincidência de datas, seguiu-se a ordem alfabética dos títulos. Aos artigos que não apresentam título, foi-lhes atribuído um que indica sucintamente o tema de que tratam, surgindo esses títulos da nossa responsabilidade entre parênteses rectos.A esmagadora maioria dos textos catalogados não possui assinatura. Quando o autor está identificado, indicamo-lo antes do título (embora a ordenação alfabética se faça por este último); todos os outros artigos devem ser entendidos como anónimos. Sempre que o tradutor é referido, o seu nome aparece entre parênteses curvos no final do registo, a não ser que já faça parte do título do próprio artigo. Nos casos em que as iniciais do autor ou do tradutor foram identificadas, apresenta-se entre parênteses rectos a respectiva descodificação.Os textos com gravuras estão identificados com a indicação [ilustrado] no final da entrada.No que diz respeito aos artigos de maior extensão, que foram saindo em números sucessivos de um periódico, mas que não tratam exclusivamente da Grã-Bretanha, indicamos só as páginas com interesse para o nosso trabalho.Mantivemos a ortografia da época, quer nos nomes dos autores, quer nos títulos e indicações de série, tal como procedemos para as citações que apresentámos ao longo do trabalho.

Addisson, "A Visão de Mirza, ou quadro da vida humana", *A Minerva*. Nº 1, Maio de 1836, 9-13.

"L'Homme d' Etat", *A Abelha/L'Abeille*. Nº 5, 28 Mai 1836, 115-132.

Henry Kirke White, "Regresso do Saboyano á Patria", *O Correio das Damas*. Tomo I, nº 11, 1/6/1836, 87 (trad. por M. J.).

"La derniere folie de Tom Bermingham", *A Abelha/L'Abeille*. Nº 7, 11 Juin 1836, 178-184; nº 8, 18 Juin 1836, 200-204.

"Memoires d'un maladroit", *A Abelha/L'Abeille*. Nº 7, 11 Juin 1836, 173-176.

C. Lagrange [Cláudio Lagrange Monteiro de Barbuda], "Novas Publicações Portuguezas. Cintra Pinturesca", *Jornal da Sociedade dos Amigos das Letras*. Nº 4, Julho de 1836, 127.

"O que pode a miseria", *O Recreio*. Tomo II, nº 7, Julho de 1836, 152-154.

"Cicely. Lettre de sir Leyden a son ami Cleveland", *A Abelha/L'Abeille*. Nº 10, 2 Juillet 1836, 239-248.

"Un rendez-vous", *A Abelha/L'Abeille*. Nº 11, 9 Juillet 1836, 268-275.

"Affonso e Isolina, Ballada livremente traduzida do Inglez de Lewis, pelo Senhor Alexandre Herculano de Carvalho", *O Correio das Damas*. Tomo I,15/7/1836, 111-112 (trad. por Alexandre Herculano de Carvalho).

"O Paraizo perdido de Milton, traduzido pelo Sr. Lima Leitão", *O Nacional*. Nº 621, 27/12/1836, 1076-1077.

1837

H. I., "Turn-coat Watt, ou o appostata", *Bibliotheca Familiar, e Recreativa*. Vol. V, nº 9, 1837, 108-110 [ilustrado].

W. S. [Walter Scott], "O Rei das Chammas. (The Fire-King.). Ballada", *O Correio das Damas*. Tomo II, nº 9, 1/5/1837, 66-71.

"Roma. Aspecto geral da cidade — O Tibre — A Porta de S. Paulo — A Pyramide de Cestio", *O Panorama*. Vol. I, nº 6, 10/6/1857, 42-45.

"Sir Walter Scott", *O Nacional*. Nº 874, 10/11/1837, 7079.

"Lord Byron", *O Nacional*. Nº 881, 18/11/1837, 7109.

"O Roubo do Annel de Cabellos, Poema Heroico-Comico composto por Poppe, e tradusido em verso regular portuguez por Antonio Luiz Gentil", *O Ramalhete*. Vol. I, nº 3, 7/12/1837, 22-24; nº 4, 14/12/1837, 30-32; nº 5, 21/12/1837, 38-40; nº 6, 28/12/1837, 46-47; nº 7, 4/1/1838, 54-55 (trad. por Antonio Luis Gentil).

1838

"Alice", *Bibliotheca Familiar, e Recreativa*. Vol. VI, nº 13, 1838, 154-156; nº 14, 1838, 167-168 [ilustrado].

"O Cabrito Montez, ou O Rendeiro Inglez. Drama dividido em 3 actos por M. M. Leon H.*** e Jaime", *Archivo Theatral*. Tomo I (1838 (?)), 111-130.

Walter Scott, "Historia Geral da Arte Dramatica", *Archivo Theatral*. Tomo I (1838 (?)), V-LVI.

Byron, "A Julia", *Bibliotheca Familiar, e Recreativa*. Vol. VI, nº 16, 1838, 191 (trad. por D. J. d' A. [D. João de Azevedo]).

"Quintino Durward por Sir Walter Scott", *Bibliotheca Familiar, e Recreativa*. Vol. VI, nº 17, 1838, 204.

Alexandre Dumas, "Ricardo Darlington, drama em 3 actos, precedido de um prologo, e dividido em 8 quadros, por Alexandre Dumas", *Archivo Theatral*. Tomo I (1838 (?)), 63-110.

"A joven aldeana", *O Panorama*. Vol. II, nº 41, 10/2/1838, 47.

"Poesia Didascalica", *O Nacional*. Nº 946, 10/2/1838, 7463.

"Poesia Heroi-comica", *O Nacional*. Nº 957, 23/2/1838, 7507.

"Milord Stair", *O Passatempo*. Vol. II, nº 5, 15/3/1838, 51-55.

"Poesia Anacreontica", *O Nacional*. Nº 989, 6/4/1838, 7632.

"Novellas de cavallaria portuguezas. I. Amadis de Gaula", *O Panorama*. Vol. II, nº 51, 21/4/1838, 123-124.

"Ivanhoé. Novella de Sir Walter Scott, traduzida pelo Sr. A. J. Ramalho e Sousa", *O Correio das Damas*. Tomo III, nº 4, 25/4/1838, 30-32.

"Drama Romantico", *O Nacional*. Nº 1004, 27/4/1838, 7686.

"Ivanhoe traduzido em vulgar", *O Panorama*. Vol. II, nº 52, 28/4/1838, 134.

"Indiscripção e Probidade", *O Passatempo*. Vol. II, nº 8, 30 de Abril de 1838, 89-90.

"Os Sonetos", *O Nacional*. Nº 1010, 4/5/1838, 7710.

"Despedida de Buonaparte á França, quando foi desterrado para Santa Helena — tradução do Inglez", *O Mercurio*. Nº 1, 7/5/1838, 6-7 (trad. por J. B. da R. [João Bernardo da Rocha Loureiro]).

"O Abenaki", *O Ramalhete*. Vol. I, nº 20, 10/5/1838, 154-155.

"Apologo", *O Nacional*. Nº 1016, 11/5/1838, 7734.

"Uma caçada de elephantes nos arredores do Cabo de Boa-Esperança. (Fragmento)", *O Panorama*. Vol. II, nº 56, 26/5/1838, 166-167; nº 57, 2/6/1838, 173-174.

"Singulares effeitos do ar corrupto nos aposentos", *O Panorama*. Vol. II, nº 57, 2/6/1838, 174.

"A torre maravilhosa", *O Panorama*. Vol. II, nº 57, 2/6/1838, 175-176.

L. J., "Ricardo Dudley", *O Ramalhete*. Vol. I, nº 23, 15/6/1838, 179-181.

"Facto mais extraordinario do que uma ficção", *O Panorama*. Vol. II, nº 60, 23/6/1838, 198-199.

J. X., "O Prizioneiro de Chillon", *O Ramalhete*. Vol. I, nº 24, 28/6/1838, 185-187.

"A Fidelidade Mal Recompensada", *O Passatempo*. Vol. II, nº 12, 30/6/1838, 135-137.

Lewis, "A Noiva do Sepulchro: Xacara", *O Panorama*. Vol. II, nº 61, 30/6/1838, 203-206 (trad. por Alexandre Herculano).

"A Epopeia", *O Nacional*. Nº 1055, 3/7/1838, p. 7970.

"O Camoes do Snr. Garret", *Revista Litteraria*. Vol. I, 15/7/1838, 12-20.

"Camões e Cervantes. Parallelo historico", *Revista Litteraria*. Vol. I, 31/7/1838, 121-126.

"Cintra", *O Passatempo*. Vol. III, nº 2, 31/7/1838, 13-15.

"A Julia. (Lord Byron.) — Traduzido do Francez por J. d' A", *O Ramalhete*. Vol. I, nº 29, 2/8/1838, 232.

"A gratidão", *O Recreativo*. Nº 27, 3/8/1838, 213-216.

"O Mestre Assassinado. Chronica dos Templarios. 1320", *O Panorama*. Vol. II, nº 67, 11/8/1838, 255-256; nº 68, 18/8/1838, 262-263; nº 69, 25/8/1838, 271-272; nº 71, 8/9/1838, 286-287; nº 72, 15/9/1838, 295; nº 73, 22/9/1838, 303-304.

"O Tumulo", *Archivo Portuguez*. Nº 1, 11/8/1838, 6-7.

Visconde Walsh, "O Bahu", *O Ramalhete*. Vol. I, nº 31, 16/8/1838, 242-243.

J., "O amante da rainha", *O Nacional*. Nº 1098, 24/8/1838, 9146.

Lewis, "Affonso e Izolina, Ballada livremente traduzida do Inglez de Lenvcia [sic] pelo Sñr. Alexandre Herculano de Carvalho", *O Passatempo*. Vol. III, nº 4, 31/8/1838, 46-47.

"Aviso aos maridos", *O Nacional*. Nº 1110, 7/9/1838, 9194.

"Os dois irmãos", *O Beija-Flor*. 1º Vol., nº 5, 12/9/1838, 36-38; nº 6, 19/9/1838, 45-47; nº 7, 26/9/1838, 53-54.

"Butler", *O Nacional*. Nº 1115, 14/9/1838, 9632.

A. F. M., "Acção heroica de uma Amante", *Archivo Portuguez*. Nº 6, 15/9/1838, 46-47.

"Joseph Addisson", *O Nacional*. Nº 1119, 19/9/1838, 9648.

"Parnell", *O Nacional*. Nº 1120, 20/9/1838, 9642.

"O encontro singular", *O Correio das Damas*. Tomo III, nº 9, 25/9/1838, 69-71.

"Uma viagem a Saumur", *O Beija-Flor*. 1º Vol., nº 7, 26/9/1838, 49-53 [ilustrado].

"Waller", *O Nacional*. Nº 1132, 4/10/1838, 9691.

"Prior", *O Nacional*. Nº 1135, 8/10/1838, 9702.

"Paleographia. Dos livros e manuscritos, antes e depois da imprensa", *Revista Litteraria*. Vol. I, 15/10/1838, 377-392.

"Gay", *O Nacional*. Nº 1148, 23/10/1838, 9756.

"Rasgo de amizade fraternal", *O Passatempo*. Vol. III, nº 8, 1/11/1838, 95-96.

"Savage", *O Nacional*. Nº 1156, 2/11/1838, 9788.

"A Choupana India", *Archivo Portuguez*. Nº 13, 3/11/1838, 97-99.

"Variedades", *O Viajante*. Nº 5, 10/11/1838, 17-18.

"Lance de generosidade d'um Indio", *O Beija-Flor*. 1º Vol., nº 14, 14/11/1838, 109-110.

"O Torista em Portugal. Annual Pinturesco Para o anno de 1839. Publicado por Jennings", *Revista Litteraria*. Vol. II, 15/11/1838, 84-88.

"Betty", *O Beija-Flor*. 1º Vol., nº 15, 21/11/1838, 118.

"Historia ingleza. Os fataes effeitos de uma precipitação", *O Beija-Flor*. 1º Vol., nº 15, 21/11/1838, 113-116 [ilustrado].

"Ode. Aos annos de Jorge 3º. Rei da Grã Bretanha", *O Beija-Flor*. 1º Vol., nº 15, 21/11/1838, 119-120.

"Rocheford e Surrey", *O Nacional*. Nº 1182, 3/12/1838, 9892.

"Seymour e Harley. Historia Ingleza", *O Beija-Flor*. 1º Vol., nº 19, 19/12/1838, 145-149; nº 20, 26/12/1838, 153-157 [ilustrado].

[*Lady* Blessington], "O Divorcio", *O Correio das Damas*. Tomo III, nº 12, 25/12/1838, 92-95.

1839

"A armadura dos Condes de Rottrick", *O Mosaico*. Vol. I, nº 39, 1839, 305-310 (trad. por Padre A. Marques da Silva) [ilustrado].

"Dialogo. Mercurio, um duellista inglez, e um selvagem da America septentrional", *O Mosaico*. Vol. I, nº 21, 1839, 165-166.

Lord Byron,"Euthanasia", *Bibliotheca Familiar, e Recreativa*. Vol. VII, nº 16, 1839, 189 (trad. por D. J. A. [D. João de Azevedo]).

"Grizel Cockrane", *O Mosaico*. Vol. I, nº 35, 1839, 273-275 [ilustrado].

"A Guerra", *O Mosaico*. Vol. I, nº 27, 1839, 213-214.

"O Malvado", *O Mosaico*. Vol. I, nº 32, 1839, 249-253 [ilustrado].

"Yolande de Rocmartine", *O Mosaico*. Vol. I, nº 42, 1839, 329-335.

"Obras de J. B. de Almeida Garrett. 18 vol. com um retrato do auctor", *Universo Pittoresco*. Vol. I (1839-1840), 111-112.

"O Piano", *O Mosaico*. Vol. I, nº 1, 14/1/1839, 5-6.

"O amor britannico", *O Nacional*. Nº 1215, 15/1/1839, 10022.

Lady Blessington, "O Remorso. (Um fragmento por Lady Blessington.)", *O Beija-Flor*. 2º Vol., nº 23, 16/1/1839, 177-178 [ilustrado].

"Da Novella", *Revista Litteraria*. Vol. II, Tomo III, Fevereiro de 1839, 341-344.

"Litteratura portugueza", *O Mosaico*. Vol. I, nº 5, 11/2/1839, 38-39.

[Alexandre Herculano], "A Abobada. Chronica Monastica. (1401)", *O Panorama*. Vol. III, nº 98, 16/3/1839, 85-88; nº 99, 23/3/1839, 94-96; nº 100, 30/3/1839, 100-104; nº 101, 6/4/1839, 109-112; nº 102, 13/4/1839, 117-120.

"A cruz de ouro", *O Mosaico*. Vol. I, nº 10, 8/4/1839, 77-79; nº 11, 15/4/1839, 84-85; nº 12, 22/4/1839, 91-93; nº 13, 29/4/1839, 101-103; nº 14, 6/5/1839, 112; nº 15, 13/5/1839, 114-116.

"Quintino Durward. — Novella de Walter Scott traduzida pelo Sr. A. J. Ramalho e Sousa. Lisboa 1838 — 9 — 4 Vol. — 8º — Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos uteis./ A mesma obra — traduzido pelo Dr. C. L. Moura. París 1838 — 4 Vol. — 12º — Livraria d'Aillaud", *O Panorama*. Vol. III, nº 103, 20/4/1839, 128.

T. S., "O Destino", *O Correio das Damas*. Tomo III, nº 16, 25/4/1839, 123-127.

"Quintino Durward, novella de Walter Scott, traduzida do inglez pelo Snr. A. J. Ramalho e Sousa. Lisboa 1838-39. A mesma Obra estragada do francez pelo Snr. C. Lopes de Moura. París, 1838", *O Correio das Damas*. Tomo III, nº 16, 25/4/1839, 127-128.

"Quintino Durward, Novella de Sir Walter Scott, traduzida do inglez pelo Sr. A. J. Ramalho e Sousa", *O Recreio*. Tomo V, nº 5, Maio de 1839, 111.

"George Drikson", *O Nacional*. Nº 1303, 7/5/1839, 10251-10253; nº 1304, 8/5/1839, 10255-10256.

Mistress Marryett, "Aventuras e Infortunios de Francisco Burgett", *O Ramalhete*. Vol. II, nº 69, 16/5/1839, 145-148; nº 70, 23/5/1839, 153-155; nº 71, 31/5/1839, 161-164; nº 72, 6/6/1839, 169-172; nº 73, 12/6/1839, 177-178 (trad. por J. X.) [ilustrado].

"As obras do Senhor J. B. d' Almeida Garrett", *O Mosaico*. Vol. I, nº 16, 20/5/1839, 124.

"O ciume de uma Ingleza", *O Nacional*. Nº 1321, 31/5/1839, 10423-10424.

"Cintra", *O Mosaico*. Vol. I, nº 19, 10/6/1839, 145-146 [ilustrado].

Thomson, "Hymno de Tompson, dedicado ao Todo Poderoso", *O Ramalhete*. Vol. II, nº 73, 12/6/1839, 178-180 (trad. por Francisco de Almeida Montenegro).

"Obras de J. B. d' Almeida Garrett — 18 volumes: Prospecto", *O Panorama*. Vol. III, nº 112, 22/6/1839, 199-200.

"O Cerco de Corintho", *O Elenco*. Nº 4, 1/7/1839, 14-15.

Byron, "Escuridão. (Tradução verso a verso.)", *O Ramalhete*. Vol. II, nº 77, 11/7/1839, 215-216 (trad. por J. B. J. T. G. V.).

"A Abadia de Westminster. Os tres fundadores. Romance", *O Nacional*. Nº 1367, 30/7/1839, 10609-10611.

"Romeo e Julietta. 1303", *O Nacional*. N° 1372, 5/8/1839, 10629-10631; n° 1373, 6/8/1839, 10633-10635.

"Romeo e Julietta", *A Vedeta da Liberdade*. N° 187, 22/8/1839, s.n.; n° 188, 23/8/1839, s.n.; n° 189, 24/8/1839, s.n.; e n° 190, 26/8/1839, s.n..

"Ultima loucura de Tom Bermingham", *O Romancista*. N° VII, 31/8/1839, 104-109; n° VIII, 14/9/1839, 113-118; n° IX, 28/9/1839, 133-138.

"O Ciume de uma Ingleza", *A Vedeta da Liberdade*. N° 207, 14/9/1839, s.n.; n° 208, 16/9/1839, s.n..

"O Convite", *O Nacional*. N° 1407, 16/9/1839, 10769-10770.

"Poema. Em Dous Cantos. Dedicado á patria, e á Gra-Bretanha, com especialidade a Lord Brougham", *O Nacional*. N° 1413, 23/9/1839, 10791-10792.

"Denham", *O Nacional*. N° 1418, 28/9/1839, 10812.

"Somurville", *O Nacional*. N° 1420, 1/10/1839, 10820.

"O Lord das Ilhas", *A Vedeta da Liberdade*. N° 231, 12/10/1839, s.n..

"O solitario do oceano", *O Ramalhete*. Vol. II, n° 93, 31/10/1839, 339-343.

"A Cabana", *O Nacional*. N° 1447, 2/11/1839, 10927-10929.

"Um Torto e uma coxa", *O Nacional*. N° 1462, 20/11/1839, 10887-10889.

"Sarah Curran", *O Nacional*. N° 1475, 5/12/1839, 10941-10942.

"A Cabana", *A Vedeta da Liberdade*. N° 290, 21/12/1839, s.n.; n° 291, 23/12/1839, s.n..

F.X., "Margarida Miller, ou A Victima da Traição", *O Romancista*. N° XV, 21/12/1839, 229-235.

"Um amor na Escocia", *O Nacional*. N° 1494, 30/12/1839, 11011-11012; n° 1495, 31/12/1839, 11015-11016.

1840

S. L., "Um passeio de liteira", *Revista Litteraria*. Tomo VI, n° 31, 1840, 65-77.

A. H. [Alexandre Herculano], "Novellas de cavallaria portuguezas. Novellas do seculo 15°. III", *O Panorama*. Vol. IV, n° 140, 4/1/1840, 6-8.

José Maria da Costa e Silva, "Ode Pindarica, ao Infante D. Henrique", *O Ramalhete*. 2ª serie. Vol. III, n° 101, 9/1/1840, 6-8.

"Magdalena, anecdota romana, de Lady Blessington", *O Correio das Damas*. Tomo IV, n° 1, 25/1/1840, 7-8; n° 2, 25/2/1840, 9-11 (trad. por R. B.).

"Fragmento inedito achado entre os papeis de Lord Byron", *O Recreio*. N° 2, Fevereiro de 1840, 27-29.

"O Convite", *A Vedeta da Liberdade*. N° 29, 5/2/1840, 1; n° 30, 6/2/1840, 1; n° 31, 7/2/1840, 1.

Walter Scott [Citação de Quintino], *O Panorama*. Vol. IV, n° 147, 22/2/1840, 64.

"A Semana de Tres Domingos", *O Ramalhete*. 2ª Serie. Vol. III, nº 108, 27/2/1840, 59-63.

"A Poesia Campesina", *O Cosmorama Litterario*. Nº 9, 29/2/1840, 65-67.

"A Abadia de Westminster. Os tres fundadores. Romance", *A Vedeta da Liberdade*. Nº 52, 3/3/1840, 1; nº 53, 4/3/1840, 1; nº 54, 5/3/1840, 1; nº 55, 6/3/1840, 1.

"Merlim", *O Cosmorama Literario*. Nº 10, 7/3/1840, 74-76.

"Maria Bradstone", *O Nacional*. Nº 1562, 24/3/1840, 11273-11274.

Francisco Antonio Martins Bastos, "Traducção do poema de Milton pelo Sr. Dr. Lima Leitão", *O Ramalhete*. 2ª Serie. Vol. III, nº 115, 18/4/1840, 115-117.

"O Contrabandista", *O Periodico dos Pobres*. Nº 95, 23/4/1840, 379-380; nº 96, 24/4/1840, 383-384; nº 98, 27/4/1840, 390-391; nº 99, 28/4/1840, 395-396.

"O Alferes", *O Ramalhete*. 2ª Serie. Vol. III, nº 117, 30/4/1840, 130-133; nº 118, 7/5/1840, 139-142.

O., "As orphãs de Margate. Annos de 1791-97", *O Mosaico*. Vol. II, nº 62, 11/5/1840, 146-148.

"Origem da civilisação moderna e renascimento das letras", *O Cosmorama Litterario*. Nº 20, 16/5/1840, 154-156.

"Á Morte d'uma Gatinha Linda Affogada n'um Tanque de Peixes. Ode de Gray", *O Ramalhete*. 2ª Serie. Vol. III, nº 120, 21/5/1840, 159 (trad. por P. A. P.).

"Dois mezes de cazamento", *O Nacional*. Nº 1621, 6/6/1840, 11683-11684; nº 1622, 9/6/1840, 11687-11688; nº 1623, 10/6/1840, 11691-11692.

"Litteratura grega e romana", *O Cosmorama Litterario*. Nº 23, 6/6/1840, 178-179.

T. de C., "O Paraiso Perdido, poema de Milton, Traduzido em verso portuguez pelo Sr. Doutor Antonio José de Lima Leitão", *O Cosmorama Litterario*. Nº 25, 20/6/1840, 197-199.

"Falla de Satanaz, a primeira vez que contemplou o Universo novamente creado: extrahido de Milton no 4º canto do Paraizo Perdido (trad. por Sr. Dr. A. J. de Lima Leitão)", *O Mosaico*. Vol. II, nº 68, 22/6/1840, 199-200.

"A armadura dos Condes Rottrick", *O Joven Naturalista*. Nº 16, 1/7/1840, 122-124.

"Milord Shirley", *Archivo Popular*. Vol. IV (1840), nº 29, 18/7/1840, 230-232; nº 30, 25/7/1840, 238-239.

Henrique Roberto Rodrigues, "Canção. Versão Livre do Inglez", *Chronica Litteraria da Nova Academia Dramatica*. Nº 19, 25/7/1840, 297-298.

"Les trois soeurs", *A Abelha/L'Abeille*. Nº 1, 3 Octobre 1840, 1-13.

"Genios Portuguezes. Antonio Diniz da Cruz e Silva. — Poeta", *O Ramalhete*. 2ª Serie. Vol. III, nº 144, 5/11/1840, 348-352.

F. X., "William de Cloudeslie e sua familia na floresta d' Englewood. Antiga Ballada", *O Ramalhete*. 2ª Serie. Vol. III, nº 144, 5/11/1840, 345-347 [ilustrado].

"La chambre aux portraits", *A Abelha/L'Abeille*. Nº 6, 15 Novembre 1840, 149-162.

R. T., "Souvenirs et Impressions de Voyages. Le col d' Anterne", *A Abelha/L'Abeille*. Nº 7, 1 Décembre 1840, 213-228.

"Carlota e Maria", *Archivo Popular*. Vol. IV (1840), nº 49, 5/12/1840, 386-387; nº 50, 12/12/1840, 394-395; nº 51, 19/12/1840, 406-407.

"O cavalleiro e o peão. Anno de 1328", *O Panorama*. Vol. IV, nº 190, 19/12/1840, 404-406.

J. Evangelista, "Ode. Recitada pelo insigne Poeta J. Evangelista no dia 13 de Junho de 1814", *O Ramalhete*. 2ª Serie. Vol. III, nº 151, 24/12/1840, 409-410.

1841

"Henrique Sunderland, ou o radical vendido aos torys", *Bibliotheca Familiar, e Recreativa*. Vol. VIII, nº 9, 1841, 97-101.

"Macbeth", *O Mosaico*. Vol. III, nº 103, 1841, 129-132 (trad. por J. M. da Silva Leal) [ilustrado].

"A Saudade. De Byron", *Chronica Litteraria da Nova Academia Dramatica*. Nº 43, 1841, 256 (trad. por H. R. Rodrigues [Henrique Roberto Rodrigues]).

"A Armadura dos Condes Rottricks", *Universo Pittoresco*. Vol. II (1841-1842), 149-156.

"Evelina ou O Amor Filial", *Universo Pittoresco*. Vol. II (1841-1842), 119-123; 141-143.

J. P. Pereira, "O Prazer e a Dor, fabula imitada do inglez", *Universo Pittoresco*. Vol. II (1841-1842), 207.

"Le marin à terre", *A Abelha/L'Abeille*. Nº 10, 15 Janvier 1841, 405-418.

"Poesia das quatro nações, italiana, hespanhola, franceza e ingleza", *O Recreio*. Nº 2, Fevereiro de 1841, 38.

"O negociante de Bristol", *O Periodico dos Pobres*. Nº 29, 3/2/1841, 115-116; nº 30, 4/2/1841, 120.

"O Pastor das Montanhas da Escocia", *O Ramalhete*. 2ª Serie. Vol. IV, nº 156, 4/2/1841, 33-34 (trad. por F. X.) [ilustrado].

"As preoccupações", *O Nacional*. Nº 1732, 27/2/1841, 12163-12165.

"O Pescador e o Banqueiro", *O Nacional*. Nº 1744, 13/3/1841, 12209-12211; nº 1745, 15/3/1841, 12213-12215; nº 1746, 16/3/1841, 12217-12219.

"A familia do Soldado", *O Periodico dos Pobres*. Nº 82, 7/4/1841, 327-328.

"Maria Bradstone", *O Nacional*. Nº 1773, 22/4/1841, 12327-12328.

"A união fatal", *Archivo Popular*. Vol. V (1841), nº 18, 1/5/1841, 138-140; nº 19, 8/5/1841, 150-152.

"Vingança de um marido", *O Nacional*. Nº 1781, 1/5/1841, 12359-12361; nº 1782, 3/5/1841, 12363-12364.

"O Contrabandista", *O Nacional*. Nº 1783, 4/5/1841, 12367-12369; nº 1784, 5/5/1841, 12371-12373.

"O castello de Chillon", *O Panorama*. Vol. V, nº 212, 22/5/1841, 161-162 [ilustrado].

Mrs. Baillie, "Cantico d'um menino de mama a sua mãi. Traduzido do Atlas, Periodico Semanal, publicado em Londres, 10 d' Abril de 1841", *O Ramalhete*. 2ª Serie. Vol. IV, nº 173, 3/6/1841, 176 (trad. por P. A. P.).

"O Quaker e o Ladrão", *O Recreio*. Nº 7, Julho de 1841, 139-143.

Lord Byron, "Euthanasia", *O Ramalhete*. 2ª Serie. Vol. IV, nº 177, 1/7/1841, 208 (trad. por D. J. A. [D. João de Azevedo]).

"A louca de South-Stack", *Archivo Popular*. Vol. V (1841), nº 27, 3/7/1841, 210-211; nº 28, 10/7/1841, 223-224.

Méry, "Bonheur d'un millionnaire", *A Abelha/L'Abeille*. Vol. III, nº 25, 1er Septembre 1841, 561-582.

P. da S., "Niel Klim. Ante o rei das arvores", *O Ramalhete*. 2ª Serie. Vol. IV, nº 189, 23/9/1841, 297-298.

"Sára Mawbray, ou A Actriz", *O Correio das Damas*. Tomo IV, nº 21, 25/9/1841, 162-168.

A. F. de C. [António Feliciano de Castilho], "Monumento a Walter Scott. Edimburgo. Traducções portuguezas de varias obras d'este author", *Revista Universal Lisbonense*. Tomo I (1842), nº 2, 7/10/1841, 22-23.

[*Jack Sheppard*, de Mr. Ainsworth], *O Panorama*. Vol. V, nº 233, 16/10/1841, 329-330.

"Watter Many, ou O Tumulo de seu Pai", *O Ramalhete*. 2ª Serie. Vol. III, nº 142, 22/10/1841, 331-332 (trad. por J. P. de Campos Junior).

"A Noute Derradeira", *O Correio das Damas*. Tomo IV, nº 22, 25/10/1841, 173-175.

"O Macrobita", *O Panorama*. Vol. V, nº 235, 30/10/1841, 349-351; nº 236, 6/11/1841, 354-356; nº 237, 13/11/1841, 362-364; nº 238, 20/11/1841, 371-373; nº 239, 27/11/1841, 381-383.

"Elegia de Gray, Composta no adro da Igreja de uma Aldêa, traduzida do Inglez pelo Exmº Conde da Barca, Antonio de Araujo d'Azevedo", *O Ramalhete*. 2ª Serie. Vol. IV, nº 196, 11/11/1841, 359-360.

"Hum matrimonio funesto. Historia verdadeira", *Archivo Popular*. Vol. V (1841), nº 47, 20/11/1841, 370-371; nº 48, 27/11/1841, 378-380.

"A Virgem de Toro. Ballada de Walter Scott", *O Correio das Damas*. Tomo IV, nº 23, 25/11/1841, 183-184 (trad. por I. P. de M. S. [Inácio Pizarro de Morais Sarmento]).

A. G. [Almeida Garrett], "Poesia Nacional", *Revista Universal Lisbonense*. Tomo I (1842), nº 11, 9/12/1841, 128-129; nº 1, 2ª serie, 6/1/1842, 8-9.

"Um Matrimonio desgraçado", *O Nacional*. Nº 1971, 20/12/1841, 13191-13193; nº 1972, 21/12/1841, 13195-13197.

1842

J. S. R. [José Silvestre Ribeiro], "Fragmentos da Poesia Americana, e Ingleza", *Museu Pittoresco*. Vol. II (1842), nº 20, 27-28.

I., "Origem da poesia", *Bibliotheca Familiar, e Recreativa*. Segunda Serie. Vol. I (1842), nº 4, 46-47.

Berthoud, "La prima donna", *Bibliotheca Familiar, e Recreativa*. Segunda Serie. Vol. I (1842), nº 27, 317-318.

"A virtude recompensada", *Bibliotheca Familiar, e Recreativa*. Segunda Serie. Vol. I (1842), nº 8, 94-98.

"Carlota e Maria", *O Nacional*. Nº 2003, 31/1/1842, 13311-13312; nº 2004, 1/2/1842, 13315-13316; nº 2005, 3/2/1842, 13319-13320; nº 2006, 4/2/1842, 13323-13324.

"A perna de pás", *O Periodico dos Pobres*. Nº 40, 17/2/1842, 160; nº 41, 18/2/1842, 163-164.

"Costumes irlandezes. Batalha dos dois enterros", *O Periodico dos Pobres*. Nº 43, 21/2/1842, 170-171; nº 44, 22/2/1842, 175-176.

"O profeta", *o Periodico dos Pobres*. Nº 53, 3/3/1842, 211-212; nº 54, 5/3/1842, 215-216.

"As Duas Emilias", *O Beija-Flor*. 2ª serie. Vol. 1º, nº 1, 13/4/1842, 2-5.

"Lilia de Borthwick", *O Beija-Flor*. 2ª serie. Vol. 1º, nº 2, 20/4/1842, 10-14.

F. A., "O Urso-Ventriloquo, Caricatura Ingleza", *O Beija-Flor*. 2ª serie. Vol. 1º, nº 2, 20/4/1842, 9-10.

J. M. da Silva Leal Junior, "Kenilworth. (traducção do Sr. Ramalho.)", *Revista Universal Lisbonense*. Tomo I (1842), nº 29, 5º da 3ª serie, 21/4/1842, 346.

J. M. da Silva Leal Junior, "Uma lenda de Montrose. Romance de Sir Walter Scott (versão do Sr. M. A. da Silva.)", *Revista Universal Lisbonense*. Tomo I (1842), nº 29, 5º da 3ª serie, 21/4/1842, 344-345.

"Kenilworth. — Novella de Walter Scott, traduzida pelo Sr. A. J. Ramalho e Sousa. 4 Vol. 8º. Lisboa. 1841-1842. Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis", *O Panorama*. 2ª Serie. Vol. I, nº 17, 23/4/1842, 136.

"O Finado Suposto", *O Correio das Damas*. Tomo V, nº 4, 25/4/1842, 27-29.

J. S. M., "Kenilworth. Novella de Sir W. Scott, traduzida pelo Sr. A. J. Ramalho e Sousa", *O Correio das Damas*. Tomo V, nº 4, 25/4/1842, 29-30.

"La Dame du Lac, poème en six chants par Sir Walter Scott, et traduit de l'original, en portugais, par la Societé des Amis des Lettres", *A Abelha/ L'Abeille*. Vol. V, nº 43, 1 Juin 1842, 240.

"Lady Helena Talbot", *Archivo Popular*. Vol. VI (1842), nº 23, 4/6/1842, 179-180; nº 24, 11/6/1842, 186-187; nº 25, 18/6/1842, 198-200; nº 26, 25/6/1842, 203-204.

"A experiencia", *O Periodico dos Pobres*. Nº 136, 13/6/1842, 542-543; nº 137, 14/6/1842, 547-548; nº 138, 15/6/1842, 551-552.

Marie Aycard, "Le joueur d'échecs", *A Abelha/L'Abeille*. Vol. V, nº 44, 15 Juin 1842, 277-282.

"A dama do lago", *O Beija-Flor*. 2ª série. Vol. 1º, nº 11, 24/6/1842, 88.

"Complainte de Marie Stuart composée par elle même", *O Correio das Damas*. Tomo V, nº 6, 25/6/1842, 47 (trad. por Mr. De Florian).

[Críticas de Chaucer às ordens monásticas], *Archivo Popular*. Vol. VI (1842), nº 28, 9/7/1842, 217 [ilustrado].

"Guilherme de Cloudeslie", *Archivo Popular*. Vol. VI (1842), nº 35, 27/8/1842, 273-275 [ilustrado].

"Propria censura", *O Ramalhete*. 3ª Serie. Vol. V, nº 240, 29/9/1842, 298-300; nº 241, 6/10/1842, 306-308; nº 242, 13/10/1842, 316-317; nº 243, 20/10/1842, 324-325; nº 244, 27/10/1842, 332-333; nº 245, 3/11/1842, 340; nº 246, 10/11/1842, 346-347; nº 247, 17/11/1842, 357-358; nº 248, 24/11/1842, 364-365; nº 249, 1/12/1842, 370-371; nº 250, 9/12/1842, 378-381.

"Historia. Do progresso e decadencia da litteratura latina, desde a sua origem até ao anno de 1842", *O Ramalhete*. 3ª Serie. Vol. V, nº 244, 27/10/1842, 334-335; nº 247, 17/11/1842, 359-360; nº 248, 24/11/1842, 367-368; nº 249, 1/12/1842, 374-375; nº 250, 9/12/1842, 383-384.

1843

"The Conspirators &ª. Os Conspiradores — Contos Romanticos da vida militar. Por E. Quillinan. 3 Vol. Londres 1841", *Revista Litteraria*. Vol. VII, nº 40, 1843, 380-383.

J. M. da Silva Leal, "Anna de Geierstein ou a Donzella do Nevoeiro. — Novella de Walter Scott, traduzida por A. J. Ramalho e Sousa — Lisboa, 1843, na typographia da sociedade propagadora dos conhecimentos uteis", *Universo Pittoresco*. Vol. III (1843-1844), 254-256.

Mendes Leal Júnior, "Shakespeare. (Influencia da poesia e da litteratura — suas relaçoens com a sociedade)", *Universo Pittoresco*. Vol. III (1843-1844), 52-54; 70-72; 98-99 [ilustrado].

"Sir Cauline", *Archivo Popular*. Vol. VII (1843), nº 3, 21/1/1843, 17-18 [ilustrado].

"Dous conselhos de amigo. Novella irlandeza", *O Correio das Damas*. Tomo V, nº 13, 25/1/1843, 97-101; nº 14, 25/2/1843, 105-110.

C., "Lopo da Vega e suas obras", *A Fama*. Nº 6, 12/2/1843, 44 — 45.

[Cantiga da colecção de Percy], *Archivo Popular*. Vol. VII (1843), nº 7, 18/2/1843, 49-50 [ilustrado].

"Poetisa portugueza", *Revista Universal Lisbonense*. Tomo II (1843), nº 23, 23/2/1843, 292.

"A Lord Welington. Elegia. —Traducção do Latim", *O Ramalhete*. 3ª Serie. Vol. VI, nº 267, 12/4/1843, 112 (trad. por J. M. da Costa e Silva).

Lady Blessington, "Les dangers de l'amour maternel. Leçon anecdotique", *A Abelha/L'Abeille*. Vol. VII, nº 65, 1 Mai 1843, 122-132.

"Contos populares da Irlanda", *Archivo Popular*. Vol. VII (1843), nº 21, 27/5/1843, 165-166 [ilustrado].

L. A. Rebello da Silva, "Fr. Luiz de Sousa. Drama em 3 actos pelo Sr. Almeida Garrett", *Revista Universal Lisbonense*. Tomo II (1843), nº 37, 1/6/1843, 461-462.

"As duas rosas", *Archivo Popular*. Vol. VII (1843), nº 27, 8/7/1843, 211-212; nº 28, 15/7/1843, 218-219.

"Sir Roberto Hill", *O Periodico dos Pobres*. Nº 179, 2/8/1843, 715-716; nº 180, 3/8/1843, 719-720; nº 181, 4/8/1843, 723-724; nº 182, 5/8/1843, 727-728; nº 183, 7/8/1843, 731; nº 184, 8/8/1843, 735-736.

A. G. [Almeida Garrett], "Viagens na minha terra", *Revista Universal Lisbonense*. Tomo II (1843), nº 48, 17/8/1843, 593-595; Tomo III (1844), nº 2, 31/8/1843, 18-19; nº 4, 14/9/1843, 43-44; nº 12, 9/11/1843, 139-140; nº 14, 23/11/1843, 163-164; nº 16, 7/12/1843, 186-188.

J. X., "Toda a vida por um dia. Novella", *O Ramalhete*. 3ª Serie. Vol. VI, nº 290, 21/9/1843, 291-292; nº 291, 28/9/1843, 299-300; nº 292, 5/10/1843, 307-308; nº 293, 12/10/1843, 316-317.

Addison, "Sir Rogerio de Coverley, ou hum trecho de Addison", *Archivo Popular*. Vol. VII (1843), nº 44, 4/11/1843, 345-346 [ilustrado].

"Lord Virley", *O Periodico dos Pobres*. Nº 262, 7/11/1843, 1047-1048; nº 263, 8/11/1843, 1051-1052; nº 265, 10/11/1843, 1059-1060; nº 267, 13/11/1843, 1066-1067; nº 268, 14/11/1843, 1071-1072; nº 270, 16/11/1843, 1079-1080.

"O Homem na Lua", *O Ramalhete*. 3ª Serie. Vol. VI, nº 298, 16/11/1843, 353-356.

Silva Leal, "Bibliographia", *O Panorama*. 2ª Serie. Vol. II, nº 104, 23/12/1843, 405-407.

1844

A., "Character of Sir Walter-Scott", *The Lusitanian*. Nº 2, 1844, 138.

Berthoud, "Maria Ovenson, historia escosseza", *Bibliotheca Familiar, e Recreativa*. Segunda Serie. Vol. II, 1844, nº 2, 17-19.

A., "Occasioned by reading, Shelleys lines upon a skylark", *The Lusitanian*. N° 2, 1844, 139.

A., "Where is the Briton's home?", *The Lusitanian*. N° 2, 1844, 137.

"Joaquim Severino Ferraz de Campos", *O Ramalhete*. 4ª Serie. Vol. VII, n° 307, 18/1/1844, 20-21; n° 309, 1/2/1844, 36-37; n° 310, 8/2/1844, 46; n° 311, 15/2/1844, 52-53.

"Anna de Geierstein, ou a donzella do nevoeiro. — Novella de Walter Scott, traduzida pelo Sr. A. J. Ramalho e Sousa. — 4 vol: 8°. — Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis", *O Panorama*. 2ª Serie. Vol. III, n° 111, 10/2/1844, 48.

[J. M. da Silva Leal Junior], "Uma traducção original", *Revista Universal Lisbonense*. Tomo III (1844), n° 26, 15/2/1844, 318-319.

J. S. M. [Jacinto da Silva Mengo], "Anna de Geierstein ou A Donzella do Nevoeiro", *O Correio das Damas*. Tomo VI, n° 3, 31/3/1844, 20-22.

J. S. M. [Jacinto da Silva Mengo], "O Quaker e o Ladrão", *O Correio das Damas*. Tomo VI, n° 3, 31/3/1844, 17-20; n° 4, 30/4/1844, 25-32.

A. Herculano, "O parocho d'aldeia", *O Panorama*. 2ª Serie. Vol. III, n° 120, 13/4/1844, 117-120; n° 121, 20/4/1844, 121-126.

L. A. Rebello da Silva, "Traducções", *O Pantólogo*. N° 2, 17/6/1844, 14-15.

"Edade Media", *O Pantólogo*. N° 7, 22/7/1844, 52-54; n° 8, 29/7/1844, 59-61.

"Shakspeare", *Revista Universal Lisbonense*. Tomo IV (1845), n° 6, 29/8/1844, 68.

1845

A., "The King Reproved", *The Lusitanian*. N° 6, 1845, 282-289.

"Mr. Sheridan Knowles' lectures", *The Lusitanian*. N° 6, 1845, 350-356.

A. da S., "The Ocean Flower. Poema por T. M. Hughes — Londres: 1845", *Revista Academica*. Vol. I (1845-1848), n° 24, s. d. [1845], 378-382.

A. P. Lopes de Mendonça, "Poetas dramaticos modernos de Portugal", *A Aurora*. Vol. I (1845), 41-50.

"As Trevas (De Byron.)", *Revista Academica*. Vol. I (1845-1848), n° 22, s.d. [1845], 349-350 (trad. por A. Lima).

A., "Victoria on board the Victory. 21 st October 1844", *The Lusitanian*. N° 5, 1845, 238.

A. Lima, "Maria Paes Ribeira. [Carta.]", *Revista Universal Lisbonense*. Tomo IV (1845), n° 25, 9/1/1845, 303.

"Arza", *O Correio das Damas*. Tomo VI, n° 13, 31/1/1845, 97-100; n° 14, 28/2/1845, 105-109.

"Poezia maritima", *Revista Universal Lisbonense*. Tomo IV (1845), n° 40, 24/4/1845, 483-484.

A. G. [Almeida Garrett], "Bernal-Francez", *A Illustração*. Vol. I, nº 2, Maio de 1845, 22-23.

S. L., "Mr. Sheridan Knowles", *A Illustração*. Vol. I, nº 2, Maio de 1845, 32.

"Duas mulheres corsarios", *O Periodico dos Pobres*. Nº 118, 21/5/1845, 471-472; nº 119, 23/5/1845, 475-476.

"Leituras de litteratura dramatica inglesa", *Revista Universal Lisbonense*. Tomo IV (1845), nº 44, 22/5/1845, 533.

"Sheridan Knowles", *Revista Universal Lisbonense*. Tomo IV (1845), nº 45, 29/5/1845, 542-543.

A. G. [Almeida Garrett], "Viagens na minha terra", *Revista Universal Lisbonense*. Tomo V (1846), nº 1, 26/6/1845, 6-8; nº 2, 3/7/1845, 17-18; nº 3, 10/7/1845, 30-31; nº 4, 17/7/1845, 42-43; nº 5, 24/7/1845, 52-54; nº 6, 31/7/1845, 66-68; nº 7, 7/8/1845, 75-78; nº 8, 14/8/1845, 90-91; nº 9, 21/8/1845, 100-103; nº 10, 28/8/1845, 114-115; nº 11, 4/9/1845, 126-128; nº 12, 11/9/1845, 136-138; nº 13, 18/9/1845, 147-149; nº 14, 25/9/1845, 161-164; nº 15, 2/10/1845, 171-173; nº 16, 9/10/1845, 184-187; nº 18, 23/10/1845, 209-210; nº 19, 30/10/1845, 221-223; nº 20, 6/11/1845, 234-236; nº 21, 13/11/1845, 244-247; nº 22, 20/11/1845, 257-259; nº 23, 27/11/1845, 269-271; nº 24, 4/12/1845, 280-282; nº 25, 11/12/1845, 292-295; nº 26, 18/12/1845, 303-305; nº 29, 8/1/1846, 340-341; nº 30, 15/1/1846, 353-354; nº 31, 22/1/1846, 368-369; nº 32, 29/1/1846, 376-378; nº 33, 5/2/1846, 390-392; nº 38, 12/3/1846, 449-450; nº 42, 9/4/1846, 495-497; nº 43, 16/4/1846, 507-509; nº 44, 23/4/1846, 522-523; nº 45, 30/4/1846, 533-535; nº 46, 7/5/1846, 545-547; nº 47, 14/5/1846, 558-559; nº 48, 21/5/1846, 570-571; Tomo VI (1847), nº 6, 2/7/1846, 65-67; nº 12, 13/8/1846, 137-138; nº 16, 10/9/1846, 184-185; nº 18, 24/9/1846, 209-211; nº 19, 1/10/1846, 222-224; nº 20, 8/10/1846, 235-237; nº 21, 15/10/1846, 245-247; nº 22, 22/10/1846, 258-260; nº 23, 29/10/1846, 270-272; nº 24, 5/11/1846, 281-282; nº 25, 12/11/1846, 294-295.

"A Cascata do Peregrino", *A Illustração*. Vol. I, nº 4, Julho de 1845, 59 [ilustrado].

"O Bruto de Irlanda", *O Periodico dos Pobres*. Nº 166, 17/7/1845, 663-664; nº 167, 18/7/1845, 667-668; nº 170, 22/7/1845, 679-680.

"Quatro contemporaneos", *A Illustração*. Vol. I, nº 7, Outubro de 1845, 106; 115-116; 119-120 [ilustrado].

"A casa do Diabo", *O Periodico dos Pobres*. Nº 231, 1/10/1845, 923-924; nº 232, 2/10/1845, 927-928; nº 233, 3/10/1845, 931-932.

"Versos feitos por Maria Stuart á morte de seu marido Francisco II de França", *O Jardim das Damas*. Vol. II, nº 4, 18/10/1845, 61-62 (trad. por J. B. T. Valdez).

João de Mello Pereira, "Do magnetismo animal, considerado como machina poetica", *Revista Universal Lisbonense*. Tomo V (1846), nº 27, 25/12/1845, 317-319.

"O Pai e a Filha", *O Periodico dos Pobres*. Nº 307, 30/12/1845, 1227-1228; nº 308, 31/12/1845, 1231-1232.

"Waverley ou Ha Sessenta Annos, novella de Sir Walter Scott, Traduzida pelo Sr. Ramalho", *O Correio das Damas*. Tomo VI, nº 24, 31/12/1845, 191-192.

1846

Henrique Roberto Rodrigues, "Canção. Versão livre do inglez", *O Crepusculo*. Nº 3, 1846, 23.

"O ensino da desgraça e do bom exemplo", *O Respigador*. Nº 1, 1846, 14-15; nº 2, 1846, 27-32; nº 3, 1846, 34-44.

"As Mulheres", *Revista Recreativa*. Nº 28, 1846, 222-224.

José Osório, "Do romance em geral, e especialmente do romance historico", *A Aurora*. Vol. I (1846), 13-18.

"As Desgraças de Lord Dunmore", *O Periodico dos Pobres*. Nº 7, 8/1/1846, 27-28; nº 8, 9/1/1846, 31-32.

"Waverley, ou Ha Sessenta Annos. Novella de Walter Scott, traduzida por A. J. Ramalho e Sousa. (Com estampas) — Lisboa, 1845", *Revista Universal Lisbonense*. Tomo V (1846), nº 32, 29/1/1846, 380.

J. B. Travassos Valdez, "O pranto e o riso. (Imitado de Byron.)", *O Jardim das Damas*. Vol. II, nº 19, 28/2/1846, 300.

"Viriato Tragico", *A Illustração*. Vol. I, nº 12, Março de 1846, 207-208.

"Da poesia popular em Portugal", *Revista Universal Lisbonense*. Tomo V (1846), nº 37, 5/3/1846, 439-441; nº 38, 12/3/1846, 450-452.

"Otello. Romance", *O Jardim das Damas*. Vol. II, nº 20, 4/4/1846, 305-310; nº 21, 11/4/1846, 321-324; nº 22, 18/4/1846, 337-341; nº 23, 25/4/1846, 353-358; nº 24, 2/5/1846, 369-373; nº 25, 9/5/1846, 385-389; nº 26, 16/5/1846, 401-405 (trad. por J. B. T. Valdez).

"Obras completas de J. B. de Almeida Garrett — Tomo VI — Flores Sem Fructo. — Lisboa na imprensa Nacional — I Vol", *Revista Universal Lisbonense*. Tomo V (1846), nº 44, 23/4/1846, 523-524.

A. Serpa, "O Magriço", *A Illustração*. Vol. II, nº 2, Maio de 1846, 18-19.

"As lagrimas", *A Illustração*. Vol. II, nº 3, Junho de 1846, 45-46.

"Epopeia entre os modernos", *A Illustração*. Vol. II, nº 4, Julho de 1846, 72 e 78-79; Vol. II, nº 6, Setembro de 1846, 91-92.

"O Rei Arthur e os Cavalleiros da Tavola-Redonda", *Revista Universal Lisbonense*. Tomo VI (1847), nº 8, 16/7/1846, 90.

Dantas Pereira, "Bonina", *O Jardim das Damas*. Vol. III, nº 6, 22/8/1846, 90.

"Hum casamento na alta sociedade. [Historia verdadeira]", *O Periodico dos Pobres*. Nº 178, 1/9/1846, 711-712; nº 179, 2/9/1846, 715-716; nº 180, 3/9/1846, 719-720.

Carlos R. Coutinho, "Leitura de romances", *O Jardim das Damas*. Vol. III, nº 10, 26/9/1846, 154-156.

"Esteva Commum. Emblema: solidão", *O Jardim das Damas*. Vol. III, nº 12, 31/10/1846, 184-185.

C.,"Do maravilhoso na poesia epica", *Revista Universal Lisbonense*. Tomo VI (1847), nº 26, 19/11/1846, 304-307.

1847

"Carta de Mr. Addisson á esposa d'um grande, do qual havia recebido muitos beneficios", *A Aurora Recreativa*. Nº 10, 1847, 75 (trad. por J. de Vasconcellos).

"Colomba. Romance da Corsega", *O Panorama*. Vol. IX, Primeiro da Terceira Serie (1852), nº 18, 2/1/1847, 138-140; nº 19, 9/1/1847, 150-151; nº 21, 23/1/1847, 163-164; nº 24, 20/2/1847, 186-187; nº 25, 27/2/1847, 194-195; nº 26, 6/3/1847, 203-204; nº 28, 20/3/1847, 219-221; nº 29, 27/3/1847, 226.

Paul de Kock, "Os infortunios d' um Lord. Phantasia Grotesca", *O Interesse Publico*. Nº 17, 23/1/1847, 4; nº 18, 25/1/1847, 2-3; nº 19, 26/1/1847, 2-3; nº 20, 27/1/1847, 3; nº 21, 28/1/1847, 3; nº 22, 29/1/1847, 4; nº 23, 30/1/1847, 3; nº 26, 4/2/1847, 3-4; nº 27, 5/2/1847, 3-4 (trad. por J. C. e J. das C.).

"O anão e o bobo", *O Panorama*. Vol. IX, Primeiro da Terceira Serie (1852), nº 23, 13/2/1847, 181 [ilustrado].

"Reis de Inglaterra que foram auctores", *O Panorama*. Vol. IX, Primeiro da Terceira Serie (1852), nº 24, 20/2/1847, 190-191.

"O Maelstrom", *O Panorama*. Vol. IX, Primeiro da Terceira Serie (1852), nº 26, 6/3/1847, 206-207; nº 27, 13/3/1847, 210-211.

[Marie Aycard], "O jogador de xadrez", *O Interesse Publico*. Nº 68, 27/3/1847, 2-3; nº 69, 29/3/1847, 3-4; nº 70, 30/3/1847, 3; nº 74, 7/4/1847, 3 (trad. por N. C. C. J.).

L. A. Rebello da Silva, "Odio Velho Não Cança. (Romance historico.) Introducção", *O Panorama*. Vol. IX, Primeiro da Terceira Serie (1852), nº 30, 3/4/1847, 234-236.

"Reis de Inglaterra que foram authores", *O Nacional*. Nº 96, 29/4/1847, s.n..

"O Finado Suposto", *O Interesse Publico*. Nº 104, 12/5/1847, 3; nº 106, 15/5/1847, 2; nº 107, 17/5/1847, 2.

João de Lemos, "A Lua de Londres", *O Ecco Popular*. Nº 35, 9/6/1847, s.n..

J. de Lemos, "A Lua de Londres", *O Nacional*. Nº 131, 10/6/1847, s.n..

L. J., "Ricardo Dudley", *O Interesse Publico*. Nº 127, 10/6/1847, 2-3; nº 128, 12/6/1847, 3.

"Á Inglaterra. Ode", *O Ecco Popular*. Nº 49, 27/6/1847, 192.

"O Sol de Londres", *Periodico dos Pobres no Porto*. Nº 34, 9/9/1847, 139.

C., "Vicente Pedro Nolasco da Cunha", *Revista Universal Lisbonense*. Tomo VI (1847), nº 36, 9/9/1847, 425-429.

F. M. B., "O Ceguinho. Imitado de uma poesia ingleza, inserta no Americain--Magazine", *Revista Universal Lisbonense*. Tomo VI (1847), nº 38, 23/9/ /1847, 453.

Dickens, "A Familia Tuggs em Ramsgate. (Novella ingleza de costumes)", *Revista Universal Lisbonense*. Tomo VI (1847), nº 39, 30/9/1847, 463-465; nº 40, 7/10/1847, 475-478; nº 41, 14/10/1847, 488-490.

Molèri, "Whig ou Tory? — Cidadão. (Quadro moral e politico)", *Revista Universal Lisbonense*. Tomo VI (1847), nº 43, 28/10/1847, 509-513.

1848

J. J. de S. Sebrosa, "O Castellão de Lockeren. Romance historico", *O Jardim Litterario*. Vol. III (1848), nº 51, 406-407; nº 52, 411-412; nº 53, 422-423.

L. A. Rebello da Silva, "A Eschola Moderna Litteraria", *A Epoca*. Tomo I, nº 7, 1848, 105-109; nº 8, 1848, 121-124; nº 9, 1848, 136-139; nº 10, 1848, 152-156; nº 15, 1848, 234-238; nº 16, 1848, 249-253; nº 25, 1848, 388-391; nº 27, 1848, 421-424.

L. A. Rebello da Silva, "O Monge de Cister. Romance Historico pelo Sr. A. Herculano. Dois volumes. Em casa da Viuva Bertrand e Filhos aos Martyres", *A Epoca*. Tomo I, nº 14, 1848, 216-221.

[Luís Augusto Rebelo da Silva], "Odio velho não cança. Romance Historico. Introducção", *A Epoca*. Tomo I, nº 1, 1848, 11-14.

"A uma senhora com as obras de Camoens. (Vertido de Lord Byron.) No Album do meu amigo Alf. Allen", *A Lyra da Mocidade*. 1848-1849, 165-166 (trad. por Ayres de Gouvêa).

"Canção. Versão livre do inglez", *O Ecco Popular*. Nº 44, 24/2/1848.

"Visão de Belshazzar. (Traduzido de Byron)", *O Jardim das Damas*. Vol. III, nº 15, 11/3/1848, 239 (trad. por J. B. T. Valdez).

"Marino Faliero. Tragedia de Mr. Casimir Delavigne. Traduzida em versos portuguezes. Por J. da S. Mendes Leal Junior. Carta do Sr. Mendes Leal ao Redactor. Resposta do Redactor", *Revista Universal Lisbonense*. Tomo VII (1848), nº 25, 25/5/1848, 295-296.

"Josino e Angelina. (Trad. de Goldsmith.)", *O Jardim das Damas*. Vol. III, nº 26, 27/5/1848, 415-416 (trad. por J. B. T. Valdez).

Maria Luiza, "Branca e Josephina", *O Correio das Damas*. Tomo VII, nº 17, 31/5/1848, 129-135.

[Lopes de Mendonça], "A Poesia e a Mocidade", *A Revolução de Setembro*. Nº 1910, 26/7/1848, 1-2; nº 1913, 29/7/1848, 1-3; nº 1919, 5/8/1848, 1-3; nº 1929, 18/8/1848, 1-2; nº 1963, 27/9/1848, 1-2.

"When coldness wraps this suffering clay. (De Byron.)", *O Jardim das Damas*. Vol. IV, nº 8, 29/7/1848, 126-127 (trad. por J. M. de Casal Ribeiro).

"A A.... Imitação de uma poesia de Byron a Izabel. Traduzida pelo Snr. D. J. de U.", *O Nacional*. Nº 174, 3/8/1848, s.n..

A. Lima [Augusto José Gonçalves Lima], "Á Inglaterra. (No Album do meu amigo A. d'Almeida Campos.)", *A Revolução de Setembro*. Nº 1931, 21/8/1848, 1.

"O Modello das filhas na adversidade", *O Baratissimo*. Nº 6, 4/9/1848, 45-46; nº 7, 11/9/1848, 53-54; nº 8, 18/9/1848, 60-61; nº 9, 25/9/1848, 69-70.

A. Lima [Augusto José Gonçalves Lima], "Á Inglaterra. (No Album do meu amigo A. d'Almeida Campos.)", *O Observador*. Nº 122, 9/9/1848, 1-2.

"Oh! Weep for those. (Trad. de Byron)", *O Jardim das Damas*. Vol. IV, nº 13, 9/9/1848, 207 (trad. por J. M. de Casal Ribeiro).

"Tudo Morre! (Imitado do Inglez)", *O Farol*. Nº 28, 30/9/1848, 32.

"Uma viagem de poucos dias. Oeiras — S. Julião — Cintra — Collares — e Mafra", *Revista Popular*. Vol. I (1849), nº 32, 7/10/1848, 253-254.

Lopes de Mendonça, "Revista de Lisboa", *A Revolução de Setembro*. Nº 2036, 23/12/1848, 1-2.

"O Hotel de Bagdad. Romance", *O Baratissimo*. Nº 22, 25/12/1848, 173-174.

1849

"Da Cachemira", *O Jardim das Damas*. Vol. V, nº 10, 1849, 145-147.

"O dote roubado", *O Semanario Curioso*. Nº 5, 1849, 36-37.

"A mocidade e a velhice. (Southey.)", *O Jardim das Damas*. Vol. V, nº 13, 1849, 206 (trad. por J. B. Travassos Valdez).

Rolland de Villarceux, "Partir para ser bispo e acabar sineiro. (Throws for bishop — draws beadle). Proverbio. Traduzido", *A Epoca*. Tomo II, nº 31, 1849, 51-52; nº 32, 1849, 67-69; nº 38, 1849, 163-164; nº 39, 1849, 179-180; nº 40, 1849, 193-195; nº 41, 1849, 209-210; nº 42, 1849, 225-227; nº 43, 1849, 241-242.

Tompson, "Retrato da Felicidade Conjugal", *A Fonte*. Nº 2, 1849, 6-7.

Lopes de Mendonça, "O Annel", *A Revolução de Setembro*. Nº 2044, 4/1/1849, 1.

"A Noite de Natal", *Revista Popular*. Vol. I (1849), nº 45, 6/1/1849, 356-357; nº 46, 13/1/1849, 363-366; nº 47, 20/1/1849, 372-374.

"Macbeth. Opera em 4 actos, musica de Verdi, poesia de Piave — Decorações dos Srs. Rambois e Cinatti", *O Espectador*. Nº 17, 20/1/1849, 3-7.

Shakespeare, "Scenas dramaticas. Macbeth. Acto II — Scena I e II", *O Espectador*. Nº 17, 20/1/1849, 1-3 (trad. por Silva Leal).

José Silvestre Ribeiro, "A Litteratura", *Revista Universal Lisbonense*. Segunda Serie. Tomo I (1849), nº 13, 1/2/1849, 148-150; nº 23, 12/4/1849, 268-271; nº 24, 19/4/1849, 279-281; nº 26, 3/5/1849, 304-306; nº 28, 17/5/1849, 330-333; nº 34, 28/6/1849, 400-403; nº 35, 5/7/1849, 412-416; nº 37, 19/7/1849, 437-441; nº 40, 9/8/1849, 476-478; nº 41, 16/8/1849, 486-488; nº 42, 23/8/1849, 501-502; nº 43, 30/8/1849, 511-512.

Rochester [Lopes de Mendonça], "Recordações de viagem", *Revista Popular*. Vol. II (1849-50), nº 5, 11/4/1849, 36-38; nº 7, 21/4/1849, 53-54; nº 9, 5/5/1849, 68-69; nº 10, 12/5/1849, 76-77; nº 12, 26/5/1849, 93-94; nº 17, 30/6/1849, 132-133; nº 19, 14/7/1849, 148-149; nº 20, 21/7/1849, 156-157.

"Folhetim. Espartaco. Uma historia romana. Traduzido do inglez", *O Ecco Popular*. Nº 311, 1/5/1849, 1-2; nº 313, 5/5/1849, 1-2; nº 315, 10/5/1849, 1-2; nº 319, 22/5/1849, 2; nº 320, 24/5/1849, 1; nº 322, 29/5/1849, 1-2 (trad. por Miguel José Cardozo).

Rochester [Lopes de Mendonça], "O Spleen e a Medicina. (Dialogismo.)", *Revista Popular*. Vol. II (1849-50), nº 13, 2/6/1849, 100-101; nº 14, 9/6/1849, 108-109; nº 15, 16/6/1849, 117-118; nº 16, 23/6/1849, 124-125.

"Versos de Lord Byron na morte da joven Margarida Parker, sua mui amada prima", *Periodico dos Pobres no Porto*. Nº 152, 29/6/1849, 608 (trad. por H. Ernesto).

João de Andrade Corvo, "Amor com amor se paga. Proverbio", *Revista Universal Lisbonense*. Segunda Serie. Tomo II (1850), nº 1, 11/10/1849, 4-9; nº 2, 18/10/1849, 15-17; nº 3, 25/10/1849, 28-31; nº 4, 1/11/1849, 42-43.

Lopes de Mendonça, "Memorias d'um doido", *Revista Universal Lisbonense*. Segunda Serie. Tomo II (1850), nº 2, 18/10/1849, 18-19; nº 16, 24/1/1850, 188-190; nº 24, 21/3/1850, 280-282; nº 30, 2/5/1850, 359-361; nº 32, 16/5/1850, 384-385; nº 33, 23/5/1850, 395-397; nº 36, 13/6/1850, 436-438; nº 37, 20/6/1850, 448-450; nº 41, 18/7/1850, 494-496; nº 43, 1/8/1850, 518-520; nº 45, 15/8/1850, 540-542.

Maria Luiza, "Trabalhos de um homem casado", in *O Correio das Damas*. Tomo VIII, nº 10, 31/10/1849, 73-78.

"Walter Scott. Contos biograficos e litterarios. Lenda de Santo Oran", *A Assembléa Litteraria*. Nº 15, 10/11/1849, 114-115; nº 18, 15/12/1849, 138-140 (trad. por João Eulalio da Silva de Mendonça).

"A Nereida d' Albião", *O Observador*. Nº 248, 24/11/1849, 1.

A. L., "O selvagem sensivel", *O Correio das Damas*. Tomo VIII, nº 11, 30/11/1849, 85-86.

D. C. A. de Andrada [D. Catarina Álvares de Andrada], "A Tendeira de Plymouth", *A Assembléa Litteraria*. Nº 19, 22/12/1849, 148-150; nº 20, 29/12/1849, 158-159; nº 21, 5/1/1850, 166-167; nº 22, 12/1/1850, 171-173.

Maria J. S. Canuto, "Noites de Young. Imitação", in *A Assembléa Litteraria*. Nº 20, 29/12/1849, 154; nº 22, 12/1/1850, 174; nº 25, 9/2/1850, 197-198.

1850

"O Alchimista", *O Semanario Curioso*. Nº 15, 1850, 113-114.

Manuel Lucifer, "Antes que cazes olha o que fazes. Proverbio ou conto que se parece com uma historia", *A Fonte*. Nº 15, 1850, 57-58; nº 16, 1850, 61-62; nº 18, 1850, 69-70; nº 20, 1850, 78-79; nº 22, 1850, 86-87; nº 23, 1850, 91-92.

"Walter Many ou O Tumulo de Seu Pai", *A Fonte*. Nº 14, 1850, 53-54.

J. de Lemos, "Traducções", *A Semana*. Vol. I, nº 1, Janeiro de 1850, 5-7.

A. Pinto de Sousa, "O Mysterio do Bosque", *A Semana*. Vol. I, nº 6, Fevereiro de 1850, 43-44; nº 7, Fevereiro de 1850, 53; nº 8, Fevereiro de 1850, 60-61; nº 9, Março de 1850, 69-70.

"A mulher do negociante", *Revista Popular*. Vol. III (1850-51), nº 3, 20/4/1850, 20-22.

"Alice Meinthein", *Revista Popular*. Vol. III (1850-51), nº 4, 27/4/1850, 29-30; nº 5, 4/5/1850, 35-37; nº 6, 11/5/1850, 42-43.

Lopes de Mendonça, "As distracções d' um sceptico", *Ecco dos Operarios*. Nº 2, 7/5/1850, 6-8; nº 4, 21/5/1850, 8; nº 5, 28/5/1850, 4-5; nº 6, 4/6/1850, 5-6; nº 7, 12/6/1850, 6-8; nº 8, 18/6/1850, 6-7; nº 10, 2/7/1850, 5-6.

[Obras Completas de *Sir* Walter Scott], *O Pirata*. Vol. I, nº 12, 18/5/1850, 96.

Marqueza d'Alorna, "Robertson", *Revista Popular*. Vol. III (1850-51), nº 16, 20/7/1850, 127.

F., "Bons desejos em favor da litteratura portugueza. Memorias, romances, poesias", *O Atheneu*. Nº 31, 4/8/1850, 241-244.

Lopes de Mendonça, "Recordações de Viagem", *Ecco dos Operarios*. Nº 15, 8/8/1850, 6-7; nº 16, 15/8/1850, 5-6; nº 17, 22/8/1850, 7-8; nº 18, 29/8/1850, 5-7; nº 19, 6/9/1850, 8; nº 20, 13/9/1850, 5-6.

F., "Bons desejos em favor da litteratura portugueza. Theatro, manuaes, traducções", *O Atheneu*. Nº 33, 18/8/1850, 257-258.

J. da C. Cascaes, "O Janota", *Periodico dos Pobres no Porto*. Nº 216, 12/9/1850, 895-896.

A. X. R. Cordeiro [António Xavier Rodrigues Cordeiro], "The Angel's Whisper. (A proposito de um quadro)", *O Observador*. Nº 338, 5/10/1850, 1.

"Violeta. Chronica da Opera. 1836", *O Nacional*. Nº 233, 12/10/1850, s.n.; nº 235, 15/10/1850, s.n.; nº 245, 26/10/1850, s.n.; nº 246, 28/10/1850, s.n.; nº 250, 2/11/1850, s.n.; nº 251, 4/11/1850, s.n.; nº 255, 8/11/1850, s.n.; nº 259, 12/11/1850, s.n.; nº 260, 14/11/1850, s.n.; nº 261, 15/11/1850, s.n.; nº 264, 19/11/1850, s.n.; nº 265, 20/11/1850, s.n.; nº 267, 22/11/1850, s.n.; nº 268, 23/11/1850, s.n.; nº 270, 26/11/1850, s.n.; nº 272, 28/11/1850, s.n.; nº 273, 29/11/1850, s.n.; nº 276, 3/12/1850, s.n.; nº 277, 4/12/1850, s.n.; nº 279, 6/12/1850, s.n.; nº 287, 16/12/1850, s.n.; nº 288, 17/12/1850, s.n.; nº 289, 18/12/1850, s.n.

"A filha de Jephte. (Traduzido de Byron.) (Hebrew melodies.)", *Revista Universal Lisbonense*. Segunda Serie. Tomo III (1851), nº 9, 7/11/1850, 103 (trad. por L. F. Leite).

A. X. R. Cordeiro, "A miss E. D.", *Revista Popular*. Vol. III (1850-51), nº 36, 7/12/1850, 288-289.

1851

Soror Dolores [Maria Browne], "Noite de Inverno", *O Nacional*. Nº 7, 10/1/1851, s.n..

J. J. da S. Pereira-Caldas [José Joaquim da Silva Pereira-Caldas], "Bond e a Zaira. (Anecdota memoravel nos annaes da arte)", *O Pirata*. Vol. I, nº 47, 1/2/1851, 369-372.

"As Tres Irmãs. Romance", *O Jardim Litterario*. Vol. VII (1851), nº 11, 13/3/1851, 83-84; nº 12, 20/3/1851, 90-92; nº 13, 28/3/1851, 98-100; nº 14, 4/4/1851, 106-108; nº 15, 11/4/1851, 114-116 (trad. por D. Nuno de Locio).

"O grande e o verdadeiro", *A Semana Theatral*. Nº 11, 25/3/1851, 41.

"De Lord Byron — to Caroline —", *Miscellanea Poetica*. 1ª Collecção, nº 15, 10/4/1851, 115-116 (trad. por J. S. da Silva Ferraz).

Silva-Ferraz, "Chatterton", *Miscellanea Poetica*. 2ª Collecção, nº 1, 10/7/1851, 4-5.

R. de Bulhão, "Sir John. Romance", *A Semana*. Vol. II, nº 26, Agosto de 1851, 294-296; nº 27, Agosto de 1851, 303-306; nº 32, Setembro de 1851, 355-358.

"A leoa ingleza", *O Interesse Publico*. Nº 4024, 1/10/1851, 4; nº 4025, 2/10/1851, 3; nº 4027, 4/10/1851, 4; nº 4031, 9/10/1851, 3; nº 4032, 10/10/1851, 4.

"O general Marceau", *Revista Universal Lisbonense*. Segunda Serie. Tomo IV (1852), nº 9, 9/10/1851, 107.

R. de Bulhão, "Romance. O Vento do Levante. (Sequencia de *Sir John*)", *A Semana*. Vol. II, nº 37, Novembro de 1851, 413-415; nº 38, Janeiro de 1852, 421-423; nº 40, Fevereiro de 1852, 444-447.

L. A. Rebello da Silva, "A Mocidade de D. João V. Romance", *Revista Universal Lisbonense*. Segunda Serie. Tomo IV (1852), nº 15, 20/11/1851, 172; Tomo V (1853), nº 2, 22/7/1852, 20; nº 17, 4/11/1852, 197.

L. A. Rebello da Silva, "Poesias de L. A. Palmeirim. Um volume de mais de 400 paginas. Bella edicção da Imprensa Nacional", *Revista Universal Lisbonense*. Segunda Serie. Tomo IV (1852), nº 18, 11/12/1851, 211-214.

1852

Guilhermino Augusto, "A Inglaterra", *O Instituto*. Vol. I [1852], nº 5, 76-77.

Alexandre Braga, "Poesia Dramatica", *O Instituto*. Vol. I [1852], nº 3, 41-45; nº 4, 61-63.

"O Chim na Exposição", *Revista Popular*. Vol. V (1852), nº 1, Janeiro de 1852, 6-7; nº 2, Janeiro de 1852, 13-15; nº 3, Janeiro de 1852, 20-21.

G. J. Ramires, "Nicoláo o pescador. Romance", *O Jardim Litterario*. Vol. VIII (1852), nº 6, 5/2/1852, 42-44; nº 7, 13/2/1852, 50-52.

Lopes de Mendonça, "A poesia e o seculo", *A Revolução de Setembro*. Nº 2965, 14/2/1852, 1-3.

Almeida Garrett, "Rosalinda. Versões em francez e inglez", *Revista Universal Lisbonense*. Segunda Serie. Tomo IV (1852), nº 28, 19/2/1852, 333-336 (trad. por John Adamson e Édouard Fournier).

Latino Coelho, "Revista Litteraria. (A Nova Academia)", *A Revolução de Setembro*. Nº 2986, 11/3/1852, 1-2.

Lopes de Mendonça, "Revista de Lisboa. (3 de Abril.)", *A Revolução de Setembro*. Nº 3006, 5/4/1852, 1-3.

Lopes de Mendonça, "Viajar ao acaso", *A Revolução de Setembro*. Nº 3021, 24/4/1852, 1-3.

Lopes de Mendonça, "Romance. Beatriz. (Episodio da Revolução de 1848)", *A Semana*. Vol. II, nº 44, Maio de 1852, 485-489.

Lopes de Mendonça, "Uma Excursão ao Lago di Como", *A Semana*. Vol. II, nº 46, Junho de 1852, 509-512; nº 47, Junho de 1852, 521-523; nº 48, Junho de 1852, 533-535.

C. J. Vieira, [O *Spleen*], *A Peninsula*. Vol. I, nº 24, 30/6/1852, 291-292.

R. de Bulhão Pato, "Thereza", *A Semana*. II Serie. Vol. I, nº 1, Julho de 1852, 2-4; nº 2, Julho de 1852, 16-18; nº 3, Julho de 1852, 27-28.

Lopes de Mendonça, "Revista de Lisboa. (17 de Julho.)", *A Revolução de Setembro*. Nº 3088, 17/7/1852, 1-2.

Luiz Ribeiro/A. S. D. Gama [Arnaldo de Sousa Dantas da Gama], "Os poemas de Ossian", *A Peninsula*. Vol. I, nº 30, 15/8/1852, 354-357; nº 31, 23/8/1852, 369-371; nº 33, 8/9/1852, 395-396.

"Ao seu Marechal General O Principe Waterloo", *O Jardim Litterario*. Vol. VIII (1852), nº 45, 5/11/1852, 353.

Lewis, "Xacara", *O Jardim Litterario*. Vol. VIII (1852), nº 47, 19/11/1852, 376; nº 47, 26/11/1852, 382-384; nº 48, 3/12/1852, 390-392 (trad. por Alexandre Herculano).

D. A. G. Pusich [D. Antónia Gertrudes Pusich], "Olinda, ou A Abadia de Cumnar-Place. Poema original em 5 cantos", *A Beneficencia*. Nº 4, 15/12/1852, 5-6; nº 5, 1/1/1853, 4-5; nº 6, 15/1/1853, 3-6; nº 7, 1/2/1853, 2-3; nº 9, 1/3/1853, 4-5; nº 10, 15/3/1853, 4-6; nº 11, 1/4/1853, 6-7; nº 12, 15/4/1853, 6-7; nº 13, 1/5/1853, 6-8; nº 14, 15/5/1853, 4-5; nº 15, 1/6/1853, 6-8; nº 16, 15/6/1853, 5-7.

"Soneto. Ás exequias de Lord Wellington", *O Portugal*. Nº 283, 18/12/1852, s.n.

1853

"A cabana irlandeza", *Revista Popular*. Vol. VI, nº 14, 1853, 106-108; nº 15, 1853, 113-116; nº 16, 1853, 122-124; nº 17, 1853, 129-132; nº 18, 1853, 137-141; nº 19, 1853, 146-149.

"Monographia do vidro", *Revista Popular*. Vol. VI, nº 16, 1853, 126-128.

"O Castello da Gallinha. (Traducção livre.)", *O Jardim Litterario*. Vol. IX (1853), nº 11, 18/3/1853, 82-83 (trad. por Torres Mangas).

L. A. Rebello da Silva, "Manoel Maria de Barbosa du Bocage", *O Panorama*. Vol. X, Segundo da Terceira Serie (1853), nº 12, 19/3/1853, 90-93; nº 14, 2/4/1853, 110-112; nº 16, 16/4/1853, 122-124; nº 44, 29/10/1853, 347-349.

J. H. da Cunha Rivara, "Eduardo Quillinan, e sua traducção ingleza dos Lusiadas de Camões", *O Panorama*. Vol. X, Segundo da Terceira Serie (1853), nº 23, 4/6/1853, 177-179.

"O Cemiterio d' aldêa. (Traduzido de Gray)", *O Instituto*. Vol. II, nº 6, 15/6/1853, 70 — 71 (trad. por F. [Francisco de Castro Freire]).

Byron, [Belezas de Lisboa], *O Jardim Litterario*. Vol. IX (1853), nº 24, 17/6/1853, 185.

Chateaubriand, "Memorias d'Alem da Campa", *O Ecco Popular*. Nº 142, 27/6/1853, 1; nº 143, 28/6/1853, 1; nº 144, 30/6/1853, 1; nº 145, 1/7/1853, 1; nº 146, 2/7/1853, 1; nº 147, 4/7/1853, 1; nº 148, 5/7/1853, 1; nº 149, 6/7/1853, 1.

"O Cemiterio d' Aldea. (Traduzido de Gray.)", *Periodico dos Pobres no Porto*. Nº 156, 5/7/1853, 647-648 (trad. por F. [Francisco de Castro Freire]).

"O Vampiro. Fragmento (em prosa) composto por Lord Byron", *Revista dos Espectaculos*. 2º Vol., nº 11, Agosto de 1853, 81-83.

A. R. de Torres Bandeira, "Será o progresso das sciencias nocivo á cultura da poesia? Prejudicará a civilisação á imaginação?", *Revista Popular*. Vol. VI, nº 6, 13/8/1853, 46-48.

M. Paul Féval, "Miss Olivia", *Revista Popular*. Vol. VI, nº 7, 20/8/1853, 49-51; nº 8, 27/8/1853, 58-60; nº 9, 3/9/1853, 66-67; nº 10, 10/9/1853, 74-76; nº 11, 1853, 82-84 [ilustrado].

"(De Lord Byron.)", *Revista Popular*. Vol. VI, nº 8, 27/8/1853, 64 (trad. por José Ramos Coelho).

F. Gomes d' Amorim, "A Mocidade de D. João V, Romance por Luiz Augusto Rebello da Silva", *O Panorama*. Vol. X, Segundo da Terceira Serie (1853), nº 47, 19/11/1853, 369-371.

1854

"Costumes populares na Irlanda", *O Jardim Litterario*. Vol. X (1854), nº 38, 299-302 [ilustrado].

"Memorias de uma actriz", *O Jardim Litterario*. Vol. X (1854), nº 12, 94; nº 13, 99-100; nº 14, 106-107; nº 15, 114-115; nº 18, 142-143; nº 19, 150-151; nº 20, 155-156; nº 21, 162-163; nº 24, 186-188; nº 25, 194-195; nº 31, 246-247; nº 32, 249-250; nº 33, 258; nº 35, 274; nº 37, 290; nº 43, 338; nº 45, 355-356; nº 46, 362-363; nº 47, 371-372.

F. M. Bordallo, "O céguinho de nascença. (Imitado do inglez)", *O Bardo*. II Parte (1854-1855), 187-188.

Lopes de Mendonça, "Revista de Lisboa. 16 de Abril", *A Revolução de Setembro*. Nº 3608, 17/4/1854, 1-2.

"Duas notabilidades", *O Panorama*. Vol. XI, Terceira da Terceira Serie (1854), nº 21, 27/5/1854, 168.

"Uma perda para as lêtras", *O Boletim de Lisboa*. Nº 9, 2/7/1854, 1-4.

Julio Cezar Machado, "Tomar banhos! Revista das barcas", *A Revolução de Setembro*. Nº 3763, 21/10/1854, 1-2.

[Morte de Almeida Garrett], *O Instituto*. Vol. III, nº 18, 15/12/1854, 225-226.

1855

"A despedida. (Fragmento de uma traducção do Childe Harold de Lord Byron.)", *Revista Peninsular*. Vol. I, nº X, 1855, 474-475 (trad. por J. Ramos Coelho).

Alexandre Braga, "A Escoceza", *A Grinalda*. Vol. I (1855), nº 2, 17-18.

"A estatua de estanho. Romance", *O Panorama*. Vol. XII, Quarto da Terceira Serie (1855), nº 12, 24/3/1855, 94-95; nº 13, 31/3/1855, 101-103; nº 14, 7/4/1855, 111-112.

"A Pomba d' Anacreonte. (Traducção de Thomaz Moore)", *Periodico dos Pobres no Porto*. Nº 85, 11/4/1855, 345-346 (trad. por J. F. S.).

"Maria, a criada da estalagem. Por Southey", *O Archivo Lisbonense*. Nº 1, 1/5/1855, 2-3 (trad. por A. E. de Sousa).

"O Lyrio da Montanha", *O Archivo Lisbonense*. Nº 2, 11/5/1855, 10-11; nº 3, 22/5/1855, 17-19 (trad. por J. P. da F. Neves).

"Othelo e Desdemona", *Revista dos Espectaculos*. Vol. III, nº 12, 30/6/1855, 89-91.

Carlos d' Oliveira, "A Noite. No album d' um amigo", *O Recreio Popular*. Nº 6, 19/7/1855, 46-47.

Gustavo Chadeuil, "A ultima viagem de Mr. Scott", *O Seculo*. Nº 126, 5/9/1855, 1; nº 127, 6/9/1855, 1; nº 128, 7/9/1855, 1; nº 129, 8/9/1855, 1.

L. A. Rebello da Silva, "A Pena de Talião. Romance historico. Introducção", *O Panorama*. Vol. XII, Quarto da Terceira Serie (1855), nº 47, 24/11/1855, 370-373.

1856

"A Julia, chorando. (*Vertido de Th. Moore — juvenile poems.*)", *O Novo Trovador*. 1856, 192. (trad. por A. Ayres [António Fructuoso Aires de Gouveia].

"N' Um Album. Vertido de Byron. (No album de A. de Gouvêa Ozorio.)", *O Novo Trovador*. 1856, 50 (trad. por A. Ayres [António Fructuoso Aires de Gouveia]).

"O Eremita. Balata, trasladada do inglez, de Goldsmith", *O Murmurio*. Nº 2, 15/1/1856, 6-7; nº 3, 1/2/1856, 8 (trad. por M. R. S. A. [Manuel Rodrigues da Silva Abreu]).

Torres e Almeida [Joaquim Januário de Sousa Torres e Almeida], "A proposito de uma balata de Goldsmith", *O Murmurio*. Nº 2, 15/1/1856, 5-6.

Ernesto Biester, "Uma viagem pela litteratura contemporanea. (Offerecida ao sr. A. Herculano). L. A. Rebello da Silva. V.", *A Illustração Luso-Brazileira*. Vol. I, nº 8, 23/2/1856, 62-63.

"O Combate dos Anjos e dos Demonios. No Canto 6º do Paraiso Perdido de Milton. Vers. 626 até 678", *O Murmurio*. Nº 8, 15/4/1856, 8 (trad. por M. R. S. A. [Manuel Rodrigues da Silva Abreu]).

"Folhetim", *O Nacional*. Nº 87, 18/4/1856, s.n..

"O amor materno", *A Abelha*. Nº 24, 15/6/1856, 185-189; nº 25, 22/6/1856, 193-196; nº 26, 29/6/1856, 201-205.

R. A. de Bulhão Pato, "Impressões d' uma viagem", *A Illustração Luso-Brazileira*. Vol. I, nº 30, 26/7/1856, 235-236; nº 31, 2/8/1856, 243-244; nº 32, 9/8/1856, 254-255; nº 34, 23/8/1856, 272; nº 35, 30/8/1856, 275-276; nº 36, 6/9/1856, 282-283.

O., "Folhetim", in *A Ordem Publica*. Nº 1, 2/10/1856, s.n..

"Da caça dos elephantes", *O Murmurio*. Nº 22, 15/11/1856, 5-8; nº 22, 15/11/1856, 2-3.

"O Prisioneiro de Chillon por Lord Byron. (Vertido da traducção franceza)", *O Nacional*. Nº 288, 17/12/1856, s.n..

1857

A. A. Soares de Passos, "Imitação d' Ossian. (Fragmento dos cantos de Selma)", *A Grinalda*. Vol. II (1857), nº 1, 10-12.

"A Guerra de Caros: (Traducção livre d'Ossian)", *O Portugal*. Nº 1271, 10/2/1857, s.n.; nº 1272, 12/2/1857, s.n. (trad. por L. R. [Luís Ribeiro de Sottomayor]).

Alexandre de Barreto, "Dolores", *O Doze de Agosto*. 2ª serie. Nº 3, 16/2/1857, 8.

F. M. Bordalo, "Parallelo entre as litteraturas alemã e ingleza", *O Panorama*. Vol. XIV, Primeiro da Quarta Serie (1857), nº 21, 23/5/1857, 164-165.

"Um romance á ingleza", *O Clamor Publico*. Nº 229, 22/7/1857, 1.

A., "Estudos acerca do romance", *A Opinião*. Nº 256, 29/10/1857, 1; nº 257, 30/10/1857, 1-2; nº 258, 31/10/1857, 1-2.

"Lord Byron. Por M. Macaulay", *Archivo Pittoresco*. Tomo I (1857-1858), nº 31, Janeiro de 1858, 242-243; nº 32, Fevereiro de 1858, 253-255; nº 33, Fevereiro de 1858, 258-260; nº 34, Fevereiro de 1858, 270-272; nº 36, Março de 1858, 282-284; nº 38, Março de 1858, 298-299; nº 42, Abril de 1858, 330-333 (trad. por Lopes de Mendonça).

1858

"A Utopia de Thomaz Morus", *Archivo Pittoresco*. Tomo I (1857-1858), nº 30, Janeiro de 1858, 234-235.

"O segredo perdido", *A Illustração Luso-Brazileira*. Vol. II, nº 2, 9/1/1858, 10-12; nº 3, 16/1/1858, 18-19.

"Parallelo entre alguns autores inglezes", *A Illustração Luso-Brazileira*. Vol. II, nº 6, 6/2/1858, 42-43.

F. V., "Glórias de Portugal", *O Escolastico Polytechnico*. N° 3, 15/2/1858, 17-19.

Douglas Jerrold, "Que dirá o mundo? Scenas de costumes inglezes", *A Opinião*. N° 348, 21/2/1858, 1; n° 349, 23/2/1858, 1; n° 350, 24/2/1858, 1; n° 352, 26/2/1858, 1; n° 353, 27/2/1858, 1; n° 355, 2/3/1858, 1; n° 356, 3/3/1858, 1; n° 358, 5/3/1858, 1; n° 359, 6/3/1858, 1; n° 360, 7/3/1858, 1; n° 361, 9/3/1858, 1.

"A Walsa. Conto tirado do inglez", *A Opinião*. N° 379, 31/3/1858, 1; n° 380, 1/4/1858, 1 (trad. por A. Carrilho [António Maria Pereira Carrilho]).

Lamartine, "O Homem. A Lord Byron. (Tradusido de Lamartine)", *O Escolastico Polytechnico*. N° 7, 15/4/1858, 54-55; n° 8, 30/4/1858, 60-61; n° 9, 15/5/1858, 68-69; n° 10, 31/5/1858, 78-79 (trad. por F. V.).

"Saudades", *O Escolastico Polytechnico*. N° 11, 15/6/1858, 87-88.

"A calma", *A Illustração Luso-Brazileira*. Vol. II, n° 25, 19/6/1858, 196 e 198; n° 26, 26/6/1858, 202; n° 30, 24/7/1858, 239; n° 31, 31/7/1858, 247-248.

"Doze horas em frente de um leão", *Archivo Pittoresco*. Tomo II (1858-1859), n° 4, Julho de 1858, 27-29; n° 5, Julho de 1858, 34-36.

C. Castello-Branco, [Biografia da Marquesa de Alorna], *O Mundo Elegante*. N° 4, 18/12/1858, 27-29.

1859

Antonio de Brederode, "Um mez em Cintra. Fragmentos d' um livro", *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*. Vol. I (1859), 44-46; 88-90; 340-342.

Andrade Ferreira, "O novo Curso Superior de Lettras", *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*. Vol. I (1859), 221-230.

J. M. de Andrade Ferreira, "Poesia popular", *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*. Vol. I (1859), 512-519.

A. F. S. P., "Rainha e Mulher", *Archivo Pittoresco*. Tomo II (1858-1859), n° 41, 1859, 327-328.

"Alcyna. Romance. Proemio", *O Atheneo*. 1859-60, 55-56.

Antonio Xavier de Barros Corte-Real, "Fabula. A novidade e o bom-senso", *Archivo Pittoresco*. Tomo II (1858-1859), n° 35, Fevereiro de 1859, 277-278.

F. E. Payant, "Esboço sobre a litteratura ingleza", *A Illustração Luso-Brazileira*. Vol. III, n° 7, 19/2/1859, 51 e 54; n° 9, 5/3/1859, 66; n° 10, 12/3/1859, 74-75; n° 11, 19/3/1859, 82; n° 13, 2/4/1859, 97-98; n° 14, 9/4/1859, 106; n° 15, 16/4/1859, 114; n° 17, 30/4/1859, 130; n° 19, 14/5/1859, 146-147; n° 21, 28/5/1859, 162; n° 27, 9/7/1859, 210-211; n° 40, 8/10/1859, 314-315.

"Conselhos de Goethe aos escriptores", *O Mundo Elegante*. N° 9, 7/3/1859, 65-66.

"O Senhor de Berkley ou O Idiota. Romance por Affonso Brot", *O Cysne do Sado*. N° 2, 13/3/1859, 3; n° 3, 20/3/1859, 2; n° 4, 27/3/1859, 2; n° 5, 3/

4/1859, 2-3; nº 6, 10/4/1859, 3; nº 7, 17/4/1859, 3; nº 8, 24/4/1859, 3; nº 10, 8/5/1859, 3; nº 11, 15/5/1859, 3-4; nº 12, 22/5/1859, 3-4; nº 13, 29/5/1859, 3.

"Fragmento do sonho do Eden do poeta Blomsfield", *A Illustração Luso-Brazileira*. Vol. III, nº 14, 9/4/1859, 112 (trad. por H. Van-Deiters).

I. de Vilhena Barbosa, "Contos populares da Irlanda. I. A garrafa encantada", *A Illustração Luso-Brazileira*. Vol. III, nº 18, 7/5/1859, 139; nº 19, 14/5/1859, 150-151; nº 20, 21/5/1859, 154.

"Milton. Estudo critico por Macaulay", *A Illustração Luso-Brazileira*. Vol. III, nº 19, 14/5/1859, 147 e 150; nº 20, 21/5/1859, 154-155; nº 22, 4/6/1859, 170-171; nº 23, 11/6/1859, 179 e 182 (trad. por Lopes de Mendonça).

Lobato Pires, "Duas palavras acerca da arte poetica", *Archivo Universal*. Nº 20, 16/5/1859, 307-308.

I. de Vilhena Barbosa, "Contos populares da Irlanda. II. As aguas negras", *A Illustração Luso-Brazileira*. Vol. III, nº 27, 9/7/1859, 214-215; nº 28, 16/7/1859, 218-219.

1860

José Maria d'Andrade Ferreira, "Achaques da nossa litteratura dramatica", *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*. Vol. II (1860), 456-467.

José Maria d'Andrade Ferreira, "Amor tirando a venda", *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*. Vol. II (1860), 365-377.

José Maria d'Andrade Ferreira, "Bosquejo da litteratura dramatica em Portugal desde o seculo XVII (Fragmento de um livro inedito)", *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*. Vol. II (1860), 210-216 e 255-261.

A. Carrilho, "Historia de um elephante. Versão do francez", *Archivo Universal*. 4º Vol., nº 2, 1860, 26-28; nº 3, 46-47.

"Sobre a conquista da Inglaterra pelos normandos, a proposito do romance d' Ivanhoé", *Jornal para Todos*. Nº 32, 1860, 252-254; nº 33, 1860, 261-262 (trad. por M. A. Sequeira).

Augustin Thierry, "Sobre o espirito nacional dos irlandezes, a proposito das «Melodias Irlandezas» de Thomaz Moore", *Jornal para Todos*. Nº 30, 1860, 237-238; nº 31, 1860, 244-245 (trad. por M. A. Sequeira).

J. d' A. Corvo, "Amor com amor se pága", *Archivo Universal*. 3ª serie. Nº 2, 10/1/1860, 19-22; nº 3, 17/1/1860, 38-40; nº 4, 24/1/1860, 56-59.

A. A., "Remember", *Preludios — Litterarios*. Vol. II, nº 9, Março de 1860, 72.

R. Gusmão, "Erros de Heinrich Friedrich Link", *O Instituto*. Vol. VIII, Nº 23, 1/3/1860, 337-338.

Augusto Malheiro Dias Guimarães, "Shakspeare e Cervantes", *A Primavera*. Nº 20, 26/3/1860, p. 3; nº 21, 2/4/1860, 2.

"O Domingo de Ramos", *O Jornal do Porto*. Nº 75, 31/3/1860, 1-2.

Bulhão Pato, "Parisina. Imitação", *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*. Vol. II, Abril de 1860, 511-523.

A. Victorino da Motta, "Byron", *O Instituto*. Vol. IX, nº 2, 15/4/1860, 28-29; nº 3, 1/5/1860, 43-44.

Southey, "Maria, A joven estalajadeira", *A Primavera*. Nº 27, 14/5/1860, 1.

M., "A Litteratura Ingleza", *O Instituto*. Vol. IX, nº 4, 15/5/1860, 57-58.

Julio Cezar Machado, "Diario de um cura d'aldeia. (Imitação de um romance inglez.)", *A Revolução de Setembro*. Nº 5507, 11/9/1860, 1-2.

"O Rapto d'Oithona, Poema d' Ossian", *O Instituto*. Vol. IX, nº 15, 1/11/1860, 232-235 (trad. por Luiz Ribeiro).

Méry, "O sabio e o crocodilo", *Commercio de Coimbra*. Nº 1, 1/11/1860, 1-2; nº 2, 3/11/1860, 1-2; nº 3, 7/11/1860, 1-2; nº 4, 10/11/1860, 1-2; nº 5, 14/11/1860, 1-2.

F. M. Swart, "Uma lição á soberba. Traducção do inglez", *O Camões*. Nº 3, 8/11/1860, 23-24; nº 4, 15/11/1860, 31.

1861

"Canção dos piratas (Traduzido do Corsario de Byron.)", *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*. Vol. III (1861), 218-219 (trad. por Bulhão Pato).

[Júlio César Machado] "Diario de um cura de aldêa (Imitação do inglez)", *O Nacional*. Nº 34, 11/2/1861, 1; nº 35, 13/2/1861, 1.

Dickens, "Meu tio (Conto phantastico)", *Estrella d'Alva*. Vol. I, nº 18, 4/3/1861, 5-6; nº 19, 11/3/1861, 3-4; nº 20, 18/3/1861, 5-6; nº 21, 25/3/1861, 5-6; Vol. II, nº 1, Abril de 1861, 6-7 (trad. por Lopes).

"Lamentações de Tasso de L. Byron", *A Revolução de Setembro*. Nº 5691, 25/4/1861, 1-2.

Theodoro Pavie, "As Chinelas do Brahmane. Scenas da vida anglo-hindúa", *Estrella d'Alva*. Vol. II, nº 10, Maio de 1861, 78-79; nº 11, Junho de 1861, 86-87; nº 12, Junho de 1861, 93-94; nº 13, Junho de 1861, 103-104; nº 14, Julho de 1861, 110-111; nº 15, Julho de 1861, 118-119; nº 16, Julho de 1861, 126-127; nº 17, Julho de 1861, 134-135 (trad. por H. Van-Deiters).

Francis Godwin, "O Homem na Lua", *Archivo Familiar*. Nº 31, 25/5/1861, 246-247; nº 32, 1/6/1861, 256 (trad. por F. Braga).

Pitre-Chevalier, "Os Ramilhetes de Estella", *Estrella d'Alva*. Vol. II, nº 12, Junho de 1861, 93; nº 13, Junho de 1861, 101-102; nº 14, Julho de 1861, 110.

"O espectro-conselheiro. Versão do inglez", *A Opinião*. Nº 1322, 2/6/1861, 1-2; nº 1324, 5/6/1861, 1; nº 1325, 6/6/1861, 1; nº 1326, 7/6/1861, 1-2; nº 1327, 9/6/1861, 1; nº 1328, 11/6/1861, 1; nº 1329, 12/6/1861, 1.

"A Punição d' um Adulterio ou O Cornaca e o seu Rival", *Archivo Familiar*. Nº 35, 22/6/1861, 275-276.

Figueiredo Bastos, "Paginas do Intimo", *Aurora Litteraria*. Vol. II, nº 3, 1/9/1861, 18-19.

A. Varella, "As Serêas", *Aurora Litteraria*. Vol. II, nº 4, 15/9/1861, 29-30; nº 5, 1/10/1861, 37-39.

A. J. P. Varella, "O Lago da Fada. Lenda", *Aurora Litteraria*. Vol. II, nº 5, 1/10/1861, 34-36.

1862

"O Contra-Mestre", *Archivo Pittoresco*. Tomo V, nº 35, 1862, 274-276 (trad. por Rodrigo Paganino).

"A Noite de Natal", *Archivo Pittoresco*. Tomo V, nº 41, 1862, 322-324 (trad. por Rodrigo Paganino).

"A rosa de Sarah", *Estrella d'Alva*. Vol. II, nº 50, Março de 1862, 397-398 (trad. por L. de S. T. [Luis de São Thiago]).

Alexandre Braga, "Á Inglaterra", *Tira-Teimas*. Nº 23, 5/3/1862, 183; nº 24, 11/4/1862, 186-187.

"O ultimo fantasma", *A Opinião*. Nº 1562, 22/3/1862, 1-2; nº 1563, 23/3/1862, 1-2; nº 1565, 27/3/1862, 1; nº 1566, 28/3/1862, 1-2; nº 1567, 29/3/1862, 1-2; nº 1569, 1/4/1862, 1; nº 1570, 2/4/1862, 1; nº 1571, 3/4/1862, 1-2; nº 1572, 4/4/1862, 1; nº 1573, 5/4/1862, 1; nº 1576, 9/4/1862, 1; nº 1577, 10/4/1862, 1; nº 1578, 11/4/1862, 1; nº 1579, 12/4/1862, 1-2; nº 1580, 13/4/1862, 1; nº 1583, 17/4/1862, 1; nº 1586, 23/4/1862, 1.

E. D. Forgues, "O Moinho de Darcote", *O Nacional*. Nº 81, 10/4/1862, 1-2; nº 82, 11/4/1862, 1-2; nº 83, 14/4/1862, 1; nº 110, 17/5/1862, 1-2; nº 111, 19/5/1862, 1; nº 112, 20/5/1862, 1; nº 113, 21/5/1862, 1.

Mery, "O sabio e o crocodilo", *Estrella d'Alva*. Vol. III, nº 7, Maio de 1862, 50-52; nº 8, Maio de 1862, 59-61; nº 9, Maio de 1862, 67-69; nº 10, Junho de 1862, 74-76; nº 11, Junho de 1862, 83-84 (trad. por Luis de São-Thiago).

A. de Bréhat, "O capitão Fitzmoor", *Estrella d'Alva*. Vol. III, nº 13, Junho de 1862, 101-103; nº 14, Julho de 1862, 109-110; nº 15, Julho de 1862, 117-119; nº 16, Julho de 1862, 125-127; nº 17, Julho de 1862, 133-135; nº 18, Agosto de 1862, 141-143; nº 19, Agosto de 1862, 148-150; nº 20, Agosto de 1862, 156-158; nº 21, Agosto de 1862, 165-167; nº 22, Agosto de 1862, 174; nº 23, Setembro de 1862, 182-183; nº 24, Setembro de 1862, 190-192; nº 25, Setembro de 1862, 197-198; nº 26, Setembro de 1862, 206-207.

"O juramento", *Estrella d'Alva*. Vol. III, nº 10, Junho de 1862, 76-78; nº 11, Junho de 1862, 85-87; nº 12, Junho de 1862, 94-95.

A. R. Lopes, "Thomaz Campbell", *Estrella d'Alva*. Vol. III, nº 11, Junho de 1862, 81-83.

"A estupidez chineza", *Estrella d'Alva*. Vol. III, nº 27, Outubro de 1862, 212-214; nº 28, Outubro de 1862, 223-224; nº 29, Outubro de 1862, 225-227; nº 30, Outubro de 1862, 234-236.

1863

"O Aprendiz", *Archivo Pittoresco*. Tomo VI, nº 33, 1863, 258-261; nº 34, 1863, 268-270; nº 35, 1863, 275-279 (trad. por Rodrigo Paganino).

"Caminho para o ceo", *Archivo Pittoresco*. Tomo VI, nº 16, 1863, 122-126 (trad. por Rodrigo Paganino).

"Hymno á Pobreza (Traducção livre de Moore)", *Luiz de Camões*. Vol. I, nº 6, 1863, 45.

[Chateaubriand], "Shakespeare", *Luiz de Camões*. Vol. I, nº 3, 1863, 30-31; nº 7, 1863, 51-52; nº 8, 1863, 63; nº 10, 1863, 78-79; nº 19, 1863, 148; nº 21, 1863, 164-165; nº 23, 1863, 180; nº 32, 1863, 252-253; nº 35, 1863, 274-275.

Mery, "O Sabio e o Crocodilo", *O Jornal do Porto*. Nº 1, 2/1/1863, 1; nº 2, 3/1/1863, 1; nº 3, 5/1/1863, 1; nº 4, 7/1/1863, 1.

F. J. Pinto Coelho, "Uma partida de xadrez. Imitação", *Album Litterario*. Vol. I, nº 2, 10/1/1863, 1-2.

"Os Meus Botões de Diamantes. (Versão do inglez)", *O Jornal do Porto*. Nº 11, 15/1/1863, 1; nº 12, 16/1/1863, 1; nº 13, 17/1/1863, 1; nº 14, 19/1/1863, 1; nº 15, 20/1/1863, 1.

Mery, "Uma historia de elephantes", *Estrella d'Alva*. Vol. III, nº 46, Fevereiro de 1863, 366-368; nº 47, Março de 1863, 369-371; nº 48, Março de 1863, 378-380 (trad. por Luis de São-Thiago).

"A Ignez. Traduzido do 1º Canto do Childe-Harold de Lord Byron", *Estrella d'Alva*. Vol. III, nº 44, Fevereiro de 1863, 348 (trad. por M. Pinheiro Chagas).

Charles Dickens, "Um Baptisado. (Versão do inglez.)", *O Jornal do Porto*. Nº 31, 9/2/1863, 1; nº 32, 10/2/1863, 1; nº 33, 11/2/1863, 1; nº 34, 12/2/1863, 1.

Charles Dickens, "Um Duello Como Ha Muitos. (Versão do inglez)", *O Jornal do Porto*. Nº 35, 13/2/1863, 1; nº 36, 14/2/1863, 1; nº 37, 16/2/1863, 1; nº 38, 18/2/1863, 1.

Charles Dickens, "A Familia Tuggs em Ramsgate. (Versão do inglez)", *O Jornal do Porto*. Nº 39, 19/2/1863, 1; nº 40, 20/2/1863, 1; nº 41, 21/2/1863, 1; nº 42, 23/2/1863, 1; nº 43, 24/2/1863, 1.

Charles Dickens, "Scenas n'uma casa de hospedagem. (Versão do inglez)", *O Jornal do Porto*. Nº 69, 27/3/1863, 1; nº 70, 28/3/1863, 1; nº 71, 30/3/1863, 1; nº 72, 31/3/1863, 1; nº 73, 1/4/1863, 1; nº 74, 4/4/1863, 1; nº 76, 7/4/1863, 1; nº 77, 8/4/1863, 1; nº 78, 9/4/1863, 1.

Charles Dickens, "O Senhor Minns e Seu Primo. (Versão do inglez)", *O Jornal do Porto*. Nº 79, 10/4/1863, 1; nº 80, 11/4/1863, 1; nº 82, 14/4/1863, 1.

José António Monteiro Teixeira, "L'Araignée et la Reine Victoria", *O Instituto*. Vol. XII, nº 3, Junho de 1863, 67-68.

Charles Dickens, "Horacio Sparkins", *O Jornal do Porto*. Nº 146, 3/7/1863, 1; nº 147, 4/7/1863, 1; nº 149, 7/7/1863, 1.

Charles Dickens, "A Excursão em Vapor. (Versão do inglez)", *O Jornal do Porto*. N° 153, 11/7/1863, 1; n° 154, 13/7/1863, 1; n° 155, 14/7/1863, 1; n° 156, 15/7/1863, 1.

Sir E. Bulwer Lytton, "Deus nos livre de sermos bonitos! Conto moral (Versão do inglez)", *O Jornal do Porto*. N° 163, 23/7/1863, 1.

Charles Dickens, "Uma representação de curiosos. (Versão livre do inglez)", *O Jornal do Porto*. N° 165, 25/7/1863, 1-2.

Charles Dickens, "O Veu Negro. (Versão do inglez)", *O Jornal do Porto*. N° 176, 7/8/1863, 1; n° 179, 11/8/1863, 1.

Mery, "Maria", *Estrella d'Alva*. Vol. IV, n° 19, Setembro de 1863, 146; n° 20, Setembro de 1863, 154-156; n° 22, Setembro de 1863, 171-172; n° 23, Outubro de 1863, 178-179; n° 25, Outubro de 1863, 194-195; n° 26, Novembro de 1863, 201-202; n° 27, Novembro de 1863, 210-212; n° 29, Novembro de 1863, 227-228; n° 30, Dezembro de 1863, 234-236; n° 31, Janeiro de 1864, 244-246; n° 32, Janeiro de 1864, 253-254; n° 33, Fevereiro de 1864, 261-262; n° 34, Fevereiro de 1864, 268-269; n° 35, Fevereiro de 1864, 276-278.

"Saudades. (Traducção do inglez)", *Estrella d'Alva*. Vol. IV, n° 26, Novembro de 1863, 202-204 (trad. por C. d'Abreu).

A. d' Oliveira Pires, "Fragmento de um romance inedito", *O Monitor Portuguez*. N° 18, 21/12/1863, 1-2; n° 20, 4/1/1864, 2-3; n° 22, 18/1/1864, 2; n° 23, 25/1/1864, 2.

Charles Dickens, "Uma loa do Natal em prosa. Conto phantastico do Natal. (Versão do original inglez)", *O Jornal do Porto*. N° 291, 22/12/1863, 1; n° 293, 24/12/1863, 1; n° 295, 28/12/1863, 1; n° 297, 30/12/1863, 1; n° 1, 2/1/1864, 1; n° 3, 5/1/1864, 1; n° 5, 8/1/1864, 1; n° 6, 9/1/1864, 1; n° 8, 12/1/1864, 1; n° 10, 14/1/1864, 1; n° 12, 16/1/1864, 1; n° 15, 20/1/1864, 1; n° 16, 21/1/1864, 1; n° 18, 23/1/1864, 1; n° 19, 25/1/1864, 1; n° 21, 27/1/1864, 1; n° 22, 28/1/1864, 1 (por A. C.)

1864

R., "Dos espiritos ou genios das montanhas, e dos servantes", *Luiz de Camões*. Vol. II, n° 35, 1864, 271-272.

"O Prezo de Chillon. Por Lord Byron", *Porto Elegante*. Volume I (1864), n° 2, 11-12; n° 4, 27-29; n° 6, 43-44.

M. Pinheiro Chagas, "Tres poetas", *Archivo Pittoresco*. Tomo VII, n° 11, 1864, 85-87.

Rodrigues, "Os Vampiros", *Luiz de Camões*. Vol. II, n° 23, 1864, 181-182.

Theophilo Braga, "A lenda de Fausto na poesia portugueza", *O Instituto*. Vol. XIII, n° 4, s.d. [1864 ?/1865 ?], 88-94.

"Um buraco no sobrado", *Album Litterario*. Vol. II, n° 3, 18/2/1864, 20; n° 4, 18/3/1864, 27-28; n° 6, 18/4/1864, 44; n° 7, 18/5/1864, 52-53; n° 8, 18/5/1864, 60-61; n° 9, 18/5/1864, 68-70; n° 10, Junho de 1864, 75-77 (versão por J. P. Leal).

Charles Dickens, "Scenas da vida ingleza. Sentimentalismo. (Versão do inglez por A. C.)", *O Jornal do Porto*. Nº 77, 7/4/1864, 1; nº 78, 8/4/1864, 1.

Mery, "Um quarto de hora inglez", *O Jornal do Porto*. Nº 79, 9/4/1864, 1; nº 80, 11/4/1864, 1.

"O Quaker e o Ladrão. (Versão do francez)", *O Nacional*. Nº 88, 20/4/1864, 1; nº 89, 21/4/1864, 1.

"Romeo e Julieta", *Ensaios Litterarios*. Nº 26, 30/4/1864, 3-4.

Clotilde, "Confissão de um Louvelace da borda d'agua", *A Chrysalida*. Nº 19 (7º do 2º semestre), 7/5/1864, 150-151.

D. Clotilde de Miranda, "Confissão de um *Lovelace*", *Estrella d'Alva*. Vol. IV, nº 39, Junho de 1864, 308-309.

João de Mendonça, "Uma lenda cavalleiresca", *Album Litterario*. Vol. II, nº 10, Junho de 1864, 74-75; nº 11, Julho de 1864, 85-86.

Chateaubriand, "Litteratura Ingleza", *O Doze de Agosto*. 4ª serie. Nº 25, 5/7/1864, 14-16; nº 27, 19/7/1864, 7-9; nº 33, 5/9/1864, 10-12; nº 34, 12/9/1864, 10-13; nº 43, 19/11/1864, 9-11; nº 1, 5/1/1865, 12-15; nº 5, 5/2/1865, 14-15; nº 9, 5/3/1865, 14-15; nº 10, 12/3/1865, 12-13; nº 15, 19/4/1865, 13-14; nº 24, 27/6/1865, 14-15; nº 25, 5/7/1865, 13-14; nº 37, 5/10/1865, 11-12; nº 38, 12/10/1865, 13-14 (trad. por F. de F. Serra [Francisco Ferreira Serra]).

S. F., "Uma jornada", *Boudoir*. Nº 29, 9/7/1864, s.n.; nº 30, 16/7/1864, s.n.; nº 33, 6/8/1864, s.n..

"Não te esqueças de mim! (Imitação de Byron). Remembrance", *Miscellanea Recreativa*. Nº 1, Novembro de 1864, 8 (por G.).

1865

"O admiravel Brandellius e o engenhoso Mogusius. Conto de Goldsmith", *Archivo Contemporaneo*. Nº 11, 1865, 88.

"Um casamento de puritanos", *Archivo Contemporaneo*. Nº 13, 1865, 98-101.

Pedro Augusto de Lima, "Os destinos da poesia contemporanea", *A Esperança*. Vol. I, 1865, nº 2, 12-13; nº 4, 25-26.

"Eu preferia ser bispo", *Archivo Contemporaneo*. Nº 16, 1865, 126-128.

A. Osorio de Vasconcellos, "Introducção", *Revista do Seculo*. 1865, 1-3.

Bulhão Pato, "Poema da Mocidade. Por M. Pinheiro Chagas", *Revista do Seculo*. 1865, 263-275.

"Reis de Inglaterra que foram auctores", *Archivo Contemporaneo*. Nº 24, 1865, 189-190.

M. Pinheiro Chagas, "A Varanda de Julieta", *Revista do Seculo*. 1865, 10-19; 44-52; 74-84; 106-113.

"Anna e Arthur", *Leituras Populares*. Vol. V (1865-1866), nº 29, 229-232; nº 30, 237-240; nº 31, 242-248; nº 32, 255-256.

F. de Carvalho, "Revista litteraria e theatral de Coimbra", *Mosaico*. Nº 6, 6/2/1865, 6-7.

"Rise, appear", *Mosaico*. Nº 14, 17/4/1865, 8.

Mery, "O Sabio e o Crocodillo", *Mosaico*. Nº 20, 19/6/1865, 2-3; nº 21, 10/7/1865, 2-3; nº 23, 24/7/1865, 3-4; nº 24, 31/7/1865, 4 (trad. por Augusto Malheiro Dias).

Alfredo de Carvalho, "O morgado do Chão de Couce", *Miscellanea Recreativa*. Nº 34, Julho de 1865, 270-271; nº 35, Julho de 1865, 276-277; nº 36, Julho de 1865, 286.

João de Lemos, "A Lua de Londres", *O Nacional*. Nº 162, 21/7/1865, 2.

Anne Radcliffe, "O Ermitão ou O Anjo das Trevas. (Traducção Livre)", *O Defensor dos Artistas*. Nº 38, 25/7/1865, s.n..

"Vingança de um marido", *A Liberdade*. Nº 258, 13/8/1865, 1.

A. Osorio de Vasconcellos, [Poema da Mocidade, de Pinheiro Chagas], *Annuario do Archivo Pittoresco*. Nº 23, Novembro de 1865, 182.

"Noticias do sr. Faust", *Diario de Noticias*. Nº 269, 26/11/1865, 1.

A IMAGEM DOS INGLESES E DA INGLATERRA NAS *IMPRESSÕES DE VIAGEM* DO VISCONDE DE BENALCANFOR*

João Reis Brandão
Universidade Nova de Lisboa

Publicadas em 1869, as *Impressões de Viagem* de Ricardo Guimarães (1830-1889), Visconde de Benalcanfor,[1] testemunham uma fase avançada da consolidação da imagem prototípica dos ingleses no imaginário nacional. Iremos aqui dar conta das linhas estruturantes dessa imagem, tal como é apresentada pelo Visconde, contrastando-a com as notícias de visitas à Inglaterra de outros portugueses de Oitocentos. Teremos, em primeiro lugar, de expor as condições de observação do autor, vendo de que forma estas coabitam ou entram em conflito com uma ideia de identidade britânica que sustenta um passo como o seguinte:

> Vendo Londres, conhecemos as proporções assombrosas do gigante britannico, que se firma orgulhosamente n'um throno de rochedos açoitados do oceano, e que abarca com os braços titanicos da indústria os mais longinquos confins do globo.
>
> Observando com attenção a phisionomia geral dos habitantes e o movimento da grande corrente, não se lhe percebe certa ondulação indecisa e caprichosa, cujas vagas

---

* Trabalho realizado no âmbito do Seminário de Estudos Literários Anglo-Portugueses do Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas Modernas, Área de Especialização em Estudos Ingleses e Norte-Americanos, leccionado pela Profª Doutora Maria Zulmira Castanheira.

[1] Visconde de Benalcanfor, *Impressões de Viagem: Cadiz, Gibraltar, Paris e Londres*, Porto, Viúva Moré, 1869. As referências a esta obra apresentarão apenas o número da página.

fluem e refluem ao sabor da curiosidade, ou do *flanar* indolente como em Paris, ou Madrid.

O inglez determina antecipadamente aonde pretende ir, e nenhuma distracção o desvia da linha traçada. (p. 255)

Alguns aspectos da vida de Ricardo Guimarães poderão iluminar a nossa leitura da sua obra. Proveniente de um meio economicamente favorecido, foi observador próximo e participante activo da vida social e política da sua época. Segundo a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*,[2] enquanto estudante de Direito em Coimbra participou no terceiro Batalhão Académico, força militar de escassa consequência, inspirada pelos ideais liberais. Durante a guerra civil da Patuleia, entra para a Marinha como aspirante, ingressando numa esquadra comandada pelo Conde das Antas, cujo curso para Lisboa seria travado pela frota do Comodoro Thomas Maitland.[3] Depois de terminar os estudos académicos, Ricardo Guimarães dividiu a sua vida entre a escrita, muito regular, para vários periódicos[4] e as actividades cívica e política. Com Camilo Castelo Branco, fundou *O Portuense*. Teve a seu cargo — segundo o *Dicionário Bibliographico Portuguez* (Silva, 1906: 272-273), "por longo lapso" — o folhetim do *Diário de Notícias*, além de colaborar em publicações como *Arauto*, *Civilização*, *Revolução de Setembro* ou *Revista Contemporânea*. Foi deputado, secretário do Instituto Industrial, inspector da instrução secundária, titular de várias condecorações e sócio de diversas academias, tais como a Academia Real da História, a Academia de Cervantes (traduziu o *Dom Quixote*, com o poeta espanhol D. Luis de Breton y Vedra) e a Academia de Legislação e Jurisprudência Espanhola. Em 1871 foi-lhe atribuído o título de Visconde de Benalcanfor, de que foi o único possuidor. O *Dicionário Bibliographico Portuguez* atribui-lhe a autoria de várias obras de cariz ensaístico, memorialístico e de comentário político, como *Narrativas e episódios da vida parlamentar* (1863), *Da influencia*

---

[2] *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. s.d. Vol. IV. Lisboa/Rio de Janeiro: Ed. Enciclopédia, Lda., 510.

[3] Este encontro precoce com as forças militares inglesas poderá sustentar alguns aspectos da imagologia das *Impressões de Viagem*, nomeadamente a insistente caricaturização do ostensivo poderio bélico britânico.

[4] Júlio César Machado, ao prefaciar um dos tomos do Visconde, *Leituras de Verão* (1883), caracterizou com característica ironia a sua produtividade: "O visconde de Benalcanfor não só não deixa passar um dia sem escrever, obedecendo nisso ao preceito — nulle dies sine linea —, senão que não deixa passar dia em que um artigo seu não veja a luz n'algum jornal de Lisboa, do Porto, das provincias (...)", *op. cit.*, p. VI.

da liberdade da terra sobre a produção da riqueza (1866), *Realidades e phantasma* (1881), *Apontamentos de um inspector de instrucção secundaria* (1882); é de salientar a reincidência do autor no género da literatura de viagens, com obras como *Vienna e a exposição* (1873), *Na Itália* (1876) e *De Lisboa ao Cairo* (1876), para além daquela que aqui abordamos.

Na altura da sua morte, em Novembro de 1889, o periódico de Rafael Bordallo Pinheiro, *Pontos nos ii*, homenageia o Visconde com uma nota necrológica, assinada Irkan, nome literário de Fialho de Almeida; aí encontramos um balanço do estatuto de que gozou contemporaneamente enquanto homem de letras:

> O visconde de Benalcanfor, que a morte acaba de tragar em plena seiva da vida madura, era um dos mais puros representantes da geração litteraria de ha trinta annos, e um dos mais desempenados folhetinistas d'essa pleiade de *phraseurs* que veio com Lopes de Mendonça, popularisar em artigos soltos, as ligeirezas d'estylo *papilotant* que Garrett inaugurara em Portugal, com as *Viagens*. (...)
>
> Fino e voluptuoso, com a sensibilidade delicada mas instavel, a sua litteratura era assim uma coisa incorporea como a renda, de que se admira o trabalho inconsistente, mas com que se não póde agazalhar afinal um corpo nú. A cada passo, no vestir do assumpto, a imaginação da phrase engolphava-lhe os periodos de locuções similares e cambiantes, tumultuosas ás vêzes, a ponto de lhe comprometerem a nitidez da ideação. E como acontece aos folhetinistas que não teem por traz da forma descuidosa, o arcabouço d'uma poderosa cultura litteraria, renovada sem treguas, dia a dia, sempre que na factura d'um artigo não intervinha a imaginação do signatario, apoderava-se do leitor uma especie d'enfado, e nasciam as duvidas quanto á sinceridade artistica da obra, e quanto ao valor dos seus meios d'execução. (Almeida, 1889: 283)

Como se vê, esta sumaríssima biografia desenha uma vida bem enraizada e envolvida no seu tempo e nos seus contextos nacional, social e de classe. Para o que primeiramente nos preocupa — a delimitação dos horizontes de percepção no Visconde quando das suas viagens —, o que podemos desde logo retirar da vida do autor é a constatação de estarmos perante um homem de letras de Oitocentos, determinado nesta condição pelo universo comunicacional das publicações periódicas. Neste contexto específico de transmissão, salientamos dois eixos estruturantes,

que a leitura das *Impressões de Viagem* podem confirmar: um formal, o carácter "comunicativo", acessível, pragmático e abreviado do texto; o outro, atestado pelo seu valor de serviço público, realiza-se na dimensão concreta do testemunho da viagem, na procura de detalhes informativos sobre os lugares visitados, transportáveis para futuros programas de turismo dos leitores. A transmissão tem como receptores tácitos homens que partilham com Ricardo Guimarães tanto um meio de pertença económico e cultural, como a presunção de cosmopolitismo que lhe está agregada. O facto de o relato das viagens do Visconde estar atravessado por comentários de ambição culturalista é ilustrativo do modo como a publicação de um testemunho de viagem vinha servir os interesses colectivos de uma determinada secção da sociedade portuguesa que, simultaneamente, procurava referências e *reflexos* num espaço estrangeiro de que se entendia desunida. Este é o elemento que ressalvamos, na obra aqui analisada, acima dos outros, e que nos parece denunciado pela noção de impressão patente no título da obra: aquilo que se imprime são menos os aspectos geográficos ou naturalistas da passagem pelo estrangeiro do que a realização das diferenças culturais marcadas pelas fronteiras, melhor ou pior definidas, que percorrem os espaços. As *Impressões de Viagem* cumprem, assim, um programa eminentemente culturalista. O reconhecimento dos contrastes culturais — e, para usar um termo tão caro ao século XIX, civilizacionais — não equivale, em Ricardo Guimarães, já se vê, a uma observação pura: é antes a realização de uma necessidade, partilhada por um grupo, tanto de localização própria num espaço global, a Europa, como de auto-identificação através da diferenciação.

Distinguimos dois tipos de condicionantes para ressalvar a diferença entre a *dimensão material* da experiência de viagem, que diz respeito à travessia geográfica — a qual terá determinadas consequências que adiante abordaremos —, e a sua *dimensão imaterial e preliminar*, que se define na construção de um conjunto de ideias apriorísticas sobre o estrangeiro. É uma asserção recorrente nos estudos comparatistas a valorização deste último elemento, de que participa grandemente a leitura de testemunhos de viagem relativos ao lugar de destino. No texto do Visconde de Benalcanfor, não encontramos uma excepção a essa insistente presença do *déja lu* nas notícias de viagens de Oitocentos, reforçada pela sólida presença de uma imagem fixa dos ingleses, não apenas nas letras e no imaginário portugueses, como por toda a Europa. Para a análise do texto de Ricardo Guimarães é, portanto,

crucial ter presente o facto de o autor, quando da sua viagem, estar a dar continuidade a uma tradição de testemunhos de viagens de portugueses à Inglaterra que já havia estabelecido os seus tópicos identificadores.

O horizonte de expectativas de um viajante não se constitui, no entanto, apenas com as memórias de anteriores viagens. À literatura turística provavelmente consumida pelo Visconde soma-se a importância de que a Inglaterra gozou durante todo século XIX, e que fazia da sociedade e cultura inglesas fonte de constante escrutínio mediático, como uma observação mesmo superficial dos periódicos portugueses contemporâneos torna claro. Bem dentro da segunda metade do século XIX, a hegemonia britânica era mais do que incontestável, produzindo por vezes, através de um mecanismo de rejeição do poder, o tipo de caracterizações menos que amáveis como as que encontramos na obra do Visconde, aliadas nela ao mais vulgar pasmo perante a superior evolução tecnológica inglesa. Referimos este elemento para caracterizar a singularidade que representava uma viagem àquele que era, com muita probabilidade, o mais poderoso país do mundo, bem como o facto de a imagem da Inglaterra criada pelos portugueses de Oitocentos coincidir com a imagem que dela tinham outras culturas. Evidentemente, uma reflexão sobre este dado pediria uma análise transversal da construção da resultante imagem prototípica em toda a Europa, colocada em paralelo com a crescente presença cultural, económica e militar da Inglaterra no palco global, o que ultrapassa largamente os limites deste ensaio. Para nos circunscrevermos a Portugal, é importante para a leitura das *Impressões de Viagem* que estas tenham como antecedentes obras como *Cinco Annos d'Emigração*, de Pereira do Lago, "De Jersey a Granville", de Alexandre Herculano, *Diário da minha viagem à Inglaterra*, de Almeida Garrett, *Uma Viagem à Inglaterra, Bélgica e França*, de José Mesquita da Rosa, *Recordaçoens de Viagem — Contendo a Viagem de Lisboa a Londres e A Discripção Desta Cidade*, de Félix Nogueira, *Recordações de Paris e Londres* e "Três Cartas", de Júlio César Machado, além de outras, constituindo um *corpus* suficientemente sólido para que seja possível reconhecer uma tradição, com fortes linhas identitárias, onde as *Impressões* do Visconde se vêm inscrever. Trata-se de uma inscrição que suplementa o factor de demarcação do programa formal atrás referido, ao integrar um arsenal de noções já fabricadas sobre a cultura britânica que, no último estágio, transforma as anunciadas *impressões* em *confirmações* ou *reconhecimentos* de testemunhos anteriores.

É também de atribuir ao atrito da tradição da literatura de viagem e periodística o predomínio de um tom, que conjuga os espaços contíguos do humor, da paródia e da caricatura, a que os ingleses se prestariam adequadamente, para fazer do estrangeiro objecto de riso. A ironia é, em *Impressões de Viagem*, de um valor medular, mediando cada descrição, cada olhar sobre a cultura inglesa. O enraizamento do humor nas relações das letras portuguesas com o povo inglês tem sido sublinhado, sendo fundamental na constituição de um panorama muito ambivalente sobre a respectiva cultura. Na obra do Visconde de Benalcanfor, não só esta escolha de um tom não é original, como se realiza frequentemente através de jogos metafóricos também eles explorados amiúde pelos autores contemporâneos e antepassados do Visconde, quer em livro quer na imprensa periódica. Por exemplo, a primeiríssima referência aos ingleses, bem no início das *Impressões de Viagem*, recorre à bestialização para deformar imagisticamente a percepção da fonética inglesa: "Em volta de nós grasna um bando d'officiaes inglezes." (p. 1) — o que constitui um processo de presença regular na tradição a que a obra responde.[5] Em Ricardo Guimarães, podemos dizer que a aliança do humor a uma consciência hipersensível do estatuto hegemónico do Império Britânico se constituem como parte muito substancial da sua especificidade. O processo caricatural incide sobre os aspectos onde se espelharia tacitamente o poder inglês, tais como as manifestações do militarismo ou as características físicas dos nórdicos (a estatura, a força, etc.).

Ao tratarmos da influência do já lido é irresistível lembrar a interrogação de Cláudio Guillén em *Múltiples Moradas*: não será que a literatura nos impede de ver o mundo? É irrecusável que tópicos considerados como específicos dos ingleses, como o estoicismo, o alcoolismo, o ascetismo e o pragmatismo, que o livro do Visconde explora, são comuns a variadíssimos textos portugueses do século XIX. Como o prova o exaustivo estudo de Maria Zulmira Castanheira sobre as imagens da Grã-Bretanha na imprensa periódica portuguesa da primeira metade do século XIX, os motivos culturais e comportamentais britânicos evidenciados por Ricardo Guimarães persistiram durante o século XIX na esfera das letras nacionais. Nas *Impressões de Viagem* não é possível detectar, aliás, uma vontade de resistência ao apelo das imagens culturais estabelecidas: há, pelo contrário, uma entrega

[5] Cf. Herculano 1843.

ao seu domínio. É dentro deste quadro genérico, onde a influência se desenvolvia agressivamente, que se desenha a singularidade relativa do Visconde, definida pelas vicissitudes intelectuais e materiais do autor e do acto da escrita, bem como pela sua sensibilidade e motivações.

O prefácio é o momento privilegiado de afirmação da individualidade da voz autoral, movimento que o autor concretiza paradoxalmente:

> O auctor não acredita, como tantos homens illustres do seu tempo, que só se passa á posteridade, legando à geração contemporanea o testamento litterario das nossas viagens por este mundo sublunar. Pelo contrário, crê que a moda d'escrever livros de viagens é inspirada pela consciência intima da nossa própria obscuridade. (p. xix)

Constitui também o espaço de orientação da leitura, instância que o autor desenvolve, aqui como em outros textos, através da tácita desvalorização do alcance da sua obra. Encontramos advertências sobre as escassas pretensões do autor nos prefácios de diversos dos seus livros (sinalizadas pela ubíqua expressão, "[escrito] ao correr da pena"). Esta consciência de uma limitação de perspectiva coincide com a observação póstuma, feita na nota necrológica, acima citada, de *Pontos nos ii*, sobre o posicionamento de Ricardo Guimarães enquanto homem das letras: "A bem dizer, Benalcanfôr nunca teve da litteratura outra noção que não fosse a d'um agradável passatempo." (Almeida, 1889: 283). Destacamos os acautelamentos do Visconde sobre os seus textos e o juízo valorativo que postumamente lhe foi feito somente para situar o nosso objecto de estudo — o labor imagológico do Visconde nas suas interacções com ingleses — num determinado quadro de continuidade intelectual; o presente trabalho não procura, aliás, elaborar observações estéticas.

Segue-se à apresentação do objectivo pessoal para a escrita uma série de considerações panorâmicas sobre a natureza da viagem na segunda metade do século XIX, uma época de avanço tecnológico que terá esterilizado o potencial que ela encerrava de aventura e de descoberta. Mais importante do que este aspecto é a imputação, adivinhada, da culpa pelo estado do mundo à cultura britânica, cujas contribuições para o progresso dos meios de comunicação, como a máquina a vapor, o Visconde abjura: "Graças à monotonia da locomotiva, ficou muito reduzido o menu dos terrores de estrada real." (p.x). O autor coloca-se numa

posição de nostalgia em relação ao mundo pré-industrial, atitude que anuncia já uma contenda com a determinação do espírito científico britânico. O argumento do proémio conclui que a monotonia do viajante moderno só pode engendrar um texto igualmente truncado e incompleto:

> Que resta pois? Contar singelamente o escriptor o que viu, esboçar as scenas e descripções do itenerario com o lapis ligeiro do observador, e avivar pelos toques do estylo as impressões recebidas, para que não se apaguem de todo. (...) Fóra das commoções do bello, que elevam a alma do artista, alteando-lhe o estylo, a pena hade voar sobre as paginas com a rapidez vertiginosa com que os viajantes de hoje transpõem os mares e as montanhas nas azas do vapor. (pp. xi/xii)

O âmbito de expressão do Visconde está assim demarcado pelas fronteiras da síntese e da celeridade, e destes limites "impressionistas" o texto nunca escapa. Simultaneamente, o conjunto de advertências preambulares a que o autor aqui dá eco marca, como se sabe, a revolução no paradigma experiencial dos viajantes ocorrida durante o século XIX; corresponde a uma consciencialização inquieta, por parte do viajante, do estatuto de comodidade que as outrora aventurosas travessias haviam entretanto adquirido.[6]

A localização temporal dos episódios narrados é relativamente obscura e merece um esclarecimento. Os primeiros dois capítulos, que dizem respeito a viagens ao sul de Espanha, a Cadiz e Gibraltar, estão sinalizados por uma referência ao final da Guerra da Crimeia e outra aos 26 anos do autor — ou seja, os acontecimentos descritos desenrolaram-se presumivelmente em 1857. No entanto, sem que se explicite um salto no tempo, o capítulo sobre Londres, que narra acontecimentos directamente consequentes dos descritos no capítulo anterior, "Pariz", refere a novidade do comboio subterrâneo londrino, inaugurado em 1863. As *Impressões de Viagem* coligem, pois, memórias de dois tempos diferentes, de duas digressões ao estrangeiro. A primeira, ao sul de Espanha, ter-se-á realizado em 1857. A visita à Exposição Universal de Paris, que ocupa um lugar proeminente no respectivo capítulo, denuncia o ano da segunda viagem, a Paris e Londres, como tendo sido o de 1867.

---

[6] Cf. Cristovão 1999.

No relato do Visconde são nitidamente identificáveis tanto o momento histórico da apoteótica hegemonia britânica como a memória de precedente relatos de outros autores, espelhada, por exemplo, na revisitação dos lugares descritos, e no enfoque conferido a topoi como os hábitos culturais londrinos e os sinais do desenvolvimento tecnológico, ou a elementos ambientais como o nevoeiro. Vejamos o primeiro ponto. Ao abrir as suas memórias de viagens num cruzeiro que parte para Cadiz, logo o autor procede à representação da alteridade britânica, de acordo com a dimensão paródica que caracteriza o texto. A presença inglesa na embarcação em que navega serve de pretexto para uma sequência descritiva que, percorrendo vários grupos de ingleses, alude a elementos da sua cultura e os torna em figuras de um cómico grotesco; imediatamente depois da referência aos oficiais ingleses grasnantes que acima citámos, o Visconde depara com duas inglesas idosas:

> Acocoradas a curtir os tormentos do enjôo, jazem duas inglezas velhas, em cujos rostos não se decifram indicios alguns do sexo feminino, a que haviam pertencido. Advinhei o enigma por uns discretos canudos de cabello côr de canella a penderem-lhes em compasso binario, de um lado e outro da cara. Fital-as durante alguns minutos não foi curiosidade frivola, mas amor da sciencia. Equivaleu a um curso pratico d'archeologia comparada. (p. 1)

A referência ao final da Guerra da Crimeia é mais do que uma marca de datação, é um elemento determinante para a subsequente descrição, caricatural, do grupo de oficiais ingleses que com o Visconde viajavam no vapor Tagus:

> Terminara havia um anno a guerra da Crimea. A cara dos subditos fieis da muito graciosa rainha Victoria passara por uma crise profunda. Bigodes de aspecto feroz invadiram as phisionomias inglezas até então implacavelmente barbeadas.
> Quanto padeceriam as celebres cutillerias de Sheffield com a inacção temporaria da navalha de barba, fiel companheira de toda a cara britannica! (pp. 5-6)

A perplexidade perante a pilosidade facial dos ingleses, que encontramos também no Herculano de "De Jersey a Granville" adquire aqui um sentido político. A escolha da imagem de invasão para caracterizar o surgimento dos bigodes funciona como

estratégia de inversão, de sabotagem, da imagem que os ingleses projectariam de si enquanto povo, sempre aliada aos valores do estoicismo, da resistência e da inexpugnabilidade. O "aspecto feroz" dos bigodes simultaneamente simula o cenário de umas hipotéticas invasões bárbaras que maculam a ostensiva pureza civilizacional inglesa e denuncia um traço de carácter oculto sob o habitual aprumo britânico. Para o Visconde, os bigodes equivalem a sintomas de um *pathos* obscuro — uma "crise profunda" — arraigado, não nas fisionomias, mas no esforço de manutenção e conservação da civilização. A ironia do atributo "graciosa", com que se qualifica a Rainha Victoria, sublinha a ambiguidade da noção de submissão que a mesma frase explora. Finalmente, o salto retórico que alude às cutelarias de Sheffield completa um horizonte que inclui a identidade industrial britânica, sustento do seu poder económico e bélico.

O que sobressai fundamentalmente desta descrição não são apenas os seus aspectos explícitos, mas o próprio enfoque, quase obsessivo, sobre um detalhe sem grande valor essencial que poderia passar despercebido. A presença dos ingleses é, para Ricardo Guimarães, fonte de uma intensa curiosidade que não descura um olhar minucioso. Como se vê pelo exemplo citado, a observação não alveja considerações imparciais sobre as manifestações do ser britânico. O olhar do autor procura antes nos ingleses um espaço de projecção das suas conjecturas sobre a história e a identidade política britânicas: os bigodes são símbolos duplos do carácter ameaçador e da vulnerabilidade britânica. Há igualmente uma dimensão subversiva, destrutiva, se quisermos, em tal projecção, realizada através do gozo em descobrir (ou forjar) as fissuras que a impecável ordem inglesa esconderia. O exemplo citado ilustra perfeitamente este uso da sátira, que, pelo menos em potência, independentemente do alcance das suas resoluções literárias, funciona como um insurgimento formal do sujeito contra um império político.

A preocupação com o estilo, a valorização deste sobre o equilíbrio de juízo, potencia em Ricardo Guimarães a já proeminente inclinação para a gestão dos lugares comuns, que melhor se acomodam a uma retórica de fácil ironia. Inversamente, o Júlio César Machado de "Três Cartas" enumerara os lugares comuns sobre Londres para depois os submeter a uma reformulação satírica. Os limites de expressão que o Visconde de Benalcanfor demarcou no prefácio conjugam-se com a procura constante de efeitos cómicos, fundados por vezes numa rede de referências e de alusões que incluem Shakespeare, Byron ou

Thomas Moore; ou seja, formalmente, ao episódico alia-se o anedótico. Se o cómico pontua constantemente os textos sobre a Inglaterra e os ingleses dos autores portugueses de Oitocentos, na estrutura das *Impressões de Viagem* esse valor toma um lugar predominante ao longo das secções "Cadiz" e "Gibraltar"; como se verá, o capítulo sobre Londres representa uma relativa recrudescência no esforço irónico do autor.

O programa informativo da obra, que nem por isso se elide, está assim mediado pelos vários tons de humor com que o autor aborda a cultura inglesa. Como o passo acima citado exemplifica, o registo tira partido, ao longo de todo o texto, do militarismo inglês, valor a que o autor seria, pela sua formação política, particularmente sensível. Quando, no capítulo "Paris", se descreve a secção inglesa na Exposição Universal, ironiza-se em semelhantes termos:

> Apezar de eminentemente pacifica, a Inglaterra mandou á exposição ranchos de canhões Armstrong, carabinas, sabres, bayonetas, revolvers, carretas, e palamentas d'artilheria com o desassombro de quem manda á feira bandos de perus.
>
> Preferimos á Inglaterra — arsenal —, a Inglaterra — prelo e officina; achamol-a menos perfeita no tempero dos canhões de Woolwich, do que no tecido das meias d'Escossia. (p. 226)

Junto com o belicismo, a melancolia das condições meteorológicas das Ilhas Britâncias e o alcoolismo, considerado endémico da população masculina inglesa, formam três elementos frequentemente explorados com intenção humorística nas *Impressões de Viagem*. As primeiras páginas da obra, das quais extraímos já um excerto, incluem ainda uma significativa referência a *Romeu e Julieta* (sob o pretexto da visão de um casal de enamorados ingleses) e um passo onde se ironiza sobre dois tópicos recorrentes: o conforto inglês (tratado em Herculano, César Machado e Félix Nogueira, por exemplo) e, precisamente, o alcoolismo:

> Na solfa cullinaria dos inglezes a bordo não se conhecem syncopes, nem compassos de espera. Do almoço vai-se para o *lunch*, do *lunch* para o jantar. Acabado este, levanta-se a toalha, e começam as viagens incessantes do Porto e Xerez á roda da mesa. É a aurora do bom humor britannico. O inglez até então pezado como um *plum pudding* torna-se communicativo. O calor das libações derrete os gelos do *improper*. Vê-se claridade nas frontes britannicas, nevoentas como o ceu de Londres.

Serve-se depois o chá, em seguida circulam os *punchs*, epilogo alcoolico das beberagens do dia. (p.7)

No capítulo segundo das *Impressões de Viagem*, que trata de uma digressão a Gibraltar, a atenção dada às formas da *englishness* adquire um valor central, sendo mesmo desencadeadora da visita ao enclave:

> Devora-nos a ansiedade de contemplar a Inglaterra intrincheirada n'um rochedo da Espanha — crespo de canhões de Armstrong. Queremos ajuizar pelos nossos olhos se os inglezes cerram os ouvidos ás serenatas, fecham os olhos às Andaluzas, e conservam o aspecto pesado de *plum-puddings* na patria do sol e da alegria. (p. 123)

A incongruente presença de um microcosmo britânico no Mediterrâneo provoca no autor diversas apreciações humorísticas sobre a cultura britânica, que têm como objecto a permanência, desenraizada, dos motivos mais reconhecíveis da cultura inglesa. Tanto neste capítulo como no primeiro, "Cadiz" — ambos observam as aparições de ingleses fora das suas fronteiras — o autor sublinha a aparente impermeabilidade dos britânicos às influências culturais de outros povos.

A radical alteridade britânica, em terras andaluzas, configura um quadro cómico cujo funcionamento já Garrett havia tentado decifrar. No seu fragmento "O Inglês", o poeta romântico, surpreendido pelo aparatoso sucesso cómico da personagem inglesa do seu *Falar Verdade a Mentir*, interrogava-se:

> Ora porque será isto — disse eu comigo — donde vem que nos teatros do continente o inglês é hoje um carácter tão eminentemente cómico, tão popular, tão seguro de fazer rir, desde a plateia às torrinhas, todas as classes da sociedade sem excepção?
>
> Mas um inglês é coisa grave, séria, reflectida... Na forma exterior uma das mais belas e apuradas vagas da família humana; pelo espírito, não há nada sublime, grande a que não se eleve... O inglês é bravo, é leal, é empreendedor — franco e generoso, rico e instruído, belo, valente, nobre... E faz rir! (Garrett, 1979: 104)

Garrett adiantava depois uma evidência: o imanente cómico dos ingleses só se revela fora das suas fronteiras naturais; é aí que as qualidades nobres do povo revertem a um plano abstruso

que convoca irrecusavelmente o riso. No mesmo texto, Garrett determinava ser o "inglês em Inglaterra [...] entidade muito diferente do inglês fora da sua ilha." (Garrett, 1979: 106). Ora, as *Impressões de Viagem*, pela sua natureza antológica, oferecem um exemplo perfeito deste polimorfismo do ser inglês, tal como concebido pelo olhar dos viajantes portugueses. Refira-se que, ao contrário de Garrett, cujo franco afecto pela cultura britânica atenuou a exploração desbragada da tal comicidade inglesa, o Visconde segue a via de Alexandre Herculano[7] do gozo agudo e, frequentemente, grotesco.

Veremos como, chegado a Londres, o Visconde focará o olhar nos resultados materiais das qualidades positivas que Garrett enumera no passo citado (nomeadamente, adiantemos, o espírito empreendedor). Inversamente, em Gibraltar a gritante oposição de vivências e de culturas promove uma percepção que oscila entre o desconforto e o riso. O desconforto de que falamos deve-se à presença simbolicamente brutal do posto militar inglês; numa obra posterior, *De Lisboa ao Cairo*, o Visconde de Benalcanfor exploraria este aspecto com veemência:

> É preciso porém despedir-mo-nos de tantos deslumbramentos, embarcar à pressa n'um vapor prestes a largar para Gibraltar, e chegar no breve prazo de oito horas áquella soturna praça de guerra. Gibraltar foi tomado pelos inglezes de proposito para fazer expiar aos viajantes, que largam de Hespanha, o crime de haverem logrado a alegria andaluza.
>
> Em Gibraltar predominam duas feições salientes: o aspecto bellicoso, e a tristeza brittanica. (Guimarães, 1876: 31)

Tal dimensão do espaço não está ausente do respectivo capítulo de *Impressões de Viagem*; surge aí, no entanto, subtilmente, como o pano de fundo das diversas manifestações, cómicas, dos ingleses e dos seus motivos:

> Ao desembarcar dei de chapa com um *policeman* no exercicio de suas funções. Um *policeman* de varinha branca, á vista dos piratas marroquinos, a dois passos dos camellos da Barbaria! Contraste pittoresco!
>
> E como elle vagueava sereno e aprumado por entre o redemoinho ruidoso e variegado de inglezes, hespanhoes, marroquinos e judeus! (p. 128)

---

[7] Cf. "De Jersey a Granville".

O "conforto inglês", espelhado numa variedade de aparatos, aparece anómalo em culturas definidas pela identidade rural. Em Gibraltar, com o cenário romântico da Andaluzia a fornecer material de contraste, a bizarria dos motivos civilizacionais britânicos sobressai:

> Os inglezes possuem a arte de introduzir o confôrto nos logares mais inhospitos do globo. Se lhes pertencesse o Sahará, creio que o tornariam ameno. Quem sabe mesmo se o povoariam de fogões apezar da sua temperatura elevada? O *confort* britannico é tam difficil e exigente! (p.127)

Mas se o Visconde censura aos ingleses a sua resistência à aculturação, não deixa por isso de considerar risíveis as — presumivelmente escassas — tentativas de envolvimento na cultura mediterrânea dos súbditos da Rainha Victoria:

> Dirigem-se a Ronda caravanas de inglezes, montados em mulas. Estas, copiando as manhas das suas irmãs d'Ovar, sacodem a miudo do apparelho os cavalleiros, ou espojam-se na estrada.
>
> Os inglezes n'estas excurções vestem-se á andaluza.
>
> Ora John Bull disfarçado em *Figaro*, bifurcado no albardão de um burrico, e aos trambulhões por uma estrada é eminentemente jovial. (p. 133)

É de facto uma perfeita realização do potencial cómico que Garrett tinha identificado na figura do inglês fora da Inglaterra. No primeiro capítulo de *Impressões de Viagem*, "Cadiz", o conflito cultural subjacente a tal dinâmica cómica, conflito diante do qual o Visconde é claramente parcial, é ilustrado num passo digressivo, destacado pelo título "Os serenos. Aventuras d'um inglês". A anedota relatada serve de tela projectiva para aquilo que o autor identifica como sendo específico da cultura inglesa. À diegese sobrepõem-se a dimensão subjectiva, que cumpre o programa culturalista do autor, e que se realiza, por exemplo, através dos símiles e da selecção de adjectivos. Nos diversos níveis textuais, mas particularmente ao nível metafórico, este episódio é um exemplo riquíssimo de alguns dos tópicos vulgares da imagística anglófila concebida pelos portugueses de Oitocentos. A caracterização do inglês na Andaluzia enquanto ser estranho propicia os voos retóricos que se conjugam para convocarem imagens de um caricatural grotesco:

> Estava hospedado no meu hotel um inglez de vinte e quatro annos, engenheiro no caminho de ferro de Cadix a

Xerez. Era um inglez enorme, um monumento ambulante, um meio kilometro vertical de carne, firmado sobre outro meio kilometro horisontal de pés. (...)

Sentindo-se na terra andaluza, cercado das maravilhas do Generalife, vendo ao longe fenderem o azul do ceu as grimpas rendilhadas e os cinzelados caprichosos da Giralda de Sevilha, o inglez, quando se contemplou de chapéu redondo, *mackintosh* e sobre tudo *waterproof*, achou-se desgraciosamente prosaico, um flagrante anachronismo em meio de tantas reminiscencias poeticas. (pp. 32-33)

A dilatação retórica das características físicas dos ingleses aqui desenvolvida configura uma nova correspondência entre este e outros testemunhos portugueses de interacções com ingleses. Lembremos apenas um passo das *Recordações de Paris e Londres* de Júlio César Machado que parece comentar a caricatura esboçada aqui pelo Visconde: "Em Londres anda-se sempre de boca aberta, ou para admirar ou para rir! Não há meio termo ali: o que não é grande, é burlesco; exceptua-se o que é burlesco e grande ao mesmo tempo, — por exemplo, o inglez!" (Machado, 1863: 142). A estatura, tradicionalmente um motivo de admiração, é nos ingleses a marca gritante de uma alteridade desconexa, escandalosa, indício de um *corpo estranho* que o riso cuida de purgar. Tanto a figura física do inglês em questão como o desenrolar da narrativa — uma altercação entre este, entretanto bêbado, e um indígena andaluz — de novo convocam as metáforas belicistas que o Visconde tanto promove:

John Bull prescinde de previas declarações de guerra, e recorre inutilmente ao *ultimatum* d'um *box* descarregado de chofre no peito do moço andaluz.

Mas as libações de xerez haviam-lhe esterelisado os murros infinitos, de que abundam os pulsos britannicos. (...)

A Great Britain não se achava dignamente representada n'aquelles pulsos inertes, ella, que cinje a sua fronte ennevoada do fumo das fabricas, com o diadema soberano de rainha do *box*. (pp. 34-35)

Joga-se aqui a dinâmica que acima identificámos, a concretização da sátira como inversão formal das relações de poder vigentes: sob o olhar de Ricardo Guimarães, o inglês inebriado é correlato, impotente e débil, do grande Império Britânico.

Referimos atrás a importância de ressalvar a dimensão material da viagem, por oposição ao conjunto de expectativas e de considerações apriorísticas que constituem já parte da viagem. Agora que nos aproximamos do capítulo respeitante à viagem à Inglaterra, salientemos portanto dois aspectos cruciais. Em primeiro lugar, a condição de turista, que coloca o Visconde no plano diametralmente oposto ao de outros viajantes portugueses em Inglaterra, o dos exilados. Os textos representativos da experiência do desterro britânico, como as célebres memórias de Almeida Garrett e de Alexandre Herculano, partilham um elemento crucial, o panegírico da Inglaterra enquanto terra da liberdade e da justiça, o que se explica evidentemente pelo acolhimento que essa nação proporcionou temporariamente aos expatriados das lutas liberais. É o caso também de *Cinco Annos d'Emigração*, de Pereira do Lago, obra de referência dentro do género, citada por viajantes posteriores, como Félix Nogueira em *Recordaçoens de Viagem*, este talvez o caso mais radical, dentro do *corpus* consultado, de uma formalização da Inglaterra enquanto "venturoso país da liberdade", como a havia epitetado Garrett.[8] Se o tópico das Ilhas Britânicas como reduto de salvaguarda das liberdades civis atravessa obras de natureza diversa, não sendo mesmo desprezado pelo Visconde na sua, é certo que o contexto turístico propicia uma maior distância crítica entre o observador e o lugar da visita, frustrando a idealização sentimental do mesmo. Acresce também ao recrudescimento da idealização das Ilhas Britânicas as fricções diplomáticas entre Portugal e a Grã-Bretanha, acentuadas com o avançar do século. A qualidade episódica das *Impressões de Viagem* corresponde igualmente à experiência parcelar do viajante de recreio, necessariamente diferente da do exilado. Salvaguardemos no entanto a ideia de que são mais as coincidências do que as divergências entre um relato como o do Visconde e os dos exilados das lutas liberais; um e outros são sensíveis aos mesmos motivos e lugares, como sejam a grandeza urbana, o céu negro, os domingos, a melancolia, etc.

O segundo aspecto relativo à materialidade da viagem prende-se com o percurso do Visconde. Ao viajar por terra, chegando a

---

[8] No seu estudo sobre os exílios do liberalismo, Vitorino Nemério sublinha esta dimensão dos testemunhos dessas experiências. Veja-se o seu resumo da obra *Descripsam das Trez Cidades Unidas — PLYMUTH — Ston House, e Devonport*: "Um hino à prosperidade e à paz britânicas fecha o didáctico poema... Nada dos cárceres de Lisboa, atulhados de criminosos. A lei é a única soberana e desconhece-se o sistema de benevolência dos poderosos, capa de ladrões." *in* Vitorino Nemésio, *Exilados (1828-1832). História sentimental e política do liberalismo na emigração*, Lisboa, Livraria Bertrand, s. d., p. 8.

Londres de Paris, dá-se o efeito de a primeira cidade projectar uma portentosa sombra sobre a segunda, transformando a experiência da capital inglesa num sucedâneo menor da francesa, sujeita portanto a comparações desfavoráveis. É um transtorno de perspectiva semelhante ao que Daniel Henri-Pageaux descreve nos viajantes franceses que chegavam a Portugal vindos de Espanha, no século XVIII: por fadiga e por inércia sensorial, consideravam menos as diferenças que as proximidades entre as duas nações ibéricas, parecendo que a segunda reproduzia debilmente a primeira.[9] Sabemos também que o antagonismo das culturas francesa e inglesa ocupa um lugar importante no imaginário português de Oitocentos — a maior presença da primeira na cultura nacional foi amiúde posta em confronto com o superior poder tecnológico e imperial inglês. No contexto dos viajantes, encontramos um excelente exemplo do carácter secundário da visita a Londres em "Três Cartas" de Júlio César Machado, publicadas em 1862 no *Archivo Pittoresco*, onde o autor começa por narrar a instigação que lhe foi feita para visitar Londres, quando se encontrava em Paris; instigação a que César Machado acabou por ceder, sem antes ressalvar que "Estava um dia lindíssimo, que convidava ir para toda a parte menos para a escura Albion." (Machado 1862: 178). Se nem todos os viajantes portugueses atravessaram o canal da Inglaterra com tanta relutância, é certo que a comparação pendeu quase sempre para o mais soalheiro lado francês. Na obra de Ricardo Guimarães, como já vimos, há uma prévia falta de tolerância face às coisas inglesas que não augura uma fuga a esta rotina. Ainda prestes a embarcar para Inglaterra, observando as colónias inglesas em Boulogne-sur-Mer, o autor conjectura:

> Do outro lado do canal, a alegria como é sabido, participa das qualidades de planta exotica, e por isso os inglezes de bom gosto e com meios sufficientes, em vez de habitarem Folkstone ou as villas proximas, emigram para Boulogne, fugindo ao espectro do *spleen*. (pp. 250-251)

Presume-se que esta fuga ao *spleen* não seja mais que um esforço fátuo: para Ricardo Guimarães, a melancolia inglesa é menos uma qualidade geográfica que um atributo humano, apenso

---

[9] Pageax 1983.

a um complexo psicológico mais largo que abarca as prospectivas virtudes utilitaristas britânicas:

> Felizmente para o leitor, poupo-o, d'esta vez, á descripção da paizagem. Viajamos de noite. Cerca-nos um veu espesso de trevas e de inglezes ainda mais carregados de sombras. Discutem com ardor os productos da Exposição; fallam de machinas, d'algodão, e do projecto das applicações do petroleo, como combustivel, aos caminhos de ferro, substituindo o vapor. (p. 249)

O menor interesse concedido à visita a Londres espelha-se, na obra de Ricardo Guimarães, até em termos quantitativos. As 34 páginas que compreendem o capítulo intitulado "Londres" constituem cerca de um terço das 105 do capítulo "Pariz".[10] Se o estilo adoptado pelo autor para elaborar o seu testemunho de viagens favorece, como vimos, a dimensão episódica das descrições, no último capítulo a celeridade surge sublinhada, chegando o autor a conceder um aviso de insuficiência, que vem reforçar a advertência do prefácio: "Londres não se descreve nas poucas páginas que nos faltam para a conclusão d'este livro." (p. 253). Como teremos conseguido expor, esta escassez do relato não equivale a um desprezo pela cultura britânica, que toma um lugar de relevo no imaginário do autor, se bem que da forma ambivalente que temos vindo a descrever. Numa obra posterior, *Vienna e a exposição*, que narra também uma passagem por Londres, o Visconde assume a responsabilidade de defender a capital inglesa dos lugares-comuns que tinham prejudicado a sua fama.

Confrontado com os ingleses no seu meio, e com os reflexos concretos da sua civilização, o registo irónico atenua-se, suspendendo-se mesmo no seu ritmo até aí incessante, sendo ressalvadas as exigências do relato mais nitidamente informativo. Nesta inclinação objectiva, o Visconde aproxima-se de textos como o de João Mesquita da Rosa em *Uma viagem à Inglaterra, Bélgica e França* (1856).

A chegada a Londres é marcada pela visão assombrada da opulência urbana inglesa. O campo semântico eleito para o jogo de metáforas que sustenta a descrição inicial de Londres é o marítimo:

> Navega-se alli como no mar alto. Ha torres de signaes, e pharoes com lanternas de todas as côres levantados nos

---

[10] Tal desequilíbrio pesa igualmente sobre uma obra de referência como *Recordações de Paris e Londres*, de Júlio César Machado.

entroncamentos e estações, indicando a uns trens que parem, a outros que accelerem a marcha. Os comboios perpassam uns pelos outros com o impeto do furacão. (...)

Quando me meti dentro de um cab governado a soltas, como é geralmente sabido, por um cocheiro que se senta por detraz da caixa do vehiculo, convenci-me de que a Grã-Bretanha é essencialmente maritima mesmo em terra. (pp. 253-254)

Esta via retórica serve tanto a ilustração de uma capital admirável na sua grandeza, como a narrativa pessoal do narrador, que, na sua digressão londrina, é algo como um náufrago, e que dali sairá como quem se salva de uma catástrofe. Neste passo preliminar encontra-se já um dos principais nexos da viagem londrina do Visconde: o facto de a experiência urbana, nas suas turbulentas manifestações, constituir um sólido desafio à percepção do viajante português: é como se um longo hiato histórico fosse percorrido com a distância que separava Lisboa da capital da modernidade industrial.

A primeira comparação explícita com Paris vem agregada ao tópico da cidade do liberalismo:

O encanto particular de Londres reside para mim no aspecto livre, na soberania municipal, digamol-o assim, da capital da Inglaterra.

Vinte Haussmanns não teriam força de transformar por mero arbitrio a phisionomia secular de Londres. Não o consentiriam os energicos habitantes, cheios de independencia viril, e cercados de fortes immunidades. (p. 255)

As diversas comparações com Paris funcionam também como referentes para os leitores, provavelmente mais familiarizados, directamente ou por mediação, com a capital francesa: "Pelos elementos que o compõem o *West-End* é o agrupamento material dos bairros de Saint-Germain, Saint-Honoré, e Chaussée d'Antin (...)." (p. 257). Complementarmente, a vertente informativa do relato londrino prender-se-á com o facto de Londres ocupar, na consciência portuguesa do século XIX, um lugar mais obscuro do que Paris ou Madrid.

O itinerário do Visconde, por Regent Street até ao West End, suscita o jorrar de superlativos que procuram dar a imagem da magnitude de escala da cidade. Nas breves páginas dedicadas à

capital inglesa, o espanto perante as dimensões avassaladoras toma o lugar de um olhar crítico:

> Ao passo que nos embrenhamos na cidade, o unico sentimento que nos domina é o assombro. Não temos senão esta palavra para exprimir a impressão, que experimentamos na presença das grandes ruas, dos edificios colossaes, das columnatas gigantescas que se impõem magestosamente severas aos olhos attonitos do viajante. (p. 255)

Como a descreve o autor, a cidade assemelha-se a um (monstruoso) organismo vivo, motorizado pela "robustez e energia fecunda, que pululam em seiva impetuosa nas veias da raça Anglo-Saxonia!" (p. 256). Ao observar a arquitectura vernácula, o recurso formal do animismo funciona por analogia com a identidade britânica, como o demonstra tão bem o seguinte passo:

> As casas inglezas teem o mesmo typo, assim como os inglezes possuem uma só individualidade. No interior d'ellas, como em nenhumas outras habitações do mundo, desenha-se o culto das commodidades intimas, o *home*, o *comfort*, religião domestica do inglez não menos ardente, que a da Biblia nos dominios imateriais do espirito. (p. 258)

A uniformidade, a ordem e o conforto: valores vitorianos que o autor vê espelhados em toda a Londres, e que contempla num misto de espanto e de assombro. A percepção da primeira destas qualidades, a uniformidade, apresenta um valor duplo: garantindo a invejável harmonia social londrina, é contígua do conjunto de características que atesta a insuficiente "humanidade" dos ingleses. Fácil é perceber como, aqui mais do que no contexto de outras observações, é o próprio programa subjectivo do Visconde que projecta nos londrinos um padrão homogéneo redutor:

> Os inglezes conservavam outr'ora no typo masculino a mesma immutabilidade uniforme, que se observa nos chinas e japonezes.
>
> Vêr um inglez era vêr todos os seus compatriotas, tão completa era a similhança. Era mais do que uma familia, era uma edição estereotypada de gente. A cara britannica escanhoada todas as manhas e apenas guarnecida até abaixo das orelhas por um segmento de suissas louras, ou ruivas que

se estendiam para os lados como barbatanas de peixe, alterou-se profundamente. (p. 262)

Esta homogeneidade terá sido entretanto cancelada pela moda das barbas e dos bigodes; já sabemos, contudo, como o Visconde ajuíza esta nova tendência. Igual programa de nivelamento subjectivo da aparência dos londrinos ocorre quando o autor visita as já instituídas galerias comerciais do túnel de Londres; observando as jovens caixeiras, comenta serem "parecidas com qualquer phisionomia feminina de vinheta de *Keepsake*." (p. 263). É uma observação paradigmática do Visconde de Benalcanfor, ao fundir num só elemento a identidade britânica e a imagem que a respectiva cultura projecta de si mesma, concretizando formalmente a noção, acima citada, de uma "edição estereotypada de gente". No mesmo contexto, o autor não resiste a de novo evocar Paris:

> N'aquellas lojas vendem-se quinquilharias, vistas de Londres, e mil outras bugiarias, mostram-se *marionettes*, e tocam-se *accordeons*. Mas de que serve? Cerca-nos uma athmosfera tão desconsolada e differente da que se respira na passagem Geoffroy e na galeria Vivienne! (p. 263).

Depois das imagens alusivas ao imperialismo militar inglês que o autor formulou em Espanha e na Exposição Universal de Paris, aquilo que ele encontra no coração do império é a placidez da vida familiar burguesa. Uma sociedade de onde não poderá irromper uma revolta, integrando em si os motivos de todos os pontos do globo por onde se espalha o poder político britânico, como o sinaliza a presença dos vinhos do Porto e da Madeira no lar londrino do excerto seguinte. Concertadamente, o Visconde sublinha a ausência de sinais militares em Londres, que interpreta como uma manifestação paradoxal do seu poder: "Como a Inglaterra revela a consciência da sua força tranquila na ausência completa do militarismo, que assoberba a maior parte das capitais europeias!" (p. 260).

Para o Visconde, o amor à ordem e ao conforto, mais do que valores, são sintomas naturais do espírito inglês, decorrências da constituição do povo, e como tal conservam perfeitamente a unidade política e social da nação:

> Um povo com habitos tão inalteraveis e intimos de conchego é necessariamente inimigo dos motins da rua e dos disturbios revolucionarios ao ar livre.

> A industria das barricadas ha-de custar muito a aclimar no solo britannico. Oppõe-se-lhe o conforto do fogão, o chiar da agua quente na chaleira e a longa operação do chá, que o inglez, nos intervalos do Porto e Madeira, toma com a regalada suavidade de um china a beber ópio. (pp. 258-259)

As qualidades que o Visconde reconhece em Londres, como a opulência, o luxo e a ordem social, são anuladas por uma monotonia e uma melancolia irreconhecíveis em Paris. Depois de descrever sumariamente Trafalgar Square, o autor observa: "Que diferença na elegancia dos ornatos das fontes e na phantasia dos arabescos — aliás magnificos, como riqueza, — da perspectiva a um tempo majestosa e risonha da Praça da Concordia?" (p. 259). Os sinais evidentes do fausto urbano londrino, que já dissemos decorrerem, segundo o autor, da constituição liberal da nação, apresentam-se ao Visconde, em última instância, como o frágil mascaramento da natureza profunda da cidade. Passadas as horas diurnas de bulício comercial e profissional, Londres revela a melancolia e a tristeza que a medulam:

> Uma das feições das ruas de Londres é passarem, a certas horas, d'uma agitação estrepitosa ao silencio dos cemiterios.
> Trespassa-nos de tristeza o aspecto da cidade transformada em immensa necropole. Experimentamos irresistivelmente a nostalgia das noites de Cadix e Sevilha e dos boulervards tão cheias de luz e de alegria, e convertemo-nos n'uma massa ambulante de *spleen*. (p. 259)

Podemos ver nesta imagem o jogo estrutural que alimenta as páginas das *Impressões* dedicadas a Londres: decifrar uma essência negativa, possivelmente doentia, sob a aparência serena e pacífica da cidade. Como nos *memento mori* do Barroco, a imagem da vida na sua mais alta efusãotransporta já contrapartida irredutível do vazio e do silêncio, que se substancia nas horas nocturnas das ruas londrinas.

Acima sublinhámos o embaraço do Visconde em retirar um sentido da sua experiência de deriva londrina. O excerto que se segue clarifica essa dificuldade, o desencontro entre as competências do viajante e a cidade moderna onde se encontra. Do modo como é formulado, este desencontro figura um desnivelamento de épocas, como se o autor tivesse viajado para o futuro:

> Em Piccadilly, no Strand, e na encruzilhada de Regent Street a circulação, o movimento da cidade dão-lhe o aspecto

de um *pandemonium* excepcional de pessoas a pé, omnibus, e carroagens que não acabam de passar.

Mas que gravidade imperturbavel paira sobre esta corrente immensa, da qual é impossivel fazer idêa aproximada, sem a ver derivar serena pelo vasto leito por onde se espraia! (p. 261)

A turba apresenta-se como uma ideia inapreensível, uma entidade que se movimenta mais rápido que a consciência do transeunte contemplativo. O recentemente inaugurado comboio subterrâneo é a maior das maravilhas tecnológicas que o autor aponta como símbolos do valor da "bela raça anglo-saxónia". É descrito com apreço, mas pretexta essencialmente uma nova espirituosidade sobre Londres, cuja luz natural é, para o autor, mais ténue que a luz a gás do comboio subterrâneo. A iluminação artificial do novo meio de transporte esclarece também a dimensão ameaçadora da cidade e dos seus habitantes, que já vimos ocupar um espaço ubíquo na consciência do Visconde: "É tal a claridade interior dos wagons, que, por tres vezes, escapei a tempo ser pisado pelo meu visinho, cujas botas fataes eram capazes não só de me magoar, mas de me amputar os pés." (p. 264).

Pelo menos desde Garrett com o seu *Diário da Minha Viagem à Inglaterra*, encontramos nos testemunhos oitocentistas de viagens a Londres momentos em que os observadores granjeiam tecer uma perspectiva sobre a intimidade burguesa dos ingleses, descrevendo aos leitores o tão celebrado lar vitoriano. Em *Impressões de Viagem*, sob o pretexto da descrição dos *cottages* suburbanos, o Visconde de Benalcanfor ensaia aproximar da luz aquilo que considera serem as contradições da ética protestante:

Não se julgue que exageramos a austeridade religiosa do inglez, quando lhe pomos a Biblia na estante do *cottage* ao lado da chicara de chá, companheira da qual elle sabe que nunca ha-de divorciar-se em nenhum transe da vida, o que não póde affirmar com igual segurança a respeito da sua propria mulher.

Um viajante allemão leu ha annos no frontespicio d'uma casa bancaria o seguinte rotulo: "Senhor, dirigi as nossas operações. A fortuna para mim, a honra para Deus."

Como se associam tocantemente a aspiração para o Senhor, Deus do universo, e a religião do lucro, Deus da Inglaterra!" (p. 266)

A visita a Sydenham e ao famoso Palácio de Cristal constituía um imperativo turístico a que o Visconde não falta. Aqui dá-se um

encontro com as célebres estátuas de dinossauros de Benjamin Waterhouse Hawkins que decoravam os jardins de Sydenham. Novamente, colocam-se na balança Londres e Paris, embora aqui o prato penda para a capital inglesa:

> Quando se compara o palacio da Industria dos Campos Elysios com o de Sydenham, vê-se a grande distancia, que separa os dois paizes pelo arrojo da iniciativa e pela audacia dos grandes comettimentos.
>
> O palacio da Industria, desgracioso, insufficiente como é, para satisfazer ás condições inherentes a um edificio da sua natureza, foi levantado pelo governo. O de Sydenham, grandioso, monumental, cheio de variedade de estylos architectonicos, com um parque que respira magnificencia, é propriedade de uma companhia particular. (p. 268)

O desequilíbrio, de acordo com a conjectura do Visconde, é de raiz política. O fausto londrino é devido ao triunfo do liberalismo económico, desencadeador de obras que um estado centralizador, como o francês, é incapaz de empreender. A agilidade progressista do estado liberal motivara o Visconde, páginas antes, a um sincero elogio:

> Se a Africa é designada pelos antigos como a patria dos monstros da natureza, á Inglaterra não cabe o titulo de paiz dos prodigios da civilização? Inclinemo-nos diante d'ella, do seu admiravel senso pratico, da sua perseverança indomavel, da sua fé robusta na liberdade, que os regulamentos meticulosos e as compressões da centralisação atrophiam nos outros povos, mas que alli respira desaffogada. (pp. 264-265)

Apesar de louvar a capacidade produtiva do liberalismo, o Visconde não é insensível às demarcações de classe que percorrem o tecido social londrino. O confronto com este paradoxo civilizacional, já formulado por viajantes portugueses anteriores ao Visconde (e que será posteriormente referido por Ramalho Ortigão), motiva o autor a assinalar as agudas divisões sociais: "A Inglaterra liberal, que todos admiramos, não é a patria por antonomasia do *cant*, das distinções, das jerarchias?" (p. 257).

O domingo londrino é mais um tópico impreterível. Tal como os seus antecessores, Ricardo Guimarães salienta a melancolia desse dia:

> Á tristeza habitual do céo inglez accresce todas as semanas a melancolia dos domingos, em que cada uma das ruas de

Londres parece uma avenida cercada de sepulchros, e os inglezes solitarios e esguios que as atravessam, uns cyprestes ambulantes de cemiterio.

O domingo em Londres é o mais formidavel engenho de sensaboria, que tem sahido da mão dos homens. Como se enchem de silencio e de pavor as ruas interminaveis da grande capital! Uma doze violenta e repetida de domingos londrinos, se não mata com a rapidez do acido prussico, mina surdamente, até as destruir de todo, as mais fortes organisações meridionaes, á maneira dos venenos lentos dos Borgias. (p. 272)

É certamente uma formulação hiperbólica de um tópico explorado nos jornais portugueses do século XIX, o da correlação do endémico *spleen* inglês com o suicídio.[11] Na versão do Visconde, é o visitante, mais que os indígenas, quem se vê ameaçado pela força fantasmática que a cidade encerra, espectro latente corporizado rotineiramente aos domingos. Na sua colossal tristeza, a cidade fecha um círculo em torno do passeante. Curiosamente, no relato que escreveu mais tarde, o atrás referido *Vienna e a Exposição*, Ricardo Guimarães procuraria debilitar este estereótipo de Londres como a metrópole do *spleen*, o que devemos entender como uma sua auto-rectificação:

Antes de lhe fallar de Vienna, dê licença ao seu amigo para dizer duas palavras a respeito de Londres, mas d'esta vez sem o fumo, sem o nevoeiro, sem o *spleen* e outras trivialidades gastas, a que se apegam muitos viajantes nas suas descripções.

É preciso reflectir, que muitos *toristas* nas impressões tristes das suas viagens a Londres, — impressões que transmittem fielmente aos leitores — copiam a melancolia do outono, em que ordinariamente visitam a grande metropole da Inglaterra no seu regresso da Italia, da Allemanha, ou da Suissa. (Guimarães, 1873: pp. 7-8)

Um projecto de recolha de impressões, compiladas "ao correr da pena", submete-se livremente às circunstâncias ambientais que condicionam o encontro com o Outro, dando azo a ideias que não sobrevivem a uma segunda leitura. Contudo, até em Londres o sol brilha por vezes, chegando nessas alturas quase a ser

[11] Sobre *spleen*, melancolia e suicídio, cf. Castanheira 2005, pp. 1069-1083.

"festejado pelos habitantes de Londres com o fanatismo dos indios" (p. 273). Para Ricardo Guimarães e para o seu acompanhante de viagem, o sol despontado "era a presença querida d'um amigo, que no céo abençoado da patria, á hora que levantamos a Deus a oração da manhã, nos sorri e anima." (p. 273). O momento de tão beato júbilo é-o por via da memória arrebatada da soalheira experiência portuguesa, ou seja, quando Londres perde as suas características identitárias em favor das meridionais. A claridade solar impele o Visconde a visitar os campestres subúrbios de Richmond. Aí, a feliz visita ao parque real suscita um conjunto de alusões literárias:

> Experimenta-se a embriaguez innocente do idylio diante d'aquella scena deliciosa, e accodem-nos involuntariamente á memoria os nomes de Coleridge e Wordsworth, de Byron e Thomas Moore, cujas musas cantaram tão patheticamente a solidão, e a magia dos campos. (p. 274)

Não esqueçamos que, páginas antes, Londres havia sido comparada a um extenso cemitério — é certo que a sensibilidade romântica do Visconde favorece a livre alternância entre a euforia e a disforia; no entanto, independentemente dos pretextos psicológicos e circunstanciais que a determinem, a ambivalente imagem de Londres que Ricardo Guimarães projecta assinala bem o estatuto instável e polimórfico da Inglaterra na consciência dos viajantes portugueses de Oitocentos. Concertadamente, o júbilo pastoril do autor é de pouca dura:

> Poucas horas depois, quebra-se o encanto, quando nos achamos de noite, no meio de *Regent-Street*, vagueando em redor dos passeios silenciosos e quasi desertos, como sombras melancolicas á volta da lagoa Stygia. (p. 274)

De sublinhar, neste breve passo, a alusão à mitologia dos mundos infernais, acordada perfeitamente com as anteriores referências cemiteriais. Na aventura turística do autor, as noites londrinas correspondem a um esvaziamento dos recursos vitais; na sua prosa empolada, o passeio nocturno equivale a uma descensão escatológica depois da miragem edénica de Richmond. Sitiada por vários momentos de negatividade, a visita aos jardins de Richmond adquire assim um valor de miragem, de experiência excepcional e dúbia. O resumo das contrastadas emoções da

experiência londrina ocorre de seguida, quando o Visconde descreve uma saborosa refeição e, logo, a sua saída da cidade:

> Impossibilitado, por transtorno imprevisto, de assistir a uma corrida de cavallos em Epson, retomei á pressa o caminho diariamente percorrido de Charing Cross, regressando a Pariz, antes de se me esgotar de todo o deposito d'alegria com que me prevenira, para affrontar o peso incomparavel dos *plum-puddings* e dos nevoeiros de Londres. (pp. 274-275)

Para o Visconde de Benalcanfor, Londres é uma cidade de onde se escapa. Nesta metrópole erguida a uma escala colossal, repleta de inegáveis maravilhas técnicas, a experiência ali vivida nunca deixa de ser, para o autor de Impressões de Viagem, sufocante, servindo-lhe essencialmente para poder depois suplementar um empolgado panegírico de Paris com dados comparativos:

> Respirando de novo a athmosfera dos boulevards e do bosque de Bolonha, percebi, pela viveza do conforto, que deixára o paiz da industria perseverante, da energia indomavel, das emprezas colossaes, aonde a alma do cidadão se retempéra no ambiente da liberdade e do trabalho, como o ferro no calor incandescente das forjas.
>
> Segredava-me, porém, o instincto de viajante, que Pariz será sempre para mim, o que é para quasi todos, a cidade amavel, risonha, espirituosa, que apaga todas as fronteiras e a todos acolhe por concidadãos, a capital da sciencia austera e das elegancias frivolas, um mundo embriagante de enthusiasmos, de luxo, de arte, de loucuras e de pensamentos serios, aonde por vezes as scintillações do ideal impallideceu n'uma penumbra espêssa, para brilharem depois mais vividas e palpitantes. (p. 275)

Obra representativa de uma certa tradição de narrativa de viagem, e de uma dinâmica de relação nacional com a cultura anglófona que se estende por todo o século XIX, de *Impressões de Viagem* de Ricardo Guimarães sobressai uma antipatia, realizada formalmente pela sátira, ao que se identifica serem as características naturais da identidade inglesa, projectadas nas gentes e nos espaços nacionais, designadamente a cidade de Londres. Quando aliado ao elogio do engenho social e tecnológico inglês, este desagrado torna-se ambíguo e bem expressivo da tensão que caracterizou essa relação desde que se estabeleceu a histórica aliança entre Portugal e a Inglaterra. Como documento

imagológico dos estudos Anglo-Portugueses, a obra do Visconde de Benalcanfor tem o interesse de, pela sua natureza antológica, dar duas imagens bem diferenciadas da cultura inglesa: a dos ingleses quando fora das suas fronteiras e a de Londres, visitada por um viajante português. A primeira, submetida como está ao exacerbado estilo do autor, apresenta um maior valor expressivo e significativo, incluindo-se perfeitamente numa linha satírica por onde passaram vários autores, quer no jornalismo, quer na literatura: nela, Ricardo Guimarães explora uma figura cómica já tipificada, desde Garrett, nas letras nacionais, a do inglês fora da Inglaterra. O capítulo sobre Londres é de âmbito mais estreito, subsistindo aí um esforço de inclusão nos limites da fórmula de narração turística. Apesar da ambição informativa que o motiva na sua descrição de Londres, é notório que o Visconde de Benalcanfor não deixe de procurar na capital inglesa os sinais da alteridade inglesa: a melancolia e o *spleen*, bem como os paradoxos profundos da sociedade liberal e utilitarista. A dinâmica que percorre todo o volume é a permanência das noções instituídas sobre a cultura inglesa, que servem de filtro óptico às observações do viajante.

Analisado conjuntamente com o *corpus* de obras familiares a que tivemos acesso, é forçoso concluir que *Impressões de Viagem* surge em continuidade, e não em ruptura, com anteriores documentos portugueses de relações com ingleses ou de viagens à Inglaterra. A forma específica de caricatura que o autor aplica aos ingleses, próxima do grotesco, forma o pólo negativo do conjunto imagológico das *Impressões de Viagem*; no ponto oposto encontramos a admiração das virtudes progressistas e empreendedoras britânicas. A aproximação ao grotesco realiza-se sobretudo através do olhar lançado sobre os ingleses: as características fisionómicas e os hábitos comportamentais são utilizados como matéria do trabalho satírico, deles se extraindo concretizações cómicas.

Para além dos exemplos que pudemos aqui observar, salienta-se, a este nível, a relação que o Visconde de Benalcanfor estabelece com as mulheres inglesas, numa perspectiva que alterna entre a misoginia e a angelização radicais. Por um lado, a descrição das inglesas idosas que citámos no início deste estudo inaugura a exposição caricatural da espantosa alteridade inglesa que percorre as *Impressões de Viagem*. Inversamente, encontramos um tópico bem firmado nas letras portuguesas do século XIX. A figura da inglesa etérea, bela e impossivelmente branca comparece em outros importantes testemunhos de viagens, nomeadamente os

de Almeida Garrett e de Júlio César Machado. Demarcada como está pela aguda caricaturização dos ingleses, na obra de Ricardo de Guimarães a imagem da mulher-anjo surge como contraponto estético e conceptual da cultura britânica:

> Reverso poético d'aquelle quadro de grogs humanos vulgarmente chamados inglezes, appareceu a meus olhos deslumbrados a mais suave e meiga phisionomia de mulher. Branca d'alabastro, pallida como Desdemona na canção do salgueiro, realçavam-lhe o encanto indizivel bastos e dourados cabellos levemente agitados pelo vento. (p. 6)

Se, como vimos, os ingleses de Ricardo Guimarães são eminentemente censuráveis pelas suas qualidades "viris", que determinam o seu militarismo e o seu poder hegemónico, será o elemento feminino a instância que pode talvez redimir tais manifestações.

Contudo, mesmo o mais arrebatado ditirambo contém um elemento de continuidade com o programa geral, satírico, do autor. Um aspecto da imagem que o autor tece das inglesas merece atenção, pela forma como, sob o pretexto do panegírico, se conforma afinal com o projecto caricatural. Veja-se como, no seguinte passo, o Visconde remata a apaixonada descrição das inglesas em passeio por Hyde Park:

> Que peregrinas formosuras as de tantas ladies e misses d'olhos azues do limpido anil do nosso céo em noite d'outomno, a cutis vaporosamente transparente, brancas como lirios, flexiveis como cannas, os cabellos finos e louros, como uma chuva d'ouro, esparzidos, ou annellados sobre o pescoço d'alabastro, os beiços animados d'um sorriso melancolico como se os roçasse um sonho d'amor!
>
> A circumstancia de apparecerem em carroagem não é indiferente aos prestigio da sua belleza, mostrando-nos os rostos divinos, e occultando-nos os pés raramente ideaes. (p. 262)

Também em *Vienna e a Exposição* o autor reincidiria no comentário gozão aos pés "raramente ideais" das inglesas:

> Os pés das inglezas de Londres, fóra algumas excepções, são grandes; mas tambem, diga-se a verdade, estão em proporção com o tamanho da cidade, cujas ruas interminaveis são forçados a percorrer.

> Ora no Alhambra, ha bailarinas com pés gentis, e o meio para não nos esquecermos em Inglaterra, de que no resto do mundo ha pés bem arqueados, graciosos e pequenos, é ir vel-os no theatro. Os que andam cá fóra, no meio da rua, parecenos que os estamos a ver atravéz de uma lente ou de vidro de augmentar, tão grandes são! (Guimarães, 1873: 12)

Dir-se-ia que as inefáveis musas inglesas têm afinal pés de barro. Ora, o que este detalhe descritivo sinaliza é a motivação irredutível que impele o Visconde de Benalcanfor a detectar na alteridade inglesa pormenores exemplares, abstrusos ou ridículos que transportam um possante capital simbólico; é nestes pontos de incisão que o viajante projecta as suas considerações sobre a cultura britânica, delimitando assim o fosso que distancia o Outro da identidade pessoal. Até nos corpos das belas inglesas se torna possível detectar, sob uma aparência magnetizante, um dos mais fortes traços simbólicos da Inglaterra, enquanto força cultural e imperial, o gigantismo de que os pés são elemento metonímico. Se quisermos uma última confirmação de que a recolha de impressões de Ricardo Guimarães, durante as suas viagens, está indefectivelmente subordinada à eminência do riso, e que nessa dinâmica se exprime a tensão cultural das relações entre os portugueses e a Inglaterra durante o século XIX, encontramos aqui um exemplo categórico.

O presente trabalho seguiu este eixo, observando as formulações e as raízes culturais da imagem que o Visconde projectou dos ingleses, das inglesas e da sua cultura. Não esgotámos, como é evidente, um texto que fornece um filão de pesquisa muito rico, designadamente pela sua marcada dimensão subjectivista. Futuras leituras poderão procurar extrair da obra de Ricardo Guimarães outras conclusões que esclareçam a interpretação global das relações culturais anglo-portuguesas durante o século XIX.

Bibliografia

Fontes primárias:

ALMEIDA, Fialho de (sob o pseudónimo Irkan). 1889. "Mortos". *Pontos nos ii*. nº 225, 21 de Novembro, 283. Também disponível em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/PONTOSNOSII/1889/N225/N225_master/N225.pdf> (acedido a 11 de Novembro de 2008).

GARRETT, Almeida. 1979. "Diário da minha viagem a Inglaterra". In *Narrativas e Lendas*. Ed. crítica/fixação do texto, pref. e not. de Augusto da Costa Dias. Lisboa: Estampa, 41-71.

___, 1979. "O Inglês". In *Narrativas e Lendas*. Ed. crítica/fixação do texto, pref. e not. de Augusto da Costa Dias. Lisboa: Estampa, 103-114.

GUIMARÃES, Ricardo (Visconde de Benalcanfor). 1876. *De Lisboa ao Cairo*. Porto: Ernesto Chardron; Lisboa: Eugénio Chardron.

___, 1869. *Impressões de Viagem. Cadiz, Gibraltar, Pariz e Londres*. Porto: Viúva Moré-Editora.

___,1883. *Leituras de Verão*. Rio de Janeiro, Porto: Livr. Faro & Lino, Typ. de A. J. da Silva Teixeira.

___, 1873. *Vienna e a Exposição*. Lisboa: Typ. Progresso.

HERCULANO, Alexandre. 1843. "De Jersey a Granville. (Fragmento.)". *O Panorama*. 2ª Série. Vol. II, nº 70, 29 de Março de 1843, 130-133; nº 73, 20 de Maio de 1843, 154-158.

LAGO, Antonio Bernardino Pereira do. 1834. *Cinco Annos d'Emigração na Inglaterra, na Belgica, e na França*. Lisboa: Imprensa Nacional.

MACHADO, Júlio César. 1863. *Recordações de Paris e Londres*. Lisboa: Editor — José Maria Correa Seabra.

___, 1862. "Tres cartas". *Archivo Pittoresco*. Tomo V, nº 23, 178-179; nº 24, 190-192; nº 26, 202-203; nº 27, 211-213; nº 29, 226-228.

NOGUEIRA, José Felix. 1860. *Recordaçoens de Viagem — Contendo a Viagem de Lisboa a Londres e A Discripção Desta Cidade*. Margão: Typographia do Ultramar.

ROSA, José Mesquita da. 1856. *Uma Viagem á Inglaterra, Belgica e França*. Lisboa: Typographia do Panorama.

Fontes secundárias:

AA. VV. s.d. "Visconde de Benalcanfor". *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Vol. IV. Lisboa/Rio de Janeiro: Ed. Enciclopédia, Lda., 510.

CASTANHEIRA, Maria Zulmira. 2005. "A Grã-Bretanha na Imprensa Periódica do Romantismo Português: Imagens Polimórficas". Dissertação para Doutoramento em Estudos Anglo-Portugueses, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

CRISTÓVÃO, Fernando. 1999. "Para uma teoria da Literatura de Viagens". In *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens. Estudos e bibliografias*. Coord. Fernando Cristovão. Lisboa: Edições Cosmos/ Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, 13-52.

CHARLOT, Monica e Roland Marx. 1990. *Londres, 1851-1901. L' ère victorienne ou le triomphe des inégalités*. Paris: Éditions Autrement.

GUILLÉN, Carlos. 2007. *Múltiples Moradas: Ensayo de Literatura Comparada*. Barcelona: Tusquets Editores.

NEMÉSIO, Vitorino. s. d. *Exilados (1828-1832). História sentimental e política do liberalismo na emigração*. Lisboa: Livraria Bertrand.

PAGEAUX, Daniel-Henri. 1983. *Imagens de Portugal na cultura francesa*. Tradução de Álvaro Manuel Machado. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/Ministério da Educação.

SILVA, Inocêncio Francisco da, Pedro Wenceslau de Brito Aranha, Gomes de Brito e Álvaro Neves. 1906. "Ricardo Guimarães". In *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Tomo 18, 11° do suplemento C2, P-R. Lisboa: Imprensa Nacional, 272-273.

TRANSATLANTIC RELATIONSHIPS: AFRICA, PORTUGAL AND THE U.S.A IN THE EARLY SIXTIES[1]

Gabriela Gândara Terenas

Universidade Nova de Lisboa

> The sternly expressive man talking here is one of the world's most reticent rulers. He is Dr. António de Oliveira Salazar, Prime Minister of Portugal. Rarely seen in his own country, he almost never talks for publication. Recently, however, *faced by a growing movement of independence in the colony of Angola, Dr. Salazar, whose nation is both a NATO ally of the U.S. and a target of U.S. criticism for its colonial policies consented to meet with Life Senior Editor Gene Farmer.* In a one-hour session Salazar explained in greater detail than he has ever done in public his nation's controversial policies in Africa. ([Editors], 1962: 94)

1. Introduction

Until the beginning of the nineteen-sixties, at least, American foreign policy showed no signs of any official opposition to the Salazar regime. Such 'benevolence' was quite evident during the fifties, at the time of the confrontation between Portugal and India over Goa: Richard Pattee, [2] one of the American specialists in

[1] An abridged version of this paper was presented at the International American Studies Association 2007 World Congress: Trans/American, Trans/Oceanic, Trans/Lation. University of Lisbon, September, 20-23, 2007.

[2] Richard Pattee was a Professor at Laval University in Quebec and in 1956 he lectured at the University of Coimbra, with the support of the Instituto de Alta Cultura. He had also been a corresponding member of the Sociedade de Geografia de Lisboa since 1936.

Portuguese affairs who was best-known in Portugal, defended the official position on Goa in a book entitled *Portugal and the Portuguese World* (1957), which was awarded the Camões Prize by the S.N.I. (Secretariado Nacional de Informação) the following year.

In the American press itself, news about Portugal was virtually limited to themes such as travel and tourism, any reference to the country being essentially apolitical. However, during the same period, the first unfavourable comments on Portugal's administration in Africa began to appear, particularly directed towards the use of 'forced labour', of which the articles by Basil Davidson in the New York journal *Harper's Magazine* are good examples.

At the same time, James Duffy's books and his courses on the Portuguese overseas territories,[3] which were part of Boston University's African Studies programme between 1959 e 1963, were beginning to attract the attention of a number of academics to this area, one of the foremost amongst them being Douglas Wheeler.

The thesis that the Portuguese had never practised or encouraged racial discrimination had been one of the major arguments employed by the Portuguese Government in its attempts to prove that its overseas territories were not 'colonies' like those of the other European powers, and hence should not be entitled to the same right of self-determination which had been decreed by the United Nations' Charter.

On the other hand, the tolerance of the United States towards the Salazar Regime was not merely because Portugal was a military partner in NATO but it was also due to the strategic importance of the air base of Lajes in the Azores.

The beginning of the war in Africa in February 1961, however, would have a devastating effect on these agreements and conventions.

Right from the start the Portuguese dictatorship, which, until then, had enjoyed a discreet and convenient 'place in the shade' found itself thrust under the ominous glare of media attention, as from the beginning of 1961 newspapers and television newsreels gave increasing coverage to a succession of impressive incidents.

---

[3] After completing his studies in Spanish and Portuguese Studies, James Duffy travelled in Angola, Mozambique and other parts of Africa between 1955 and 1956. In addition to a considerable number of articles and reviews in several journals, he published *Portuguese Africa* (1959) and *Portugal in Africa* (1962). According to John Paul, in 1960 the former was already familiar to the Portuguese authorities in Mozambique (Paul, 1975).

They included the hijacking of the liner Santa Maria in January 1961, the beginning of the war in Angola soon followed by the occupation of Goa by the Indian Army in December 1961, an attempted military coup in January 1962, and the student strikes of March 1962. These events dominated the international news, and most of the commentaries tended to be critical of the Portuguese official position. *The New York Times* was particularly attentive and between January and April 1961 it regularly published news items on Portugal. Certain of the more significant examples can be found in March of that year, amongst which the following is typical:

> Placing the United States squarely in the ranks of anti-colonialism in Africa, *President Kennedy* said yesterday at his news conference that *Africa should belong to the people who feel that they are Africans.* (...)
>
> *Washington shifted its position at the U.N. on colonialism* and joined Asian-African states and the Soviet Union in calling for the reforms in Portuguese Angola. (...)
>
> At the U.N., the *American vote calling for reforms in Portuguese Angola* was seen as opening a gap within the Atlantic Charter. (...) Lisbon viewed America's vote with great apprehension. (...)
>
> At the United Nations [on March 24th], *the Portuguese delegation walked out of the General Assembly after the recent bloodshed in Angola was placed on the agenda by 72 to 2 vote.* (Anonymous, 1961: 1-8)

2. The War in Africa and the Civil Rights Movement in the United States

The outbreak of armed hostilities in Angola triggered off a reaction by the Kennedy Government (1961-1963) against Portuguese African policy. Until then any criticism of the Portuguese Government had origi-nated in African and Asian countries or Communist states, as Western countries had been reluctant to condemn the Portuguese in the absence of clearer information regarding the situation on the ground. [4]

Such information suddenly became more than readily available in 1961. The outcome was that on 9th June 1961, when Ceylon, Liberia and Egypt submitted a proposal to the U. N. that Portugal should abstain from "repressive measures", the United States voted in favour.

In Portugal, the Government responded by encouraging public protests and by voicing disapproval of the positions adopted not

[4] On this subject see Rodrigues, 2002.

only by the United States but also by Great Britain.[5] In March 1961, the resulting anti-American demonstrations promoted by the Government in Lisbon, took place in a context which was reminiscent of the ones which had been directed against "the perfidious Albion", seventy years before, at the time of the January 1890 *Ultimatum*.

The hostility of the American Government (and that of the British) was accompanied by criticism of Portuguese African policy by the United Nations and by left-wing movements in several Western countries. These campaigns were supported by a number of exiled Portuguese politicians who had established themselves in Western Countries after the 1958 Presidential elections.[6] The coverage given by the media to the war in Africa[7] also brought greater visibility to Portuguese leading opposition figures, which enabled them to organize a significant demonstration, several years later, in 1973, during the official visit of the President of the Council (Head of the Government), Marcelo Caetano, to London.

Furthermore, during the sixties, the left-wing radicalization of American (and British) Universities and, above all, the struggle against racial discrimination, created a difficult environment for anyone who might feel inclined to support the official Portuguese African policy.

In the United States the situation became more acute as the Civil Rights Movement (1955-68) grew more active and destabilised American society. It is worth recalling, at this point, a series of events which preceded the outbreak of tension between the Kennedy and Salazar Governments: the Montgomery Bus Boycott,[8] the Greensboro Sit-ins [9] and the Freedom Rides.

---

[5] It should be noted that at the beginning of the Sixties the British Government had already undergone periods of aversion towards Portugal's Overseas Policy which may explain the abstention of the British delegation at the United Nations in the vote of June 9th 1961. A few years later however, Rhodesia's Unilateral Declaration of Independence led Harold Wilson's Labour Government to adopt an attitude of suspicion and opposition towards Portugal due to its support for Rhodesia and its non-implementation of the 1965 sanctions against the new state, which illustrates a certain lack of congruence in Britain's African policy. On this subject see Paul, 1975.

[6] As one of these exiles noted, the most solid and dynamic group was in London, the "Grupo de Portugueses Democratas de Inglaterra", led by Sakuntala de Miranda, which published a periodical entitled *Portuguese and Colonial Bulletin*. On this subject see Sertório, 1978.

[7] For example, the film on Guinea- Bissau made in February 1968, which was shown on April 2nd 1968 in the series "World in Action" on the British channel Granada-TV. On this subject see Davidson, 1975.

[8] A landmark in the struggle for the blacks' rights, the Montgomery Bus Boycott was started in December 1955 by Rosa Parks, the so-called 'Mother of the Civil Rights Movement'. After Rosa Parks' disobedience, fifty American members of the Civil Rights Movement, including Martin Luther King, joined together in Montgomery, Alabama, to fight against segregation on buses. They organized a boycott which lasted three hundred and eighty one days. As a result, racial segregation on public buses came to an end.

The beginning of the sixties in Portugal was also marked by the university crisis of 1962[10] as well as by the adoption of a more radical stance towards the overseas problem, on the part of certain factions of the opposition to Salazar which, under pressure from the Marxists, began to consider independence as a solution for the first time. The idea of "National Unity", regarding the overseas territories, thus became unacceptable for many members of the opposition.

3. Political Relations between the United States and Portugal: Kennedy *versus* Salazar

In this political context relations between the two countries became progressively more and more strained.

As early as 1960, the United Nations approved the so-called "Resolution 1514", which clarified article 73 of Chapter XI of the United Nations Charter, constraining Portugal to provide regular information on its overseas territories.[11] The Portuguese Government objected to the decision, refusing to supply any information whatsoever on the matter.

From 1961 onwards, with the advance of the conflict in Angola, Portugal's image at the United Nations progressively deteriorated as pressure from member nations grew on the Regime to proceed with decolonisation.

In April of the same year, in a speech made at a diplomatic reception marking African Freedom Day, the recently-elected American President, John F. Kennedy, compared the history of

---

[9] The first Sit-in was started by four black students, in February 1960, at the Woolworth Store on the South Elm Street in Greensboro. The students sat at the whites-only lunch counter in the store, waiting to be served. They remained seated without being assisted for the entire day and the days following when they were joined by others, not only in Woolworth's but also in many other stores all over the Southern states. As usually occurred, they were expecting to be arrested or to suffer some kind of violence, but that time nothing happened. The boys became heroes in the fight for equal rights.

[10] On this matter, Gene Farmer mentions the following: "A student strike in late March [1962], which eventually resulted in the resignation of the rector of the University of Lisbon in protest against government heavy-handedness is another example of restiveness at home." (Farmer, 1962: 108).

[11] This article obliged those UN members which administered colonial territories to deliver regular progress reports to the Secretary-General of the United Nations regarding the way the people of such territories were being prepared for self determination. However, in 1951 (before Portugal joined the United Nations, which only took place in 1955) a constitutional alteration had been introduced to integrate the Colonial Act of 1930 into the 1933 Constitution, thus assimilating the colonial territories into structure of the State itself. As a consequence, Angola, like the other overseas territories, had acquired the statute of a province like any other province on the Mainland.

the United States with the struggle of the African peoples, particularly with regard to the conquest of Freedom. He spoke as follows:

> We also are a revolutionary country, and a revolutionary people, and therefore though many thousands of miles of space may separate our continent from the continent of Africa, *today we feel extremely close.* (...) *I think all of us who believe in freedom feel a sense of community with all those who are free, but I think we also feel an even stronger sense of community with those who are not free but who some day will be free.*
>
> (...) I want to stress today that we look to the future with the greatest degree of confidence and hope, and I hope that the people of your continent recognize that *we wish to be associated intimately with them,* that we wish for them the same things we wish for ourselves: peace, the opportunity to develop our own institutions in our own way, to be independent not only politically but in all of the other kinds of independence which make up an important national security.
>
> (...) I hope (...) when the history of the decade of the Sixties will be written, they will record a more intimate and closer attachment year by year between your countries of Africa and this country of the United States." (Kennedy, 1961: webpage)

In a lengthy speech made before the General Assembly of the United Nations, in September 1961, Kennedy covered a wide range of international problems, conferring special emphasis on those which were linked to the Cold War. Notwithstanding, in the eighth point of his speech, he referred clearly to the question of colonialism in terms which, whilst omitting any direct reference to Portuguese politics, were quite critical of the situation in Portugal, with implicit consequences for Portuguese-American relations due to the unequivocal position adopted by the United States on the matter:

> I do not ignore *the remaining problems of traditional colonialism* which still confront this body. Those problems will be solved, with patience, good will, and determination. Within the limits of our responsibility in such matters, my Country intends to be a participant and not merely an

> observer, in the peaceful, expeditious movement of nations from the status of colonies to the partnership of equals. *That continuing tide of self-determination, which runs so strong, has our sympathy and our support.* (Kennedy, 1961: webpage)

On May 4th 1962, the famous American magazine *Life* published a long interview given by the 'Portuguese dictator', accompanied by an illustrated article on Angola, with full page photos of Salazar himself. [12]

4. Salazar's Interview in the American Magazine *Life*

Gene Farmer, the American journalist who travelled to Lisbon to meet Salazar, explained that the exceptional nature of the interview, was due to the fact that the Portuguese dictator was under international pressure due to the previously-mentioned recent events and also due to the need to persuade public opinion in general and that of the United States, in particular, of the reasons which prevented him from granting independence to Portugal's overseas colonies and which had led, as a consequence, to the use of military force in Angola:

> Under the circumstances [the hijacking of the liner Santa Maria, the Angolan rebellion set off by revolutionaries infiltrating from the Congo and India's seizure of Goa] - with new turmoil threatening in Angola and increasing pressure building up from the anti-colonial Afro-Asian members of the U.N. - *it was perfectly clear why Dr. Salazar had granted me this interview.* Confronting the gravest threat to the empire in his 34 years as head of the government, *he obviously felt a strong compulsion to get his message before an antagonistic world.* (Farmer, 1962: 98)

Although the interview focussed to a great extent on the questions mentioned previously, my main aim, within the framework of this paper, is to concentrate on the comments made

[12] The quality of the pictures and the photographer's skill in capturing the dictator's enigmatic personality, together with the fact that the photos are, to say the least, little known in Portugal, would certainly justify another paper based on the relationship between this form of artistic expression, photojournalism and international politics.

on American foreign policy at a time when Portuguese-American relations were increasingly strained, as I have already noted.

Salazar's criticisms were directed against four main targets: firstly, against the dubious and sometimes contradictory attitudes expressed of American foreign policy, patent not only in the positions adopted by the United States delegation at the U. N. or in the way America had created a situation favourable to the ascension of Nehru, but also, quite curiously, through Jacqueline Kennedy's recent visit to India. Salazar referred to the United States' position in the United Nations in the following terms:

> 'There are some acts (...) which do not seem to show great sensitivity on the part of the U.S. We remember that the U.S spoke against India on Goa. The next day the U.S. voted for a motion in the General Assembly to condemn Portugal.[13] Meanwhile, of course, the U.S. was continuing its aid to India.'[14] Then, *he paused for emphasis*, 'it coincided that Mrs. Kennedy would go to India.' (Farmer, 1962: 100B)

Although ostensibly a private visit in as far as Mrs. Kennedy was not accompanied by the President, it was not only criticised by Salazar but also by Franco Nogueira, with whom Gene Farmer had the chance to talk:

> Dr. Salazar's foreign minister, Dr. Franco Nogueira, with whom I talked separately for three hours, (...) returned once again to what currently the Portuguese obviously consider to be *the ultimate insult*: 'And, of course, *Mrs. Kennedy goes to India.*' (Farmer, 1962: 100B)

In his article Gene Farmer did not leave out Franco Nogueira's opinion that the USA had no moral authority to criticise what it termed 'colonisation'. In fact the Portuguese Foreign Minister not only doubted that the (alleged) differences between the form of administration exercised in Hawaii or Puerto Rico, for example, were more advantageous for the peoples of these territories than the way the Portuguese Government acted in its overseas possessions,

---

[13] Salazar was referring to the vote of 24th March 1961 mentioned above.

[14] Salazar was referring to the fact that in March 1961, the U.S. Ambassador Adlai Stevenson spoke in favour of a U.N. inquiry into the conditions in Angola. The Portuguese Government was given only one week's notice that the U.S. was thinking differently, and it had no information at all about what Stevenson was going to say. Eight days later Stevenson infuriated Portugal even further by voting to put Angola on the United Nation's agenda.

but also wondered if the segregation of the black people in the Southern states was not a form of colonisation based upon racial prejudice:

> 'Anyway', Dr. Nogueira continued, *'what is a colony? Can you tell me? From what distance does a territory become a colony? How about Hawaii or Puerto Rico?* If the test is economic under development, should we say that (...) the southern U.S. is a colony? Is the test one of race? If so, then you are a racist. Was India entitled to seize Goa because of geographical proximity? Is Canada entitled to claim Alaska (...)?
>
> (...) Nehru wanted (...) [Goa]. He also wanted the best railroad in that part of the world, and the best harbour to use as a naval base. *Back in the 1930's this was called imperialism!'* (Farmer, 1962: 100B)

Secondly, Salazar's criticisms were directed against the timetable which had been imposed by the United Nations, with American support, which allegedly did not distinguish between the particular circumstances of each territory seeking independence. Indeed, according to the President of the Council the timing was defined not by the 'colonised peoples', but rather in response to the underlying motives of the American international agenda:

> (...) 'indeed [Salazar said] *no one can or ought to set a time limit for it. What is being subjected to timetables is the inconceivable politics of our time*, which claim that states should set a time limit to destroy their unity and break up.' (...)
>
> *Salazar spoke bitterly about U.S. criticism of Portuguese policy in Angola.* '(...) it seems legitimate to point out that the criticism mainly directed against it at the moment (...) in the United States itself (...) is that *it seeks hasty political solutions before the solution of the innumerable and complex social, economic, technical and cultural problems of Africa is assured...*' (Farmer, 1962: 100B)

Moreover (and this was his third point), Salazar emphasised, not without irony, that it was incomprehensible that a country like the United States which was always on the alert against the

"red danger", [15] would now ignore (or pretend to ignore) Soviet support to the African independence movements and to certain of their communist leaders, amongst whom he mentioned Mário de Andrade:

> 'The American government has persistently favoured precipitate independencies which are(...) *susceptible, after all, of throwing the gates open to the influence of Communist ideas.* In this process the United States has abandoned allies and opposed their legitimate interests: but what seems still more serious — besides being opposed to the traditional generosity and the idealism of American people — is that such a policy has not benefited the populations in question; rather the contrary.
>
> (...) [an] Angola expatriate named Mário de Andrade (...) seems to have *Soviet Union backing.* De Andrade (...) probably is a Communist." (Farmer, 1962: 100B, 105)

Finally, the shrewdest and most subtle of Salazar's arguments was the fact that the Kennedy Government was facing a serious internal problem: the Civil Rights Movement. The fierce struggle of the black people had brought to the fore the racial prejudice which existed in a young nation which, in many other ways, could be considered the most highly developed country in the world. In total consonance with Franco Nogueira, Salazar indirectly, ironically and somewhat paternalistically denied the United States the moral authority to criticise Portuguese overseas policy:

> 'The U.S. is simply naive about Africa', he said. 'I would never dare to indicate the policy which the United States ought or ought not to follow.' [And] *he smiled fleetingly* (.)
>
> 'We have been much criticized,' the prime minister said, 'for persistently adhering to *the ideal of a multiracial society* (...) *as if such an ideal were opposed to human nature, to the moral order of the universe or to the interests of peoples*...We, the Portuguese, do not know how to live in the world in a different style...because *it was in a multiracial type of society that we constituted ourselves as*

[15] This question recalls the sadly notorious case of Senator McCarthy which was still fresh in people's minds at the time.

> *a nation eight centuries ago,* [16] at the end of various invasions proceeding from the east, north and south - that is from *Africa itself.* (Farmer, 1962: 100B, 102)

On the other hand, it was becoming evident that internal events had begun implicitly to determine American foreign policy, which the Portuguese Government considered to be totally unacceptable for a country with such important world responsibilities, as Gene Farmer reported:

> As far as U.S. policy is concerned, the Portuguese see nothing in our recent record to give them comfort. They think *the U.S. is in a popularity contest, seeking the votes of African nations in the U.N.* They are also seized by the suspicion, voiced only in private, that *the Kennedy administration is so concerned with the Negro vote in the U.S. that it will go to almost any length in the U.N. to avoid alienating that vote.* (Farmer, 1962: 105)

In other words, according to the Portuguese Regime, the USA not only continued to employ different forms of colonialism or imperialism, [17] but acted exclusively in accordance with its own agenda. Therefore, at that particular juncture, it had become impossible for the American Government to abstain from criticising any military action against black people, in an attempt to address, or at least alleviate its internal problems. Thus, the issue for the American Government was not a question of Foreign Policy, or even (de)colonisation, but rather one which was influenced, almost exclusively, by internal factors. Hence its many incongruities, including its attitude towards people of non-African origin, such as Puerto Ricans or Hawaiians. If this were not the case how, in view of the restrictions on immigration, could the Angolan independence leader Holden Roberto, who was resident in the Congo, [18] have obtained a visa so easily, residing in New York at

---

[16] On this matter Salazar referred to the (pseudo) scientific justification defended by sociologists such as the Brazilian writer Gilberto Freyre, particularly in *O Luso e o Trópico*, a work in which there are direct references to the violent racial discrimination existing in the United States. Just like Franco Nogueira, Freyre considered this to be a very serious form of colonialism based exclusively on racial prejudice. On this subject see Terenas, 2008.

[17] Curiously this would be the view upheld many years later by Edward Said, particularly in *Culture and Imperialism.*

[18] Angola-born, Holden Roberto had announced the formation of an Angolan 'government in exile' in the Congo capital of Leopoldville on April 5th. He had also claimed the support of F.L.N. veterans of the Algerian war along with the support of various independent African nations. *Life* published a photo of Holden Roberto addressing a group of Angola refugees outside his headquarters in Congo. (See Farmer, 1962: 108).

that time, probably gathering financial support for revolutionary activities in Angola? Let us examine what Gene Farmer said on the subject:

> The Portuguese find it hard to understand, for example, why *the U.S., a country with fairly strict visa requirements*, gives hospitality to Holden Roberto. (...)
>
> When I arrived in Lisbon, Roberto was in New York - presumably seeking financial, as well as moral, support from American friends. (...) Roberto (...) seems to be the chief threat to the Portuguese. (Farmer, 1962: 105)

In effect, rather than just a 'straightforward' interview of Salazar, the *Life* article denounced, albeit not in explicit terms, the inevitable relationships of interdependence, which were constantly being redefined, between Americans, Europeans and Africans. It should be noted that Gene Farmer had sent the questions to Lisbon previously, in writing, and would receive the answers, also in writing, shortly after his meeting with the President of the Council,[19] which transformed the supposed 'interview' into a peculiar conversation, allowing the American journalist to meet the "Portuguese dictator" face-to-face and afterwards write a lengthy article in which the role played by the United States in these complex transatlantic relations becomes clearer - at least to today's readers - than Salazar's own views on any subject. In fact Salazar refused to talk about the most obvious question (perhaps the only one) of real interest to American foreign policy, the Lajes air base in the Azores: [20]

> (...) in the Atlantic, the Azores Islands' (...) airbase facilities constitute Portugal's main contribution to NATO. (.)
>
> I had asked whether the U.S. attitude toward Portuguese colonial policy would affect the renewal of the

---

[19] Gene Farmer wrote as follows on this matter: "(...) I had submitted a list of questions and he [Salazar] commented on them approvingly. (...) Salazar talked to me for an hour (...) [and] I was later given a verbatim transcript of part of our talk - his answers to a number of questions which I had earlier submitted to him in writing. (Farmer, 1962: 98-100B).

[20] Regarding the vital importance of the Lajes air base to the United States it is worthwhile reading a Kennedy memorandum written on August 20th 1961, addressed to the Defence Secretary: "I understand that we have cautioned the Portuguese government against the use of American equipment in Portugal. (...) a recent story in a London newspaper reported the finding of a 'Made in America' mark on part of a bomb dropped on an Angolan village. This is going to present problems to us both in Angola and in Portugal. Have we considered (...) whether this will have an adverse effect upon the use of the Azores base." (Kennedy, 1961: webpage).

> U.S. lease on the Azores airbase, which runs out next December. There was no twinkle in his eye now. [21] This matter, he said, was not something on which Portugal wished to commit itself. '*I would prefer not to answer this question and I would ask you not to put it.*'(Farmer, 1962: 100B)

The explanation for Salazar's refusal to talk about the Azores was obvious to Gene Farmer. The American air base at Lajes was Portugal's only trump card - the base was vital to the USA and Portugal knew it.[22] However, the Americans were just as concerned about Salazar's possible successor:

> One hears it said casually in Lisbon (...) that Salazar's successor, whoever he is, may find himself impaled on the horns of the extreme left and right, and this may be the last government with which the U.S. can do sensible business on matters like the Azores." (Farmer, 1962: 108)

It is fair to say, therefore, that the apparent importance attributed to the "Portuguese dictator", in *Life* magazine, was not in fact due to his opinions, but rather to the sensational title of the article - "An Exclusive Talk with Portugal's Enigmatic Salazar. Dictator on the Defensive"-, the outstanding size and quality of the photographs [23] and, undoubtedly, the comments made by the American journalist, who was a senior editor of the magazine.

5. Conclusions

Thus, to conclude, I believe that this case is of some considerable relevance on several levels which are seminal to the central theme of this paper: transatlantic relationships.

---

[21] At the beginning of his article, Gene Farmer told us "he remembered that an American diplomat had been most impressed, on first meeting Salazar, by "the twinkle in his eye", and when Farmer met him he immediately noticed that the twinkle was still there. (Farmer, 1962: 98).

[22] In fact, the airstrip was not only a refuelling stop for the American worldwide military transport fleet, but the Azores complex was locked into American communications and its early warning radar system. When the Portuguese Government renewed the lease, they wanted to get something out of it, that is, a sympathetic attitude toward Portuguese policies.

[23] The concern with giving great emphasis to the photos of Salazar may also be to do with the fact that his face was little known. Gene Farmer himself confessed that when he met him for the first time he was unsure whether he was indeed looking at the Portuguese dictator: "(...) *I had a moment of panic; was this Salazar? There were so few pictures of the Portuguese prime minister that a stranger could not be sure*, and I didn't want to commit an unpardonable error. But then the Foreign Office official who was to be our interpreter introduced us." (Farmer, 1962: 94, 98)

From the outset it is a paradigmatic example of the ease by which communication continually bridges the Atlantic, to a great extent keeping the ancestral triangular routes alive, albeit in ever more fluid ways.

Then, the case under study seems to prove that, notwithstanding the plural character of events or texts, both move with amazing fluidity, constantly reinventing themselves and recreating new networks of inter and trans-cultural relationships.

Finally, one cannot ignore the extraordinary power of the Atlantic in sustaining uninterrupted dialogues and fostering political and cultural exchanges. This power of permanent continuity and change has led to the (de)construction of mindsets, identities, ideologies and, in the case we are dealing with, political systems.

It can justly be said, therefore, that the Atlantic provides a fluid model *par excellence* enabling the conceptualisation of the complex network of changeable and strategically interstitial relationships occupying the space(s) of post-modernity.

Works Cited

ANONYMOUS, 1961. "The New York Times, February-March, 1-8". *The American Presidency Project Online.* Santa Barbara: University of California: http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=8062 (accessed January 24, 2007).

DAVIDSON, Basil. 1975 [1969]. *A Libertação da Guiné. Aspectos de uma Revolução Africana.* Translated by António Pedro Neves. Lisboa: Sá da Costa.

DUFFY, James. 1962. *Portugal in Africa.* Harmondsworth: Penguin Books.

_____, 1968 [1959]. *Portuguese Africa.* Cambridge: Harvard University Press.

[EDITORS], 1962. "Article of the Week. Dictator on the Defensive: an Exclusive Talk with Portugal's Enigmatic Salazar. By Gene Farmer". *Life*, May 4: 94.

FARMER, Gene. 1962. "An Exclusive Talk with Portugal's Enigmatic Salazar. Dictator on the Defensive". *Life*, May 4: 94, 98-99, 100B, 102,105-106,108.

KENNEDY, John. 1961. *The American Presidency Project Online.* Santa Barbara: University of California: http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=8062 (accessed January 24, 2007).

PAUL, John. 1975. *Mozambique. Memoirs of a Revolution.* Harmondsworth: Penguin Books.

PATTEE, Richard. 1957. *Portugal and the Portuguese World*. Milwaukee: The Bruce Publishing Company.

_____, 1959. *Portugal em África. Impressões e Reflexões de Viagem pela África Portuguesa*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar.

RODRIGUES, Luís Nuno. 2002. *Salazar-Kennedy: a Crise de uma Aliança*. Lisboa: Editorial Notícias.

SAID, Edward. 1994. *Culture and Imperialism*. London: Vintage.

SERTÓRIO, Manuel. 1978. *Humberto Delgado. Setenta Cartas Inéditas*. Lisboa, Praça do Livro.

TERENAS, Gabriela Gândara. 2008. "Forbidden Images of Portuguese Colonialism: a Translation of a Book by C.R. Boxer". In *Translation & Censorship. From the 18th Century to the Present Day*. Edited by Teresa Seruya and Maria Lin Moniz. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 30-46.

A VIAGEM EXÓTICA A PORTUGAL COMO PRECONCEITO LITERÁRIO EM *I LIKE IT HERE*, DE KINGSLEY AMIS

Carlos Ceia
Universidade Nova de Lisboa
CETAPS

O autor canadiano Yann Martel publicou em 2001 um best-seller, *Life of Pi* sobre a vida de Piscine "Pi" Molitor Patel, um rapaz indiano de Pondicherry, um enclave indiano hoje com o nome de Puducherry. Trata-se de um romance de formação sobre a forma como o rapaz sobrevive 227 dias no Oceano Pacífico, na companhia de alguns animais selvagens, depois de terem naufragado. O que nos interessa nesta história simbólica é a sua motivação inicial. Há um pré-texto em itálico que precede a Parte Um, onde se faz uma retrospectiva do autor do livro, que surge no texto ficcionado como personagem: o narrador (e o seu autor real confirmará a coincidência em várias entrevistas) estava a escrever um livro sobre Portugal em 1996 quando viajou para Bombaim para refrescar as ideias, depois de os seus dois primeiros livros não terem tido grande sucesso. Surgirá aí a inspiração para *Life of Pi*. O livro sobre Portugal nunca foi escrito. Pode parecer estranho que desejemos querer que haja uma literatura ficcional sobre Portugal em língua inglesa. O facto que conheço é este: nos últimos cem anos, escreveram-se pelo menos seis romances com Portugal como cenário principal[1] e provavelmente muitos outros

[1] Para além do romance de Amis, refiro-me ao romance mais recente de Monica Ali, *Alentejo Blue* (2006), ao romance histórico *Sharpe's Enemy: Richard Sharpe and the Defence of Portugal* (1984), de Bernard Cornwell, ao romance de John Berger *Here Is where we Meet* (2005) e aos romances de Robert Wilson, *A Small Death in Lisbon* (1999) e *The Company of Strangers* (2001). Deixo de fora desta pequena lista os romances publicados por autores não britânicos, como o

ficaram por escrever, como o de Yann Martel. *I Like it Here*, de Kingsley Amis, parece ter nascido onde o romance de Martel falhou:

> Unfortunately, the novel sputtered, coughed and died. It happened in Matheran, not far from Bombay, a small hill station with some monkeys but no tea estates. It's a misery peculiar to would-be-writers. Your theme is good, as are your sentences. Your characters are so ruddy with life that they practically need birth certificates. The plot you've mapped out for them is grand, simple and gripping. You've done your research, gathering the facts-historical, social, climactic, culinary — that will give your story its fell of authenticity. The dialogue zips along, crackling with tension. The descriptions burst with colour, contrast and telling detail. Really, your story can only be great. But it all adds up to nothing. In spite of the obvious, shining promise of it, there comes a moment when you realize that the whisper that has been pestering you all along from the back of your mind is speaking the flat, awful truth: it won't work. An element is missing, that spark that brings to life a real story, regardless of whether the history or the food is right. Your story is emotionally dead, that's the crux of it. Your story is emotionally dead, that's the crux of it. The discovery is something soul-destroying, I tell you. It leaves you with an aching hunger.[2]

Estas palavras iniciais de *Life of Pi* mostram a ansiedade da escrita do romance que não se consegue escrever e que provavelmente não vai ser possível escrever. O romance de Amis conta a história de um escritor *freelance* desinspirado, Garnet Bowen, que virá para Portugal porque é um destino turístico barato, onde poderá reencontrar a sua musa criadora debaixo de um sol reconfortante. Por curiosidade, o próprio Kingsley Amis viajou a Portugal com uma bolsa Somerset Maugham para escrever uma crónica de viagem e, durante o ano em que aqui viveu, colocou-se exactamente no mesmo lugar do viajante britânico que vem a Portugal, no tempo histórico de 1956, tão deslumbrado pelo Sol como pela diferença cultural, social e económica em

---

romance histórico do norte-americano Richard Zimler, *The Last Kabbalist of Lisbon* (1998), ou romances como *Night Train to Lisbon* (2007), do suíço Pascal Mercier, *Dreaming of Portugal — A Memoir* (2005) da americana Marianne Gilbert Finnegan e *The Lisbon Crossing* (2007), do americano Tom Gabbay.

[2] *Yann Martel, The Life of Pi, Londres: Virago, 2001*, p. VII.

relação ao reino dourado que deixou temporariamente para trás. Benny Hyman é o jovem editor que convence Bowen a fazer a viagem com os seguintes argumentos: "Well, why not try Portugal, then? Lots of sun, not overrun with Yanks and British, cheap as hell. And the national poet was put on the skids backs in the sixteen century or whenever it was and there's been sod-all since. That should appeal to you."[3] *I Like It Here* é um exercício literário sobre os preconceitos culturais de uma família britânica sobre Portugal, mas não se pense que se trata de uma obra capaz de se transformar na obra de uma geração ou na obra de um certo momento histórico.[4]

Garnet Bowen é um escritor galês, autor de um livro obscuro, com um casamento desinteressante e de alguma forma moralmente infeliz, que nem os três filhos menores ajudam a dar significado. A mulher classifica-o como um "working class, British, lower middle class, Welsh, anti-foreign, anti-upper class, anti-London, anti-intellectual, British, and proletarian" (p. 79). Consegue sustentar a vida à custa de tarefas jornalísticas ocasionais, alguns programas de rádio e conferências pontualmente pagas. Bowen foi em tempos um jornalista sem importância, agora quer ser um escritor sério, isto é, com sucesso económico suficiente para poder viver com outra qualidade. A viagem a Portugal explica-se objectivamente pela necessidade de escrever um artigo encomendado por uma editora americana (Hiscock & Weinstein) para desvendar o mistério da identidade de um outro escritor há muito literariamente desaparecido. Bowen detesta sair de Londres,

---

[3] *I Like It Here*, Victor Gollancz, Londres, 1958, p. 12.

[4] O próprio Amis reconhece isso: "Even in *I Like It Here*, which has very little to say about anything, there are two fairly serious moral moments. One is when Bowen goes over to Strether's side, having regarded him first with uneasy contempt, and becomes protective. The incident which is supposed to show this is when he adjusts Strether's false teeth that had been halfknocked out of his mouth. The other thing is when he discovers something more about his wife than he thought, that she couldn't be a blackmailer's girl, something he'd never put to himself before, and that that was the most important thing about her." Ao que respondeu Amis: "Yes. I began that in 1955, and put it aside to write *I Like It Here* because it was obvious that *Take a Girl Like You* was going to take a long time to write. I was already behind in a sense. I was very nervous after it. I started making notes for it in Portugal in 1955, then put it aside in 1956, and wrote *I* Like *It* Here, then took up *Take a Girl Like You* again. I was very nervous because it was going to be a new departure for me; I even made about twelve drafts of the first chapter. I compared the first with the latest, and realized the only difference was that the later draft was ten percent longer. So I went on with it at an increased rate."Entrevista feita por Michael Barber, publicada em *The Paris Review*, "The Art of Fiction nº 59", Paris, nº 64, 1975. Disponível em: <http://www.theparisreview.com/viewinterview.php /prmMID/3772>, consultado em Maio de 2008.

onde vive, mas terá de o fazer, para poder escrever o artigo com conhecimento do local e para poder aspirar a uma posição mais segura na empresa que o contratou para aquela tarefa jornalística.

Do elenco de personagens secundárias, destaco: Barbara Bowen, Bennie Hyman, o anglo-português Carlos Oates e a personagem-mistério Wulfstan Strether. Barbara é a mulher de Garnet, que aprova a ida do marido para o estrangeiro, porque acredita sinceramente que um dia ele será um escritor de sucesso, por isso tem que escrever com verdade e com liberdade, o que inclui o conhecimento do local sobre o qual se escreve. Distingue-se de Garnet sobretudo porque não partilha o sentimento de xenofobia em relação a tudo o que é estrangeiro e tem especial curiosidade em visitar e conhecer Portugal. Bennie Hyman, um jovem solteiro de boa aparência, é o sócio da empresa americana que contrata Bowen. O facto relevante para a história da viagem a Portugal é a posse de um manuscrito de 120 mil palavras, com o título simbólico *One Word More*, assinado por um escritor que há muitos anos vive em Portugal, de nome Wulfstan Strether, e que, após longa ausência da escrita e da publicação, envia ao único editor que teve em vida um novo original. Esse antigo editor morreu e não deixou nenhuma pista sobre o contacto entre ambos, o que fica agravado pelos rumores de que o próprio Strether possa ter já desaparecido. Bennie pede a Garnet para arranjar uma casa em Portugal e assim poder investigar *in loco* o paradeiro de Strether, no sentido de determinar se o manuscrito é genuíno ou se se trata de um logro. Já em Portugal, sempre com o anfitrião Oates pronto a ajudar na sua tarefa quase nacional de acolhimento do visitante estrangeiro em todas as ocasiões necessárias, Bowen descobre que Strether não é um escritor acessível nem um homem facilmente manipulável, mas, contudo, trata o jornalista inglês com finura e educação. O que prejudica verdadeiramente o trabalho de Bowen é algo de que ambos são vítimas: *o Português* e também os outros turistas britânicos em Portugal.

Podemos abordar esta viagem de várias formas, sem esquecer o momento histórico do pós-guerra em que foi escrita e publicada. Fixemo-nos em duas possibilidades: a viagem como exercício convencional para quem procura um destino tido por exótico e a viagem como exercício de confirmação do conhecimento preconceituoso que se tem de um lugar que se conhece apenas através da memória colectiva e/ou da opinião publicada sobre esse lugar. As duas possibilidades podem-se combinar, em diferentes dosagens, com um sentimento de xenofobia para com o povo e o lugar que se visita com o pressuposto que será sempre

um lugar em tudo distante do lugar mais civilizado de onde se partiu. Bowen confessa nestes termos o que significa o preconceito por tudo o que é estrangeiro:

> Bowen told himself that he suffered from acute prejudice about abroad. Some of this he thought he recognised as unreasonable, based as it was on disinclination for change, dislike of fixing up complicated arrangements, and fear of making a fool of himself. One of his many archetypal images of abroad was of a man inquiring about his luggage in dumb-show while a queue formed behind him—except that of course it wouldn't be a queue there, but a pushing, jostling crowd. Further, he fancied that he had a long history of lower-middle-class envy directed against the upper-middle-class traveller who handled foreign railway-officials with insolent ease, discussed the political situation with the taxi-driver in fluent argot, and landed up first go at exactly the right hotel, if indeed he wasn't staying with some *contessa*, all cigarette-holder and chaise-longue, who called him by a foreign version of his christian name. (p. 23)

Portugal é um cenário natural adorado por viajantes, mas a motivação para a viagem pode não ter uma explicação positiva, desprovida de preconceito ou de superstição. O romance de Kingsley Amis nasce por esta via. Portugal é um asilo adequado para um escritor menor poder reencontrar a sua inspiração: é barato e solarengo, condições mais do que suficientes para uma família da classe média britânica escolher o País como destino final. Mesmo os aspectos negativos podem tornar-se em atracção, como as bebidas baratas ("It would be very easy, cheap and pleasant, Bowen often reflected, to drink oneself to death in Portugal. Perhaps he would try it some time.", p. 92).

O escrutínio fez-se quase por acaso, confiando os viajantes na opinião de amigos que conheciam Portugal e não hesitaram em recomendar o destino por essas duas razões maiores. A motivação profissional é quase um *fait divers*: Bowen precisa de esclarecer o mistério do autor Wulfstan Strether[5] e saber se se trata realmente

---

[5] Strether é o nome da personagem nuclear de *The Ambassadors*, de Henry James. Um excerto do livro-mistério *One Word More*, de Strether, prova que se trata de uma criação ficcional que pretende parodiar a figura literária de Henry James, criando-se um romancista-personagem dentro de um romance de forma a dar a entender que na prática ele é apenas uma sombra do autor prestigiado Henry James.

de um grande autor ou de um impostor. David Lodge sugere que Bowen seja uma extensão literária do próprio Amis,[6] e a personagem de *I Like it Here* funciona bem nesse papel invisível, incluindo a forma como Bowen e Amis se aculturaram a um país estranho estranhando-se eles próprios em primeiro lugar.

O preconceito sobre Portugal como destino exótico, que afinal se desejaria que fosse o menos diferente possível do lugar de onde se partiu, exerce-se de diversas formas. O estrangeiro é uma espécie exótica que não se pode evitar, como acontece com as moscas e os mosquitos que infestam as casas em Lisboa. O preconceito britânico para com os estrangeiros alarga-se, na visão de Bowen, aos povos latinos:

> Five dark persons, who he noted with idle surprise were all the same height, stood nearby talking simultaneously in a foreign tongue. A loudspeaker added to the din in the same or a related tongue. The increasing Latinity of his surroundings made Bowen feel fretful. Why was abroad occupied exclusively by the Romance—speaking family of nations, with a few Greeks and southern Slavs thrown in? Why was it that Germany, the Low Countries, Scandinavia and the non-southerly SIav areas didn't really count as abroad? Why was it only Frenchmen and Spaniards who got written up as knowing better than the British did "how to live"? — it was sometimes said of the Dutch too, but that only meant they knew how to look after themselves when it came to eating, drinking and smoking. Why was it that when a chap announced a year's business posting to Rome or Athens, say, people told him how lucky he was, but if he was off to Oslo, Rotterdam or Bremen, people only told the poor sod that it should be "very interesting", i.e. mind-erodingly boring? Perhaps it was all to do with architecture. Oh, how he loathed architecture. He would have liked to see it all done away with. (pp. 40-41)

O preconceito para com a leitura de autores estrangeiros é tão importante como não ser capaz de pedir direcções a um local que não fala a mesma língua do estrangeiro (nunca se coloca em

---

[6] David Lodge descreve Garnet Bowen como "a kind of projection of the most hostile public image of Amis himself, i.e. a man who earns an enviable amount of money from writing, without producing anything of real merit, and without having a very elevated conception of the writer's calling" (*The Language of Fiction: Essays in Criticism and Verbal Analysis of the English Novel*, Routledge, Londres e Nova Iorque, 2002 [1ªed., 1966], p. 278).

questão que deva ser o estrangeiro a ter a obrigação de se fazer compreender no dialecto local). A forma de ler um autor estrangeiro também não podia deixar de ter a sua melhor doutrina na tradição britânica, por oposição aos franceses em particular, incapazes de apreciar correctamente um autor estrangeiro:

> Yes, the way the French went overboard about chaps like old Cronin[7]—nothing much wrong with him on another level—did seem a sort of minor national madness, one which gravely damaged their claim to be running European civilisation. At least the English never made such howlers. They judged a foreign writer on the basis of the amount of fuss made about him by the foreign Press, or by the writer himself. The latter kind of authority was the one they followed in judging their own writers, so there was consistency there. Well, good luck to them, Bowen thought, in their stout efforts to find Gide and Mauriac worth reading. (p. 47)

Há ainda o preconceito aristocrático de quem não consegue perceber a diferença entre boa educação e servilismo leva Bowen a interpretar a fórmula de saudação "Boa tarde, senhor" como um sinal de persistência da relação feudal entre senhor e servo: "Female cries of 'Bôa tarde, senhor'—quite the old feudal touch—greeted the master of the house on his three-yard progress through the kitchen."(p. 69).

A opinião dos portugueses sobre o seu próprio País está devidamente equilibrada na oposição entre uma personagem de nome Sousa, que aparece acidentalmente num café no Estoril e mete conversa com Bowen por ter notado que ele falava Inglês. Sousa é um português educado em Inglaterra e, por isso mesmo, consegue manter um espírito crítico em relação ao Portugal de Salazar. Nenhuma outra personagem portuguesa vai tão longe neste romance: a impossibilidade de existência de oposição política ao Regime, a censura, a falta de liberdade individual, a promiscuidade com a Igreja, a denúncia da pobreza, a falência da economia, etc., um discurso que por si só valeria a Amis a prisão se fosse um escritor português em 1958:

> (...) I'm not talking about actual complaints against the Government: you go to prison for that. Do you know who trained our secret police, that fine body of men? The late

[7] Refere-se ao romancista escocês A. J. Cronin, autor de *The Citadel*, 1937.

lamented Himmler, with personal supervision. But this censorship: for instance, there's never any word of public health in the papers, except the pious statements that it's marvellous, couldn't be better—with the worst slums in Western Europe right on our doorsteps in Lisbon. You can't even say things are improving; that suggests they aren't perfect. Again, accidents. They're just never reported. (...)

(...) It's the Church behind that. Don't please misunderstand me: I'm a serious Catholic myself, or so I should like to think. But I can't forgive the way the bishops are with Salazar in everything. And the priests. There are plenty of good ones, naturally. But for many of them, you see, ...

"I hope you'll enjoy your stay in Portugal. For the tourist there are many attractions; for the resident, not quite so many." (pp. 98-104)

Carlos Joaquim Cordeiro Oates, o anfitrião de Lisboa nascido em Inglaterra e "nacionalizado" português, que é classificado como alguém que se veste como "any young London office worker" (p. 60) mas também é "that representative of Portuguese middle classes" (p. 190), não podia deixar de ser um adepto do Regime de Salazar:

"Well, and how do you like Portugal?" Oates asked.

"Very much," Bowen replied, adding silently "for abroad", but otherwise sincerely enough.

"I hope you find enough in the way of amenities and everything?"

"Oh yes, it's all very good like that."

"I'm glad you find it so. Of course, this isn't a rich country. That's what visitors so often forget. Though it's a good deal richer than it was before this chap Salazar came along."

"Oh, he's, er ... improved things, has he?"

"Undoubtedly. You should see what he's done for Lisbon. The place has doubled in size since the war— yes, really. There's been a lot of slum clearance and so on. Now somebody like yourself coming from England, the Welfare State and everything, you might find plenty of things that would shock you. But that's not really the point. You've got to compare the place, you see, with what it was before."

(...) There's no doubt the Portuguese have every reason to be grateful to Salazar." (pp. 73-74)

Oates, que é o resultado da aculturação histórica entre Portugal e a Inglaterra, é ainda uma personagem culturalmente bilingue mas também adequadamente inserida num país de filisteus felizes, como deixa claro quando disserta sobre as diferenças entre o progresso britânico e o português:

> he lectured Bowen, with abundant illustrations, on the post-war decline in the quality of British exports and in British business enterprise and reliability, or when he wanted to contrast British readiness to "give away" India with the firmness that the Portuguese (who now became "we") had shown over the Goa question. These and other opinions seemed dictated by his membership of Portugal's small, recent and—Bowen supposed—philistine and illiberal middle class. But the conflict in his mind, however partial and intermittent, between his Britishness and his Portugueseness made him more interesting to Bowen than that, and the neat symbols of that conflict, the souvenir-stall coffee-tin on the elegant traditional-pattern cloth Rosie had embroidered, seemed not only absurd. (p. 75)

Como qualquer bom português, Oates não deixaria de esclarecer a um estrangeiro a enorme diferença entre os Portugueses e os Espanhóis, e mesmo num momento histórico em que ambos foram governados por ditadores, o nosso Salazar sai sempre vitorioso:

> "It makes me a bit fed-up," Oates was going on, "to think of all these attacks in the foreign Press by people who don't know the country. Salazar runs the place, admittedly, but it won't do to start comparing him with Franco. Franco's a real dictator—we know all about him in Portugal—he's very conceited, you know, having parades and things the whole time. (p. 75)

Mesmo antes de partir para Portugal, o preconceito dominante a propósito dos Portugueses é precisamente o facto de não gostarem dos Espanhóis, como julga Bowen:

> "Exactly," Bowen said, smiling at her. Both word and smile derived from how he had begun to feel about Portugal. Quite apart from the matter of the Lisbon pal and his finger-clicking potentialities, there was the business about Britain's

> oldest ally and the fact that port came from there. It was true that a recent article had named Portugal as the least jazz-conscious country in Europe, but against this could be set something he had once read about everyone there not liking the Spaniards. Good stuff. Bowen felt this to be so even though he thought he recognised intellectually that the Spaniards couldn't possibly be as bad as the impression of them to be gained from those who lauded them in print, and even though individual Spaniards he had heard of seemed amiable enough—Cervantes, Picasso, Casals and the man who had lent a pair of trousers to a friend of Bowen's who had been locked out of his flat in his dressing-gown. (p. 28)

E em outro momento, quando o filho adoptivo dos Bannions, de nome simbólico Afilhado, esclarece Bowen a grande diferença entre a proficiência linguística dos Portugueses por oposição à falta de proficiência dos Espanhóis, que sempre resistiram, por "preguiça", a compreenderem a língua portuguesa, mas, agora, em 1956, o problema comunicacional estava resolvido: "At present I think the Spaniards and the Portuguese understand each other very well. This is a service of our Dr. Salazar. He has performed much work to assist the two nations to understand each other." (p. 150)

Para completar a visão verdadeiramente exótica de Portugal vista de dentro por um português adoptivo, não verdadeiramente estrangeiro, e por isso mesmo *aceitável*, Oates destaca ainda o papel da polícia, que é "eficiente", e a ausência de alternativa política, que é desnecessária num país que até a Igreja abençoa:

> "Yes, when you really come to weigh it up, you know," Oates said, lighting another High-Life, "there just isn't any practicable alternative to this Government. Or any desirable one, either. It's got strong ties with the Church, which is as it should be in a country like this." (p. 77)

Na viagem para Portugal, um turista americano que também viaja no *Rio Grande* reconhece o sotaque britânico de Bowen e interpela-o. É precisamente o facto de Bowen ser britânico que o leva a confessar o seu desânimo pelos males do mundo, a partir do conhecimento que tem dos muitos países por onde já viajou e onde tentou estabelecer-se. O preconceito filistino do turista americano vira-se primeiro para a França:

> There's only one thing they're interested in hereabouts and that's your money. They make no secret of it, I'll give them that. Yes, I'll say that for them, they leave you in no doubt on that score. Gimme gimme gimme, that's their theme song. I thought the Spaniards were on top in that league, but by God these French have certainly got 'em whipped. (p. 48)

Mas, antecipando já o ataque cultural aos Estados Unidos a que iremos assistir em *One Fat Englishman*, este turista vira-se contra o seu próprio país, uma oportunidade fabricada por Amis num dos discursos mais severamente preconceituosos do romance:

> "What about the States? Surely there must be ..."
> "Have you ever been to the States, young fellow? Have you seen Americans in their natural habitat? Then let me tell you that they're the most ignorant, vulgar, immoral, godless, materialist, greedy, avaricious, small-minded people on the whole face of this earth. And I ought to know. Life in America today is sheer... unmitigated... hell. Only satisfaction is it can't last much longer. It's on the way out. Finished. Doomed. I know what I'm talking about. I give it twenty years at the outside. More like ten in all probability. I'm sorry in a way I shan't be here to see it. But it'll come. And then will you fellows in Europe feel the draught. We make all your goods for you and then give you the money to pay for them. When the States goes you'll just rot away. (p. 49)

O preconceito literário de *I Like It Here* de Amis estende-se à sátira do autor compadre, ou melhor, do escritor rival, tanto como o elogio do escritor de génio, que tanto pode ser interpretado por Henry Fielding como por Henry James. O episódio da visita ao túmulo de Henry Fielding,[8] no cemitério inglês existente na Estrela (lugar não identificado no romance):

> Bowen thought about Fielding. Perhaps it was worth dying in your forties if two hundred years later you were the only non-contemporary novelist who could be read with unaffected and whole-hearted interest, the only one who

[8] Fielding viajou para Portugal em 1754, um ano antes do terramoto, à procura de convalescença, mas faleceu em Lisboa poucos meses depois; publicou-se postumamente um relato dessa experiência em *The Journal of a Voyage to Lisbon*, 1755.

> never had to be apologised for or excused on the grounds of changing taste. And how enviable to live in the world of his novels, where duty was plain, evil arose out of malevolence and a starving wayfarer could be invited indoors without hesitation and without fear. Did that make it a simplified world? (p. 185)

Por outro lado, a simples posse dos romances de James é reveladora de que o escritor-mistério que Bowen investiga deverá ter "talento" ("the knowledge of Jamesiana, plus the possession of Jamesian texts, certainly befitted an indisputably major talent", p. 85). (Fica em aberto a possibilidade de a própria criação de Strether ser uma caricatura de Henry James, mas o romance não desenvolve essa possibilidade.) A vítima da sátira é Graham Greene, que não aparece por acaso no romance de Kingsley Amis. Na introdução à edição da Peguin de 1954 do primeiro romance de sucesso de Amis, *Lucky Jim*, David Lodge especulou sobre as possíveis influências deste romance académico e avançou com a tese de que Amis havia recebido a sua inspiração do romance de Greene *The Heart of the Matter*, considerando que *Lucky Jim* representava então uma "inversão cómica" do romance de Greene. O também professor-conferencista ocasional Bowen chega a desejar a morte de Greene, para que assim possa não ter o trabalho de rever anualmente os seus apontamentos da conferência que tem preparada sobre o escritor, sempre dado a novidades anuais (Greene publicou 64 romances):

> Bowen sat down in the crackling basket-chair and picked up the new Graham Greene. He had nothing against that author either personally or aesthetically, but wished he would die soon so that his lecture on him would not keep on having to have things added to it every eighteen months or so. Perhaps it would be better in the long run to set his teeth and make the switch to E. M. Forster. The new Graham Greene, like most of the old Graham Greenes, was about abroad. (p. 22)

A xenofobia é, pois, um tema forte deste romance. Diz respeito, de forma quase convencional, ao receio que os visitantes britânicos deste romance têm de Portugal como civilização menor que nunca estará à altura dos padrões a que estão habituados. Não se trata tanto de medo excessivo do desconhecido, mas mais de medo de não encontrar em Portugal as mesmas virtudes, confortos e bem-

estar que a Inglaterra oferecia então. A xenofonia de *I Like it Here* começa no título do romance: *here* quer dizer o Reino Unido como civilização superior que não é comparável ao lugar para onde se viaja (Portugal), dado como um lugar estranho a que nunca nos vamos habituar porque não tem a mesma qualidade de vida que existe no nosso País e, pior do isso, não podemos aspirar a que alguma vez este Portugal possa vir a alcançar um padrão de vida semelhante. Trata-se, evidentemente, do exercício literário de um preconceito conhecido em relação a um país mais atrasado do que os seus vizinhos todos, mas um preconceito que funciona sempre mais como artífico literário do que como bandeira ideológica e a que não falta, aqui e ali, um aparte humorístico, como quando se discute, à mesa, a escolha entre vinho tinto ou branco: "What about some wine? Will you have the *branco* or the *tinto*? I can recommend the *tinto*. I think they make it from blackberries instead of grapes." (p. 128). Esta personagem, de nome Harry Bannion, um goês a viver em Portugal, tem, inclusive, um método confortável para lidar com o grande problema de Bowen, o "abroad-problem": "There was a lot to be said for Bannion's method of dealing with the abroad-problem. Flaunting national differences dissolved inhibition far more efficiently than trying to ignore them." (p. 128). Bowen não conseguirá aplicar a si próprio este modo de estar, porque a sua distanciação em relação à cultura portuguesa é mais profunda, como se por esse caminho a sua própria civilidade superior pudesse ser contaminada. A sua xenofobia, não sendo doentia, também não é erradicável e inabdicável. E nem mesmo num momento de efémero triunfo, quando Bowen beijou Emília, uma mulher fatal que lhe surgiu ocasionalmente quando visitava o Buckmaster, o estrangeiro *estranhado* consegue evoluir para uma simples sensação de euforia momentânea que resulta mais da experiência sensual do que da experiência civilizacional: "He kissed Emilia. Her lips were firm and straight and her mouth smelt slightly of wine and garlic. He felt he was enough of a citizen of the world now not to mind that." (p. 169).

A xenofobia em relação a Portugal como destino turístico não deve ser tomada como um caso isolado nem nos devemos ofender, como Portugueses, pelas opiniões pouco abonatórias sobre o nosso País ditadas por uma visão de fora, mesmo que o cenário seja o Portugal de Salazar e todas as críticas estejam devidamente datadas. Não se trata aqui de ler um romance sobre a xenofobia como quem toma para si a defesa da honra nacional. A xenofobia britânica é aqui um tema literário e provavelmente existiu em

dose mais grave em outros contemporâneos de Amis e não exclusivamente sobre Portugal. Por exemplo, é conhecida a opinião de Philip Larkin sobre a hipótese de viajar à China: fá-lo-ia se lhe garantissem que podia voltar no mesmo dia! Bowen é um símbolo literário da xenofobia em *I Like It Here*, mas sem constituir em si mesmo um exemplo de um sentimento nacional fora do comum. A sua repelência por tudo aquilo que é estrangeiro é apenas isso: se vê um grupo de pessoas a trabalhar no campo, enquanto viaja de carro para fora de Lisboa, não tenta compreender a sua especificidade social ou cultural, porque a única certeza que tem é a de que "parecem estrangeiros" ("they looked foreign, dowdy and on the whole rather amiable", p. 80). Ser estrangeiro, para Bowen, é ser apenas estranhö, mas uma estranheza de que ele nunca sofrerá, por isso mesmo inofensiva e não disruptiva ou cruelmente irónica, como no comentário atribuído a Larkin. Aliás, a rigor, o que mais se observa em *I Like It Here* é a situação de xenodoquia (ou o acolhimento ao estrangeiro) do que problemas graves de xenofobia (aversão radical a pessoas e coisas estrangeiras). Bowen está sempre preocupado com a forma como é acolhido (pela família Oates e por Buckmaster, em particular, e por todos os sítios públicos e privados onde tem de se alojar) mais do que em tentar deixar atrás de si uma declaração de guerra a Portugal. É assim, aliás, que conclui a sua história:

> Still, I shouldn't like you to get the idea I'm trying to knock Portugal and the Portuguese. It's a very nice-looking place all round and if you exclude the Government and the upper classes the people are as decent as you'd find any-where. It's just that the place is located abroad and the people are foreigners, which for the purposes of this discussion merely means that they and I belong to different nations, so we can't understand each other or get to know each other as well as chaps from the same nation can. I'm all for international co-operation and friend-ship and the rest of it, but let's be clear what we mean by it. (pp. 205-206)

Talvez que, no íntimo desta personagem-tipo, o que realmente se deseja como terapêutica para o problema do acolhimento no estrangeiro seja um certo tipo de honraria, conhecida desde o tempo da Grécia antiga como xenotimia. Desde sempre os Portugueses tenderam mais para a xenotimia ou bom acolhimento dos estrangeiros, a quem por vezes se prestam, com ou sem justiça, a honrarias diversas. Esta circunstância escapa por

completo a Amis, que apenas utiliza a focalização dirigida à xenofobia, e nem mesmo a única personagem de relevo que parece receber tais honrarias, o escritor mistério Wulfstan Strether, é caracterizado com a profundidade necessária para podermos chegar a tal equilíbrio.

Num romance posterior, *One Fat Englishman* (1963), Amis reconduzirá o preconceito em relação ao estrangeiro para a cultura e o território norte-americanos, em particular criando uma oposição binária entre o que é o *British English* (o lado positivo do círculo) e o que é *American English* (o lado negativo), como observa Gareth Jenkins:

> Arguably, none of these novels' heroes represent Amis, but rather the prejudices of a certain kind of Englishman — particularly, insecure Englishmen by virtue of their sexual weaknesses and (in the case of *One Fat Englishman*) physical unpleasantness. Amis might be said to have played up the philistinism, the better to criticise the limitations of the central characters' responses. In short, authorial comment which would guide the reader is deliberately missing, the better to get the reader him — or herself to react to the limitations of the central characters. The reader who takes the lack of authorial guidance for endorsement is therefore missing the point. The argument is not convincing, partly because there is so much gusto put into the philistinism that any disclaimer that it is not being endorsed is suspect (one is reminded of the comedian who insists that the racist or sexist jokes he tells do not amount to belief in racism or sexism). More importantly the argument is not convincing because the novels themselves are not structured in a way which 'place' or act as a counterweight to the central characters' reactions. The structure of Amis's novels, for all their 'realism', is seldom objective. It is the central character's subjectivity which colours and shapes the material despite the fact that the novels are told in the third person. The effect of this is to allow subjective reaction (ie philistine prejudice) to pass itself off, by and large, as objective comment (ie as analysis of how things really are).[9]

---

[9] Gareth Jenkins: "Why Lucky Jim Turned Right' — An Obituary Of Kingsley Amis", International Socialism, Quarterly Journal Of The Socialist Workers Party (Britain), issue 70, 1996. Disponível em: <http://pubs.socialistreviewindex.org.uk/isj70/amis.htm> (consultado em Maio de 2008).

O filisteísmo dos romances de Amis, em particular *Lucky Jim*, *I Like it Here* e *One Fat Englishmen*, é a negação da possibilidade de conhecer as coisas, em particular as coisas de que ainda não temos experiência, e de lhes atribuir um valor próprio. O filisteu Jim Dixon ou o filisteu Garnet Bowen não têm aquela curiosidade genuína em aprender ou em valorizar as coisas por si mesmas que é a base de todo o verdadeiro conhecimento, como defendeu o primeiro antifilisteísta filosófico Aristóteles. Bowen apenas deseja visitar Portugal por um interesse material: para ganhar dinheiro e prestígio suficiente, de forma a poder conquistar um lugar mais seguro na sua vida profissional. Portugal não é um destino para uma viagem iniciática, mas um pretexto como qualquer outro para poder progredir profissionalmente.

Matthew Arnold tentou sistematizar o conceito de preconceito filistino na análise que fez sobre a cultura britânica em *Culture and Anarchy* (1869): os "bárbaros" (a aristocracia britânica), os "filisteus" (classes média e trabalhadora) e os "plebeus" ("raw and half developed, has long lain half-hidden amidst its poverty and squalor, and is now issuing from its hiding-place to assert an Englishman's heaven-born privilege of doing as he likes").[10] Interessa-nos o estereótipo dos filisteus, que Arnold ressuscitou dos românticos alemães, sobre os quais dissertou longamente no artigo sobre "Heinrich Heine". O termo assume um significado severamente pejorativo, na continuação do preconceito histórico contra os Filisteus (do povo do rei David, de Judas Iscariotes, do povo que fundou Somoda e Gomorra, que escravizou os judeus no Egipto e mais tarde levou a Peste Negra para Inglaterra, do povo que emigrou em parte para a Roménia onde fundou a raça dos ciganos, do povo mais odiado no mundo), mas em Arnold segue-se em outra direcção para além da sua aplicação à cultura britânica do século XIX: o preconceito é também literário, pois diz respeito à crítica da validade do génio artístico e da poesia em particular. É precisamente com o poeta romântico alemão Heinrich Heine que a ideia da existência de um *preconceito filistino* se torna um lugar-comum na literatura.

No ensaio "What is a Philistine?", o filósofo nascido em Espanha mas educado nos Estados Unidos George Santayana descreveu o preconceito filistino não em relação ao conceito de estrangeiro com um sentido negativo mas com uma carga cultural

---

[10] Capítulo III, §9 (3ª edição (1889), disponível em < http://www.library.utoronto.ca/utel/nonfiction_u/arnoldm_ca/ca_all.html> consultado em Maio de 2008).

específica de certas minorias que não suportam a diferença geográfica ou social de outras minorias:

> If you live in Cambridge, dear Reader, or even in Boston, you may think the word Philistine is necessarily a term of reproach. It is, you may say, a synonym for the not-ourselves. Yet if this were so, and the word meant nothing but what is disliked by the speaker, the vast majority that lives elsewhere, in Seattle or in New York, would use it in turn to designate us, the eccentric minority. But it is notorious that they do not. They may call us dilettanti, Anglomaniacs, snobs, Unitarians, or "damn literary fellows"; they never call us Philistines. This term is not, then, like the word foreign, which means whatever is strange and unintelligible to us, whoever we are; it is rather like the word Irish or Mugwump, which signifies what is opposed or distasteful only to a certain tribe or fellowship of men. Such terms are essentially merely descriptive and geographical. (...) And so it might be with the word Philistine, were it not as yet too modern and metaphorical to be used by those to whom it applies, who, being of a somewhat conservative and plebian turn of mind, prefer to call themselves "smart" fellows and "bright" girls.[11]

Bowen desconfia de tudo o que classifica como *estrangeiro* na mesma proporção em que não suporta a diferença, isto é, tudo o que não seja idêntico ao seu padrão inglês de vida social e cultural. As suas fobias para com o estrangeiro confundem-se com formas de preconceito filistino: o contacto com os polícias, a dificuldade de comunicação com os empregados dos restaurantes, os pedintes e sem-abrigo, os recepcionistas dos hotéis, as pessoas estranhas que se encontram indesejavelmente nas ruas, os fiscais das alfândegas, os porteiros, os cidadãos a quem somos obrigados a perguntar direcções ou simplesmente o caminho para a casa-de-banho pública mais próxima. O estrangeiro Bowen sofre de preconceito filistino porque viaja com a pretensão de que todos estes aspectos civilizacionais têm que corresponder ao padrão britânico e porque constata que são sempre o oposto do que estava à espera de encontrar a conclusão aponta sempre para uma espécie de défice civilizacional que não abona em favor de

---

[11] *Publicado em* The Harvard Monthly, *May, 1892. Disponível em:* <http://www.pseudopodium.org/repress/shorts/Satanaya-Philistine.html> consultado em Maio de 2008.

Portugal. Até o facto de Lisboa estar apinhada de estrangeiros ("It was a pity that so many non- and non-native speakers of English lived there.", p. 59) o incomoda, como se o exotismo da sua viagem dependesse da condição de ser o único estrangeiro a usufruir do sol português, como se a presença de outros estrangeiros lhe pudesse roubar algum tipo de protagonismo ou superioridade civilizacional que de outra forma não poderia manifestar. Mas não resulta daqui mais do que uma manifestação moderada de individualismo filistino, porque vários são os momentos em que Portugal como destino exótico triunfa sobre o preconceito de quem o visita, afinal "Everything looked cheerful, expensive and brand-new, even vaguely important. Perhaps it was all to do with the Sun and how bright it was." (p. 61).

Os heróis de Amis são melancolicamente preconceituosos para com o estrangeiro: não agem, não contestam, não contra-argumentam, antes limitam-se a um silencioso afastamento do espaço que lhes é diferente. Por esta razão, *I Like It Here* dificilmente pode ilustrar qualquer tipo de propaganda literária contra Portugal. Não chega sequer a insinuar-se como tal. É um romance inofensivo, do ponto de vista do comentário ideológico sobre um país estrangeiro que se visita e que se torna termo de comparação com o país de origem. Na verdade, a comparação e os preconceitos que daí nascem nunca saem da esfera da literatura.

A SMALL DEATH IN LISBON E *THE COMPANY OF STRANGERS*: ONDE SE CONTA COMO FANTÁSTICOS MISTÉRIOS E CRUÉIS MATADORES (RE)ESCREVEM A EXTRAORDINÁRIA PAISAGEM LUSA*

Maria de Deus Duarte

CETAPS

À memória do jovem da Beralt Tin & Wolfram, Ltd.
no início de 40, que me ensina ainda a *lavrar* a esperança.

Thinking affectionately about home is all I'll go along with.
Edward Wadie Saïd.

Robert Alexander Wilson (1957-), escritor britânico que vive em Portugal há já vários anos, publicou em 1999 o romance policial *A Small Death in Lisbon*, cuja capa de 2007 esquece apropriadamente a figuração de dois militares nazis e a suástica (que a Berkley-Penguin/Putman apresenta na edição inicial) e exibe a

---

* *A Small Death in Lisbon*, London: HarperCollins, 2007, 57 (HarperCollins, 1999; HarperCollins Ppk., Maio 2000). O romance ganhou o prémio *Gold Dagger for Fiction* da *Crime Writers Association*, enquanto Melhor Romance Policial de 1999 (usaremos a abreviatura *ASDL* ao longo deste trabalho). Robert Wilson foi novamente nomeado para o prémio *Gold Dagger* em 2003 pela narrativa *The Blind Man of Seville* (HarperCollins, 2003; Fev. 2004) pertencente ao conjunto Javier Falcon Series, tal como *The Hidden Assassins* (2006) e *The Silent and the Damned* (HarperCollins, 2004; Set. 2004), que ganhou o prémio *Gumshoe* para o Melhor Romance Policial Europeu, em 2006, e *The Ignorance of Blood* (2009). Da série Bruce Medway Novels publicou: *A Darkening Stain* (HarperCollins, 1998; Fev. 1999); *Blood is Dirt* (HarperCollins, 1997; Fev. 1999); *Instruments of Darkness* (HarperCollins 1996; Out. 99) e *The Big Killing* (HarperCollins, 1996; 1997). *The Company Of Strangers* (abreviatura: *TCS*) faz o leitor rever a capital lusa (HarperCollins, 2001; Fev. 2002). O escritor é filho de um piloto de bombardeiro que serviu na RAF entre 1942 e 1945. Foi educado rigidamente e costumava brincar às guerras quando era criança. É licenciado em Língua

representação do emblemático eléctrico lisboeta. [1] Em 2001 a capital portuguesa reaparece num novo policial, *The Company of Strangers*.

Não vamos demorar-nos sobre a possível filiação no excesso macabro da literatura gótica ou a qualidade literária das longas narrativas (respectivamente 536 páginas, 45 capítulos; 574 páginas, 40 capítulos) dedicadas aos pais e à mulher (*ASDL*, v; *TCS*, vii), cujas complexas diegeses assumem a leitura de Elmore Leonard, James Ellroy, Raymond Chandler e, porventura, procuram seguir os caminhos de sucesso de John Le Carré e Phillip Kerr. No âmbito lato dos Estudos Anglo-Portugueses procuraremos antes enveredar nesta breve leitura pela análise da utilização de Portugal e da sua paisagem humana como personagens que conduzem intrigas romanescas pouco enxutas, cujo devir procuram controlar.

Robert Wilson decidiu ser escritor muito cedo, por volta dos treze anos, depois da confiança de ler aos colegas um poema seu na aula de Língua Inglesa. Pondo de lado os primeiros registos e contos, conseguiu um editor e realizou o seu sonho, desviando-se da poesia e da escrita de viagens. Prefere criar quando está em Portugal, onde as distracções não suplantam a disciplina diária de começar a escrever ainda de madrugada, até ao almoço. Do sossego do seu escritório branco, espaço vasto de luz que alcança o quotidiano do Mundo via Internet e o tempo parado de um vale

---

Inglesa pela Universidade de Oxford. Trabalhou em empresas de navegação, publicidade (Londres) e comércio (África). Viajou pela Ásia, permaneceu algum tempo na Grécia, viveu em Sintra e passa parte do seu tempo em Espanha e Inglaterra. Nunca estudou Português nem Literatura Portuguesa formalmente, mas as páginas de Aquilino Ribeiro fizeram parte da pesquisa que fez sobre as Beiras, depois das viagens e dos contactos locais com velhos mineiros. Escreveu com a mulher, Jane Wilson, o roteiro *A Short Trip In The Alentejo. What to do and Where to stay*. Mizette Nielsen, 1999; moram nas belíssimas cercanias de Redondo, cenário onde nos falou da sua escrita. Os dados biográficos veiculados na entrevista que Robert Wilson gentilmente nos concedeu em 11-10-2008 foram incorporados no texto, e as explicações sobre a produção dos dois romances nesta nota e nas seguintes: 1, 3 e 4. As obras em apreço encontram-se traduzidas por Lurdes Assis: *O Último Acto em Lisboa*. Lisboa: Gradiva, 2000; *A Companhia de Estranhos*. Lisboa: Gradiva, 2001.

[1] Comenta o romancista sobre esta questão: "'The front cover with the swastika and two military men appears on Berkley's mass market paperback. My US publisher is Harcourt Brace and they made use of a swastika on their hardback and trade paperback front covers. The explanation for this is that swastikas sell books in the American market. WW2 was the last time American action saved the world and there are readers in the USA who will buy anything on the subject. A swastika is shorthand for: this is a book about WW2. Harcourt sold the mass market paperback rights to Berkley, which is a division of Penguin/Putnam's. HarperCollins have never used a swastika on their front covers because it is considered a *cliché* in the British market'".

riscado a cinzel entre outeiros meio ralos, felizmente esquecido no regresso de autóctones e no frenesim imobiliário dos anos 90, Robert Wilson não recriou a calmaria do Alentejo que o acolhe e tão bem conhece, mas as serras da Malcata e Estrela e a capital.

De forma desusada na ficção contemporânea em língua inglesa sobre as gentes lusas, na qual a zona de Sintra, Lisboa e Cascais brevemente pontuam, as Beiras e o universo mineiro agigantam-se enquanto figuras e situações que atravessam a tessitura do minucioso cenário do primeiro dos dois romances, *A Small Death in Lisbon*, a que subjaz uma concertada e autodidáctica pesquisa histórica e múltiplas viagens pelo nosso país (o entrelaçar de enredos permite alargar o espaço à zona fronteiriça de Vilar Formoso, a Berlim e Basileia, ou ao sudoeste de França). [2] A objectificação de Lisboa alicerça-se no registo do palavrar comum (*ASDL*, 65; 183), e em referências tão díspares como o estranho edifício do CCB no eixo imperial Belém-Jerónimos ("the Bunker", *ASDL*, 79); o Cristo Rei (*ASDL*, 80); os becos de Alfama e as calçadas íngremes (*ASDL*, 168); a 2ª Circular (*ASDL*, 169) e o Colombo (*ASDL*, 177); a subida até ao castelo de São Jorge; os eléctricos; o calor extremo; o arraial de Santo António enevoado pelo fumo das sardinhas assadas (*ASDL*, 53); a gastronomia lisboeta baseada em pratos de peixe fresco e marisco (*ASDL*, 55-56) ou na bifana — tida como "an Anglo-Portuguese solution to lunch" (*ASDL*, 175) —; o bom vinho tinto que rega sem entraves as fartas refeições de festa; o cheiro intenso da bica saborosa (*ASDL*, 56) que revela a racialização e etnicização da imagem dos que noutro continente trataram a matéria-prima:

> *Senhor* Rodrigues belched politely into his hand, not used to proletarian drink. (...) We all went out to eat that night, even *Senhor* Rodrigues who might not have been used to the metal tables and chairs but appreciated the food. It was the meal my stomach had growled for six months. *Ameijoas à Bulhão Pato*, clams in white wine, garlic and fresh coriander, *robalo grelhado*, grilled sea bass caught off the cliffs at Cabo da Roca that morning, *borrego assado*, Alentejo lamb cooked until it's falling apart. Red wine from Borba. *Coffee* <u>*as strong as a mulatto's kiss*</u>. And to finish *aguardente amarela*, the yellow fiery one.

[2] Ao longo da narrativa evidenciam-se a informação recolhida e a colaboração local específica, que o autor nomeia e agradece (*ASDL*, vii).

> *Senhor* Rodrigues left for his house in Cascais at the *aguardente* stage (*ASDL*, 58. Sublinhado nosso).

A aproximação ao rigor do pormenor geográfico redime a utilização por Robert Wilson de pré-convenções de portugalidade e claras associações turísticas, e da presença repetida de personagens infelizes e muito estereotipadas, nomeadamente as femininas. Talvez não pudesse deixar de as apresentar desta forma redutora: a ficção que pretende reproduzir a cultura conservadora e patriarcal do Estado Novo (1933-74) tenderá a imitar, ou representar, uma sociedade na qual a mulher foi um canal da relação entre homens e não uma parceira; numa estrutura em que a moral foi uma máscara embelezadora, a mulher representou uma forma básica de prémio, boneca 'transacionada' entre homens sem alma pesada que a tomava ou repudiava. *A Small Death in Lisbon* pretende legitimar-se como narrativa que explora as ligações entre os lugares da História e a ficção, que não se aceita como frívola adivinha policial, mas esgrima instituir-se como lição com carácter de exemplaridade sobre a crueldade e a corrupção da moral, dos corpos e da psique nos tempos sombrios de um ditador pacato:

> 'History repeats itself,' he said and even António laughed — the communist who can smell the pork meat of a capitalist when they're roasting him as far away as the Alentejo.
>
> 'You're right', said António. 'History's only a weight to those that lived it. For the next generation it's no heavier than a few school books and forgotten with a glass of beer and the latest CD.' (*ASDL*, 244).

Explanemos então um enredo permeado de analepses e factos passados simultaneamente na Alemanha e em Portugal.

26 de Fevereiro de 1941. Klaus Felsen, um homem de negócios de trinta e quatro anos, de ascendência rural vagamente judia (*ASDL*, 6) e com "a reputation with women" (*ASDL*, 17) é repentinamente despojado da sua próspera fábrica numa Berlim em guerra, obrigado a pertencer às SS, e a emigrar, sob ameaça, para Lisboa, para salvar a vida (*ASDL*, 34-35) e escapar às prisões alemãs.

Em Portugal intensifica-se a corrida ao volfrâmio, indício claro das exigências do conflito mundial, que leva a um natural aumento da produção, à necessidade de recorrer a mais mão-de-

obra, que já não existia nas regiões de exploração, e ao crescimento das comunidades genuinamente mineiras. No interior, a pluriactividade dos agregados familiares e o emprego temporário ou sazonal na actividade extractiva, paradigma da degradação física e moral inerentes ao labor manual, tornaram-se mais atractivos com o contrabando; a proletarização é mais evidente e alarga-se às comunidades rurais. Contrabandeia-se o minério de que Portugal tem a maior das reservas na Europa (*ASDL*, 39-40). Felsen arranja um sócio português, Joaquim Abrantes, pois necessita enviar para a Alemanha 3000 toneladas por ano: é um bem essencial à estratégia nazi no combate à resistência russa, antiga fornecedora. Mas é também uma forma de sobrevivência e fuga à dura vida nos lameiros, pinhais e courelas de uma Beira pobre e esquecida pelo Governo de um ditador sem carisma. António de Oliveira Salazar (1889-1970) fecha os olhos aos meandros de um negócio sem guias, vital tanto às gentes da Borralha (dominada pelos franceses) como ao Couto Mineiro da Panasqueira e aos britânicos da Beralt Tin & Wolfram, Ltd.

Em Lisboa, funda-se o 'Banco de Oceano e Rocha' alimentado pelas negociatas de ouro feitas com os Nazis e geridas a partir da Suiça: "'The bankers of Basel. Who did you think we were going to see in Switzerland? You can't buy wolfram with chips'" (*ASDL*, 44). São as vantagens de se ser um país neutro: "'Dr Salazar was a professor of economics'"; "'Perhaps Dr Salazar likes ... physically ... to sit on his gold' said Lehrer, thinking some more, but he left it at that." (*ASDL*, 45). A advogar neste banco fundado pelo arrogante Felsen encontra-se o conceituado Dr. Dias Oliveira, com escritório no Chiado.

Sempre que o enquadramento histórico-social se desenha como possível, oferecem-se rápidas pinceladas da visão estrangeira sobre a realidade portuguesa durante a Guerra Mundial em que não participámos activamente: "'And the Portuguese Führer – Dr Salazar – how does he...?' 'He has a tightrope to walk. He is ideologically sound but there's a long history of cooperation with the British which they are keen to invoke. He will find himself torn but we will prevail.'" (*ASDL*, 40).

25 de Abril de 1974. O modelo moralista, tradicionalista e nacionalista do quotidiano português não se esfarrapa definitivamente com a revolução dos cravos, uma cisão de compromisso feita por muitos dos que vinham da direita, a qual não resolve erros e limitações do regime fascista. Num mar de malabarismos e contorcionismos financeiros o 'Banco de Oceano e Rocha' é intervencionado.

Anos 90. Morta em condições estranhas e atirada perto da Marginal, Catarina Sousa Oliveira aparece descomposta no areal de Paço de Arcos com restos de resina nos cabelos louros. No AB negativo há vestígios de Ecstasy. O momento da morte da jovem de grandes olhos azuis, talvez sexualmente promíscua, e cena que induz o leitor à tensão do enigma que se desenhará, funciona como o intrigante prólogo ao primeiro capítulo de *A Small Death in Lisbon*.

Política, dinheiro, decadência, sexo, corrupção e sangue: eis em suma os ingredientes primários desta telegráfica sinopse de um enredo pessimista em palco português. Inicialmente parecem não ter uma ligação consequente, fragmentaridade que encontra uma sequência acertada devido à longa investigação do paciente PJ José Afonso Coelho — crime, pistas, indícios, inquérito, pesquisa, dúvidas, interrogatórios, análise, acusação —, cuja evolução desprevenidamente acompanhamos esquecendo a omnisciência da voz narrativa, que tudo poderia encaminhar e resolver.

Começamos a seguir o complexo e, à primeira leitura, inconsistente enredo, através deste inspector de homicídios que o leitor apanha, nos anos 90, na caricata cena de cortar a barba de há vinte anos para que o dinheiro das apostas revista para um fim caritativo (*ASDL*, 55-56; 61-63), conforme anuncia o director do 'Banco de Oceano e Rocha', Miguel da Costa Rodrigues. Olivia (um nome que se explica pela recorrência ao universo familiar de Robert Wilson, mas que parece pouco real no contexto lisboeta),[3] a filha de Zé Coelho, costureira da mulher do banqueiro e amiga da filha de ambos, frequenta (estranhamente) a mesma escola na Linha, onde também vive: "An expensive international school in Carcavelos paid by her English grandparents who didn't want a granddaughter who couldn't speak their language." (*ASDL*, 56). Ao longo do inquérito, iniciado na Gomes Freire, acompanhamos o inspector à casa de Cascais de Aquilino Dias Oliveira (um advogado de 66 anos outrora influente, casado em segundas núpcias com uma mulher aparentemente dissoluta e 30 anos mais nova, a qual permanece em conflito aberto com a filha Catarina desde os 14 anos, depois de saber do envolvimento desta com o seu próprio amante, de 32) em cuja descrição se realça a presença inglesa (*ASDL*, 73) e se insiste no inusitado das formas

[3] Ao falar da construção desta personagem, esclarece o escritor: "'I gave Zé's daughter the name Olivia because her mother was English and she decided that, although this was an English name, it would be easy for her Portuguese relatives to pronounce it.'"

de tratamento cerimonioso num país rústico (*ASDL*, 55-56; 60; 143), no qual as classes afinal se não misturam na tasca 'A Bandeira Vermelha', do último dos comunistas assumidos (*ASDL*, 56).

Filho de um oficial do exército, licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (!) pela Universidade de Londres (*ASDL*, 63; 204), [4] Zé Coelho tem um curto passado naquela capital mas uma recordação intensa do que passou na Guiné (*ASDL*, 64); fariseu de feitio, é atormentado pela morte da mulher, inglesa, por uma relação distante com a filha Olivia, adolescente, e pela inexistência de uma família envolvente e funcional: "The fact was I'd only loved one woman and the people I'd call close were in single figures." (*ASDL*, 63). A expressão da diferença entre a cultura inglesa e a portuguesa é propiciada pelo retrato deste polícia-intermediário pouco comum, que revela ao seu jovem parceiro na investigação da morte de Catarina, o agente Pinto, a ética da voz autoral, ao discorrer sobre alguns segredos da intimidade e quotidiano:

> 'The only differences we had were on how to bring up Olivia, our daughter. We had fights about that. She had fights about that with my parents. It was a cultural thing. You know how it is in Portugal.'
>
> 'We're pampered every inch of the way.'
>
> 'And adored. Maybe we have a romantic vision of childhood, that it should be a golden time with no responsibility, no pressure.' I said, remembering all the old arguments. 'We cosset our kids, we let them know they're a gift to us, we encourage them to think they're special. And for the most part, they come out confident, happy people. The English don't think like that. They're more pragmatic and they don't indulge ... well, my wife didn't anyway.' (*ASDL*, 175)

É a actuação arqueológica e, por vezes, a voz paternalista de Zé Coelho, a estratégia que permite vislumbrar a mudança de atitudes e comportamentos enraizados no Estado Novo, e a sensação de alheamento e vazio que contamina o cerne da vida burguesa, em estertor e sem norte nos anos 90, dos Oliveira. A ocultação da paternidade biológica e a consanguinidade explicam

---

[4] Explicando a congruência da sua criação, revela o autor: "'Zé Coelho studied Modern Languages in London: it was the easiest course for him to get on, given that he spoke Portuguese and Spanish. His English was by no means perfect in those days.'"

o motivo que os envolve em situações eticamente reprováveis, como a sodomização de uma filha pelo pai, dele se mostrando um lado sombrio, consubstanciando o assassínio a derradeira e involuntária capacidade de Catarina agredir a mediocridade do seu mundo, ao propiciar o desvendar dos muitos segredos da família: "I was feeling sick at how a family like the Oliveiras could go so wrong. The family. The strongest unit of Portuguese currency. Our gold. Our greatest asset. The pure element that keeps our streets mostly clean. Nobody in Europe understands the value of family better then us and it's not just leftover Salazarist propaganda." (*ASDL*, 169). O agente Pinto permite vislumbrar os becos sem saída da geração que já não provem da anterior sociedade opressiva e repressiva e a crítica a um espaço nacional que se tornou falsamente global e cosmopolita: "And now we don't have to struggle on our own any more. We don't have to sweat at night thinking where the next escudo is coming from. Brussels tells us what to do. We're on the payroll." (*ASDL*, 84-85). Pelo recorte que lhe é dada, a sensibilidade de Zé Coelho permite transmitir a visão resultante da distanciação entre os acontecimentos históricos propriamente ditos, a sua descrição oficial, e a interpretação de um elemento social particular que sente e se vê, de certa forma, como *outsider*: tal como a narrativização orquestrada pelo autor — "I'll never be... I'll never become a Portuguese" —, por razões de uma outra nacionalidade e identidade, nem ostentativas nem alardeadas em *A Small Death in Lisbon*.

Ao longo da pesquisa de Zé Coelho, as duas histórias — a da trama politico-económica dos anos 40 e o drama de uma morte prematura nos anos 90 — que o editor insiste cautelosamente em reiterar como totalmente ficcionais, [5] constroem-se e afirmam-se em ziguezague, de forma demarcada, até atingirem um ponto de conclusão e equivalência cronológica, que coincide com o fim da investigação e o final abrupto da narrativa.

"I've got to have a feeling for the place, so I can put a character in it; and the plot comes after that; it comes from the setting, from the characters in the place", afirma-nos Robert Wilson. Ao desvendar-se Portugal em *A Small Death in Lisbon*, a voz narrativa

[5] "This novel is entirely a work of fiction. The names, characters and incidents portrayed in it are the work of the author's imagination. Any resemblance to actual persons, living or dead, events and localities is entirely coincidental" (*ASDL*, iv); "Although this novel is based in historical facts the story itself is complete fiction. All the characters are entirely fictitious and no resemblance is intended to any event or to any real person, either living or dead" (*ASDL*, vi).

não cai na lusotopia mas insiste na presença do passado através da objectificação da sua cultura. A narrativa balança entre o rigor dos pormenores que sustentam a verosimilhança dos discursos dos suspeitos e arguidos nos anos 90 (veja-se a anacrónica linha do Metro da capital: *ASDL*, 82) e a descrição da presença paradoxal na sonolenta e burocrática Baixa de 40 de espiões, informadores e fugitivos, no seio dos quais fervilham grandes influências e negócios: "'He's one of these Anglo-Portuguese from up there around Porto. The Allies use them a lot for buying things, you know, they understand the people.'" (*ASDL*, 119).

A utilização do espaço lisboeta permite a apresentação de um rápido mosaico de posturas políticas opostas durante a Segunda Grande Guerra — "'Laura von Lennep, 'she said. 'And this is Edward Burton.' 'Felsen', he said. 'Klaus Felsen'. He put out his hand. The Englishman didnt' shake it" (*ASDL*; 109) —, o ponderar sobre o papel de uma capital sem racionamentos perto de um Tejo lavrado pelo *Nyassa*, o *Serpa Pinto* e o *Guiné* que prometem a utopia de vidas novas, ou a discussão da visão negativa do nosso alheamento da contenda, pela voz de um belga — "Lisbon's a whore, a peasant Arab whore, who wears a tiara at night." (*ASDL*, 112). Por outro lado, por vezes o narrador desvia-se por meandros na procura do rigor descritivo, como é o caso das semelhanças primárias entre Lisboa e São Francisco, desde os arcos da ponte às casas escaladas em direcção ao rio num panorama que (lhe) lembra Sausalito ou Alcatraz:

> I walked down the harbour wall to the sea. It was barely 7.15 a.m. and the sun already had some needle in it. To my left, looking east, was the mouth of the Tagus and the massive pillars of the 25th April suspension bridge which floated footless in a heavy mist. With the sun higher the sea wasn't so much blue any more as a panel-beaten silver sheet. Small fishing boats, moored off the beach, rocket on the dazzling surface in the morning breeze. A passenger jet came in low above the river and banked over the cement works and beaches of Caparica south of the Tagus to make its approach into the airport north of the city — tourists arriving for golf and days in the sun. Further west and out to sea, a tugboat pulled a dredger alongside the Búgio [sic] lighthouse, Lisbon's scaled-down antique Alcatraz. At the end of the wall a fisherman reached back with his rod, took two steps and sent his hook out into the ocean with a violent whip of his shoulders and flick of his wrists. (*ASDL*, 68)

Porém, tais (dis)similitudes dão lugar, num longo cardápio mais geral, a aspectos imediatamente reconhecíveis do paradigma português, que reabilita até a recordação das aparições em Fátima de 1917 (*ASDL*; 138), as provincianas estações de comboio cobertas de azulejo (*ASDL*, 98, 99), o sol abrasador da capital, o calmo Tejo que o céu azul prolonga (*ASDL*, 53). E, com ironia, a voz narrativa vale-se de todas as oportunidades para registar padrões lusos que distingam as (re)construções de uma instância autoral que, não estando já à deriva, procura ainda perceber um meio culturalmente diverso do seu no próprio acto de (d)escrever esse atravessamento. Consequentemente desfilam, a propósito da paisagem humana lusa que suporta a intriga de *A Small Death in Lisbon*, as difíceis condições de vida e a miséria dos estratos rurais e populares, perspectivadas como naturais, permanentes, indispensáveis à reprodução do 'corpo social' e à viabilidade de inúmeras actividades económicas:

> 'The British give them tea and cakes and kiss their children. Do we have time for that, chasing three hundred tons a month?'
>
> 'They are only loyal to one thing in the Beira', said another agent grimly.
>
> 'That's not true', said the first agent. 'There are concession-owners who will *only* sell to the British, some of them have British blood. They will never come over to us.'
>
> 'You're both right', said Felsen. 'First — I've seen the people here, the ordinary men. They are living like we did in the Middle Ages. They have nothing. They walk twenty miles with fifty kilos of charcoal on their back to sell in town. They make enough money to fill their stomachs so they can make it back to their villages. These are very poor people. They can't read or write. They have a hard life ahead of them. And it is these people who will scour the Beira for us and bring in every rock of wolfram they can find. In time, people will see how easy the money is up here and more will come up from the south. The Alentejo is full of the same victims of poverty, and they'll for us too.' (*ASDL*, 124-125)

E a narrativa usa o que a História já explicou, sobretudo nas últimas décadas do século XX, no afã de mostrar a desvalorização ou a proibição das associações de classe livres e a tutela exercida sobre os Sindicatos Nacionais, o papel limitado ou a ilegalização

dos partidos políticos de esquerda e o reforço dos mecanismos repressivos, quer públicos quer privados; as formas de agir e competências específicas da PVDE, GNR, PSP ou PJ; a gritante existência de assimetrias sociais e o jogo silencioso do poder e das influências, aceites de forma tácita ("the staff however, were more difficult to impress than a judge"; *ASDL*, 81); "'Her name is Madame Branescu (...) 'You saw all those people who wanted to get on the *Nyassa* this evening?' 'She took a percentage off every one of them.'" (*ASDL*, 113-114).

Em *A Small Death in Lisbon* as cenas procuram materializar identificações e diferenciações sociais de duas épocas diferentes através da percepção de valores epocais, das descrições de ambientes, modos de estar, modas ou penteados, longe de comentários filistinos ou preliminares parágrafos politizados da história pessoal do autor. Essa procura é maior ao descrever-se o modo como a pobreza, o atraso económico e o bloqueio social rodeiam os volframistas e as minas, a precariedade dos vínculos laborais, os riscos e doenças potenciais, o escamotear da ocorrência de acidentes, a fuga ao assumir das obrigações, e a morte gratuita, sarranho que faz vomitar o engenheiro britânico Burton (*ASDL*; 143-4) e episódio que esventra de vez a segurança da *Englishness* no sargentear dos que realmente dominam o Couto: a permanência, afinal, do vital confronto entre David e Golias. [6]

A procura de rigor impede a voz narrativa não só de veicular estranheza mas, também, a mitificação das intocadas serranias beirãs, ao perseguir-se a representação da realidade singela das talhadas e comas altas das matas, ou os rituais do bagaço, sarrabulho, queijo salgado e chouriço adocicado (*ASDL*, 145; 130-133;) como ritos de uma elementaridade civilizacional alimentada pela distante governação de Lisboa. Esses ritos descem das póvoas desabrigadas e dos outeiros pobres através do brutal Joaquim Abrantes pela mão cruel dos negociantes nazis, para se perderem na corrupção de uma Lisboa provinciana, cujo fado soletra antífonas de esquecimento e aceitação. Joaquim Abrantes não é contudo o exemplo típico do volframista mais despojado que vive num sofrimento que a ficção não sassanha, e a refeição e vinho com que acolhe o soberbo Klaus Felden na escuridão sem lúnula da crista da serra demonstram-no claramente (*ASDL*, 130). Grande parte da mão-de-obra das minas era indiferenciada e

[6] Cf., a propósito, a análise de Sypniewski, D. O. *Impressions of England*. London, 1943, *apud* Jeremy Paxman, *The English. A Portrait of a People*, Chap. 4; 82.

pluriactiva, [7] incapaz da disciplina de uma revolta concertada, sujeita a difíceis condições de trabalho e existência, enosilhada numa agropecuária obsoleta: se não possuía leiras, era dependente dos baldios ou das boas graças de grandes e médios senhores rurais para a obtenção de algum pasto para caprinos, muares e ovinos, ou até de lenha. A esses operários mineiros era dada nas minas beirãs a árdua tarefa da *lavra* subterrânea, mal sustentada por uma alimentação insuficiente, [8] gente que é vista de forma sobranceira pelo enviado das SS, o diabolizado Klaus Felsen:

> He'd mentioned the Middle Ages in the conference but this was more like the Iron Age or earlier. He wouldn't have been surprised to see people hoering with bone. He hadn't seen a mule or a donkey yet. All the carrying was done on the shoulders by men, and on the head by women. (*ASDL*, 128)

Joaquim Abrantes, igualmente satanizado, exerce uma tripla função arquitectónica em *A Small Death in Lisbon*. Em primeiro lugar, a de trampolim para a referência ao fascínio pela urbe nos anos 40 por parte dos migrantes que, de súbito, se viram endinheirados pela oferta que brotava nas serranias em paz e, de forma miraculosa, alimentava bocas ávidas e endurecia as ligas metálicas de armas e tanques de uma guerra portentosa que lhes

---

[7] A exploração, feita em pequenos filões à superfície e com baixa produção, iniciou-se por volta de 1895 e era menosprezada. Entre 1911 e 1928 deu-se a viragem em termos de produção; em 1911 a Wolfram Mining & Smelting Company Limited implementou novos métodos de exploração alicerçados em grande quantidade de trabalhadores, e em 1912 tinha já ao serviço 201 operários que extraíram 280 toneladas de volfrâmio. Neste período, que engloba a Primeira Guerra Mundial (1914-18), trabalhavam aí cerca de 800 homens, responsáveis pela extracção de aproximadamente 360 toneladas por ano. Após 1920 a actividade extractiva quase paralisou, até finais da década. Por volta de 1928 a actividade mineira renasce na zona centro e em 1934 é clara a corrida ao volfrâmio. A Beralt Tin & Wolfram Limited, que explorou as minas de 1928 até 1973, passou a designar-se nessa altura por Beralt Tin & Wolfram Portugal, S.A. com a incorporação de capitais nacionais.

[8] Excepto em raros momentos religiosos e festivos, o consumo de vinho, bacalhau, porco, cabrito, aves ou ovos era raro no lar desses homens desamparados, do 'apanhista' ou 'pilha', e dependia da lavoura e das posses de cada casa. A realidade era bem diferente da construída em torno de Joaquim Abrantes: pela manhã, o almoço escasso era broa de sardinha ou pão de mistura, queijo e azeitonas; ao princípio da tarde, ao pão juntava-se um grosso caldo de hortaliça migada, arroz, grão ou feijão temperado com azeite ou banha, ou papas de milho; à ceia, a míngua do que havia sobrado: o caldo ralo da sertã, os restos da masseira. Uma precária subsistência no dia-a-dia levava-os a consumir os vegetais destinados 'ao vivo', isto é, aos animais que muitas vezes partilhavam o sobrado da loja que lhes servia de tecto e chão.

era distante e estranha. Em segundo lugar, a de alicerce estratégico à apresentação da vida mineira, o subsector luso do tungsténio, nomeadamente a exploração dos filões quartzosos sub-horizontais com mineralização em volframite, cassiterite e calcopirite das Minas da Panasqueira, cuja história remonta aos finais do século XIX, couto que durante a Segunda Guerra Mundial atingiu o seu auge, chegando a empregar onze mil pessoas. Em terceiro lugar, se Joaquim Abrantes é contrabandista de fronteiras morais, é igualmente vítima desconhecedora da traição de Klaus Felsen com a jovem criada-companheira que mantém numa casa-serralho longe do pardieiro de sarrafo e lousa onde vivem a mulher e os filhos (de que resultará uma criança, Manuel Abrantes), e assim ele é, pela sua conduta, o estenderete indirectamente responsável, nos anos 90, pela morte de Catarina Oliveira — neta de Felsen e filha de Manuel —, o caso de polícia que irá desenterrar as vivências durante a Segunda Grande Guerra e que o leitor investiga seguindo as interrogações do inspector Zé Coelho.

No romance de espionagem *The Company of Strangers* (2001), Robert Wilson olha cada vez mais para a História do seu próprio país a partir do nosso, respiga versos de poetas que o seu passado estudantil acarinhou (Matthew Arnold, T. S. Coleridge; *TCS*, xi; 518) e desvia-se da obsessão de *tudo ver* nesse atravessamento de factos, lugares e personagens portuguesas embrionárias, para registar antes o percurso de uma inglesa singular que galvaniza a diegese. Esta constrói-se a partir da sua força e adaptação aos tempos, dando assim protagonismo às personagens femininas, asténicas em *A Small Death in Lisbon* (1999). Tendo em conta os seus leitores fiéis, de novo se percebe o esforço em escrever "something that is a little closer to home", afastado dos primeiros livros sobre África, como Robert Wilson nos confirma.

Com dimensão e estrutura semelhantes a *A Small Death in Lisbon*, mais humanizado mas muito menos conseguido do ponto de vista estrutural, *The Company of Strangers* reutiliza os temas da política, decadência, infelicidade sentimental, corrupção e crime político violento e, quanto à interpretação que aqui mais importa, emprega confessadamente como sustentáculo, embora de forma remanescente e mais modesta, a investigação feita pelo escritor acerca dos idos 1940 a 1990 e sobre os espaços portugueses que alicerçam a primeira narrativa: "Salazar, he's the chap in charge, he made so much Money out of us...and Jerry — you know, what with the wolfram, sardines and the like — he's building a new city, new motorways, a stadium, all this residential stuff." (*TCS*, 81). Contudo, a menção, de relance, aos 'três Efes' é

inconsequente no desenrolar da diegese: "the three F's. Football, *Fado* and Fátima. The Great man's solutions to the evils of modern society." (*TCS*, 102).

A par do desenvolvimento de uma complexa intriga amorosa que explode no Estoril e, muitas décadas depois, terá o seu apaziguamento em Estremoz, a construção primária de *The Company of Strangers*, contrariada pela intensidade melodramática de alguns diálogos, reparte-se pela Grã-Bretanha e a Alemanha, nomeadamente Berlim Leste (que Robert Wilson só conheceu bem depois de escrever a obra, como nos confessa). São as pátrias desavindas das duas personagens principais: a lógica, racional e clínica Andreia Aspinall (assumindo a necessária identidade da britânica Anne Ashworth) e o frio e astuto Karl Voss. Salta-se a Invasão da Normandia e a vitória do Exército Vermelho em Berlim. Andreia e Karl, membros de delegações diplomáticas em Lisboa e agentes secretos desde meados de 1944, vêm o enamoramento sofrer a intromissão abrupta da política dos tempos que prenunciam a dureza da Guerra Fria e da Cortina de Ferro.

O espaço português mais amplo, mola impulsionadora de toda a sequência e coesão diegéticas de *A Small Death in Lisbon*, perde totalmente esse estatuto na obra de 2001. A decrépita Mouraria para onde migraram tantos ex-volframistas remediados e os honestos, trabalhadores, humildes e corajosos 'Almeidas' das Beiras, é referida, comparativamente, de raspão: "'I tell you, it's like a *medina* in there, not too sanitary — and I should know, I was in Casablanca until last year.'" (*TCS*, 81); 'the scenic route' em Portugal é restringida de relance a Estremoz e, mais confiadamente, a Lisboa e à Linha de Cascais, zonas que, antes de se fixar no Alentejo, Robert Wilson visitou ao chegar a Portugal há cerca de vinte anos e bem conhece, pois recorda amigos em Paço de Arcos, tendo vivido algum tempo entre Sintra e Colares. A mata de Monsanto, palco do episódio fatal a Catarina Oliveira, é novamente o local proscrito onde aparecem assassinados Patrick Wilshere, Mafalda e Beecham Lazard (*TDS*, 297). É este o massacre que, apesar do nosso acolhimento servil aos estrangeiros, levará Karl Voss à sede da Rua António Maria Cardoso; o emblemático eléctrico lisboeta perde pois agradabilidade para se transformar na lentidão de martírio a que obriga a dissimulação do alemão Voss a partir da íngreme Calçada, hoje Ribeiro dos Santos, "as if electricity in the overhead cables was suddenly draining away into the Tagus." (*TCS*, 323).

O aproveitamento enovelado da História de Portugal no final do Estado Novo e, particularmente, da confraternização verídica

e complacente entre pessoal diplomático, espiões, escritores e intelectuais no espaço elegante e burguês das mansões, hotéis e pensões que, na década de 40, se espraiavam a partir do coração que o Casino do Estoril constituía, é visível na sustentação dos anos que Anne Ashworth passará em Portugal e na construção arriscada e inverosímil do seu contributo junto da oposição e, em particular, no PCP. Certamente desperto para a crítica à ligeireza deste uso, algo apressado e telegráfico, Robert Wilson embrenha-se na premência da verosimilhança do espaço nacional que emoldura parte da acção, estratégia que redirecciona o leitor para os pormenores da Estrela, Lapa, Cabo da Roca, Monserrate, uma quinta no Pé da Serra, ou o novo aeroporto onde se destacam exóticas palmeiras: "The trunks of palm trees snaked up to their frayed heads. The flat ground at their feet shone mirror bright. Nobody was moving out there, not even a bird, in the torrid afternoon." (*TCS*, 79).

Os espaços ligam-se novamente à gastronomia. A comida portuguesa, que reaparece em *The Company of Strangers* já longe da obsessão nacional entrevista em *A Small Death in Lisbon*, e cujo consumo exagerado virá a ser criticado (*TCS*, 563), é fonte de alento da agente britânica Anne Ashworth; é no queijo, presunto, azeitonas, pão fresco e tenro cabrito com batatinhas no forno que, em Carcavelos, retempera a confiança na sua missão e identidade depois de saber do desaparecimento de Karl Voss:

> 'Glad to see you've pulled through, Anne', he said. 'Terrible shock, I imagine ... but good show.'
>
> In bed she thought that this was what it was like to be English. This is how we handle things. We're natural spies. We never wear anything on the outside. Napoleon was wrong, we were not *une nation de boutiquiers* but a nation of secretkeepers. We all know you can't say a word with a stiff upper lip. (*TCS*, 334).

Às necessidades subjacentes à verosimilhança da suspeição, subterfúgio e disfarce em missões sobre os avanços da Física Quântica, o "49" ($_{94}$Pu), a descoberta do 'Ekarhenium', o envolvimento de Fritz Reiche, Heisenberg e Niels Bohr (*TCS*, 290), a espinonagem dos Aliados, ou sobre o contrabando de diamantes (chegados ao porto de Lisboa vindos da Serra Leoa e Angola e putativamente daqui enviados para Berlim por mala diplomática), junta-se o pré-conceito relativamente ao estatuto social das figuras principais, e daí que em *The Company of Strangers* sobressaia a

beleza do Estoril da abastança, dos bailes, e do aparato da família rica de Mafalda do Carmo Wilshere "íntima de mandarins e banqueiros", [9] embora retrato pardo de outra(s) Mónica(s) (*TCS*, 96-99; 106-67).

Karl Voss tentara conspirar no sentido de impedir o avanço de Hitler e estava implicado na tentativa de assassínio orquestrada por Claus Philip Marie Schenk, conde de Stauffenberg, de 15 de Julho de 1944, visando a eliminação do Führer e dos seus sucessores potenciais — Hermann Göring e Heinrich Himmler —, levada novamente a cabo sem sucesso a 20 no quartel-general de Hitler na Prússia Oriental, 'Wolfsschanze'. Ao descobrir-se a traição, Voss é capturado, sumariamente acusado de provocador e traidor, e declarado morto na prisão de Plötzensee. Anne Ashworth, já grávida de Karl, casa com o oficial português Luís da Cunha Almeida, evita a casa de família de Estremoz e fica no Estoril; ao amor imprudente e silencioso sobrepõe-se um amor de trazer por casa. Apoia as acções do PCP na clandestinidade.

A 4 de Maio de 1951 o corpo de um seu mentor (o vidreiro da Marinha Grande Manuel Domingues) é descoberto em Belas e Anne não tem dúvidas de que a morte mal explicada na notícia publicitada pelo *A Voz* significa assassínio político. Em 19 de Maio de 1954 (e não em 1953!) a morte em Baleizão de Catarina Eufémia às mãos do GNR Carrajola, no começo das ceifas, inflama *O Camponês*. O imaginativo *pot-pourri* wilsoniano arrisca mesmo colocar Anne na preparação da fuga de Álvaro Cunhal em 3 de Janeiro de 1960 da prisão política de alta segurança de Peniche, provavelmente aproveitando o facto de o comunista se ter escondido em São João do Estoril depois da evasão. Anos depois, sem que a missão de tornar a História uma experiência pessoal leve ao registo de mais laivos esquerdistas tão simplistas, a diegese espraia-se no desaparecimento da mãe (que Anne revisita quase no momento da morte e que já não via desde a Páscoa de 1947), do marido, e em 1968 do filho Julião (!) no Ultramar, ambos militares e presas fáceis da guerra na Guiné comandada por mentes assassinas que pouco sabem de África. Tais factos justificam a solidão de Anne e fazem-na regressar a Londres, reingressando nos serviços da British Intelligence.

A ocultação da paternidade biológica é um motivo de *A Small Death in Lisbon* também repescado em *The Company of Strangers*. Anne descobre que a mãe, Audrey Aspinall, na impossibilidade de revelar o indiano Joaquim como pai biológico da criança que

---

[9] Andresen, Sophia de Mello Breyner. "Retrato de Mónica". 118.

esperava, Anne, finge ter sido violada por um chefe da resistência hindu e é obrigada por questões de honra a sair de Goa e a regressar à Grã-Bretanha. Audrey irá trabalhar para os SIS britânicos, transformando-se em agente duplo e espia a favor da U.R.S.S., duplicidade que Andreia/Anne acabará igualmente por cumprir muitos anos mais tarde. Velha, percebe que já não tem uma filha, mas uma herdeira estranha. Dotada de uma confortável riqueza, e mais apaziguada com o passado, quando tudo levava a crer que se aproximava o fim da Guerra Fria mas não ainda o colapso do Muro, Anne é destacada para Berlim Leste, a fim de descobrir a identidade do "Snow Leopard" e contactar um misterioso agente duplo. Depois de uma noite de desconfiança, confronto psicológico e brutal interrogatório, Anne percebe que este, apesar de transfigurado pelos russos, é afinal Karl Voss.

Em 1989, os dois agentes reencontram-se na Grã-Bretanha, no recôndito lar rural onde a viúva Anne procura retiro e esquecimento do serviço como espia e das memórias do 'Manhattan Project'. É aí que, mais de quarenta e sete anos depois da sua queda como agente secreto, Karl escreve febrilmente *The Gospel of Lies* usando os múltiplos documentos e ficheiros que desviara de 1977 a 1982 para revelar ao Mundo toda a verdade acerca das missões ultra-secretas relativas à tecnologia dos foguetões e à pesquisa atómica e sobre a sua dupla actividade em Lisboa quando, como 'Childe Harold', dava informações aos britânicos em desfavor da Alemanha (irónico eco ao 'glorioso paraíso' da nação portuguesa onde caíra, a qual aos primeiros "beija[va] a mão, que se armou sempre de espada para a livrar da raiva e domínio"). [10] A peregrinação de Karl tem o seu epílogo não na paradisíaca Sintra mas, depois de visitar Estremoz, em Oxfordshire, ao lado de Anne, ambos assassinados por Morgan Trent, o estranho elemento de uma geração que acredita que a verdade deve ser abafada e distante. O passado em Portugal desaparece com uma simples pressão na tecla *delete*.

Uma guerra sanguinolenta comandada por mentes assassinas usando a mais letal das armas então conhecidas: o plutónio. Um país assassino para os seus mais desencantados e pobres,

---

[10] "What beauties doth Lisboa first unfold!/Her image floating on the noble tide,/Which poets vainly pave with sands of gold,/But now whereon a thousand keels did ride/Of mighty strength, since Albion was allied,/And to the Lusians did her aid afford:/A nation swoln with ignorance and pride,/Who lick yet loathe the hand that waves the sword/To save them from the wrath of Gaul's unsparing lord". Lord Byron. *Childe Harold's Pilgrimage. A Romaunt.* [1812-1818]. "Canto the First", xvi, 216-224.

companhia estranha e fatal para estrangeiros que buscam num paraíso tórrido e exótico uma espécie de porto de abrigo. Um ditador pacato "[in] a sad place [which] suits those in melancholic disposition" (*TCS*, 83), numa cadeira longe do Mundo e apartado do chão bravio que o viu nascer, um solo rural que atira para longe milhão e meio de emigrantes entre 60 e 74. Um Ultramar combatido por uma estrangeira cujo país de adopção lhe roubou o filho numa Guiné que não abraçou como pátria. Eis o que, a par dos refegos das fragas e quebradas beirãs e da lindeza do panorama sobre o velho casario que a vista alcança por cima da Mouraria, impulsiona o escrutínio e o nascimento de personagens maiores em *The Company of Strangers* e *A Small Death in Lisbon*, pela mão de um não lusitanista, escritor de policiais, que em adolescente tinha o fascínio pelas palavras e em Oxford queria ser poeta. E nessas paisagens humanas portuguesas, onde escorreu tanto sofrimento apesar do alheamento da Guerra, as imaginárias Catarina Sousa Oliveira e Anne Ashworth perdem qualquer grandeza e heroicidade e são, realmente, apenas mais duas mortas.

BIBLIOGRAFIA

I) Primária

WILSON, Robert. 2007 [1999]. *A Small Death in Lisbon*. London: HarperCollins.

_____, 2002 [2001]. *The Company of Strangers*. London: HarperCollins.

II) Secundária Selectiva Utilizada

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. s. d. "Retrato de Mónica". *Contos Exemplares*. Prefácio António Ferreira Gomes. Lisboa: Portugália Editora. 4ª edição, 113-120.

GORDON, George, *Lord* Byron. 2000. [1812-1818]. "*Childe Harold's Pilgrimage. A Romaunt.* Cantos I, III, IV". *The Norton Anthology of English Literature*. New York/London: W.W. Norton & Company, 7th Editon, 563-590.

PAXMAN, Jeremy. 1999. *The English. A Portrait of a People*. London: Penguin Books.

SAÏD, Edward Wadie. 1994. *Culture and Imperialism*. London: Vintage.

MADELEINE McCANN: THE CATHARTIC DISCOURSE AND THE ROLE THE PORTUGUESE PLAYED THEREIN[1]

Rosistsa Boshniashka
Instituto Politécnico de Lisboa
Vânia Ferreira
Instituto Politécnico de Lisboa

I.Introduction

Historical Background

The four-year-old Madeleine McCann disappeared on the evening of May 3rd 2007 in the Portuguese resort of Praia da Luz, while on holiday with her parents and her two siblings. The parents, Kate and Gerry McCann, said that they had left their children unsupervised, while they ate at a restaurant a hundred meters away, but that they were also making regular half-hour trips to check on them. The initial investigation by the Portuguese police concluded that she had been abducted, but subsequently another hypothesis has been suggested, stating that she might have died in her room.

---

[1] This article is the outcome of research done in *Journalistic Discourse Analysis* (a subject of the bachelor-degree course in Journalism, 7th Semester, 2007-2008 at Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa - Lisbon Higher School for Media and Communication Studies/Lisbon Polytechnic Institute. Bearing in mind the interdiscursivity of the journalistic text, Rositsa Boshniashka (an Erasmus student from St.KlimentOhridski/SofiaUniversity) and Vânia Ferreira conducted their research on the coverage of Madeleine McCann's disappearance made by the British press, under the guidance and supervision of Isabel Simões-Ferreira, responsible for the syllabus of the subject above mentioned.

Despite not being a novelty (children have disappeared in foreign countries numerous times before), the case has gained such intense and widespread representation in the media that it became known as the "Maddy case". It has generated international media attention provoked mostly by criticism of the Portuguese-led police investigation, the subtle publicity campaign taken up by her parents, and the subsequent naming of Kate and Gerry McCann as suspects allegedly involved in the abduction or presumed death of their own daughter.

Objective and Methodology

The objective of the following analysis is to show the specific narrative pattern followed by the British media (purposely or not) to portray the story, in which Portugal and the Portuguese police also play a salient role. The reading of two British online editions, the *Guardian Unlimited* and the *Daily Mirror*, has demonstrated the active use of techniques and compositions typical not of news stories but of the world of drama and theatre art. Read against this literary backdrop, the "Maddy case" clearly shows that the media often exploit stories with big emotional impact not to fulfill the fundamental journalistic function to inform, but rather as a means to foster entertainment. Utilizing the well-known structure and elements of the ancient Greek tragedy, described by Aristotle in *Poetics*, the discourse of the *Guardian Unlimited* and the *Daily Mirror* is strongly reminiscent of the common antique notion of "catharsis". This means that the feeling of horror and grief produced by the theatre play deeply involve the spectators in the action, and by making them fear and experience those emotions, it ultimately purifies them. The analysis of the two newspapers has showed that the British media borrow this millennium-old practice and reproduce it today, thus turning their readers into spectators. Nonetheless, the new relationship forged between the media and their audience is not initiated unilaterally. What we have is not the usual one-way communicator-recipient relation, but rather a multilateral response system provided by the opportunities of Internet blogging and other forms of online communication.

The analysis of the two newspapers covers a total of two weeks, the first one (May 5-11), encompassing the period immediately after the disappearance of Madeleine, and the other (September 7 -13), covering the time after her parents' naming as suspects and the following public reactions in the United Kingdom.

Some Web-based Media Characteristics

An important note to this analysis is that web-based media have and usually take advantage of the many opportunities that the Internet can offer. This means that web-based editions are naturally free from printing and distribution costs and, therefore, are allowed to propagate much more content (both in size and number) than traditional newspapers. In contrast to paper media, which are usually limited to only a single issue for the day, both the *Guardian Unlimited* and the *Daily Mirror* at times publish as many as five reports per day on the "Maddy case".

Usually these reports do not offer much new information but, resembling the style of television news broadcasts, retell and rephrase the events of the day or the story background. This constant rephrasing and/or re-publishing of the same story owes its explanation not to journalistic habits, but rather to the requirements of the market. One purpose of the repetition is to make sure that no reader has accidentally missed it while clicking on the web page. Another goal is to turn the story into a top-story by creating the impression that there is a constant flow of "things to say" about it. Retelling the story repeatedly places it at the very top of the media agenda, thus compelling readers to think that it must be important. Paper editions rely more on the size and font of the headline as well as the striking appearance of the article in comparison to the rest of the texts on the page. For web-based editions this context is more irrelevant, because a story is usually presented by itself. They have to use different methods to make one story stand out, and one such method is the repetition.

A principal characteristic of web journalism, which makes it essentially different from other forms of journalism, is its immediacy. According to James Stovall, "web's qualities offer an immediacy that broadcasting cannot match in four important ways" (2004: 8), and these are variety, expansion, capacity (quality), and immediacy with context. These features not only improve the position of web journalism in the conditions of relentless competition, but also change the way journalism is done and perceived. This type of journalism gains more and more credibility, despite the occasional absence of verified sources confirming it. The immediacy boosts its trustworthiness, because it creates the impression that the story is followed as it happens (not by summaries like in other media). Furthermore, another specific attribute of web journalism is that "web is the most permanent of

media in the sense that it does not deteriorate. Nothing need be lost." (Stovall, 2004: 9)

The Daily Mirror and The Guardian: Style Differences

Another important aspect of this study highlights the differences of style and target audience between the two newspapers being analyzed. *The Manchester Guardian* was founded in 1821, announcing that it would help enforce the principles of civil and religious liberty, and those of political economy. Today it is a national newspaper with an average daily circulation of about 356, 000 copies, which places it fourth among the quality British editions. («http://en.wikipedia.org/wiki/The_Guardian») Its ideology is usually in sympathy with the centre-left. The *Guardian Unlimited* website has received numerous awards, such as Best Newspaper (Webby Awards, 2005 and 2006) and Best Electronic Daily Newspaper (British Press Awards, for six years in a row). This impressive background reveals the degree of respect and influence that this newspaper has in the United Kingdom, suggesting that its attitude towards reporting news is determinedly serious.

The *Daily Mirror*, on the other hand, is a tabloid newspaper established by the famous Lord Northcliffe in 1903 "as a paper for women and run by women." («http://en. wikipedia. org/wiki/ Daily_Mirror») It focuses a lot more on emotional responses and on the fate of women, which may explain to a certain degree the newspaper's preoccupation with the figure of Kate McCann. Its daily circulation is about 1, 537, 000 copies (which is approximately five times that of *the Guardian*). A typical characteristic of the *Daily Mirror* is that it expresses very unambiguously its position about current affairs, politics, laws, and so on in contrast to the more "reserved" *Guardian*. Considering its tabloid nature, *The Daily Mirror* is much more inclined to have extreme opinions.

II.The Cathartic Discourse in Action

General Discursive Characteristics

At first the journalistic discourse in both newspapers is mostly what has come to be seen as the adequate and proper discourse

for stories of that type, i.e. what John Langer calls "victim stories". (1998: 114) According to Langer, victim stories are that kind of stories which "focus on individuals who, in the process of going about their daily affairs, encounter an unanticipated turn of events which ensnares them in a state of crisis from which they cannot emerge using their own efforts and resources." (1998: 114) The story of Kate and Gerry McCann fits extremely well this archetype. We find even more striking similarities between the image of the parents constructed by the British media and Vladimir Propp's folk tale categorization of the so called "victim hero tale". (Langer, 1998: 122) The distraught parents are the victims of a terrible misfortune, but even so they are strong and decisive. They take matters into their own hands but, according to the immutable framework of the victim story, fail to overcome the calamity.

This type of discourse finds its roots in very old forms of story-telling, such as folk tales, legends, myths, and finally the main focus of our study, which is the classical Greek tragedy. As Jack Lule puts it: "Journalists are part of a long story-telling tradition that includes fleet-footed messengers, minstrels, troubadours, carriers, couriers, criers, poets". (2001: 3) Telling stories, as we know, is no new thing in the world. Thus, when we analyze the construction of news stories both Vladimir Propp's morphological approach to folk tales (1965) and Jack Lule's interpretation of myths as archetypal stories are applicable. Another entrance point to analyze media stories is through the cathartic discourse utilized in Greek tragedy. The purpose of our analysis is to prove that this type of discourse is becoming more popular in media stories, because it reaches a higher degree of intensity and involvement of the audience. While the myth and the folk tale presuppose a certain passiveness of the public (by setting the categories of the *teller* and his *listeners* apart), the theatre discourse engages the audience in a stronger relationship. It is the product of a further state of convergence between information and entertainment (the so called "infotainment").

At a later stage of the development of the story, especially after harsh criticism that newspapers take advantage of the tragedy in order to achieve higher sales share, the *Guardian Unlimited* returns to its cooler, impartial, reporting discourse. What is especially notable is the frequency of phrases such as "reports say", "it has been reported", "there were reports of" without citing concrete sources. The frequent use of these expressions creates the notion that the *Guardian Unlimited* is just

a link in the chain of news reporting and is not responsible for what is being reported elsewhere. The *Guardian Unlimited* is simply a messenger. However, despite trying to restore the unbiased reporting tone, it still at times allows a discourse which sides with the McCanns and portrays them as the victims of an unjust Portuguese attitude.

The *Daily Mirror*, in turn, even intensifies the emotional mood even further by openly criticizing the McCanns, on one side, and the Portuguese police and media, on the other side. In contrast to the *Guardian Unlimited*, whose strongest concentration on the story takes place in the week following the disappearance of Madeleine, in the *Daily Mirror* the period with the highest frequency of publications about the case is in the week after the police declared her parents suspects, which shows that the *Guardian Unlimited* focuses more on sympathizing with the family, whereas the *Daily Mirror* concentrates on backing the family in their assumed battle with the other/ the foreigner.

The Media Framing of the Cathartic Discourse

In their initial reports on the disappearance of Madeleine both the *Guardian Unlimited* and the *Daily Mirror* emphasized the grief of the parents and the horror of the event. In this fashion they fulfilled the role of catharsis for their readers just as the antique Greek tragedy acted for its spectators. What we observe is a theatre play unfolding itself on the pages of both newspapers. It includes all the elements that Aristotle's *Poetics* deems necessary in a tragedy: plot, character, diction, thought, song and spectacle.

According to Aristotle, the perfect tragedy should "imitate actions which excite pity and fear, this being the distinctive mark of tragic imitation" (Butcher, 1997:13), and later he adds that "pity is aroused by unmerited misfortune, fear by the misfortune of a man like ourselves." (Butcher, 1997:13) In this case, the action which causes pity and fear is the disappearance of a little girl, interpreted in view to the sudden, incomprehensible and absolute loss for an ordinary parental couple "like ourselves". The additional plot twist, which provokes an escalation of the sensation of fear, is the worsening situation of the victim parents who have to fight against false allegations.

Edith Hall points out the recurrence in ancient Greek tragedies of the so called "displacement" plots, which are "plots involving contested ethnicity and contested rights to citizenship", and also

of "themes of exile and loss of civic rights." (1997: 98) This type of plot is clearly visible in the analysis of the *Guardian Unlimited* and the *Daily Mirror* treatment of the case. They construct the story/plot as follows: the McCann parents are in exile in a foreign and hostile country (Portugal), they constantly suffer bad consequences as result of their (British) ethnicity, and they are denied basic citizens' rights (e.g. proper attitude from police and media in general).

> The stress of coping with the disappearance of a child would be hard enough for any parent - but Kate and Gerry McCann have also had to reckon with the slurs of Portugal's media. Despite the couple always insisting they were not involved in four-year-old Madeleine's disappearance, local newspapers and TV stations have waged a relentless, hurtful - and often bizarre - smear campaign against them. (*Daily Mirror*, 8 September 2007)
>
> or
>
> In contrast to normal British police procedure, Portuguese officers did not issue a description of Madeleine's clothing. (*Guardian Unlimited*, 8 May 2007)
>
> or
>
> It's a tall order given the incompetence of the Portuguese police who manage to make Inspector Clouseau look like The Sweeney. Nor can it be of much comfort to the McCanns to learn that in Portugal there is no sex-offender register. (*Daily Mirror*, 9 May 2007)
>
> or
>
> The force has come under intense criticism for its handling of the case but refuses to reveal details of the investigation amid an information blackout because of unusual Portuguese laws. (*Guardian Unlimited*, 9 May 2007)

According to Hall, "tragedy (...) both produces and reproduces the ideology of the civic community." (1997: 95) The Athenian tragic poet and his audience were politically equal, but they were defined by their Athenian citizenship. Therefore many of the tragic plots targeted home audiences, which could identify ethnically with the protagonist. The achievement of social and psychological bonding between spectator and character was carried out through the inherent perception of the binary category

home/good against foreign/evil. The fundament of constructing a civic community lies upon this dual principle. Likewise, as the Athenian tragedy negotiated social boundaries such as "citizen/non-citizen, Athenian Greek/non-Athenian Greek, and Greek/barbarian" (Hall, 1997: 96), the British media in the "Maddy case" focuses on the opposition of British/Portuguese. Sometimes it goes even further, not defining the opponent side as Portuguese, but simply as the other, the foreigner, thus provoking a very basic identification instinct and implicating the opposition category of British/barbarian.

> Locals jeer McCanns
>
> Jeers and shouts greeted Kate McCann as she arrived looking drawn and tired yesterday at the police station for another round of questioning. But among the crowd of 400 people lining the cobbled street, one British voice cut through the noise. 'We believe you, Kate,' shouted Leroy Stone, from Cardiff, as he held his three-year-old daughter Holly. (*Daily Mirror*, 8 September 2007)
>
> or
>
> Senior officers in the UK have privately expressed astonishment at the 'hopeless' Portuguese handling of the case. Three liaison officers sent to help the McCanns are also understood to have been 'banging their heads against a brick wall'. An insider said: 'They have been putting questions on behalf of the family but getting zero response.' (*Daily Mirror*, 10 May 2007)
>
> or
>
> And all the time fresh agonies are piled on her and her husband by the apparent shortcomings of the Portuguese police. Their laws and their methods appear decades behind those expected in this country. We pray they get a breakthrough soon. (*Daily Mirror*, 9 May 2007)

In his *Poetics* Aristotle indicates four necessary components which construct the tragic character: it must be good, it must have propriety, it must be true to life, and it must be consistent. (Butcher, 1997: 15) A well-constructed character allows for the profound and thorough empathy of the audience with it, which is ultimately the goal of the tragic play. Utilizing this approach (consciously or not) the *Guardian Unlimited* and the *Daily Mirror* construct the perfect tragic character in the person of Kate McCann.

They fulfill the image that the audience as a collective representative of the civic community expects from the figure of a desperate mother. Kate is continuously described with tears streaming down her face, clutching Madeleine's cuddly toy, praying, "her face crumpled with emotion, clasping tightly to the hand of a female friend." (*Guardian Unlimited*, 10 May 2007) At the same time British newspapers permanently stress her courage, thus building an exemplary victim hero tale: "AS EACH day passes, the courage of Maddy McCann's mother becomes more and more heartbreaking." (*Daily Mirror*, 9 May 2007)

Her name has been numerously placed in phrases, such as "brave Kate". She has also been constantly complimented on her self-possession and composure, but always accompanied with the conviction that this is just a pretense and in reality she is still the victim: " 'She may seem focused in public', her old friend Jill Renwick said. 'But in private she is a broken woman. She is devastated by what has happened, can't speak about it sometimes.' " (*Guardian Unlimited*, 8 September 2007)

Her victim hero status allows for a certain amount of strength, which can be admired by the public, but the journalistic tragedy cannot permit it to increase too much in scale, because it will destroy the notion of helplessness and victimization.

While concentrating exceptionally on portraying the grief of the parents, the two newspapers make constant attempts to escape from the conventional story-telling methods and to add more dynamics to the story. Hence, they try to include scenery details, dialogue, and a look into the inner world of the characters. A salient example is the following excerpt from the *Guardian Unlimited:*

> The telephone rang at around 11pm at Trish Cameron's home near Glasgow. She picked it up to hear the voice of her younger brother. 'He was distraught, breaking his heart', Mrs Cameron said. He said: 'Madeleine's been abducted, she's been abducted.'
>
> Hundreds of miles away in Portugal's western Algarve Gerald McCann, whose job as a heart surgeon demands a calm, steady nerve, had lost any semblance of control and was crying down the telephone to his older sister. (*Guardian Unlimited*, 5 May 2007)
>
> or
>
> Kate and Gerry McCann wake up each morning and, momentarily, struggle to focus. A second passes as they lie

side by side and then, with crushing familiarity, the horror of their waking nightmare floods back. (*Daily Mirror*, 13 September 2007)

Aristotle also emphasizes the importance of "expression of the meaning in words" (Butcher, 1997: 6), which is the fourth element which constitutes the classical Greek tragedy. He states that "diction should be elaborated in the pauses of the action, where there is no expression of character or thought." (Butcher,1997: 24) This is specifically the place, which secondary discourse[2] occupies in the publications of the *Guardian Unlimited* and the *Daily Mirror*. In the pauses between informative, background and character description media always give excerpts of secondary discourse, which provides the real feeling of contact and presence of both audience and characters in the same realm.

Aristotle goes on by explaining that "under thought is included every effect which has to be produced by speech, the subdivisions being: proof and refutation; the excitation of the feelings, such as pity, fear, anger, and the like; the suggestion of importance or its opposite." (Butcher, 1997: 19)

The considerable occurrence of diction and thought in the journalistic discourse concerning the "Maddy case" is displayed by a great number of direct discourse representations in the publications. As many as possible direct quotations from the parents and their spokesmen are supplied in every journalistic piece about the story. The appeal of Kate McCann to Madeleine's abductor was given sizeable space in both newspapers in a succession of articles over several days.

By constantly including quotations of relatives, neighbours and colleagues the direct discourse takes over the indirect discourse. In other words, the quotations tell the story. The intervention of a journalist is practically needless, because the words of the affected tell all that is necessary for the public to know. Besides providing dynamics and spectacle, quotations also add considerable pathos to the sense of reality and make the story more veritable. While journalists (being still in the field of journalism, and not of literature) must restrain from giving an emotional assessment of the events, they can always make use of

[2] Norman Fairclough, using Volosinov's theoretical framework, highlights the distinction between "secondary discourse", that is to say, "the discourse represented or reported" and the "primary discourse", "the representing or reporting discourse", e.g. the newspapers or journalist's discourse. (1999: 54-55)

quotations to appeal to the feelings of the public. Or, to put it more bluntly, they put lines in the mouths of their actors, which can in turn stir the emotions of the audience. It closely resembles the rumouring of stories around the local neighbourhood, fundamentally proved by the presence of an extraordinary amount of quotes by actual neighbours of the family.

Another characteristic of quotations is that they can make up a story when there is no event to be reported. This is exactly the case during most of the development of the "Madeleine story". Facts are scarce: firstly, because of Portuguese law forbidding police to talk about the investigation, and secondly, because there are no events occurring. In order to keep the story going, journalists resort to endless interviews with the victims, their supporters and enemies.

Structurally speaking, apart from the elements previously mentioned – plot, character, diction and thought —, the choric song is one of the most essential and idiosyncratic components of the Greek tragedy. Unlike the folk tale and the myth, which need to use other methods, the Greek chorus is the mechanism through which the tragedy accomplishes full incorporation of the audience into the world of the narrative. The chorus plays a major role, which is to "help the audience become involved in the process of responding." (Easterling, 1997: 164)

According to Aristotle the chorus "should be regarded as one of the actors; it should be an integral part of the whole, and share in the action." (Butcher, 1997: 18) It cannot be defined unequivocally since it engages in many roles and serves a multitude of functions simultaneously. P. E. Easterling focuses his attention on the nature of the chorus and concludes that most often it acts as "a sympathetic group of relative outsiders" who can "offer some sort of model for the audience in the theatre." (1997: 158) Later he adds that "one of the major functions of the chorus (...) is to act as a group of "built-in" witnesses, giving collective and usually normative responses to the events of the play." (1997:163) The first and foremost task of the chorus can be explained within the recurrent need attributed in legends, myths, folk tales, and drama for the society to constantly reestablish its social world and its conventions respectively.

All these art forms act as archetypal stories which offer exemplary models. That is to say, "they provide examples of good and evil, right and wrong, bravery and cowardice. They are models of social life and models for social life." (Lule, 2001: 15)

The tragic plot draws its structure and themes from the same pattern myths are based on and with the same purpose. In the words of Edith Hall, " (...) through some recurrent types of plot-pattern tragedy affirmed in its citizen spectators' imaginations the social world in which they lived." (1997: 93)

Modern-day media borrow their story-telling practice from these traditional art forms, which serves the same goal. It is needed to help the existing social organization reassert itself. This is the reason why it employs social categories and arranges them in a binary system. It sets categories of good and evil and suggests proper ways of behaviour, reactions, and models of thinking. This persistent pattern can be explained in terms of Carl Jung's theory of the collective unconscious, which it is ultimately the duty of the Greek chorus to represent and reproduce in the process of the play.

The discourse of the *Guardian Unlimited* and the *Daily Mirror* also utilizes the idea of the tragic chorus. This group of "built-in witnesses" is replaced by actual witnesses (relatives, colleagues, neighbours, police officers, families sharing the same fate, columnists and so forth). Their constant involvement in the action enhances it, providing an expression of public opinion. The journalistic chorus may take different stances towards the protagonist at different times, but what is worth referring is that it is always cohesive and unified. As Easterling points out, "the tragic chorus is a group of twelve or fifteen people and not a single figure gives its behaviour more scope to fluctuate." (1997: 164)

For example, in the few days immediately after Madeleine's disappearance the reports are full with descriptions of the emotional state of the parents, given by relatives. Beyond doubt the public knows how parents, whose child has just vanished, ought to feel, according to social imperatives. Yet, it is important for the audience to see these emotions being displayed thoroughly in order to verify their righteousness and appropriateness. This explains the total absorption of media attention with the grief of the parents, which is reaffirmed and reconstituted by both the journalistic reporting language (in news or opinion articles) and the secondary discourse belonging to near relatives.

> 'He was distraught, breaking his heart,' Mrs Cameron said. (*Guardian Unlimited*, 5 May 2007)
>
> or
>
> 'My daughter can hardly speak. She is distraught, she is crying and in shock.' (*Guardian Unlimited*, 5 May 2007)
>
> or

> For the past six days, time has stood still for Kate McCann. 'Since discovering her daughter Madeleine missing at 10pm last Thursday we have seen her face frozen with grief and fear.' (*Daily Mirror*, 9 May 2007)

Easterling notes a curious aspect of the chorus's role in the Greek tragedy, he observes that it is immaterial whether the spectators can see or hear for themselves the cause of the tragic, "what they can certainly see and reflect on is a group of people witnessing the horrific sight of what is being displayed to them, and what matters dramatically is that it is a publicly shared disaster." (1997: 162)

Meanwhile we can observe a continuous flow of remarks about Madeleine's appearance and previous life, whose goal is to sentimentalize the reports. The audience needs proper name and image for the object of its grief, its personification being absolutely indispensable. Under the circumstances, a journalist's duty, in order to build a good story/performance, is to ensure the goodness of the protagonists, the first rule of constructing the tragic character, according to Aristotle. This is an essential prerequisite to rouse the public's sympathy and also to guarantee that the disaster occurs not because of flaws of the protagonists, but due to the " 'unwritten and unshakeable laws' of the gods." (Hall, 1997: 95)

> 'She is an absolutely beautiful wee blonde girl with blue green eyes,' said Mrs Cameron. (*Guardian Unlimited*, 5 May 2007)
>
> or
>
> 'They are a really nice family and good neighbours. They are delightful. We see them take their bikes up and down and going for walks. Madeleine is a very happy-go-lucky little girl.' (*Guardian Unlimited*, 5 May 2007)
>
> or
>
> 'They are highly responsible parents who are devoted to their family. I can only imagine what they are like at the moment.' (*Guardian Unlimited*, 5 May 2007)

The inclusion of these witnesses' reports functions in the same way as the ancient Greek chorus did in the past, its main goal to "offer possible models for the onlookers' emotional responses, pity for Cassandra, for example, or grief for the murdered king in *Agamemnon*". (Easterling, 1997: 163)

However, "the chorus combines witnessing with trying to understand, and its guidance is intellectual or even philosophical as well as emotional." (Easterling, 1997: 163) Therefore, witnesses' accounts are not sufficient to explain to the audience the course of the action. In journalistic terms this "intellectual" or "philosophical" function is usually taken up by columnists and opinion articles.

The *Daily Mirror* splits this role between the "Voice of the Mirror", which is usually unsigned and expresses an overall editorial stance, and its regular columnists' comments. Their involvement is typically brief and psychologically striking. They use short, easy, catchy, propagandistic phrases. Presumably, they articulate the attitude of the British majority. Several of the headlines are: "Wait and Pray" (Voice of the Mirror, 9 May 2007), "Optimism amid the Torment of "If Onlys" (Sue Carroll, 9 May 2007), "Right not to Berate" (Brian Reade, 10 May 2007), "The Cruelest of Twists" (Sue Carroll, 8 September 2007).

The *Guardian Unlimited* columnists manifest their special interest in the story mostly after the course of events has showed the unscrupulousness of the media, and chiefly discuss and criticize the nature of the media involvement. This is demonstrated by a string of headlines, such as "The British Media Does not Do Responsibility. It Does Stories" (Simon Jenkins, 18 May 2007), "In Chatrooms and Message Boards, Madeleine Hysteria Grips the World" (Emma Brockes, 19 May 2007), "When the Press Plays Judge and Jury" (Bob Woffinden, 4 June 2007), "For their own Sake, Parents Should sometimes Be Seen and not Heard" (Mark Lawson, 31 August 2007), "I Hang my Head in Shame at what my Trade Has Made of the McCann Story" (Max Hastings, 10 September 2007). Their comments are, as suggested by the serious nature of the *Guardian Unlimited*, extensive, argumentative, and usually present genuine pieces of philosophical and intellectual judgment.

As for the scenic spectacle – another of the constituent elements of tragedy as a genre – it should be said that in this case it is fulfilled by the technological opportunities of present day media: photos, sketches, posters, maps and so forth. Its purpose is to enhance the visual perception of the readers, but it is not central in influencing their attitude. It is chiefly a supporting and a subordinate tool, bearing in mind the differences between web journalism and traditional paper editions. Whereas the latter may and do exploit the potential impact of images, the former makes use of the equally emotional and powerful impact of words to construct

the perfect victim story. The spectacle is achieved through the exploitation of the McCanns' suffering and the subsequent journalistic rhetoric depicting the couple as the unhappiest couple in the entire world, defenceless victims of a terrible misfortune in a foreign and backward country.

Conclusion

Having all the six elements, which Aristotle's *Poetics* considers necessary in a tragedy, the Madeleine story acts on the readers the same way the ancient *Antigone* influenced the Greek public.

In the words of Peter Burian, "romance, fairy tale, and legendary history offer a large number and variety of stories in which royal children are exposed, survive, and eventually return to claim their birthright." (1997: 186) The Madeleine story could be treated as just another tale of this type. What is different, however, is that art forms are the products of our imagination, while the Madeleine narrative is a consequence of a real life event. Burian goes on to explain that "the logic of the plot coincides with clear moral and even social predispositions. We are invited to expect the child not only to live but to obtain what is rightfully his or hers by birth." (1997: 186) We did expect the same of Madeleine in the initial development of the story, which explains to a certain degree the media employment of mythological discourse. At this point the *Guardian Unlimited* has realized that the exploitation of this discursive practice has gone too far and tries to return to its reporting and un-theatrical discourse. The *Daily Mirror*, on the other hand, still continues, in the habit of popular and sensationalist press, to utilize a somewhat manipulative cathartic discourse.

In present day post-modern society we witness a wave of emotionally oriented production, in which the media are most engaged. There are whole industries directed towards the so called "feeling manufacturing" business (an obvious example is Hollywood and soap operas). As Jostein Gripsurd would put it, the coverage of Madeleine's disappearance and all other stories of the same type, are all interwoven in the inclination of human beings to see melodrama as a " 'sense-making system' in a desacralized modern society." (1992: 87) In his opinion, whether it is the classical ancient, medieval, industrial, or post-modern society, "what the world [the news] is really about, is emotions,

fundamental and strong: love, hate, grief, joy, lust and disgust. Such emotions are shared by all human beings, regardless of social positions, and so is 'general morality.'" (1992: 87)

In fact, today news media have a tendency to resort to the cathartic discourse as a strategy of survival in a world of fierce competition. Nevertheless, it is a dangerous strategy, because it depoliticizes the public sphere and diverts the media from their main purpose – to inform and portray a balanced and unbiased picture of the world, regardless of market or other contextual constraints.

BIBLIOGRAPHY

I.Primary Sources

ADDLEY, Esther. 2007a. "Exhausted and under suspicion, Madeleine's family come home". *Guardian Unlimited*, September 10. <http://www.guardian. co. uk/uk/2007/sep/10/ukcrime. topstories3> (accessed November 12, 2007).

____, 2007b. "Police chase new leads as resort search for girl ended". *Guardian Unlimited*, May 11. <http://www.guardian.co.uk/uk/2007/may/11/world.topstories3> (accessed November 12, 2007).

____, 2007c. "Praia da Luz prays for Madeleine". *Guardian Unlimited*, May 10. <http://www.guardian.co.uk/uk/2007/may/10/ukcrime. estheraddley1> (accessed November 12, 2007).

ADDLEY, Esther, and Vikram Dodd. 2007a. "To implicate them is ridiculous". *Guardian Unlimited*, September 7. <http://www.guardian. co.uk/ uk/ 2007/ sep/ 07/ ukcrime. madeleinemccann1> (accessed November 12, 2007).

____, 2007b. "Traces of blood that turned grieving mother into suspect". *Guardian Unlimited*, September 8. <http://www.guardian.co. uk/uk/ 2007 / sep /08/ world. ukcrime> (accessed November 12, 2007).

ALLEN, Vanessa, and Martin Fricker. 2007a. "Family rally round Maddy's mum". *The Daily Mirror*, May 10. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/05/10/family-rally-round-maddy-s-mum-115875-19075953/> (accessed November 11, 2007).

____, 2007b. "Parents pray for missing Maddy". *The Daily Mirror*, May 8. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/05/08/parents-pray-for-missing-maddy-115875-19061523/> (accessed November 11, 2007).

____, 2007c. "The CCTV suspects". *The Daily Mirror*, May 11. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/05/11/the-cctv-suspects-115875-19084143/> (accessed November 11, 2007).

BATTY, David, and James Sturcke. 2007a. "Madeleine prosecutors seek diaries and toys, reports say". *Guardian Unlimited*, September 12. <http://www.guardian.co.uk /uk/2007/ sep/12/ ukcrime. world> (accessed November 12, 2007).

____, 2007b. "Social workers hold talks with McCanns". *Guardian Unlimited*, September 13. <http://www.guardian.co.uk/uk/2007/sep/13/ ukcrime.davidbatty> (accessed November 12, 2007).

BERLINS, Marcel. 2007. "Media have rushed to judge Portuguese police". *Guardian Unlimited*, September 10. <http://www.guardian. co.uk/ commentisfree/2007/ sep/10/uk. pressandpublishing> (accessed November 12, 2007).

BORKOWSKI, Mark. 2007. "Media glare on the McCanns will not subside". *Guardian Unlimited*, September 12. <http://www.guardian. co.uk/media/ 2007/sep/ 12/ marketingandpr.crime> (accessed November 12, 2007).

"British toddler abducted, police believe". 2007. *Guardian Unlimited*, May 5. <http://www.guardian.co.uk/uk/2007/may/05/madeleinemccann> (accessed November 12, 2007).

BROCKES, Emma. 2007. "In chatrooms and message boards, Madeleine hysteria grips the world." *Guardian Unlimited*, May 19. <http:// www.guardian. co.uk/ media/2007/may/19/crime.uknews> (accessed November 12, 2007).

CARROLL, Sue. 2007a. "Optimism amid the 'If onlys'". *The Daily Mirror*, May 9. <http://www.mirror.co.uk/news/columnists/sue-carroll/2007/ 05/09/optimism-amid-the-torment-of-if-onlys-115875-19067319/> (accessed November 11, 2007).

____, 2007b. "The cruellest of all twists" *The Daily Mirror*, September 8. <http: //www. mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/08/the-cruellest-of-all-twists-115875-153239/> (accessed November 11, 2007).

"CCTV clue in search for Madeleine". 2007. *Guardian Unlimited*, May 9. <http:/ /www. guardian. co. uk/uk/2007/may/09/ukcrime.madeleinemccann> (accessed November 12, 2007).

CHAYTOR, Rod, and Martin Fricker. 2007. "Are your twins at risk? ..Is your safety at risk?". *The Daily Mirror*, September 11. <http://www.mirror.co.uk/news/ top-stories/2007/09/11/are-your-twins-at-risk-is-your-safety-at-risk-115875-19766443/> (accessed November 11, 2007).

CHAYTOR, Rod. 2007. "Kate and I are totally 100% innocent". *The Daily Mirror*, September 12. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/ 2007/09/12/kate-and-i-are-totally-100-innocent-115875-19777067/> (accessed November 11, 2007).

"Claims Kate McCann accidentally killed Madeleine 'rubbish' say family". 2007. *The Daily Mirror*, September 7. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/ 2007/09/07/claims-kate-mccann-accidentally- killed-madeleine-rubbish-say-family-115875-19750659/> (accessed November 11, 2007).

CLEMENTS, Jon, and Paul Byrne. 2007. "Family: Maddy claims are 'ludicrous'". *The Daily Mirror*, September 8. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/08/family-maddy-claims-are-ludicrous-115875-19753241/> (accessed November 11, 2007).

CLEMENTS, Jon. 2007a. "McCanns case escalates: Prosecutor sends file to a judge". *The Daily Mirror*, September 11. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/11/mccann-case-escalates-prosecutor-sends-file-to-a-judge-115875-19766517/> (accessed November 11, 2007).

____, 2007b. "Police's 22 questions for Kate". *The Daily Mirror*, September 8. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/08/police-s-22-questions-for-kate-115875-19753225/> (accessed November 11, 2007).

CLEMENTS, Jon, and Ryan Parry. 2007a. "Police to get new British tests in days". *The Daily Mirror*, September 10. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/10/police-to-get-new-british-tests-in-days-115875-19762037/> (accessed November 11, 2007).

____. 2007b. "The Maddy file". *The Daily Mirror*, September 11. <http://www. mirror. co.uk/news/top-stories/2007/09/11/the-maddy-file-115875-19766330/> (accessed November 11, 2007).

COUZENS, Gerard. 2007. "Lawyer has to decide". *The Daily Mirror*, September 12. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/12/lawyer-who-has-to-decide-115875-197 771 09/> (accessed November 11, 2007).

DOWELL, Ben. 2007. "McCann's PR steps down". *Guardian Unlimited*, September 13. <http://www.guardian.co.uk/media/2007/sep/13/marketingandpr.crime> (accessed November 12, 2007).

"Expert tells of DNA flaw". 2007. *The Daily Mirror*, September 13. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/13/expert-tells-of-dna-flaw-1158 75-1978 347 8/ > (accessed November 11, 2007).

FREEDLAND, Jonathan. 2007. "Madeleine: a grimly compelling story that will end bad for us all". *Guardian Unlimited*, September 12. <http://www.guardian. co.uk/ commentisfree/ 2007/sep/ 12/ comment.ukcrime> (accessed November 12, 2007).

FRICKER, Martin. 2007a. "Hope keeps the McCanns going". *The Daily Mirror*, September 13. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/13/hope-keeps-mccanns-going-115875-197 83256/> (accessed November 11, 2007).

____, 2007b. "Maddy, 3 goes missing". *The Daily Mirror*, May 5. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/05/05/maddy-3-goes-missing-115875-19048526/> (accessed November 11, 2007).

____, 2007c. "Maddy mum's new appeal". *The Daily Mirror*, May 7. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/05/07/maddy-mum-s-new-appeal-115875-190 57964/> (accessed November 11, 2007).

____, 2007d. "McCanns targeted by media". *The Daily Mirror*, September 8. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/08/mccanns-targeted-by-media-115875-1975 3660/> (accessed November 11, 2007).

____, 2007e. "Prosecutor to consider case against McCanns". *The Daily Mirror*, September 10. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/10/prosecutor-to-consider-case-against-mccanns-115875-19761811/> (accessed November 11, 2007).

FRICKER, Martin, and Stewart Maclean. 2007a. "Clueless". *The Daily Mirror*, May 9. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/05/09/clueless-115875-19067596/> (accessed November 11, 2007).

____, 2007b. "Soccer stars in TV pleas for tot". *The Daily Mirror*, May 9. <http://www. mirror. co.uk/news/top-stories/2007/05/09/soccer-stars-in-tv-pleas-for-tot-115875-19067644/> (accessed November 11, 2007).

HASTINGS, Max. 2007. "I hang my head in shame at what my trade has made of the McCann story". *Guardian Unlimited*, September 10. <http://www.guardian. co.uk/ commentisfree/2007 /sep/ 10/ comment.pressandpublishing> (accessed November 12, 2007).

"Innocent or guilty? What parents and police say". 2007. *The Daily Mirror*, September 12. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/12/innocent-or-guilty-what-parents-and-police-say-115875-19777329/> (accessed November 11, 2007).

JEFFERIES, Mark. 2007a. "BBC axes debate on McCanns". *The Daily Mirror*, September 11. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/11/bbc-axes-debate-on-mccanns-115875-197 66328/> (accessed November 11, 2007).

____, 2007b. "TV boss hits out on 'bias'". *The Daily Mirror*, September 12. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/12/tv-boss-hits-out-on-bias-115875-1977 71 07/> (accessed November 11, 2007).

JENKINS, Simon. 2007. "The British media does not do responsibility. It does stories". *Guardian Unlimited*, May 18. <http://www.guardian.co.uk/commentisfree/2007/ may/18/ comment. pressandpublishing> (accessed November 12, 2007).

KIRKHAM, Peter. 2007a. "Maddy: The possibilities". *The Daily Mirror*, September 8. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/08/maddy-the-possibilities-115875-19753205/> (accessed November 11, 2007).

____, 2007b. "Why cops think she was not abducted". *The Daily Mirror*, September 10. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/10/why-cops-think-she-was-not-abducted-115875-19762039/> (accessed November 11, 2007).

LAVILLE, Sandra, and Dale Fuchs. 2007. "Grandfather: evidence that three-year-old was snatched". *Guardian Unlimited*, May 5. <http://www.guardian.co. uk/uk/ 2007/ may/ 05/ world. topstories31> (accessed November 12, 2007).

LAVILLE, Sandra, Martin Wainwright, and Dale Fuchs. 2007. "Tapas for two... then parents' nightmare began". *Guardian Unlimited*, May 5. <http://www.guardian.co. uk/uk/ 2007/may/05 / world. sandralaville> (accessed November 12, 2007).

LAWSON, Mark. 2007. "For their own sake, parents should sometimes be seen and not heard". *Guardian Unlimited*, August 31. <http:// www.guardian.co. uk/commentisfree/ 2007/aug/31/ comment.pressandpublishing> (accessed November 12, 2007).

MACLEAN, Stewart. 2007. "Horrified Becks in TV plea". *The Daily Mirror*, May 11. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/05/11/ horrified-becks-in-tv-plea-115875-190841 71 /> (accessed November 11, 2007).

"Madeleine cops want Kate's diary". 2007. *The Daily Mirror*, September 12. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/12/madeleine-cops-want-kate-s-diary-115875-19779915/> (accessed November 11, 2007).

"Madeleine police claim 'blood found' in parents' hire car". 2007. *The Daily Mirror*, September 7. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/ 2007/09/07/madeleine-police-claim-blood-found-in-parents-hire-car-115875-19747698/> (accessed November 11, 2007).

"Maddy parents are police suspects". 2007. *The Daily Mirror*, September 8. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/08/maddy-parents-are-police-suspects-115875-19753057/> (accessed November 11, 2007).

"Missing Madeleine: The key moments". 2007. *The Daily Mirror*, September 7. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/07/missing-madeleine-the-key-moments-115 875-19751487/> (accessed November 11, 2007).

MORRIS, Steven. 2007a. "British experts fly to Portugal to help in hunt for Madeleine". *Guardian Unlimited*, May 9. <http://www.guardian. co.uk/ uk/2007/ may/09/ topstories3 .mainsection> (accessed November 12, 2007).

____, 2007b. "Desperate parents of missing girl take initiative and make direct appeal to her abductor". *Guardian Unlimited*, May 8. <http:// www.guardian.co. uk/uk/ 2007/ may / 08/ topstories3.mainsection> (accessed November 12, 2007).

____, 2007c. "Mother whose outward poise and control hide her devastation". *Guardian Unlimited*, September 8. <http://www.guardian.co.uk/uk/ 2007/sep/08/world.ukcrime3> (accessed November 12, 2007).

____, 2007d. "Portuguese police unsure Madeleine is alive". *Guardian Unlimited*, May 8. <http://www.guardian.co.uk/world/2007/may/08/ ukcrime.madeleinemccann> (accessed November 12, 2007).

____, 2007e. "Q&A: Madeleine McCann". *Guardian Unlimited*, May 8. <http:/ / www.guardian.co.uk/uk/2007/may/08/ukcrime.madeleinemccann> (accessed November 12, 2007).

MORRIS, Steven, and Esther Addley. 2007. "Madeleine's family call for end to criticism of missing girl's parents". *Guardian Unlimited*, May 10. <http://www.guardian. co.uk/ uk/ 2007/ may/ 10/ madeleinemccann> (accessed November 12, 2007).

MORRIS, Steven, and Dale Fuchs. 2007. "Missing girl: mother asks for prayers." *Guardian Unlimited*, May 7. <http://www.guardian.co.uk/uk/2007/may/07/world.stevenmorris> (accessed November 12, 2007).

PARRY, Ryan. 2007a. "Locals jeer McCanns". *The Daily Mirror*, September 8. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/08/locals-jeer-mccanns-115875-19753237/> (accessed November 11, 2007).

____, 2007b. "Madeleine police: We might not have enough evidence". *The Daily Mirror*, September 12. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/12/madeleine-police-we-might-not-have-enough-evidence-115875-19777111/> (accessed November 11, 2007).

____, 2007c. "Will tests on hair be a key clue?" *The Daily Mirror*, September 12. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/12/will-tests-on-hair-be-key-clue-115875-19779056/> (accessed November 11, 2007).

PARRY, Ryan, and Lucy Thornton. 2007. "40 questions they both 'refused to answer'" *The Daily Mirror*, September 10. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/10/40-questions-they-both-refused-to-answer-115875-19762031/> (accessed November 11, 2007).

PLUNKETT, John. 2007a. "BBC station criticized over McCann 'trial by media'". *Guardian Unlimited*, September 11. <http://www.guardian.co.uk/media/2007/sep/11/radio.bbc> (accessed November 12, 2007).

____, 2007b. "Horrocks warns on biased McCann reports". *Guardian Unlimited*, September 11. <http://www.guardian.co.uk/media/2007/sep/11/bbc.television1> (accessed November 12, 2007).

"Police give Maddy search details". 2007. *The Daily Mirror*, May 8. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/05/08/police-give-maddy-search-details-115875-19066460/> (accessed November 11, 2007).

POWER, Alan. 2007. "16 years on, family nurtures hope". *Guardian Unlimited*, May 5. <http://www.guardian.co.uk/uk/2007/may/05/world.alanpower> (accessed November 12, 2007).

READE, Brian. 2007a. "Best thing for McCanns is for them to be charged". *The Daily Mirror*, September 10. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/10/best-thing-for-mccanns-is-for-them-to-be-charged-115875-19762049/> (accessed November 11, 2007).

____, 2007b. "Right not to berate". *The Daily Mirror*, May 10. <http://www.mirror. co. uk / news/columnists/reade/2007/05/10/right-not-to-berate-115875-190 756 48/> (accessed November 11, 2007).

ROBERTS, Bob. 2007a. "Home Secretary: Maddy search must go on". *The Daily Mirror*, September 13. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/13/home-secretary-maddy-search-must-go-on-115875-19783254/> (accessed November 11, 2007). ___2007b. "Fury as Vulcan attacks". *The Daily Mirror*, September 12. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/12/fury-as-vulcan-attacks-115875-19777325/> (accessed November 11, 2007).

____, 2007c. "Redwood ditches Maddy net slur". *The Daily Mirror*, September 13. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/13/redwood-ditches-maddy-net-slur-115875-19783262/> (accessed November 11, 2007).

STURCKE, James. 2007a. "Mother appeals to Madeleine's abductor". *Guardian Unlimited*, May 7. <http://www.guardian.co.uk/uk/2007/may/07/madeleinemccann> accessed November 12, 2007.

____, 2007b. "No definite leads on Madeleine, police admit". *Guardian Unlimited*, May 8. <http://www.guardian.co.uk/uk/2007/may/08/ukcrime.world> (accessed November 12, 2007).

____, 2007c. "Prosecutor passes McCann case file to judge". *Guardian Unlimited*, September 11. <http://www.guardian.co.uk/world/2007/sep/11/ukcrime.madeleinemccann> (accessed November 12, 2007).

____, 2007d. "Prosecutor to see police file on McCanns". *Guardian Unlimited*, September 10. <http://www.guardian.co.uk/uk/2007/sep/10/ukcrime.madeleinemccann> (accessed November 12, 2007).

STURCKE, James, and James Orr. 2007. "Kate McCann 'fears Madeleine killing charge over traces in car'" *Guardian Unlimited*, September 7. <http://www.guardian.co. uk/uk/2007/ sep/07/ ukcrime. madeleinemccann> (accessed November 12, 2007).

THORNTON, Lucy. 2007. "Police wants McCanns' diary and laptop". *The Daily Mirror*, September 13. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/13/police-want-mccanns-diary-and-laptop-115875-19782942/> (accessed November 11, 2007).

THORNTON, Lucy, and Ryan Parry. 2007. "Cops 'want to dig near the church'". *The Daily Mirror*, September 11. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/11/cops-want-to-dig-near-the-church-115875-19766326/> (accessed November 11, 2007).

TREMLETT, Giles. 2007. "Kate McCann's journey from tragic figure to suspect". *Guardian Unlimited*, September 7. <http://www. guardian. co. uk/uk/2007/sep/07/ukcrime. gilestremlett> (accessed November 12, 2007).

TREMLETT, Giles, and Brendan de Beer. 2007a. "Both Madeleine parents now declared suspects". *Guardian Unlimited*, September 8. <http://www. guardian. co. uk/uk/2007/sep/08/topstories3. world> (accessed November 12, 2007).

____, 2007b. "Experts dispute claim that DNA shows body of missing Madeleine had been in boot of hire car". *Guardian Unlimited*, September 11. <http://www. guardian.co.uk/ uk/2007/ sep/ 11/ ukcrime. internationalcrime> (accessed November 12, 2007).

____, 2007c. "Madeleine mother questioned for 11 hours". *Guardian Unlimited*, September 7. <http://www.guardian.co.uk/uk/2007/sep/07/topstories3.world> (accessed November 12, 2007).

____, 2007d. "McCann papers go to judge amid claims and confusion over DNA". *Guardian Unlimited*, September 12. <http://www.guardian.co.uk/uk/ 2007/sep/12/ukcrime. estheraddley> (accessed November 12, 2007).

____, 2007e. "Prosecutor to study evidence before deciding the couple's future". *Guardian Unlimited*, September 10. <http://www.guardian.co.uk/uk/ 2007/ sep/ 10/ ukcrime. internationalcrime> (accessed November 12, 2007).

____, 2007f. "Victims... now suspects: Police target McCanns". *Guardian Unlimited*, September 8. <http://www.guardian. co.uk/uk/ 2007/ sep/ 08/ ukcrime.madeleinemccann> (accessed November 12, 2007).

TREMLETT, Giles, Brendan de Beer, and Esther Addley. 2007. "McCanns may order own DNA tests on car". *Guardian Unlimited*, September 13. <http://www.guardian. co.uk/ uk/2007 /sep/ 13/ ukcrime.estheraddley> (accessed November 12, 2007).

WAINWRIGHT, Martin, and Owen Bowcott. 2007. "Rothley villagers relieved to see family return". *Guardian Unlimited*, September 10. <http://www.guardian.co. uk/uk/ 2007/sep/ 10/ukcrime.martinwainwright> (accessed November 12, 2007).

WALKER, Peter, and Esther Addley. 2007. "Madeleine's parents vow to 'leave no stone unturned'". *Guardian Unlimited*, May 11. <http://www.guardian.co.uk/ uk/2007/ may/11/ ukcrime. madeleinemccann> (accessed November 12, 2007).

WARD, Victoria. 2007a. "Is Maddy at the Big House?". *The Daily Mirror*, September 11. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/11/is-maddy-at-the-big-house-115875-19766 438/> (accessed November 11, 2007).

____, 2007b. "Mum: No doubt on my Kate". *The Daily Mirror*, September 13. <http://www.mirror.co.uk/news/top-stories/2007/09/13/mum-no-doubt-on-my-kate-115875-19783 252/> (accessed November 11, 2007).

WEAVER, Matt. 2007. "Police follow fresh leads in search for Madeleine". *Guardian Unlimited*, May 10. <http://www.guardian. co.uk/ uk/2007/ may/10/ ukcrime. matthewweaver> (accessed November 12, 2007).

WEAVER, Matt, and Esther Addley. 2007. "Police 'winding down' Madeleine search". *Guardian Unlimited*, May 10. <http://www.guardian.co. uk/uk/ 2007/may/ 10/ukcrime.madeleinemccann> (accessed November 12, 2007).

"What happened on night of May 3?" 2007. *Guardian Unlimited*, September 8. <http://www.guardian.co.uk/uk/2007/sep/08/world.ukcrime1> (accessed November 12, 2007).

"What we do and don't know about the kidnapping case". 2007. *Guardian Unlimited*, May 9. <http://www.guardian.co.uk/uk/2007/may/09/uknews4.mainsection1> (accessed November 12, 2007).

WOFFINDEN, Bob. 2007. "When the press plays judge and jury". *Guardian Unlimited*, June 4. <http://www.guardian.co.uk/media/2007/jun/04/mondaymediasection11> (accessed November 12, 2007).

II.Secondary Sources

BUTCHER, S. H. trans. 1997. *Poetics by Aristotle*. New York: Courier Dover Publications. Also available online at <http://www.fordham.edu/halsall/ancient/aristotle-poeticsi.txt>.

BURIAN, Peter. 1997. "Myth unto *Muthos*: the Shaping of the Tragic Plot". In *The Cambridge Companion to Greek Tragedy*. Edited by P. E. Easterling. Cambridge: Cambridge University Press, 178-210.

EASTERLING, P. E. 1997. "Form and Performance". In *The Cambridge Companion to Greek Tragedy*. Edited by P. E. Easterling. Cambridge: Cambridge University Press, 151-177.

FAIRCLOUGH, Norman.1999. *Critical Discourse Analysis: the Critical Study of Language*. London: Longman.

GORDON, Mell. 2005. "Tragedy". In *Encarta Reference Library Premium 2005 DVD*. Available online at <http://encarta.msn.com/encyclopedia_761551901/Tragedy.html> and as a DVD.

GRIPSURD, Jostein. 1992. "The Aesthetics and Politics of Melodrama". In *Journalism and Popular Culture*. London: Sage Publications Ltd., 84-95.

HALL, Edith. 1997. "The Sociology of Athenian tragedy". In *The Cambridge Companion to Greek Tragedy*. Edited by P. E. Easterling. Cambridge: Cambridge University Press, 93-126.

LANGER, John. 1992. "Truly Awful News on Television". In *Journalism and Popular Culture*. London: Sage Publications Ltd, 113-129.

LULE, Jack. 2001. *Daily News, Eternal Stories: the Mythological Role of Journalism*. London: Guilford.

PROPP, Vladimir. 1965. *Morphologie du Conte*. Paris. Éditions du Seuil.

STOVALL, James Glenn. 2004. *Web Journalism: Practice and Promise of the New Medium*. Boston: Pearson.

RECENSÃO CRÍTICA

David BUTTERY, *Wellington contra Massena. A Terceira Invasão de Portugal* (1810-1811). Lisboa: Ed. Gradiva, Col. Trajectos, nº 74, 2008, pp. 303.

Manuel Filipe Canaveira
Universidade Nova de Lisboa
CETAPS

Das três invasões francesas ao território português, a última é, talvez, a menos conhecida. Percebe-se porquê; no fim de contas não passa de uma batalha entre dois exércitos estrangeiros em território luso. É certo que os nossos soldados participaram, ainda que em número escasso e sob comando britânico (que soube apreciar a valentia dos 'fighting cocks of the army'), facto que nos torna, é certo, diferentes daqueles belgas de 1815 e 1914-1918 referidos por Aquilino Ribeiro em *É a Guerra*, obrigados a assistir no seu território a algumas das várias chacinas com que franceses, ingleses e alemães se brindaram no decurso da História.

As *Linhas de Torres*, cujas ruínas ainda hoje atestam o "allia jacta est" de Arthur Wellesley e as razões da surpresa de Massena ao avistá-las, não conseguem superar, no plano simbólico, a alegada *fuga* da família real para o Brasil ante o esfarrapado exército de Junot. Também gravada na nossa memória histórica estão as guerrilhas que, com espírito beato e abnegação patriótica, fustigaram as hostes do altivo Soult. A Terceira Invasão ainda conhece os bárbaros ataques desferidos pelas gentes beirãs aos

soldados napoleónicos, bem como a fuga em massa de velhos, mulheres e crianças para a capital do reino, mas tudo isso é secundário num livro de divulgação, cujo intuito primordial é evocar a acção de dois exércitos civilizados (comandados por profissionais responsáveis), representantes de duas nações antagónicas mas irmanadas no mesmo *espírito iluminista*, que decidiram digladiar-se nas montanhas e planaltos de uma península da periferia da Europa habitada por gente suja e ignara.

Bem aproveitou Wellesley a ajuda desses maltrapilhos ibéricos, porque sabia que o seu opositor Massena sofria, na invasão e na retirada, os efeitos dos seus ataques selvagens. Contudo, quando teve de cumprimentar o inimigo, não deixou de se comportar como o filho de *Lord* Mornington, o qual, embora *lorde marginal*, não deixava de o ser, coisa que na aristocrática Grã-Bretanha de Jorge IV valia algo, como se depreende da leitura do capítulo 2° (*Um filho da aristocracia*).

Massena, por seu turno, apesar das suas modestas origens, era um homem polido pela gesta napoleónica. A sua temeridade valeu-lhe o cognome de *Filho querido da Vitória* e o honroso título de Príncipe de Essling. Ao longo da vida, desde o comando do Exército de Itália, passando pelas escarpas do Buçaco — *onde esperava obter a última grande vitória da sua notável carreira* (Cap. 3° - *O Filho da Vitória* - p. 93) —, até aos dias de uma velhice atormentada pelos *Cem Dias* e pela vindicta bourbónica (Cap. 11°), nunca deixou de ser um homem sedento de glória e riquezas.

Nos capítulos 4° a 10° descrevem-se as vicissitudes da Guerra Peninsular entre 10 de Maio de 1810 (chegada do exército de Massena a Valladolid) e 5 de Maio de 1811 (batalha de Fuentes de Oñoro). São páginas de escrita escorreita, onde se descrevem os factos sem grandes pretensões de os esmiuçar; em suma, sobreleva o espírito de síntese, na boa tradição das obras de divulgação anglo-americanas e da chamada *História do acontecimento*. Este género de trabalho historiográfico fica muitas vezes pela rama dos assuntos abordados, mas neste caso concreto, o autor atinge uma certa profundidade de análise, se tivermos em consideração que o seu objectivo com este livro é o da simples divulgação.

O capítulo 12° é uma proposta de itinerário pelos campos de batalha da Terceira Invasão Francesa. Postos de lado alguns aspectos que se revestem de alguma comicidade (nomeadamente sobre o trânsito caótico em Lisboa e a sujidade das ruas da capital portuguesa), o leitor estrangeiro pode obter informações interessantes se tiver o desejo de visitar os locais indicados. Não

creio, contudo, que tenha utilidade para o leitor português, o qual tem à sua disposição inúmeros guias com informação mais detalhada sobre as localidades e regiões mencionadas pelo autor. Este é um bom exemplo da necessidade que às vezes existe de adaptar a edição portuguesa de obras estrangeiras às especificidades do nosso mercado, ajustamento que, neste caso, talvez aconselhasse a substituição do último capítulo por uma adenda escrita por pessoa mais versada no assunto.

De grande utilidade é a excelente cronologia colocada no início do livro, a qual abrange o tempo que medeia entre 6 de Maio de 1758 (nascimento de Massena) e 14 de Setembro de 1852 (morte do duque de Wellington). A bibliografia consultada, relativamente extensa (sobretudo em textos coevos), pode ser uma preciosa ajuda para quem deseje aprofundar a matéria. O índice remissivo tem a maior utilidade, já que facilita, e muito, a consulta da obra.

ABSTRACTS

1. Puga, Rogério Miguel, "The Beginning of the East India Company China Trade and the Anglo-Portuguese Relations in Macau in the First Half of the Eighteenth Century"

   Soon after the establishment of the East India Company in Canton and Macau in 1700, the Portuguese monopoly in the Pearl River Delta ends. I analyse the interests and the relations of the English supercargoes, the Macau Senate and governor, and of the Chinese authorities, as well as the role of the enclave for the English China Trade. From the Chinese point of view, the city serves as an enclosed space where all "barbarians" would be controlled far away from mainland China. Due to the rapid growth of the East India Company's trade, the English commercial power overcomes the Portuguese, who rule the (foreign) city where the supercargoes and a few private traders are forced to stay during the Canton trading seasons. The Portuguese administrative power and the English desire to conquer complete commercial freedom give place to several Anglo-Portuguese conflicts throughout the eighteenth century, and many of them will only be solved after the foundation of Hong Kong in 1841.

2. Alarcão, Miguel, "'Duques e cenas tristes': ainda a Convenção de Sintra (1808)"

   "Two hundred years after the signing of the Convention of Sintra (Aug 30th, 1808), which officially ended the first French invasion and military occupation of Portugal (1807-8), led by General Junot (1771-1813), one should hardly expect this Journal to turn a blind eye to such a momentous (and notorious) event, right at the outset of the Peninsular War... all the more so as the existence (or indeed persistence) of some

long-standing doubts and controversy still seem to leave room for future international and multidisciplinary research projects. This being the case, our essay shall seek to highlight a few — admittedly very different — pieces of evidence which may hopefully inspire new and alternative readings of the Convention itself.

As far as the British social, political, military and communicative contexts are concerned, one might perhaps ask: besides the well-known assessments put forward by William Wordsworth (1770-1850) and George Gordon, Lord Byron (1788-1824), what does the Anglo-Portuguese scholar and/or researcher really know, say, of the romantic periodical press? In fact, apart from the already somewhat 'beaten track' of letters, memoirs, (auto)biographies, travel and military accounts, the rise and dramatic expansion of British periodicals from the late 18th century onwards would certainly justify the analysis of how the (in)famous Convention of Sintra was reported and commented upon in the newspapers, journals, magazines or reviews of early-19th century Britain, not to mention other contemporary media, means and modes, such as essays, ballads, political cartoons, satire, etc. Through their very diversity, all this evidence would certainly help the analyst of Anglo-Portuguese culture rebuild long-lost or dust-covered "structures of feeling" generated by the Convention on British soil and of the utmost importance to such fields as the ones this Journal has been trying to dig up and cultivate for almost two decades".

3. Martins, Isabel Oliveira, "A brief look at a written and visual illustration of Portugal"

After a tour in Portugal in 1827, William Morgan Kinsey's *Portugal Illustrated* was published in 1828, with a second edition appearing in 1829. This work could be considered one amongst many others produced by British travellers if it were not for the fact of being one of the most complete, or indeed the most complete, work ever written about Portugal up to that time. This Anglican minister declared he intended to make the country better known to his compatriots, and in fact using his journals and a series of letters written to a friend, as well as a monumental series of other written and visual sources, Kinsey

produced a work in which every aspect of Portugal, ancient and modern, was thoroughly scrutinized. Although he announced he was indifferent to his own reputation as a writer of an original travel narrative, the final result has been a work in which novelty abounds, not only in terms of the events he has witnessed, but also other aspects never before reported in any other British travel narrative. These in particular will be focused on in this brief presentation of Kinsey's illustration of Portugal.

4. Castel-Branco, Maria da Conceição Emiliano, "The Portuguese travels of William Henry Giles Kingston; or the geographical and inner travels of a British lusophile"

The knowledge of the works of William Kingston in late nineteenth century Britain has been largely based upon his literature for children. But we have to take into account his traveller characteristic and his writings about Portugal. He was not the typical traveller. While many other British men and women came to Portugal, staying in the country for small periods of time and then endeavoured to write their narratives and impressions of travel, Kingston lived some years of his life there.

William Kingston intended his work *Lusitanian Sketches of the Pen and Pencil* (1845) to be a guide for future travellers in Portugal, also a guide which could provide an inner travel to the fire-side traveller whose only "voyage" is the attentive reading of the actual voyage of someone else, and above all, to be an entertaining narrative.

His Anglo-Portuguese roots were deeply intertwined through his knowledge of Portugal and the years there spent, strongly united to the city of Porto, the British Association and a British periodical. His close acquaintance with Portuguese reality and with the Portuguese language, helped him to enter the most variegated places and to travel everywhere, giving him a deeper knowledge of Portuguese culture, manners and literature.

The fact that he did not return to Portugal after 1845 did not attenuate his interest for Portuguese things. His travels took another shape: he kept on travelling through Portugal with his inner self, and whenever he saw an opportunity he would recall a Portuguese theme in a different literary genre during his writing career, occasionally publishing in periodicals, some

articles about politics in Portugal, some Portuguese legends he had collected while living in Portugal and in some of his books for boys he inserted information about Portugal.

5. Castanheira, Maria Zulmira, "A Literatura Inglesa na Imprensa Periódica Portuguesa do Romantismo"

The periodical press, regarded as a relevant mediator in the intercultural dialogue and a privileged means of making foreign cultures known to the reading public, is a vast and rich documentary repository of enormous interest to the field of Anglo-Portuguese Studies.
Throughout Portuguese Romanticism, the founders of and contributors to newspapers and magazines, believing in the enormous potential for disseminating knowledge, took up the civic mission of forming and informing the people, publishing thousands of articles of a political, technical, scientific and literary nature. With a view to broadening the scope of public education, they dedicated a large number of pages both to national and foreign subject matters. Not surprisingly, they paid special attention to hegemonic Great Britain.
This essay examines an extensive and heterogeneous *corpus* of articles related to British literature collected from many newspapers and magazines devoted to "instruction and leisure" published in Portugal between 1836 and 1865, and aims to catalogue, describe in detail and critically evaluate those texts, in order to assess the role played by the periodical press in the diffusion of British authors and British literary models in the Portuguese Romantic age. The study carried out also intends to shed further light on the importance of the French language as a mediator between Portugal and the British cultural reality of the time.
The long list of the articles that make up the primary sources, chronologically organized, is included, hoping that it may be of use to other researchers in this field.

6. Brandão, João Reis, "A imagem dos ingleses e da Inglaterra nas *Impressões de Viagem* do Visconde de Benalcanfor"

This article analyzes *Impressões de Viagem* ("Travel Impressions"), by Ricardo Guimarães, Viscount of Benalcanfor,

a work which encompasses a number of topics shared by several 19th century Portuguese writers who dealt with the manifestations of British culture. Comprising four sections – detailing travels to Cadiz, Gibraltar, Paris and London – *Impressões de Viagem* stands as a singular case study, by simultaneously approaching the British presence in southern Spain and delving into the heart of the British Empire, London. Our reading begins by placing Guimarães' book in a wider horizon that takes in 19th century periodical and travel writing and the overall context of the author's life and work. In the course of our interpretation, we strive to determine the intersections and deviations between the author's outlook on British culture and those of writers such as Almeida Garrett, Alexandre Herculano and Júlio César Machado. The common thread between these authors is the subjection of the British people and of the famed elements of britishness to the scope of irony, a pattern that reflects the unease of Anglo-Portuguese relations during the 19th century. In *Impressões de Viagem*, the pervasiveness of a satirical standpoint highlights the alleged awkwardness of the Englishman abroad, endeavouring to overturn the symbolical value of the signs of British cultural development and imperial power. Concurrently, the "London" chapter depicts the dysphoric dimension of the experience of the modern city.

7. Terenas, Gabriela Gândara, "Transatlantic Relationships: Africa, Portugal and the U.S.A. in the Early Sixties"

This paper endeavours to show how the Civil Rights Movement in the United States, at the beginning of the Sixties, can be related to the independence movements in the Portuguese African colonies, and examines the consequences of this phenomenon on the political and diplomatic relations between the Kennedy government and the Salazar dictatorship, particularly after the Portuguese Government's refusal to comply with "UN Resolution 1514". The paper focuses on the observations regarding United States foreign policy made by the Portuguese dictator in a long, exclusive interview granted to the American weekly magazine *Life* accompanied by full-page photos of Salazar himself and an illustrated article on Angola, which was published on the 4th of May 1962, at a time when Portuguese-American relations were becoming increasingly strained.

8. Ceia, Carlos, "A viagem exótica a Portugal como preconceito literário em *I Like It Here*, de Kingsley Amis"

The novel by Kingsley Amis *I Like It Here* (1958) tells the story of an unimaginative freelance writer who is about to travel to Portugal because it is a cheap tourist destination, and there he may be able to meet again his creative muse under a comforting sun. The story of the journey and the account of the tourist and literary experience of the protagonist Garnet Owen develop as an exercise of a philistine prejudice toward a new civilization that is appraised as a substandard country compared to the British high standard. The prejudice results as a literary effect and not as a translation of a political ideology that defends the hegemony of a people over the other. In this study, I endeavour two possibilities: the journey as a conventional exercise for those who seek an exotic destination and the journey as an exercise of corroboration of the pre-knowledge about a place barely known through the collective memory and/or the opinion published about that place. The two possibilities can be combined, in different dosages, with a feeling of xenophobia against the visited people and place, always measured as some people and some place in a less civilized world than the one we left behind.

9. Duarte, Maria de Deus, "*A Small Death in Lisbon* e *The Company of Strangers*: onde se conta como fantásticos mistérios e cruéis matadores (re)escrevem a extraordinária paisagem lusa"

"I've got to have a feeling for the place, so I can put a character in it; and the plot comes after that; it comes from the characters in the place", said Robert Wilson in a long interview given last October near Redondo. Departing from the conversation about Wilson's 'Portuguese' books, this paper aims at deciphering the role played by setting in two novels set in Lisbon and the Beiras and, simultaneously, at analyzing the exercise of (re)construction of our landscape and History by an English author who has been living in the Alentejo for many years but cannot be defined as a lusophile.
A Small Death in Lisbon (1999), a crime novel, consists of two stories: the contemporary PJ investigation into the death of a Lisbon young woman in the 90's, and the unsolved mystery

around a cruel Nazi agent that involved a family of poor miners from Panasqueira; the latter begins in WWII and critically examines events during the SS presence in our country, a story of gold and tungsten operations which eventually joins with the main plot. *The Company of Strangers* (2001), a thriller, combines History, espionage and political intrigue during the Estado Novo, telling the poignant personal stories of a German and a British woman, both spies ostensibly for opposite sides, whose lives become forever intertwined after their meeting in WWII Lisbon.

10. Boshniashka, Rosistsa e Ferreira, Vânia, "Madeleine McCann: The Cathartic Discourse and the Role the Portuguese Played Therein"

The present article explores the assumption that the journalistic discourse is a social and cultural practice embedded within different orders of discourse. This enhances the intertextuality of the journalistic discourse and its dependence on texts from other genres and/or contexts.
Hence the study here presented will specifically look at the press coverage made by two British newspapers (the *Guardian Unlimited* and the *Daily Mirror*) of Madeleine McCann's disappearance at the Portuguese resort of Praia da Luz (May, 2007): its narrative features, rhetorical devices and obvious resemblances to the world of fiction and theatre art, namely the norms of tragedy, as described by Aristotle's *Poetics*.
Read against this literary backdrop, particular attention is given to the role Portugal and the Portuguese police played therein, as well as to the ideological and perlocutionary effects of a drama-driven representation of a tragic, though not uncommon, event.

PREÇO 10 EUROS (IVA incluído)

Apoios:

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Ciência.Inovação 2010 Programa Operacional Ciência e Inovação 2010
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR